

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**Esperança e decadência: As imagens de Portugal na segunda série de *A Águia***

**Paulo Fernando da Motta de Oliveira**

Tese apresentada ao Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor na área de Teoria Literária sob a orientação do Professor Doutor Haquira Osakabe.

Campinas, 30 de agosto de 1995.



201 20

UNIDADE	36
N.º CHAMADA:	Unicamp
	OL4e
	E:
	25783
PROJ	433195
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	30/04/95
N.º CPD	

CE-00077169-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP


OL4e

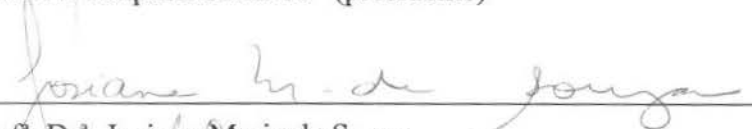
Oliveira, Paulo Fernando da Motta de  
Esperança e decadência: as imagens de  
Portugal na segunda série de A Águia / Pau-  
lo Fernando da Motta de Oliveira. - - Cam-  
pinas, SP : [s.n.], 1995.

Orientador: Haquira Osakabe  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual  
de Campinas, Instituto de Estudos da Lingua-  
gem.


1. Pascoaes, Teixeira de, 1877-1952 -  
critica e interpretação. 2. Cultura - Por-  
tugal. 3. \* Saudosismo: I. Osakabe, Haquira.  
II. Universidade Estadual de Campinas. Ins-  
tituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

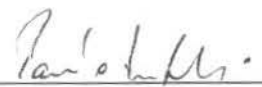
BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Haquira Osakabe (presidente)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Josiane Maria de Souza

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Maria Lúcia Dal Farra

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Antonio Alcir Bernárdez Pécora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Elias Allane Franchetti

Este exemplar é a redação final da tes.  
defendida por Paulo Fernando  
da Motta de Oliveira  
e aprovada pela Comissão Julgadora em  
30, 08, 1995.  
Prof. Dr. Haquira Osakabe

Meus agradecimentos ao CNPQ, que financiou a elaboração desta tese.

Meus agradecimentos ao FAEP-UNICAMP, que financiou a microfilmagem dos volumes de *A Águia* existentes na Biblioteca Nacional.

À Fátima, à Barbara e ao Demian, por todo o carinho e  
apoio dados durante este longo navegar,  
ao Haqira, sem o qual não conseguiria atingir este  
porto,  
dedico esta tese.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. INTERPRETAÇÕES DE PORTUGAL: DE GARRETT À REPÚBLICA.....	12
2.1 Introdução.....	13
2.2 O advento do liberalismo.....	17
2.3 A Geração de 70.....	42
2.3 Do fim do século à República.....	67
3. AS IMAGENS DE PORTUGAL NA SEGUNDA SÉRIE DE <i>A ÁGUIA</i> .....	74
3.1 Introdução.....	75
3.2 Os três primeiros volumes: sob o império da Saudade.....	79
3.2.1. Introdução.....	80
3.2.2 O primeiro volume de <i>A Águia</i> .....	83
3.2.2.1 Introdução.....	83
3.2.2.2 Portugal e a República: problemas e esperanças.....	85
3.2.2.2.1 Pascoaes e Pessoa: O grande futuro português.....	85
3.2.2.2.2. Vila-Moura e Martins Manso: Um direito para poucos.....	95
3.2.2.2.3. Raul Proença: A falta de governo.....	102
3.2.2.3 Outros textos.....	107
3.2.2.3.1. Da grandeza ao governo de poucos.....	107
3.2.2.3.2. Outros textos sobre Portugal.....	122
3.2.2.4. Breves conclusões.....	125
3.2.3 O segundo volume de <i>A Águia</i> .....	126
3.2.3.1 Introdução.....	126
3.2.3.2 As naus da aventura.....	128

3.2.3.3	As outras imagens de Portugal e os inimigos do Saudosismo .....	139
3.2.3.4	Breves conclusões .....	146
3.2.4	O terceiro volume de <i>A Águia</i> .....	147
3.2.4.1	Introdução .....	147
3.2.4.2	Várias Faces do Saudosismo.....	150
3.2.4.3	Ecos do Saudosismo e outras imagens de Portugal .....	163
3.2.4.4	Um outro navegar.....	178
3.2.5	Em torno do Saudosismo .....	181
3.2.5.1	Introdução .....	181
3.2.5.2	O Saudosismo e Portugal .....	182
3.2.5.3	O Saudosismo e as imagens de Portugal anteriores .....	193
3.3	Do quarto ao sexto volume: sob o signo da polêmica .....	219
3.3.1	Introdução .....	220
3.3.2	Antes da polêmica Sérgio-Pascoaes.....	221
3.3.3	A polêmica Sérgio-Pascoaes e seus desdobramentos .....	230
3.3.3.1	Considerações iniciais.....	230
3.3.3.2	A polêmica no quarto volume .....	234
3.3.3.3	Outros textos do quarto volume .....	248
3.3.3.4	A polêmica no quinto volume .....	262
3.3.3.5	Outros textos do quinto volume .....	303
3.3.3.6	A polêmica no sexto volume.....	343
3.3.4	Após a polêmica.....	348
3.4	Após o sexto volume: a diluição da questão nacional .....	366
3.4.1	Introdução .....	367

3.4.2 <i>A Águia</i> até a saída de Pascoaes: do sétimo ao décimo volume ..	369
3.4.2.1 Pascoaes e o fim do sonho saudosista .....	369
3.4.2.2 Portugal e a guerra .....	382
3.4.2.3 Outros aspectos da questão nacional .....	394
3.4.3 O desaparecimento da questão nacional: do décimo primeiro ao vigésimo volume .....	400
 4. À GUISA DE CONCLUSÃO: <i>A ÁGUIA</i> - DA ESPERANÇA À DECADÊNCIA .....	409
 5. ANEXO .....	411
5.1 Índice geral dos textos da segunda série de <i>A Águia</i> .....	412
5.2 Tabela I: Relação dos colaboradores de <i>A Águia</i> em ordem decrescente de número de volumes em que participaram, com o número de textos publicados em cada volume .....	449
 6. BIBLIOGRAFIA .....	457
6.1 Artigos da segunda série de <i>A Águia</i> citados e/ou analisados .....	458
6.2 Outras obras compulsadas .....	465



## RESUMO

O objetivo desta tese é o de analisar as imagens de Portugal presentes na segunda série da revista *A Águia*, publicada de 1912 a 1922 no Porto, contextualizando-as em uma tradição que se inicia com o advento do liberalismo em Portugal.

No primeiro capítulo nos referimos às várias imagens do país geradas no período que vai de Almeida Garrett ao advento da República.

No segundo analisamos propriamente a citada revista indicando a existência de três momentos principais:

- o dos três primeiros volumes, publicados de janeiro de 1912 a junho de 1913, em que a imagem preponderante é aquela elaborada pelos saudosistas,

- o dos três volumes subseqüentes, que vão de julho de 1913 a dezembro de 1914, em que se degladiam duas propostas absolutamente díspares sobre o país, a dos saudosistas, defendida por Teixeira de Pascoaes, e a elaborada por António Sérgio

- o dos demais volumes da revista, em que a questão nacional praticamente desaparece, só ressurgindo, e de forma lateral, nos números em que os colaboradores de *A Águia* defendem a participação de Portugal na Primeira Grande Guerra.

Em anexo é apresentada uma relação geral dos colaboradores dessa série, com os volumes em que participaram e o número de artigos publicados em cada um deles, e um índice geral da segunda série de *A Águia*.

## O Poeta e a Nau

Vai errante, no Mar, uma nau sem governo...  
 O oceano é chão, o céu azul fundindo em aço...  
 As velas mortas... Nem sequer vento galerno  
 As vem inchar para dormir no seu regaço!...

Sobre o antigo convez peza um velho cansaço,  
 E ou destino fatal ou maldição do inferno,  
 O mastro grande em vão aponta para o  
 espaço...

-Sobre as ondas a nau é um carcere eterno!

Dominando em redor, lá na gávea mais alta,  
 Um marujo, a cantar, fala do Além, e exalta  
 Um passado esplendor sobre a nau sepulcral...

"Porque o vento hade vir aninhar-se nas velas!  
 "Porque a nau voará, - tocará as estrelas!..."

-O marujo é Poeta - e a nau... Portugal!

AUGUSTO CASIMIRO

## Apostilha aos "Navegadores"

Ar de nevoas... Nem luz, nem sombras... Nevoeiros...  
 Mar de nevoas também... Reflexos turvos... Lago  
 De chumbo, o mar, e o céu... O Ser-Não-Ser... O vago  
 E o silêncio, a ilusão, o torpor... -Marinheiros!...

Nevoas... Nevoas... Nem luz, nem sombras... -  
 Marinheiros,  
 Marinheiros!... Um ar d'espectros... Triste afago  
 Do sonho, a sombra-luz e o seu silêncio mago...  
 E a incerteza, a ilusão, o torpôr... -Marinheiros!

-Á escota! Ao leme! Andai! Desperta a claridade!  
 Fugi, prestigios vãos, e sombras da Saudade!  
 Tudo que foi, além, p'la pôpa, o mar esconde...

O Passado, esse é morto -e jaz em paz no escuro!  
 Novos Navegadores, naveguem... Para onde?  
 Naveguem NO PRESENTE ao rumo do futuro!

ANTÓNIO SÉRGIO

## 1.Introdução

...Mas ó cego,  
 Eu, que cometo, insano e temerário,  
 Sem vós, ninfas do Tejo e do Mondego,  
 Por caminho tão árduo, longo e vário!  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar, com vento tão contrário  
 Que, se não me ajudais, hei grande medo  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.  
 LUÍS DE CAMÕES

A revista *A Águia* foi lançada no final de 1910 no Porto. Sua primeira série, de propriedade de Álvaro Pinto, teve curta duração, mas congregou, em torno dela, uma série de intelectuais que fundaram, no final de 1911, a *Renascença Portuguesa*, movimento que foi, provavelmente, o mais importante dos muitos que, logo após o advento da República, pretenderam reerguer e dar um novo sentido a Portugal. E assim, já em janeiro de 1912 foi lançada a segunda série da revista, em que ela passou a pertencer à citada sociedade<sup>1</sup>. Nela colaboraram nomes fundamentais para a cultura portuguesa da primeira metade do século como Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, António Sérgio, Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Mário Beirão, para apenas citarmos alguns. Podemos assim entender por que Maria de Lourdes Belchior chega a afirmar que "*A Águia* é sem dúvida um dos mais ricos repertórios da história da cultura e da literatura portuguesa da primeira metade do século XX"<sup>2</sup>.

Porém este *rico repertório* está ainda praticamente inexplorado. Além de citações rápidas em alguns manuais de literatura e alguns artigos esparsos, bem como referências setorializadas à participação de um ou outro escritor, apenas um livro tenta, em seu conjunto, analisar um dos aspectos da revista: *Poética do Saudosismo*, de Fernando Guimarães. É este território ainda praticamente virgem que tentamos, nesta tese, mapear, tendo como preocupação central as várias *imagens de Portugal* que foram construídas em sua segunda série. A escolha deste tema se justifica não só pelo contexto epocal em que esta revista se insere, em que, com o advento da República, muitas eram as esperanças de que Portugal

<sup>1</sup>Sobre estes primeiros momentos de *A Águia* e da *Renascença Portuguesa* ver PINTO, Álvaro. "A pontamentos sobre a revista *A Águia*". *Ocidente*, v.15, n.44, p. 424-426.

<sup>2</sup> BELCHIOR, Maria de Lourdes. *Os Homens e os Livros II Séculos XIX e XX*. p.126.

pudesse por fim se reerguer, como pelos próprios textos que nela foram publicados, em que a questão nacional ocupa, como poderemos comprovar em nossa análise, uma posição proeminente, ao menos durante um longo período.

Se a escolha deste tema é, pelos motivos citados, justificável, devemos aqui assinar que a abordagem que dele fizemos não foi a que idealmente desejaríamos realizar, mas a que foi possível em função de dois limites dentro dos quais ela foi realizada: o tempo de que dispúnhamos para elaborá-la e o acesso ao material primário necessário para a análise.. Ao nos lançarmos nesta empresa não tínhamos idéia da grande quantidade de trabalho que seria necessária para executá-la, e o tempo que dispusemos para a sua feitura nos levou, muitas vezes, por ter de postergar, para futuros estudos, aspectos que gostaríamos de ter aqui desenvolvido. Tempo que ainda foi mais limitado pois tivemos de, inicialmente, localizar o material com o qual iríamos trabalhar, já que nenhum levantamento prévio existia sobre o mesmo no país. Por outro lado, pelo fato de termos, com uma única exceção<sup>3</sup>, feito esta tese exclusivamente com o material que conseguimos recolher no país, alguns aspectos que gostaríamos de ter abordado tiveram de ser abandonados pois não localizamos em nenhuma biblioteca ou acervo as fontes necessárias para a pesquisa<sup>4</sup>. Esta tese é, assim, aquela que foi possível realizar, com o tempo que dispusemos e com o material que foi possível localizar e recolher.

---

<sup>3</sup>Esta exceção são os textos de Philéas Lebesgue publicados no *Mercure de France* citados na bibliografia, que conseguimos obter graças a uma amiga, Silvana Pedroso de Oliveira, que estava residindo na França, a quem aproveitamos para aqui agradecer.

<sup>4</sup>Do material que consideramos fundamental não conseguimos consultar integralmente a primeira série de *A Águia*, nem os três últimos números da segunda série. Que saibamos não existem, em nenhuma das bibliotecas brasileiras, as demais séries da revista. Além disto fez-nos falta não ter tido acesso a nenhum número da *Vida Portuguesa*, também editada pela *Renascença Portuguesa*, de 1912 a 1915. Para futuros pesquisadores que possam vir a trabalhar com a revista, deixamos aqui indicado onde podem ser encontradas as duas principais fontes que utilizamos:

*A Águia* (2 série): Os volumes 1 a 16 podem ser encontrados na biblioteca de Letras da USP, com exceção do 12. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui em seu acervo os volumes 1 a 18 e na biblioteca da Casa Rui Barbosa existem, além de alguns presentes na Biblioteca Nacional, o volume 19 e os primeiros três números do 20. Todo este material pode ser agora encontrado, em microfilme ou fotocopiado, no CEDAE do IEL da UNICAMP.

*Ocidente*: pode ser encontrada parcialmente na citada biblioteca da USP e, integralmente, até os volumes publicados no início da década de setenta, na Biblioteca Nacional. Na USP alguns volumes estão sem os suplementos que os acompanhavam. Esta revista, como poderá ser visto na análise que faremos, é particularmente importante por três motivos: em vários de seus números existem artigos de Álvaro Pinto sobre a *Renascença Portuguesa* e/ou *A Águia* (incluindo aqui 20 cartas de Fernando Pessoa a ele enviadas) e, nos suplementos da revista, foi publicada parcialmente a primeira série de *A Águia* (sendo esta a única forma de ter acesso a ela no Brasil) e o livro de Rogério Fernandes, contendo as cartas de António Sérgio para Álvaro Pinto, que não encontramos em volume.

## 2. INTERPRETAÇÕES DE PORTUGAL: DE GARRETT À REPUBLICA

Há dois séculos que os livros, as tradições e a memória dos homens, andam cheios dessa epopeia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escrita por todas as partes do mundo. Embararam-nos com essas histórias: atacá-las é quase um sacrilégio. E todavia esse brilhante poema de acção foi uma das maiores causas da nossa decadência

ANTERO DE QUENTAL

Nós acreditamos firme e diremos até piamente (...) na futura organização das nações da Europa; cremos portanto em uma vindoura Espanha mais nobre e mais ilustre ainda do que foi a do século XVI. Acreditamos também que já hoje navegamos na viagem para este porto, embora os nevoeiros conturbem as vistas dos nautas agora que apenas acabamos de largar as costas do velho mundo.

OLIVEIRA MARTINS

Del Atlántico mar en la orillas  
desgreñada y descalza una matrona  
se sienta al pie de sierra que corona  
triste pinar. Apoya en las rodillas

los codos y en las manos las mejillas  
y clava ansiosos ojos de leona  
en la puesta del sol. El mar entona  
su trágico cantar de maravilhas.

Dice de luengas tierras y de azares  
mientras ella sus pies en las espumas  
bañando sueña en el fatal imperio

que se hundió en los tenebrosos mares,  
y mira cómo entre agoreras brumas  
se alza Don Sebastián, rey del misterio.

MIGUEL DE UNAMUNO

## 2.1 Introdução

Joel Serrão em *Do Sebastianismo ao Socialismo* ao "esboçar, a traços muito largos, os contornos da nebulosa liberal portuguesa no vasto período de 1820 a cerca de 1925"<sup>1</sup> afirma:

Antes de tudo o mais, importa acentuar, com a clareza possível, e remando contra a visão mais corrente do desenrolar da nossa história contemporânea, *que não há diferenças essenciais entre os vários momentos ou tendências da história do nosso liberalismo, quer eles sejam o vintismo, o cartismo, o setembrismo, ou o republicanismo.* (...) A despeito de tudo quanto agitou os homens desse passado recente - esperanças, "revoluções", guerra civil, acalmia, novas esperanças e novas "revoluções" - o processo liberal assentou em dados económicos, sociais e mentais que, embora em devir, ao ritmo próprio do País, não chegaram a alterar-se na sua substância, no período considerado, de modo a que o *mesmo* tenha cambiado em *outro*.<sup>2</sup>

Ao ver uma continuidade por debaixo da aparente diversidade das *várias formas de liberalismos* pelas quais passou Portugal neste período, aponta um aspecto que particularmente aqui nos interessa:

Procurando cingir, por outra via, o nosso objecto, importa explicitar com a clareza possível que o liberalismo português se desenvolveu de acordo com aquilo que pode denominar-se um projecto nacional de *regeneração*, que directa e indirectamente o liga quer ao passado da nação, quer aos vislumbres esperançosos do seu futuro.

Ora o inicial projecto de regeneração liberal assentava, fundamentalmente, na verificação da decadência da Pátria e no desejo de remediar, com firmeza, esse *estado de coisas*, que tendia a atribuir-se, exclusivamente, aos malefícios do regime absoluto - tal como, lá para os fins do século, os republicanos buscarão nova panaceia nacional na extinção da monarquia, apesar de constitucionalíssima. Entre esses dois momentos de agudo paroxismo, entre a alvorada e o ocaso de um mesmo processo, cartistas, setembristas, históricos, regeneradores e progressistas disputarão, não propriamente acerca do indefinível sexo dos anjos, mas, muito mais prosaicamente, afinal, sobre que grupos sociais deviam imprimir ao País o sentido e o ritmo salvadores. *Regeneradores*, porém, foram todos eles -ou seja, todos eles

---

<sup>1</sup> SERRÃO, Joel. *Do Sebastianismo ao Socialismo*. p. 43. Mantivemos a ortografia original de todos os textos que foram citados de edições recentes - brasileiras ou portuguesas - ou de primeiras edições, dos demais, excetuando-se casos específicos que foram indicados em nota, a ortografia foi atualizada.

<sup>2</sup>Ibidem.p.43. Os grifos, quando não dissermos que são nossos, são dos autores dos textos citados.

partiram da angustiosa consciência do declínio de uma pátria que não queria sucumbir e, com veemência, queria permanecer.

Quando, diante das Cortes Constituintes de 1821, reunidas para *Regenerar a Pátria*, Manuel Fernandes Tomás (...) verifica que "hoje só nos resta a lembrança do que fomos"- quando, por esse modo, explicita a crença tão generalizadamente intuída, vem à superfície uma das constantes de toda a nossa ideologia liberal, nesta radicando, sem dúvida alguma, a *teoria* decadentista portuguesa contemporânea, cuja expressão mais idónea é a filosofia implícita na *História de Portugal*, de Herculano, que por seu turno, alimentaria ainda as reflexões, sobre o mesmo tema, de um Antero ou de um Oliveira Martins, e continuará a estar presente, conquanto mais difusamente, na generosa névoa republicana.

Por mais inovador que tenha sido, efectivamente, o liberalismo português (...) ele procura conciliar o novo com o antigo, tendendo a pensar que as inovações de facto, que introduzia na vida política, administrativa, social e económica, se legitimariam pelo "regresso" às lídimas tradições nacionais anteriores ao regime absoluto - a esse bom tempo de que "só nos resta a lembrança".

(...)o restabelecimento do que havia sido destruído, eis o que sucessivamente pretenderam o vintismo, os proscritos que regressaram à Pátria capitaneados por D. Pedro (1832), o setembrismo (1836), a Regeneração propriamente dita (a partir de 1851), a Vida Nova (1885), o republicanismo e, até, já na nossa contemporaneidade, o Estado Novo (1933).<sup>3</sup>

Esta longa citação é necessária pois nos fornece um dos elementos básicos a partir do qual poderemos contextualizar as *imagens de Portugal* presentes em *A Águia*. Antes, porém, de partirmos para as conclusões que podemos chegar a partir deste texto de Joel Serrão, é necessário que aqui nos refiramos a um outro, este de Eduardo Lourenço, "Da literatura como interpretação de Portugal", em que o mesmo período é analisado, só que tendo como centro de interesse a literatura nele produzida. Lourenço vê, na literatura portuguesa produzida no século XIX e início do XX, a existência de uma continuidade dada por uma questão central:

Não se tem reparado muito naquilo que parece constituir a motivação mais radical e funda (pelo que significa como *ruptura*) de toda ou quase *toda a grande literatura portuguesa do século XIX*. O que desde Garrett a estrutura no seu âmago, é o projecto novo de *problematizar a relação do escritor, ou mais genericamente, de cada consciência individual, com a realidade específica e autónoma que é a Pátria*. E como o laço próprio que une o escritor, enquanto tal, à sua Pátria, é a *escrita*, a problematização dessas relações é antes de tudo problematização da *escrita*, nova ou inovadora maneira de falar a Pátria escrevendo-a em termos específicos, como o autor das *Viagens* o fará com sucesso raro. A partir de Garrett e Herculano, *Portugal*, enquanto realidade histórico-moral, constituirá o núcleo da pulsão literária determinante.<sup>4</sup>

<sup>3</sup>Ibidem. p.46-47.

<sup>4</sup>LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. p.86-87.

Ao que acrescenta, em outro trecho:

Este sentimento de fragilidade ôntica relativo à existência pátria durante *todo* o século XIX, a consciência de uma permanente ameaça, atingiram proporções que hoje nos parecem *absurdas*, descabeladas (românticas, no sentido desorbitado da expressão), mas as suas ondas de choque vão contaminar quase todas as grandes manifestações literárias capitais do século, de Garrett a Pascoaes (...). Nesta *estrutura de pânico* anímico se inscrevem autores tão diversos como Garrett, Herculano, Antero, Eça, Oliveira Martins, mas igualmente Nobre, Junqueiro, Sampaio Bruno. A reacção histórico-patriótica ao *Ultimatum* que consagrava a nossa nulidade política (...) não é senão a expressão-resumo de uma ferida aberta em 1808 e em contínua supuração ao longo do século: a da generalizada consciência, entre a "intelligentsia" lusitana, de uma *desvalia trágica*, insuportável, *da realidade nacional sob todos os planos*.<sup>5</sup>

Podemos ver que seja no campo literário, seja no político, um mesmo conjunto de questões percorre este período. Se Joel Serrão aponta para o carácter *regenerador* do liberalismo português, em que se conjugam a consciência de uma perda e a tentativa de reverter esta perda, atingindo no futuro um espaço que já foi ocupado no passado, Lourenço mostra Portugal como núcleo da pulsão literária determinante e a consciência da fragilidade ôntica do país como uma ferida em supuração durante todo este período. Como vemos ambos os autores nos mostram que existe, por debaixo da aparente diversidade, um conjunto comum de questões que vai, para Serrão, do vintismo ao republicanismo e, para Lourenço, de Garrett a Pascoaes. Assim, as *imagens de Portugal* presentes na segunda série de *A Águia*, que como dissemos foi publicada no início da República e teve como um de seus principais colaboradores Pascoaes, são, necessariamente, fruto de uma tradição que começa com a geração de Garrett e Herculano, instauradora do liberalismo em Portugal, e atravessa todo o restante do século XIX<sup>6</sup>. É esta tradição que procuraremos minimamente

---

<sup>5</sup>Ibidem. p.92-3.

<sup>6</sup>Como já aponta Joel Serrão em seu livro, ao afirmar que está "remando contra a visão mais corrente do desenrolar da nossa história contemporânea", estas duas análises deste crítico e de Lourenço são implicitamente contestadas por outros autores, como por exemplo António Quadros, que vê na geração de 70 a verdadeira instauradora de uma nova visão sobre/de Portugal, como pode ser verificado no trecho abaixo:

" Em 1871, no reinado do bom rei D. Luís (...), um grupo de jovens intelectuais insatisfeitos, europeístas e estrangeirados, organizando as *Conferências do Cassino*, vibrou o primeiro golpe num certo Portugal, abrindo deste modo, inconsciente ou impensadamente, uma crise de identidade nacional que, mau grado as diversas e subsequentes tentativas regeneracionistas, foi a nota dominante de um século de vida portuguesa, de um centénio que teve porventura a sua crise culminante no 25 de abril."

(QUADROS, António. *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos Últimos Cem Anos*. p.57.)



rastrear neste capítulo, buscando analisar que Portugal é *construído* pelos principais intelectuais do período, seja nos textos mais especificamente literários, seja nos textos de caráter mais político, para que possamos, na próxima parte deste trabalho, inserir as imagens presentes na revista neste contexto.

Devemos aqui salientar que não faz parte de nossos objetivos fazer um histórico exaustivo desta questão que, como podemos deduzir dos próprios textos citados, já exigiria em si a execução de uma ou mais teses. O que pretendemos é apontar algumas balizas fundamentais a partir das quais poderemos melhor situar as *imagens de Portugal* presentes em *A Águia*. Assim, nesta primeira parte, por um lado indicaremos as tendências presentes nas formas de *enxergar o país* ao longo deste período - subdividindo-o em três momentos básicos: o advento do liberalismo, a geração de 70 e do fim do século ao advento da República<sup>7</sup> -, enquanto por outro lado nos deteremos em algumas obras específicas, cuja escolha teve por parâmetro a importância das mesmas nas imagens que foram elaboradas na revista que estamos a estudar.

---

Por motivos que ficarão mais claros no desenvolvimento de nossa análise, ao mostrarmos as íntimas relações entre as concepções da geração de 70, em especial as de Antero em *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*, e as de Garrett e Herculano, não concordamos inteiramente com as reflexões de Quadros sobre este aspecto.

<sup>7</sup>Esta divisão poderia ser questionada pois, aparentemente, ao realizá-la, estamos adotando três critérios distintos: um que se liga à evolução das idéias políticas em Portugal - o advento do liberalismo -, outro que está relacionado com a existência de sucessivas gerações, e um terceiro que aponta para um critério mais vago - do fim do século ao advento da República - que, em si, não possui nenhum significado especial nem define com precisão uma época. Esta escolha, que cremos, se justificará de forma mais consistente ao longo de nosso trabalho, pode neste momento ser fundamentada a partir de algumas considerações prévias: de início existe uma íntima relação, como aponta Eduardo Lourenço, entre as *imagens de Portugal* presentes na literatura, na qual a geração de 70 é um dos marcos fundamentais do século XIX, e a evolução das idéias políticas no país; por outro lado o *fim do século* se caracteriza por um duplo movimento, uma onda pessimista que se conjuga com as grandes esperanças depositadas no advento da República, que podem ser melhor reunidas em torno de um título mais neutro, como o é o que adotamos. Outra crítica que esta divisão poderia levantar é que, com ela, deixamos de lado toda uma geração, que surge no cenário cultural português na década de 50. Se, de fato, o fizemos, isto está intimamente relacionado com os objetivos que apontamos: esta geração, em si, praticamente nenhuma influência possui nas *imagens de Portugal* que foram elaboradas em *A Águia*, como poderá ser visto com o desenvolvimento de nossa análise.

## 2.2 O advento do liberalismo

A sociedade já não é o que foi, não pode tornar a ser o que era; - mas muito menos ainda pode ser o que é. O que há de ser, não sei.

ALMEIDA GARRETT

Como afirma Eduardo Lourenço, Garrett e Herculano não foram apenas os mais importantes escritores da primeira geração liberal, mas também agentes da implantação do liberalismo em Portugal:

Numa primeira fase - a de Garrett, de Herculano - essa tentativa de *reposição* tem ainda um perfil exaltante, mesmo sob roupagem trágica, e com boa vontade, até *épico*. Como muitas vezes e com verdade se sublinhou, um e outro são *heróis*, ou participaram numa gesta de libertação aureolada de heroísmo e, apesar das decepções futuras, confiam no ideal *liberal* que ajudaram a implantar no país.<sup>8</sup>

Este trecho já nos indica que se por um lado encontraremos um *perfil exaltante* nas imagens que estes escritores constroem de seu país, por outro já aqui veremos a presença de uma certa *descrença* no liberalismo que ajudaram a implantar. Rastrear esta dupla face - que como veremos está intimamente relacionada com as marchas e contramarchas das idéias liberais em Portugal - será o objetivo desta parte em que tentaremos traçar a evolução da imagem de Portugal neste período, utilizando para tanto alguns textos fundamentais, seja por a instituírem, seja por fornecerem subsídios para concepções depois elaboradas pelas futuras gerações.

Se já em *Camões e Dona Branca* os temas nacionais são incorporados por Garrett à sua produção literária, e se no primeiro podemos encontrar "o amor da pátria (...) evocado como objecto próprio e *supremo* do Canto, de todo o Canto"<sup>9</sup>, será em dois textos pouco posteriores que encontraremos, propriamente, uma *imagem de Portugal*, em *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, publicado em 1826, e em *Portugal na Balança da Europa*, de 30. No primeiro destes textos, ao traçar a evolução da literatura portuguesa desde as suas origens até praticamente a sua época, podemos já encontrar alguns tópicos que virão a ser fundamentais na construção desta imagem: os próprios títulos dos capítulos

<sup>8</sup> LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. p.94.

<sup>9</sup> *Ibidem*. p.94.

já trazem implícita uma determinada visão sobre a história da literatura que, como mais à frente veremos, será a forma típica de se pensar Portugal no período que vai até *A Águia* - como formada por uma ou mais épocas de esplendor e de decadência<sup>10</sup>: Garrett vê, na literatura, um período áureo, "desde os princípios do século XVI até os do XVII século"<sup>11</sup>, que havia sido preparado pelo período anterior e é seguido por uma decadência que, iniciando-se já no século XVII, atinge seu auge em "fins do XVII até meados do XVIII sec"<sup>12</sup>. Após isto existe uma recuperação durante a segunda metade do século XVIII, que termina com uma "segunda decadência da língua e literatura"<sup>13</sup>, que antecede ao então momento atual. Se não necessariamente estas épocas serão assim analisadas, seja em relação à literatura, seja em relação a outros aspectos do país, será esta visão de *um país que já tendo passado por um período áureo encontra-se em decadência* que será recorrentemente utilizada, o que, por sinal, corrobora o que havia dito Joel Serrão sobre este período. Mas não apenas isto. Existe também já neste texto uma certa *visão esperançosa* sobre o futuro, por mais que os elementos concretos da realidade aparentemente não a embasem. Garrett termina o *Bosquejo* da seguinte forma:

A literatura portuguesa não mostra presentemente grandes sintomas de vigor: mas há muita força latente sob esta aparência; o menor sopro animador que da administração lhe venha, ateará muitos luzeiros em que de novo brilhe e se engrandeça.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup>São os seguintes os títulos das sete partes do *Bosquejo*:

I- Origem da nossa língua e poesia

II- Primeira época literária; fins do XIII século até aos princípios do XVI século

III- Segunda época literária; idade de ouro da poesia e da língua desde os princípios do XVI até os do XVII século

IV- Terceira época literária; principia a corromper-se o gosto e a declinar a língua. - Começo até o fim do XVII séc.

V- Quarta época: idade de ferro; aniquila-se a literatura, corrompe-se inteiramente a língua. - Fins do XVII, até meados do XVIII séc.

VI- Quinta época: Restauração das letras em Portugal. - Meio do século XVIII até o fim

VII- Sexta época; segunda decadência da língua e literatura; galicismo e traduções.

(GARRETT, Almeida. *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*. Apud: SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*)

<sup>11</sup> Ibidem., p.163.

<sup>12</sup> Ibidem., p.177.

<sup>13</sup> Ibidem., p.188.

<sup>14</sup> Ibidem., p.200. É certamente paradigmático que o grande cantor da *decadência nacional* tenha sido Camões, que fora transformado em personagem por Garrett do livro publicado no ano anterior à publicação deste prefácio. Também o épico, ao lado da visão negativa do presente, possuía uma *visão esperançosa* sobre o futuro.

Se, certamente, não existe para Garrett uma relação imediata entre o estado da literatura e a situação social do país - ele mesmo apontara que a *idade de ouro* da literatura, nos fins do século XVI à meados do XVII, coincidia já com um período de declínio de Portugal<sup>15</sup>-, e se assim o *engrandecimento* que espera na literatura pode não estar relacionado com um *engrandecimento* de outros aspectos da nação, é inegável que neste escrito já encontramos, como mais à frente poderemos verificar, alguns elementos fundamentais da visão que sobre Portugal tiveram seus intelectuais durante o século XIX, já que a chave da *decadência/regeneração*, aqui presente, será utilizada para elaborar as mais diferentes reflexões sobre o passado e o presente do país.

Se no *Bosquejo* é analisada principalmente a literatura portuguesa, em *Portugal na Balança da Europa* é, como o próprio título o indica, o papel que Portugal pode ocupar na Europa o principal tema em questão. Publicado em 30, este livro "é obra de longo trabalho, e que desde os fins de 1825 se começou a escrever"<sup>16</sup>, como é dito no prólogo. O livro tem um objetivo educativo e patriótico, o de "pôr bem presente na memória dos Portugueses as causas e os efeitos de nossos erros e desgraças, para que no futuro se emendem uns, e se evitem as outras"<sup>17</sup>, e, para tanto, o autor analisa a evolução da *liberdade*, conceito para ele fundamental, principalmente desde a época da revolução francesa até a atualidade, seja no conjunto da Europa, seja na América (que considera como a parte do mundo mais intrinsecamente ligada ao continente europeu<sup>18</sup>). Assim, através de uma visão de avanços e recuos na luta da *liberdade* contra as oligarquias, acaba por propor, no último capítulo do livro, as saídas possíveis para Portugal, ou, em seus termos, "O que pode e o que deve ser Portugal na nova balança da Europa"<sup>19</sup>. E estas saídas são aparentemente duas, como indica no próprio resumo que antecede a este capítulo, "ou independência com verdadeira liberdade, ou união com a Espanha"<sup>20</sup>. Se, teoricamente, levanta estas duas hipóteses, é

<sup>15</sup>"Com a morte d'el-rei D. Manuel declinou sensivelmente a fortuna portuguesa: certo é que as artes progrediram, que a língua se aperfeiçoou; porém esse movimento era continuado ainda do impulso anterior e já não prometia longa dura." (Ibidem. p.163.)

<sup>16</sup> GARRETT, Almeida. *Portugal na Balança da Europa*. p.7.

<sup>17</sup>Ibidem. p.9.

<sup>18</sup>Concepção que pode ser vista, entre outros, no primeiro e no sétimo capítulo da *Secção Primeira*.

<sup>19</sup>Ibidem. p.283.

<sup>20</sup>Ibidem. p.283.

sobre a primeira que principalmente discorre<sup>21</sup>, apontando aspectos da constituição de 1826 que deveriam ser modificados para que os erros do passado não voltassem a ser cometidos. Discussão sobre aspectos específicos desta constituição - Garrett aponta, entre outras, a necessidade de definir o que deve ser feito quando o monarca dissolver as cortes e não convocar outras novas, como deve se formar a câmara hereditária e quais as relações que devem existir entre as câmaras municipais e o governo central -, ela é feita, porém, a partir de um princípio geral que cabe aqui assinalar, o de que "Instituições políticas que a Portugal convenham não de pois conter, além da justiça dos princípios, que só podem ser os do direito natural e das leis gerais e absolutas de toda a sociedade, - formas adaptadas a suas circunstâncias e peculiar construção, ou *modo de ser político*"<sup>22</sup>, indicando claramente que o Portugal liberal só poderá se firmar se a *liberdade* estiver assentada nas tradições tipicamente portuguesas, como são, entre outras, a monarquia e a presença política da aristocracia, como indicará mais à frente. No final de seu livro, após manifestar seu patriotismo<sup>23</sup>, Garrett conclama os portugueses para que façam uma união nacional, e coloquem Portugal no devido espaço que deve ocupar na Europa<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> Sobre a união de Portugal com a Espanha, Garrett considera-a como uma última alternativa, e mesmo assim bastante negativa, como podemos ver pelos trechos abaixo:

"Mas se a intriga estrangeira ajudada da traição doméstica prevalecerem, e nos tirarem a condição *sine qua non* de nossa independência, ou *diretamente* destruindo a constituição, ou *indiretamente* anulando-a em seus efeitos, como até aqui tem conseguido; então relutantes e forçados, mas deliberadamente resolutos, só nos resta lançar mão do segundo membro da alternativa, *unir-nos para sempre a Espanha*.

(...)

Preza a Deus que não seja necessário volver a ele!

Mas se o for, se a oligarquia nos obrigar a queimar nos altares da liberdade o paládio da independência nacional, façamo-lo com dignidade e prudência; nem sacrifiquemos de nossa glória e nome antigo senão o que exatamente for indispensável para evitar a servidão moderna" (Ibidem. p.320-321.)

É importante ressaltar a grande diferença que existe entre esta hipótese, quase aceita a contragosto por Garrett, e a forma como Antero, quarenta anos mais tarde, a abraça e a defende, assunto que trataremos mais à frente.

<sup>22</sup>Ibidem. p.295.

<sup>23</sup>"Oxalá que do *sincero* livro alguma utilidade venha a essa pátria cujo puríssimo amor, e zelo de sua glória, arde no coração do autor e no mais íntimo o devora!" Ibidem. p.321.

<sup>24</sup>"Praza a Deus que todos, de um impulso, de um acordo, de simultâneo e unido esforço, todos os Portugueses, sacrificadas opiniões, esquecidos ódios, perdoadas injúrias, ponhamos peito e metamos ombros à difícil mas não impossível tarefa de salvar, de reconstruir a nossa perdida e desconjuntada pátria, - de reequilibrar enfim Portugal na balança da Europa". Ibidem. p.322.

Neste livro, portanto, temos um esforço claro de criar uma obra que modifique o atual estado do país, quando de sua edição ainda dominado por D. Miguel<sup>25</sup>, instaurando também aqui uma tradição que será recorrente ao longo do século: a da intervenção, mais ou menos sistemática, dos escritores portugueses na vida política do país, fazendo críticas e/ou propostas sobre os caminhos que o país deveria seguir. Além disto, uma série de tópicos que recorrentemente estarão, a partir de então, vinculados às *imagens de Portugal* aqui aparecem: a necessidade de adaptar características europeias e/ou mundiais - neste caso a *liberdade* e o liberalismo que a caracteriza - às específicas condições portuguesas, sem o que elas não poderão se firmar no país; Portugal enquanto um país que pode chegar a perecer (a união com a Espanha é uma possibilidade final de tentativa de instaurar a *liberdade* no país, mas que acarretará o seu próprio desaparecimento enquanto nação), mas que, apesar disto, poderá sobreviver se a estratégia correta for utilizada. É a este país *diferente e mortal* que os intelectuais a partir de então interpelarão, seja para rasurar esta *diferença*, seja para tentar garantir a sua sobrevivência.

Se nestes dois textos Portugal é o tema a partir do qual Garrett traça reflexões seja sobre a sua literatura passada, seja sobre o seu papel político futuro, será na década de 40 que o presente e o destino do país se transformarão em elementos fundamentais de duas obras literárias deste autor: *Viagens na Minha Terra*, que começaram a ser publicadas na *Revista Universal Lisbonense* em agosto de 1843 e, após serem interrompidas em dezembro, foram retomadas em junho de 45, e *Frei Luís de Sousa*, representado pela primeira vez em 1843 e publicado em 44. Ou seja, se a última obra que analisamos foi publicada durante o reinado de D. Miguel, aqui novamente estamos diante de uma situação *despótica*, já que Costa Cabral, então no poder, se "adoptou a bandeira da ordem e do desenvolvimento económico (...), estabeleceu no País um regime de repressão e violência, muitas vezes comparável ao despotismo miguelista"<sup>26</sup>. Como veremos, especialmente para *Viagens na Minha Terra*, este contexto em que esta obra foi escrita é importante. Julgo pertinente aqui citar a análise que dela fez Helder Macedo, em seu artigo "As Viagens na Minha Terra e a Menina dos Rouxinóis", na medida em que neste estudo veremos que uma mesma *imagem de Portugal* perpassa sejam as reflexões do narrador seja o conto que este livro contém:

---

<sup>25</sup>A elaboração de *Portugal na Balança da Europa* que como afirma Garrett começou em 1825 é pouco posterior às revoltas de *Vilafrancada*, de maio de 1823, e da *Abrilada*, de abril de 1824, ambas encabeçadas por D. Miguel. Quando foi publicado, em 1830, D. Miguel já era rei absoluto do país. (Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. v. III. p. 7-12.)

<sup>26</sup>MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. v. III. p. 23.

Nas *Viagens*, a oposição (...) materialismo-espiritualismo serve a Garrett para explicar a situação cultural, política e social de Portugal. (...) O mesmo modelo lhe serve também para explicar a divisão do país na Guerra Civil, que opôs ao materialismo do Antigo Regime os ideais do liberalismo. Mas (...) cada termo da oposição contém em si uma equivalente dicotomia: o materialismo do Antigo Regime tinha como complemento antitético interno o espiritualismo dos frades; e o espiritualismo -ou idealismo- do Regime Liberal produziu o materialismo dos seus sucedâneos, os barões. Desta perspectiva, torna-se claro que, para Garrett, a marcha do progresso social português simbolizada na sua viagem Tejo-arriba não progride, nem pode progredir, porque os termos de cada antítese foram polarizados em ordem inversa numa nova antítese que os neutraliza, resultando, em suma, no que, semanticamente, se pode caracterizar como um quiasmo. Com efeito, no sentido estrito, o quiasmo é a figura do estilo em que duas expressões simétricas e antitéticas se contrabalançam pela sua repetição em ordem inversa.

Olhando à luz destes conceitos simbólicos o conto da "Menina dos Rouxinóis" (...) torna-se evidente que ele não é mais do que uma outra, mais extensa, exemplificação - sentimental e romanesca - do mesmo tema representado naquilo que igualmente *viu* e foi levado a *sentir* e a *pensar* durante a viagem. E o conto também define, semanticamente, um impasse quiástico.<sup>27</sup>

Desta forma Macedo vê nas duas personagens motrizes do conto, Frei Dinis e Carlos, este mesmo impasse quiástico, na medida que o primeiro "que começou por ser 'materialista' porque presa das paixões, espiritualizou-se através do remorso"<sup>28</sup>, enquanto que o segundo "após ter lutado pelos ideais do liberalismo, corrompeu-se e cedeu à matéria ao tornar-se barão"<sup>29</sup>. Existiria assim uma homologia entre a história do país e o enredo da novela, pois "da mesma maneira que foram os erros do absolutismo que levaram à revolução liberal, assim também o produto do materialismo de Frei Dinis, manifesto nos seus amores pecaminosos, é o próprio Carlos, seu filho natural e seu inimigo"<sup>30</sup>, e "como ambos contêm, em fases diferentes das suas vidas e em ordem temporal inversa, os mesmos elementos antinómicos que o outro, embora fundamentalmente semelhantes, só poderão antagonizar-se: cada um deles está espiritualizado ou materializado na altura errada em relação ao outro."<sup>31</sup>. Se neste dois personagens Macedo vê duas tendências presentes em

<sup>27</sup>MACEDO, Helder. "As Viagens na Minha Terra e a Menina dos Rouxinóis".*Colóquio Letras* 51.p.17-18.

<sup>28</sup>Ibidem. p.18.

<sup>29</sup>Ibidem. p.18.

<sup>30</sup>Ibidem. p.18.

<sup>31</sup>Ibidem. p.18.

Portugal, vê em Georgina e em Joaquina "o ideal moral positivo comum a essas opostas concepções do mundo social. (...) Joaquina e Georgina representam a essência do bem inerente às sociedades tradicionais e às sociedades modernas, ao Portugal arquetipal e ao arquétipo do progresso no século XIX que era a Inglaterra do liberalismo triunfante"<sup>32</sup>, mostrando que o próprio impasse amoroso de Carlos é uma outra representação da situação do país. Assim o erro de Carlos seria não apenas o de não ter conseguido escolher entre as duas:

(...) o erro de Carlos foi não apenas ter sido incapaz de escolher mas, como consequência disso, não ter sido capaz de transformar o amor que sentia em abstracto no exercício concreto do amor. Com efeito, o seu amor era narcísico: era pelos seus próprios sentimentos e, portanto, finalmente por si próprio, que estava apaixonado. Joaquina nunca chegou a existir para Carlos como um ser independente, permaneceu para ele até ao fim uma extensão da infância, foi a sua própria infância que ele continuou a amar nela. (...) Não foi também a ela [Georgina] que Carlos amou, mas ao bem estar que sentiu junto dela e das irmãs. Quando Georgina e Joaquina se tornaram reais, isto é, quando passaram a existir nos seus próprios termos, Carlos desistiu de ambas - engordou, enriqueceu, tornou-se barão. A relação semântica entre a situação sentimental de Carlos e a situação social do País é, assim, acentuada pela própria sequência do seu destino. Por implicação, o idealismo que o fez adoptar a causa liberal também era narcísico, apaixonou-se pelo liberalismo, lutou por ele, mas não o soube servir numa consequente acção concreta. Tornou-se barão, um falso amador, "um construtor de papel".<sup>33</sup>

Se desta forma Garrett metaforiza, através da novela, o estado do país, entregue a barões que de fato não conseguem concretamente melhorá-lo, é também através dela que indica a saída possível para este problema, como mostra Macedo no trecho abaixo, que se inicia por uma reflexão feita por Garrett quando da sua chegada ao convento de S. Francisco:

"Mais dez anos de barões e de regímem da matéria, e infalivelmente nos fuge deste corpo agonizante de Portugal o derradeiro suspiro do espírito.// Creio nisto firmemente// Mas ainda espero melhor todavia, porque o povo, o povo povo, está são: os corruptos somos nós os que cuidamos saber e ignoramos tudo".

Esta meditação é de extrema importância para a compreensão do significado global da obra, pois é aqui que, pela primeira vez, Garrett indica uma via de saída do impasse, ao contrapor às corruptoras abstrações da falsa sabedoria dos que detêm o poder a integridade potencialmente salvadora de um concreto

---

<sup>32</sup>Ibidem. p.20.

<sup>33</sup>Ibidem. p.20-21.



"povo povo" capaz, como Garrett diz ainda, "da síntese transcendente, superior e inspirada pelas grandes e eternas verdades, que se não demonstram porque se sentem".

Afinal, todo o quiasmo é um falso dilema, que só pode ser solucionado se os termos que o definem forem corrigidos de modo a permitirem uma síntese que os supere. É isto o que, efectivamente, Garrett vai fazer, ao tomar o lugar de Carlos no quiasmo definido pela sua relação com Frei Dinis. Para Carlos, já é tarde de mais. É o narrador que, ocupando o espaço semântico previamente definido por Carlos, no fim da sua "Odisseia", pode reconhecer com Frei Dinis que, absolutistas e liberais, "errámos ambos".

(...)

Na verdade, a viagem registrada na obra é uma "Odisseia"- com todas as conotações do percurso espiritual inerentes à épica (...). Como em toda a épica o viajante alcançou, no fim da jornada, um nível de conhecimento superior ao que era o seu quando a iniciou. E (...) o valor supremo que está a ser exaltado na metáfora que o todo do livro constitui é a *caritas patrie*, o amor da Pátria, de cuja perspectiva (...) todos os opostos podem ser reconciliados.<sup>34</sup>

Já no final de seu artigo, após se referir ao sonho alegórico que Garrett tem no seu caminho de regresso em que o estado da pátria é representado, Macedo considera:

Carlos, futuro barão, traíra o amor por não ter sido capaz de amar concretamente; os barões, antigos Carlos, traíram o liberalismo por não serem capazes de servir os interesses concretos do País. É na abstração, na recusa do concreto, que reside o erro e que tem origem a corrupção. (...)

As últimas frases do livro resumem o problema e apontam para a sua solução concreta: os barões querem construir estradas de ferro... num país onde não há ferro para isso. Diz Garrett:

"Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não. Mas de metal! // Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra"

(...) O erro dos barões é quererem aplicar a Portugal métodos e programas que os recursos do País não permitem, em vez de utilizarem aqueles que lhe são adequados e, por isso, possíveis.<sup>35</sup>

Se confrontarmos a leitura feita sobre este livro com os textos que anteriormente havíamos analisado podemos perceber que por mais que existam algumas diferenças importantes, a começar pelo estado do país que é interpelado em cada um deles, podemos encontrar algumas constantes que parecem constituir a forma específica como Garrett olha e pensa seu país, forma matricial que será, nas gerações seguintes, negada e/ou retomada,

---

<sup>34</sup>Ibidem. p.22-23.

<sup>35</sup>Ibidem. p.23-24.

mas não esquecida. Assim, se antes era na implantação da *liberdade* no país que ele depositava as suas esperanças de reerguimento nacional, e se agora existe uma séria dúvida sobre a capacidade dos liberais, transformados de *idealistas da liberdade* em *materialistas barões* -sob o comando, como sabemos, do *desenvolvimentista* Costa Cabral - de construírem um país decente, ainda persiste a esperança de que o futuro de Portugal possa ser diferente do que o presente indica.

Esta esperança, que neste livro se configura como o desejo de que os barões aprendam com o *povo povo* e tentem realizar obras compatíveis com a realidade nacional, no fundo se aproxima bastante daquela outra, que percebemos no *Bosquejo*, na medida em que ela não é fruto da realidade presente, mas de outros dados que não podem ser tão objetivamente determinados. O que, durante a emigração, fora um desejo depositado em possíveis mudanças radicais no país, é agora puro desejo, na medida em que as mudanças radicais, ou o que delas foi possível realizar, *já haviam ocorrido*, sem que o estado do país de fato se modificasse, quando não se modificou para pior, como nos mostra o trecho em que Garrett indica que a continuidade dos barões pode significar o fim da alma portuguesa. Se pensarmos neste trecho e o correlacionarmos com o outro em que ele fala sobre as estradas de ferro podemos perceber que, para Garrett, o que falta aos barões não é apenas alma, mas uma *alma portuguesa*<sup>36</sup>: é a incapacidade de estes perceberem a *realidade específica* que é Portugal que não lhes permite produzir obras que sejam condizentes com o país.

Os dirigentes, assim, cometem os mesmos erros que, já em vinte, haviam sido cometidos pelos liberais, como está indicado em *Portugal na Balança da Europa*. Se neste livro aponta que o vintismo fracassou por não ter adaptado a *liberdade* às características próprias da nação, erro que pretendia sanar com as suas propostas para a mudança da constituição, agora mostra que foi justamente este o erro central dos liberais quando atingiram o poder: o desconhecimento do que é ou não possível ser criado em Portugal. Erro que acaba por desnudar o outro, maior, que eles possuem: o da falta de amor à pátria, amor através do qual seria possível não só superar os impasses pelos quais o país passou, mas também direcionar as energias para aquilo que, de fato, o país precisava. É este *amor à pátria* que talvez explique o conjunto da postura de Garrett. Sempre diante de um país que, de fato, não é o que deveria ser, ele tenta, por todos os meios, redirecioná-lo, abrir brechas que permitam que este país menor se sustenha e se desenvolva. A esperança assim é sempre

---

<sup>36</sup>Como veremos ao analisar as *imagens de Portugal* presentes em *A Águia*, esta ausência de uma *alma nacional*, para os saudosistas soterrada por séculos de estrangeirismo, será apontada como um dos principais problemas do país.

maior do que o presente pode permitir, sempre um pouco desmedida, pois não está fundamentada no real, mas no desejo de que este real possa ser transmutado em algo melhor, o que só será possível, para ele, pela instauração de uma realidade mais portuguesa neste Portugal que, de fato, não consegue se desenvolver. Se, como afirma José-Augusto França em *O Romantismo em Portugal*, "o romantismo português pretendia (...) dar uma lição de nacionalismo"<sup>37</sup>, como podemos ver os textos de Garrett que até aqui analisamos mostram esta característica de forma exemplar.

É neste contexto que *Frei Luís de Sousa*, pelo que apresenta de distinto, ganha seu verdadeiro significado. José-Augusto França, no livro acima indicado, assim se refere a esta peça:

(...) no *Frei Luís de Sousa* (...) [Garrett] faz também o processo do "sebastianismo", demonstrando pelo absurdo os seus efeitos catastróficos. O peregrino, *deus ex machina* da tragédia, é, talvez, um dos companheiros do jovem rei desaparecido. Mas que ele seja ou não o Outro, isto é de qualquer forma secundário: negar-se-á a si próprio dizendo-se "Ninguém!", no momento-chave da acção. Ele é sobretudo, se não somente, o representante ideológico do Passado. O passado tem na peça um peso ameaçador; não estará ele sempre presente no destino da Pátria?

Nenhum clarão de esperança brilha no fim de *Frei Luís de Sousa*: o mundo antigo esmaga o mundo novo quando este se constrói sobre um equívoco - quer dizer, quando não chega a criar as suas próprias estruturas.

"A sociedade de hoje ainda se não sabe o que é", escreve Garrett na memória que acompanha a apresentação da peça no Conservatório; também o drama "não se sabe o que seja", mas, sendo "a expressão literária mais verdadeira do estado da sociedade", "reflecte a modificar os pensamentos que o produziram".<sup>38</sup>

Nesta interpretação de França, num primeiro nível podemos entender esta peça como uma interpelação de Garrett a seu presente. O romeiro é, em certo sentido, D. Miguel e tudo que ele representa, um passado que, insepulto, vem a todo momento assombrar um presente que não conseguiu se estruturar. Devemos aqui lembrar todos os percalços que caracterizaram o advento do liberalismo em Portugal, as marchas e contramarchas que desde 20 foram a marca da política portuguesa, as quais Garrett viveu como participante ativo. Ainda não havia chegado o tempo da regeneração, com Fontes e suas estradas de ferro, tempo que de fato acabou por soterrar, ao menos neste nível, este fantasma do

---

<sup>37</sup>FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. p. 205.

<sup>38</sup>Ibidem. p.263.

passado, que era o absolutismo e seu representante de plantão, sempre a assombrar o país<sup>39</sup>. Ainda estamos no período de Costa Cabral, que governava com um "despotismo impudente (...), em contraste com o seu respeito teórico pela carta e pelas liberdades nelas consignadas"<sup>40</sup>, em que a sociedade, de fato, *ainda não sabia o que era*.

Mas, neste próprio texto de França, podemos perceber que esta peça é mais que isto. Ao se referir ao peso do passado, este crítico pergunta: *Não estará ele sempre presente no destino da Pátria?* Mais do que a interpelação a um presente datado, em que um absolutismo ultrapassado está sempre a espreita, esta peça também é um questionamento trágico sobre o destino do país, sobre a sua possibilidade de existência, como bem notou Eduardo Lourenço, no seu já citado artigo:

A consciência da nossa *fragilidade histórica* projecta os seus fantasmas simultaneamente para o passado e para o futuro. (...) O drama de Garrett [*Frei Luís de Sousa*] é fundamentalmente a teatralização de *Portugal como povo que só já tem ser imaginário* (ou mesmo fantasmático) - realidade indecisa, incerta do seu perfil e lugar na História, objecto de *saudades* impotentes ou *presentimentos trágicos*. Quem responde pela boca de D. João (de Portugal...), definindo-se como *ninguém*, não é um mero marido ressuscitado fora de estação, é a própria Pátria. O único gesto positivo, redentor, do seu *herói* (Manuel da Sousa Coutinho) é deitar fogo ao Palácio e enterrar-se *fora* do mundo, da História. Interpretou-se (à superfície) o *Frei Luís de Sousa* em termos de puro melodrama *psicológico*, de pura textura romântica - o que também é, naturalmente - mas o autêntico *trágico* que nele existe é de natureza histórico-patriótica. É ao passado e no passado - mas por causa do presente, como Herculano - que o cidadão, o autor, o combatente liberal e patriota Almeida Garrett dirige a interrogação, ao mesmo tempo pessoal e transpessoal: *que ser é o meu, se a pátria a que pertença não está segura de possuir o seu?*<sup>41</sup>

Podemos pensar, partindo desta hipótese levantada por Lourenço, que a característica central deste drama de Garrett é a de mostrar a impossibilidade de situar-se Portugal no tempo, pois ele não possui um tempo em que possa existir. Se o passado - D. João de Portugal - é já *ninguém*, um ser sem espaço no presente, o próprio presente não se constitui enquanto um novo espaço em que a existência seja possível. O presente - Manuel Coutinho- destrói seu palácio e, como afirmou Lourenço, *enterra-se fora do mundo, da*

<sup>39</sup>Como é sabido, pelo menos até a sua demissão da pasta de ministro dos negócios estrangeiros, em 17 de agosto de 1852, Garrett apoiou a *Regeneração*, diferentemente de Herculano, que dela rapidamente se afastou. (Cf. SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*, p.44-6, FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. p. 547)

<sup>40</sup>MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. v. III. p. 24.

<sup>41</sup>LOURENÇO, Eduardo. Op. cit. p.91-92.

*História*. Retomamos assim as próprias palavras de Garrett presentes na sua memória "Ao Conservatório Real", já citadas em parte por França:

(...) o drama é a expressão literária mais verdadeira do estado da sociedade: a sociedade de hoje se ainda não sabe o que é: a literatura atual é a palavra, é o verbo, ainda balbuciante, de uma sociedade indefinida, e contudo já influi sobre ela; é, como disse, a sua expressão, mas reflete a modificar os pensamentos que a produziram.<sup>42</sup>

É sobre esta sociedade *indefinida* ou, se preferirmos, sem saber o seu *lugar na história*, como o afirma Lourenço, que Garrett interpela e se interpela. É um Portugal preso entre um passado que tenta renegar e que o pode destruir e um presente que ainda não possui suas raízes, pátria portanto sem uma *existência real*, que esta peça retrata e sobre a qual quer atuar, sem, porém, chegar a apresentar nenhuma saída possível. Como afirma França, *nenhum clarão de esperança brilha no fim deste drama*.

Mas, não é em D. João de Portugal ou em Manuel Coutinho onde mais fortemente podemos perceber esta ausência de possibilidades: é em Telmo Pais, o único personagem que vive *em dois tempos*, ou seja, que se encontra psicologicamente e amorosamente envolvido com *o que foi* e com *o que é*. Como bem notou António José Saraiva é ele a *personagem central* deste drama<sup>43</sup>, mas não apenas por nele encontrar-se "o problema (...) da unidade e coerência do *eu*"<sup>44</sup>. Em Telmo passado e presente se chocam quando não mais é possível uma opção. Ele não só toma consciência do seu verdadeiro eu - e do desejo oculto que tinha de que D. João não retornasse - , mas adquire esta consciência quando já é *tarde demais*. Não existe mais espaço para ele nem no passado , que sentimentalmente renega, nem no presente, que já se desfez. Se D. João e Manuel Coutinho são, a sua maneira, o passado e o presente de Portugal, Telmo é o elo que os une e que os perde, ficando só e sem nenhum espaço a ocupar.

---

<sup>42</sup>GARRETT, Almeida. "Ao Conservatório Real". *Frei Luís de Sousa - Viagens na Minha Terra*. p.43-44.

<sup>43</sup>Achamos sintomático que, na primeira representação desta peça, tenha sido Garrett quem representou Telmo, por mais que atribua isto a um acaso, já que diz: "O autor supriu, no papel de Telmo, a falta de um amigo impossibilitado". ("Prefácio da 1ª Edição". *Frei Luís de Sousa - Viagens na Minha Terra*. p.35.)

Devemos aqui também assinalar que neste aspecto discordamos de França que considera D. Madalena o "centro trágico da peça". (FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. p. 261.)

<sup>44</sup>SARAIVA, António José. *Para a História da Cultura em Portugal Volume 2*. p.43.

Como vemos nesta obra estamos diante de uma interpretação bastante distinta do destino de Portugal. Nada existe aqui das risonhas, por mais que muitas vezes infundadas, esperanças. Portugal é *realidade indecisa, incerta do seu perfil e lugar na História*, por não mais poder situar-se no passado em que foi *alguém*, nem no presente em que é *ninguém*. Parece-nos que nesta obra Garrett toca no que, trinta anos mais tarde, se transformaria no tipo de reflexão da geração de 70, e a isto retornaremos quando analisarmos a conferência de Antero. Mas, se aqui estamos diante de uma metamorfose do pensamento garrettiano que o aproxima da geração de 70, será em outro autor que encontraremos uma influência muito mais poderosa sobre esta geração, e em especial sobre Antero de Quental. Obviamente nos referimos aqui a Alexandre Herculano.

Da vasta obra de Herculano devemos destacar inicialmente, no aspecto que aqui nos interessa - as imagens de Portugal nela elaboradas-, *As cartas sobre a história de Portugal*, praticamente contemporâneas das últimas duas obras de Garrett que analisamos -publicadas que foram em 1842, também na *Revista Universal Lisbonense*-, e em especial a quinta delas. Este texto se caracteriza, inicialmente, por uma mudança radical de foco sobre o que, até então, fora considerado o período áureo do país:

Habitados pela educação, e até por um estudo superficial e irrefletido, a considerar o século décimo-sexto como a verdadeira era da grandeza nacional, parece-nos que o mais rico tesouro das nossas recordações históricas está na pintura dos reinados brilhantes de D. Manuel e D. João II, na maravilhosa narração das façanhas dos grandes capitães daquele tempo (...).<sup>45</sup>

Mas a esta visão *tradicional*, Herculano opõe uma outra, ao considerar que "a virilidade moral da nação portuguesa completou-se nos fins do século XV, e a sua velhice, devia começar imediatamente"<sup>46</sup>, visão que, como ele mesmo o afirma, se poderia parecer *arriscada*, seria comprovada pelo exame dos fatos: "Arriscadas parecerão talvez estas opiniões; mas, se não me engano, o exame dos fatos nos há de conduzir à demonstração delas"<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup>HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos Tomo V*. p.129.

<sup>46</sup>Ibidem. p.131.

<sup>47</sup>Ibidem. p.131. Devemos notar que, como é sabido, foi uma característica usual do Herculano historiador a de reformular concepções estabelecidas como verdade inquestionável para muitos historiadores. A própria proposta que lança nestas cartas, a de que a história deve ser feita não a partir das seqüências dos reis e heróis, mas sim a partir dos grandes movimentos econômicos e sociais, confirma esta postura.

A análise que faz para provar o seu ponto de vista é clara: o esplendor do século XVI é fruto de uma geração que "foi educada pelo século anterior. (...) O século décimo-sexto nada mais fez que aproveitar a herança da idade-média"<sup>48</sup>, herança que tem por principal característica a liberdade e a independência. Para Herculano a história de Portugal durante a Idade Média, e da Europa como um todo, pode ser considerada como:

(...)o largo e custoso labor (...) para transformar a unidade do império romano na individualidade dos povos modernos. (...) O restabelecimento da variedade sobre as ruínas da unidade absoluta é o grande princípio que a meu ver a idade-média representa: esse princípio está impresso na maior parte das formas sociais, nas instituições, na separação dos idiomas, e até na literatura.<sup>49</sup>

Ao que acrescenta, ao falar da evolução da monarquia durante a Idade Média:

Através de toda a idade-média, em que o cristianismo, conjurado nessa parte com os costumes dos bárbaros, bradava independência e liberdade á corrupta civilização antiga, esta lhe respondia com o brado de ordem e paz. (...)Por fim os povos, cansados do vacilar de mil anos, caíram, como era natural, aos pés da paz e da ordem. As necessidades, para as quais oferecia remédio a civilização romana, tinham-se tornado mais fortes no meio de tantas lutas para as unir com as que nasciam da civilização do evangelho e do instinto de natureza. A monarquia mostrara sempre, no meio dessas largas e trabalhosas tempestades humanas, que era a herdeira das tradições do império; a unidade do poder provara por muitas vezes que ela só possuía o segredo da paz e da ordem pública. Daí veio o seu inevitável triunfo.<sup>50</sup>

Porém, se durante a Idade Média o elemento monárquico tem uma ação "enérgica, civilizadora, progressiva"<sup>51</sup>, "Obtido o triunfo, assemelha-se a todos os vencedores: degenera e corrompe-se nos ócios da vitória"<sup>52</sup>. É esta monarquia corrompida que promove as conquistas:

Assim, no fim do século XV há verdadeiramente um ponto de intersecção na vida da monarquia: a atividade que ela estava habituada a empregar nos seus

---

<sup>48</sup>Ibidem. p.134.

<sup>49</sup>Ibidem. p. 142-143.

<sup>50</sup>Ibidem., p.153.

<sup>51</sup>Ibidem., p.154.

<sup>52</sup>Ibidem., p.154.

rijos combates com a aristocracia, e em buscar a aliança da democracia para fazer suicidar ao passo que dela se ajudava para vencer o privilégio; essa atividade, digo, espraia-se nos descobrimentos e conquistas, porque não tem já objeto nas fórmulas sociais: nestas a sua ação benéfica cessa porque está completa<sup>53</sup>.

O que a monarquia produz são efeitos negativos, que acabaram por destruir o próprio poderio conquistado:

(...) no lugar da ordem põe a servidão; em vez do repouso da paz produz a quietação do temor; à moralidade substitui a corrupção dos costumes. Pervertida a índole nacional, enfraquecida a energia interior do povo, o poderio exterior começa a desmoronar-se logo.<sup>54</sup>

Estas longas citações são necessárias para que possamos não só avaliar como Herculano pensava as descobertas e o seu significado no interior da história portuguesa, mas também para verificarmos como ele via a atualidade. Para ele, a atualidade tem um duplo sinal. Ela é positiva por ser a retomada das lutas pela independência que existiram na Idade Média, interrompidas no período da Renascença, em que o princípio da unidade de novo voltou a imperar:

O renascimento não foi unicamente uma reabilitação do pensar romano na arte e na ciência: foi a restauração completa da unidade como princípio dominador e exclusivo, salva a distinção das nacionalidades, que ficou subsistindo. (...) O que são as revoluções políticas do nosso tempo? São um protesto contra o renascimento; uma rejeição da unidade absoluta; uma renovação da tentativa para organizar a variedade.<sup>55</sup>

Mas, se por este lado ela é positiva, também é vista como um período em que certas características negativas dos últimos três séculos persistem. Neste texto, isto pode ser notado por duas breves indicações que ele faz sobre a sua época. Uma, quando analisa por que a história de Portugal deve preocupar-se principalmente com a Idade Média, e não com o século XVI, em que afirma: "Para fartar de amarguras os corações que amam a pátria, não

---

<sup>53</sup>Ibidem., p.154-155.

<sup>54</sup>Ibidem., p.155.

<sup>55</sup>Ibidem., p.3-4. Este é um outro motivo pelo qual Herculano considera fundamental o estudo da Idade Média, na medida em que o seu tempo era, nesta perspectiva, uma continuação daquele período, após três séculos de *hibernação*.



é necessária a história; sobra-nos a vida presente"<sup>56</sup>, e a outra, quando mostra por que o estudo do século XVI é desnecessário, em que diz:

(...)se na índole da sociedade antiga queremos ir vigorar o *sentimento da nacionalidade, que, por culpa não sei se nossa se alheia, está esmorecido e quase apagado entre nós*; não é por certo naquela brilhante época que havemos de encontrar esses importantes resultados do estudo da história<sup>57</sup>.

Julgamos que este texto de Herculano é fundamental por vários aspectos. De início é importante assinalar que nele podemos encontrar alguns temas que são recorrentes em várias obras do autor, só que aqui estruturados de uma nova forma. Assim, o tema da decadência, que como vimos já havia aparecido no *Bosquejo* de Garrett e por ele fora usado como uma forma de avaliar a história da literatura portuguesa, também já aparece em Herculano em época anterior às *Cartas sobre a História de Portugal*. Na segunda série de *A Voz do Profeta*, texto que como sabemos publicou em 1837, quando da revolução de Setembro, encontramos, entre outros, o trecho abaixo:

Lisboa, cidade de mármore, rainha do oceano, tu és a mais formosa entre as cidades do mundo.

(...)

Nobre e rica outrora, quando o Oriente e a África te mandavam o ouro das suas veias, os estranhos vinham assentar-se ao pé dos muros e abastecer-se com as migalhas caídas das mesas dos teus banquetes.

(...)

Então, ó cidade do Tejo, reinavas tu e eras forte, mais que Roma ou Cartago; mas o império e a força vinham das virtudes de teus filhos, dos homens a quem sem pudor chamamos nossos avós.

(...)

Porém, que te resta hoje do antigo esplendor, da glória de tantos séculos? Um eco do passado nas páginas da história, o sol puro da tua primavera, os restos dos paços e templos que os terramotos te não consumiram, e o grande vulto das águas do amplo ádito do Tejo.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup>Ibidem., p.140. Devemos aqui considerar que as "Cartas sobre a história de Portugal" foram publicadas de 7 de abril a 3 de novembro de 1842, ou seja, é posterior ao golpe de estado de Costa Cabral que restaurou a Carta Constitucional. Se Herculano era ferrenho defensor da Carta, não podia concordar com a forma como foi restaurada, através de um meio *desleal*, ferindo não só princípio defendido pelos Cartistas antes deste momento, o de que as mudanças deveriam ocorrer por meio dos processos eleitorais contidos na constituição, como também juramento que estes mesmos Cartistas haviam feito, em 38, de seguir a constituição que então fora elaborada. A este respeito ver a introdução a *A Voz do Profeta* em HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos I*. p.3-30.

<sup>57</sup>Ibidem., p.131. Os grifos são nossos.

<sup>58</sup>HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos Tomo I*.p.75-77.

Assim já aqui, cinco anos antes das *Cartas*, a história de Portugal era vista por este autor como fruto de uma decadência, em que o período atual é um momento menor, no qual restaram apenas os ecos deste passado grandioso. É curioso porém notar que neste texto parece ainda ser o século XVI este período áureo, hipótese que como vimos ele irá posteriormente reelaborar<sup>59</sup>.

Mas não é apenas a noção da decadência que já aparece em textos anteriores de Herculano. Também a concepção de que falta a Portugal patriotismo, que os portugueses desconhecem as suas próprias tradições, parece ser um tema recorrente em suas obras. Entre outros podemos citar o trecho abaixo de um artigo sobre Fernão Lopes, publicado em 1839 na revista *Panorama*, em que este desconhecimento é visto como um sintoma da decadência de Portugal:

Tão raros ou tão pouco lidos andam os antigos escritores portugueses, que muitas pessoas há, não de todo hóspedes nas letras, que apenas de nome os conhecem, e freqüentes vezes nem de nome. Grave mal, por certo, e mui de lamentar é tal e tão ingrato desamor àqueles que assim lidaram em suas doudas vigílias ou para nos transmitirem as heróicas façanhas de nossos antepassados, ou para nos doutrinarem com virtuosos conselhos, ou para nos consolarem com um brado de poesia de mais singelas eras, ou, finalmente, para nos herdarem sua ciência; que muita e boa a tiveram. (...) Sintoma terrível da decadência de uma nação é este; porque o é da decadência da nacionalidade, a pior de todas; porque tal sintoma só aparece no corpo social quando este está a ponto de dissolver-se, ou quando um despotismo ferrenho pôs os homens ao nível dos brutos<sup>60</sup>

Assim a decadência e a falta de patriotismo, este segundo como vimos um dos temas fundamentais de *Viagens a minha Terra* de Garrett, já eram preocupações que estavam presentes nas produções de Herculano antes da publicação da quinta das *Cartas*. Mas é inegável que é nesta obra que o primeiro destes temas ganha uma nova importância, na medida que é nela que Herculano pela primeira vez formula a hipótese de que a decadência iniciou no século XVI, até então visto como a época do esplendor em Portugal, visão que,

---

<sup>59</sup>Se certamente este texto foi gerado como uma forma de combate ao Setembrismo, de que Herculano foi ferrenho adversário, chamando-o, entre outros epítetos neste texto de "reinado da licença" (Ibidem. p.80), e considerando-o como uma nova decadência desta Lisboa que, como veremos em um trecho que brevemente citaremos, "a liberdade regrada de três anos começava a povoar de entenas" (Ibidem. p. 79.), devemos considerar que este combate ao Setembrismo e a visão desta nova decadência que ele gerou se situa dentro do complexo maior da *grande decadência* que, neste trecho citado, caracteriza a história do país, e que começava, após a vitória dos liberais, a ser superada.

<sup>60</sup>HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos Tomo V*. p.3-4.

como sabemos, será herdada por Antero<sup>61</sup>. Esta hipótese, conjugada com a de que o então *tempo presente* era herdeiro direto do período medieval, na medida em que os séculos entre dois períodos tinham sido caracterizados por uma retomada do princípio da unidade, que só agora voltava a ser questionado, permitia a construção de uma imagem *positiva* sobre o presente, na medida que ele poderia ser, enquanto retomada, um retorno ao antigo estado do país. Mas também em Herculano, como em Garrett, esta visão positiva sobre o presente não consegue se sustentar diante dos acontecimentos, e muitas vezes é o tom da desesperança que predomina, e o que nas *Cartas* aparece de forma rápida, nos dois trechos em que vê de forma negativa o presente do país, em outras obras é muito mais desenvolvido. Imediatamente após a parte que citamos de *A Voz do Profeta*, por exemplo, encontramos:

Mas este eco da história, que devia ser para ti um grito de remorso, não há ouvidos que o escutem, e soa em vão e morre no meio do vozear decomposto da plebe:

(...)

Mas este porto, que a liberdade regrada de três anos começava a povoar de entenas, torná-lo-á o reinado da licença tão ermo como os extremos dos mares gelados:

(...)

Esse curto prazo bastou ao povo para esgotar os tesouros da misericórdia divina, que os erros e culpas de séculos não haviam podido empobrecer.

Os feitos portentosos de dois anos de combates civis foram amaldiçoados pelo povo em uma noite de sediação, e a árvore da liberdade cerceada junto da terra.

E as esperanças de salvação e de felicidade passaram como o sonho matutino que se desvanece ao altear do Sol.<sup>62</sup>

Na primeira das *Cartas sobre a História de Portugal* também encontramos o mesmo tom de desesperança na realidade presente do país, quando afirma, entre outras coisas, que:

Há muito que para elas [as recordações da terra da pátria] voltei as minhas predileções. E não sei, até, quem possa deixar de o fazer em tempos como os que ora correm. (...) Quem, vendo diante de si desfolharem-se uma a uma todas as

---

<sup>61</sup>Esta íntima relação entre as *Cartas* e as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos* foi notada por Joel Serrão, que considera que "sob muitos aspectos, esse tão eloquente "discurso" [*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*], sem dúvida alguma, uma das peças fundamentais do pensamento sóciopolítico de Antero, é claramente tributário da filosofia da história portuguesa herculaniana tal ela fora formulada em *Cartas sobre a História de Portugal*". SERRÃO, Joel. "Gênese e estrutura do pensamento sócio-político de Antero de Quental". In: QUENTAL, Antero. *Prosas Sócio-Políticas*. p.21.

<sup>62</sup>HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos Tomo I*. p.77-79.

esperanças, se não retrai do presente, e não vai pelo campo santo dos séculos buscar e colher saudades de consolação?<sup>63</sup>

E este tom desesperançado diante do presente chega mesmo a se aproximar da crítica que Garrett faz ao materialismo, em trechos como o abaixo, publicado na introdução a *A Voz do Profeta*, que é datada de 1867, quando já se encontrava retirado na quinta do Val de Lobos:

Neste crepúsculo da vida pública, tão favorável às prostituições do cidadão, como o crepúsculo do dia às prostituições da mulher; nesta época de extrema agonia, iniciada pela proclamação dos *interesses materiais* acima de tudo, fórmula decente de santificar o egoísmo, porque para cada indivíduo o interesse material alheio é apenas um interesse de ordem moral<sup>64</sup>

Se, certamente, cada um destes textos pode ser atribuído a um motivo específico, ao Setembrismo o primeiro, ao Cabralismo com sua *espúria* restauração da Carta Constitucional no segundo, e à sua desistência final de atuar politicamente, que podemos em parte atribuir ao que para ele foi o fracasso da Regeneração que inicialmente apoiou, é certamente sintomática esta insistência no tom *desesperançoso*, sempre novamente retomado, como se todas as tentativas de restaurar o país acabassem por serem frustradas ou abortadas, como, por sinal, indica José-Augusto França:

Seria difícil dizer qual o momento em que Herculano deixou de acreditar na sociedade portuguesa liberal. Ferido pela revolução setembrista, em seguida pelo cabralismo e, finalmente, pelas habilidades políticas da Regeneração, para a qual tinha estudado reformas sérias ("Pobres homens práticos! Pobres homens de Estado!"), podia ainda esperar uma espécie de redenção na pessoa do jovem D. Pedro V. A morte deste, em 1861, foi a gota que fez transbordar o cálice de amargura. Chorando atrás do seu caixão, chorava ele a sorte abismal da pátria...<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup>Idem. *Opúsculos Tomo V*. p.35-36.

<sup>64</sup>Idem. *Opúsculos Tomo I*. p.4.

<sup>65</sup>FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. p. 311. Esta referência a D. Pedro V se deve ao fato de que, como afirma em outro momento:

"[Herculano] teve uma só fraqueza: devotou-se a D. Pedro V, neto de D. Pedro, um rei que morreu em plena juventude, em 1861 (...). Neste príncipe ávido de saber que passava horas junto dele, via o escritor, ao mesmo tempo, o filho que não teve e o salvador da pátria gangrenada." (Ibidem. p.287).

Assim, não é de estranhar que Herculano acabe procurando na História o que o presente não pôde lhe dar. Já muito antes de sua *desistência*, ele havia afirmado na Introdução de *O Bobo*:

Pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formosos dias de poderio e de renome, que nos resta se não o passado? Lá temos os tesouros dos nossos afetos e contentamentos. Sejam as memórias da pátria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque à energia social e aos santos afetos da nacionalidade. Que todos aqueles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da história se dediquem a ela. No meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magistratura moral, é uma espécie de sacerdócio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime.<sup>66</sup>

Perdidas as esperanças Herculano se dedica a este *sacerdócio*. Curiosamente será em uma obra literária, de fundo histórico, que poderemos encontrar de forma mais clara esta tentativa de *recuperar os santos afetos da nacionalidade e as energias perdidas*. Nos referimos aqui ao conto "O Bispo Negro". Como esta obra pode ser considerada como uma possível matriz de certas posturas que encontraremos em *A Águia* é necessário que a analisemos com certo vagar.

De início devemos assinalar que o seu narrador possui um estatuto absolutamente singular, se comparado com os demais presentes em outros contos históricos de *Lendas e Narrativas*<sup>67</sup>. Em todos os outros, com uma única exceção a que já nos referiremos, o narrador assume o que está narrando como se história fosse<sup>68</sup>. Este procedimento, mais ou menos explícito em todas estas obras, é patente, por exemplo, no breve conto "O castelo de Faria", em que, após narrar um fato heróico ocorrido neste sítio, castelo do qual não resta nenhuma pedra, afirma: "Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que a ateste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore."<sup>69</sup>. Como podemos ver

<sup>66</sup>HERCULANO, Alexandre. *O Bobo*. In: *Obras I*. p.223.

<sup>67</sup>Como sabemos, entre os vários contos que compõe *Lendas e Narrativas* existem dois que não são históricos: "O Pároco da Aldeia" e "De Jersey a Granville".

<sup>68</sup>Além desta especificidade, este conto possui uma outra, que se liga à sua publicação. Todos os demais contos históricos já haviam sido anteriormente publicados em periódicos: "O Alcaide de Santarém", no *Jornal Universal* em 1845 e os demais na revista *Panorama* entre 1838 e 1843. Apenas "O bispo negro" só foi publicado em volume, no *Lendas e Narrativas*, em 1851.

<sup>69</sup>HERCULANO, Alexandre. "O castelo de Faria". *Lendas e Narrativas Tomo I*. p.226. Como a edição que utilizamos foi "feita segunda a quarta, de 1877, a última da vida do seu autor" (LOPES, David. "Nota". In: Herculano, Alexandre. *Lendas e Narrativas Tomo II*. p.335.), em que foi mantida a ortografia utilizada por Herculano, optamos por não atualizá-la.

não existe aqui nenhuma diferenciação entre esta obra literária e a *relação dos historiadores* de onde foi retirada. O conto é ainda considerado como história, dela não se diferenciando.

Entre os outros contos históricos, o único em que este procedimento se altera é "A dama pé-de-cabra", em que, já na primeira parte, o narrador assume que narra uma *tradição*, simulando também uma situação de oralidade:

Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem em tropelias de Satanás, assentae-vos aqui ao lar, bem junctos ao pé de mim, e contar-vos-hei a historia de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia.

E não me digam no fim: -"não pode ser."- Pois eu sei cá inventar cousas destas? Se a conto, é porque a li num livro muito velho. E o auctor do livro velho leu-a algures ou ouviu-a contar, que é o mesmo, a algum jogral em seus cantares.

É uma tradição veneranda; e quem descrê das tradições lá irá para onde o pague.<sup>70</sup>

Em vista disto podemos considerar que nos contos históricos de *Lendas e Narrativas* os narradores assumem duas posturas básicas: ou narram como se estivessem contando uma narrativa aparentemente histórica, ou assumem que a sua voz é a da tradição. "O bispo negro", porém, como acima indicamos, apresenta uma característica especial neste conjunto.

Já no início, quando o narrador se refere à catedral coimbrã, temos uma nota na qual é dito:

A sé velha de Coimbra é, no todo ou na maxima parte, uma edificação dos fins do seculo duodecimo; mas acceitámos aqui a tradição que lhe attribue uma remotissima antiguidade.<sup>71</sup>

Este procedimento já nos mostra que o conto é tecido por *duas vozes*: de um lado o narrador de tradições, de outro o historiador, que analisa seus materiais justamente para poder separar o que é *história* daquilo que é *lenda*, postura que, como sabemos, foi arduamente defendida por Herculano quando, por exemplo, tentou demonstrar a não veracidade histórica do milagre de Ourique. É a mesma voz de historiador que, ao ser citado no conto D. Çolleima, novamente em nota indica que "É notavel coincidência a seguinte:

<sup>70</sup>Idem. "A Dama pé-de-cabra". *Lendas e Narrativas Tomo II*. p.7. Este estatuto oral aparecia no título da primeira edição deste conto, "A dama pé-de-cabra (conto junto ao lar)", que foi publicada em 1843 na revista *Panorama*. Cf. AMORA, H. de Figueiredo e. "Bibliografia". In: HERCULANO, Alexandre. *Obras I*. São Paulo: Edição Saraiva, 1959.p.XXXII.

<sup>71</sup>HERCULANO, Alexandre. "O bispo negro". *Lendas e Narrativas Tomo II*. 20.ed. Lisboa: Livraria Bertrand, s.d. p.57.

em 1088 *um presbytero, por nome Zoleima* fez uma doação á sé de Coimbra"<sup>72</sup>, lembrando-nos, assim, de que aquilo que está sendo narrado não é história, mas lenda. É ainda este historiador que ao final do conto acrescenta uma longa nota em que afirma que "A lenda precedente é tirada das chronicas de Acenheiro, rol de mentiras e disparates publicado pela nossa Academia"<sup>73</sup>, e que essa "tradição é falsa a todas as luzes"<sup>74</sup>, tentando depois rastrear de onde ela teria surgido.

Temos assim um conto em que uma tradição é literariamente reelaborada, e ao mesmo tempo emoldurada por considerações históricas que apontam para a não veracidade daquilo que está sendo narrado. Poderíamos então nos perguntar qual o sentido desta reelaboração literária, por que motivo ela se realiza. Isto é em parte explicitado no interior do próprio conto quando, após o narrador dizer que se, historicamente, D. Tereza foi exilada, afirma:

(...) a tradição carrega as tintas do quadro, pintando-nos a desditosa viuva do conde Henrique a arrastar grilhões no fundo de um calabouço. A história conta-nos o facto; a tradição os costumes. A historia é verdadeira, a tradição verosimil; e o verosimil é o que importa ao que busca as lendas da patria.<sup>75</sup>

Assim, a lenda recupera certas características da época -seus costumes, suas crenças- que não poderiam, do ponto de vista do narrador, ser recuperados pela história. A reelaboração literária das lendas é uma *outra forma* de trazer o passado do país para o presente, sem ferir a história, que faz parte de um outro campo do conhecimento.

Mas se isto explica o motivo da reelaboração literária das lendas em geral, não justifica por que justamente esta, considerada como uma *tradição totalmente falsa*, foi incorporada em *Lendas e Narrativas*. Parece-nos inclusive que a necessidade, que acima indicamos, da existência de uma segunda voz, constantemente pontuando a distância que separa o enredo de origem lendária daquilo que pode ser considerado como histórico, advém da presença de uma personagem histórica de inegável importância, Afonso Henriques, já que isto poderia levar um leitor mais desavisado a supor que a postura narrativa fosse a mesma dos demais contos. Como acima notamos, em um conto em que esta confusão dos dois estratos não era possível, o "A Dama pé-de-cabra", a tradição foi

---

<sup>72</sup>Ibidem, p.65.

<sup>73</sup>Ibidem, p.76.

<sup>74</sup>Ibidem, p.76.

<sup>75</sup>Ibidem, p.58.

assumida sem nenhum subterfúgio, o que, certamente, corrobora com a nossa hipótese. Por tudo isto julgamos relevante buscar os motivos desta escolha, aparentemente estranha, de um enredo tão problemático.

Como sabemos o enredo deste conto -retirado de um texto do século XV- é montado a partir de um confronto entre Roma e Portugal ou, mais especificamente, entre o Papa e Afonso Henriques. Por três vezes o primeiro tenta fazer com que o segundo solte sua mãe, D. Tereza, encarcerada em um calabouço: inicialmente com uma ameaça, depois com a excomunhão deste rei e por fim com a excomunhão de toda a cidade de Coimbra. Cada uma destas três tentativas exige de Afonso Henriques uma atitude cada vez mais enérgica: na primeira basta apenas a recusa, na segunda é obrigado a eleger um novo bispo e na terceira a perseguir o Cardeal enviado por Roma e depois a fazer de reféns os dois sobrinhos deste religioso.

Apesar da clara desproporção de forças entre os dois oponentes - de um lado temos Roma, centro da cristandade e em certo sentido centro do mundo, de outro uma região recém conquistada dos mouros, governada por um conde que só anos mais tarde conseguirá a efetiva independência de seu país - este futuro rei entrou numa *partida* com Roma e a venceu. Se, como facilmente pode ser notado, neste conto temos, de fato, um combate em que está em jogo o poder efetivo sobre o país, a autonomia ou não do rei de Portugal em relação ao Papa<sup>76</sup>, ao fim do mesmo Afonso Henriques se transforma, efetivamente, em rei de Portugal, possuindo inclusive como bispo um homem por ele escolhido, D. Çolleima, o que nos mostra claramente que infringiu aos desígnios de Roma, que pretendia interferir em assuntos internos do país, um dano que foi absoluto. Assim um rei decidido e forte, capaz de atos extremos como perseguir um cardeal, quase matá-lo e fazer seus sobrinhos de reféns, foi capaz de inverter o resultado previsível de um confronto de forças absolutamente desproporcionais. Rei que, não podemos esquecer, foi o fundador do país. Estamos certamente diante de um acontecimento excepcional, que *beira a magia*, dada a desproporção dos oponentes, o que nos mostra que, nesta perspectiva, Portugal já era forte quando de sua formação.

Esta força e potência do passado aparece também no único momento em que o narrador faz uma referência ao presente. Pouco antes da partida de Afonso Henriques no enalço do Cardeal, temos o seguinte trecho:

---

<sup>76</sup>Se, como o narrador nos lembra ao afirmar que "O príncipe de Portugal Affonso Henriques, depois de uma revolução feliz, tinha arrancado o poder das mãos de sua mãe" (Ibidem. p.58.) soltar dona Tereza seria soltar a maior inimiga do rei português, a obediência a este pedido certamente significaria a impossibilidade de recusar qualquer outro vindo de Roma.



(...) Ahi envergou á pressa um saio de malha e pegou em um montante que dous portugueses dos de hoje apenas valeriam a alevantar do chão.<sup>77</sup>

Na força deste rei, e na fraqueza dos *portugueses de hoje* podemos supor que está metaforizado o contraste entre o passado grandioso e o presente decaído, um dos tópicos recorrentes, como vimos, nas concepções de Garrett e Herculano sobre Portugal. Podemos agora entender, de forma mais clara, os motivos da escolha desta lenda. Se, como acima notamos, as lendas mostram os costumes e as crenças de um povo, certamente *mais importante que o fato de a narrativa sobre o bispo negro e sobre o rei que o elegeu não ser verdadeira é o de que houve um povo que, em determinado ponto da sua história, pode engendrará-la, confiando assim tanto em sua força que supôs que poderia enfrentar o maior de todos os oponentes, o representante de Deus na terra*. A escolha deste enredo parece ser, nesta perspectiva, uma tentativa de fornecer ao presente de um país em que a *decadência da nacionalidade* é tão patente, em que os escritores antigos andam esquecidos, como indicara já Herculano no trecho sobre Fernão Lopes que anteriormente citamos, um espelho onde este presente possa se mirar e, através de um contato com a auto-imagem heróica que um dia teve de si, recuperar as passadas forças. Se para Herculano o seu presente era, como afirma entre outros textos na "Carta V" das *Cartas sobre a história de Portugal*, uma continuação das lutas da Idade Média, esta recuperação de uma *crença em si* seria uma possível saída para este país desnacionalizado e enfraquecido. Através deste conto podemos supor que o problema do país, mais do que a falta de certas condições materiais, seria o de falta de auto-confiança, que o exemplo do passado tenta restaurar. Como veremos este tipo de concepção se aproximará bastante do que, 60 anos depois, será pregado em *A Águia*, e terá outros ecos significativos antes disto, como as anotações apenas à *Pátria* de Junqueiro.

Por tudo o que aqui dissemos podemos concluir que a *imagem de Portugal* elaborada por esta geração é, de fato, não uma imagem única e consistente, mas a somatória de algumas constantes por vezes contraditórias.

De início apresenta um papel preponderante, como já havia sido notado por Joel Serrão, a idéia de decadência, que se apareceu pela primeira vez no *Bosquejo* e ganhou um significado fundamental na quinta das *Cartas sobre a História de Portugal* de Herculano, de fato percorre várias das obras aqui citadas, como *Frei Luís de Sousa*, *A Voz do Profeta* e mesmo "O bispo negro". Apesar da decadência, porém, existe, por um lado, um tom

---

<sup>77</sup>Ibidem. p.71.

generalizado de esperança no reerguimento do país, na grande maioria das vezes contraposto a uma realidade que, concretamente, não deveria permitir esta esperança. Assim, em obras tão diversas como o *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, as *Cartas sobre a História de Portugal* e mesmo em *Viagens na Minha Terra* encontramos este misto de esperança de reerguimento e visão negativa sobre o presente. Mas, por vezes, como também vimos, a realidade presente, por demasiadamente negativa, parece soçobrar a esperança, e surge então a imagem de um país sem possibilidade de futuro, por vezes imerso em uma decadência de que ou não consegue se livrar ou a que retorna após um período em que um reerguimento parecia possível. Neste caso podemos incluir tanto *Frei Luís de Sousa* como *A Voz do Profeta* e, em certo sentido, também alguns trechos das já citadas *Cartas*. Também podemos considerar como uma recorrência das *imagens de Portugal* deste período a importância que estes dois autores atribuem ao patriotismo e ao conhecimento das coisas de Portugal, que ambos reconhecem como fundamental e em cuja ausência vislumbram um dos sintomas, se não mesmo uma causa, do estado deplorável em que se encontra o país. Isto pode ser encontrado, particularmente em Herculano, na Introdução de *O Bobo* que citamos, em que o conhecimento do passado é visto como uma via possível de recuperação da energia perdida pela nação, visão que em "O bispo negro" é transmutada numa certa crença de que o que falta a Portugal é uma auto-confiança em si. Em relação a Garrett, podemos perceber uma grande preocupação de descobrir uma forma *portuguesa* de trazer para o país as conquistas da Europa: para este autor tanto a *liberdade* como os avanços técnicos só poderiam dar certo em Portugal se fossem adaptados às características específicas do país. Será este conjunto contraditório de recorrências que será herdado pela geração de 70, geração que analisaremos na próxima etapa deste trabalho.

## 2.3 A Geração de 70

Dorme o país, ou está ele morto?  
D. PEDRO V

Se pudemos, em relação a Garrett e Herculano, fazer um rastreamento relativamente exaustivo das principais formas como pensaram Portugal em suas obras, em relação à geração de 70 nosso trabalho se complexifica bastante pois estamos diante de uma gama bem maior de autores - Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, para citarmos apenas os mais importantes - que, ao longo de vários anos acabaram por assumir posturas muitas vezes antagônicas entre si. Foge completamente a nosso objetivo uma análise exaustiva desta geração, e vamos apenas tentar traçar, em linhas bastante gerais, o percurso das *imagens de Portugal* em seu interior, tendo como parâmetro as obras que mais diretamente influenciaram os colaboradores de *A Águia*. Em vista disto centraremos nossa atenção em três momentos: o inicial, em que nos preocuparemos basicamente com *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*, fazendo apenas referências rápidas a outras obras de Antero que podem ser com esta relacionadas; as imagens de Portugal presentes nos dois grandes livros históricos elaborados por esta geração, o *História de Portugal* e o *História da Civilização Ibérica*, ambos publicados inicialmente em 1879, em que daremos uma maior atenção a este segundo pelo papel que terá nas propostas saudosistas; e por fim com a visão de Portugal que podemos apreender das "Anotações" apenas à *Pátria* de Guerra Junqueiro, publicada em 1896, e de duas das obras da fase final de Eça, o conto "Civilização" de 1892, e *A Ilustre Casa de Ramires* de 1900. Temos plena consciência de que, de forma alguma, estas obras dão conta do conjunto das reflexões elaboradas por esta geração, mas, tendo em vista nossos objetivos, julgamos que elas serão suficientes para que possamos, posteriormente, melhor contextualizar o que vem presente em *A Águia*.

Se havia surgido culturalmente com a *Questão Coimbrã*, o papel da geração de 70 se afirma com as *Conferências do Casino* em que a sua proposta de intervenção no apático Portugal de então é formulada<sup>78</sup>. Nestas conferências assume papel de relevo Antero de

<sup>78</sup> Como afirma José-Augusto França a questão Coimbrã não teve maiores conseqüências culturais para o país:

"A Questão Coimbrã ardera-se como um fogo de palha, em 1865 e 1866. Tudo se passara como se o grupo de Lisboa tivesse ganho: de qualquer modo, a Escola de Coimbra, que jamais existira, morreu após a explosão das *Odes Modernas* e dos dois volumes de poesias de Teófilo Braga. Para toda a gente, ela era

Quental, não só por ter escrito e proferido a mais polêmica e decisiva delas, mas também por ter sido, na preparação deste acontecimento, o mais importante mentor, como fica claro no texto que Eça escreveu para o *In Memoriam* do autor dos *Sonetos*:

(...)Sob a influência de Anthero logo dois de nós (...) começamos à noite a estudar Proudhon, nos tres tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes. (...) E do Cenáculo, d'onde, antes da vinda de Antero (que foi como a vinda do rei Arthur á confusa terra de Galles), nada poderia ter nascido alem de chalaça, versos satanicos, noitadas curtidas a vinho Torres, e farrapos de filosofia fácil, nasceram, *mirabile dictu*, as Conferencias do Casino, aurora d'um mundo novo, mundo puro e novo que depois, oh dôr, creio que envelheceu e apodreceu....<sup>79</sup>

Este papel primordial de Antero no surgimento das *Conferências*, marco decisivo da ruptura que esta geração queria ser a instauradora, é que nos leva a iniciar a análise da *imagem de Portugal* produzida neste período por ele, e mais especificamente pela segunda conferência que proferiu na sala do *casino*. Deste texto, já bastante analisado pela crítica, interessar-nos-á de início principalmente avaliar em que medida nele são utilizadas e/ou reelaboradas as características básicas das *imagens de Portugal* que foram formuladas pela geração anterior.

Como sabemos, nesta conferência, após um preâmbulo em que aponta o quão delicado é o assunto que vai tratar para um auditório de peninsulares, Antero analisa o que foi a Península até a primeira geração da Renascença, e contrapõe a esta época a que se iniciou no séc. XVII. Sobre a diferença fundamental entre estes dois períodos afirma:

Deste mundo brilhante, criado pelo génio peninsular na sua livre expansão, passámos quase sem transição para um mundo escuro, inerte, pobre, ininteligente e meio desconhecido. Dir-se-á que entre um e outro se meteram dez séculos de decadência: pois bastaram para essa total transformação 50 ou 60 anos! Em tão curto período era impossível caminhar mais rapidamente no caminho da perdição.<sup>80</sup>

Esta decadência que atinge a península a partir do século XVII só pode ser explicada, para Antero, se buscarmos as suas causas no século XVI:

---

sinónimo de ideias confusas e metafísicas extravagantes. O universo intelectual voltava à sua paz essencial, romanticamente fontista." (FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. p. 1067.)

<sup>79</sup>QUEIROZ, Eça de. "Um genio que era um santo". *In Memoriam de Antero de Quental*. p.500-501.

<sup>80</sup>QUENTAL, Antero. *Prosas Sócio-Políticas*. p.263.

Quais as causas dessa decadência, tão visível, tão universal, e geralmente tão pouco explicada? Examinemos os fenómenos, que se deram na Península durante o decurso do século XVI, período de transição entre a Idade Média e os tempos modernos, e em que aparecem os germes, bons e maus, que mais tarde, desenvolvendo-se nas sociedades modernas, deram a cada qual o seu verdadeiro carácter. Se esses fenómenos forem novos, universais, se abrangerem todas as esferas da actividade nacional, desde a religião até à indústria, ligando-se assim intimamente ao que há de mais vital nos povos - estarei autorizado a empregar o argumento (neste caso, rigorosamente lógico) *post hoc, ergo propter hoc*, e a concluir que é nesses novos fenómenos que se devem buscar e encontrar as causas da decadência da Península.<sup>81</sup>

Como podemos notar pelo trecho acima, e já havia sido apontado por Joel Serrão e António José Saraiva entre outros, encontramos nesta conferência uma influência muito grande de Herculano. Não apenas a noção de decadência - que, como vimos, se foi tratada por Herculano não era dele privativa mas uma característica do período - mas o próprio fato de considerar que esta decadência se inicia no século XVI, e não no XVII como geralmente se considerava, mostra que Antero é tributário das *Cartas* que atrás analisamos. Não nos parece, porém, que, como afirmou Joel Serrão, "As inovações anteriores cingem-se na essência, por um lado, à generalização à Península Ibérica da problemática da decadência, e, por outro, à ideia-força que por então o movia e comovia e empolgava, a saber 'o novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro' "<sup>82</sup>. Existem uma série de outras diferenças que são fundamentais para configurar o tipo de visão de Antero, e, em certo sentido, de sua geração. De início é importante assinalar que se duas das três *causas da decadência* já haviam sido apontadas por Herculano, o absolutismo e as conquistas, o mesmo não ocorre com a terceira, e a segunda - as conquistas - no texto do autor das *Cartas* aparece muito mais como uma consequência do absolutismo, do que propriamente como uma causa que ajudara à decadência. Sobre o concílio de Trento devemos notar que não só Herculano não o cita nas *Cartas* como também não concorda, em grande parte, com a análise feita por Antero, na medida em que vê nele não uma causa, mas uma consequência do absolutismo<sup>83</sup>, e considera que após o citado concílio "no meio da decadência exterior, a

---

<sup>81</sup>Ibidem. p.268.

<sup>82</sup>SERRÃO, Joel. "Génese e estrutura do pensamento sócio-político de Antero de Quental". In: QUENTAL, Antero. *Prosas Sócio-Políticas*. p.21.

<sup>83</sup> Como pode ser verificado em "A supressão das Conferências do Cassino" em que afirma "Trento exprime um fato notável. A Igreja servira, séculos antes, como de tipo à sociedade temporal: a sociedade temporal, onde as liberdades da Idade Média tinham cedido já no campo ao absolutismo vitorioso, reflectiu na reorganização da Igreja". HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos, Tomo I*.p.257.

essência do catolicismo - o dogma - mantinha-se intacta. O símbolo salvo pelo concílio de Niceia e pelos esforços de Santo Atanásio continuou até nós imutável"<sup>84</sup>. Podemos mesmo supor que discorda do conjunto das reflexões de Antero sobre o papel do Cristianismo em Portugal, na medida em que no "A supressão das Conferências do Cassino" afirma:

Revela o trabalho que me remete [*As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*] as precipitações e os impetus próprios da idade de quem os delineou. Só os anos curam este defeito. Quisera eu que o Sr. Antero de Quental conhecesse melhor a doutrina e a tradição, porque havia de ser menos injusto com o catolicismo, embora não fosse menos severo, ou talvez o fosse ainda mais, com os padres.<sup>85</sup>

Já sobre a transformação das conquistas em uma causa da decadência, devemos notar que o próprio Antero mostra, em sua conferência, como é delicado este assunto:

Há dois séculos que os livros, as tradições e a memória dos homens, andam cheios dessa epopeia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escrita por todas as partes do mundo. Embalaram-nos com essas histórias: atacá-las é quase um sacrilégio. E todavia *esse brilhante poema de acção* foi uma das maiores causas da nossa decadência. É necessário dizê-lo, em que pese aos nossos sentimentos mais caros de patriotismo tradicional. Tanto mais que um erro económico não é necessariamente uma vergonha nacional. No ponto de vista heróico, quem poderá negá-lo? foi esse movimento das conquistas espanholas e portuguesas um relâmpago brilhante, e por certos lados sublime, da alma intrépida peninsular. A moralidade subjetiva desse movimento é indiscutível perante a história: são do domínio da poesia, sê-lo-ão sempre, acontecimentos que puderam inspirar a grande alma de Camões. A desgraça é que esse espírito guerreiro estava deslocado nos tempos modernos: as nações modernas estão condenadas a não fazerem poesia, mas ciência.<sup>86</sup>

Termos como *brilhante poema de acção*, *um relâmpago brilhante*, e *por certos lados sublime* nos mostram bem com que cuidado Antero tenta fazer o que ele mesmo qualifica como *quase um sacrilégio*. Existe, inegavelmente, uma grande distância entre mostrar a inutilidade das conquistas e apontá-las como uma causa da decadência. Para, porém, podermos perceber o significado desta postura, é importante relacionar este trecho com um outro, já quase no fim da conferência:

---

<sup>84</sup>Ibidem. p.258.

<sup>85</sup>Ibidem. p.252.

<sup>86</sup>QUENTAL, Antero. Op. cit. p.285-286.

Que é pois necessário para readquirirmos o nosso lugar na civilização? para entrarmos outra vez na comunhão da Europa culta? É necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado.<sup>87</sup>

Este trecho nos mostra que para Antero a única forma de Portugal recuperar o seu *lugar na civilização* seria quebrando *resolutamente com o passado*, ou seja, renegando aquelas características que, por mais que sejam fruto das causas apontadas, são também o que constituía a identidade nacional. Negar as descobertas e, junto com ela, as características tradicionais do país, é considerar que Portugal só tem saída se conseguir se inventar *outro*, se alterar radicalmente o que é e o que foi, refazendo-se à imagem e semelhança da Europa culta, da qual, então, fará parte. Como vemos, não é apenas a adesão ao socialismo e a generalização para a Península Ibérica que diferenciam esta conferência do que havia sido formulado por Herculano. Existe aqui não apenas uma interpretação nova da história de Portugal, o que em certa medida Herculano já havia feito, mas uma tentativa de alterar radicalmente a face do país, um desejo de transformá-lo no que de mais moderno, em termos econômicos e sociais, existia então na Europa.

Podemos agora entender por que António Quadros se refere a esta geração como "um grupo de jovens intelectuais insatisfeitos, europeístas e estrangeirados"<sup>88</sup>, ou que Lourenço considere:

Nas famigeradas *Conferências do Cassino* e no que delas se seguirá, não é apenas a mera realidade *histórico-política* de Portugal que vai ser questionada ou quem questiona os actores das Conferências: *é a totalidade do seu ser histórico-cultural*. O sentido da nossa aventura passada aparece aos olhos de alguns jovens impressionados com os ecos tardios da revolução técnica e ideológica da Europa, como *problemático*.<sup>89</sup>

Mas, devemos notar, esta postura *europeísta* ou mesmo *antinacionalista* de Antero não se inicia nesta conferência, como o trecho acima parece indicar. Já em 1868 em "Portugal Perante a Revolução de Espanha", após propor a criação de uma federação ibérica, afirmara:

---

<sup>87</sup>Ibidem. p.294.

<sup>88</sup>QUADROS, António. *A Ideia de Portugal na Literatura Portuguesa dos Últimos Cem Anos*. p.57.

<sup>89</sup>LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. p.95-96.

Se não é possível sermos justos, fortes, nobres, inteligentes, senão deixando cair nos abismos da história essa coisa a que já se chamou *nação portuguesa*, caia a nação, mas sejamos aquilo para que nos criou a natureza, sejamos inteligentes, nobres, fortes, justos, sejamos homens, muito embora deixemos de ser portugueses. Uma nação moribunda é uma coisa poética: infelizmente a melhor poesia, em política, não passa de uma política medíocre. Chorar, recordar-se, ou ameaçar em sonoros versos, pode ser extremamente sentimental: mas não adianta uma polegada os nossos negócios... Eu, por mim, pondo de parte toda a poesia e toda a sentimentalidade, contentar-me-ei de afirmar aos patriotas portugueses esta verdade de simples bom senso: que, nas nossas actuais circunstâncias, o único acto possível e lógico do verdadeiro patriotismo consiste em *renegar a nacionalidade*.<sup>90</sup>

Como vemos pelo trecho acima, para Antero é mais importante as condições gerais do país do que a própria existência de Portugal. Se apenas, como prega neste artigo, com a formação de uma federação ibérica seria possível transformar uma realidade medíocre e insatisfatória, Portugal deveria deixar de existir para que os portugueses tivessem uma vida melhor. Ou seja, a pregação presente nas *Causas da decadência* para que o passado seja renegado, em nome de um futuro melhor, não é um fato isolado, mas uma característica fundamental do pensamento de Antero. Nestes dois textos ele indica que só através de uma ruptura é que haveria saída para o país. Esta vontade de regenerar o país é, como apontou Fernando Piteira Santos, uma das constantes da reflexão anteriana<sup>91</sup>, e o acompanhará praticamente até sua morte.

Este conjunto de textos de Antero podem nos dar uma imagem bem clara do que foi a postura inicial de certos membros da geração de 70: As imprecações de Eça e Ramalho à Portugal nas *Farpas*, por exemplo, seguem este mesmo tipo de postura, tentando apontar as mazelas do país para que ele, de alguma forma, se reforme. Em vista disto julgo importante que delineemos com clareza as recorrências e transformações existentes entre a imagem de Portugal presente nestes textos e aquela, como vimos múltipla e por vezes contraditória, formulada por Garrett e Herculano.

Certamente Antero está muito mais próximo do segundo destes autores que do primeiro, e esta maior proximidade se deve não só à clara influência que Herculano exerceu sobre o autor das *Causas*, mas também pelo fato de Antero negar alguns dos pressupostos

---

<sup>90</sup>QUENTAL, Antero de. "Portugal perante a revolução de Espanha". *Prosas Sócio-Políticas*. p.241. Como sabemos o *Iberismo* foi uma questão debatida durante toda a segunda metade do século XIX, podendo portanto este texto de Antero ser inserido nesta tendência. (Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. v. III. p. 35-36.)

<sup>91</sup> "[Antero] Nunca deixará de pensar num Portugal diferente, numa *reforma social* que modernize e liberte a sociedade portuguesa". (SANTOS, Fernando Piteira. "Antero de Quental: As suas Ideias Políticas, a Acção revolucionária, a Intervenção Cívica". *Colóquio Letras* 123/124.p.76.)



fundamentais do pensamento garrettiano. Se, como vimos, para Garrett era fundamental que se adaptassem as idéias e conquistas da Europa às características especiais de Portugal, para que de fato elas pudessem florescer, se para ele o patriotismo era uma qualidade imprescindível, e a sua falta era justamente o que gerava as lutas e os insucessos da política portuguesa, tudo isto será veemente negado por Antero. Até a própria união com a Espanha, que em *Portugal na Balança da Europa* fora levantada como hipótese, mas uma hipótese que, como vimos, era uma última alternativa, se tudo o mais falhasse, e sobre a qual Garrett fala com repugnância, como se através dela quisesse de fato convencer seus leitores a agirem de tal forma que ela não fosse necessária, é defendida veementemente por Antero em um dos artigos que analisamos. Assim podemos supor que se Antero, e certos membros da geração de 70, representam uma ruptura em relação ao período anterior, esta ruptura é muito maior em relação ao pensamento de Garrett que ao de Herculano. Mas mesmo esta ruptura é apenas da ordem das respostas, e não das questões. Com isto quero dizer que tanto Garrett como Antero vêem os mesmos problemas no país- a estagnação, o povo miserável, a classe política inútil se não prejudicial - apenas formulam propostas distintas para que esta situação seja alterada. Enquanto Garrett considera como primordial a manutenção do país com aquilo que ele possui de característico, o que o diferencia do restante da Europa, Antero quer, à força, rasurar esta diferença, pois vê nela a conseqüência de erros seculares, que é necessário extirpar. Já atrás vimos que no radicalismo desta proposta Antero também se afasta de Herculano, por mais que dele mantenha algumas intuições fundamentais, como a visão da Idade Média como o período áureo do país e a necessidade de olhar o presente como o momento em que a decadência que caracteriza o país desde o século XVI poderá finalmente ser revertida. Também Herculano, preocupado com o patriotismo e com a integridade do país, não poderia concordar com as propostas mais radicais de Antero, como a negação total do passado e mesmo a extinção do país através de uma união com a Espanha.

Se, pelo que vimos acima, podemos concluir que existem diferenças marcantes entre as respostas dadas por Antero às mesmas questões nacionais que já haviam preocupado a Garrett e Herculano, respostas que como veremos serão em grande parte negadas posteriormente, devemos notar que existe um aspecto do pensamento de Antero, presente em *Causas da Decadência*, que acabará por ser desenvolvido pelas gerações futuras mesmo quando elas negarão os pressupostos anteriores, que ainda não foi bem observado pela crítica e que me parece fundamental. Este texto reelabora, na moderna literatura portuguesa, um tipo de visão temporal que se tornará, a partir dele, recorrente: a história portuguesa é vista como formada por dois tempos, um de grandeza e outro de decadência, e o que se espera do futuro é um retorno à grandeza passada. Se, durante a Antigüidade e a Idade

Média, Portugal era um país em consonância ou mesmo, em alguns aspectos, à frente do resto da Europa, é esta consonância que Antero espera que de novo seja alcançada, vencidos os efeitos das três causas que produziram, e ainda produziam, a decadência. Assim o futuro seria o momento em que, superados os problemas do presente, o estado passado voltaria a ser alcançado. Se este tipo de visão também é tributária de Herculano, na medida em que este via no presente uma retomada da Idade Média, após o hiato que foi o período do Renascimento, parece-nos inegável que em nenhum texto Herculano chegou a formular uma visão temporal assim tão cerrada, em que o futuro é a *terra prometida* que foi perdida, por pecados graves, no passado. Este tipo de visão, que subjaz às críticas ferinas que faz ao país em *As Causas da decadência*, acaba por filiar este texto a uma tradição que, pelo menos aparentemente, seria totalmente estranha às convicções de Antero: este tipo de visão histórica que tem sua origem matricial na "Écloga 4" de Virgílio, com sua visão prospectiva da idade do ouro, já havia sido expresso em Portugal, entre outros, por Camões em *Os Lusíadas*<sup>92</sup> e por Vieira em *A História do Futuro*, o que acaba por nos mostrar o quanto de mítico existe no pensamento anterior. O que ele espera, como Camões e Vieira o esperaram, é uma espécie de regresso à Idade do Ouro, em que Portugal era de fato um país, regresso obviamente impossível, pois não está fundado na realidade concreta da nação. Se Camões sonha com um país que, liberto da *apagada e vil tristeza* possa todo ele ingressar na Ilha dos Amores<sup>93</sup>, se Vieira na *História do Futuro* prevê Portugal como centro do quinto império, período em que as conquistas passadas serão suplantadas<sup>94</sup>, Antero espera que com a quebra do passado mais recente Portugal acabe por readquirir o papel que possuía na Europa no início de sua história. É como se, jogado para fora da história pelas três causas que geraram a decadência, Antero esperasse que Portugal de novo voltasse a fazer parte da história, assumindo em relação à Europa culta o papel que antes já havia possuído.

---

<sup>92</sup>Esta relação especificamente entre a *Écloga 4* de Virgílio e *Os Lusíadas* foi apontada por Helder Macedo em "*Os Lusíadas: celebração épica como crítica pastoril*". *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*. p.117-122.

<sup>93</sup>Cf. MACEDO, Helder. Op. cit.

<sup>94</sup>"Portentosas foram antigamente aquelas façanhas, ó Portugueses, com que descobristes novos mares e novas terras, e destes a conhecer o mundo ao mesmo mundo. Assim como lieis então aquelas vossas histórias, lede agora esta minha, que também é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que ele era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é o segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo. Maior Gama, maior Cabo, maior Esperança, maior Império". (VIEIRA, António. *História do Futuro*. p.54.)

Se acima notamos que existe uma maior proximidade de Antero com Herculano, a sua trajetória, como veremos, ainda mais o aproxima do autor de *Lendas e Narrativas*. Como afirma Fernando Catroga, após um primeiro momento combativo, Antero se desiludirá da possibilidade de rasurar a realidade que o cerca. Possuindo, como o seu amigo Oliveira Martins, uma visão organicista da sociedade<sup>95</sup>, e julgando que o individualismo liberal, se fora uma necessidade para destruir o mundo antigo, era uma fase que precisaria ser superada, pouco depois das *Conferências do Casino* não mais achará que esta mudança esteja prestes a acontecer:

(...) a política foi pensada (e sentida) por Antero como uma arte dependente das lições da economia e iluminada pelos ditames da moral. E passados os momentos eufóricos de 1868-1872, convenceu-se de que a evolução dos povos não era fruto das vontades individuais, mas emanava da vontade colectiva sujeita ao ritmo objectivo do tempo histórico. Ora, se naquela data Antero acreditou na iminência da morte do *homem velho* e no nascimento do *homem novo*, os anos mostraram-lhe que, afinal, a humanidade ainda necessitava de peregrinar longamente até à extinção definitiva do individualismo.<sup>96</sup>

Em vista disto acabará por assumir uma nova postura, a única possível diante destas conclusões a que chegou:

Com efeito, ao lerem-se algumas das suas cartas escritas neste período, transparece com evidência o seu julgamento negativo da *praxis* política. E, em coerência com a sua metafísica, a defesa do *homem ético* emerge como a única via de realização humana. Se, no presente, a história era incapaz de realizar o ideal que determinava o seu evoluir, então o caminho que evitava o cepticismo encontrar-se-ia na adopção de uma prática existencial interiorista que, pela sua autenticidade e grandeza universal, pudesse funcionar como um exemplo irradiador de virtudes esquecidas. (...) A vivência mística funcionava, assim, como uma antecipação

---

<sup>95</sup>(...) Antero defendia que as novas ciências sociais ensinavam "a ver a sociedade como um organismo dotado de vitalidade própria", cujas "leis não se alteram impunemente; um organismo em que, se tudo se move e se transforma, tudo se move no seu tempo e no seu lugar, conforme as condições internas da sua complexa e delicada existência" (CATROGA, Fernando. "Política, História e Revolução em Antero de Quental". *Revista de História das Ideias*, v. 13, p.31. Os trechos citados de Antero são de QUENTAL, Antero. *Prosas*, v.2, p.280-281.)

Em função disto, "Não espanta, assim, que um dos qualificativos mais frequentes que ele deu da palavra 'revolução' tenha sido o de 'evolução' ".(Ibidem. p.32.)

<sup>96</sup>CATROGA, Fernando. "O problema político em Antero de Quental . Um confronto com Oliveira Martins". *Revista de História das Ideias*, v. 3, p.169. Esta visão organicista da sociedade certamente se choca com a visão da história portuguesa que Antero apresenta em *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, em que três causas novas surgem na Península, alterando suas características anteriores. Como veremos esta *contradição* será, oito anos depois desta conferência ser proferida, criticada por Oliveira Martins em *História da Civilização Ibérica*.

individual do futuro ideal e colectivo e conduzia ao profetismo. Mas o profeta, enquanto vidente de um tempo que *ainda não é*, teria de ser sempre um isolado exemplar.<sup>97</sup>

Mas este tipo de postura não o afastará de todo da vida política. Apoiará os planos políticos de Martins quando do advento da "Vida Nova"<sup>98</sup>, e, logo após o *Ultimatum*, rompendo o seu isolamento em Vila do Conde, escreve um artigo publicado em 26 de janeiro de 1890, em que mostra que ainda tem esperanças de que o país se reforme:

Sob o insulto imprevisto, esta nação parece agora acordar: mas é necessário que o protesto nacional seja ao mesmo tempo um acto de contrição da consciência pública. Reconhecer os erros passados será já um começo de emenda: e temos muito, muito que emendar. O nosso maior inimigo não é o inglês, somos nós mesmos. Só um falso patriotismo, falso e criminosamente vaidoso, pode afirmar o contrário.

Declamar contra a Inglaterra é fácil: emendarmos os defeitos gravíssimos da nossa vida nacional será mais difícil; mas só essa desforra será honrosa, só ela salvadora. Portugal ou se reformará política, intelectual e moralmente, ou deixará de existir. Mas a reforma, para ser efectiva e fecunda, deve partir de dentro e do mais fundo do nosso ser colectivo: deve ser, antes de tudo, uma reforma dos sentimentos e dos costumes.<sup>99</sup>

Palavras que ecoam no próprio discurso lido para a Liga Patriótica do Norte, de que foi escolhido presidente:

Meus Senhores, creio firmemente que a fundação da *Liga Patriótica do Norte* será a primeira pedra edificio da restauração das forças nacionais. Não será esta porém uma obra de momentâneo entusiasmo, mas de aturada paciência, de patriótica e esclarecida perseverança.

O protesto contra o insulto e a vilania da Inglaterra, e o propósito de nos libertarmos da sua aviltante dependência, implica um esforço viril e persistente para sermos de facto independentes, o que hoje não somos nem política, nem economicamente. (...)

A vida nacional, para ser autónoma e independente, tem de ser remodelada. A nação tem de emendar erros profundos e numerosos, acumulados durante muitos

---

<sup>97</sup>CATROGA, Fernando. "O problema político em Antero de Quental . Um confronto com Oliveira Martins". *Revista de História das Ideias*, v. 3, p.115-116.

<sup>98</sup>Como sabemos a "Vida Nova" foi uma tentativa de Oliveira Martins de atuar politicamente, através de sua adesão ao Partido Progressista, que acabou malograda. Sobre os pressupostos que embasaram esta sua tentativa e os motivos que levaram Antero a apoiá-lo ver CATROGA, Fernando. "O problema político em Antero de Quental . Um confronto com Oliveira Martins". *Revista de História das Ideias*, v. 3, p.89-117.

<sup>99</sup>QUENTAL, Antero de. "Expição". *Prosas Sócio-Políticas*. p.447.

anos de imprevidência, de egoísmo, de maus governos e de corrompidos costumes públicos.<sup>100</sup>

Estes textos, em que encontramos posturas próximas das presentes no *Causas da Decadência* talvez partam do pressuposto de que o país, com o choque gerado pelo *Ultimatum*, estivesse preparado para efetuar a *evolução* necessária de suas características. Esperança que certamente era fadada ao insucesso, como os acontecimentos seguintes o demonstraram. Como já havia afirmado em carta anterior, datada de 29 de Junho de 1887, a Oliveira Martins, após o fracasso do "Vida Nova":

Ora Portugal *não quer* reforma. Isto é um fenómeno psicológico muito singular mas muito verdadeiro: as *sociedades perdidas não querem* de modo algum reforma; preferem o cataclismo.<sup>101</sup>

Assim podemos pensar que o trajeto desta *relação problemática* entre Antero e Portugal acaba por se aproximar bastante, como bem notou Fernando Catroga, do de Herculano. Se acreditou ser possível reformar o país, se mais de uma vez teve a ilusão que Portugal poderia se transformar *em outro*, acabou por se isolar da vida política, por concluir que, de fato, isto era impossível<sup>102</sup>.

Também Oliveira Martins teve uma *relação problemática* com o país. Articulador da "Vida Nova", ministro de estado por um curto período, sempre foi interpelado e interpelou esta realidade mesquinha que era seu país, tentando rasurá-la. Porém não é a sua vida política que aqui nos interessará, mas sim as duas *Histórias* que publicou em 1879, em especial a da *Civilização Ibérica*, pelo muito que influirá em algumas posturas assumidas pelos saudosistas, que acabarão por *reler* esta obra, dando-lhe um sentido que não era exatamente aquele que lhe tinha dado seu autor.

É no início de sua *História de Portugal* que Martins explicita a diferença entre estas duas obras:

---

<sup>100</sup>QUENTAL, Antero de. "Discurso Lido na Sessão de 7 de Março da Liga Patriótica do Norte pelo Seu Presidente Antero de Quental". *Prosas Sócio-Políticas*. p.455-456.

<sup>101</sup>Apud SANTOS, Fernando Piteira. Op Cit. *Colóquio Letras* 123/4.p.78.Grifos nossos.

<sup>102</sup>"Ora, parece-nos indiscutível que, quando Antero abandona a acção política, quando se refugia nos Açores ou em Vila do Conde, quando se lança na busca do lenitivo filosófico, quando, por fim, escolhe o meio radical da anulação física, o seu exemplo não deixa de invocar o paradigma herculiano."(CATROGA, Fernando. "O problema político em Antero de Quental . Um confronto com Oliveira Martins". *Revista de História das Ideias*, v. 3, p.124.)

Na *História da Civilização Ibérica* tratámos de estudar o sistema de instituições e de ideias da sociedade peninsular, para expor a sua vida colectiva orgânica e moral. Tomámos aí a sociedade como um indivíduo, e procuramos retratá-lo física e moralmente. Agora o nosso propósito é diverso. (...)

Metade da história portuguesa está (...) escrita na *História da Civilização Ibérica*: a metade que trata da vida da sociedade como um ser orgânico. (...)

Resta fazer a segunda metade: resta caracterizar o que há de particular na história portuguesa; resta fazer viver os seus homens e representar de um modo real a cena em que se agitam: tal é o programa deste livro.<sup>103</sup>

A história da nação portuguesa, como é vista em *História de Portugal*, pode ser dividida em dois grandes períodos: o da dinastia de Borgonha e o da de Avis. No primeiro, como afirma Paulo Franchetti, Martins considera que "a nação se vai fazendo inconscientemente, ao sabor das paixões individuais dos reis, sem que saiba exatamente o que está sendo feito"<sup>104</sup>, enquanto que no segundo, após a Revolução de 1383, em que "começava a vida da nação como um indivíduo completo e equilibrado"<sup>105</sup>, Portugal já tem consciência de "sua índole característica, expressão da vontade enérgica que lhe vai permitir manter-se como nação independente: a vocação marítima"<sup>106</sup>. "Formado assim para o mar, Portugal duraria enquanto durasse o desígnio que o formou: a exploração e o domínio do oceano"<sup>107</sup>. Nesta perspectiva, para Martins, Portugal morre com o desastre de Alcácer, e, o país que ressurgiu após a restauração de 1640, não é mais a mesma nação:

É verdade que a nossa independência restaura-se em 1640. Mas como? De que modo? Atrever-se-á alguém a dizer que é uma ressurreição? Não será a história da Restauração a nova história de um país que, destruída a obra do império ultramarino, surge no XVI século, como no nosso apareceu a Bélgica, filho das necessidades do equilíbrio europeu? Não vivemos desde 1641 sob o protectorado da Inglaterra? Não chegamos a ser positivamente uma feitoria britânica?<sup>108</sup>

---

<sup>103</sup>MARTINS, Oliveira. *História de Portugal Vol. I*. p.14.

<sup>104</sup>FRANCHETTI, Paulo. "No Centenário da Morte de Oliveira Martins". In: MARTINS, J. P. O., QUEIROZ, J. M. *Correspondência*. p.20.

<sup>105</sup>Ibidem. p.21.

<sup>106</sup>Ibidem. p.22.

<sup>107</sup>Ibidem. p.22.

<sup>108</sup>MARTINS, Oliveira. *História de Portugal Vol. I*. p.29-30.

Esta diferença entre o primeiro Portugal, um país que se formou e que sucumbiu, e o segundo, simples feitoria da Inglaterra, aparece segundo António José Saraiva na própria forma como cada um destes dois momentos é narrado nesta *História*:

O pano desce sobre a história da "nação" e segue-se outro cenário com outros personagens. Ao passo que a primeira parte da obra é narrativa, e se fundamenta em fontes narrativas, nomeadamente Fernão Lopes, a segunda parte é dramática e apresenta no palco personagens permanentes e exteriores que são o Jesuíta, o Inglês e o Bragança. A segunda parte da *História de Portugal*, que é a história da decadência, torna-se um panfleto contra esses três personagens. O Portugal que pretensamente ressurgiu foi fabricado de fora para dentro pela pedagogia dos Jesuítas, foi sustentado no plano internacional pela Inglaterra (...) e foi presidido por um boneco obediente, o Bragança.<sup>109</sup>

Se de alguma forma a nação portuguesa ainda existe, não é através deste novo estado criado "sobre o mesmo território e com o mesmo nome e língua"<sup>110</sup>, mas por estes *epitáfios* da nacionalidade que são *Os Lusíadas* e o sebastianismo:

Acabavam ao mesmo tempo, com a pátria portuguesa, os dois homens - Camões, D. Sebastião - que nas agonias dela tinham encarnado em si, e numa quimera, o plano de ressurreição. Nesse túmulo que encerrava, com os cadáveres do poeta e do rei, o da Nação, havia dois epitáfios: um foi o sonho sebastianista; o outro foi, é, o poema d'*Os Lusíadas*. A pátria fugira da terra para a região aérea da poesia e dos mitos.<sup>111</sup>

Portugal, por tudo o que acima dissemos, é para Martins uma nação que não mais existe, que sobrevive não por forças internas, mas por necessidades da política europeia, e que, enquanto cadáver que de fato é, está em decomposição desde 1580<sup>112</sup>. Mas, para além desta visão profundamente pessimista sobre o país, este livro termina por algumas interrogações, como podemos ver abaixo, que apontam para a possibilidade de uma esperança, mesmo que remota:

---

<sup>109</sup>SARAIVA, António José. *A Tertúlia Ocidental*. p.108.

<sup>110</sup>FRANCHETTI, Paulo. "No Centenário da Morte de Oliveira Martins". In: MARTINS, J. P. O., QUEIROZ, J. M. *Correspondência*. p.23.

<sup>111</sup>MARTINS, Oliveira. *História de Portugal Vol. II*. p.57.

<sup>112</sup>Devemos aqui lembrar que o "Livro sexto" da *História de Portugal*, que narra os acontecimentos de 1580 a 1777, chama-se justamente "A Decomposição".

Continua ainda a decomposição nacional, apenas interrompida de um modo aparente pelas ideias revolucionárias e pela restauração das forças económicas fomentadas pelo utilitarismo universal? Ou presenciamos um fenómeno de obscura reconstituição, e sob a nossa indecisa fisionomia nacional, sob a nossa nudez patriótica, sob a desesperança que por toda a parte ri ou geme, crepitará latente e ignota a chama de um pensamento indefinido ainda?<sup>113</sup>

Se estas perguntas, como veremos, encontram em parte uma resposta na *História da Civilização Ibérica*, antes de abordarmos este livro, devemos salientar o que a *História de Portugal* traz de novo em relação às imagens do país que até agora analisamos. Como podemos notar a concepção básica que perpassa esta obra de Oliveira Martins é a de que Portugal existiu enquanto teve uma ideia coletiva que o definia enquanto nação: passados os períodos de elaboração inconsciente desta ideia - a dinastia de Borgonha -, e de sua concretização no domínio dos mares - a dinastia de Avis -, o país morre, deixando de ter existência, e só persistindo enquanto um território aparentemente independente por motivos externos à sua vontade. Com as perguntas finais do livro, que abrem a possibilidade de que, apesar das aparências, estivesse sendo gerado um *pensamento ainda indefinido*, Martins lança a hipótese de que uma nova ideia coletiva, que desse uma *nova unidade* a este país que não mais existe, pudesse vir a surgir. Se isto estivesse a ocorrer, novamente Portugal voltaria a ter uma existência, distinta da anterior, mas gerada de seu interior, e não das necessidades de outras nações. Esta perspectiva, como veremos, se somada à da *História da Civilização Ibérica* estará na base de muitas de algumas reflexões sobre o país que acabarão por desaguar nas propostas saudosistas, e a isto nos referiremos após analisar esta segunda *história* de Martins.

Entre os muitos aspectos presentes em *História da Civilização Ibérica*, um chama imediatamente a atenção se estamos a pensar nas imagens de Portugal produzidas pela geração de 70: existe nesta obra uma crítica a algumas ideias fundamentais do *Causas da Decadência* de Antero. Vejamos como isto ocorre.

Na parte seguinte a um capítulo que se chama justamente "Causas da decadência dos povos peninsulares", Martins *cede a palavra* ao autor dos *Sonetos*:

Cederemos a palavra a um nosso escritor ilustre, que num discurso, cuja ideia se nos afigura incompleta e insustentável à luz da história, desenhou, porém, com os mais vivos e eloquentes traços o quadro dessa decadência que se arrasta pelos séculos XVI e XVII<sup>114</sup>

<sup>113</sup>MARTINS, Oliveira. *História de Portugal Vol. II*. p.211.

<sup>114</sup>MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*. p.305-306.



Como podemos ver, ele considera a idéia de Antero - as concepções por ele elaboradas sobre os motivos da decadência da península - *incompleta e insustentável à luz da história*. E assim o faz pois, para Martins, a sociedade é um organismo, "é uma árvore nascida de uma semente"<sup>115</sup> e, portanto, se a sociedade Ibérica decaiu não foi por fatos específicos, novos, introduzidos num determinado período de sua história. Além disso, como bem notou António José Saraiva, se as nações eram para Martins indivíduos, o afastamento da Ibéria do que Antero considerava o *espírito moderno* "não significava propriamente um atraso mas a afirmação de uma personalidade que se desenvolvia num sentido diferente do da Europa central"<sup>116</sup>. Logo, os motivos que a levaram à decadência, fruto da sua constituição enquanto um *indivíduo característico*, foram os mesmos que, antes, a haviam levado ao apogeu:

Se quisermos resumir em poucas palavras, as causas da desorganização da sociedade peninsular, achamos três que nos dão a chave do problema: o Individualismo, o Jesuitismo e as conquistas. Todas três são, agora, formas corrompidas de um grande pensamento já anacrónico; e assim, o verdadeiro e único princípio de corrupção está no próprio facto de sua grandeza anterior. O Individualismo dera os grandes homens - agora dá apenas miseráveis que, afectando a grandeza num luxo perdido, pensam que o ouro e a dissolução bastam para criar e manter uma aristocracia. O Jesuitismo, ou antes o movimento místico donde ele saíra, fora a íntima fibra, a mola interior da energia peninsular - e agora é apenas uma religião de obediência, e uma escola de sistemática perversão. As conquistas foram a empresa que os dois sentimentos anteriores levaram a executar - e agora são apenas a sentina que vaza sobre a Península um ouro corruptor, o estigma da escravidão, a sífilis, o amor da ociosidade, a desordem dos costumes.<sup>117</sup>

Após fazer estas reflexões se refere claramente ao que existiria de problemático no texto de Antero:

De tudo isto somos levados a concluir que as causas da decadência da Península não são uns certos e determinados factos desorganizadores, que devem contrapor-se às causas da sua anterior prosperidade e glória. Esse dualismo não é

<sup>115</sup>SARAIVA, António José. *A Tertúlia Ocidental*. p.94.

<sup>116</sup>Ibidem. p.194-195.

<sup>117</sup>MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*. p.308-309.

próprio da história, nem da natureza. As causas iniciais da vida e da morte são as mesmas: uma implica na outra; no princípio da primeira está a razão da segunda.<sup>118</sup>

Como já deixara patente em outro momento, a decadência em sendo consequência da grandeza anterior é o preço que a península paga por tudo que antes realizou:

Assim como o excessivo trabalho consome o corpo, assim como o demasiado esforço do pensamento esvai o cérebro dos homens, assim acontece aos povos que um dia executaram uma grande obra ou viveram de uma ardente ideia. Que há porém realmente digno, mais eminentemente nobre, do que isto, na vida dos indivíduos e das nações? Existimos para mais do que produzir, consumir, e obscuramente voltarmos ao seio da natureza animal; não condenemos, pois, as duras consequências do heroísmo.<sup>119</sup>

Se existe aqui uma revalorização da história peninsular, que deixa de ser um *erro* como o fora para Antero, para ser um *dado positivo*, pois a Ibéria conseguiu fazer mais do que *produzir, consumir e morrer*, em outro momento esta revalorização da história peninsular ganhará alguns contornos que serão, como acima afirmamos, junto com as idéias presentes em *História de Portugal*, a base de muitas das imagens posteriores sobre o país.

De início, na trilha de Herculano, mas por aspectos bastante diversos, ao se referir no último livro desta *História* sobre do que ainda falta nela realizar, Oliveira Martins traça uma homologia entre o seu presente e a Idade Média:

Conclui a nossa tarefa por notar a obscura e indeterminada agitação colectiva que, à maneira do que se viu na Idade Média, prepara, se não realiza já, o génesis de um novo pensamento colectivo, qual outrora foi o catolicismo<sup>120</sup>.

Esta homologia será explicitada, de forma clara, no final desta obra, em que também teremos outros aspectos fundamentais. De início Martins fala da dissolução da Espanha antiga e do surgimento de uma nova Espanha:

Podemos considerar terminada a dissolução da Espanha antiga? Podemos dizer criada a novíssima Espanha? Não decerto; porque o naturalismo não basta para animar um corpo social, nem o utilitarismo para governar um sistema de órgãos políticos. Social e moralmente, o edifício da novíssima Espanha está em via de construção, não está construído. O que principalmente se conseguiu foi

---

<sup>118</sup>Ibidem. p.311.

<sup>119</sup>Ibidem. p.302.

<sup>120</sup>Ibidem. p. 305.

dissolver; mas como na sucessão concatenada dos seres há saltos, a dissolução implica em reorganização. Da mesma forma que na Idade Média, os novos elementos saem do seio dos antigos; da mesma forma que então, dá-se hoje uma série de movimentos colectivos, obscuros e anónimos.<sup>121</sup>

A seguir considera que o "movimento europeu, humanista, científico (...) destruiu o cristianismo"<sup>122</sup>, mas não criou ainda uma nova idéia coletiva, e que em vista disto esta falta não deve ser motivo para a Ibéria desanimar pois "a Europa inteira está como nós"<sup>123</sup>, após o que indica:

(...) No que ela [a Europa] de nós difere é no grau de desenvolvimento do saber, da ordem e da indústria. Essas três formas de actividade própria das sociedades humanas são também (...) as três condições essenciais de uma futura definição de princípios. (...) Não pode haver pensamento sem órgãos; não pode haver sociedades moralmente vivas sem que previamente vivam de um modo fisicamente próspero. A constituição do organismo precede a da ideia, que só se define à medida que o corpo colectivo cresce e medra.

(...)

O que nos cumpre fazer, se queremos entrar no concurso das nações que rapidamente caminham para a definição do sistema de ideias modernas, é reconstituir o nosso corpo social, mais que nenhum outro abalado e doente por uma enfermidade de três séculos. Cumpre-nos aumentar o nosso pecúlio científico e melhorar a nossa ferramenta industrial. Carecemos de ser tão sábios e tão ricos como os melhores da Europa: não porque aí esteja o fim das nossas ambições, mas porque, sem conseguir primeiro isso, jamais poderemos vê-las realizadas. (...) Por muitos lados a nossa história de hoje repete a antiga; e meditando-a bem, nós, peninsulares, acaso descobramos nela a prova da existência de uma força íntima e permanente que libertando-nos da imitação das formas estrangeiras, poderá dar à obra de reconstituição orgânica da sociedade um cunho próprio, mais sólido por assentar na natureza da raça, mais eficaz porque melhor corresponde às exigências da obra.<sup>124</sup>

Após estas considerações, termina seu livro afirmando:

Nós acreditamos firme e diremos até piamente (...) na futura organização das nações da Europa; cremos portanto em uma vindoura Espanha mais nobre e mais ilustre ainda do que foi a do século XVI. Acreditamos também que já hoje

---

<sup>121</sup>Ibidem. p. 335.

<sup>122</sup>Ibidem. p. 335-336.

<sup>123</sup>Ibidem. p. 336.

<sup>124</sup>Ibidem. p.336-337.

navegamos na viagem para este porto, embora os nevoeiros conturbem as vistas dos nautas agora que apenas acabamos de largar as costas do velho mundo. Que papel destina o futuro à Península, e qual será a fisionomia dessas idades vindouras? A história não é profecia; mas o estudo das idades passadas deixa entrever muitas vezes as probabilidades futuras; e, quando, através de todas as crises, no meio dos ambientes mais sistematicamente adversos, observámos que o heroísmo peninsular soube vencer tudo com a sua indomável energia, somos levados a crer que o papel dos apóstolos das futuras ideias está reservado aos que foram os apóstolos da antiga ideia católica. A independência dos caracteres individuais e a nobreza do carácter colectivo deram e hão-de dar à Espanha, quando os seus áureos tempos voltarem, esse aspecto monumental e soberano que a distingue no mundo. (...)

Daqui por séculos, alguém, ao declinar do sol dessa futura idade (...) fará para a vindoura Espanha o que nós acabámos de fazer com amor, para a Espanha do passado.<sup>125</sup>

Se sentimos a necessidade de citar vários trechos desta parte final da *História da Civilização Ibérica* é por que, como o dissemos, eles serão fundamentais para muitas das imagens que posteriormente serão elaboradas do país. De início devemos assinalar que aquelas perguntas com que se fecha o *História de Portugal* aqui são respondidas, se não a nível exclusivamente português, pelo menos a nível ibérico. Martins acredita que a dissolução da península já esta terminando, e que esta dissolução já realiza a síntese da nova ideia coletiva que irá presidir a sociedade. Desta forma, se em certo sentido toda a península está em decomposição, esta decomposição já produz, para usarmos uma metáfora biológica, o *húmus* que permitirá o advento da nova península que está se formando. Existe assim algo de cíclico neste tipo de concepção, numa imagem que se aproxima dos ciclos naturais, em que a morte do outono/inverno é o prenúncio da nova vida na primavera. Como poderemos ver mais à frente esta imagem cíclica será herdada e transmutada por António Nobre, que tirará dela conseqüências que, certamente, fogem às propostas martinianas, mas são delas herdeiras.

Além disto, ao mostrar a trajetória da antiga Espanha católica para a nova sociedade que ainda está se formando como uma *navegação*, que partindo do *velho mundo* busca por entre *nevoeiros* o novo *porto*, ou seja, a futura ideia-síntese que vai congrega a sociedade, Martins acaba por criar um *topos* que será recorrentemente utilizado a partir de então, e que ganhará sua melhor formulação nas páginas de *A Águia*. O destino da península, ou de forma mais restrita o de Portugal, será nesta perspectiva o de conquistar um novo poderio através de *novas navegações*, desta feita não mais terrenas e sim espirituais. Assim não só é recuperada a importância das navegações passadas como elas se transformam em

---

<sup>125</sup>Ibidem. p.338-339.

paradigma de um futuro a ser atingido<sup>126</sup>. Se nesta obra o uso da imagem das navegações pode ser considerado como um símile, através do qual Martins explica o estado atual da península e o futuro que, em seu ponto de vista, lhe cabe, ela ganhará uma concretude muito maior nos textos que, a partir de "San Gabriel" de Pessanha, analisarão o sentido passado e futuro do *navegar português*.

Outro aspecto fundamental, em que as idéias de Oliveira Martins serão claramente incorporadas e modificadas a partir deste momento é o de considerar como falta fundamental para o futuro desenvolvimento da península, e em certo sentido de toda a Europa, a criação de uma *idéia coletiva* que venha a substituir o Cristianismo que, neste aspecto, já se dissolveu. Se anteriormente havíamos encontrado uma postura que apontava como principal carência de Portugal a falta de uma *crença em si*, como ocorre em "O bispo negro" de Alexandre Herculano, ou de uma *nova forma de encarar o passado*, como acontece em *Causas da Decadência*, as duas apontando para a necessidade de modificar, em certo sentido, *espiritualmente* o país, esta concepção martiniana estrutura estas concepções de forma bem mais consistente, pois não só aponta para a necessidade de elaboração desta *idéia coletiva*, mas também indica que para que este processo possa ocorrer é necessário que, primeiro, a península consiga ser tão *sábia* e tão *rica* como as demais nações européias, já que, em seu ponto de vista, e só tendo um corpo sadio e moderno é que os países da Península Ibérica poderiam, coletivamente, gestar esta nova idéia, já que a *constituição do organismo precede a da idéia, que só se define à medida que o corpo coletivo cresce e medra*. Assim Martins articula as *necessidades materiais* às *necessidades espirituais*, mostrando as primeiras como um meio necessário para atingir as segundas.

Esta concepção será incorporada em muitas das obras que a partir de agora analisaremos, mas será também claramente invertida: será um mote recorrente, que irá da *Pátria* de Junqueiro aos textos de *A Águia*, o de considerar que o que falta a Portugal é algo da ordem da *vontade* ou do *espírito* e não, propriamente, bens econômicos ou materiais. Ou seja, a necessidade de uma *idéia coletiva* será assumida, mas como pré-requisito para as *mudanças materiais*<sup>127</sup>. Assim, se a falta desta *idéia coletiva* será recorrentemente repetida,

---

<sup>126</sup>Certamente, esta valorização da *imagem* da navegação também faz com que este texto se diferencie bastante do *Causas da Decadência*. O que lá fora um dos erros que geraram a decadência, aqui se transforma em metáfora do que ainda cabe à Espanha conseguir.

<sup>127</sup>Como poderemos notar quando analisarmos *A Águia* quem incorporará esta idéia de Martins, mas reduzindo bastante a sua amplitude, será António Sérgio, que considerará com pré-requisito necessário para o desenvolvimento intelectual do país o seu melhoramento econômico.

o será invertendo o ponto de vista martiniano, pelo qual ao surgimento desta *idéia* antecede uma recuperação intelectual e econômica da península.

Certamente muito mais poderia ser dito sobre estas duas obras, mas, nos aspectos que aqui nos interessam, podemos afirmar que elas estarão na base de muitas das reflexões que, a partir deste momento, serão feitas sobre o país.

Da década de 90 a 1900, nas anotações apenas à *Pátria* de Junqueiro e em *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça, poderemos encontrar claramente a inversão que acima apontamos ao nos referirmos à relação entre realidade material e gestação de uma nova *idéia coletiva*.

Se o poema *Pátria* é em grande parte tributário do *História de Portugal* de Oliveira Martins, em especial na forma como descreve este personagem insignificante que é o *Bragança*, são nas anotações que junta a este poema que vemos articuladas algumas das linhas mestras do que depois se transmutará nas concepções de Portugal que encontraremos em *A Águia*.

Elas se iniciam por uma visão bastante depressiva da realidade nacional, em que todas as camadas do país são descritas como ineptas ou inativas. Este tom, que percorre o conjunto do texto, coexiste porém com uma visão, insistentemente repetida, de que o que falta ao país é alma, é uma vontade firme que o transforme em outro. Para Junqueiro, se o povo é "imbecilizado e resignado"<sup>128</sup>, como diz já na abertura de seu texto, é também em certo sentido um repositório da alma nacional que ainda pode ser acordada, como nos mostram os trechos abaixo:

(...) um povo, enfim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional, - reflexo de astro em silêncio escuro de lagoa morta (...).<sup>129</sup>

Ha (...) bem no fundo deste povo um pecúlio enorme de inteligência e de resistência, de sobriedade e de bondade, tesouro precioso, oculto há séculos em mina entulhada. É ainda a sombra daquele povo que ergueu os Jerónimos, que escreveu os *Lusíadas*. Desenterremo-la, exumemo-la. Quem sabe, talvez revivesse!<sup>130</sup>

---

<sup>128</sup>JUNQUEIRO, Guerra. "Anotações". *Pátria*. p.187.

<sup>129</sup> Ibidem. p.187.

<sup>130</sup>Ibidem. p. 194.

Além disto, é um povo facilmente  *moldável*, o que facilitaria qualquer tentativa de reforma:

O português, apático e fatalista, ajusta-se pela maleabilidade da indolência a qualquer estado ou condição. Capaz de heroísmo, capaz de cobardia, toiro ou burro, leão ou porco, segundo o governante. (...)

A ductilidade, quase amorfa, do carácter português, se torna duvidosas as energias colectivas, ou espontâneos movimentos nacionais, facilita, no entanto, de maneira única, a acção de quem rege e quem governa. Um grande escultor, eis o que precisamos.<sup>131</sup>

Nesta perspectiva tudo o que o país precisaria seria de um homem capaz de levar seu povo ao caminho correto:

A metempsicose, em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, boca para rezar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro. O Nunálvares de hoje não usaria cota, nem escudo, mas, ao cabo, seria idêntico. A mesma chama noutro invólucro. Não combateria castelhanos, combateria portugueses. O inimigo moranos em casa. (...)

E, removidos os focos epidémicos, voltaria em breve a saúde geral. A obra de reconstrução, inda que lenta, marcharia sem estôrvo.<sup>132</sup>

Se espera um salvador, alguém que como Nunálvares encarne o espírito nacional, é porque considera que o que falta ao país é alma - "Alma! eis o que nos falta"<sup>133</sup> - e que só através de um homem assim o país poderia se congregar em torno de uma idéia coletiva:

Qual era, pois, a grande missão de um govêrno em Portugal? Fazer de quatro milhões de espíritos um só espírito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz divergentes, aquecem; convergentes abrasam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quase estéreis, na indiferença colectiva. (...) Mas a abnegação e o sacrifício de todos, a comunhão unânime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Pátria, transfigurar-nos-ia por encanto, de povo de chatins em povo de heróis, de mortos com direito ao cemitério, em gente viva com direito ao pão, com direito à luz.<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup>Ibidem, p.193-194.

<sup>132</sup>Ibidem. p.197-198.

<sup>133</sup>Ibidem. p.198.

<sup>134</sup>Ibidem. p.207.

Assim, já nestas anotações podemos perceber alguns importantes deslocamentos das idéias presentes nos textos de Martins que atrás analisamos. Também aqui, como lá, o que é necessário é a criação de uma *idéia coletiva* que una os portugueses em torno de um único ideal. Mas, a partir deste núcleo comum, surgem evidentes diferenças. O povo, maleável e incapaz de gerar por si esta idéia, necessita de alguém que o dirija, que se transforme no instrumento da galvanização da alma nacional que nele dorme. Se isto ocorrer, o resto será dado ao país, já que o seu principal defeito é da ordem do espírito, da vontade, e não propriamente de suas condições materiais, que são simples decorrência da primeira falta. Se este texto de Junqueiro acabará por se transformar numa apologia da República, em função da incapacidade do rei e da monarquia de poderem gerar este *herói necessário*, os demais aspectos aqui presentes acabarão por reaparecer na virada do século, redimensionados, no *A Ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós.

Certamente foge aos nossos objetivos uma análise integral desta obra. Queremos apenas assinalar como a trajetória de Gonçalo, este nobre decadente que surge no romance explicitamente como símile de Portugal<sup>135</sup>, pode ser vista como uma proposta de recuperação da perdida alma nacional que geraria *como decorrência* uma nova realidade econômica para o país. O decadente Gonçalo se recupera de sua ingênita covardia e de sua falta de confiança em si quando entra em contato com a força esquecida de sua raça, através do sonho em que os antepassados lhes entregam suas armas, entrega que no dia seguinte se cristalizará na descoberta, por seu criado, de um velho chicote. É este chicote, arma vinda de um passado desconhecido, que lhe restitui o auto-respeito, ao com ele enfrentar, em um ímpeto que não sabe explicar, o valentão Ernesto de Nacejas que várias vezes já o afrontara, o que o transforma num *herói* para toda a população ao redor da Torre de Santa Ireneia. É após esta recuperação de características há muito inexistentes, que definiam a sua família em séculos anteriores, que Gonçalo, num ímpeto gerado por esta auto-confiança que recuperou, parte para a África, abandonando uma cômoda cadeira de deputado, para conquistar os bens necessários para a recuperação de sua casa. Como bem notou João Medina:

(...)rompendo com a clique política que baixamente cortejara (...), Gonçalo parte, isto é, desliga-se das vias tradicionais do Poder e da Glória nacionais: a Política, o Nome. E fá-lo justamente por sentir em si uma política mais alta, uma tradição mais forte e mais séria do que a simples pertença a uma linhagem antiga e formalmente respeitada: porque sendo ele próprio um retrato de Portugal (...) tem o dever de recomeçar, varrendo as miragens fáceis, as vias gastas, trocando-as pela

<sup>135</sup>Como sabemos no fim do romance João Gouveia considera que as características de Gonçalo são equivalentes às peculiaridades de Portugal. (Cf. QUEIROZ, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. p. 456-457.)



porta estreita do sacrifício, do empenho pessoal e heróico, do esforço honesto e regenerador que vem do mais fundo da alma, do mais antigo da raça e da História nacional.<sup>136</sup>

Se confrontarmos o que aqui dissemos sobre este livro com as reflexões de Junqueiro a que atrás nos referimos, podemos perceber que nestas duas obras a superação dos problemas econômicos do país passa, necessariamente, primeiro, por uma recuperação da *alma* ou da *auto-confiança* em si. Se Portugal está decadente, isto se deve mais a uma perda de sua crença em suas próprias potencialidades, da não coragem em enfrentar os desafios e as empresas arriscadas que caracterizou o período áureo, do que propriamente à realidade concreta do país. Esta segunda é apenas decorrência da primeira. Estamos, como poderemos ver mais à frente, a um passo do que embasa muitas das propostas que caracterizarão os saudosistas, pilar das imagens de Portugal nos primeiros volumes de *A Águia*. Esta perspectiva também estará presente no conto "Civilização", mas nele encontraremos além dela outras características que, a nosso ver, o transformam numa das mais originais visadas sobre a decadência portuguesa produzidas no século passado<sup>137</sup>.

De início devemos considerar que neste conto encontramos uma clara influência de determinadas posturas assumidas por Garrett no *Viagens na minha terra*. Como vimos nesta obra o narrador, em um determinado momento, diz que "o povo povo, está são: os corruptos somos nós os que cuidamos saber e ignoramos tudo"<sup>138</sup>. Ora, Jacinto é um pouco este ser que julga *saber tudo* mas que acaba aprendendo, se não com o *povo povo* ao menos com o Portugal mais tradicional e castiço, que a sua infelicidade e desânimo diante da vida são frutos de uma *supercivilização* que, ao invés de lhe trazer felicidade, de fato o amesquinha e o deteriora. Esta perspectiva em que felicidade e desenvolvimento não são categorias que se imbricam, junto a um desprezo pela ciência enquanto caminho possível para a felicidade, também já poderia ser encontrada neste livro de Garrett, como podemos ver abaixo:

(...) E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, (...) à penúria absoluta, para produzir um rico? (...)

---

<sup>136</sup>MEDINA, João. *Eça Político*. p.108-109.

<sup>137</sup>Mais à frente explicitaremos por que optamos por trabalhar com este conto, e não com o romance *A cidade e as Serras* a que ele deu origem.

<sup>138</sup>GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra*. In: *Frei Luís de Sousa - Viagens na Minha Terra*. p.339.

Logo a nação mais feliz, não é a mais rica. Logo o princípio utilitário é a *mamona* da injustiça e da reprovação. Logo...

*There are more things in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.*

A ciência deste século é uma grandessíssima tola.

E, como tal, presunçosa e cheia de orgulho dos néscios.<sup>139</sup>

Mas neste conto temos bem mais que uma simples herança desta concepção garrettiana. Nele o progresso e a modernidade são vistos como causadores da infelicidade, e portanto devem ser evitados, devendo-se buscar a simplicidade rústica, a vida o mais próximo possível da natureza agreste. Temos assim uma vinculação clara entre a simplicidade e a felicidade. Não é de estranhar, portanto, que na estrutura do conto Portugal que é, em relação à Europa, justamente o campo, o rústico, e o arcaico, se converta, de fato, em um país à frente dos demais, como fica implícito no trecho abaixo, retirado das reflexões que o narrador, no fim do conto, faz quando está saindo do deteriorado *Jasmineiro*, que fora abandonado quatro anos antes por Jacinto:

A chuva de Abril secara: os telhados remotos da cidade negrejavam sobre um poente de carmesim e ouro. E, através das ruas mais frescas, eu ia pensando que este nosso magnífico século XIX se assemelharia um dia, àquele *Jasmineiro* abandonado, e que outros homens, com uma certeza mais pura do que é a Vida e a Felicidade, dariam, com eu, com o pé no lixo da supercivilização, e, como eu, ririam alegremente da grande ilusão que findara, inútil e coberta de ferrugem.

Àquela hora, decerto, Jacinto, na varanda, em Torges, sem fonógrafo e sem telefone, reentrado na simplicidade, via, sob a paz lenta da tarde, ao tremeluzir da primeira estrela, a boiada recolher entre o canto dos boieiros.<sup>140</sup>

Assim, quando a Europa abandonar a *ilusão da supercivilização* acabará por fazer o mesmo caminho já então feito por Jacinto: e será em Portugal, no campo português, não influenciado, como Lisboa, por esta miragem, que poderá encontrar os elementos necessários para se reconstruir em novas bases. Desta forma, Eça, neste conto, rasura de forma radical as concepções de decadência que até agora tinham sido elaboradas não só por sua geração, mas mesmo por Garrett e Herculano. Se existe uma decadência ela é a de Jacinto, e a de outros que, como ele, vivem na ilusão da supercivilização, *erro* em que a

<sup>139</sup>Ibidem. p. 156-157.

<sup>140</sup>QUEIROZ, Eça de. "Civilização". *Contos*. p. 112.

Europa está imersa. Portugal, o verdadeiro Portugal que guardou as suas tradições, que, diferentemente da cosmopolita capital, não se deixou influenciar pelas conquistas europeias, não é decadente. Assim podemos pensar, partindo dessas premissas, que a decadência é uma miragem ou, se preferirmos, um erro de visão, causado por este olhar que vê no país o que lhe falta para ser Europa, e não o que ele possui de específico, o que, em seu aparente atraso, faz com que ele esteja à frente dos demais países: longe da *supercivilização* o povo português é o repositório do tipo de vida que, num futuro não muito distante, a Europa irá buscar<sup>141</sup>.

Nesta perspectiva Portugal não deve modernizar-se, pois isto significaria cair na mesma ilusão *supercivilizada* em que a Europa estava. A saída é uma recuperação de suas características peculiares, fundo onde se encontra o único caminho possível para a felicidade. Jacinto transforma-se assim, como é Gonçalo em *A Ilustre Casa de Ramires*, em um paradigma a ser seguido. Nestas duas obras, de formas diversas, Eça acaba por criar personagens que, em suas trajetórias, são homens que saem de uma situação *decadente* para atingirem a *felicidade*. Os dois simbolizam, em momentos diversos, formas de reaportuguesar o país, de redescobrir um rosto português apagado ou por uma falta de confiança congênita, como o primeiro, ou por um defeito de visão que não consegue enxergar as vantagens do que está perto e tenta, inutilmente, reproduzir o que está longe.

Como podemos verificar, na leitura que aqui fizemos da geração de 70, certamente apenas uma de múltiplas possíveis, existe uma interessante mudança de perspectiva às respostas que, ao longo do tempo, deram para a questão básica de como recuperar o país da situação em que se encontrava. Pudemos notar que essas respostas, se começam com uma clara proposta de quebra das tradições, vão pouco a pouco tendendo a valorizar as especificidades do país, o que ele possui de característico, como uma via possível para esta regeneração. Assim, já nos últimos textos que aqui analisamos, como poderemos ver mais à frente, estamos muito próximos de certas posturas que aparecerão em *A Águia*. Antes porém de passarmos para esta revista, precisamos falar, mesmo que brevemente, de algumas tendências anteriores à sua publicação, o que faremos na próxima parte.

---

<sup>141</sup>Se aqui optamos por trabalhar com este conto e não com *A cidade e as Serras* é justamente por que no romance não temos nenhum equivalente desta reflexão final do narrador do conto. Se também lá temos a trajetória de Jacinto, não temos esta relação intrínseca entre o futuro destino da Europa e o presente do campo português.

### 2.3 Do fim do século à República

Brade à Europa e à Terra inteira: Portugal não pereceu

*A Portuguesa*

Oscar Lopes, ao analisar em *Entre Fialho e Nemésio* o período que vai de 1890 a 1910, considera:

Três são, pode dizer-se, os grandes feixes de tendências que dominam a nossa literatura entre 1890 e 1910. O primeiro desses feixes, aquele que cronologicamente se desenha mais cedo e tem o seu aparente ponto de partida em tradições mais assentes, é o de certas tendências novi-românticas, historicistas, sentimentalistas, que pretende reatar, com efeito, uma tradição romântica, mas na verdade reagem a circunstâncias que as levam até, por vezes, a virar do avesso aqueles mesmos mestres dos quais se apresentam como continuadores. Na medida em que, no decénio de 1890, acorda já a consciência dessa inevitável ruptura sob uma aparente continuidade romântica e em que este novi-romantismo se torna permeável a uma estética já sem pretensões de representar a vida popular portuguesa, a uma estética confessadamente minoritária, cosmopolita, com requintes exóticos, formalistas ou decadentes ficamos em presença de um novo feixe distinto de tendências, designáveis como esteticistas-decadentistas. Finalmente, o Naturalismo recorta-se sobre um fundo de transições que o ligam, sim, a estes dois feixes, mas distingue-se dele por uma combatividade crítica herdada da Geração de 70, e que, por um lado, procura manter-se em contacto aguerrido com os fenómenos novos de mecanização industrial, proletarização, especulação financeira, degradação do liberalismo monárquico, embora, por outro lado, ceda inconscientemente terreno àquele mesmo romantismo idealizador da velha Expansão e de velhos paraísos rurais a que deveria opor-se se, na verdade, o seu republicanismo dominante prolongasse, em todas as suas conseqüências, os momentos mais ousados da anterior geração realista e do romantismo setembrista.

Numa panorâmica preliminar, podemos, por isso dizer, na base desta tripartição estética (...) que a geração de 90 tem o seu principal ponto de partida numa súbita consciência de utopia que o Ultimatum, a crise financeira subsequente, o aumento das tensões políticas e sociais despertaram, quer quanto ao idealismo de um progresso monárquico-liberal simbolizado pelas vias-férreas de Fontes, quer quanto ao idealismo oposto, à Proudhon, de um "socialismo" a realizar pedagogicamente e de cima para baixo, perfilhado pela geração de 70. E, assim, enquanto alguns dos novos, os historicistas, neogarretianos e líricos saudosos se agarram às margens irracionistas do primeiro Romantismo, outros, os esteticistas-decadentistas, fazem da desesperança contemplativa e formalista *fin-de-siècle* a sua própria razão humana ou nacional de ser, ao passo que os escritores mais em contacto com as realidades e possibilidades sociais imediatas restringem as críticas

de tradição romântica e realista a novos horizontes de consciência muito mais inequivocamente pequeno-burgueses.<sup>142</sup>

Esta longa citação é necessária, pois não só define, de forma clara, as principais tendências presentes no período que agora nos interessa, mas também mostra que, diferentemente dos momentos anteriores que atrás tratamos, estamos neste diante de várias correntes que se imbricam e que se afastam, tornando, na medida de nossos propósitos, praticamente impossível a construção de uma análise que tente minimamente abarcar as imagens de Portugal geradas em um momento tão multifacetado. Como ao contextualizarmos, após a análise dos três primeiros volumes de *A Águia*, as principais colaborações nela existentes em relação à tradição que a precede, voltaremos a tratar deste período, queremos aqui apenas apontar o papel que, em oposição ao pessimismo neo-garrettista, a *esperança republicana* nele representa - fundamental para depois podermos entender certas características dos textos que iremos estudar - e falar de duas obras que podem ser consideradas como pontes entre certas concepções antes observadas e aquelas que aparecerão na revista portuense.

Eduardo Lourenço, ao se referir, em "Da literatura como interpretação de Portugal", ao período do final do século em Portugal, considera:

O *ser* e o *destino* de Portugal como horizonte de aventura literária converte-se-iam nos finais do século em autêntica *obsessão*. Mas sob a forma neo-garretiana, o tema perde o seu carácter dramático e profundo (...). Com esse neo-garretismo (...) a interpretação particulariza-se, amesquinha-se, Portugal torna-se um conglomerado de *diminutivos*, aceita-se e explora-se na sua folclórica miséria.<sup>143</sup>

Esta *obsessão*, de fato, como no próximo capítulo poderemos comprovar, não teve muita influência sobre os principais textos que foram, poucos anos depois, publicados em *A Águia*. Se, inegavelmente, os saudosistas também tenderão a tentar recuperar as tradições nacionais, será de um ponto de vista, em vários aspectos, bastante diverso do dos neo-garrettistas, que, como afirma Augusto da Costa Dias, tenderão a ver na incipiente modernização de Portugal uma ameaça à suas características mais íntimas, tendo "o pressentimento, o vaticínio de uma irremediável desgraça: o fatal ruir, no futuro, de um

---

<sup>142</sup>LOPES, Oscar. *Entre Fialho e Nemésio*. p.12-13.

<sup>143</sup>LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. p.105.

mundo que, no presente, se começa a degenerar"<sup>144</sup>. O que os neo-garrettistas tentarão realizar é a perpetuação deste mundo que está desaparecendo através da arte<sup>145</sup>.

Na antípoda da postura derrotista dos neo-garrettistas encontra-se a *esperança* depositada no advento da República. Esta esperança que percorre as obras de vários escritores, dos quais devemos em especial citar Teófilo Braga e Guerra Junqueiro, porém, compartilha com o neo-garrettismo de um certo irracionalismo: tanto o terror diante de um mundo que se acaba, como a desmedida esperança em um outro que pode começar, possuem, de fato, pontos em comum.

Oliveira Marques, ao analisar a evolução do republicanismo, considera que a ideologia que o embasa, surgida de forma clara nos meados do século XIX, nestes mais de 60 anos que foram do seu aparecimento à efetiva implantação da República, se ganhou a adesão de uma parcela significativa da população, em especial após as comemorações do centenário de Camões em 1880 e do *Ultimatum*, perdeu muito em consistência. Se em 48 o primeiro mentor importante da República, Henrique Nogueira, defendia uma forma específica de governo, neo-municipalista, participando de uma federação ibérica socialista, em 1890 ou 1900 ser republicano era ser contra a Monarquia, a Igreja, os Jesuítas e contra a corrupção política e os grupos oligárquicos, mas não era ser a favor de nenhuma proposta efetiva e clara:

(...) a tendência geral era antes para se conceder à palavra "República" algo de carismático e místico, e para acreditar que bastava a sua proclamação para libertar o país de toda a injustiça e de todos os males. (...) Na verdade, o Republicanismo veio a findar também como uma espécie de utopia, no sentido em que implicava um regime perfeito "do povo, para o povo", baseado em completa igualdade, liberdade e "justiça democrática". (...) Em suma, o programa republicano pode dizer-se que consistia, essencialmente, no estabelecimento da verdadeira liberdade, da autêntica igualdade e da perfeita fraternidade sobre a terra.<sup>146</sup>

Esta esperança desmedida em uma forma de governo cuja proclamação, por si só, iria criar uma nova ordem que, quase magicamente, geraria um novo Portugal, melhor e mais justo, pode ser bem caracterizada por *A Portuguesa*, hino nacional a partir de 10, do

---

<sup>144</sup>DIAS, Augusto da Costa. *A Crise da Consciência pequeno Burguesa*. p.92.

<sup>145</sup>Cf. Ibidem. p.87-98 e OLIVEIRA, Alberto de. "A respeito de Portugal". *Palavras Loucas*. p.209-222.

<sup>146</sup>MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal III*. p.267.

qual são os trechos: "Heróis do mar, nobre povo... levantai hoje de novo o esplendor de Portugal..." "...brade à Europa e à Terra inteira: Portugal não pereceu..." "...Saudai o sol que desponta sobre um ridente porvir; seja o eco d'uma afronta o sinal do ressurgir..."<sup>147</sup>.

Assim, a República acaba por se transformar em uma palavra mágica, em uma vaga esperança que, claramente, nenhum governo concreto poderia transformar em realidade.

Se, como veremos, é também sobre o signo da *esperança* que estarão muitas das colaborações aos primeiros volumes de *A Águia*, devemos aqui assinalar duas obras que, publicadas no final do século, elaboram este desejo de engrandecimento do país de formas bastante específicas, que influirão decisivamente em certos aspectos da revista que aqui nos interessa. Estamos aqui nos referindo a *Despedidas* de António Nobre, escrito entre 1895 e 1899, e a "San Gabriel" de Camilo Pessanha, publicado inicialmente no *Jornal Único* de Macau em 25 de Maio de 1898.

Da primeira obra nos interessa principalmente uma parte de *O Desejado* em que se fala sobre o grandioso futuro que espera Lisboa. Neste trecho, escrito em dezesseis oitavas com versos decassílabos, em clara referência formal a *Os Lusíadas*, o tempo é considerado circular, sendo o futuro o retorno da glória passada, como podemos notar, entre outros, no trecho:

O que já foste tu [Lisboa], n'outras idades  
Grande e famosa acima das Nações,  
Tu de novo o serás, porque as cidades  
Têm varias mortes e ressureições,  
Novas conquistas, outros galeões...<sup>148</sup>

Este *ressurgir* da Lisboa imperial, prometido por um poeta que se assume como bruxo e profeta<sup>149</sup>, se associa, no poema, ao retorno de D. Sebastião, ao qual o eu lírico se

<sup>147</sup> Apud. Ibidem. p.267.

<sup>148</sup> NOBRE, António. *Despedidas*.p.111.

<sup>149</sup>"Velha Lisboa, minha mãe-Madrinha  
Tu voltarás a ser o que já foste,  
E não, não cuides que é ilusão minha,  
Pois nenhuma já tenho a que me encoste!  
Não sei quê dentro em mim m'adivinha  
Não sei que voz m'o diz de que eu mais goste  
E bem no sabes de bem longe: os Poetas  
Não se enganam - são bruxos, são Profetas!"  
(Ibidem., p.112)

refere logo após afirmar que a pátria está em sepultura, estando portanto, dentro da lógica do poema, pronta para renascer:

Esperai, esperai, ó Portugueses!  
 Que ele há-de vir, um dia! Esperai.  
 Para os mortos os séculos são meses,  
 Ou menos que isso, nem um dia, um ai.  
 Tende paciência! finarão revezes;  
 E até lá, Portugueses! trabalhai.  
 Que El-Rei-Menino não tarda a surgir,  
 Que ele há-de vir, há-de vir, há-de-vir!<sup>150</sup>

Podemos ver neste poema algumas influências de Oliveira Martins que são claramente reelaboradas. Se o autor de *História de Portugal*, como notamos, via na dissolução da Espanha antiga já o nascimento da nova idéia que iria congregiar o país, possuindo assim uma visão cíclica, em que a morte do passado é já o nascimento do futuro, Nobre exacerba esta concepção, vendo no futuro destino de Lisboa uma reprodução de seu passado, e na morte do país a certeza de seu renascimento. Mas não apenas isto. Se, para Martins, Portugal morre em Alcácer, esta clara vinculação entre o renascimento nacional e a volta do rei-menino também pode ser considerada como tributária desta concepção martiniana. Mas também devemos considerar que, neste poema, existe algo do Antero de *Causas da Decadência*. Se, quando analisamos este texto, pudemos notar que em certos aspectos ele se filia a uma tradição da literatura portuguesa que, tendo sua origem matricial em *Os Lusíadas*, é de fato tributária da *Écloga 4* de Virgílio, este poema está, ainda mais claramente, ligado a esta tradição. Aqui o que se espera do futuro é um possível retorno do poderio da época das Descobertas, que será consumado com a volta do seu rei que *se foi aos mouros*, e ainda não voltou<sup>151</sup>.

Com *San Gabriel*, apesar de partilhar com Nobre não só de uma visão extremamente positiva sobre as navegações como de certas influências advindas da geração de 70, estamos diante de uma nova concepção: o passado não mais é tomado como algo

---

<sup>150</sup>Ibidem.p. 115.

<sup>151</sup>Devemos notar que Nobre não tem sempre esta visão positiva sobre o destino de Portugal, como pode ser visto, entre vários outros momentos, no terceto final do segundo dos sonetos de *Só*:

"Nada me importa, País! seja meu Amo  
 O Carlos ou o Zé da T'resa ... Amigos,  
 Que desgraça nascer em Portugal!"  
 (Idem, *Só*. p.148.)



grandioso em si, mas como um fato cujo verdadeiro significado só será dado pelo que ainda falta cumprir, como podemos ver no trecho:

Pararam de remar! Emudeceram!  
 (velhos ritmos que as ondas embalaram)  
 Que cilada os ventos nos armaram!  
 A que foi que tão longe nos trouxeram?<sup>152</sup>

A pergunta com que se fecha este segundo quarteto indica claramente que o significado das grandes navegações ainda não se completou. Assim, neste poema, *regenerar* não é mais retornar ao antigo poderio, como em *Nobre*, mas atingir uma nova conquista:

Vem guiar-nos, Arcanjo, à nebulosa  
 Que do além vapora, luminosa,  
 E a noite lactescendo, onde, quietas,  
 Fulgem as velhas almas namoradas...  
 - Almas tristes, severas, resignadas,  
 De guerreiros, de santos, de poetas.<sup>153</sup>

Apenas atingindo esta nebulosa, em uma viagem claramente espiritual e não mais terrena, é que os portugueses, com a ajuda de arcanjo Gabriel, poderão não regressar a um antigo estado superior, mas atingir um novo estado em que o passado ganhará seu verdadeiro significado, em que a missão iniciada no passado, e interrompida, será finalmente completada<sup>154</sup>.

Podemos perceber aqui, claramente, um desdobramento do trecho final de *História da Civilização Ibérica* de Oliveira Martins, que atrás analisamos. Nesta obra Martins usava a imagem de uma navegação para descrever a trajetória da antiga Espanha católica para a nova sociedade que ainda estava se formando, sendo assim esta *viagem* uma espécie de retomada do *antigo navegar*, só que desta feita não mais terreno e sim espiritual. O que no

---

<sup>152</sup>PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*.p.46.

<sup>153</sup>Ibidem.,p.47. Trocamos o *à noite* presente no terceiro dos versos acima na edição que estamos utilizando, por *a noite*, em função do que vem afirmado em GARCEZ, Maria Helena Nery, FRANCHETTI, Paulo. "A viagem de Vasco da Gama na virada do século". *Estudos Portugueses e Africanos*, 22. p.52-53.

<sup>154</sup>Uma análise bastante próxima a que até aqui fizemos sobre este poema, em que vários outros aspectos também são apontados, pode ser encontrada em GARCEZ, Maria Helena Nery, FRANCHETTI, Paulo. op. cit. p.51-64.

livro de Oliveira Martins poderia ser visto apenas como um símile ou uma metáfora, se transforma, neste poema, numa clara esperança de retomada do navegar que ainda não se completou. Como poderemos verificar estas *novas navegações espirituais* se transformarão em um tema extremamente recorrente nos dois primeiros volumes da segunda série de *A Águia*

Como podemos notar, o rastreamento que aqui fizemos acabou por confirmar as hipóteses de Joel Serrão e Eduardo Lourenço, que apresentamos no início desta parte: a tentativa de regenerar este país frágil e passível de morte que era Portugal se constitui em um dos temas centrais da cultura portuguesa do século XIX ao início do XX. Estamos agora, após tudo o que aqui discutimos, já em condições de passar para o que é o centro de nosso trabalho: a análise das imagens de Portugal na segunda série de *A Águia*

### 3. AS IMAGENS DE PORTUGAL NA SEGUNDA SÉRIE DE A ÁGUIA

### 3.1 Introdução

Mais de 200 autores colaboraram na parte dos 20 volumes da segunda série de *A Águia* a que tivemos acesso<sup>1</sup>. Se é grande este número, ele porém não se distribui de forma uniforme, como pode ser visto na tabela I, "Relação dos colaboradores de *A Águia* em ordem decrescente de número de volumes em que participaram, com o número de textos publicados em cada volume", presente no Anexo desta tese, em que foram listados todos os colaboradores em ordem decrescente de participação por número de volumes. A partir desta tabela pudemos confeccionar o quadro abaixo<sup>2</sup>.

**Quadro 1**

**Quadro do número de colaboradores por quantidade de volumes em que publicaram textos.**

<b>Número de volumes em que colaboraram</b>	<b>Número de colaboradores</b>
Mais de 10 volumes	10
7 a 9 volumes	6
5 ou 6 volumes	14
4 volumes	14
3 volumes	18
2 volumes	35
1 volume, com mais de um texto	17
1 volume, com um único texto	126
Total	240

<sup>1</sup>A segunda série de *A Águia* foi composta por 20 volumes, totalizando 120 números. Deste material não tive acesso aos 3 últimos números, ou seja, à metade final do último volume, pois não consegui localizá-los no Brasil.

<sup>2</sup>Apesar de António Arroio ter colaborado em mais de 12 volumes, não computamos o seu nome entre os que ocupam esta categoria, pois em seis destes volumes ele colaborou apenas como tradutor.

Como podemos ver a partir da tabela I e do quadro 1, um grupo muito pequeno de dez escritores constitui o núcleo daqueles que colaboraram em mais da metade dos volumes da revista, composto por Jaime Cortesão, António Sérgio, Vila-Moura, Augusto Casimiro, Mário Beirão, Virgílio Correia, José Teixeira Rego, Leonardo Coimbra, Philéas Lebesgue e Teixeira de Pascoaes. Um primeiro dado importante, antes de nos referirmos especificamente a estes colaboradores, é a frequência de participação destes autores ao longo dos 20 volumes. O quadro abaixo mostra o número de textos publicados por cada um deles nos primeiros nove volumes e nos onze volumes seguintes<sup>3</sup>.

**Quadro II**

	número de textos publicados do primeiro ao nono volume	número de textos publicados do décimo ao vigésimo volume	total
Colaborador			
Jaime Cortesão	27	10	37
António Sérgio,	29	16	45
Mário Beirão	16	10	26
Vila-Moura	25	13	38
Augusto Casimiro	29	6	35
Leonardo Coimbra	24	5	29
Virgílio Correia	17	7	24
José Teixeira Rego	29	7	36
Philéas Lebesgue	13	11	24
Teixeira de Pascoaes	45	3	48

Como podemos ver, com a exceção de Philéas Lebesgue<sup>4</sup>, existe uma acentuada diminuição do número de artigos publicados por estes colaboradores no segundo grupo de

<sup>3</sup>A idéia de dividirmos os volumes da revista nestes dois conjuntos veio de percebermos, ao tabularmos os textos publicados por estes 10 escritores, que eles passaram a ter um número de colaborações por volume muito menor a partir do décimo.

<sup>4</sup>Devemos aqui notar que a grande maioria dos textos de Lebesgue publicados em *A Águia* não é composta por textos escritos especificamente para esta revista, mas reproduções de artigos sobre a literatura portuguesa que publicava no *Mercure de France*, o que faz que a sua colaboração em *A Águia* independa da sua vontade de publicar nesta revista.

volumes, o que nos leva a supor que houve uma mudança no perfil da revista neste segundo momento. Esta hipótese fica ainda mais reforçada se notarmos que Pascoaes, líder do grupo *saudosista* e o principal colaborador da revista até o décimo volume, tendo neles publicado 43 textos, no décimo primeiro desiste de ser diretor literário da *Renascença*, e não mais volta a publicar neste periódico<sup>5</sup>. Assim, uma questão primordial que precisaremos responder quando partirmos para a análise sistemática da revista será a de que características ela possui antes e depois de 1916 (ano em que são publicados o nono e o décimo volumes), na medida em que a partir deste ano notamos uma acentuada diminuição no número de textos publicados por seus principais colaboradores, e em que medida podemos encontrar uma diferença marcante entre estas características.

Se o que acima apontamos parece indicar que não encontraremos uma homogeneidade na revista, a própria constituição deste grupo dos onze principais colaboradores também corrobora para este fato. Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes constituem o grupo central do *Saudosismo* que, em um primeiro momento, parece ser o mais importante dentro da *Renascença Portuguesa*, sociedade da qual *A Águia* é *orgão divulgador*. Nada mais natural, portanto, que tivessem nela uma participação assídua. Também Augusto Casimiro e Mário Beirão estão, nos primeiros volumes, intimamente ligados aos ideais deste grupo, e no interior desta revista acabam por se constituir como os mais assíduos poetas, já que Pascoaes, certamente um poeta muito mais significativo na época, colabora principalmente com textos de intervenção e trechos de alguns livros em prosa<sup>6</sup>. Phileas Lebesgue, por seu turno, é um divulgador da cultura portuguesa na França e, apesar de fazer parte de um movimento poético bastante distinto do Saudosismo, acaba por, em vários de seus textos, mostrar a relevância dos membros deste

<sup>5</sup>Foi esta a carta que foi publicada no número triplo 61-63 de *A Águia*:

" À Direção da "Águia"

Amarante, 5 de Janeiro, 1917

Ao Ilustre Presidente da Comissão Executiva ou à pessoa que mais idônea for:

Venho declarar a V. que deixo, a partir desta data, de ser o diretor literário da *Águia*, órgão da *Renascença Portuguesa*, não prescindindo, todavia, da honra de continuar a ser socio da referida sociedade.

De V., com a maior consideração, confrade muito agradecido

TEIXEIRA DE PASCOAES" (*A Águia*, 2ª série, v.11, p.116)

É importante salientar que por outros textos deste autor ( ver, entre outros, o prefácio de *Arte de Ser Português*, publicado em 1915, e a parte final de *Os poetas Lusíadas*, que foi escrito em 19) podemos concluir que de fato é do projeto saudosista, que acalentara e ardorosamente defendera, que Pascoaes se desliga nesta época.

<sup>6</sup> Devemos notar que o período em que Pascoaes participa da *Renascença* coincide com o de uma mudança de sua forma de expressão preferencial. As obras que publicou até 1911 foram todas em verso, e a partir de 12 a prosa passará a ser cada vez mais recorrente e preponderante.

grupo. Porém os outros principais colaboradores não estão estreitamente ligados ao Saudosismo, e entre eles podemos mesmo encontrar o grande adversário deste movimento, António Sérgio, que não só travou, através da revista, uma longa e acirrada polémica com Teixeira de Pascoaes, que iniciando-se no número 22 (volume 4) vai até o 31 (volume 6), como chegou a publicar outros textos explicitamente contrários a este movimento, como mais a frente veremos.

A presença assídua deste autor, e dos outros não ligados diretamente às propostas saudosistas, indica claramente que *A Águia* estava aberta a colaborações de várias vertentes, por mais que, como veremos, em um primeiro momento o Saudosismo fosse preponderante.. Assim ao analisarmos a revista precisaremos levar em consideração que nela não encontraremos homogeneidade, já que, mais do que o espaço ocupado por um grupo específico para divulgar suas idéias, ela será um vasto campo de debate e confronto, em que participarão autores das mais variadas tendências.

Deste breve levantamento inicial podemos tirar duas conclusões sobre os caminhos a seguir na análise da revista. Primeiramente, como ela parece que se modifica ao longo dos anos, apenas uma análise diacrônica, em que de início cada grupo de volumes seja trabalhado separadamente, poderá nos dar uma imagem mais fiel das modificações que porventura ocorram. Além disto, ao lado desta análise, precisaremos mapear os vários grupos que nela participam, tentando rastrear as várias tendências que se aproximam ou se chocam. Tentar destrinçar os vários fios que se cruzam e embaralham nesta revista, tomando como centro de interesse as *imagens de Portugal* nela presentes, e ver como eles se alteram ao longo dos dez anos em que a segunda série de *A Águia* foi publicada será o duplo objetivo deste capítulo.

### **3.2 Os três primeiros volumes: sob o império da Saudade**



### 3.2.1. Introdução

Álvaro Pinto, diretor e proprietário da primeira série de *A Águia* e, segundo o depoimento de alguns membros da *Renascença Portuguesa*, a espinha dorsal deste grupo durante a segunda série<sup>7</sup>, retrucando certas afirmações que António Sérgio havia publicado no *Diário de Notícias*<sup>8</sup>, afirmou em 1938 na revista *Ocidente*:

Não foi efêmera nem pretendeu jamais reduzir-se a uma insignificante igreja literária a obra da "Renascença". A ingênua dogmática do "saudosismo", a que o sr. António Sérgio quis reduzir a "Renascença", não foi nem princípio de programa, nem meio, nem fim. E tanta liberdade teve Teixeira de Pascoais para apresentar e exaltar o "saudosismo", como o sr. António Sérgio para o atacar em todos os tons, como Fernando Pessoa para vaticinar o advento dum supra-Camões, Vila-Moura para defender o Estado artista, ou Teixeira Rêgo e Afonso Cordeiro para exporem as doutrinas que quiseram sobre sacrifícios, ritos, climas e línguas.<sup>9</sup>

Estas palavras indicam claramente que para Álvaro Pinto os pontos de vista do *Saudosismo* não representavam os da *Renascença* (e chega mesmo a depreciar este movimento ao considerar que esse possuía uma *ingênua dogmática*, como já havia dito António Sérgio no *Diário de Notícias*), o que comprova ao afirmar que foram publicados em *A Águia* artigos em que eram defendidos as mais diferentes idéias, até mesmo anti-saudosistas, como eram as de António Sérgio. Em relação a esta *abertura* da revista para as mais diferentes colaborações, também Pascoaes, líder incontestado do *Saudosismo*, por mais que não aceitasse este título<sup>10</sup>, e Jaime Cortesão várias vezes em seus artigos a afirmaram,

---

<sup>7</sup>Cf. os artigos de Jaime Cortesão, António Sérgio e Mário Beirão em *Ocidente*, v. 52, n. 226, fev. 1957.

<sup>8</sup>Foi coisa efêmera [a *Renascença Portuguesa*], porque surgiu nela, logo de início, a pretensão a igreja literária, com a ingênua dogmática do *saudosismo*, e porque desprezou a vertebralidade. Os que não acatámos aquela dogmática desprendemo-nos logo da 'Renascença', e formámos mais tarde a 'Seara Nova', depois da tentativa da 'Pela Grei' ". (Apud PINTO, Álvaro. "Para a História da *Águia* e da *Renascença Portuguesa*". *Revista Ocidente*, v 1, n.2. p.143).

Mantivemos a ortografia original de todos os textos presentes neste capítulo, atualizando apenas os títulos das obras analisadas.

<sup>9</sup>PINTO, Álvaro. *Ibidem*. p.144-145. Devemos notar que, se discorda das palavras de Sérgio sobre a *Renascença*, concorda com a forma como ele qualifica o *Saudosismo*.

<sup>10</sup>Sobre o papel de Pascoaes como líder do *Saudosismo* e sua recusa em aceitar este título ver, por exemplo, o *post scriptum* ao artigo "O Saudosismo e a Renascença", publicado em *A Águia* n° 10, em que este afirma: "Alguns jornaes consideram-me o chefe da 'Renascença'. Devo declarar que não ha chefes na 'Renascença'. A sua organização é perfeitamente democrática. O meu lugar é ao lado dos meus

mas, também com frequência, vinculavam, mesmo que indiretamente, a *Renascença* e sua revista às posturas do movimento saudosista<sup>11</sup>, o que nos mostra claramente que para estes dois autores a sociedade da *Renascença Portuguesa* era uma organização através da qual eles esperavam que prioritariamente as propostas do *Saudosismo* viessem a ser divulgadas.

Se apenas um estudo mais detalhado do conjunto do movimento da *Renascença* (cuja atividade inclui além de *A Águia* uma outra revista, *A Vida Portuguesa*, a criação das Universidades Populares do Porto e a manutenção de uma tipografia em que uma série de títulos importantes foram publicados) poderia avaliar em que medida o *Saudosismo* foi ou não a principal corrente em seu interior, o que podemos afirmar a partir da análise que realizamos é a incontestável importância de Pascoaes, e de outros intelectuais a ele ligados, no interior dos primeiros volumes da segunda série de *A Águia*<sup>12</sup>: os três primeiros volumes da segunda série desta revista indicam claramente que, neste primeiro momento, o *Saudosismo* se constitui na mais importante e recorrente forma de interpretação da realidade portuguesa, visto que a maioria dos textos que se referem a Portugal estão sob a égide ao menos de algumas premissas deste movimento, e que as outras formas de analisar o país são nitidamente minoritárias. Assim, pelo menos neste momento inicial, é o *Saudosismo* a principal corrente nesta revista, o que nos mostra que as afirmações de Álvaro Pinto não são totalmente válidas.

---

companheiros." (PASCOAES, Teixeira de. "O Saudosismo e a Renascença". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.115) , o que pode ser contraposto, entre outros, com o trecho a seguir, publicado por António Sérgio no nº 25 da mesma revista, que comprova o fato de Pascoaes ser, de fato, considerado o líder do movimento saudosista: "E á sua frente, gládio em punho, pusemos o Pascoais. - Isto me escrevia ha dois meses e meio, anunciando-me o seu artigo que recebi hontem, o nosso Augusto Casimiro. Fiquei sabendo dessa forma que me enviava o saudosismo o seu Aquiles; contra mim, que não sou Heitor de gente alguma, - o saudosismo arrojava não sómente o seu Aquiles, mas o seu cabeça e o seu chefe: o próprio Agamemnon, o rei dos reis; e não só o rei dos reis, mas o Mago, o Sacerdote, a Pitonisa!"(SÉRGIO, António. "Regeneração e tradição, moral e economia". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.1.).

<sup>11</sup>A que serve de exemplo, entre outros, o trecho abaixo de um artigo de Pascoaes dedicado a António Sérgio:

"Á nossa Sociedade serão bem-vindos todos os homens de boa fé e boa vontade. A 'Águia' receberá todas as opiniões, porque tudo o que fôr pensamento sincero e sentimento vivo servirá a causa que nós servimos."(PASCOAES, Teixeira de. "Ainda o Saudosismo e a 'Renascença' ". *A Águia*, 2ª série, v. 2. p.187. O grifo é nosso).

Como nos mostra o trecho que colocamos em itálico, Pascoaes aceitaria qualquer participação para a revista, pois isto contribuiria para a causa do Saudosismo, que, para ele, se confunde com a causa da *Renascença*. Em relação a Cortesão ver, entre outros possíveis, o artigo "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos", no segundo volume de *A Águia*, p.118-124.

<sup>12</sup>É o autor de *Jesus e Pã* que abre o primeiro número desta série, com um artigo de claro pendor programático, "Renascença", que será completado com um outro, "Renascença (o espírito da nossa raça)", que abrirá o segundo número, sendo também quem mais participou nestes primeiros três volumes, tendo neles publicado 17 textos.

O que aqui designamos como *Saudosismo*, porém, não tem um contorno bem definido, pois até hoje as posturas saudosistas ainda não foram suficientemente analisadas. Além de citações rápidas em alguns manuais de literatura e alguns artigos esparsos, bem como referências restritas à participação de um ou outro escritor, apenas um livro tenta, em seu conjunto, analisar um aspecto do movimento saudosista: *Poética do Saudosismo*, de Fernando Guimarães, em que são estudadas principalmente as características das poesias que usualmente são classificadas como saudosistas. Assim, se o papel da saudade foi estudado, seja na obra de Pascoaes, seja na de alguns outros intelectuais dele contemporâneos, ainda não existe nenhum estudo que tente rastrear os principais *topoi* presentes na forma como este movimento analisava Portugal, tentando relacioná-los com as tradições a que estavam filiados. Este será um dos objetivos desta parte, em que tomaremos como *corpus* justamente os textos publicados nos primeiros três volumes de *A Águia*. Ao lado disto, já que se o *Saudosismo* é a postura mais importante, não é a única neles existente, rastreamos também as outras propostas de interpretação existentes e a forma como se relacionam com a preponderante. Por fim tentaremos também mostrar que existe claramente uma evolução no papel do *Saudosismo* nestes volumes: se no primeiro divide espaço com outras propostas, reina quase que absoluto no segundo, mas já no terceiro parece ser um discurso que se esgota.

### 3.2.2 O primeiro volume de *A Águia*

#### 3.2.2.1 Introdução

No primeiro volume de *A Águia*, que compreende os primeiros seis números da segunda série da revista, publicados de janeiro a junho de 1912, podemos encontrar uma série de textos que se referem a Portugal, seja analisando, mais ou menos explicitamente, a situação política do país, seja se referindo a portugueses ou a obras por eles realizadas. Podemos incluir neste conjunto, ao lado dos artigos, também textos literários - no caso deste volume principalmente poesias - em que é dada uma interpretação mesmo que parcial sobre Portugal ou sobre a *raça* que o compõe. Além deste primeiro conjunto encontramos também um outro grupo de textos em que, se não são feitas referências diretas ao país, existem idéias que corroboram com as posturas de um ou mais dos grupos existentes nestes números da revista. Abaixo indicamos os textos que se enquadram nestas categorias, na ordem em que aparecem, com seus autores e com as páginas em que foram publicados:

1. "Renascença". Teixeira de Pascoaes .p. 1-3.
2. "Palavras antipáticas - IVº estado - O estado artista". Villa-Moura. p.5-7.
3. "Uma fala de espíritos". Leonardo Coimbra. p. 15-18.
4. "Quinta das lágrimas - Fonte dos amores". Augusto Casimiro. p.20.
5. "Pedro Nunes e a álgebra". Augusto Martins . p. 23-26.
6. "Da liberdade e seus detentores". Joaquim Martins Manso. p.27-28.
7. "Renascença (o espírito da nossa raça)". Teixeira de Pascoaes. p.33-34.
8. "Inédito". Oliveira Martins. p.35
9. "Silva Pinto". Villa-Moura. p. 40-43.
10. "O ensino oficial de Belas-Artes". João Augusto Ribeiro. p.56-57.
11. "A situação política". Raul Proença. p.58-62.
12. "Uma carta para Manuel Laranjeira". Teixeira de Pascoaes. p.65-67.
13. "Inédito". Antero de Quental. p.68.
14. "Pedro Nunes". Augusto Martins. p.88-90.
15. "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada". Fernando Pessoa. p.101-107.
16. "Basílio Teles". Leonardo Coimbra. p.122-123.
17. "Manuel Laranjeira". João de Barros. p.128.
18. "O poeta e a nau". Augusto Casimiro. p.129.
19. "*A Evocação da Vida* por Augusto Casimiro". Vila- Moura. p.131.

20. "Reincidindo". Fernando Pessoa. p.137-144.
21. "Julio Vaz". Veiga Simões. p.152-153.
22. "As nossas indústrias de arte". António Arroio. p.154-160 e p.187-191.
23. "Camões". Teixeira de Pascoaes. p.173.
24. "Regendo a sinfonia da tarde". Jaime Cortesão. p.175-180.
25. "O *Regresso ao Paraíso* por Teixeira de Pascoaes". Leonardo Coimbra. p.197-199.

Este vasto conjunto de textos mostra claramente que Portugal é uma preocupação obsessiva neste primeiro volume. Interessar-nos-ão, em um primeiro momento, em especial aqueles em que existem análises da situação atual e de possíveis saídas para o país, pois é neles que encontraremos explicitamente, se não combativamente, posições claras sobre o que é necessário realizar para que Portugal se transforme. Estes textos podem ser divididos em três grupos em função das posturas neles expressas: um, dos que acreditam no futuro grandioso que espera Portugal, formado por Pascoaes e Pessoa, outro dos que esperam um governo que poderíamos chamar de aristocrático, formado por Villa-Moura e Joaquim Manso, que apenas vislumbram a pequenez presente, e um terceiro, que neste volume está representado apenas por Raul Proença, em que encontramos uma visão mais crítica e lúcida sobre os problemas da República. São estes três grupos que, logo a seguir, serão analisados, para que depois possamos verificar como outros textos se articulam no interior destas três tendências.

### 3.2.2.2 Portugal e a República: problemas e esperanças

#### 3.2.2.2.1 Pascoaes e Pessoa: O grande futuro português

A segunda série de *A Águia* começa com um artigo de Pascoaes - "Renascença" - que será retomado, no segundo número da revista, em outro texto do mesmo autor - "Renascença (o espírito da nossa raça)", que o complementa e o esclarece em vários aspectos. Fato similar ocorre com Fernando Pessoa, que publica no início do quarto número seu primeiro artigo - "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada" - que será retomado em "Reincidindo", publicado no número seguinte da revista. Estes quatro artigos possuem nítidas semelhanças e representam, neste primeiro volume, a linha de reflexão sobre Portugal mais reiterada. Buscaremos aqui verificar não só o que aproxima estes dois autores, mas também as especificidades que cada um deles possui.

O primeiro artigo de Pascoaes começa pela constatação de um estado de coisas caótico, mas, por seu próprio caos, genésico e promissor:

Neste momento genésico e cahotico da nossa Patria, é necessario que todas as forças reconstructivas se organisem e trabalhem, para que ela atinja rapidamente a sonhada e desejada harmonia.<sup>13</sup>

Se, por este início, o artigo não se diferenciaria muito do estado geral de crença do povo português<sup>14</sup>, as explicações do porquê da existência deste momento *genésico* e dos caminhos que deveriam ser seguidos para a futura restauração marcam a especificidade da postura pascoalina e, em certo sentido, saudosista.

---

<sup>13</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Renascença". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p.1. Vários dos textos de Pascoaes publicados em *A Águia* podem ser encontrados em *A Saudade e o Saudosismo*, publicado em 1988. Alguns dos textos deste e de outros autores, ou ao menos trechos destes textos, podem ser encontrados em MESQUITA, Marieta Dá (comp.) . *A Águia*. Sempre que possível indicaremos edições mais modernas onde os textos que analisamos possam ser encontrados. Especificamente este de Pascoaes pode ser encontrado em p. 35-37 da primeira das obras citadas, e em p.25-27 na segunda. Na antologia organizada por Marieta Dá Mesquita não foram respeitadas as maiúsculas utilizadas por Pascoaes em palavras como *Renascença*, *Passado*, etc., que foram nesta edição grafadas com minúscula. Estes dois textos de Pascoaes também podem ser encontrados em GUIMARÃES, Fernando. *Poética do Saudosismo*. p.67-72.

<sup>14</sup> Como notamos no primeiro capítulo, a instauração da República era vista como aquilo que iria pelo menos retirar Portugal de sua pequenez, se não mesmo restaurar a sua antiga e perdida grandeza.

De início é importante notar que a República não é o motivo pelo qual, para Pascoaes, Portugal atravessa este gênesis. Se o momento de implantação desta forma de governo foi, como podemos ver no primeiro trecho abaixo, um fato heróico, a grande esperança que este escritor deposita no momento presente não é, como pode ser visto no segundo, consequência deste acontecimento:

A Patria Portuguesa viveu; atravessou depois alguns seculos de morte: por fim, n'uma alvorada heroica que fez erguer do sepulcro a sombra de Nun' Alvares, acordou do seu profundo somno, levantou-se n'um impeto sófrego de vida; e, sob a instantanea luz que a deslumbrou, ei-la ofuscada e cega, tacteando, sem ver o caminho verdadeiro e a terra firme para os seus pés.<sup>15</sup>

Eu acredito na grandeza do momento actual, porque só agora é que a Raça portuguesa, representada pelos seus Poetas que são a sua florescencia, principia a sentir-se verdadeiramente revelada. Só agora ela sabe quem é; porque só agora a Saudade lhe falou, dizendo-lhe o seu antigo segredo...<sup>16</sup>

Assim, é a *literatura*, e não propriamente a política, o sinal que indica a possibilidade do futuro reerguimento de Portugal. Isto é ainda mais evidente no segundo artigo, em que temos o trecho:

A *Saudade* divide-se até hoje em dois grandes periodos que correspondem ás duas primeiras formas que todas as forças espirituas adquirem no decorrer da sua evolução.

O primeiro periodo foi o *instinctivo e activo*; produziu Camões e Benardim (sic), Vasco da Gama e Albuquerque. O segundo periodo, o actual, é o periodo *consciente e contemplativo*, em que, por assim dizer, a *alma portuguesa* abre, pela primeira vez, os olhos sobre si propria; e está produzindo a mais admiravel das gerações poeticas.

O que é o prenuncio de que a *alma portuguesa* vae entrar no seu terceiro periodo que será o *periodo consciente e activo*, por isso mesmo que o *sonho* precede a *acção*.

E então, creará Portugal, no campo das realidades tangiveis, a sonhada e ardentemente desejada obra civilisadora.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Renascença". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 1.

<sup>16</sup>Ibidem. p.2.

<sup>17</sup>Idem, "Renascença (o espírito da nossa raça)". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 33-34. Este texto pode ser encontrado em PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.39-41 e em MESQUITA, Marieta Dá (comp). *A Águia*. p.31-33. Nesta segunda obra não foram respeitadas as maiúsculas utilizadas por Pascoaes, e na primeira não foi colocada a indicação "Fevereiro, 912"(PASCOAES, Teixeira de. "Renascença (o espírito da nossa raça)". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 34) que aparece no final do artigo.

Como estes trechos já o indicam, a especificidade da proposta de Pascoaes não se restringe apenas ao motivo pelo qual considera estar Portugal em um período genésico. Se o fato de considerar que é o estado atual da literatura, e não a situação política, como aquilo que mostra que Portugal terá um grandioso futuro, já o situa em uma posição distinta da do conjunto do povo português, que tinha no advento da República o motivo desta esperança, os próprios traços gerais deste grande futuro e do trabalho que precisaria ser feito para que ele pudesse acontecer, enfatizam ainda mais que estamos diante de uma concepção própria. Esta especificidade que já fica evidente nos trechos acima, pode ser verificada de forma ainda mais clara nos dois trechos abaixo, ambos do primeiro artigo, :

O fim d'esta Revista, como órgão da "Renascença Portuguesa,, será, portanto, dar *um sentido* às energias intellectuaes que a nossa Raça possui; isto é, colocá-las em condições de se tornarem fecundas, de puderem (sic) realizar o ideal que, n'este momento historico, abraça todas as almas sinceramente portuguesas: - Criar um novo Portugal, ou melhor resuscitar a Patria Portuguesa, arrancá-la do tumulo onde a sepultaram alguns seculos de escuridade fisica e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram.<sup>18</sup>

Se não existisse uma *alma portuguesa*, teríamos de evolucionar conforme as almas estranhas, teríamos de nos fundir n'essa massa amorfa da Europa; mas a *alma portuguesa* existe, vem desde a origem da Nacionalidade; de mais longe ainda, da confusão de povos heterogeneos que, em tempos remotos, disputaram a posse da Iberia. Houve um momento em que, no meio d'essa confusão rumorosa e guerreira, se destacou uma voz proclamando um Povo, gritando a Alma d'uma Raça: foi a voz de Viriato; foi o verbo creador que encarnou em Afonso Henriques e se tornou Acção e Victoria. Depois fez-se *Verbo* novamente, exaltou-se n'um sonho de imortalidade, e foi o Canto eterno dos Luziadas! Depois, cansado das longes terras, dos longes mares, como que adormeceu n'um somno de tristêsa, de olhos postos no Passado... E sonhou... E n'esse momento, mais divino que humano, a alma portuguesa gerou nas suas entranhas penetradas por uma luz celeste, a *Saudade*, a nubelosa<sup>19</sup> (sic) do futuro Canto imortal, o Verbo do novo mundo português. A Saudade é Viriato, Afonso Henriques e Camões desmaterilizados, reduzidos a um sentimento, postos em alma estrême. A Saudade é o proprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia*, a *emoção reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e

---

<sup>18</sup>Idem. "Renascença". *A Águia*. 2ª série, v.1. p.1. Como podemos ver também neste trecho Pascoaes considera como propostas da *Renascença* posturas que são, de fato, saudosistas, contrariando assim o que afirmou Álvaro Pinto na revista *Ocidente*.

<sup>19</sup>Pelo contexto parece-nos claro que a palavra original, aqui com gralha, seria *nubulosa* e não *nublosa*. A primeira grafia aparece em MESQUITA, Marieta Dá (comp). *A Águia*. p.26., e a segunda em PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.36.



ceu, atinge a sua unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essencia religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedotico de simples *gosto amargo de infelizes*.

É na saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; n'ela resurgiremos, porque ela é a própria Renascença original e creadora.<sup>20</sup>

Ou no segundo artigo em que é explicitado o que é a Saudade e o seu significado.

Não me cansarei de afirmar que a *Saudade* é, em sua ultima e profunda analyse, *o amor carnal espiritualizado pela Dôr ou o amor espiritual materializado pelo Desejo; é o casamento do Beijo com a Lagrima; é Venus e a Virgem Maria n'uma só Mulher. É a sintese do Céu e da Terra; o ponto onde todas as forças cosmicas se cruzam; o centro do Universo: a alma da Naturêsa dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da Naturêsa. A Saudade é a personalidade eterna da nossa Raça; a fisionomia caracteristica, o corpo original com que ela ha de aparecer entre os outros Povos. A Saudade é a eterna Renascença, não realisada pelo artificio das Artes, como aconteceu na Italia, mas vivida dia a dia, hora a hora, pelo instincto emotivo d'um Povo. A Saudade é a manhã de nevoeiro; a Primavera perpetua "a lêda e triste madrugada" do soneto de Camões. É um estado de alma latente que amanhã será Consciencia e Civilização Lusitana...*<sup>21</sup>

Adoremos o espirito, o nosso belo espirito; implantemo-lo na nossa terra que é santa porque gerou a *Saudade*, como os desertos trovejantes da Palestina crearam Jéovah, e os viçosos, harmoniosos vales gregos crearam Orfeu e Apólo.<sup>22</sup>

Assim, para Pascoaes, é a Saudade, marca da originalidade da alma portuguesa, ao mesmo tempo a origem e a garantia da grande obra a ser realizada. Neste sentido, a obra humana possível, o trabalho necessário para a criação de um novo Portugal, é um trabalho educativo, o de fazer com que os portugueses conheçam a sua própria alma.

Revelê-mo-la (sic) [a alma portuguesa] agora a todos os portugueses, na sua maior parte afastados d'ela, pelas más influencias literarias, politicas e religiosas vindas do estrangeiro.

Revelêmo-la a todos os portugueses, para que todos comunguem o seu proprio espirito, e possam cumprir o destino que por natureza, nascimento e sangue lhes pertence.

E então um novo Portugal, mas *português*, surgirá á luz do dia, e a civilização do mundo sentir-se-á mais dilatada.<sup>23</sup>

---

<sup>20</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Renascença". *A Águia*. 2ª série, v.1. p.2.

<sup>21</sup>Idem. "Renascença ( o espirito da nossa raça) ". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 33. Como mais à frente notaremos, existe uma grande proximidade entre esta concepção de saudade e a visão de síntese religiosa entre cristianismo e paganismo que aparece no texto "Uma fala de Espíritos" de Leonardo Coimbra.

<sup>22</sup>Ibidem. p.34.

Se tentarmos resumir e sistematizar o pensamento de Pascoaes expresso nestes artigos, podemos considerar que ele está montado a partir da percepção temporal sobre a história portuguesa recorrente desde *As Causas da Decadência*: um passado grandioso, um presente decaído e a esperança de um futuro de novo grandioso, em que o passado seja, de certa forma, reconquistado. Mas este esqueleto básico, herdado de uma tradição, como vimos, bastante remota, é preenchido por certas características especiais. Existe uma clara aproximação temporal do *futuro grandioso*, que para ele já começou, e uma relativização do conceito de decadência. Se ela é inegável, Pascoaes a atribui a dois motivos distintos em dois trechos de seu artigo. Considera-a como um efeito do cansaço das grandes descobertas, e como fruto do estrangeirismo. Se não chega a articular estes dois aspectos, podemos supor que existiriam como que *duas decadências*, um cansaço inicial causado pelo esforço realizado, talvez superável, e a invasão das idéias estrangeiras, que acabaram por soterrar as qualidades naturais do país. Esta hipótese é plausível pois, claramente, a primeira decadência é positiva para Pascoaes: é porque se cansou, que Portugal pôde gerar a Saudade, garantia do grande futuro que o espera<sup>24</sup>. Mas se esta decadência é positiva, a outra, decorrente do estrangeirismo é claramente negativa, e precisa ser superada para que o país possa se reerguer. É necessário aproximar os portugueses da *alma nacional*, da qual estão afastados *pelas más influências literárias, políticas e religiosas vindas do estrangeiro*, para que o renascimento, já iniciado, possa de fato se consumir. Se é o *estrangeirismo* o grande mal, o que dá a Pascoaes a certeza de se encontrar no início de um momento de renascimento não é a proclamação da República, em si uma simples mudança de forma de governo, mas os indícios de que a alma nacional está sendo redescoberta pelos portugueses. Assim são a redescoberta do heroísmo, *que fez erguer do sepulcro a sombra de Nun'Álvares*, e a poesia portuguesa, em que *a Raça Portuguesa principia a sentir-se verdadeiramente revelada*, os indícios de que este grande momento já começou. Cabe portanto, como missão necessária aos verdadeiros portugueses, revelar, principalmente através de uma educação tipicamente nacional<sup>25</sup>, esta alma a toda a nação, para que

---

<sup>23</sup>Idem. "Renascença". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 3.

<sup>24</sup>Como veremos não existe, da parte de Pascoaes, uma coerência muito grande sobre o aparecimento da Saudade.

<sup>25</sup>Como afirma Bernard Martocq em seu artigo "Le pessimisme au Portugal (1890-1910)" a proposta de educar os portugueses é uma das marcas características de certos republicanos, e tem sua origem nas pregações da geração de 70:

"Eduquer sera le grand mot des ces républicains qui comprendront qu'il ne sert à rien de faire des conférences dans un quelconque casino. Cela ne fait que rendre irrémédiable le divorce entre les 10% qui savent e les 90% qui ne savent ni lire ni écrire, véritables étrangers dans leur propre pays.

Portugal dentro do seu carácter, das suas qualidades íntimas e originais que lhe deem relevo e destaque, fisionomia própria entre os outros Povos possa ressurgir.

Se esta reelaboração que faz do *topos* da decadência e da restauração possui um todo consistente, o mesmo não ocorre com certas intuições que apresenta sobre a Saudade. Toda a mitologia sobre este tema, como o próprio Pascoaes o indica, já estava em lenta gestação em sua obra, e podemos considerar como momentos centrais deste processo os livros *Jesus e Pã* e *Maranus*. A Saudade é, para ele, ao mesmo tempo, herdeira dos dois grandes ramos religiosos do Ocidente e a síntese que os supera. Sentimento-idéia em que se conjugam as características portuguesas e certas necessidades mundiais, que só em outros artigos serão explicitadas por Pascoaes<sup>26</sup>, é justamente a sua ligação com o país que parece imprecisa nestes artigos. Como vimos, se a Saudade é a síntese da alma nacional, Pascoaes lhe dá duas origens distintas. No primeiro artigo considera que ela surgiu como decorrência do cansaço das grandes descobertas, enquanto no segundo considera que ela possui dois momentos, um inconsciente e ativo, antes da decadência, e um consciente e contemplativo, que seria o momento atual, nada falando sobre os mais de três séculos entre estes dois momentos, período de seu nascimento no primeiro artigo. Estas duas idéias incompatíveis parecem indicar que, por mais que a Saudade possua um papel central nas reflexões de Pascoaes, este aspecto específico não possui ainda contornos nítidos<sup>27</sup>.

É a partir desta síntese que fizemos do pensamento de Pascoaes que devemos analisar a participação de Fernando Pessoa no primeiro volume da revista, com os artigos "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada" e "Reincidindo". Destes artigos, já bastante analisados pela crítica<sup>28</sup>, interessar-nos-á inicialmente avaliar em que medida

---

D'une certaine manière ce groupe reprendra le flambeau de la génération de 70 et aura le même idéal de rénovation par l'éducation. Simplement, leur effort se situera à un niveau plus modeste et, de ce fait, sera plus colossal."(*Arquivos do Centro Cultural Português*, v 5. p.453)

Desta forma podemos supor que as propostas educativas de Pascoaes são uma variante desta tendência, adaptada a suas posturas específicas sobre o que é necessário para o reerguimento nacional. Veremos, ao analisar o próximo volume, que Jaime Cortesão também prega esta cruzada educativa de carácter patriótico, e, mais à frente, que também António Sérgio tem uma proposta, bastante distinta destas, para a educação em Portugal.

<sup>26</sup>Como veremos, para Pascoaes a nova religião advinda da Saudade irá responder a uma nova necessidade religiosa de um Ocidente que não mais crê no materialismo.

<sup>27</sup>Devemos aqui notar que esta inconsistência pode estar ligada ao fato de que o raciocínio pascoalino não possui um grande rigor, e várias vezes ele acaba por se contradizer, negando aspectos que antes havia afirmado. Em outros momentos de nossa análise poderemos notar esta característica dos textos de Pascoaes.

<sup>28</sup>Entre os vários trabalhos publicados sobre estes artigos e o "A Nova poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico", que também foi publicado em *A Águia*, podemos citar os de João Gaspar Simões, "O equívoco do Saudosismo", de Georg Rudolf Lind, "Ao serviço do Saudosismo", e de Ángel Crespo, "O

eles concordam ou contestam os pressupostos levantados pelo autor de *Maranus*. Em relação a este aspecto é importante, de início, considerar que Pessoa afirma no primeiro artigo que "Tudo isso, que a fé e a intuição dos mysticos deu a Teixeira de Pascoaes, vae o nosso raciocínio mathematicamente confirmar"<sup>29</sup>. Porém, se este trecho parece indicar a existência de visíveis semelhanças entre as *profecias* de Pascoaes e os *raciocínios* de Pessoa, de fato vamos encontrar também diferenças fundamentais entre estes dois pensadores.

Como é sabido, é através de uma comparação entre os períodos áureos das literaturas inglesa e francesa com a então atual literatura portuguesa que Pessoa constrói o seu raciocínio, mostrando, por um lado, que existe uma evidente homologia entre o início daqueles dois períodos e a poesia portuguesa de então, e por outro lado que estes dois períodos antecederam momentos em que estes países criaram valores fundamentais para toda a civilização (o governo popular na Inglaterra e a democracia em França), o que implicaria que uma criação da mesma grandeza destas também seria gerada, em um curto espaço de tempo, em Portugal.

Se aqui também temos a esperança (que, neste caso, seria uma *certeza* dada pelo *rigoroso raciocínio* montado) de um futuro e breve reerguimento de Portugal, existem visíveis diferenças entre os textos de Pessoa e de Pascoaes. De início, toda a mitologia em torno da Saudade, base do pensamento pascoalino, aqui está ausente. Pessoa em nenhum momento toca nela, a Saudade não é necessária para o seu raciocínio e, portanto, a grande criação portuguesa pode não ter nenhuma relação com este sentimento. Se considera que a nova poesia portuguesa "reproduz a alma da raça"<sup>30</sup>, como ocorreu com os momentos áureos da Inglaterra e da França, em nenhum momento nestes artigos explicita quais seriam

---

inquérito de *República* e os artigos de *A Águia*" publicados respectivamente em *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, *Estudos sobre Fernando Pessoa* e *A Vida Plural de Fernando Pessoa*.

<sup>29</sup>PESSOA, Fernando. "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 106. Este, e os demais textos de Pessoa sobre a *nova poesia portuguesa* publicados em *A Águia* foram inicialmente publicados em volume pelo Editorial Inquérito em PESSOA, Fernando. *A Nova Poesia Portuguesa*. e possuem várias edições mais recentes, como as presentes em *Textos de Intervenção social e cultural A ficção dos heterónimos*. p.17-57, e *Obras em Prosa*. p. 361-397. Todas estas edições apresentam diferenças pequenas em relação aos textos originais publicados neste volume de *A Águia* (o não uso de itálico em palavras originalmente grafadas com este tipo, o uso de parágrafo em um lugar em que ele não existe), e a de *Obras em prosa* substitui um *dominante* (*A Águia*. 2ª série, v. 1. p.105) presente no original, por *dominando* (*Obras em Prosa*. p.365)

<sup>30</sup>Idem. "Reincidindo". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 143.

as características desta alma<sup>31</sup>, que para Pascoaes estão ligadas de forma indissociável à Saudade.

Além disto Pessoa desvaloriza um elemento também fundamental no raciocínio de Pascoaes, que é o da cruzada educativa para que o povo português possa reencontrar a alma nacional, na medida em que prega quase uma não ação, como nos mostra a trecho abaixo:

(...) Fixemos isto: ser monarchico é, hoje, em Portugal, ser traidor á alma nacional e ao futuro da Patria Portugueza. (...) o republicanismo que fará a gloria da nossa terra e por quem novos elementos civilisacionaes serão creados, não é o actual, desnacionalizado, idiota e corrupto, do tri-partido republicano. De modo que é bom fixar isto, tambem: que se, ser monarchico é ser traidor á alma nacional, ser correligionario do sr. Afonso Costa, do sr. Brito Camacho, ou do sr. António José d'Almeida, assim como de varia horrorosa sub-gente syndicalista, socialista e outras cousas, representa paralela e equivalente traição.(...).

(...)Por enquanto abstenhamo-nos de agir, a não ser negativamente, para combater, e apenas pela palavra e pelo escrito, os portuguezes estrangeiros que nos desgovernam, e isso só se a indignação nol-o impuzér como desabafo. A hora da ação ainda não chegou. Primeiro virá a teoria politica da epoca. Depois virá o pôl-a em pratica. E quando a hora chegar, virá - não tenhamos dúvida - o homem de força que a imporá, eliminando os obstaculos, que são esta gente de agora, monarchicos e republicanos. Suavemente, se pudér ser, será a transformação feita, a criação começada. Mas se assim não fôr, se esta gente de hoje não curar de se tornar portugueza, confiemos, sem horror, que o Cromwell vindouro os saberá afastar, aplicando-lhes, por triste necessidade, a *ultima ratio* de Napoleão, de Cavaignac, e do Coronel Conde de Galliffet.<sup>32</sup>

Assim, as semelhanças evidentes que existem entre os dois artigos apontam também para diferenças fundamentais. Se ambos estão convencidos do grande futuro que cabe a Portugal, futuro este que é anunciado, por motivos diversos para cada um deles, pela literatura atual, eles, de fato, propõem ações diversas para a transformação do presente: enquanto em Pascoaes é a ação pregatória nacionalista a via de acesso ao futuro, para Pessoa praticamente nada precisa ou pode ser feito, pois o futuro já está determinado,

---

<sup>31</sup>Como sabemos, para provar que a nova poesia é nacional Pessoa mostra que ela não é fruto nem da tradição, nem do momento atual, nem do meio europeu, só podendo portanto, dentro de seu raciocínio, retirar as suas características diretamente da alma nacional. Apenas na sua segunda série de artigos, "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico" é que Pessoa explicitará quais são as tendências desta nova poesia, aproximando-se, como veremos, das teorias pascoalinas. Devemos porém ressaltar que, no interior deste primeiro volume, não existe esta aproximação e que, segundo as cartas 5 a 8 de "Vinte Cartas de Fernando Pessoa" (*Ocidente*, v. 24, n. 80. p.301-18), só após escrever a sua primeira série de artigos é que Pessoa iniciou a segunda, ou seja, é possível que as conclusões a que chega nesta segunda série não estivessem ainda formuladas neste primeiro momento, e, por isso, não encontramos nenhum sinal delas nestes primeiros artigos.

<sup>32</sup>Idem. "Reincidindo". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 143-144.

Portugal está *fadado* a ser grande, pois está dentro de um processo que *fatalmente* o levará a isto<sup>33</sup>. O *supra-Camões* e o *Cromwell vindouro* serão apenas o ápice literário e social de um processo que já se iniciou, e que é, nestes artigos, racional e messianicamente *vaticinado* por Pessoa.

Podemos entender que estas diferenças ocorrem pois estes dois pensadores fazem leituras distintas não só do presente, mas do próprio processo histórico em que este presente se insere. Como podemos notar as noções de decadência e regeneração, fundamentais na pregação pascoalina, estão ausentes do raciocínio pessoano existente nestes artigos. O passado remoto de Portugal não interessa a Pessoa, seu raciocínio depende apenas das homologias que encontra entre a corrente literária atual e os momentos áureos da França e da Inglaterra. Apenas o passado recente é importante, e mesmo este só porque nele, em homologia com os movimentos dos dois outros países, encontra precursores para o movimento poético atual em Antero e Nobre. De forma semelhante, se seu artigo também é nacionalista e contrário ao estrangeirismo, estes termos não possuem os mesmos valores que possuíram nos artigos de Pascoaes. Este binômio não está associado ao movimento decadência/regeneração, mas apenas demonstram que existe uma homologia entre o *nacionalismo* das poesias francesa e inglesa dos grandes períodos e a então atual poesia portuguesa.

Assim, podemos ver que o raciocínio de Pessoa, se compartilha com Pascoaes da crença no grande ressurgimento que se anuncia, possui uma série de especificidades que o caracterizam como uma postura distinta daquela defendida pelo líder do movimento saudosista. Apesar das diferenças de perspectivas, nestes artigos encontramos o que de mais messiânico existe no primeiro volume de *A Águia*, em que, como iremos ver, convivem com outras propostas bem distintas e mesmo, em certos sentidos, antagônicas. O Portugal por eles criado é um país pequeno e ainda caótico e medíocre, mas prestes a se transformar, pela ação dos homens ou pela inexorabilidade das leis da história, no novo centro do mundo, seja do ponto de vista religioso, para Pascoaes, seja no social, para Pessoa. Esta crença ou certeza no grandioso futuro é, nos textos de caráter mais político deste primeiro

---

<sup>33</sup>Pessoa aponta algumas vezes a *fatalidade* do processo que ocorre em Portugal, como, por exemplo, quando afirma que "os característicos que acabamos de descobrir no nosso actual movimento poético indicam, absolutamente a sua analogia com as litteraturas ingleza do primeiro, e franceza do segundo periodo, e, portanto, impõem que se conclua d'ahi a *fatal* analogia com as épocas de que aquellas litteraturas são representativas"(Idem. "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 106. O grifo é nosso), ou quando diz "Mas é bom fixar os característicos d'esse periodo, para, caso a nossa época offereça analogia em todos os pontos analysáveis, se poder concluir que o futuro se encarregará, *inevitavelmente*, de n'este ponto também a mostrar análoga" (Idem, "Reincidindo". *A Águia*. 2ª série, v. 1. p. 140. O grifo é nosso).

volume, exclusiva destes dois pensadores<sup>34</sup>. Em todos os demais o que encontramos é um Portugal pequeno, caótico e, além disto, no caminho errado, como logo a seguir o veremos.

---

<sup>34</sup>Como veremos, em alguns artigos de carácter menos político e/ou programático, cujo melhor exemplo é o artigo que Leonardo Coimbra publica sobre o *Regresso ao Paraíso* de Teixeira de Pascoaes, chegaremos a encontrar posturas tão messiânicas como as presentes neste artigo.

### 3.2.2.2.2. Vila-Moura e Martins Manso: Um direito para poucos

Entramos em um universo absolutamente distinto dos textos de Pascoaes e Pessoa quando lemos os artigos de Vila-Moura e Joaquim Martins Manso. Se nos primeiros tínhamos a esperança de um rápido ressurgir de Portugal, nos últimos apenas encontramos uma visão negativa do presente<sup>35</sup>.

O artigo de Vila-Moura começa pela constatação do estado caótico em que se encontrava o país, e por uma proposta de como solucionar este problema: a criação de um quarto estado, o estado artista<sup>36</sup>, que deveria, como podemos ver abaixo, ser o real condutor da política nacional, enquanto ao povo em geral caberia apenas seguir os passos determinados por esta elite:

A Patria nova ha-de ser a nação dividida em duas partes - uma pequenissima, mas austera, escolhida, plena de genio dominador - o cerebro do paiz, representado pela sua *élite*; a outra, grande em número, mas passiva, pequena em vontade - sem espirito de commando, obediente, o corpo da nacionalidade, emfim, systematisando os movimentos - os menores actos - ás aspirações dos ramos diversos da *élite* - por sua vez subordinada a nucleos dominantes.<sup>37</sup>

Este ponto de vista está baseado em duas premissas que o autor explicita em seu artigo: para ele Portugal é uma nação com uma grande tradição artística e com grandes criações no campo intelectual e, por outro lado, o produto da civilização não são massas esclarecidas, mas grandes homens. Em vista disto considera que estas massas serão, para sempre, ignorantes, e portanto incapazes de governar de forma adequada um país, em

---

<sup>35</sup>Esta descontinuidade entre estes artigos e os que analisamos na parte anterior pode ser percebida de forma clara na própria revista, pois o artigo de Vila-Moura é o segundo artigo do primeiro número, e entre ele e o primeiro artigo de Pascoaes existem apenas dois sonetos de Mário Beirão.

<sup>36</sup>"Pois que um conjunto de circunstancias fez abater o poderio dos dois mais velhos estados - o do clero e da nobreza, em favor do terceiro- o povo, e porque este, nimamente embriagado pela victoria, ameaça derruir a mais bella resultante da jornada intellectual - a Arte, importa desde já prevenir o que se premedita, accentuar a heresia de tal faina, crear um novo Estado - o *Estado artista*, defendel-o, remediar a inconsciencia iconoclasta da estupidez desenfreada, remodelar, nas bases de uma aspiração de grandeza espiritual e Arte, a futura familia portugueza - a tão rebuscada Patria nova." (VILA-MOURA. "Palavra Antipáticas: IVº Estado - O Estado Artista". *A Águia*, 2ªsérie, v.1. p.5.). Trechos deste artigo podem ser encontrados em MESQUITA, Marieta Dá (comp.) . *A Águia*. p.107-108. Não foram, nesta reedição, mantidas várias das maiúsculas presentes no original, alguns itálicos foram retirados, e um trecho final foi cortado sem que isto fosse indicado.

<sup>37</sup>VILA-MOURA. "Palavra Antipáticas: IVº Estado - O Estado Artista". *A Águia*, 2ªsérie, v.1. p.6.



especial um país tradicionalista como é Portugal. Assim, é contrário a todos aqueles que pregam o que considera a *falsa idéia da liberdade*, e afirma:

Por mim prefiro os rudes - os de boa fé - os bons camponios que se levantam á hora do sol, conversam a natureza á puridade, creem nos agoiros, leem o futuro nas superstições, são por vezes o pronuncio do genio latente nos dictos, nas suas descobertas - até na perseverança da rotina - trabalham, cantam, vivem, são felizes e não embargam a felicidade dos outros.<sup>38</sup>

É importante também salientar que para Vila-Moura não é muito importante a forma de governo que Portugal possua, desde que siga estas premissas, e que na sua proposta para o país acaba por assumir um ponto de vista bem mais tradicionalista que o dos saudosistas, geralmente *acusados* de tradicionalismo, características que podem ser vistas no trecho abaixo:

Defendei a obra aristocratica portugueza, e o que é mais fortalecei o seu reinado, ou republica, tanto importa, promovendo, garantindo, dilatando o seu antigo poderio, pela criação do novo estado - o 4.º Estado na ordem historica - o *Estado-artista*.

Quando os inimigos internos ou externos vos pedirem a folha corrida da Nação, de tal forma remodelada - nas bases d'uma obra de genio secular - mostrae-l'ha, que por maiores que sejam os titulos dos estados mortos ou videntes - nenhum apresentará mais limpo documento do que o novo Estado e com elle a mais notavel certidão de serviços e gloria.<sup>39</sup>

Faz claramente eco a este artigo o de Joaquim Martins Manso em que, se não é propriamente proposta a criação de um *quarto estado* nem tampouco nenhuma ação efetiva, o mesmo pressuposto de que o país, como toda a humanidade, pode ser dividido em dois grupos, um pequeno, composto por pessoas que realmente têm condições de governar, e um outro grande, composto pela maioria da população, que apenas pode seguir as orientações deste pequeno grupo, pode ser encontrado. Seu artigo é, como podemos ver abaixo, resposta a um outro publicado em um jornal:

O que diz o irritante documento? Um pouco mais ou menos isto - que em Portugal existe um bando perverso de politicos mariolões que estão de animo feito para estrangular a vida livre dos cidadãos, privando-os methodicamente do exercicio dos direitos mais elementares; - que se torna indispensável dar de presente ao Diabo tão acabados tiranêtes, renovando o acto de cinco de outubro para implantar de vez entre nós um regimen de franca liberdade...

---

<sup>38</sup>Ibidem. p.6

<sup>39</sup>Ibidem.p.7

De franca liberdade, nada menos!<sup>40</sup>

Para Martins Manso esta *franca liberdade* é impossível, pois a liberdade não é algo que, de fato, possa ser dada aos homens, mas algo que apenas alguns espíritos eleitos possuem, como ele deixa claro ao longo de todo o seu artigo<sup>41</sup>. Assim, para este autor, como para Vila-Moura, o direito de governar o país deve ser privilégio de poucos indivíduos, que devem dirigir o restante da nação para os caminhos que julgarem mais convenientes:

(...) as multidões confusas e indistinctas simbolizam a porção de fatalismo e de obscura intuição que acompanham o labor dos povos: a liberdade é uma prenda aristocrática que só se topa em indivíduos predestinados para os deslumbramentos do mando, da sciencia, da arte, da filosofia, da educação e da disciplina popular. Tem, no campo da actividade, valor igual ao que o genio possui no mundo intellectual.

O homem só começa a libertar-se da nebulose e do turbilhão das baixas camadas, quando uma capacidade original se accusa no seu cerebro ou na sua vontade. O ramerrão, a rotina, as normas de conducta a que se submettem os mediocres e os imitativos, mostram-se incompatíveis com as formas supremas da acção. A liberdade é o modo mais perfeito daquella ambição de crear que constitue a essencia pura do nosso ser.

Quem é livre, pois?

Aquelle que não seja mera entidade de repetição e de copia, mas se destaque entre os outros pelos traços firmes de uma fisionomia inapagavel. Em qualquer grupo humano, apparece sempre um individuo que, pela simples

---

<sup>40</sup>MANSO, Joaquim Martins. "Da liberdade e seus detentores". *A Águia*, 2ª Série, v. 1. p.27. Trechos deste artigo podem ser encontrados em MESQUITA, Marieta Dá (comp.). *A Águia*. p.201-202. No índice deste livro este texto foi considerado erroneamente como pertencente ao "n.º 1, 1.ª série" (Ibidem, p.9), provavelmente por uma gralha já que é corretamente datado de "Janeiro de 1912"(Ibidem, p.9) quando de fato é do n.º 1 da 2.ª série.

<sup>41</sup> Postura que pode ser vista, entre outros, no trecho abaixo:

"A personalidade humana, sob o ponto de vista pragmatico, admite uma infinidade de graus: ha creaturas cuja actividade se traduz quasi só por reflexas, esperando sempre um abalo ou comoção externa para modificarem a sua alma somnolenta e parada; outras - e em que quantidade, bom Deus! - vivem encasuladas num fechado sistema de habitos e praticas tradicionaes, não ousando executar o mais simples movimento, desde que este não apresente conformidade com os ensinios do passado ou as suggestões da classe em que se incorporam.

É esta gente inestetica, avessa a novidades, vagarosa e semi-consciente que constitue o grosso das reservas sociaes, a enorme massa amorfa que os creadores da verdade - ás vezes bem baldadamente! - andam desbastando e afeiçoando ha já milhares de annos, a ver se lhes despertam, na profunda ignorancia, o sentimento vivo da sua força.

Annunciar-lhes que são livres, que podem dispôr dos seus destinos - quer semelhante declaração se faça num codigo constitucional, quer pelas predicas assanhadas de qualquer tribuno ou perturbador, com a vesania de propagar credos - que vem isso significar de positivo?" (MANSO, Joaquim Martins.Op. cit. p.27.)

influencia de um querer mais forte, reduz os outros ao seu dominio: é o chefe, o conselheiro escutado, o que nos momentos criticos e difficeis saberá livrar a collectividade da oppressão do perigo ou da miseria. As suas palavras vibram num tom de autoridade que subjuga os timidos.

(...)

O mesmo digo de todos aquelles que com a labarêda da sua eloquencia ou com o bastão do comando guiam as nações para fins que ellas não conhecem, obrigando-as a caminhar no desconhecido, dominadas pela esperanza ou pela belleza viril de um vulto heroico. Onde os mais vacilam e tremem, elles ficam serenos, adivinhando as soluções e as auroras em rapidos movimentos de augures.

Desnecessario é acrescentar que só elles possuem a força de se determinarem e resolverem, perante o fracasso das turbas impotentes.<sup>42</sup>

Estes trechos e o breve resumo que dos dois artigos fizemos nos mostram bem que estamos diante de pressupostos bastante distintos dos presentes nos textos de Pascoaes e Pessoa. Se pensarmos apenas no núcleo comum dos dois textos analisados na parte anterior, a esperanza/certeza do reerguimento de Portugal, o que chama a atenção nestes dois artigos é que nada disto existe: eles se dirigem a um país que está seguindo um rumo errado por nele existirem agentes que não estão credenciados a sê-lo, agentes que, no ponto de vista de ambos, só poderiam ser pacientes de uma ação executada pelos mais esclarecidos, pelos mais livres. Em certo sentido podemos pensar que estes artigos representam dois níveis de um mesmo tipo de concepção aristocratizante: o de Joaquim Manso é, em grande parte, apesar de ser a resposta a um artigo que fala da situação atual, um artigo teórico, em que são apresentados os pressupostos básicos que fundamentam a idéia de que a liberdade, e consequentemente a capacidade de governar, é algo que só pode ser encontrado em poucos indivíduos, e que portanto não pode ser dado à maioria da nação que não teria condição de possuir esta liberdade; já o artigo de Vila-Moura é, claramente, um manifesto, manifesto a favor de um pequeno grupo de intelectuais que, para ele, são os únicos que de fato tem condições de governar o país, país que será destruído se ficar nas mãos do povo, inestético e incapaz por sua própria condição.

Também são evidentes as diferenças entre o artigo de Vila-Moura e o que cada um dos autores que analisamos na parte anterior tinham de específico. Se no artigo de Pascoaes a educação, ou melhor, a reeducação do povo português, pode permitir que este, ao chegar a conhecer sua alma, atinja um estágio de conhecimento que possibilitará o reerguimento de Portugal, para Vila-Moura o povo não poderá ser salvo por nenhuma cruzada educativa, pois a educação não produz nele efeitos, mas apenas em um pequeno grupo de eleitos. Da mesma forma é notável, em relação ao artigo de Pessoa, a distância que o separa deste

---

<sup>42</sup>Ibidem.p.27-28.

pensador: enquanto para o poeta de *Orpheu* era dentro do republicanismo que se daria a criação do novo Portugal, e ser monárquico era trair a pátria, para Vila-Moura o regime de governo não importa, importa sim nas mãos de quem, efetivamente, estará o poder.

Assim, se dissemos que Pascoaes e Pessoa estavam distantes da concepção corrente então em Portugal, por transformarem a vaga esperança do povo em algo específico e concreto, os dois pensadores que nesta parte estamos analisando ainda o estão mais, transformando seus artigos num segundo núcleo de reflexões sobre a realidade do país.

Na tentativa de rastrear as possíveis filiações destes dois textos dentro do pensamento português podemos levantar a hipótese de Joaquim Manso e Vila Moura serem tributários de certos aspectos do pensamento de Herculano. No primeiro capítulo de seu livro *As Ideias políticas e Sociais de Alexandre Herculano*, Joaquim Barradas de Carvalho aponta para as diferenças fundamentais que existiriam entre os liberais e os democratas, e a crítica que aqueles fazem à soberania popular:

(...)Mas mais cerrada se torna ainda a crítica do liberalismo, quando ele vê na maioria uma violência do quantitativo sobre o qualitativo. Segundo o pensamento liberal, ninguém pode garantir que essa maioria exprima a autêntica vontade geral, havendo até muitas possibilidades (sic) para que a não exprima, pois ela é constituída pelos votos das camadas inferiores da sociedade. A *elite* ficaria esmagada, aniquilada pelo número.<sup>43</sup>

Para Carvalho, Herculano participa deste liberalismo antidemocrático, para o qual a liberdade está intimamente associada à desigualdade:

Para Herculano, a liberdade e a desigualdade são dois princípios estreitamente ligados, eternos e imutáveis. (...)

Devemos fazer notar que não há na ideia de desigualdade social, preconizada pelo liberalismo, quaisquer relações com a ideia de casta fechada, onde se é nobre e superior por nascimento. O liberalismo aceitava e achava até na ordem natural das coisas, que muitos dos que paradoxalmente eram chamados de cidadãos passivos se tornassem, pelo esforço e mérito próprio, cidadãos activos. Herculano também dizia que a nobreza não era de gerações, mas de homens: "a desigualdade não é de gerações, de linhagens predestinadas: é de indivíduos".<sup>44</sup>

Se as afirmações de Carvalho são sobre o liberalismo em geral, é curiosa a proximidade existente entre o último trecho acima citado de Herculano, de uma carta

---

<sup>43</sup>CARVALHO, Joaquim Barradas de. *As Ideias políticas e Sociais de Alexandre Herculano*. p.29-30.

<sup>44</sup>Ibidem. p.35-36.

dirigida a Oliveira Martins em 1870, e outro do artigo de Vila-Moura que abaixo reproduzimos:

A Arte é um producto aristocratico. Obra do menor numero para o menor numero.

(...)

Estes grandes homens formam a *élite* intellectual, a nobreza de hoje que não póde ser nem o punhado de homens signalados pela ferocidade guerreira d'outros tempos, nem o cortiço convencional dos parasitas dos paços - ás sopas dos imbecis poderosos<sup>45</sup>.

Como podemos notar ambos os autores indicam a necessidade da criação de uma *nova nobreza*, mostrando que esta deve ser criada em função dos méritos individuais, distintos daqueles que formaram a *velha nobreza*. Se, pelo que sabemos, é pouco provável que Vila-Moura tenha lido esta carta de Herculano, já que escreveu este artigo em 11, mesmo ano em que, aparentemente, esta carta foi pela primeira vez publicada<sup>46</sup>, certamente existem evidentes consonâncias entre estes dois pensadores. Assim podemos supor que Joaquim Manso e Vila-Moura, em especial este último, representam, neste volume de *A Águia*, a voz de um certo liberalismo que, na época da proclamação da República, já era uma ideologia aparentemente ultrapassada. O desprezo pelas massas incapazes de se governarem, a visão de uma casta superior que é a única verdadeiramente livre, mostram claramente que ambos os autores não partilham da crença na soberania popular, como faziam os republicanos.

Se parece existir nestes artigos uma certa influência do pensamento de Herculano, o de Vila-Moura possui um tom marcadamente tradicionalista que apenas esta possível fonte não chega a explicar. Parece-nos que neste aspecto específico podemos notar uma influência um pouco modificada das posturas assumidas pelo neo-garrettismo. Se este movimento tentava registrar os valores tradicionais de um Portugal que percebia estar

---

<sup>45</sup>VILA-MOURA. Op. cit. p.5. Existe, além deste, um outro momento da mesma carta de Herculano de que foi retirado o trecho citado por Joaquim Barradas de Carvalho, em que encontramos semelhanças com o texto de Vila-Moura, que abaixo citamos:

"(...) Nas democracias, a igualdade fabrica-se mergulhando-se as cabeças que se elevam e fluctuam acima das vagas populares, na torrente das vontades irreflexivas e inconscientes que se precipitam para o imprevisto só porque as paixões as arrastam. E este mergulhar é eterno, porque a realidade, a verdade natural, protesta eternamente contra ele."(HERCULANO, Alexandre. *Cartas*. v 1. p.215)

Como pode ser notado este *rebaixamento* dos que se elevam acima das camadas populares é justamente o motivo que leva Vila-Moura a escrever seu artigo.

<sup>46</sup>O artigo de Vila-Moura possui no final a indicação "Ancêde - 1911" (VILA-MOURA.Op. cit. p.7) e esta carta de Herculano, que saibamos, foi publicada pela primeira vez no primeiro volume das *Cartas*, que como dissemos também é de 1911.

acabando, valores em que certamente estariam incluídos os trabalhadores simples que *não embargam a felicidade dos outros*, este pensador pretende manter este Portugal agrário pela criação de um escol de artistas que o governe. Desta forma parece-nos que se o neo-garrettismo buscava perpetuar pela arte um país que, em seu ponto de vista, estava desaparecendo<sup>47</sup>, Vila Moura pretende, com sua proposta de um *quarto estado*, fazer com que este país possa continuar existindo.

A partir destas conclusões podemos notar a grande distância que separa estes dois pensadores dos que na primeira parte analisamos, criando estes dois grupos duas imagens que parecem ser totalmente díspares de Portugal: de um lado o país que está prestes a se transformar no centro do mundo, de outro o país que está no caminho errado, e que só poderá ser salvo se uma pequena elite de intelectuais assumir o poder e passar a governar um povo que não tem a mínima condição de fazê-lo sozinho. Note-se que nesta segunda imagem nada é dito em relação a um futuro papel significativo de Portugal na história do Ocidente. Existe apenas a certeza de que sem um efetivo controle de uma minoria esclarecida o país irá naufragar. É a pequenez presente, e não a grandeza futura, o que de fato aqui importa<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup>Cf. MARTOCQ, Bernard. "Le pessimisme au Portugal (1890-1910)". Arquivos do Centro Cultural Português, v. 5. p.441-7

<sup>48</sup>Como mais à frente veremos, outros artigos publicados neste volume permitirão que encontremos, apesar da grande diferença de posturas entre estes dois grupos, certos traços de união entre Pascoaes e os dois autores que nesta parte analisamos.

### 3.2.2.2.3. Raul Proença: A falta de governo

Raul Proença, no primeiro volume de *A Águia*, é quem mais se debruça sobre o momento genésico e caótico da nossa pátria, como o chamou Pascoaes, tentando entender/explicar por que este caos existe. Ao invés de olhar para o presente como o espaço de preparação de um futuro que certamente haveria de vir, como em Pascoaes e Pessoa, ou como a negação do que idealmente deveria ocorrer, como em Vila-Moura e Martins Manso, Raul Proença busca descobrir as causas do fracasso da República, então para ele já patente. Esta postura já é evidente no início de seu artigo:

A sociedade portuguesa debate-se numa agitação que teve o seu ápice na desgraçada e extemporânea greve dos fins de janeiro. São múltiplos os factores que contribuíram para esta existência tumultuária e nevrótica, e pensa fóra da realidade ou é solicitado pelo interesse e pela paixão todo aquele que quiser atribuir estes factos como tantos outros, a uma causa única.<sup>49</sup>

Se em sua análise, como mostra no trecho acima, Raul Proença acredita numa causa múltipla para o caos em que o país se encontra, indica logo após como maior responsável o governo que, desde quando era apenas oposição republicana, vinha acumulando uma série de erros dos mais variados níveis. O primeiro deles, para este analista, surgiu na época da propaganda republicana, pois não souberam separar "os homens de sentimento e de acção - *meneurs* e porta-vozes das idéias revolucionárias - e os homens de intelligencia e de direcção espiritual"<sup>50</sup>, divisão fundamental, pois sem ela "vemos os homens cultos do partido inutilisarem-se numa campanha negativa de comícios, muito necessária, mas que estava dada a outra especie de temperamentos, e que só podia diminuir-lhes a capacidade intelectual"<sup>51</sup> e os "homens de propaganda se inutilizarem no governo como apóstolos"<sup>52</sup>. Esta incapacidade em separar os homens de acção dos intelectuais trouxe, para Proença,

---

<sup>49</sup>PROENÇA, Raul. "A Situação Política". *A Águia*, 2ª Série, v. 1. p.58. Trechos deste artigo podem ser encontrados em MESQUITA, Marieta Dá (comp.). *A Águia*. p.215-218. Nesta reedição não são respeitadas algumas das maiúsculas utilizadas pelo autor e, no seu final, o artigo é erroneamente datado: no original temos "5 de fevereiro 1912."(PROENÇA, Raul. Op. cit. p. 62), e na reedição "5 de Fevereiro de 1919"(MESQUITA, Marieta Dá (comp.).Op. cit. p.218).

<sup>50</sup>PROENÇA, Raul. Op. cit. p.59.

<sup>51</sup>Ibidem. p.59

<sup>52</sup>Ibidem.p.59

conseqüências funestas uma vez instalada a República, como podemos ver no trecho abaixo:

N'esta orientação, era de esperar que os erros do governo provisório fôsem enormes, e, se alguma coisa há para admirar, é que não tivessem sido maiores. Esses homens não fizeram ainda assim os disparates que poderiam têr feito, e devemos estar-lhes gratos por essa amável parcimónia. Foi uma gentil delicadeza não terem proclamado outra vez a monarchia.

Ainda poderiam frustrar-se as consequências mais ou menos inevitáveis d'esta politica confusa se da parte dos homens do governo houvesse por um lado mais faro para adivinhar as pessoas competentes que, honestamente, com o seu auxilio, podessem suprir a sua incapacidade, e por outro tivessem a consciencia da tremenda missão que lhes tinham impôsto as circumstancias, obrigando-os a uma estricção, a uma commovida, a uma fraterna solidariedade, fazendo predominar a orientação dos mais intelligentes e dos mais cultos.<sup>53</sup>

Mas eles não souberam nem cercar-se de homens capazes, nem, tampouco, manter a solidariedade necessária para que o Governo Provisório pudesse, de fato, funcionar. Em relação ao primeiro aspecto Raul Proença afirma:

De que homens se reuniram os nossos propagandistas para poderem fazer alguma coisa no seio da governação? Não lhes menciono os nomes. (...) O que me leva a não lhes mencionar os nomes é apenas a razão simples de que todos lh'os sabem.

Vemos assim apparecer pedagogistas eméritos, como demónios e serafins do fundo dos alçapões das mágicas; sêr ouvidos para a promulgação de leis fundamentaes, pedaços d'asnos para quem é quase uma atenção dizer-lhes que não são analfabetos; e nas direcções geraes, nos logares de maior vulto, nas escolas superiores, no governo colonial, nas penitenciarias, na diplomacia (sic) improvisar capacidades com uma facilidade de milagre. Emfim como o valôr não coincide em geral com a subserviencia, para honra dos homens de valôr, rodaram-se os ministros de meia duzia de thuribularios, que em regra eram imbecis e que por excepção eram republicanos.(...).

A estas leviandades do governo corresponderam optimamente a falta de escrúpulo dos contemplados - e eu vi sujeitos... Mas em fim é melhor não falar n'essas tristezas: pungem a alma demais. E porque é que elles acceitaram sem reluctancia essas benesses que não mereciam? Uns por terem prestado favôres pessoaes ao ministro (como se os empregos fôsem retribuições de favores pessoaes) e outros por terem - sei lá! - andado com ele nas escolas ou terem jogado a bisca com s. ex.<sup>a</sup>. Quanto ao mais, isso de competencias é uma história, quando se tem lume no ôlho e tres annos de comicios.<sup>54</sup>

---

<sup>53</sup>Ibidem. p.60.

<sup>54</sup>Ibidem. p.60-61.



Se considera um erro tanto os ministérios terem sido entregues a propagandistas, bons para realizar comícios, mas sem as condições intelectuais necessárias para governar o país, como as escolhas que estes fizeram para ocupar os cargos de confiança de seus ministérios, encontra outro problema, também grande, na falta de unidade, condição como acima dissemos fundamental para um bom governo:

(...) A unidade de acção do governo provisorio foi de tal ordem que a sua obra parece t er sido feita em sete países diferentes e em s ete s eculos diversos. Não houve um *governo*: houve *governantes*. Cada um dos ministros constituiu-se em chefe d'um governo *l a seu*, em ditador de um pa z que *elle l a sabia*. E continuava-se na mentira de que havia *um* governo, quando não havia afinal senão sete homens que são estavam de acordo n'isto: fazer cada um d'elles o contrário do que os outros faziam: -Ah! e causa d or e espanto ver como essas creaturas depois do triunfo d'uma causa tão ardentemente amada e por que tanto tempo combateram, sacrificando o seu repouso numa lucta alta e honesta, como essas creaturas, que deviam sentir em s , commovidamente, uma nova consciencia, uma nova alma, apagando-se-lhes a personalidade na grandeza da sua missão colectiva, descambarem dentro de curto tempo em politic es inimigos, fazendo do governo não o que se lhes exigia - solidariedade e sacrificio - mas o campo de batalha de desavenças mesquinhas.<sup>55</sup>

Por tudo isto pode afirmar que "A li o de desordem veio dos governantes..."<sup>56</sup>. E ir além, ao verificar que esta li o têm também vem de outras esferas do poder, como podemos ver abaixo:

A li o de desordem veio do parlamento, pejado de nulidades espaventosas e de mediocridades palradoras, snbordinando (sic) as questões nacionaes a questi nculas de grupos e grupelhos e dando a li o mais pavorosa de impotencia creadora e de anarchia moral.

A li o de desordem veio dos serviços públicos, que já estavam desorganizados e desorganizados ficaram, pela entrada de vários luminares da par la e de grandes cirurgiões das partes baixas.

A li o de desordem veio da imprensa republicana, a de Gregos e a de Troianos, que se debatem em mil e uma questi nculas pessoaes quando   certo que elles não são tão bons como se dizem nem tão m us como se chamam uns aos outros (...); debates em que se sustentam intermináveis discussões sobre partidos de atrac o, como se na essencia de toda a ideia de partido não estivesse a política de atrac o, e se igualmente não contrariassem esta os que querem fazer da República um campo fechado, ou os que dão esse n me a uma política de baixa transigencia."<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup>Ibidem. p.61.

<sup>56</sup>Ibidem. p.61.

<sup>57</sup>Ibidem. p.61-62.

Com isto conclui:

A conspiração mais terrível contra as instituições tem partido dos que tinham o encargo de as defender. Querem symptoma mais alarmante de desvairamento em todos os sentidos que as accusações que Theófilo Braga lançou contra António José d'Almeida - a não ser aquellas que António José d'Almeida lançou contra Theófilo Braga?

Que admira pois que as camadas baixas estremeçam quando de cima vem o exemplo da anarchia mais completa! Os jornaes pedem Paz! Paz! depois da grêve sindicalista, esquecendo-se de que dias antes, de que nesses mesmos dias, faziam uns aos outros a guerra mais inconveniente.

Paz?! Pois venha a Paz, mas sejam os primeiros a realiza-la aquelles que a aconselham. Bem precisa é ella por óra - uma paz activa, creadora, cheia da energia exaltada de todas as guerras, paz que seja a lucta contra o erro, que seja o combate dos que construem...

Mas quando aquêles que aconselham Paz não realizam a Justiça e o Bom Senso, esse grito evoca em mim o seguinte quadro.

É num palácio cheio de mêsas em que se sentam convivas cubiçosos. Entre os commensaes de cada uma trocam-se *toasts* que os embriagam; mas vão atirando copos, garrafas, jarros, facas, trinchantes, e outras delicadezas, aos convivas das mêsas proximas. Fóra accumula-se uma multidão que presencia e se agita. E á janella do palacio chega a figura draconiana da Ordem, armada dos pés á cabeça, gritando para a plebe alvoroçada:

"Paz, paz, cidadãos, por amôr da patria. Deixae estes senhores digerir e calumniar-se em silencio"<sup>58</sup>

Como podemos ver, existe neste artigo a imagem de um país em profunda desordem, desordem esta que tem como uma de suas principais causas a incapacidade de seus governantes. Esta imagem, se confrontada com a dos outros textos aqui analisados, mostra que há entre este artigo e o que efetivamente ocorre no país uma proximidade maior que a existente nos demais: não existe aqui nem a esperança nem tampouco a pregação de um grandioso futuro- como em Pascoaes e Pessoa-, nem a tentativa de convencer uma parcela do país a assumir o controle da nação- como em Vila-Moura -, apenas uma análise dos problemas do presente gerados por um governo incapaz. Assim este artigo se constitui na terceira vertente de reflexão sobre Portugal no primeiro volume de *A Águia*, vertente em que a tentativa de diagnosticar as causas da pequenez presente se baseia em fatos concretos que precisam ser entendidos para que possam vir a ser sanados. Longe da esperança do

---

<sup>58</sup>Ibidem. p.62.

primeiro grupo aqui analisado, e da visão elitista do segundo<sup>59</sup>, Raul Proença vê Portugal como um país doente, e acredita que apenas um trabalho de transformação de seus governantes o poderá curar. Assim, apesar das críticas que faz, talvez seja este o artigo que mais se aproxima das propostas republicanas. É de dentro do republicanismo que Proença faz as suas críticas, visando aperfeiçoá-lo, enquanto que os outros dois grupos pretendiam que este fosse superado ou substituído. Enquanto Pascoaes e Pessoa esperam, a partir de premissas um pouco distintas, a criação de um republicanismo que não imite os moldes franceses, e Vila-Moura e Joaquim Manso questionam a soberania popular e a liberdade, Proença é o único que não pretende uma mudança de regime, mas simplesmente que os homens encarregados de comandar o país consigam ser fiéis a seus princípios e realizem obras que possam, dentro dos ideais republicanos, acabar com o caos em que o país vive.

---

<sup>59</sup>Esta postura distinta em relação às propostas de Vila-Moura e Martins Manso pode ser notada, também, em uma nota na qual Raul Proença diz:

"A liberdade de opinião pensada e escripta é um dos apanágios fundamentaes da democracia. O artigo de Joaquim Manso, na *Águia*, sobre a *Liberdade e seus detentores* gira sobre um equivoco entre a liberdade *num* sentido filosófico do termo, aliás muito discutível e a liberdade no sentido político e social - que é o direito de exprimir livremente o que se pensa, mesmo o que se não pensa livremente." (Ibidem. p.59).

### 3.2.2.3 Outros textos

#### 3.2.2.3.1. Da grandeza ao governo de poucos

Se são os artigos que até aqui analisamos os mais combativos em termos de propostas e/ou críticas sobre a realidade política do país, como dissemos vários outros textos se referem a Portugal e/ou a seu destino, ou, mesmo sem referências explícitas ao país, possuem idéias que corroboram com as posturas de um ou mais dos grupos anteriormente analisados. Será este conjunto de textos que irá constituir o substrato em que poderemos melhor vislumbrar em que medida os artigos já analisados se inserem ou não dentro de uma tendência mais geral deste volume.

São muitos e variados os textos em que encontramos idéias que acabam por reforçar as propostas e concepções do primeiro grupo que atrás analisamos: vamos encontrar ecos destas propostas em poemas, contos e análise de obras, entre outros.

É em um texto de Leonardo Coimbra, a análise que faz do *Regresso ao Paraíso* de Pascoaes<sup>60</sup>, que podemos encontrar a maior exaltação feita neste volume ao autor de *Maranus*, na medida em que, como veremos, a obra analisada e seu autor se transformam nos geradores de uma renascença de Portugal.

Coimbra inicia seu artigo com uma análise emocionada do livro de Pascoaes, em que o qualifica como *a mais alta obra portuguesa*, e o considera como uma *absoluta metafísica*. A seguir afirma que esta obra é uma das grandes dádivas já oferecidas ao país por seus principais poetas, que são para ele, além do próprio Pascoaes, Camões, Antero e Junqueiro<sup>61</sup>, para por fim falar do citado renascimento, trecho que abaixo reproduzimos:

---

<sup>60</sup>Este texto de Leonardo Coimbra pode ser encontrado em COIMBRA, Leonardo. *Dispersos I - Poesia Portuguesa*. p. 76-81. Além de alguns itálicos que não foram reproduzidos, e de um parágrafo que foi acrescentado em um ponto do texto em que não existia -na frase "É D. Sebastião que volta!", que na reedição (Ibidem, p.79), diferentemente do texto original (Idem, "*Regresso ao Paraíso* por Teixeira de Pascoaes". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.199.) forma um parágrafo- a reedição modifica duas palavras: *harmonica* no original é substituída por *harmoniosa* e *o Oriente* por *a oriente*.

<sup>61</sup> Como podemos ver no trecho abaixo:

"Camões deu a Portugal a sua alma de aventura heroica, deu-lhe os "Lusiadas"; Antero deu a Portugal o sacrificio do seu santissimo corpo para que Portugal comunhasse a sua alma *de certeza*, pela divina Tragedia de novo libertada das hesitações, das duvidas e das angústias materiaes; Junqueiro *abre* os olhos a esse gigante cego, debruçado numa impossibilidade secular sobre os "Lusiadas" indecifráveis; Pascoaes dá a esse povo a sua alma integral e purificada, no fôco divino imanente, a sua alma de *Saudade*. isto é, de

Olhae o Oriente e haveis de vêr os sinaes precursôres do *Deus Infante*! Ele caminha sobre nuvens de luz! A vossa pupila ainda não retém essa luz de fluxo em vertigem d'amôr!

Mas olhai as alvoradas, preparai os vossos corações que Deus volta das brumas do passado sonolento e volta rejuvenescido e todo mudado. Olhai a sua côm inedita! Aquela frescura aprilina dilue todas as falsas tristezas do desanimo. Olhai a sua melancolia feita de vida e não de morte; é a melancolia da *Saudade*, que é tam só a concentração do Espírito apreendendo-se no drama da sua essencia. É D. Sebastião que volta!

O que ele aprendeu!

(...)

Alvorece a nova Religião, a alma portugûesa vai possuir-se em Deus.

Que todos os poetas (e nesta expressão envolvo-me e envolvo todos os vivos) estudem a *Obra* [o *Regresso ao Paraíso*]; Biblia lusitana, tornada vida universal no absoluto, será no contingente, *renascimento* de Portugal.

Não digo mais nada. Se quizesse chamar a atenção para fragmentos do livro seria criminosamente estúpido. O livro é uno e perfeito.

Leiam-no, e amem-no porque a si lêem e a si amam.

Môços Portugûeses!

A vós me dirijo neste momento em que os velhos sem alma se gastam em obras de Morte.

Vinde ao Poeta, vinde a nós que vos amamos, e sereis os apóstolos do Deus Infante, redentor do Universo e alma de Portugal!<sup>62</sup>

Como podemos ver pelo trecho citado, Leonardo Coimbra neste artigo acaba por reproduzir alguns dos pressupostos básicos do pensamento pascoalino. Se este autor havia afirmado que era a literatura, onde a Saudade está se revelando, a maior garantia do processo de ressurgimento em que se encontra Portugal, e que aquilo que era necessário para um final renascimento do país era que o povo de novo entrasse em contato com a alma nacional, criando assim uma nova religião, Coimbra considera que esta obra de Pascoaes, que como sabemos apresenta a Saudade como o arauto de um novo Deus que destronará Jeová, é ao mesmo tempo a nova bíblia seja desta religião seja da alma nacional, e que o seu estudo garantirá este alvorecer que já se anuncia no Oriente. Desta forma, numa postura por sinal bastante condizente com o papel que Pascoaes de fato possui neste volume, Coimbra o converte em criador desta nova religião, e não apenas em um profeta de seu aparecimento.

---

cristianismo intranho, de cristianisação inexgotavel, sem fim e sem morte." (COIMBRA, Leonardo. "Regresso ao Paraíso por Teixeira de Pascoaes". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.198.)

<sup>62</sup>Ibidem. p.199.

Se o texto que acima citamos é aquele em que a imagem de Pascoaes aparece de forma mais positiva, em vários outros podemos encontrar ecos de suas idéias.

Em outro texto de Leonardo Coimbra, aparentemente sem relação com Portugal, "Uma fala de espíritos", podemos encontrar grande consonância com as visões que Pascoaes tem sobre a nova religião mundial, na medida em que neste conto, se assim o podemos designar, os espíritos de Prometeu e de Jesus se encontram, e após discutirem sobre as visões distintas que possuem sobre os homens e sua possível salvação, acabam no final por se entenderem, como podemos ver no trecho abaixo, que se inicia por uma fala do espectro de Cristo:

-Minha Mãe, perdôa. Meu irmão, conheço-te agora! Olha o meu coração como se incendeia! São labaredas d'amôr: vou-me consumindo em amôr!...

O ceu acende-se numa luz branca, que o envolve cariciosamente, e o espectro de Cristo, ainda agora abraçado na Terra dilue-se em luz na amplidão ilimitada:

-Meu irmão leva esta luz aos homens. Com ela, eles serão felizes; poderão libertar-te e espiritualisar o Universo.

Prometeu, inundado num clarão desconhecido, estremece, cahi de joelhos e murmura:

- Abençoado seja o meu sacrificio. Sinto o quebrar das cadeias. Compreendo agora, porque o meu fogo não salvou os homens. Não é o fogo que os pode salvar, mas a alma do fogo. A natureza sofre e é impotente, mas o homem possui o fogo do espirito e, com ele, irá acender consciencias pelo Espaço. Desperta e lucha Natureza! Já não pesa sobre ti a Fatalidade; mas, com o amôr e o espirito, começa a liberdade, o consentimento mutuo, o auxilio, a fraternidade, a ascensão moral! Deus é o foco invisivel das almas, a fonte inexgotavel do heroismo e do amôr.

Desce da Montanha, oh Carne de Prometeu! E vai pelo Universo levar a boa nova - os dois irmãos se amaram e, do seu amôr, nasceu um Cosmico Jesus, um Cristo-Prometeu, que, na terra, nos mundos, nas nebulosas, vae ensinar Deus às almas.

Amanhecia. Na claridade do nascente, a luz tinha uma côr inedita, a terra uma face nova.

Murmurios misteriosos e rapidos perpassavam pelo ar, e por sobre a espiritualisada face da terra. Eram colloquios rapidos e nervosos, movimentos de delirio e crescimento. Tudo avolumava e estremezia.

.....

Um Genesis novo começara das bandas do Sol, lá do prodigo Oriente.<sup>63</sup>

Esta união entre paganismo e cristianismo é, como notamos acima, a proposta de Pascoaes para a nova religião ocidental, síntese que para ele se encontra na Saudade.

<sup>63</sup>COIMBRA, Leonardo. "Uma fala de espíritos". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.18.

Assim, ao propor a união destas duas religiões diversas em uma nova unidade que as ultrapasse, e possa de fato dar uma resposta para as necessidades não só do homem, mas de toda a natureza, Leonardo Coimbra está justificando pelo menos em parte as concepções do poeta de *Maranus*. E esta criação de um novo Deus, em que se conjuguem características pagãs com outras cristãs, será, como veremos na análise dos próximos volumes, um dos *topoi* mais recorrentes nos textos publicados nesta revista.

Um outro texto em que algumas das concepções de Pascoaes de certa forma são referendadas é o poema "Quinta das Lágrimas - Fonte dos Amores" de Augusto Casimiro, em que, nos dois últimos versos dos primeiros quartetos de cada um dos sonetos, a *raça* portuguesa é apresentada como amorosa e saudosa: "-Tu és fonte de Amor, ó minha raça, / -Trazes teus olhos sempre marejados...", "-Portugal é uma fonte de saudade / -Toda triste e saúdosa, a recordar..."<sup>64</sup>. Obviamente, mesmo sendo estas características consideradas como típicas do país no mínimo desde o século XVII<sup>65</sup>, vincular desta forma os portugueses com

<sup>64</sup> CASIMIRO, Augusto. "Quinta das lágrimas - Fonte dos amores". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.20.

<sup>65</sup> Como sabemos, o primeiro autor português a teorizar sobre a saudade foi D. Duarte, em *O Leal Conselheiro*. Em um trecho de sua reflexão afirmou que "E porem me parece este nome de suidade tam proprio, que o latim nem outro linguagem, que eu saibha, nom he pera tal sentido semelhante" ( D. Duarte. *Leal Conselheiro*. Apud FILIPPI, Sergio. *A Saudade*. p.82.) , instituindo pela primeira vez a noção da saudade enquanto uma palavra existente apenas em português. Esta reflexão é reelaborada, em 1606, por Duarte Nunes Leão, que considera não só a palavra, mas também o sentimento, como exclusivos dos portugueses: "Saudade - Este affecto como é próprio dos Portugueses que naturalmente são maviosos, e efeiçoados não há lingua em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda per muitas palavras que se declarem bem" (LEÃO, Duarte Nunes de. *Origem da Língua Portuguesa*. Apud COSTA, Dalila Pereira da, GOMES, Pinharanda. *Introdução à Saudade*. p.7.). Com Duarte Leão são instituídos dois tópicos recorrentes sobre a saudade: os da exclusividade portuguesa, seja do sentimento saudoso, seja da forma fônica que o pode representar. Frei Isidoro de Barreira, 16 anos após Duarte Leão afirma que "Entre nós significa saudades, nome que a língua espanhola não tem, nem os latinos" (BARREIRA, Isidoro de. *Tratado das Significações das Plantas, Flores e Frutos que se Referem na Sagrada Escritura*. Apud COSTA, Dalila Pereira da, GOMES, Pinharanda. Op. cit. p.7) e António de Souza de Macedo, em 1631, já tentando explicar o porquê desta dupla exclusividade, sentimental e fônica, afirma: "É palavra somente portuguesa, e nenhuma outra nação a tem, do que me parece ser causa (revele-se-me usar deste argumento para confirmar minha opinião) porquanto, como as outras nações não amam tão perfeitamente como a nossa, não lhes é necessário ter palavra com que mostrem affectos amorosos na ausência, e assim não lhes deu a natureza cousa que havia de ser baldada; mas como os portugueses sejam tão bons amigos que, estando ausentes, trazem sempre no peito a cousa amada, com sêde e ardente desejo de vê-la verdadeiramente e tratá-la, a natureza, que em nada é improvida, lhes deu esta palavra saudades, para declarar seu sentimento, como também às outras nações a dera, se carecessem dela. Grande excelência por certo, testificada pela mesma natureza, que tão somente portugueses entre todas as gentes do mundo são leais amigos, amam verdadeiramente, sentem a ausência, e se lembram do ausente como presente" (MACEDO, António de Souza de. *Flores de Espanha e Excelências de Portugal*. Apud COSTA, Dalila Pereira da, GOMES, Pinharanda. Op. cit. p.8.)

Todos estes autores, direta ou implicitamente, tratam a saudade de forma análoga. Ela é um sentimento humano e, mais precisamente, português, só exprimível pela língua portuguesa, que, segundo Duarte Leão e, de forma mais exacerbada, Antonio de Souza de Macedo, está ligada ao grande amor que é típico e distingue os portugueses dos outros povos. Assim já no século XVII a saudade é, ao mesmo tempo,

a saudade no interior de *A Águia* significa reforçar o ponto de vista pascoalino, segundo o qual a saudade é considerada como a maior criação da *raça*.

Fato semelhante, mas com uma ligação bem mais complexa, ocorre com o poema "Regendo a Sinfonia da Tarde" de Jaime Cortesão. Neste longo poema, o eu lírico observa o cair da tarde e, como podemos ver abaixo, a visão do sol se pondo no mar o transporta para a partida das caravelas:

Ao longe, no Ocidente  
A galera do Sol colheu as velas;  
Vão cair, dobradas... lentamente...  
Sobre o navio em fogo.

Ao ve-lo

Sonho as saúdosas tardes do Restelo,  
Cheias dum chôro amargo,  
Quando o largo  
Se afogam na Sombra as caravelas!

Uma a uma,  
Cada vela colhida  
Por instantes se apruma  
E já parece  
Que o vento novamente as estremece  
E as vai tornar revoltas;  
E em meu olhar surprizo  
O Sonho desvairado da partida  
Por momentos  
Ergue-se todo, num delírio acezo,  
Cortado de lamentos,  
Soluços, gritos, ais, lágrimas soltas...!  
Fez-se um Silêncio concentrado...  
Tudo parou num ar de agoiro...  
Lembra o Sol-posto  
O túmulo dos Átridas, violado,  
Deixando vêr um rôsto  
Funebremente polvilhado d'oiro.<sup>66</sup>

---

um sentimento pessoal, o efeito do afastamento da pessoa amada, e uma marca nacional, na medida que só os seres portugueses poderiam sentir e expressar este sentimento, pois só eles sabiam verdadeiramente amar.

<sup>66</sup>CORTESÃO, Jaime. "Regendo a Sinfonia da Tarde". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p. 175-6. Uma versão um pouco modificada desta obra pode ser encontrada em CORTESÃO, Jaime. *Poesias I*. p. 167-180, em que este poema é renomeado como "A sinfonia da tarde". Além das modificações apontadas no "Registro Bibliográfico" deste livro, devemos apontar que uma estrofe, ("A tarde é toda rasa de andorinhas. / (...) / Têm pena do Sol, querem-no ver...!", *Ibidem*, p.169) ocupa na edição presente em *A Águia* uma posição diferente da que apresenta no citado livro (após a estrofe "Adeus! Adeus! geme o sombrio coro! / (...) / Até de todo se perder de vista...", *Ibidem*, p.170), além de outras mudanças de menor monta, como estrofes que são



Este retorno ao passado acaba por se transformar, em outro momento, numa visão das características da raça que trazem em si uma proposta de futuro:

Tardes da minha Terra portuguesa!

Não ha outra onde a Luz crepuscular  
 Tam docemente quebre;  
 Mais cheias de ansiedade e da Tristeza  
 De Triunfo e de Febre,  
 Pois quando o Sol nos deixa cai ao Mar.  
 É às horas imensas do Sol-pôsto,  
 Quando a Luz solta a rala derradeira,  
 Que eu me sinto mais belo e mais perfeito  
 E o Génio desta Raça aventureira  
 Me crispa os nervos, me dilata o peito  
 E transfigura o rôsto!

Raça vidente, halucinada, inquieta  
 Sempre à busca do Alem...  
 Vamos... toca a embarcar! Eh! lá ! quem vem  
 Para as Indias sem fim?  
 Meus Irmãos marinheiros, sou Poeta:  
 Quero a mais alta gávea para mim!<sup>67</sup>

Como podemos aqui notar, são características passíveis de serem ligadas às que foram apresentadas por Pascoaes as que são enunciadas neste poema. Uma raça *aventureira*, sempre em busca do *além*, das *Índias sem fim*, pode ser criadora de uma nova religião, que satisfará ao ocidente materializado e infeliz, estas *novas Índias* que o mundo moral necessita, como o mundo material precisara das Índias concretas cujo caminho os portugueses souberam descobrir. Certamente neste poema os significados não precisariam ser necessariamente estes, as *Índias sem fim* por exemplo podem não ser necessariamente esta nova religião, mas não resta dúvida de que ele se utiliza de imagens que permitem uma leitura próxima daquilo que foi proposto por Pascoaes. Esta leitura torna-se ainda mais possível se notarmos um outro trecho em que o eu lírico rouba a lira de Orfeu:

Com dedos de Anjo  
 De novo as cordas firo

---

divididas na nova versão e palavras que, antes maiúsculadas, passam a ser escritas com minúscula, ou vice-versa.

<sup>67</sup>Idem. "Regendo a Sinfonia da Tarde". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p. 176-177.

E tam sentidamente a lira tanjo,  
 Tais acordes desfiro  
 Com tam profundo  
 E penetrante acento de Tristeza;  
 Que chego a ser senhor de todo o Mundo  
 Pelo poder da Beleza,  
 E mais  
 A mais  
 As Sombras voltam a unir-se em côro  
 E as vozes com a lira concertaram  
 Num dulcíssimo chôro.

Torna-se a melodia mais intensa  
 Até que em toda a Terra se levanta  
 Uma elegia de Saüdade imensa,  
 Que entôam quantos Anjos acordaram  
 Pelo milagre desta Tarde Santa!

As Sombras dizem na elegia imensa  
 A saüdade do Sol que já morreu,  
 Mas em mim o Amôr vai mais além:  
 Ha muito Sol que nunca amanheceu  
 E a minha lira chora numa prece,  
 Reza a visão saüdosa desse Bem,  
 Que todos sonham e ninguem conhece.<sup>68</sup>

Se esta elegia da saudade, entoada por todos os anjos e todas as sombras, já nos mostra uma certa universalização deste sentimento tido como português, os últimos versos acima transcritos, ao enunciarem uma *saudade metafísica*, não só retomam uma tradição que de fato começa em Camões e é teorizada, que saibamos, primeiramente por D. Francisco Manuel de Melo<sup>69</sup>, mas mostram que aquele desejo de *além* característico da raça

---

<sup>68</sup>Ibidem. p.179.

<sup>69</sup>Foi D. Francisco Manuel de Melo o primeiro a analisar teoricamente a saudade como algo que ultrapassa o limite humano: pode ser o desejo-lembrança de algo que não havemos visto jamais, não mais propriamente uma lembrança, mas uma reminiscência, como podemos ver no trecho abaixo:

"É a saudade uma mimosa paixão da alma, e por isso tão fútil, que equivocadamente se experimenta, deixando-nos indistinta a dor, da satisfação. É um mal, de que se gosta, e um bem, que se padece (...). Não necessita de larga ausência: qualquer desvio lhe basta, para que se conheça. Assim prova ser parte do natural apetite de união de todas as cousas amáveis e semelhantes; ou ser aquela falta, que da divisão dessas tais cousas, procede. Compete por esta causa aos racionais, pela mais nobre porção, que há em nós; é legítimo argumento da imortalidade do nosso espírito, por aquela muda ilação, que sempre nos está fazendo interiormente, de que fóra de nós há outra cousa melhor, que nós mesmos, com que nos desejamos unir. Sendo esta tal, a mais subida das saudades humanas: como se disséssemos um desejo vivo, uma reminiscência forçosa, com que apeteçemos espiritualmente, o que não havemos visto jamais, nem ainda ouvido: e temporalmente, o que está de nós mais remoto e incerto. Mas um e outro fim sempre debaixo das primícias do bom, e deleitável. Esta é em meu juízo a teórica das saudades, pelos modos, que sem as conhecer, as

portuguesa, apontado em outro momento do poema, pode estar diretamente vinculado à saudade. Certamente estamos muito longe de formularmos uma análise sobre a totalidade deste poema de Jaime Cortesão, nem é este aqui o nosso objetivo, mas o que acima apontamos já é suficiente para verificarmos que pelo menos concepções bastante próximas produziram seja este poema, sejam os textos de Pascoaes que atrás analisamos.

Mas não são apenas em textos tão próximos das concepções saudosistas que destas podemos encontrar ecos. Se pensarmos apenas no fervor patriótico que perpassa estes escritos, este tom acaba por ser encontrado nos dois inéditos, um de Oliveira Martins e outro de Antero de Quental, que aparecem neste primeiro volume. Ambos são "D'um folheto que esteve para publicar-se por ocasião do *Ultimatum* e cujos originais estão em poder do snr. conde do Ameal"<sup>70</sup>, e no primeiro encontramos o trecho abaixo, em que a *desgraça* nacional se transforma em esperança de um ressurgimento, pelo menos no campo literário:

(...) A nossa virtude nacional e as nossas desgraças de outros tempos produziram o maior poeta das edades modernas. Possa a virtude e a desgraça de hoje lançar no peito dos neofitos da arte a semente de grandeza, bastante para germinar e vir a florir em obras tam esplendidas e imorredouras como as estrofes dos *Lusiadas*!<sup>71</sup>

Já no segundo, que abaixo reproduzimos, se não existe propriamente esta esperança de ressurgimento, existe ao menos uma mitificação da desgraça, em que de certa forma Portugal continua a mostrar a sua grandeza:

Disse um homem de Estado inglez do século passado, que por certo era tambem um perspicaz observador e um philosopho, Horacio Walpole, que "a vida é uma tragedia para os que sentem e uma comedia para os que pensam."

---

padecemos, agora humanamente, agora divinamente."(MELLO, Francisco Manuel de. "Epanáfora amorosa". *Epanáforas de vária história portuguesa*. Apud COSTA, Dalila Pereira da e GOMES, Pinharanda. *Introdução à saudade*. p. 20-1)

Se D. Francisco Manuel de Melo foi o primeiro a teorizar sobre a saudade vinculando-a com o religioso e com esta *saudade humana do divino*, não foi o primeiro, de fato, a ver nela estas características. Pascoaes, em seu livro *Os Poetas Lusíadas*, publicado em 1919, já as encontra seja nas redondilhas "Sôbolos rios que vão" de Camões, seja em certas poesias de Frei Agostinho da Cruz. (Cf. PASCOAES, Teixeira de. *Os Poetas Lusíadas*. p.101-21)

<sup>70</sup>A *Águia*, 2ª série, v. 1. p.35, p.68.

<sup>71</sup>MARTINS, Oliveira. "Inédito". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.35. Devemos aqui ressaltar que todas as indicações positivas que são feitas nesta revista à nova poesia portuguesa, por Pascoaes e Pessoa, poderiam levar os leitores a supor que esta *nova poesia* poderia caracterizar o tipo de arte que Oliveira Martins, durante o *Ultimatum*, esperava que aparecesse.

Pois bem: se temos de acabar tragicamente, nós Portuguezes, *que sentimos*, preferimos muito este destino terrível mas nobre áquele que está reservado, e talvez n'um futuro não muito remoto, á Inglaterra *que pensa e calcula*, o qual destino é o de acabar miserável e comicamente.<sup>72</sup>

Este conjunto de textos parecem indicar que *A Águia*, ao menos neste volume, assume a proposta saudosista, dado que não só existem vários colaboradores que, de uma forma ou de outra, acabam por corroborar as propostas defendidas por Pessoa e Pascoaes, em especial por este último, como também são escolhidos textos de figuras centrais da geração de 70 que tendem a confirmar, mesmo que de forma indireta, a validade destas propostas. Devemos porém notar que em alguns outros textos podemos perceber que a distância que aparentemente separava este grupo do composto por Vila Moura e Joaquim Manso, de fato não é tão grande quanto parecia. E será justamente em um texto de Pascoaes que inicialmente poderemos perceber este aspecto.

Pascoaes, além dos textos que atrás analisamos, publica seis outros neste volume: no fim do primeiro número, na seção *Revista Bibliográfica* apresenta a análise de dois livros recém lançados, um de Unamuno e outro de Correia de Oliveira; o terceiro número da revista se inicia com o artigo "Uma carta de Manuel Laranjeira"; no final do quinto número apresenta, também na *Revista Bibliográfica*, uma análise da tradução que Basílio Teles fez de *O livro de Job*; no sexto número além de um breve texto intitulado "Camões" publica uma outra análise de uma obra recente, desta feita *A plein vol* de Philéas Lebesgue. De todos estes artigos terá especial interesse para nós o que dedica a Basílio Teles, por motivos que abaixo veremos. Nos demais encontramos apenas ou rápidas referências ao país, como ocorre com os dois primeiros<sup>73</sup>, ou outros tipos de questões<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup>QUENTAL, Antero de. "Inédito". *A Águia*, 2ª série, v. 1, p.68.

<sup>73</sup> No primeiro destes artigos, sobre o *Rosário de sonetos líricos* de Miguel de Unamuno, existe apenas uma rápida referência a Portugal, quando diz "Chamemos, mais uma vez, a atenção dos nossos compatriotas, *dominada pela grande questão política que se debate ainda*, para esta altíssima figura de escritor que é um sincero amigo de Portugal." (PASCOAES, Teixeira de. "*Rosario de sonetos líricos* por Miguel de Unamuno". *A Águia*, 2ª série, v. 1, p.31. Os grifos são nossos). Se no segundo se refere mais sistematicamente a Portugal é apenas para considerar que no livro de Correia de Oliveira é mais o povo do que propriamente o autor que canta, o que faz com afirmações como "Mas ele tem momentos em que desce á alma humana, e, de preferencia, á alma de sua Raça", ou "Mas é ele, é um homem que canta? // Não: é o povo. // O Poeta perde o nome de Corrêa d'Oliveira e chama-se - Povo." (Idem. "*Dizeres do povo* por António Correia de Oliveira". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.32).

<sup>74</sup>Entre os artigos que se referem a outras questões merece especial destaque o "Uma carta de Manuel Laranjeira", na medida em que expressa, de forma clara, a concepção de Pascoaes sobre o materialismo, e os motivos pelos quais não concorda com esta concepção. Sobre uma carta que Manuel Laranjeira lhe havia enviado em 1904 quando da publicação de *Para a luz*, diz: "Ele caiu (...) n'uma terrível ilusão de recente origem científica. Contemplou o Universo e a Vida como isolados do seu pensamento, e

No artigo sobre a tradução que Basílio Teles fez de *O livro de Job*, ao falar sobre o tradutor, afirma:

Anthero de Quental e Basilio Teles! Eis os dois Irmãos! os dois representantes da Virgindade da Raça. N'estes dois Poetas, o nosso Povo angelisou-se, subiu **da animalidade baixa e tôrpe que forma a grande massa comum**, á espiritualidade perfeita que constitue a Humanidade.

**A maior parte dos homens é composta de esboços humanos, de tentativas falhadas... De vez em quando, aqui e além, por acaso, surge da massa informe e indefinida, a Fisionomia perfeita, a Forma definida, marcando uma victoria da Vida na sua lucta contra a Morte.**

Em Basilio Teles, a vida portuguesa e, portanto, a vida humana, subiu mais um degrau, conquistou um progresso.<sup>75</sup>

E em outro momento, no fim do artigo, escreve:

quiz ver a harmonia, portanto, n'um corpo decepado, porque o Pensamento Humano é que completa o Universo, faz parte d'ele, está n'ele integrado, ou melhor ainda, é a ultima forma superior de sua evolução.

E a Naturêsa, quando atinge a *fase espiritual*, torna-se *perfeita*. O espirito vive a vida divina e perfeita. Todas as contingencias e imperfeições mineraes, vegetaes ou animaes não existem no espirito que vive em si e de si, sem matar para viver. Logo, o Universo na sua generalidade material é imperfeito e doloroso, mas na sua sintese espiritual, na sua cristalisação divina, é perfeito e feliz. (...)

Fazendo parte integrante do Cósmos, o Pensamento, como já dissemos, todas as suas creações são tão reaes e verdadeiras como as creações da Materia; por exemplo, uma ideia tem a mesma existencia cósmica que uma flôr ou uma pedra. Logo, se o Pensamento criou a *idéia de finalidade*, o Universo ficou a ter espiritualmente *um fim*, desde esse instante creador. O homem encontrou o mundo por concluir; mas o seu pensamento terminou a obra de Jéovah; fechou a abobada do Universo.

E a Vida assim definida pelo nosso espirito, torna-se logica e clara, como uma estrada (...) lançada entre um lugar tenebroso e doloroso (as fases materiais da vida) e outro lugar feliz e alegre (as fases espirituas da vida).

(...)

E assim temos a *Vida* com um *Principio* e um *Fim*, dentro da realidade cosmica. Temos a Vida digna de viver-se; pois viver a vida é transformar *materia dolorosa e imperfeita* em *espirito perfeito e livre*".(PASCOAES, Teixeira de. "Uma carta a Manuel Lorangeira". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.66-67)

Como podemos ver Pascoaes acredita num tipo especial de evolucionismo, no qual o *espirito* é a ponto máximo da criação. Podemos, em vista disto, entender melhor uma série de aspectos da sua proposta para o país. Se a alma é a máxima criação, nada mais natural que considerar que o movimento necessário para o país, impregnado de formas mentais que não lhe pertencem, é o de redescobrir a sua alma, atingindo assim um estágio *superior e mais perfeito* de vida. Além disto, encontrar esta *alma*, revelá-la, como diz Pascoaes, pode significar dar a Europa, imersa em um materialismo sem saída, justamente o que ela está necessitando, fazendo com que o país volte a assumir a posição de supremacia que já ocupara séculos antes. Assim, as propostas pascoalinas para Portugal são, de fato, fruto de uma concepção mais geral que ele possui sobre a vida.

<sup>75</sup>PASCOAES, Teixeira de. "O Livro de Job Tradução em verso com um estudo sobre o poema de Basilio Teles". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p. 169. Os negritos são nossos.

Job viveu, quando a alma humana creava uma síntese religiosa da Vida: e Basilio vive n'um tempo em que a alma humana procura e já entrevê uma nova concepção religiosa da Vida e do Universo.

O espirito de Basilio Teles foi assaltado pela *comoção moderna* que principia a alvoroçar os Artistas, os Filósofos e os Sabios. Eis o que revela a sua grandeza.

Só os verdadeiros espiritos se tornam religiosos, porque são creadôres. O homem digno da Humanidade, sente a necessidade de acrescentar alguma cousa ao já creado: renova e dilata a Vida: **não se limita, como os outros animaes, incluindo n'estes o geral dos homens, a conservar o *statu-quo*...**

Basilio Teles, com a sua nova obra, coloca-se ao lado das suprêmas figuras do genero humano. É hoje um Interprete da Nova Era, da nova Fé.

O homem, desde seculos esterilizado e infecundo, começa a sentir, de novo, contra todas as influencias hostís da civilização moderna, o despertar de intimas energias espirituas, creadôras de novos mundos.

O mundo actual está no fim...

A noite presente é já uma noite morta, sobresaltada pelo primeiro alvôr d'um novo Sol...<sup>76</sup>

Se aqui podemos perceber o mesmo tipo de confiança profética que perpassa os artigos de Pascoaes que já analisamos, na medida em que tem certeza que está para eclodir uma nova era religiosa, *topos* recorrente em suas reflexões, alguns outros aspectos dos trechos citados nos mostram claramente que, de fato, sob propostas tão diversas como as de Pascoaes e Joaquim Manso existe um fundo comum.

Como nos mostram os trechos que acima colocamos em negrito, também Pascoaes participa da crença de que a humanidade é composta por duas categorias: a dos *homens superiores* que se sobressai da outra, formada pela massa comum dos homens, que é, como ele afirma *composta de esboços humanos, de tentativas falhadas*, tendendo, como *os animais* a simplesmente *conservar o status quo*. Assim, também para o autor de *Jesus e Pã* caberia, ao menos em princípio, aos primeiros, possuidores de capacidades vedadas à maioria dos homens, guiar a humanidade para o caminho correto. Estes homens, os *artistas, sábios e filósofos* como os designou Pascoaes, já sentem a *comoção moderna*, que os outros ainda não podem perceber.

Este tipo de concepção só aparentemente se choca com a de que através da educação os portugueses poderiam entrar em contato com a sua alma e, com isto, atingir um estágio superior. Certamente, se acredita no papel salvífico da educação genuinamente portuguesa, Pascoaes também crê que não só esta educação, mas a própria função de apontar a sua necessidade, cabe apenas aos homens superiores, que conseguem perceber a alma nacional

---

<sup>76</sup>Ibidem. p.172. Os negritos são nossos.

apesar de ela estar soterrada por debaixo de todo o estrangeirismo que existe em Portugal. Se, como havia apontado nos artigos que atrás analisamos, são os poetas, a *florescência da raça*, que estão revelando a alma nacional, e se é ele, um poeta, que tem a capacidade de mostrar a grande importância que isto possui, é porque os poetas são homens superiores, mais capazes que o conjunto dos homens, seres comuns, para perceber a verdade que se oculta por debaixo da aparência enganadora.

Esta concepção que existe sobre o papel fundamental do poeta, se já havia aparecido no poema de Jaime Cortesão<sup>77</sup>, está presente de forma mais central em um poema de Augusto Casimiro publicado neste volume, "O Poeta e a Nau", que abaixo reproduzimos.

#### O Poeta e a Nau

Vai errante, no Mar, uma nau sem governo...  
O oceano é chão, o céu azul fundindo em aço...  
As velas mortas... Nem sequer vento galerno  
As vem inchar para dormir no seu regaço!...

Sobre o antigo convez peza um velho cansaço,  
E ou destino fatal ou maldição do inferno,  
O mastro grande em vão aponta para o espaço...

-Sobre as ondas a nau é um carcere eterno!

Dominando em redor, lá na gávea mais alta,  
Um marujo, a cantar, fala do Além, e exalta  
Um passado esplendor sobre a nau sepulcral...

"Porque o vento hade vir aninhar-se nas velas!  
"Porque a nau voará, - tocará as estrelas!..."

-O marujo é Poeta - e a nau... Portugal!<sup>78</sup>

Antes de partimos para a análise comparativa entre este texto e o de Pascoaes, devemos notar que são por demais fortes as ligações entre este poema e "San Gabriel" de Camilo Pessanha, que atrás analisamos, para que possamos atribuir estas semelhanças a simples características do período. Por mais que o poema de Pessanha nesta época ainda não tivesse sido publicado em Portugal, seria possível que Augusto Casimiro o conhecesse,

<sup>77</sup> Como nos mostram os versos "Meus Irmãos marinheiros, sou Poeta: / Quero a mais alta gávea para mim!" (CORTESÃO, Jaime. "Regendo a Sinfonia da Tarde". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p. 177.)

<sup>78</sup> CASIMIRO, Augusto. "O Poeta e a Nau". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p. 129.

pois, como afirma Barbara Spaggiari, "Ele [Pessanha] gostava de recitar os seus versos também aos estranhos e era pródigo em dar autógrafos, por vezes até inéditos, a quem lhos pedisse"<sup>79</sup>, o que nos autoriza a supor que este, como outros de seus poemas, mesmo que em círculos restritos, fosse conhecido em Portugal<sup>80</sup>.

Se confrontarmos os dois poemas podemos perceber que em ambos Portugal é um navio parado no meio do mar, imerso em uma calmaria, já que os ventos pararam de soprar. Nos dois existe uma espécie de castigo e/ou maldição, que pesa sobre o navio, expresso como vimos em *Que cilada os ventos nos armaram / A que foi que tão longe nos trouxeram* no poema de Pessanha, e aqui pela imagem do mastro grande apontando para o espaço, que é visto como marca de um *destino fatal* ou de uma *maldição do inferno*. É, como vimos, este navio morto que Pessanha pede que seja levado à *conquista final* por San Gabriel, numa viagem através das estrelas. O que no poema de *Clepsidra* é uma súplica, no de Casimiro se transforma na fala de um marujo que está na *gávea mais alta*, de onde afirma, para o navio morto, que o vento de novo inflará as velas, e fará com que o navio voe e toque as estrelas<sup>81</sup>.

Estas profundas semelhanças entre os dois textos poderiam nos levar a supor que este poema é uma homenagem a Pessanha, afinal ele havia sido o poeta que afirmara esta possibilidade. Porém, se esta relação parece ser pertinente, devemos notar que no contexto da revista em que foi publicado uma outra leitura é possível, na medida em que neste contexto o poema certamente permite interpretar o *poeta visionário* que nele existe como sendo Pascoaes. É ele, no interior de *A Águia*, certamente não só o poeta mas, como entre outros Pessoa o afirmou, o *profeta* do movimento saudosista. São as suas profecias que afirmam a possibilidade do *navio Portugal* não simplesmente voltar a se mover, mas de fato atingir conquistas muito superiores às já realizadas, já que o país se encontra em um momento *genésico* em que a Saudade, síntese da alma portuguesa, finalmente revelada, poderá realizar a grande síntese entre cristianismo e paganismo, e dar ao mundo a nova religião de que ele tanto estava necessitado, o que certamente poderia ser interpretado como *tocar as estrelas*. Assim este poeta que aparece nesta poesia de Casimiro, pode ser ao

---

<sup>79</sup>SPAGGIARI, Barbara. *O simbolismo na obra de Camilo Pessanha*. p.19.

<sup>80</sup>Devemos aqui notar que um poema de Camilo Pessanha, "Voz debil que passas" chegou a ser publicado no nono volume da segunda série de *A Águia*, como pode ser visto no índice geral desta revista presente no anexo.

<sup>81</sup>Note-se a grande semelhança entre esta imagem e o pedido feito pelo eu lírico do poema de Jaime Cortesão, que citamos na nota 73. Certamente dentro do imaginário desta revista é o poeta o ser que enxerga mais longe, a quem cabe uma posição de destaque acima dos *marinheiros comuns*.



mesmo tempo Pascoaes e Pessanha, ou se preferirmos, a voz que, tendo ecoado pela primeira vez nos versos de Pessanha, agora se encarna na figura de Pascoaes.

Devemos ainda notar que este poema reforça a importância profética dos poetas, que como vimos se é uma herança romântica, ganhou especial importância pelas ligações que a partir de *O Desejado* se estabeleceram entre esta capacidade de profetizar e o destino nacional, ligações que também estão presentes nos textos de Pascoaes. Esta obra de Augusto Casimiro mostra que é aos poetas, por estarem na gávea mais alta, que deve ser entregue o destino da nação, pois só eles têm a visão necessária para enxergar o verdadeiro destino nacional, numa concepção que, certamente, mesmo que de forma indireta, se aproxima da de Joaquim Manso e Vila Moura, o primeiro por falar da superioridade de alguns indivíduos, que devem governar os demais, e o segundo por propor a criação de uma classe dirigente formada pelos artistas. Assim, também este poema acaba por nos mostrar que, de fato, existe um certo núcleo comum que perpassa as reflexões dos grupos saudosista e o aristocrático, se assim podemos designar o segundo grupo: como atrás notamos se Pascoaes acredita no elevamento nacional por uma educação Portuguesa, certamente também acredita que, contra a maioria desnacionalizada do país, ele, e um restrito grupo de eleitos, detêm a verdade que pode levar Portugal a ter o glorioso futuro que merece.

Da mesma forma que no artigo de Pascoaes e no poema de Augusto Casimiro, podemos encontrar certas consonâncias entre estes dois grupos no único artigo em que os ideais defendidos pelos *aristocráticos* voltam a ser apresentados, o que Vila Moura publica sobre o livro *A evocação da vida*, livro escrito justamente pelo autor de "O Poeta e a Nau", como podemos ver abaixo nos trechos reproduzidos.

Levanto os olhos do cisco que remoinha á symphonia da miseria publica, para ver dos ultimos versos de Casimiro, dictos do alto d'aquela *montanha d'amor*, com cimo d'oiro que explica ser a sua alma.

É do extranho poiso que evoca a Vida, procurando a luz maior d'outras manhans.

E é de certo illuminado da luz appetecida, á luz sonhada, que sae a cantar a Vida n'uma revelação nova.

(...)

Ahi estão alguns Versos dos que o publico tem a julgar. Falo, é claro, do publico-artista, não do outro, do que espera entusiasta, a pandemia egualitaria.

Leia-os ainda o bom povo, o que contrasta a Raça, atravez de notas de vida ingenua e superior.

Somos d'um povo que vive na Miseria expressões de grandeza e aspirações de resurgimento pela Arte.

Vale o facto uma *virtude-defeito*, a que interessa o Destino superiormente infeliz dos povos nevrosados.

A tessitura suave da vida de encantamentos que o Poeta sente, lá do ponto subido do seu planalto d'oiro - é afinal o sonho de resurgimento para a Belleza, pelo esquecimento do mais do momento...

Abençoado esquecimento!

Bem que pese aos histriões de todos os Ritos, - na hora presente quasi só a Arte é sentida.

Com bom motivo o deve ser a Arte de Augusto Casimiro.<sup>82</sup>

Se neste artigo encontramos a retomada do que já antes havia sido expresso por Vila-Moura, a superioridade do *público-artista* em relação àqueles que esperam a *pandemia igualitária*, em dois outros aspectos encontramos importantes aproximações com a postura saudosista: ao considerar que os versos de Augusto Casimiro só poderiam ser entendidos pelo público artista e pelo povo humilde, ele se aproxima da postura pascoalina que considera que a alma nacional só pode ser encontrada, além de nos artistas genuinamente portugueses, no povo, que, em sua simplicidade, não foi atingido de forma radical pelos estrangeirismos; e a visão de que o ressurgimento nacional está ocorrendo, ou só pode ocorrer, através da arte, como já o havia apontado Pascoaes.

Por tudo o que aqui vimos podemos realmente supor que tanto o grupo saudosista como o aristocrático participam de pontos de vista próximos em alguns aspectos. Os dois acreditam que o estado atual é de confusão e, em vários aspectos, de negação da *alma nacional*, seja ela assim designada ou não. Ambos também crêem que apenas um grupo seletivo de pessoas, em especial os artistas e/ou poetas, tem condições de alterar este estado, e recuperar uma certa *portuguesalidade* que só pode ser encontrada, além destes artistas, no povo mais humilde. Porém, é importante que voltemos a assinalar, se ambos parecem coincidir na leitura que fazem do *estado atual* do país, diferem de forma radical quando pensam no futuro que cabe a Portugal. Para os *aristocráticos* o que precisa ser feito é que o governo seja entregue a quem de fato pode governar. Para os saudosistas, em especial para Pascoaes, este governo dos artistas é apenas um estágio transitório, um período necessário para que a alma portuguesa, através de uma correta educação, possa de novo voltar a ser conhecida de todos os portugueses. Uma vez feito isto o grande futuro nacional ocorrerá por si só, e a religião lusitana dominará o mundo, restituindo Portugal ao espaço que lhe coube no passado, e lhe caberá no futuro: o de centro da humanidade.

---

<sup>82</sup>VILA-MOURA. "A Evocação da Vida, por Augusto Casimiro". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.131-132.

### 3.2.2.3.2. Outros textos sobre Portugal

Nos demais artigos que se referem a Portugal praticamente não chegamos a encontrar imagens do país. O outro artigo de Vila Moura, "Silva Pinto", é apenas uma breve análise sobre este autor, sem maiores referências ao país<sup>83</sup>. Os textos de Augusto Martins, "Pedro Nunes e a Álgebra" e "Pedro Nunes" estão centrados na análise da obra deste matemático que viveu no século XVI, mostrando a sua importância na criação da álgebra moderna. Já em "O Ensino Oficial de Belas-Artes" de João Augusto Ribeiro encontramos, em relação ao país, apenas uma crítica em um aspecto específico, na medida que considera a forma de ensino ministrado nas escolas de arte inadequada, por se centrar na técnica do *modelo vivo* e não na tentativa de desenvolver a memória visual dos alunos, "única forma de produzir artistas independentes e criativos"<sup>84</sup>. Também os artigos sobre Manuel Laranjeira e Julio Vaz, respectivamente de João de Barros e Veiga Simões não apresentam maior interesse. Apenas nos artigos de António Arroio, "As Nossas Indústrias de Arte", publicados no quinto e no sexto número da revista, em especial no segundo deles, é que encontraremos uma reflexão maior sobre o país.

Destes artigos interessa-nos especialmente a parte em que, após analisar o estado da arte decorativa em Portugal, fala do que pode ser feito para que seja superado um estado de total inépcia neste aspecto, o que só pode ocorrer se for dado aos construtores de arte um ensino completo e bem orientado:

Não se sabe porem quando isso será. Mas não desesperemos.

A vida portuguesa é lenta, falta de brilho, de relevo. As nossas expressões estheticas, sempre atrasadas com relação ao movimento europeu, revelaram em nós, quer na phase ethnográfica, quer na erudita, uma grande necessidade de excessos de ornamentação. O manuelino representa fielmente esse modo de ser mental; Rafael Bordallo Pinheiro, ceramista, continua a afirmar as mesmas tendencias; a nossa litteratura resente-se ainda das redundancias Gongoristas; o

---

<sup>83</sup>Vila-Moura inicia o artigo falando da última vez em que encontrou Silva Pinto, em um alfarrabista, e na semelhança que ele então tinha com a imagem que tivera Camilo quarenta anos antes.

Fala do encontro que tiveram e da pergunta que Silva Pinto lhe fez:

"Ora diga-me, perguntou sombrio, - entende que da minha Obra pode ficar alguma pagina?" ( VILA-MOURA. "Silva Pinto". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.40)

Ao que Vila-Moura respondeu positivamente.

Fala da subscrição que foi feita para auxiliá-lo financeiramente como o último dos infortúnios e considera que a desgraça o atingira há muito e, para provar o que diz, cita trechos de algumas cartas.

Faz, a seguir, uma análise bastaste positiva da obra deste escritor, apesar de considerá-la irregular, em que a vê como uma manifestação dos males e das dores que Silva Pinto sofreu.

<sup>84</sup>RIBEIRO, João Augusto. "O Ensino oficial de belas-artes". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.56.

mobiliário ironicamente denominado *Luiz 1.º* obedece também a essa necessidade de excessos decorativos. Como vemos, em diversas artes revela-se um mesmo modo de ser mental porventura ingenito, mas sem dúvida alguma denunciador da falta de uma cultura valiosa. Lentamente, como costuma acontecer, sairemos d'esse estado sub-consciente para nos elevarmos a um modo de sentir mais levantado e consciente. Assim o devemos esperar. O problema é porém, de sua natureza, muito complexo e de difícil solução. Esta, para se radicar e firmar no solo português, carece de derivar directamente de dados tradicionalistas, de ser obtida por evolução e não por salto brusco, por introdução brusca de elementos estranhos.

Como consegui-lo?

Começemos por observar o que neste momento se passa nas nações cultas em matéria de ensino das artes decorativas e, como disse no meu artigo anterior, transportaremos para cá o espírito d'essas correntes mentaes.<sup>85</sup>

Como podemos notar este artigo apresenta algumas peculiaridades em relação aos demais que aqui analisamos. De início, ao considerar a cultura portuguesa como *gongórica*, vendo nela *uma grande necessidade de excessos de ornamentação* seja nas artes plásticas, seja na literatura, temos uma perspectiva nova em relação aos outros artigos que aqui discutimos, nos quais de fato não encontramos nenhuma análise mais detida sobre o que, concretamente, caracteriza a cultura portuguesa e a diferencia das demais culturas europeias, exceto, obviamente, os artigos de Pascoaes, que centram, porém, esta análise na questão da saudade, e não propriamente na análise do conjunto da produção artística. Além disto o tom geral deste artigo, pela sua preocupação de diagnosticar as causas do atraso português na arte decorativa, fundando este diagnóstico no estudo de fatos concretos que precisam ser entendidos para que possam vir a ser sanados, faz curiosamente dele o único em que encontramos uma postura próxima à assumida por Raul Proença, por mais que os objetos tratados sejam bastante distintos. Onde, porém, este artigo apresenta de fato um aspecto único no interior deste volume é na proposta que faz para sanar os problemas que antes havia apontado. Se, como vimos na primeira parte desta tese, caracteriza as reflexões sobre Portugal, em especial após a geração de 70, uma tensão entre tradicionalismo e europeísmo, tensão esta que faz com que os escritores e pensadores tendam a optar por um destes dois pólos, e a renegar o outro, neste artigo António Arroio tende a conciliar um apego às tradições com a necessidade de desenvolver a indústria decorativa nacional. Assim, se por um lado afirma que a solução para esta indústria *para se radicar e firmar no solo português, carece de derivar diretamente de dados tradicionalistas, de ser obtida por evolução e não por salto brusco, por introdução brusca de elementos estranhos*, por outro não deixa de notar que é necessário *observar o que neste momento se passa nas nações*

<sup>85</sup>ARROIO, António. "As nossas indústrias de arte". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.191.

*cultas em matéria de ensino das artes decorativas* visando transportar para Portugal o espírito dessas correntes mentais. Ou seja, nem renega as vitórias obtidas pelo estrangeiro, por considerá-las *não portuguesas*, nem tampouco pretende a sua introdução à força no território nacional, o que, de fato, seria negar as tradições do país. Esta posição de equilíbrio, em uma revista claramente tradicionalista, pelo que até agora dela podemos notar, faz de António Arroio um pensador distinto seja do grupo saudosista, seja do grupo aristocrático<sup>86</sup>, e o aproxima do pensamento de Garrett, que como notamos na primeira parte também via a necessidade de adaptar as conquistas europeias às características peculiares de Portugal.

---

<sup>86</sup>É importante assinalarmos que, como pode ser visto na tabela geral dos colaboradores de *A Águia*, António Arroio será um dos principais colaboradores desta revista, pelo menos como tradutor, após o décimo volume. Se, como havíamos notado, este décimo volume marca, no conjunto da revista, um momento de mudança no perfil de seus colaboradores, podemos lançar a hipótese, que mais à frente verificaremos, de que existe uma relação entre as características deste crítico e o novo perfil que, presumivelmente, a revista tomará, após a saída de Pascoaes, certamente o mais importante dos colaboradores do grupo saudosista.

### 3.2.2.4. Breves conclusões

Se com a análise apenas do primeiro volume de *A Águia* ainda não podemos ter uma imagem mais precisa do perfil desta revista, podemos pelo menos traçar as características gerais destes primeiros seis números em que ela passou a ser o órgão divulgador da *Renascença Portuguesa*.

O aspecto mais evidente deste volume é que ele, por mais que esteja aberto a participações outras, está diretamente vinculado às propostas saudosistas encabeçadas por Pascoaes. É ele a figura tutelar, ponto de referência em torno do qual se organizam um grande número de colaborações. Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Augusto Casimiro, como atrás vimos, espelham e/ou reelaboram suas propostas. Martins Manso e Vila-Moura, se não apresentam a messiânica esperança no futuro do poeta de *Maranus*, compartilham com ele de alguns pressupostos, como o de que existe um restrito grupo de *homens superiores*, composto basicamente pelos artistas, aos quais deveria ser entregue temporariamente, no ponto de vista pascoalino, o governo do país. Mesmo os breves inéditos de Oliveira Martins e Antero de Quental acabam por corroborar, ainda que de forma indireta, as idéias de ressurreição nacional apontadas por Pascoaes.

Esta importância fundamental fica ainda mais evidente se notarmos que Pessoa, que como vimos apresenta uma série de especificidades em relação ao pensamento de Pascoaes, não encontra eco nesta revista naquilo que a sua análise possui de específica.

Certamente, ao lado deste conjunto de textos, não podemos esquecer que existe um outro, composto pelos artigos de António Arroio e Raul Proença, que possui características distintas. Em ambos temos uma análise mais imparcial da realidade, menos condicionada por pressupostos que lhe são anteriores, como os do grande futuro que espera o país ou da superioridade de certo tipo de indivíduos, e, por isto, mais próxima daquilo que realmente ocorre no país. Estas vozes, porém, são neste volume ainda solitárias<sup>87</sup>.

Por tudo isto a imagem de Portugal que é criada neste volume é principalmente aquela que é elaborada por Pascoaes: um pequeno povo, passando por um momento caótico e confuso, mas que, se for bem dirigido, e voltar a encontrar a sua alma soterrada por séculos de estrangeirismos, se transformará no novo centro religioso de um Ocidente descrente já do materialismo. Analisaremos, no próximo volume, como alguns dos *topoi* que aqui apontamos vão ser desenvolvidos.

---

<sup>87</sup>Como veremos mais à frente Sérgio possuirá uma postura próxima a esta nas suas colaborações a partir do quarto volume, em especial quando propõe saídas concretas para a situação do país, como em sua série de artigos "O *self-government* e a escola".

### 3.2.3 O segundo volume de *A Águia*

#### 3.2.3.1 Introdução

No segundo volume de *A Águia*, que compreende os seis números da segunda série da revista que foram publicados de julho a dezembro de 1912, podemos encontrar treze textos em que são formuladas propostas para o país e/ou esboçadas características sejam da nação, sejam do povo português, que abaixo indicamos, na ordem em que aparecem neste volume:

1. "Versos de aleluia". Augusto Casimiro. p.10.
2. "O Paleolítico em Portugal". Virgílio Correia. p.27-31.
3. "Águas Religiosas". Leonardo Coimbra. p. 37-39.
4. "Mulheres de Camilo". Antero de Figueiredo. p. 42-44.
5. "A educação dos povos peninsulares". Ribera y Rovira. p. 52-58.
6. "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria". Jaime Cortesão. p. 73-80.
7. "O Saudosismo e a *Renascença*". Teixeira de Pascoaes. p. 113-115.
8. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". Jaime Cortesão. p. 118-124.
9. "Ainda o Saudosismo e a *Renascença*". Teixeira de Pascoaes. p. 185-187.
10. "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". Fernando Pessoa. p. 86-94, 153-157, 188-192
11. "Medalhas". Vila-Moura. p. 116-117
12. "A primeira nau". Augusto Casimiro. p.125-133.
13. "O pedreiro cantador". Jaime Cortesão. p. 171-173.

Se no primeiro volume pudemos notar já de início a presença de três grupos com idéias distintas, neste temos uma maior homogeneidade: não só serão as propostas saudosistas as que terão mais peso, nove dos textos indicados estão ligados direta ou indiretamente ao *Saudosismo*<sup>88</sup>, como também nos outros textos não encontramos nenhuma formulação consistente contrária a este movimento, apenas são apontadas algumas características do país, em geral de forma isolada, e sem um papel importante nos próprios textos em que aparecem. Além disto, alguns tópicos, que a partir da próxima parte analisaremos, aparecem de forma recorrente em vários dos nove textos ligados ao

---

<sup>88</sup>Apenas os textos 2, 4, 5 e 11, entre os citados, não apresentam relação com o *Saudosismo*.

movimento, o que indica que existem uma série de constantes que perpassam as imagens de Portugal neles presentes. Tentar rastrear estes tópicos, e apontar as principais características destas imagens, será o primeiro objetivo nesta etapa de nossa análise. Após isto trataremos rapidamente dos demais textos sobre Portugal para então nos determos na recorrente referência, em vários artigos deste volume, aos inimigos do saudosismo.



### 3.2.3.2 As naus da aventura

O primeiro artigo em que aparece de forma consistente uma proposta para o país é "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria" de Jaime Cortesão<sup>89</sup>, que abre o terceiro número deste volume. Nele, este crítico parte da hipótese, já levantada por Pascoaes no primeiro volume, de que o *mal maior* do país é o estrangeirismo<sup>90</sup> e cita, deste autor, alguns trechos da conferência *O espírito lusitano ou o saudosismo*<sup>91</sup> que utiliza não só para corroborar sua hipótese sobre a influência perniciosa do estrangeirismo como também para apontar a necessidade de criar uma educação nacional, este também, como vimos, um dos temas recorrentes nas propostas pascoalinas. Mas não é apenas o autor de *Maranus* que parece influir nas idéias de Cortesão expressas neste artigo. Aqui também está presente um tópico do pensamento pessoano presente no volume anterior: o de que a renascença literária que então ocorre em Portugal é fruto de um movimento que já começou há algum tempo. Se o futuro poeta de *Orpheu* demonstrara que o então atual movimento poético, indicador do grande momento social que virá, começara a aparecer na poesia portuguesa com Antero de Quental, neste artigo Cortesão não só filia o movimento da renascença portuguesa, que para ele não é apenas literário, mas sim artístico, a Nobre, Junqueiro e Columbano, como mesmo chega a citar um trecho de Oliveira Martins que corrobora *avant la lettre* com algumas das conclusões do grupo saudosista: as de que uma *nova civilização* estaria sendo gerada, e que poderia caber aos *antigos apóstolos da idéia católica* o papel de apóstolos das idéias fundamentais desta nova civilização<sup>92</sup>. Como

<sup>89</sup>Trechos deste artigo podem ser encontrados em MESQUITA, Marieta Dâ (comp.) . *A Águia*. p.163-167. Nesta reedição não foram respeitadas as maiúsculas presentes no texto original.

<sup>90</sup>Como vimos em um dos seus artigos do primeiro volume Pascoaes afirmara que o povo português estava afastado da sua alma por "más influencias literarias, politicas e religiosas vindas do estrangeiro" (PASCOAES, Teixeira de. "Renascença". *A Águia*, 2ª série, v. 1, p. 3).

<sup>91</sup>Esta conferência foi proferida no Ateneu Comercial do Porto, em 23 de maio de 1912, e impressa, no mesmo ano, pela Tipografia Costa Carregal, opúsculo que foi dedicado a Álvaro Pinto. O texto apenas da conferência pode ser encontrado em BOTELHO, Afonso, TEIXEIRA, António Braz (comp.). *A Filosofia da Saudade*. p.21-36. O texto do opúsculo, que inclui além do da conferência um preâmbulo inicial e uma nota final, pode ser encontrado em PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.43-58.

<sup>92</sup>O trecho citado por Cortesão, que é do último capítulo de *História da Civilização Ibérica*, é o que abaixo reproduzimos integralmente:

" 'Por muitos lados a nossa história de hoje repete a antiga; e meditando-a bem, nós, peninsulares, acaso descobramos nela a prova da existência de uma força íntima e permanente que libertando-nos da imitação das formas estrangeiras, poderá dar à obra de reconstituição orgânica da sociedade um cunho próprio, mais sólido por assentar na natureza da raça, mais eficaz porque melhor corresponde às exigências da obra.'

veremos, esta necessidade de mostrar o momento atual do país como herdeiro de tendências que lhe são anteriores ganhará uma importância especial nos textos que Pessoa publica neste volume.

Ao lado destas claras influências, existem também neste artigo alguns tópicos que serão recorrentes a partir deste volume de *A Águia*. Quando está explicando a suas propostas para o ensino de história, e fala sobre a necessidade de os alunos conhecerem não só a época de esplendor, como também a de decadência, afirma:

Paralelamente e comparativamente os alunos deverão chegar a conhecer na sua profundíssima miséria íntima a época da decadência, aprendendo como nesta e na do esplendor as causas são simplesmente a afirmação ou a negação das mesmas forças.

Exemplo: Na época das Descobertas a exaltação religiosa incendiava as vontades criando heróis e santos. Na época da decadência o Jesuitismo destrói as vontades, faz secar a fonte viva das máximas virtudes lusitanas, aviltando a Raça que só agora começa a desenovelva (sic) a espinha. Mostrar a perniciosíssima infiltração do jesuitismo na educação, ainda em nossos dias.<sup>93</sup>

Esta visão do jesuitismo representa uma interessante releitura dos pontos de vista expressos por Antero em *Causas da Decadência dos povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*. Se já lá o autor dos *Sonetos* via no jesuitismo uma das causas da decadência do país, a leitura que fazia da ação maléfica desta ordem era bem distinta da que faz Cortesão. Se para Antero o jesuitismo destrói a capacidade intelectual dos portugueses e espanhóis, impedindo, junto com a Inquisição, o livre pensamento, um dos componentes fundamentais que permitiram o desenvolvimento do restante da Europa, para Cortesão a sua ação é negativa pois faz secar *a fonte viva das máximas virtudes lusitanas*, ou seja, o jesuitismo nada mais é que um pernicioso *estrangeirismo* que, infiltrando-se na educação, destrói as características positivas da *raça portuguesa*, entre elas a própria religiosidade peculiar que

---

(...)

'Conclue a nossa tarefa por notar a obscura e indeterminada agitação, que, à maneira do que se viu na Idade Média, prepara, se não realiza já, o genesis de um novo pensamento colectivo, qual outrora foi o catolicismo'

(...)

'A história não é profecia; mas o estudo das edades passadas deixa entrever muitas vezes as probabilidades futuras; e, quando, através de todas as crises, no meio dos ambientes mais sistematicamente adversos, observamos que o heroismo peninsular soube vencer tudo com a sua indomável energia, somos levados a crer que o papel dos apóstolos das futuras ideias está reservado aos que foram os apóstolos da antiga ideia católica' " (MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*.p.337-339, Apud CORTESÃO, Jaime. "A Renascença Portuguesa e o ensino da História Pátria". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p. 79.)

<sup>93</sup>Ibidem. p. 77-78.

lhe é característica. Neste volume esta mesma hipótese volta a aparecer em outro artigo de Cortesão, "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos", e é um dos *topoi* freqüentemente citados pelos saudosistas.

Outro tópico que será recorrente neste volume, e que aqui aparece de forma rápida, é a defesa prévia que Cortesão faz de possíveis ataques ao patriotismo que perpassa seu texto<sup>94</sup>, e sobre isto falaremos mais detidamente na próxima seção desta parte. Mas o tópico deste artigo que será o mais recorrente nos vários textos deste volume é a visão do presente como o momento em que o país está prestes a ingressar em *novas descobertas*. Jaime Cortesão assim termina seu artigo:

Para nós a ideia da Renascença envolve, sim, uma ideia de ensimesmação no Espírito da Raça, guardado em muitos monumentos do Passado, mas não implica de forma alguma repetição ou reacção intelectual ou religiosa. Não: a Árvore da Raça para que dê novos e belos frutos escusa de vergar os ramos até ao chão; mas tem de entranhar bem as raízes na Terra Mãe, banhar-se na seiva original e então os ramos subirão a perder de vista e as naus da aventura, instrumento do nosso Destino, hão de ir no Céu á Descoberta das certas divinas.<sup>95</sup>

Especificamente em relação ao trecho acima podemos supor que este final é diretamente influenciado por Oliveira Martins, já que em um trecho de *História da Civilização Ibérica*, pouco anterior ao citado por Cortesão, encontramos uma imagem semelhante, como podemos ver abaixo:

Acreditamos também que já hoje navegamos na viagem para este porto, embora os nevoeiros conturbem as vistas dos nautas agora que apenas acabamos de largar as costas do velho mundo.<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup>Neste artigo Cortesão afirma:

"Aqui falamos de patriotismo. Não vá sem resposta algum reparo de má fé. Aquele que pretendemos desenvolver nos jovens portugueses é o patriotismo humanitário, o que dê à nossa Raça a poderosa actividade criadora capaz de contribuir para a civilização da Humanidade.

Para que cada um de nós possa contribuir para essa obra é indispensável enriquecer, fortalecer, purificar a consciência na fonte viva da alma pátria. Este patriotismo não diminui: fecunda e dilata o espírito pela interiorização no que há de mais profundo em nós. A consciência nacional é indispensável essa ensimesmação na história.

(...)

Nós acreditamos que a nossa Raça rejuvenescida contribuirá ainda para a civilização da Humanidade com uma nova civilização lusitana." (CORTESÃO, Jaime. "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p. 78-79)

<sup>95</sup>Ibidem. p. 79-80.

<sup>96</sup>MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*. p.338.

Neste texto de Oliveira Martins este *porto* é a nova Europa, e em especial a *nova Espanha*, que está se formando a partir da dissolução da Espanha católica. Ele considera que o naturalismo e o utilitarismo,

Porém, certamente, não podemos atribuir apenas a Oliveira Martins a influência generalizada que esta imagem possui neste volume. Também o artigo de Pessoa, ao qual nos referiremos mais detidamente a seguir, termina de forma muito próxima ao de Cortesão, como podemos ver abaixo:

E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas "d'aquilo de que os sonhos são feitos". E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremêdo, realizar-se-ha divinamente.<sup>97</sup>

Esta esperança de retomada das caravelas, em uma nova missão em busca de uma *Índia Nova* ou das *certezas celestes* também aparece explicitamente nos poemas "Versos da Aleluia" e "A Primeira Nau", ambos de Augusto Casimiro. No primeiro deles, as naus das descobertas voltam a se mover e o povo é conclamado, por Camões de novo vivo, a partir nelas:

Olha as naus, outra vês, de quilhas feitas  
Ao mar, e as almas prontas á Aventura!...  
- A capitaina as ancoras levanta!

Eh! povo acorda, embarca!... Olha as colheitas  
De glória e sonho, vastidões, ventura!  
-Embarca! - Acima, acima!- Camões canta.<sup>98</sup>

---

marcas da civilização moderna, não são suficientes para definir social e moralmente uma nação, e que ainda está em formação a nova idéia-síntese que vai congrega a sociedade. É esta trajetória, para ele inconsciente, que considera como uma viagem em busca de um porto ainda não definido.

<sup>97</sup>PESSOA, Fernando. "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.192. Nenhuma das edições modernas que indicamos deste texto mantiveram a divisão de parágrafos contida na publicação original deste artigo em *A Águia*. As mais próximas são as contidas em *Obras em Prosa* e *A Nova Poesia Portuguesa*, que acrescentaram duas novas divisões de parágrafo. A contida em *Textos de Intervenção social e cultural A ficção dos heterónimos* além de ter acrescentado várias novas divisões de parágrafo e suprimido uma existente no original possui pelo menos uma gralha significativa: a troca de "Estabeleçamos agora o valôr relativo da Renascença e do Romantismo"(Idem."A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.156)" por "Estabelecemos agora o valor relativo da Renascença e do Romantismo"(Idem. *Textos de Intervenção social e cultural A ficção dos heterónimos*. p.49).

<sup>98</sup>CASIMIRO, Augusto. "Versos de Aleluia". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.10.

No segundo poema um gageiro, que havia partido na primeira Nau, tem visões sobre o futuro, nas quais após falar do desastre de Alcácer-Quibir e de suas conseqüências<sup>99</sup>, diz que nenhuma nau mais navega:

"Já não vejo uma só vela  
 "Em toda a volta do mar...  
 "É noite. Nem uma estrela...  
 "Só oiço as ondas cantar...<sup>100</sup>

Interpelado porém pelo eu lírico, que com ele conversa, que lhe diz "Lança um olhar derradeiro, / e rouba os segredos a Deus"<sup>101</sup>, ele vê, após esta decadência, um novo renascer:

"Vejo, vejo, - que alegria!...  
 "Uma outra aurora rompendo  
 "E Portugal renascendo  
 "Ao clarão de um novo dia...  
 "Vejo,- da maior altura  
 "Das minhas serras, largar  
 "Uma águia, em direitura  
 "Ao céu, ao alto a voar...

"Alma lusa, águia da altura,  
 "Gente lusa, alma do mar!...

"Vinde vêr, gentes inquietas!

"Naus ao mar... Povo ao Restelo!  
 "Os pilotos são Poetas...  
 "Eh! embarcar, navegar!...<sup>102</sup>

De novo neste texto temos o tópico, que já encontramos em alguns textos do primeiro volume, dos poetas pilotando as novas naus das descobertas, que nos parece, sintetiza de forma clara esta imagem que percorre este volume. Já Cortesão, em outro de seus artigos, "*Da Renascença Portuguesa e seus intuitos*" afirmou:

---

<sup>99</sup>"Vejo ondas de sangue ardente / Em ardentes areais"(CASIMIRO, Augusto. "A primeira nau", *Águia*, 2ª série, v. 2, p.131).

<sup>100</sup>Ibidem, p.131.

<sup>101</sup>Ibidem, p.132.

<sup>102</sup>Ibidem, p.132.

Pertence esse esforço de renascimento quasi exclusivamente a Poetas? Não é bem certo, ainda que eles predominem na *Renascença Portuguesa*.

Mas que fazer? Esperaremos que venham auxiliar-nos livremente os demais Artistas, os sábios e os obreiros de toda a ordem; e até lá procuraremos cumprir o nosso dever segundo as nossas forças e obedecendo à lei das nossas individualidades<sup>103</sup>.

Este trecho de Cortesão acaba por explicitar, mesmo que tente desmentir, que o *esforço de renascimento* se deve quase que totalmente aos poetas. Assim este novo navegar, feito e proclamado pelos poetas, faz do próprio fazer poético e das análises sobre ele nesta revista realizadas, uma nova navegação em que o país se restaura e lança-se em outros mares em busca de Índias espirituais.

Se no volume passado levantamos a hipótese de uma influência de "San Gabriel" no poema "O poeta e a nau" de Augusto Casimiro, podemos agora considerar que todos estes textos estão sob a égide do "San Gabriel" de Pessanha, e que *A Águia*, ao menos nestes dois volumes, incorpora de forma lapidar a imagem que existe neste poema, desdobrando-a. A nova missão religiosa, as descobertas passadas como um arremedo das verdadeiras descobertas futuras, já lá estavam. O que temos de novo é que, declaradamente, serão os poetas aqueles que poderão levar o país a este novo estágio. A poesia, como já o haviam afirmado Pascoaes e Pessoa no volume anterior, é o sintoma através do qual se concretiza e se realiza o futuro e breve esplendor.

Esta visão da poesia como a garantia do grande futuro também é fundamental neste volume, e está presente em especial no artigo de Pessoa, "A nova poesia no seu aspecto psicológico", e no "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos" de Jaime Cortesão. O primeiro destes textos, publicado em três partes neste volume, começa, após algumas considerações<sup>104</sup>, por uma análise da estética da nova poesia, em que Pessoa verifica que

<sup>103</sup>CORTESÃO, Jaime. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.124. Excertos deste artigo podem ser encontrados em MESQUITA, Marieta Dá (comp.). *A Águia*. p.27-31. No índice deste livro este texto é erroneamente localizado como sendo do "n.º 1, 2ª série, Janeiro de 1912"(Ibidem. p.5), quando de fato pertence ao n.º 10 de outubro de 1912. Nesta reedição não foram respeitadas as maiúsculas presentes no texto original, e um trecho foi cortado sem que isto fosse indicado.

<sup>104</sup> Nestas considerações Pessoa afirma que o estudo psicológico de uma corrente implica em destrinçar três características: a sua estética, a sua metafísica e a sua sociologia, em que a primeira depende basicamente da análise dos poetas, a segunda destes e dos filósofos, e a terceira também dos sociólogos teóricos e dos acontecimentos que encarnam esta teoria. Como afirma que o então atual movimento só tem poetas, considera que será fácil analisar a estética, mais difícil a metafísica e que a sociologia só poderá ser analisada de forma muito imprecisa.

Devemos aqui notar que a afirmação de que no estágio que então estava a nova poesia portuguesa ainda não existiam filósofos (afirmação que se fundamenta no que Pessoa havia antes dito em seus artigos, já que os filósofos só apareceriam com o auge do movimento literário, o que ainda não havia ocorrido em

esta é ao mesmo tempo subjetiva e objetiva, já tendo atingido o máximo grau de subjetividade, e estando prestes a atingir o máximo de objetividade. Como decorrência da união da completa subjetividade com a quase completa objetividade, conclui que nesta poesia se interpenetram alma e natureza, ocorrendo a espiritualização da natureza e a materialização do espírito, o que faz dela uma poesia metafísica por excelência. Conclui, por ser metafísica, que "A actual poesia portuguesa é pois uma poesia religiosa"<sup>105</sup> e afirma que esta religiosidade "*é uma religiosidade nova, que não se parece com a de nenhuma outra poesia, nem com a de qualquer religião, antiga ou moderna*"<sup>106</sup>. Para explicar esta nova religiosidade Pessoa faz uma dupla análise: a da linha evolutiva da poesia ocidental e a dos sistemas metafísicos possíveis. Desta dupla análise conclui que os dois grandes momentos da poesia europeia foram a Renascença e o Romantismo, sendo que este é, de fato, a origem de um novo momento máximo que está se consumando na nova poesia portuguesa. Por outro lado, como a poesia da Renascença era espiritualista pura, e a do Romantismo panteísta, conclui que a evolução dos sistemas filosóficos imanentes a estas poesias se dá do mais simples para o mais complexo. Logo a poesia europeia passará pelo transcendentalismo para enfim chegar ao transcendentalismo panteísta, que Pessoa, através de alguns exemplos, *prova* ser a metafísica da nova poesia portuguesa. A partir disto pode afirmar:

E quaes são, emfim, as conclusões ultimas de quanto n'este artigo expuzémos? São aquellas em que atravez de todos os nossos artigos temos insistido. Se a alma portugueza, representada pelos seus poetas, encarna n'este momento a alma recém-nada da futura civilização (sic) europeia, é que essa futura civilização europeia será uma civilização lusitana. Primeiro, porém, consoante todas as analogias nol-o impõem, a alma portugueza attingirá em poesia o grau correspondente á altura a que em philosophia já está erguida. Deve estar para muito breve, portanto, o apparecimento do poeta supremo da nossa raça, e, ousando tirar a verdadeira conclusão que se nos impõe, pelos argumentos que já o leitor viu, o poeta supremo da Europa, de todos os tempos. É um arrojado dizer isto? Mas o raciocínio assim o quer<sup>107</sup>.

---

Portugal) entra em choque direto com as considerações em Pascoaes aponta Leonardo Coimbra como o filósofo do *Saudosismo*. Isto nos mostra claramente que, por mais que existam semelhanças entre as hipóteses destes dois pensadores, também existem diferenças importantes.

<sup>105</sup>PESSOA, Fernando. "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.94.

<sup>106</sup>Ibidem. p.94

<sup>107</sup>Ibidem. p.191.

Neste artigo, Pessoa consegue transformar a poesia portuguesa ao mesmo tempo em *eminentemente nacional* e em fruto de uma evolução mundial, aproximando-se, por outras vias, de um dos pontos fulcrais do pensamento pascoalino, que é o de mostrar esta dupla face deste movimento. Como já anteriormente o havíamos notado, para Pascoaes a Saudade é, ao mesmo tempo, uma nova deusa, fruto das características específicas do povo português, e uma resposta a uma necessidade religiosa mundial, sendo assim uma expressão nacional e ao mesmo tempo internacional, por profundamente nacional. Neste aspecto Pessoa e Pascoaes concordam, ao caracterizarem esta nova religião, inerente à nova poesia e/ou ao movimento saudosista, como a síntese e a superação do Paganismo e do Cristianismo, e ao mostrarem que ela criará uma nova civilização, ao mesmo tempo mais nacional e de alcance e importância mundiais<sup>108</sup>.

Esta *dupla face* da poesia portuguesa também aparece, como dissemos, no artigo "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos" de Jaime Cortesão. Neste artigo, após serem citados alguns trechos de Pascoaes em que este afirma que na nova poesia portuguesa pode-se encontrar a síntese do Cristianismo com o Paganismo, que caracteriza a Saudade, criação máxima do espírito lusitano, Cortesão mostra que já Leonardo Coimbra, em um artigo publicado em 1910 no jornal *A Pátria* havia classificado a um poema moderno como fazendo parte da "corrente de *paganismo espiritualista*, que constitui hoje a mais alta manifestação da nossa poesia"<sup>109</sup>. Após apontar a homologia entre as formas como Pascoaes e Coimbra analisam a nova poesia portuguesa Cortesão pergunta:

Será que então esse estranho religiosismo dos nossos poetas, o misticismo de uns, o saudosismo e o paganismo espiritualista de outros, não seja bem característico do fundo psíquico da Raça e não tivesse já noutros períodos da nossa história os seus representantes e justamente nas suas figuras supremas?<sup>110</sup>

A esta questão Cortesão responderá mostrando que três das principais figuras da história portuguesa (Nun'Álvares, o infante D. Henrique e Afonso de Albuquerque), tiveram no misticismo uma de suas principais características. Para mostrar a similitude entre este

---

<sup>108</sup>Pessoa mostra esta dupla face da civilização lusitana, entre outros, no trecho que anteriormente citamos sobre as *novas descobertas*. Podemos pensar que essas *novas descobertas* são, ao mesmo tempo, uma característica da *alma portuguesa* e o que, como as primeiras descobertas, virá a transformar de forma radical o mundo ocidental.

<sup>109</sup>COIMBRA, Leonardo. Apud CORTESÃO, Jaime. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.121.

<sup>110</sup>CORTESÃO, Jaime. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.121.



misticismo e o espírito religioso da nova poesia portuguesa se utilizará de novo, como já havia feito no artigo anterior, de Oliveira Martins, citando outros trechos de *História da Civilização Ibérica*, em que é afirmado que o misticismo peninsular "tem este caracter próprio, único e verdadeiramente novo: é a afirmação da vontade humana, é *naturalista*. Combinar num equilíbrio mais ou menos estavel a liberdade e a predestinação, a razão e a graça, era empresa em que toda a escolástica se empenhara em vão"<sup>111</sup>, após o que afirma:

(...) Segundo o grande historiador foi o génio peninsular que realizou esse equilíbrio, essa  *fusão de contrastes*, como diria Pascoais. Vejam agora como *saudosismo*, *paganismo espiritualista* e *misticismo naturalista* se equivalem para designar o mesmo espírito em acepções mais ou menos semelhantes e mais ou menos amplas.<sup>112</sup>

Se desta forma Cortesão consegue mostrar seja que a poesia portuguesa é fruto de características típicas da raça, seja que o advento desta nova religiosidade na poesia é um ressurgimento da alma peninsular que havia ficado em um *encantamento de sonho* durante alguns séculos, pouco depois virá a demonstrar em seu artigo que esta mesma poesia realiza também uma síntese necessária para toda a cultura ocidental. Para tanto citará alguns trechos do livro *L'Evolution divine du Sphinx au Christ*, de Edouard Schuré<sup>113</sup>, um dos quais abaixo transcrevemos com as conclusões que a partir dele chega Cortesão:

(...) "Por outro lado a Religião, a Ciência e a Arte futuras necessitam de novos agrupamentos, que apenas se podem obter por uma cristalização sob a impulsão dum novo principio. Ressalta de todo o movimento intelectual de ha dois mil anos para cá, a que eu acabo de traçar as grandes linhas, que essa cristalização só é possível por uma  *síntese do principio cristão e do principio (sic) luciferino*." E acaba por dizer que "o apóstolo principal e o propagador de essas novas formas da consciencia será a *Arte iniciadora e salvadora*"

Na opinião, pois, de Schuré, a Arte portuguesa, saudosista, paganista transcendente, mística-naturalista, ou como lhe quizerem chamar, realiza uma aspiração da Humanidade e está á frente dum grande movimento moderno. Num artigo anteriôr vimos como Oliveira Martins nos vaticinava a missão de pregoeiros dum novo ideal colectivo e religiôso. Propositadamente fizemos estas citações para que ninguem possa pôr em dúvida o que afirmamos.<sup>114</sup>

<sup>111</sup>MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*. Apud: CORTESÃO, Jaime. "Da Renascença Portuguesa e seus intuitos". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.122.

<sup>112</sup>CORTESÃO, Jaime. "Da Renascença Portuguesa e seus intuitos". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.122.

<sup>113</sup>Este livro, além de citado neste artigo de Cortesão, será muitas vezes referido ou citado por Pascoaes em seus artigos.

<sup>114</sup>Ibidem. p.123.

Podemos ver que, por outras vias, Jaime Cortesão acaba por chegar a conclusões bem próximas às de Fernando Pessoa, que corroboram com as intuições de Pascoaes já apresentadas no volume anterior. Assim estes três pensadores, de formas diferentes e com pesos distintos, acabam por construir um vasto painel em que algumas *verdades* são insistentemente repetidas. Portugal encontra-se em um momento genésico, de elaboração de uma nova síntese religiosa, momento este que é considerado como herdeiro de uma série de características, ou especificamente portuguesas e/ou mundiais, que estão há muito sendo gestadas. Desta forma podemos entender como o fazer poético pode ser elevado, por estes autores e pelos outros que aqui citamos, à categoria de *novas descobertas*. Se os navegadores, como afirmará Pessoa muitos anos depois, possuíam "a Magia que evoca / o Longe e faz d'elle historia"<sup>115</sup>, graças ao esforço de navegar por espaços ainda não conhecidos e, portanto, ainda não anexados à cultura europeia, estes *poetas-navegantes* partiam em uma aventura semelhante, a de construir uma nova síntese religiosa, *navegando* por territórios ainda inexplorados, territórios que a Europa precisava, na sua nova ânsia religiosa, de forma análoga à necessidade que tinha tido, no passado, das regiões descobertas pelos portugueses. Assim, como bem notara Pessoa em seu artigo, estas *novas descobertas* são a continuação, já no plano espiritual e não mais no físico, da aventura portuguesa dos séculos XV e XVI<sup>116</sup>. Se acima falamos de uma possível influência de Oliveira Martins no texto de Cortesão, é inegável que esta imagem, construída neste volume, possui estreitas relações com o final de *A História da Civilização Ibérica*. Se lá, como citamos, o autor da *História de Portugal* via a península em uma possível viagem para um novo porto, no qual os *antigos apóstolos da idéia católica* se transformariam nos geradores da nova síntese cultural que o Ocidente necessitava, parece claro que os poetas e demais integrantes do movimento Saudosista se consideram como estes *navegantes* que estão realizando o que, em Martins, era pouco mais que um desejo.

A imagem básica deste *novo navegar*, que perpassa estes textos, acaba por ser reforçada por outros artigos que com estes se relacionam de forma parcial. Um deles é o "Águas religiosas" de Leonardo Coimbra, em que, se não fala diretamente da grande missão que cabe aos portugueses, aponta o momento atual como o de ressurgimento das forças religiosas, o que indiretamente reforça as teses apresentadas por Cortesão e Pessoa.

---

<sup>115</sup>PESSOA, Fernando. *Mensagem*. In: *Obra Poética*. p.14.

<sup>116</sup>Como acima notamos esta mesma concepção, mas ainda apenas considerada enquanto uma possibilidade, já estava presente em "San Gabriel" de Camilo Pessanha.

Também nos artigos de Pascoaes, "O Saudosismo e a *Renascença*" e "Ainda o Saudosismo e a *Renascença*", nos quais nos deteremos mais demoradamente mais à frente, ao reiterar as suas visões sobre o futuro do país, já apresentadas no volume anterior, este autor corrobora com a postura acima assinalada.

Ao lado destes textos ocupa uma posição especial "O Pedreiro Cantador" de Jaime Cortesão, em que aparece uma tendência que será bastante recorrente no terceiro volume. Neste texto, partindo da observação do canto que produzem os pedreiros trabalhando, e a partir de sucessivas comparações destes pedreiros com Hércules, Antínous e Orfeu, o narrador acaba por antever um novo Deus que se manifesta no canto dos pedreiros:

Hércules, Orfeu e Antínous caldeam-se no meu sangue e a minha Alma ébria de força, ritmo, beleza e Amôr concebe o novo Deus, que use a clava e a lira, se amostre em toda a nudez e ame também as pedras - pobres dum novo Cristo.

Homens eu vos entrego um Deus lusiada. Para além das suas virtudes pagãs, um super-cristianíssimo amôr resgata as pedras do pecado original da gravidade.

Compositôres musicais, criadôres de melodias vinde escutar este Deus, porque na sua voz claramente se revela a alma lusitana em pura fôrma harmoniosa.

E se o quizerdes ouvir, ide por essas terras do Norte, onde é mais puro o Portugal antigo e parai junto dos pedreiros á hora da faina e escutai, porque todos assim cantam, sabe-se lá há quanto tempo, à espera que alguém com misteriosos sentidos lhe aperceba a Alma para a deificar na Arte mítica.

Músicos, poetas e escultôres lusitanos, eu vos anuncio este novo deus. A mim se revelou numa hora de amorosa e enternecida atenção: ajudai-o a criar assim.<sup>117</sup>

Este texto apresenta claramente um deslocamento em relação aos outros que aqui analisamos. Se nele aparece a criação de um novo Deus, em que se conjugam elementos do Paganismo com outros do Cristianismo, este Deus não está relacionado nem com uma característica apresentada como central na raça portuguesa, nem com uma possível grandeza futura. Podemos pensar que este *topos*, fundamental nas reflexões apresentadas neste e no volume anterior sobre o grande futuro que cabe a Portugal, aqui se banaliza, transformando-se em um recurso desvinculado do núcleo de reflexões em que estava inserido, do qual era apenas uma das facetas. Se ainda neste volume ele se constitui num eco esmaecido dos textos que antes analisamos, como veremos se transformará em um lugar comum do próximo volume, em que estão ausentes reflexões mais gerais sobre o destino português.

<sup>117</sup>CORTESÃO, Jaime. "O pedreiro cantador". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.173.

### 3.2.3.3 As outras imagens de Portugal e os inimigos do Saudosismo

Como dissemos no início da análise deste volume, ao lado deste conjunto de reflexões sobre Portugal praticamente inexitem outras imagens do país.

Em "Medalhas" de Vila-Moura, no qual este autor traça rápidos perfis de alguns portugueses ilustres, temos de fato, menos que uma referência, apenas o uso, algumas vezes, de termos como *raça* ou *alma* portuguesa<sup>118</sup>. Fato próximo a este ocorre no artigo "Mulheres de Camilo", de Antero de Figueiredo, em que este autor fala das mulheres presentes nas obras de Camilo, considerando que estas personagens possuem um *amor português*<sup>119</sup>, sem que chegue a definir exatamente o que caracterizaria este amor, e afirmando que se "outra idade vier em que os sentimentos se alterem no sentido de atrofiar no coração a doçura de amar (...) teus livros, Camilo, ficarão entre os grandes documentos da raça latina para mostrar quanto era meigo e forte - quanto valia! - o amôr de uma mulher português!"<sup>120</sup>

Diferentemente destes dois primeiros, em "A educação dos povos peninsulares" de Ribera y Rovira e "O Paleolítico em Portugal" de Virgilio Correia são definidas de forma mais precisa características do país. No primeiro deles, o autor propõe a criação de uma federação ibérica, mas podemos notar o objetivo que realmente possui neste artigo é o de defender a independência da Catalunha, independência que em seu ponto de vista só se tornaria possível com a criação desta federação que seria constituída por três estados: o português (em que seria incluída a Galiza), o da Espanha e o da Catalunha. Fundamenta a necessidade desta federação por considerar que cada um destes estados tem uma missão distinta, e é neste ponto que aponta para o fato de Portugal ter uma missão atlântica, diferente das missões da Espanha (que considera caracterizada pelo burocratismo, o

<sup>118</sup>Vila-Moura se refere a Camilo, Fialho, Nobre, Oliveira Martins, Antero, Bordalo, Eça, Soares dos Reis, Eugênio de Castro e Teixeira Lopes, sempre com traços rápidos, muitas vezes em uma única frase. Se incluímos este artigo entre os que se referem a Portugal é porque ao falar de Nobre, Soares dos Reis e Teixeira Lopes ele acaba por falar de características esparsas do país, a que serve de exemplo o trecho a seguir:

"TEIXEIRA LOPES: - Estranha figura de sombrio!

Notavel fatalidade a do seu genio!

É ainda a alma portugueza a plasmar a Dôr.

Um milagre de sentido: -a Raça a estatuar-se em agonia, a commover o bronze, a pedra!..."(VILA-MOURA. "Medalhas", *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.117.)

<sup>119</sup>"Vivem na sua [de Camilo] obra os tipos perfeitos de mulher amorosa deste amor português que alguns chamam romântico e que eu chamarei divino, pois é divino tudo o que não é deste mundo."(FIGUEIREDO, Antero de. "Mulheres de Camilo", *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.42.)

<sup>120</sup>Ibidem. p.44.

militarismo, o clericalismo e o flamenquismo) e da Catalunha (que, para ele, possui uma missão mediterrânea)<sup>121</sup>. Assim, a única referência que faz a Portugal é a reafirmação de uma característica que percorre o conjunto da cultura portuguesa, nada de fato acrescentando à imagem moldada pelos outros textos deste volume que aqui analisamos.

Já Virgílio Correia que, como nos indica o título, faz um artigo sobre o estudo do Paleolítico no país, é o único neste volume que chega a citar, mesmo que de forma breve, uma característica de Portugal distinta das apresentadas pelos saudosistas, ao afirmar:

Na brilhante cavalgada da sciencia para o abismo do passado que parte tomou Portugal? *Conforme o velho costume*, Portugal quedou-se a vê-la transpôr o limiar da grande caverna para lá de cujo boqueirão começa a Préistoria e só muito tarde tomou o trilho seguido.<sup>122</sup>

Como mostra o trecho que grifamos, a imagem que ele possui do país está bem distante daquela defendida pelos saudosistas, estando mais próxima das críticas ferrenhas que a geração de 70, pelo menos em seus primeiros anos, fazia de seu país, na medida em que ele vê Portugal como uma nação costumeiramente atrasada em relação às conquistas do restante da Europa. Mas esta crítica, localizada de forma quase casual no interior de seu texto, não chega nem mesmo a arranhar o grande edifício de esperanças montado pelos outros autores.

Esta quase total ausência de imagens do país com características distintas das elaboradas pelos saudosistas poderia indicar que neste número temos uma unanimidade em torno de certas propostas comuns. Se isto de fato ocorre, é também este volume o primeiro em que *o inimigo* aparece de forma clara, por mais que não chegue a dele participar. Já havíamos apontado no primeiro artigo de Jaime Cortesão que analisamos o fato de ele defender o seu patriotismo contra pessoas que pudessem vir a atacá-lo. O que ali é apenas uma resposta possível a futuras prováveis críticas, no outro artigo deste crítico, nos dois de Pascoaes e, em certo sentido, no de Pessoa se transforma mais claramente em uma tentativa de contra-atacar e/ou aliciar prováveis inimigos da proposta saudosista. Inimigos que, nos volumes posteriores, virão para dentro da revista, na figura de António Sérgio<sup>123</sup>.

<sup>121</sup>Cf. RIBERA Y ROVIRA. "A educação dos povos peninsulares". *A Águia*, 2ª série, v. 2. p. 52-58.

<sup>122</sup>CORREIA, Virgílio. "O paleolítico em Portugal", *A Águia*, 2ª série, v. 2, p. 28. Os grifos são nossos.

<sup>123</sup>Se António Sérgio já havia colaborado no primeiro volume com o artigo "A Ideação de Oliveira Martins", será só a partir do terceiro que assumirá uma postura anti-saudosista.

Em relação a este aspecto é sintomático que os dois artigos de Pascoaes em que as propostas saudosistas aparecem sejam dedicados o primeiro a Raul Proença e o segundo a António Sérgio, e que o autor de *Regresso ao Paraíso* tente em ambos convencer os seus interlocutores a ingressarem na hoste saudosista<sup>124</sup>.

No primeiro destes artigos, após falar da grande receptividade que a *Renascença Portuguesa* vinha tendo no Porto, afirma:

Os homens que fazem parte d'esta sociedade encontram assim o necessario alento para a continuação da sua obra redentora. E bom é que o encontrem, precisamente na hora em que pseudo-portugueses, mais ou menos envernizados de literatura, os guerreiam com todas as armas, desde a facada traiçoeira á calúnia vil. Todavia, estes *pseudos* representam o *estrangeirismo* defendendo-se; são os microbios da nossa doença social lutando pela vida.

Vejo que as minhas palavras se vão tornando violentas... Mas é amargo ser ofendido, sobretudo na sinceridade e desinteresse da nossa crença. É amargo porque é brutal. Nada mais insuportavel que um acto mau da estupidez, principalmente da estupidez ilustre, da estupidez graduada em letras ou em ciencias.<sup>125</sup>

Após esta crítica aos inimigos da *sua crença*, Pascoaes se dirige a Sérgio e Raul Proença, e tenta apresentar argumentos para convencer este último de que apenas um *mal-entendido* o afastava do Saudosismo<sup>126</sup>. Para tanto, após voltar a se referir às idéias básicas

<sup>124</sup>Tanto António Sérgio como Raul Proença eram membros da *Renascença Portuguesa*, o que pode ser confirmado, por exemplo, pela relação de sócios desta sociedade no final de 1913, publicada em *Portucale*, 3ª série, n.3, v.1, p.160-163. Mas, apesar de membros, discordavam das posturas assumidas por Pascoaes e pelos saudosistas. Tentar *aliciá-los* portanto poderia ter um duplo objetivo: não só o de trazer dois nomes importantes para o interior do movimento, mas também o de acabar com um importante núcleo de oposição dentro da sociedade.

<sup>125</sup>PASCOAES, Teixeira de. "O saudosismo e a *Renascença*". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p. 113. Este texto pode ser encontrado em PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.59-61. Estas palavras *violentas* de Pascoaes podem ser fruto do *Inquérito Literário* promovido por Boavida Portugal no diário *República*, e que havia se iniciado em setembro de 1912, sendo que este texto de Pascoaes abre o nº10 de *A Águia*, de outubro do mesmo ano. Supomos ser esta relação possível não só pelas datas citadas, mas por ter sido o primeiro a participar deste inquérito Julio Matos, seguido por Lopes de Mendonça, sendo o primeiro destes um médico -ou seja, um possível graduado em ciências- e o segundo um escritor. Em especial Júlio Matos foi bastante sarcástico em relação ao Saudosismo e a *A Águia*. Cf. PORTUGAL, Boavida (comp.). *Inquérito Literário*. p.13-27.

<sup>126</sup> Como afirma Pinharanda Gomes em *A Saudade e o Saudosismo*, Raul Proença foi responsável por um segundo manifesto para a *Renascença Portuguesa*, após o primeiro, que havia sido escrito por Pascoaes, não ter sido aceite. Este manifesto apresenta posturas absolutamente contrárias às do Saudosismo, e também acabou por não ser publicado no período.(GOMES, Pinharanda. [Nota sem título]. In: PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.31. Estes dois manifestos podem ser encontrados neste mesmo livro, o de Pascoaes nas páginas 31 a 33, e o de Raul Proença nas páginas 283 a 286. Ambos foram publicados pela primeira vez em *A Vida Portuguesa*, n.22, fev. 1914.).

que defende em relação à Saudade, afirma que ela corresponde "em linguagem portuguesa, a *este despertar da alma* que se nota nos mais adiantados povos europeus, e é o grande signal dos tempos..."<sup>127</sup>, não sendo portanto o Saudosismo "nada incompatível com o moderno espírito europeu"<sup>128</sup>. Termina o seu artigo conclamando Raul Proença a que se junte a este movimento:

O programa do snr. Raul Proença não é incompatível com a orientação da "Renascença Portuguesa". Sendo um trabalho de grande valor, tem sómente o defeito de haver pôsto de parte a alma lusitana, essencialissima á criação do novo Portugal que nós sonhamos. Eis porque o programa do sr. Raul Proença e o da "Renascença" não são inimigos: completam-se. Basta que o ilustre escritor faça as pazes com a alma do seu Povo, essa fonte mal explorada ainda, escondendo ainda no seu seio as mais ineditas belêsas.

E por que não?

Para grande utilidade da "Renascença", não posso deixar de acalentar a grata ideia de ver desfeito esse mal entendido, e vêr os nossos antigos companheiros de novo ao nosso lado, trabalhando para o mesmo fim redentor, animados da mesma fé.<sup>129</sup>

Em seu segundo artigo, "Ainda o saudosismo e a *Renascença*"<sup>130</sup>, publicado dois meses depois, Pascoaes já desistiu de tentar cooptar Raul Proença, que segundo Pinharanda Gomes havia respondido de forma ácida ao artigo de Pascoaes<sup>131</sup>, e centra o seu texto em tentar convencer António Sérgio de que o *Saudosismo* não é uma invenção sua, e de que tampouco a sua interpretação da Saudade é incorreta, motivos pelos quais acha que o autor dos *Ensaio*s não aderiu ainda a este movimento. Para tanto acaba por repetir os tópicos que já analisamos em seus artigos anteriores referentes à saudade, e termina o artigo afirmando:

Já vê o meu ilustre camarada que nada o pode separar da "Renascença", a qual espera ainda o seu vigoroso esforço e a sua bela inteligencia.<sup>132</sup>

---

<sup>127</sup>PASCOAES, Teixeira de. "O saudosismo e a *Renascença*". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.114.

<sup>128</sup>Ibidem, p.114.

<sup>129</sup>Ibidem, p.114-115.

<sup>130</sup> Este artigo pode ser encontrado em PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.63-65.

<sup>131</sup>Cf. nota 2, p.63, In: PASCOAES, Teixeira de. "Ainda o saudosismo e a *Renascença*". *A Saudade e o Saudosismo*.

<sup>132</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Ainda o saudosismo e a *Renascença*". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p. 187.

Em síntese, nestes dois artigos encontramos ao mesmo tempo um ataque aos *estrangeirados* - presente de forma mais acentuada no primeiro- e a tentativa de fazer com que novos elementos possam se somar aos membros do *Saudosismo*. Preocupação similar pode ser encontrada no artigo "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos" de Jaime Cortesão, em que este autor preocupa-se em defender as premissas do movimento e em mostrar a coerência dos propósitos do *Saudosismo* com as necessidades do país. Cortesão inicia seu artigo falando dos ataques que a *Renascença* vem sofrendo<sup>133</sup>, ataques que considera injustos<sup>134</sup>, e, apesar de afirmar que "Não vem para aqui esta discussão"<sup>135</sup>, de fato todo o seu artigo, como veremos, será uma defesa das propostas do *Saudosismo*.

Este crítico considera que o maior problema do português é a falta de uma vontade firme, o que ocasiona a inércia. Atribui isto ao ensino jesuítico e à falta de consciência nacional, perdida no século XVI. Se o grande mal é uma doença da vontade, considera que a única forma de combatê-la é com *impulsos afectivos*, que é justamente o que a *Renascença* pretende. Após isto, retornando a falar sobre os inimigos do movimento, afirma:

Mas o que é a cegueira e a má vontade dos homens... É sabido que o nosso Povo sofre duma terrível doença da vontade; averiguado está que só os poderosos impulsos afectivos podem neles acordar as fortes volições; e quando alguém tenta ministrar ao doente o único remédio possível, acordar para uma clara consciência os seus mais genuínos sentimentos, as virtudes que lhe são próprias, logo há quem acuse, desdenhe, emende ou castigue e tudo pelo terrôr que lhes inspira o que não podem compreender ou sentir e ainda pelo hábito de ver nas palavras unicamente o seu esqueleto verbal, sem se darem ao trabalho de procurar a riqueza íntima que as anima.<sup>136</sup>

Para provar a consonância entre os objetivos da *Renascença* e os mais *genuínos sentimentos e vontades* do povo português faz a analogia entre a nova poesia portuguesa e o misticismo presente no período das descobertas, trecho que atrás já analisamos. Assim,

---

<sup>133</sup>Este é um dos artigos de Cortesão em que podemos notar que, para ele, os propósitos da *Renascença* e os do *Saudosismo* são os mesmos, contrariando assim as palavras de Álvaro Pinto que citamos no início da análise destes volumes.

<sup>134</sup>"São cegas as paixões e, ainda quando lutam desinteressadamente pelos mais nobres ideais, podem acordar no animo as fundalhas da inferioridade animal, trazendo à superfície o egoísmo, a irritação, a vaidade, que tão humanas são." (CORTESÃO, Jaime. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos", *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.118.).

<sup>135</sup>Ibidem, p.118

<sup>136</sup>Ibidem, p.119.



neste artigo existe claramente uma tentativa de mostrar que qualquer ataque à *Renascença* é inoportuno e, de fato, prejudicial ao país, pois estará atacando o que, para Cortesão, é a única fonte possível para o reerguimento de Portugal: a tentativa de fazer com que o país recupere o seu sentir mais próprio e característico, do qual está desviado desde o fim do século XVI.

Neste combate aos *descrentes* o texto de Pessoa ocupa um papel especial. Em nenhum momento ele chega a analisar a existência de inimigos do projeto saudosista, mas, no final de seu artigo, ao tentar verificar "qual deva ser a resultante *social* das forças da Raça cujo primeiro assomo á tona da realidade ora e apenas se está fazendo, n'essa, citada, poesia [a *nova poesia portuguesa*]"<sup>137</sup>, acaba por citá-los. Pessoa considera que esta criação social deverá, já que o *transcendentalismo panteísta* se caracteriza pela "fusão de elementos absolutamente opostos"<sup>138</sup>, ser uma fusão que ao mesmo tempo será religiosa e política, democrática e aristocrática, "ligada á actual fórmula da civilização e a outra cousa nova"<sup>139</sup>, distante seja do cristianismo e da democracia moderna - nesta incluindo as "formas extremas ou perturbadas d'esta"<sup>140</sup> que são o anarquismo e o socialismo - seja do materialismo e do comercialismo, e acaba por concluir:

(...)Console-nos isto desde já, no meio de vêr, de leste a oeste de Portugal, a nossa subhumanidade politica e a nossa proletariagem humanitante. Tudo isso, que afinal é estrangeiro, morrerá de per si, ou á bocca dos canhões do nosso Cromwell futuro.<sup>141</sup>

Como podemos ver existe neste trecho um claro tom apocalíptico, na medida em que Pessoa *vaticina* o desaparecimento, natural ou por forma violenta, de todos os inimigos declarados ou não desta grande criação social que em breve acontecerá, fazendo com que, no contexto deste volume, este artigo acabe por ecoar com os outros em que os inimigos do Saudosismo são atacados ou aliciados.

Assim, ao lado dos outros componentes que atrás analisamos, também esta pode ser considerada uma característica recorrente neste volume. Podemos pensar que ela se incorpora de forma clara com o que antes notamos: a pregação das *novas navegações* que

---

<sup>137</sup>PESSOA, Fernando. "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p. 192.

<sup>138</sup>Ibidem.p.192.

<sup>139</sup>Ibidem.p.192.

<sup>140</sup>Ibidem.p.192.

<sup>141</sup>Ibidem.p.192. Como atrás vimos, já na sua primeira série de artigos Pessoa havia profetizado o aparecimento deste novo Cromwell.

são realizadas pela poesia portuguesa, prenúncio e manifestação do reerguimento nacional, tem como contraparte o ataque a todos aqueles que, novos *velhos do Restelo*, não sabem compreender o grande significado deste momento e sua importância para o país.

### 3.2.3.4 Breves conclusões

Como pudemos notar, este volume possui características bastante distintas do anterior. Aqui temos uma grande unidade, dada não só pela ausência de propostas contrárias ao Saudosismo, mas também por um certo conjunto de tópicos que perpassam a grande maioria dos textos analisados. Em praticamente todos eles encontramos referências ao *novo navegar* que está se realizando através da poesia portuguesa e que, em graus distintos em cada um dos textos, vai acabar gerando uma nova realidade para Portugal. Também a crítica aos inimigos do Saudosismo perpassa muitos dos artigos que analisamos, assumindo desde o tom *aliciante* dos dois artigos de Pascoaes, que buscam trazer para o interior do movimento intelectuais importantes que, apesar de serem membros da *Renascença Portuguesa*, dele não fazem parte, até às críticas contra o absurdo que é atacar o que justamente pode dar aos portugueses o que lhes falta, uma vontade firme, no texto de Cortesão, ou a profecia apocalíptica de Pessoa pregando o aparecimento de um novo Cromwell que destruirá os inimigos da nova civilização que surgirá em Portugal que de *per si* ainda não tiverem desaparecido.

Além disto, como inúmeros textos o demonstram, neste momento parece não existir nenhuma diferença entre o Saudosismo e a *Renascença Portuguesa*. Quase todos os saudosistas falam como se os propósitos da sociedade fossem exatamente os do movimento, contrariando de forma clara as afirmações que, quase vinte anos depois, Álvaro Pinto fez na revista *Ocidente* e que reproduzimos na introdução desta parte. Os pressupostos do Saudosismo, neste momento, são praticamente a única forma de interpretar Portugal existente na revista, e este, como veremos, será o único momento, em todos os volumes, que parece existir uma unidade de esforços em torno de propostas comuns. Já no próximo volume estaremos diante de uma realidade bastante diferente.

### 3.2.4 O terceiro volume de *A Águia*

#### 3.2.4.1 Introdução

No terceiro volume de *A Águia*, que compreende os seis números da segunda série da revista que foram publicados de janeiro a junho de 1913, podemos encontrar dezoito textos em que são formuladas propostas para o país e/ou esboçadas características sejam da nação, sejam do povo português, que abaixo indicamos:

1. "Evocação profética". Carlos de Oliveira. p.23-24.
2. "Portugal". Augusto Santa Rita. p.24-25.
3. "Lettres Portugaises". Philéas Lebesgue. p.38-40.
4. "Renascença". Teófilo Braga. p.41-43.
5. "Romaria das árvores". António Cobeira. p.44-47.
6. "Gomes Leal". Teixeira de Pascoaes. p.81-82.
7. "Eu". Alexandre Ferreira. p.84.
8. "Da comoção das árvores". Carlos de Oliveira. p.92.
9. "Das frações do povo português". Jaime Cortesão. p. 118-122.
10. "Saudosismo e Simbolismo". Teixeira de Pascoaes. p.113-114
11. "Apostilha aos navegadores". António Sérgio. p.133.
12. "Sobre a distinção entre o pensamento platônico e o pensamento moderno". Leonardo Coimbra. p.141-144.
13. "Gomes Leal". (sem autoria). p.145-148.
14. "Camões e a cantiga popular". Teixeira de Pascoaes. p.177-178.
15. "A Luiz de Camões". António Correia de Oliveira. p.183.
16. "Rezando oitavas". Mário Beirão. p. 188.
17. "Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus". Alfredo Coelho de Magalhães". p.189-194.
18. "Bibliografia: *O Último Lusíada* de Mário Beirão". Vila-Moura. p.204-208.

Apesar de neste volume existirem mais textos que ou se referem a Portugal ou se relacionam com as posturas do saudosismo que no anterior, temos nele uma unidade muito menor. Esta mudança pode ser notada pela própria participação nele dos quatro principais autores que ocupavam uma posição central na *pregação* do Saudosismo e/ou do momento genésico que o país atravessava: Cortesão, Pascoaes, Pessoa e Augusto Casimiro. Pessoa publica neste volume apenas um artigo, "As caricaturas de Almada Negreiros", que não tem nenhuma relação com as propostas que havia defendido até então na revista<sup>142</sup>. Também Augusto Casimiro, que chega a publicar dois poemas<sup>143</sup>, está aqui bastante afastado do tom nacionalista que o caracterizou nos volumes anteriores. Por sua vez Jaime Cortesão publica apenas um texto em prosa<sup>144</sup>, "Náufragos portugueses...", em que poderemos verificar que se nele está presente o *topos* da navegação, ganha aqui contornos bastante diversos dos presentes anteriormente. Também Pascoaes colabora neste volume com artigos de uma força bem menor, nos quais não encontramos o mesmo tom que a sua *pregação* anterior possuía. Parece assim existir um esvaziamento e esgarçamento da *pregação* saudosista, pelo menos nos artigos dos seus mais combativos defensores nos dois primeiros volumes, na medida em que a unidade alcançada no volume anterior neste se perde, sem que chegue a ser substituída por novos tópicos aglutinantes.

Se neste volume temos dois artigos de novos colaboradores, Philéas Lebesgue<sup>145</sup> e Alfredo Coelho de Magalhães, de fato poderemos notar que a importância do primeiro se deve mais à ausência de outras participações relevantes do que propriamente a características intrínsecas, e que o segundo, se apresenta alguns tópicos presentes em textos saudosistas publicados nos volumes anteriores, não chega a ser um texto da mesma envergadura dos demais no tocante a propostas para o reerguimento do país, já que foi escrito com outros objetivos. Também será uma constante neste volume a presença de textos que de forma indireta acabam por coincidir com uma ou outra das posturas

---

<sup>142</sup>Como o próprio título o indica, este artigo é apenas uma análise das caricaturas de Almada Negreiros, então expostas em Lisboa, e encontra-se nas páginas 134 e 135.

<sup>143</sup>Estes poemas são "A Canção da noitinha", na página 126 e "Lar", na 149. Caracterizam-se por serem completamente distintos dos deste autor que, até agora, analisamos, já que possuem um tom claramente lírico, em que o amor é o principal tema.

<sup>144</sup>Além deste, ele publica dois poemas "Tardes ascéticas" e "A minha Mãe e a minha Terra", respectivamente nas páginas 4 e 195-196, sem nenhuma relação mais explícita com o país.

<sup>145</sup>Philéas Lebesgue é um *novo colaborador* no que concerne a textos sobre Portugal, mas já havia colaborado no primeiro volume da revista com os poemas "Le Verbe" e "Le condor captif", respectivamente nas páginas 135 e 184, ambos dedicados a Pascoaes.

saudosistas, sem que possamos caracterizá-los como intimamente ligados às posturas deste movimento.

Este aparente esvaziamento do saudosismo não é compensado pela presença significativa de textos com posturas antagônicas a este movimento. Neste volume apenas em um poema encontramos estas características, "Apostilha aos navegadores", de António Sérgio, cuja importância analisaremos mais à frente.

Assim estamos diante de um volume em que a postura em relação à realidade nacional se altera. Se no primeiro esta era uma das principais preocupações, e vários grupos distintos propunham saídas diversas para o país, e no segundo os *saudosistas* mostravam uma grande unidade em seus textos, nos quais encontramos um conjunto de tópicos recorrentes que os transformavam em um grupo bastante coeso, parece que agora esta unidade se dispersa, e o país se transforma em um tema constantemente referido, mas sem que este *referir-se* se concretize em propostas para o reerguimento de Portugal.

### 3.2.4.2 Várias Faces do Saudosismo

Um dado bastante sintomático do que dissemos em nossa introdução é o fato de que o tópico da *navegação*, central no volume anterior, aparece apenas em dois textos, e em um deles, o de Antônio Sérgio, para ser negado. O único texto com uma postura próxima a existente no volume anterior em que o encontramos é o "Náufragos Portugueses..." de Jaime Cortesão.

Este artigo começa com a constatação de que todos os portugueses convivem com a morte, pois "durante muitos séculos convivemos com ela e vimo-la na sua mais trágica figura - a dos naufrágios"<sup>146</sup>. Para comprovar esta capacidade peculiar da raça, se refere a alguns portugueses que considera que são enamorados da morte: Nobre, Antero, Camilo e Soares dos Reis. Passa então a falar de sua experiência pessoal, dizendo que julga "possuir um nítido conhecimento da porção de Morte que cada um de nós arrasta na Vida"<sup>147</sup> e considera que esta sua capacidade é, de fato, fruto de uma característica da *raça*, uma herança que ele recebe de seus antepassados:

Para que eu tenha atingido esta riqueza de vida, a ponto de a fundir com a Morte, quantos antepassados meus não a viram nos perigos, na guerra, mas muito mais nas ondas do Mar, em tempestades bravas e hórridos naufrágios?

(...)

Português, tenho uma Alma que os séculos educaram nas largas do Além, nas aventuras do indómito Mar e por isso quero solta-la de velas pandas e quilha bem mergulhada no Oceano da Morte, que inda niguem (sic) devassou!

Se a hora da morte é extranhamente reveladora e todas as Almas nesse momento podem dar de si a última medida, ha de a nossa História trágico-marítima, a história dos passamentos e agonias duma Raça, reflectir nas mais dolorosas páginas, a imagem da nossa Alma.<sup>148</sup>

Após citar alguns outros episódios de naufrágios que são relatados na *História trágico-marítima*, se refere à "figura épica do governadôr da India, Francisco Barreto"<sup>149</sup>, sobre o qual afirma:

---

<sup>146</sup>CORTESÃO, Jaime. "Náufragos Portugueses...". *A Águia*, 2ª série, v. 3, p.118.

<sup>147</sup>Ibidem. p.118.

<sup>148</sup>Ibidem. p.119-120.

<sup>149</sup>Ibidem, p.121. Antes de falar do episódio de Francisco Barreto havia se referido mais demoradamente ao de Leonor Sepúlveda e ao dos irmãos Manuel de Mesquita e Antônio Sobrinho.

Quando a nau em que [Francisco Barreto] voltava ao reino, já prestes a sossobrar, caminhava sem governo, por um mar tormentoso, ele arrancava do extremo perigo a suprema esperança, assim falando aos aflitos companheiros:

"Senhores fidalgos e cavaleiros, amigos e companheiros, não deveis de vos entristecer e melancolisar com irmos demandar a terra, onde levamos posta a prôa, porque pode ser que nos leve Deus a terra onde possamos conquistar outro novo mundo, e descobrir outra Índia maior que a que está descoberta..."

Assim a Morte fosse para nós uma ansiedade de vida mais bela, um desejo, uma esperança de novos mundos, novas e maravilhosas conquistas!

Quanto vos devo, oh! naufragos meus Avós...

Sim! quantos pobres naufragos de olhos serenos ou desorbitados te olharam metidos nas ondas, a escorrer sangue, com o corpo lacerado, as forças exaustas, a carne rendida a todos os inimigos e a Alma mais convulsa e ardente do que nunca, arvorando a bandeira do divino desejo sobre todos os perigos, e afirmando a pureza, o amor fraterno, a piedade filial, a amizade, a coragem épica, para que eu de frente e face a face, te possa fitar, oh! Morte! <sup>150</sup>

São evidentes as relações entre este texto e o *topos* da *navegação* que encontramos no volume anterior. Aqui, como lá, temos uma viagem por um território espiritual ainda desconhecido, que pode ser consumada, entre outros motivos, graças às *antigas navegações* realizadas pelos portugueses. Mas também temos diferenças fundamentais. Estas novas navegações incorporam um lado mais trágico que épico, ao transformar o naufrágio em um dado positivo, em uma aprendizagem racial para uma navegação mais elevada, navegação esta que não está diretamente associada a um futuro reerguimento do país, como nos volumes anteriores. Assim, se neste artigo se considera que a alma portuguesa foi aperfeiçoada por séculos de sucessivos naufrágios, este aperfeiçoamento não se transforma em um *caminho para novas Índias* a partir do qual o país possa ressurgir, e nenhuma referência é feita ao *fazer poético* que, como vimos, era o *mar* pelo qual estas novas navegações estavam se realizando.

Esta grande mudança faz com este texto passe a ter uma outra filiação, distinta da que notamos nos volumes anteriores. Se nestes volumes pudemos notar a influência fundamental de "San Gabriel" de Camilo Pessanha e, em certo sentido, do final de *História da Civilização Ibérica* de Oliveira Martins, aqui parece-nos que a principal matriz não são mais estes dois autores, mas principalmente Unamuno. Em seu livro *Por tierras de Portugal y Espanha*, publicado em 1911 e comentado por Pascoaes na primeira série de *A Águia*, temos, entre outros, trechos de dois textos, "Eugénio de Castro" e "Las animas del

---

<sup>150</sup>Ibidem, p.121-122.



purgatorio en Portugal", em que é feita uma explícita referência aos naufrágios e a seu significado na cultura portuguesa, que abaixo reproduzimos:

La literatura portuguesa - de ella en general os hablaré otro día- tiene dos notas dominantes, y son la amorosa y la elegíaca. Portugal parece la patria de los amores tristes y la de los grandes naufragios.<sup>151</sup>

Es el océano vasto cementerio, sobre todo para Portugal. ¡El mar, ésa es la "campa", ése es el cementerio de esta desgraciada patria de Vasco de Gama, de João de Castro, de Albuquerque, de Cabral, de Magallanes, de todos los más grandes navegantes del mundo, de esta patria del infante don Fernando, del rey D. Sebastião, que allende el mar murieron. En ese inmenso cementerio vivo, que viene murmurando *fados* a besar las playas de este

*jardim da Europa, à beira-mar plantado,*

en ese inmenso cementerio descansa la gloria de Portugal, cuya historia es un trágico naufragio de siglos. Y este murmullo del océano, estas quejumbres que vienen de su seno cuando el sol en él se acuesta, ¿no son acaso las voces de las pobres ánimas portuguesas que vagam errantes en sus olas? ¿No piden sufragios a los vivos? ¿No es aquí el mar el Purgatorio?

Sí, aquí el Purgatorio es el mar; un purgatorio de aguas traidoras, no de fuego; sus olas son sus llamas. El mar, que fue la gloria de Portugal; el mar, que le ha dado eternidad en la historia humana, el mar le ha devorado, le ha metido

*no gosto da cobiça e na rudeza  
duma austera apagada e vil tristeza,*

como cantó, de acorde con el mar, Camoens.<sup>152</sup>

---

<sup>151</sup>UNAMUNO, Miguel de. "Eugénio de Castro". In: DIOS, Ángel Marcos de (comp.). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. p.116. A tradução deste artigo pode ser encontrada em UNAMUNO, Miguel de. *Portugal Povo de Suicidas*. p. 19-25.

Esta mesma idéia aparece mais desenvolvida em um outro texto de Unamuno, posterior ao artigo de Cortesão que aqui estamos analisando:

"Hay en la literatura portuguesa una colección de relatos de naufragios que se llama la *História Trágico-marítima*, y resulta ser una de las más características expresiones del alma portuguesa, trágica como el mar. Y la historia toda de Portugal -recuerdo habérselo dicho alguna otra vez- es un largo naufragio. Y dentro de ese pueblo trágico y elegíaco, ¡cuántas tragedias, cuántos naufragios de alma! Naufragios por el amor, pues que la tragedia portuguesa es de ordinario erótica."(Idem. "La Tragedia de Inés de Castro". In: DIOS, Ángel Marcos de (comp.). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*.p.215.)

<sup>152</sup>Idem. "Las animas del purgatorio en Portugal".In: DIOS, Ángel Marcos de (comp.). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*.p.148-149. A tradução deste artigo pode ser encontrada em UNAMUNO, Miguel de. *Portugal Povo de Suicidas*. p. 55-62.

Cortesão aceita estas idéias básicas, esta visão do mar como um cemitério em que os portugueses naufragaram, e da história de Portugal como um constante naufrágio, mas as transfigura de forma radical, dando-lhes um significado claramente positivo. O naufrágio é assumido como o que permite aos portugueses adquirirem uma capacidade de viajar por *novos mares nunca dantes navegados*, o oceano da morte, a partir do qual poderão ter uma visão mais perfeita e mais totalizadora da vida. Assim Cortesão relê o significado negativo apontado por Unamuno, incorporando-o e transformando-o: se as glórias se foram, o sofrimento para atingi-las deu à raça portuguesa uma capacidade superior de ver *além da morte e de navegá-la*<sup>153</sup>.

Esse texto de Cortesão, em que podemos ver a reelaboração de um tema recorrente no volume anterior é uma quase exceção neste volume. Apenas Pascoaes chega também a apresentar, em um de seus textos, uma construção semelhante.

Como dissemos em três textos Pascoaes se refere ou ao país ou ao movimento saudosista. Em um deles, "Gomes Leal", esta referência não é central, já que o seu principal objetivo é o de levantar fundos para que o autor de *O Anti-Cristo* possa sair da situação de miséria em que se encontra. Apesar disto, em seu final podemos encontrar algumas posturas semelhantes às presentes em seus artigos anteriores, como podemos ver abaixo:

Os portugueses precisam de lavar a nodoa escura que a fome de Camões imprimiu sobre a nossa terra! Será já uma prova do nosso renascimento. O acordar das belas energias da alma é que prepara a grandesa dum Povo, mesmo a sua grandesa material. Quem talha o corpo é o espirito.

Eis uma verdade que os chamados homens praticos não devem esquecer. Convem afirma-la sempre, numa época em que domina a superstição do util, do scientifico e do positivo. É a *superstição de três cabeças*, que devora as energias espirituas do homem, metalizando-o, reduzindo-o a uma cousa parecida com a machina de costura...

O homem não é apenas o cidadão de que falam os codigos; é também o sêr vivo de que falam as arvores e as estrelas. E este sêr vivo, tão dignificado em Gomes Leal, porque foi um grande Poeta, é que nós devemos amar e amparar, como se amam as flôres mais belas da Vida.<sup>154</sup>

Como podemos ver temos aqui apenas uma rápida reafirmação do renascimento do país da qual Pascoaes parte para uma crítica ao materialismo. Se poderíamos atribuir esta

---

<sup>153</sup>Certamente podemos pensar neste texto de Cortesão como uma das possíveis matrizes de "Mar Portuguez" de *Mensagem*, em que o sofrimento necessário para as conquistas passadas também é visto como um dado positivo, por mais que especificamente neste poema este sofrimento seja principalmente dos que *ficam* e não dos que *partem*.

<sup>154</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Gomes Leal". *A Águia*, 2ª série, v. 3, p.82.

presença lateral das propostas saudosistas neste artigo ao fato de ele ter um objetivo bem definido, o de recolher fundos para Gomes Leal, o mesmo já não ocorre com os outros textos deste autor. Em "Simbolismo e Saudosismo", de fato um trecho da conferência *O Génio Português na sua expressão poética, filosófica e religiosa*, como o próprio título do artigo o indica, encontramos como principal centro de interesse a diferenciação entre as citadas escolas francesa e portuguesa. Basicamente Pascoaes assinala o fato de que enquanto o Simbolismo tem por objetivo o vago, complicando a referência a coisas de fato simples, o Saudosismo tem por objeto o mistério, o que o transforma numa poesia nitidamente religiosa, em oposição ao primeiro. Esta religiosidade faz com que os poetas deste movimento sejam, ao mesmo tempo, os enviados e o verbo da Saudade. Podemos notar, por este breve resumo, que além da reafirmação do papel religioso da nova poesia portuguesa pouco existe neste artigo que de fato o aproxime dos anteriores de Pascoaes, além do fato de que a diferenciação entre Simbolismo e Saudosismo já havia sido feita por Pessoa no interior da revista, e esta de Pascoaes mantém o mesmo tom geral da outra - em que é apontada a inferioridade do Simbolismo- sem chegar a acrescentar novos dados de fato relevantes. Falta aqui a arquitetura, por vezes um pouco delirante, com que demonstrava o advento da nova era, falta em especial a conclamação para uma união em torno de suas propostas, seja coletiva, como no primeiro volume, seja individual, tentando persuadir seus interlocutores, como no segundo. Este mesmo tom desapaixonado caracteriza o seu outro artigo, "Camões e a cantiga popular", em que ele chega mais próximo de apresentar elementos novos de sua análise sobre o momento atual. Neste artigo, publicado em um número especial de *A Águia* sobre o autor de *Os Lusíadas*<sup>155</sup>, Pascoaes considera que "só agora Camões principia a ser verdadeiramente compreendido, e sua colossal estatura só á luz d'este seculo XX, nos aparece em toda a nitidez"<sup>156</sup>, o mesmo ocorrendo também com o lirismo popular, em função do que afirma:

O nosso Cancioneiro popular não é uma obra apenas amorosa e satirica como tem sido considerado; é, antes de tudo e sobre tudo, religiosa; contem a essencia d'um novo Crédo; uma nova sintese divina do Universo.

---

<sup>155</sup>Este número da revista está contido nas páginas 177 a 208 deste volume e contém três textos sobre Camões. Além deste de Pascoaes existem os poemas de António Correia de Oliveira ("A Luis de Camões") e de Mário Beirão ("Rezando Oitavas"). Podemos aferir tratar-se de um número dedicado a Camões pela carta de Pessoa, enviada a Álvaro Pinto, datada de 13 de junho de 1913, em que diz que, apesar de ter prometido, não enviou nada para este número da revista pois "o artigo que eu começara a escrever se tornou por um excesso de critica, improprio para um numero commemorativo de Camões"(PESSOA, Fernando. "Vinte Cartas de Fernando Pessoa". *Ocidente*, v.24, p.313.)

<sup>156</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Camões e a cantiga popular". *A Águia*, 2ª série, v. 3, p.177.

Assim, em Camões, para além do épico e do lírico, na parte inconsciente e profunda da sua obra, brilham as mesmas luzes percursoras d'uma nova Consciência moral, d'uma nova atitude da alma humana perante Deus e a Vida.

A nossa Raça trabalha na Obra da Renascença desde séculos, olhando apenas para o seu espírito creador, e não para manuscritos decifrados e desenterradas estatuas. Se tem sofrido períodos de abatimento, em que o *estrangereirismo* dominou, é certo que, no presente, ela vai conquistando um alto grau de revelação, que já lhe torna intangível a sua independência.

Aquele acôrdo espiritual entre o canto camoneano e a cantiga popular e o nosso actual Lirismo religioso, fortalece a nossa esperança n'uma próxima época de renascimento.<sup>157</sup>

Ao mostrar esta homologia entre o cancionero popular e a obra de Camões, Pascoaes está desenvolvendo um conjunto de idéias que já haviam sido por ele expressas, alguns meses antes, em *O Génio Português na sua expressão poética, filosófica e religiosa*<sup>158</sup>. Como podemos ver, neste trecho Pascoaes justifica, de forma bastante clara, o

---

<sup>157</sup>Ibidem, p.178.

<sup>158</sup>Esta conferência foi proferida em 9 de abril de 1913, enquanto que o texto que estamos analisando foi publicado no número 18 de *A Águia*, em junho deste mesmo ano. As idéias a que nos referimos podem ser encontradas no trecho abaixo:

"Que é a *saudade do céu*? É a *lembrança* duma remota Perfeição, vivida talvez em outro mundo, animada pelo *desejo* de uma nova perfeição.

Basta a leitura destes versos, para sentirmos palpitar na alma do divino Épico, a alma lusitana na sua ânsia de dar à Vida uma nova expressão religiosa!

E falando em Camões, tenho de falar em outro Poeta português, o único que pode colocar-se à mesma altura do maior intérprete do Mar: refiro-me ao Povo.

Há uma quadra popular em que a Saudade aparece como Divindade:

"De qualquer modo que existas,

És a mesma divindade:

Ventura, quando te vejo,

Se te não vejo, saudade!"

Vede um indivíduo e a Raça em absoluto acordo, antevendo, através do mesmo relâmpago precursor, a futura criação metafísica do seu génio!

(...)

Há outros versos de Camões, do Povo e Bernardim, onde a Saudade aparece em relâmpago genial e cego.

E comparando nós a saudade dos antigos Poetas e a do Povo, com a saudade do *Saudosismo*, síntese do naturalismo pagão e do espírito cristão, e, portanto, nova forma poética, religiosa e filosófica, vê-se logo que entre as duas saudades existe somente uma distância de tempo que, no mundo psicológico, vai da emoção instintiva e cega à emoção intelectualizada e consciente.

A saudade de Bernardim é murmurada pelo sangue; é ainda animal, infantil; lembra o olhar da criança ainda hesitante entre a luz que alumia e a luz que se vê, a luz do sol e a da alma...

A saudade nos novos Poetas é a nítida palavra articulada, já na idade racional em pleno meio-dia do Espírito.

Todavia, no decurso evolutivo deste misterioso e divino Sentimento, os seus elementos primordiais, essenciais e constitutivos (desejo e lembrança) em nada se alteraram. Foi mesmo pela sua análise que chegámos à nossa concepção saudosista da alma portuguesa. O *desejo* é a parte material e a *lembrança* a parte espiritual da Saudade." (PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*, p.70-72.)

que antes havia apenas apontado em seus textos, que existe uma homologia entre as poesias saudosistas e àquelas que, em tempos anteriores, trataram da saudade, sejam *eruditas* ou *populares*, realizando um processo que já havia sido feito, em outros termos, por Cortesão no volume anterior, quando este mostrou que o misticismo da *nova poesia* era o mesmo que existira no tempo das descobertas.

Também neste trecho de Pascoaes encontramos uma crítica à *falsa renascença* realizada pela Itália - ao dizer que a portuguesa não se deve a *manuscritos decifrados e desenterradas estátuas*- e a certeza de que a homologia entre o canto popular, o camoniano e o da *nova poesia* já é, em si, uma garantia de que a época do renascimento está próxima.

Se, como vemos, este artigo apresenta uma análise nova sobre a relação entre essas três *poesias*, devemos notar que sendo este o texto de Pascoaes mais significativo deste volume, podemos perceber claramente a distância que separa a sua participação neste momento em confronto com o que até aqui analisamos. Seja definindo propostas de ação conjunta, seja atacando os inimigos ou tentando aliciá-los, nos volumes anteriores Pascoaes era uma das figuras centrais, se não mesmo a mais importante, do Saudosismo. Já aqui, nestes três textos, existe pouco mais que a reafirmação da renascença que está ocorrendo. Certamente, se estivéssemos diante de um caso isolado, várias hipóteses poderiam ser levantadas para esta mudança, entre elas a de que o fato de ter proferido a conferência *O génio português* no meio deste período poderia ter desviado o seu esforço para um outro objetivo que não a sua participação em *A Águia*<sup>159</sup>. Mas, como poderemos comprovar, todos os grandes colaboradores saudosistas desta revista possuem, no volume que estamos analisando, posturas próximas a esta de Pascoaes, e a unidade do volume anterior não mais é encontrada.

Também Leonardo Coimbra participa apenas com um artigo importante, "Sobre a distinção entre o pensamento platônico e o pensamento moderno". Dele nos interessa principalmente o início em que analisa o papel do *movimento* no mundo moderno:

O mais incensado dos ídolos modernos é o movimento. O filósofo alemão Eucken distingue tres grandes correntes de civilização -o helenismo, o cristianismo

---

<sup>159</sup>Além disto devemos também notar que em 14 Pascoaes publicará a sua primeira obra em prosa que não é reprodução de conferências realizadas, *Verbo escuro*, além de que neste mesmo ano fará duas conferências que serão publicadas ainda em 14 sob o título de *A era lusitana*, fatos que também poderiam justificar uma menor participação na revista, se supuséssemos que já no ano anterior estava preparando estas obras. Porém é importante que ressaltemos que esta diferença não é quantitativa, neste volume Pascoaes publica 4 textos, mesmo número do volume anterior, mas sim qualitativa, o que destrói em parte a hipótese de que o acúmulo de outros trabalhos é que teria levado este autor a ter uma participação menos significativa neste volume da revista.

e o dinamismo. Esta ultima forma seria a característica moderna. Uma civilização impetuosa e desentranhada seria a que nos arrasta. Assim é, com efeito, e pelos livros correm os motivos da sua existencia -as descobertas scientificas e geograficas gerando o industrialismo. O humanismo da Renascença libertára o pensamento, que se arrojou em vôo tão desmarcado que, de arredado, parece perdido. É natural que o nosso insensato dinamismo seja ainda o fluxo da seiva da Renascença. Mas já o refluxo começa...

E, para não ir mais longe, o mesmo Eucken afirma a necessidade duma cultura *noologica*, de permanencia espiritual, que seja a medula da civilização, de outra forma dispersa em ôca actualidade. O fluxo desagregou o pensamento platonico, arrancou a alma ás ideias e as ideias á realidade, alongou o mundo em atomos de indiferença. O refluxo vai condensando, centralizando esse amorfo Infinito de perpetua exclusão, dando, a essa realidade fantasma, segurança ideal; vai, emfim, regressando ás platonicas origens. Mas poucas refluem, o vulgo vai ainda no desvairado tropel do fluxo...<sup>160</sup>

Como podemos notar temos aqui o mesmo tema já apresentado por Coimbra em "Águas religiosas", que citamos no volume anterior, a que incorpora também outras reflexões que perpassam em especial os textos de Pascoaes. A idéia central no trecho acima, também presente nos outros textos citados, é a de que o mundo materialista e ateu estaria próximo de seu fim, e que uma nova onda espiritualista estaria se formando. A isto acrescenta Coimbra, também em consonância com Pascoaes- pensemos entre outros no texto em que analisa a tradução de Basílio Teles do *Livro de Job*- que neste momento apenas poucos refluem à *platônica origem*, enquanto *o vulgo* continua no *oco tropel do fluxo*. Assim temos aqui apenas a repetição, em outro termos, de um tópico já bastante constante nas reflexões saudosistas.

Os outros dois artigos importantes neste volume são o de Philéas Lebesgue e o de Alfredo Coelho de Magalhães. O primeiro destes, intitulado "Lettres Portugaises", fora publicado no *Mercure de France* em 1º de Janeiro de 1913<sup>161</sup>. A parte citada em *A Águia*, que não é o artigo integral existente na revista francesa<sup>162</sup>, é basicamente uma apresentação

<sup>160</sup>COIMBRA, Leonardo. "Sobre a distinção entre o pensamento platonico e o pensamento moderno". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.141.

<sup>161</sup>A informação sobre esta edição original do artigo aparece depois do mesmo entre parênteses. Cf. *A Águia*, 2ª série, v.3, p.40.

<sup>162</sup>O texto de Lebesgue é publicado em *A Águia* como se fosse o artigo integral, já que em nenhum momento é informado aos leitores que partes do mesmo foram retiradas. De fato não foram reproduzidas as suas duas páginas finais e, em função disto, o sumário, que antecede ao texto, também foi modificado.

Este sumário, na edição original do artigo no *Mercure de France*, é o seguinte:

"Le nouvelle génération. - *A Águia*. organe de la société *Renascença* (sic) *portuguesa*: Porto. - Jaime Cortesão: *Esta historia è para os Anjos*: Renascença portugueza; Porto. - Augusto Casimiro: *A Evocação da Vida*: França Amado, éditeur, Coimbra. - Leonardo Coimbra: *O Creacionismo*: Renascença portugueza, Porto. - Almachio Diniz: *Da Esthética na litteratura comparada*; Garnier frères, Paris. - Marcel Lami: *Terres*

tanto dos novos poetas de Portugal como da *Renascença Portuguesa* para o público francês. Se o artigo em si teria como principal interesse o fato de atestar o reconhecimento estrangeiro das propostas expressas na revista - no início de seu texto Lebesgue mostra a importância de um movimento que "se manifeste, en effet, comme absolument national, sans emprunts directs d'aucune sorte"<sup>163</sup>, dadas as características que notamos neste volume, ele acaba por ser a reflexão mais completa sobre o movimento saudosista deste terceiro volume.

Basicamente Lebesgue afirma, no rastro de Pascoaes, que a alma portuguesa, após séculos de sono em que "l'éducation jésuitique l'étouffa"<sup>164</sup>, agora ressuscita "avec toutes ses caractéristiques de nostalgie messianique, avec ses aspirations à la fois païennes et chrétiennes, fomentées par le paysage natal, avec son idéalité sensuelle, qui marie dans *la saudade* le sentiment et la pensée"<sup>165</sup>. Do que, se baseando agora no texto de Pessoa, sem informar isto a seus leitores, considera que Portugal vai dar "su interprétation du monde à la civilisation universelle"<sup>166</sup>, ao que acrescenta:

(...) Par cela même que le songe doit précéder l'action, l'âme portugaise va entrer dans sa période active et consciente, celle où les peuples créent, non seulement pour eux-mêmes, mais aussi pour les autres, ainsi que fit l'Angleterre de Shakespeare et de Milton, la France démocratique de Victor Hugo.<sup>167</sup>

Como podemos ver, pelos breve trechos acima citados, este texto é constituído principalmente por uma junção de artigos já anteriormente publicados em *A Águia*, em especial, nos trechos citados, de Pascoes e Pessoa, os quais o autor cita, sem indicar a fonte, passando *naturalmente* de um para outro. Assim, aqui não temos nenhuma idéia nova,

---

*d'aventures*; Louis Michaud, Paris. - *Luz d'Oriente (L'Enigme du Ramayana)*; Ponda-Goà, Inde portugaise.- Memento"(LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *Mercur de France*, tome CI, p.209)

No trecho reproduzido em *A Águia* o último autor citado é Almachio Diniz, e o sumário é reproduzido até esta parte. Parece-nos que o objetivo dos editores da revista portuguesa era o de transformar o texto de Lebesgue em um artigo exclusivamente *sobre a Renascença Portuguesa*, e, se mantém o trecho sobre o autor de *Da Esthética na litteratura comparada*, é apenas porque a análise sobre este livro encontra-se em um parágrafo em que ele ainda está se referindo à *Renascença*.

<sup>163</sup>LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.38.

<sup>164</sup>Ibidem, p.38.

<sup>165</sup>Ibidem, p.38.

<sup>166</sup>Ibidem, p.38.

<sup>167</sup>Ibidem, p.38.

apenas a reafirmação do que principalmente estes dois autores já haviam afirmado nas páginas desta revista.

Se este artigo tem uma importância mais dada pelo contexto do volume do que por características intrínsecas, o mesmo já não ocorre com o de Alfredo Coelho de Magalhães. Como o seu próprio título o indica, "Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus", trata-se de uma proposta para o ensino da literatura portuguesa. No aspecto que particularmente aqui nos interessa, a imagem de Portugal presente neste artigo, é importante notarmos que se em nenhum momento ele assume declaradamente uma postura saudosista, e mesmo não existindo neste artigo nenhuma afirmação sobre o iminente renascimento do país, ele participa de premissas defendidas pelo movimento, como poderemos ver.

O primeiro aspecto importante, com o qual praticamente abre seu artigo, é o de considerar fundamental que o ensino seja principalmente voltado para o revelar das características nacionais da literatura, como já havia afirmado Cortesão em seu texto "*Renascença Portuguesa e o ensino da História Pátria*":

A educação em Portugal tem de revestir um caracter accentuadamente nacional e, por isso, o ensino da litteratura deve tender ainda, e d'uma maneira particular, a revelar aos alumnos as qualidades constitucionaes da nossa raça (...).<sup>168</sup>

Além disto, aponta também para a originalidade da literatura portuguesa, como nos mostra o trecho abaixo, quando fala da primeira lição da História da Literatura:

1.ª Originalidade da litteratura portugueza. Porque discordo da divisão da historia da litteratura apresentada pelo sr. dr. Mendes dos Remedios. Alludirei á poesia provençal e indicarei os principaes factos que determinaram a sua diffusão em Portugal, accentuando sempre, todavia, o caracter original da poesia trobadoresca (sic) portugueza, e justificando-o com a leitura d'alguns *cantares d'amigo*.<sup>169</sup>

---

<sup>168</sup>MAGALHÃES, Alfredo Coelho de. "Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.189.

<sup>169</sup>Ibidem, p.190. Mendes dos Remedios, sobre o tópico da origem da literatura portuguesa, afirma: "(...) **Origem da literatura portuguesa**. Pode dizer-se que a literatura portuguesa nasceu na Provença. É lá que é preciso ir procurar a origem dos nossos primeiros documentos literários, documentos em verso, como o sam, em geral, os da infância de todos os povos. De lá nos veio com o caracter e feição especial dessa poesia, que tam notável influência exerceu na nossa vida literária, a fôrma e o ritmo, que sam a essência da arte poética. Transplantada da provincia meridional da França para o nosso país, essa poesia amorosa, cheia de sentimento e vida, recebeu em Portugal a centelha do entusiasmo, tornou-se querida de todos e por isso mesmo popular." (REMEDIOS, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa*, p.20.)



Especialmente quando fala de como mostrou a seus alunos os "Factores que explicam a formação e originalidade da litteratura portugueza"<sup>170</sup>, que para ele são quatro -a raça, a língua, a tradição e a nacionalidade-, podemos notar que os seus pontos de vista ou concordam ou corroboram as propostas apresentadas por vários dos autores saudosistas. Em relação à raça considera que "esta possui qualidades bem diferenciadas e originaes, considerando os portuguezes como representantes dos *lusitanos* cujos caracteres fundamentaes se conservaram através das diversas invasões que se succederam na peninsula, anteriormente á constituição de Portugal"<sup>171</sup>. Afirma que se referiu à "opinião em contrario de Alexandre Herculano"<sup>172</sup>, e que falou dos trabalhos de Teófilo Braga "que pretende provar que existe, realmente, uma *raça portugueza* bem caracterisada"<sup>173</sup> e por fim diz que citou um trecho de Oliveira Martins que "define admiravelmente a alma portugueza, pondo-a em contraste com a alma castelhana"<sup>174</sup>.

Como podemos notar este ponto de vista sobre a *raça portuguesa* é especialmente propício às intuições de Pascoaes: na base do raciocínio do autor de *Jesus e Pã* está a crença na existência de uma *raça* própria em Portugal, que através dos séculos soube guardar as suas características básicas, nas quais se inclui o conhecimento da *saudade*. Além disto devemos também assinalar que o trecho citado de Oliveira Martins já havia sido referido por Jaime Cortesão no artigo "A Renascença Portuguesa e o ensino da história pátria", que analisamos no segundo volume, logo após o trecho que cita de *História da Civilização Ibérica*<sup>175</sup>, o que nos mostra que Alfredo de Magalhães possui também afinidades com Cortesão.

---

<sup>170</sup>MAGALHÃES, Alfredo Coelho de. Op. cit. p.192.

<sup>171</sup>Ibidem, p.192.

<sup>172</sup>Ibidem, p.192.

<sup>173</sup>Ibidem, p.192.

<sup>174</sup>Ibidem, p.192. Este trecho é o seguinte:

"Ha no genio portuguez o quer que é de vago e fugitivo, que contrasta com a terminante affirmativa do castelhano; ha no heroismo lusitano uma nobreza que differe da furia dos nossos visinhos; ha nas nossas letras e no nosso pensamento uma nota profunda ou sentimental, ironica ou meiga, que em vão se buscaria na historia da civilisação castelhana, violenta sem profundidade, apaixonada, mas sem entranhas, capaz de invectivas mas alheia a toda a ironia, amante sem meiguice, magnanima sem caridade, mais que humana muitas vezes, outras abaixo da craveira do homem, a entestar com as feras. Tragica e ardente sempre, a historia hespanhola differe da portugueza que é mais propriamente épica; e as differenças da historia traduzem as desimilhanças (sic) do character" (MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Vol. I. p.22. Apud: MAGALHÃES, Alfredo Coelho de. Op. cit. p.192.)

<sup>175</sup>Após citar o referido trecho, em que Oliveira Martins diz que acredita que *o papel de apóstolos das futuras idéias esta reservado aos que foram os apóstolos da antiga idéia católica*, Cortesão afirma:

Em relação a parte que fala da língua nenhum aspecto aqui nos interessa, mas ao se referir à tradição e à nacionalidade encontramos várias semelhanças com as propostas saudosistas:

A TRADIÇÃO - Tratando d'este assumpto, procurei apenas mostrar que, ao constituir-se a nacionalidade portugueza, não se havia apagado inteiramente a vida moral e artistica dos povos hispanicos, mas antes se conservava e transmittia pela tradição, nos seus costumes e cantos populares; e accentuar que a obra litteraria d'um povo só é grande, bella e eterna, quando se inspira na sua alma collectiva, como acontece com os *Lusiadas*.

A NACIONALIDADE - Tentei demonstrar que Portugal tem mantido a sua autonomia na Peninsula, exactamente porque a raça portugueza ou lusitana possui qualidades originaes que a distinguem da raça castelhana ou iberica; accentuei os factos que revelam essa aspiração que os portuguezes sempre têm manifestado de viverem livres e independentes, através de todos os movimentos de absorpção por parte de Castella, referindo-me, especialmente, á batalha de Aljubarrota, e expliquei a perda da independencia, de 1580 a 1640, pelo esgotamento da alma portugueza, durante a realisação da obra das navegações e das descobertas, e pela educação dos jesuitas que tanto contribuíram para a desnacionalisação (sic) dos portuguezes.<sup>176</sup>

Como podemos ver perpassam o trecho acima citado muitas das idéias contidas em vários dos textos saudosistas que até agora analisamos. A crença de que só as obras que se inspiram na *alma coletiva* são eternas é certamente compartilhada por Pascoaes, que vê justamente na *alma portuguesa* a fonte do renascimento que, para ele, então estava ocorrendo<sup>177</sup>. Mais significativo ainda é o fato de Alfredo de Magalhães citar como motivos da perda de independência o cansaço gerado pelas grandes navegações, que como vimos fora apontado por Pascoaes como uma das causas da decadência, e a educação estrangeirada dos jesuítas, que também Pascoaes havia citado e sobre a qual Jaime Cortesão havia discorrido em um de seus artigos.

Por tudo o que acima apontamos podemos ver que esta proposta para o ensino da literatura se aproxima bastante das propostas dos saudosistas, podendo certamente ser aceita por eles, tão preocupados com a necessidade de criar uma educação nitidamente lusitana.

---

"É certo que Oliveira Martins se refere a um novo ideal colectivo comum ás duas nações peninsulares; mas é certo tambem que noutra parte de sua Obra ele estabelece profundas diferenças entre os portugueses e hespanhois, o que garante, mesmo na sua opinião, a nossa originalidade e a nosso vêr a prioridade na criação desse ideal, pois a Hespanha está por emquanto muito preza a um rígido e estreito catolicismo"(CORTESÃO, Jaime. *A Águia*, 2ª série, v.2. p.79.)

<sup>176</sup>MAGALHÃES, Alfredo Coelho de. Op. cit. p.194.

<sup>177</sup>Como veremos ao analisar a polémica Sérgio-Pascoaes, a existência ou não de uma *alma* ou de um *gênio* coletivo será um dos temas que os dois debaterão.

São estes os textos deste volume mais intimamente ligados com as propostas do Saudosismo. Como podemos notar, se existem vários textos relacionados com este movimento, certamente neles não encontramos propostas unificadoras, e cada um acaba por abordar alguns aspectos específicos, em alguns casos modificando imagens anteriores, como ocorre com o texto de Jaime Cortesão que nesta parte analisamos, em outros praticamente repetindo propostas já anteriormente vinculadas. Este *estilhaçamento* de um grupo que parecia tão unitário no volume anterior ainda é mais reforçado, como dissemos, pois existem vários outros textos em que, se certamente podemos detectar alguns *ecos* do movimento, de fato não chegam a apresentar imagens consistentes sobre o país. Deles trataremos na próxima parte deste capítulo.

### 3.2.4.3 Ecos do Saudosismo e outras imagens de Portugal

Se os textos anteriormente citados são aqueles mais explicitamente ligados às propostas do Saudosismo, podemos encontrar neste volume uma série de *ecos* das propostas deste movimento, que aparecem nas mais diversas obras, e um poema em que, se temos uma grande proximidade com o movimento, ela se realiza em uma construção bastante inovadora, se comparada com as outras obras poéticas que até agora analisamos. Serão principalmente estes os textos que trataremos nesta parte de nosso trabalho.

Dentre estas obras, aquela que apresenta uma relação mais tênue com as propostas do movimento é o poema "Portugal", de Augusto Santa Rita. Neste texto o país é pintado através de traços rápidos, seja exaltando as belezas nele existentes, seja falando de outras características que lhe são peculiares<sup>178</sup>, sem que seja, porém, constituída uma imagem consistente de Portugal. Apenas em um aspecto secundário é que podemos encontrar semelhanças com a imagem construída pelos saudosistas, quando, nos dois primeiros versos do poema, o eu lírico considera Portugal como um país fadado: "Portugal, meu paiz, ó meu berço doirado, / Que fada te fadou assim tão bem fadado?!"<sup>179</sup>. Mas esta predestinação expressa no poema não está relacionada com o grande futuro esperado, entre outros, por Pascoaes ou Pessoa, como podemos ver no trecho abaixo, em que a pergunta inicial formulada pelo eu lírico é, de certa forma, respondida:

Out'róra no tempo moiro  
 Certa moirinha encantada,  
 Erguendo ao ar seu thesoiro  
 Que era o condão de uma fada,  
 Bráda assim:  
 - "Linda terrinha eu te agoiro  
 Encantamentos sem fim,  
 Um futuro de letras d'oiro

---

<sup>178</sup>O que pode ser visto, por exemplo, nos trechos abaixo:

"Terra de lindas cantigas  
 E de amorosos segredos,  
 Onde se apertam os dedos  
 E córam as raparigas!" (SANTA RITA, Augusto. "Portugal". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.24)

"-Portugal lembra um soldado,  
 -A ovelha, o valle, a bolóta...

-Lembra uma linda minhota  
 Com seu trájo encarnado..." (Ibidem, p.25)

<sup>179</sup>Ibidem, p.24.

Gravádas sobre o marfim!"  
 E lógo no mesmo dia,  
 E na mesma hora e minuto  
 Se cumpriu a prophecia...  
 Vestiu oiro a côr do luto  
 E um certo sonho impollúto  
 Lindo Paiz concebia,  
 Que por óbra da magia  
 Como o fructo de Maria  
 Bemdito foi o seu fructo!<sup>180</sup>

Assim o país teria sido *fadado* por uma *moirinha* no passado, o que, certamente, não apresenta nenhuma relação com os textos saudosistas que aqui analisamos.

O texto de Vila-Moura em que ele comenta *O Último Lusíada* de Mário Beirão também possui um interesse lateral. Apenas merece atenção o fato de que o crítico não só considera este livro como sendo profundamente religioso<sup>181</sup>, o que filiaria o seu autor na *nova poesia religiosa* tão insistentemente comentada no segundo volume, como também vê nele uma manifestação do crepúsculo da raça que, através da poesia de Beirão, aspira por uma ascensão para Deus<sup>182</sup>.

Se nos dois textos acima encontramos apenas vagos *ecos* das propostas saudosistas, o mesmo já não ocorre com os dois poemas de Carlos de Oliveira que citamos na introdução à análise deste volume. O primeiro deles, "Evocação Profética", é um poema em que a rainha Isabel profetiza o destino marítimo dos pinhais<sup>183</sup>. Se o próprio fato do poema

---

<sup>180</sup>Ibidem, p.25.

<sup>181</sup>Isto pode ser visto pelo uso recorrente de afirmações como "A parte mystica da obra de Mário Beirão é por ventura, a mais alta, a maior" (VILLA-MOURA. "O Último Lusíada por Mário Beirão". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.204) ou "do seu Poema deriva naturalmente a mystica de Pan, um ascetismo arrebatado do religiosismo das coisas" (Ibidem, p.205).

<sup>182</sup>Como podemos ver no trecho abaixo:

"Do poente estivo d'este cahir de raça, ascende a sombra do Poema, -vermelha da febre da paizagem a errar desgraça, Belleza.

O Poeta é um maestro somnanbulo que surde na agonia do seu canto a orquestrar a Luz, a Côr. Na superstructura da sua Arte vaga a teia diaphana d'uma alma cujos fios se quebram em alvoradas de sonho - musica que vae perder-se no extranho d'um Novo Mundo.

Este Mundo é, por ventura, aquelle a que o Poeta chama o Reyno esplendoroso, o que o Destino consagra á Raça, o Reyno da Belleza, que ella, unvida da hora sanguinolenta do seu crepusculo, clâma em sombras de voz, na ritymica misteriosa do Poema, aspirando a um fim ainda e sempre grande, n'uma ascensão para Deus, intima, religiosa..." (Ibidem, p.208.)

<sup>183</sup>Certamente podemos supor que este poema é uma das possíveis influências presentes no "D. Dinis" de *Mensagem*, já que esta imagem das naus que existiam em *potência* nos pinhais plantados por D. Dinis, expressa neste poema de Carlos de Oliveira, também aparece no de Pessoa.

tratar de uma *profecia* em uma revista em que vários textos tem um tom profético, lembremos aqui alguns dos textos de Pascoaes e os de Pessoa, já o aproxima das posturas saudosistas, outros elementos presentes nesta obra reforçam ainda mais esta proximidade. Existe um tom claramente religioso que perpassa todo o poema, pelo uso de uma série de vocábulos e expressões deste campo semântico. O eu lírico, por exemplo, se refere a seus versos qualificando-os de "mysticos"<sup>184</sup> e designa os pinheiros como uma "Ramaria de sombras - mãos erguidas... / Em mystico transporte"<sup>185</sup>. Já Isabel a estes se refere como "pinheiros feridos de divino"<sup>186</sup>, e, em um momento diz:

A cantar vai  
 A Mulher portugueza  
 Vosso marítimo destino...  
 Nas águas a Penumbra da madeira  
 Será Nau derradeira  
 Onde se esvai  
 A Saudade Lusiada em Tristeza...  
 Ergue-te, originaria Cathedral  
 Duma Raça marítima a rezar!  
 Portugal! Portugal!  
 Missa Cantada!  
 Nau evocada!...<sup>187</sup>

A mesma rainha, na segunda fala que possui no poema, afirma:

- Portugal! Portugal!  
 Modela tua Alma de mysterio  
 Na penumbra bendita do Pinhal!  
 Saudade o Mar encanta  
 E fere-o

---

<sup>184</sup>Como podemos ver no trecho abaixo:

"E na divina,  
 Apenunbrada boca de Izabel  
 Esfuma-se um imenso,  
 Cósmico sonho,  
 A rasgos de pincel  
 Transfigurado nessa mesma côr,  
 Em que meus versos mysticos componho..."(OLIVEIRA, Carlos de. "Evocação profética". *A Águia*,

2ª série, v.3, p.23.)

<sup>185</sup>Ibidem. p.23.

<sup>186</sup>Ibidem. p.23.

<sup>187</sup>Ibidem. p. 23.

De longinquos rosarios d'orações<sup>188</sup>

Nestes dois trechos temos, além do tom religioso e profético, o uso de algumas expressões que também remetem para o Saudosismo, a que servem de exemplo o fato de afirmar que Portugal possui uma *alma de mysterio* e a visão do país como possuidor de uma *Saudade lusíada*. Mas existe no poema um certo tom demasiadamente deliberado no uso destas expressões, nas recorrentes referências religiosas, o que parece indicar que seu autor quis inserir-se na tão citada *nova poesia religiosa*, sem, de fato, se aproximar das melhores obras desta corrente que analisamos. Esta tentativa de *deliberadamente* vincular-se ao movimento fica ainda mais patente num outro poema de Carlos de Oliveira, "Da comoção das arvores...", que abaixo reproduzimos:

Mãos erguidos (sic) das Arvores rezando  
A tristeza da tarde e da penumbra...  
E o Frei-Outono, palido, evocando,  
Em humildade, em extase deslumbra...

Mysterio... A alma vibra em harmonia,  
Tocada pela Sombra comovente...  
Ungido de Silencio, o fim do dia  
Morre em meus labios feitos num poente...

Som colorido, oh rytmo outonal,  
Que num delírio os labios meus evolam,  
A penhor de Saudade, em Portugal...

As Arvores escutam diluidas...  
-E dos seus olhos de mysterio rolam  
As folhas comovidas...<sup>189</sup>

Neste poema se casam influências diretas de dois outros, que são justamente os dois citados por Pessoa no seu segundo artigo do primeiro volume, "Reincidindo": o "Choupos na Luz do Luar" de Jaime Cortesão, também publicado no primeiro volume, e o "Elegia do Amor", de Pascoaes, de *Vida Etérea*, cuja primeira edição é de 1906<sup>190</sup>. Do primeiro destes

---

<sup>188</sup>Ibidem. p.24.

<sup>189</sup>Idem. "Da comoção das árvores...". *A Águia*, 2ª série, v.3, p. 92.

<sup>190</sup>Como sabemos, ao falar da elevação da nova poesia portuguesa, Pessoa afirma:

(...)E, quanto a elevação, basta reparar na altura inspiracional do tom poetico geral do nosso periodo, vêr como nos menos notaveis poetas da corrente a expressão tem uma feição, um relevo extranhos e inconfundiveis. Ainda que o espaço seja para pouco, duas expressões, que qualquér ledor das cousas do

poemas Carlos de Oliveira retira a imagem das árvores rezando<sup>191</sup>; do segundo, temos um pastiche do próprio trecho citado por Pessoa, "A folha que tombava / Era alma que subia", aqui transformado nas lágrimas das árvores que são *folhas comovidas*, além do uso do outono, período do ano com que se inicia o poema de Pascoaes<sup>192</sup>. Isto, somado ao uso recorrente de expressões religiosas, a um certo tom panteísta de união entre o homem e a natureza, e uma deslocada referência ao *penhor da Saudade, em Portugal*, que aparece no poema sem que nenhuma outra referência ao país seja feita, mostra-nos claramente que este é um poeta que molda sua obra, ao menos nestas duas poesias, com o objetivo de pertencer à tão valorizada *nova poesia religiosa*. Se quando analisamos o "Pedreiro Cantador" de

---

tempo reconhecerá como provavelmente citáveis como representativas, podem aduzir-se aqui, para allivio de scepticos. Tomemos isto, de Teixeira de Pascoaes,

A folha que tombava  
Era alma que subia

e isto, de Jayme Cortezão,

E mal o luar os molha,  
Os choupos, na noite calma,  
Já não tem ramos nem folha,  
São apenas choupos d'Alma.

Em nenhuma literatura do mundo atingiu nenh um (sic) poeta maior elevação do que estas expressões, e especialmente a extraordinária primeira, conteem. E ellas são representativas. (...) (PESSOA, Fernando. "Reincidindo". *A Águia*, 2ª série, v.1, p. 141).

191"Os Choupos tem um convento,  
Onde o Luar é o sino:  
Mal rompe nesse momento  
Toca ao serviço divino.

E ei-los rezando oraçõis,  
Toda noite, de mãos postas;  
Outros, fitando visõis,  
Tem as feiçõis descompostas." (CORTESÃO, Jaime. "Choupos na luz do luar". *A Águia*, 2ª série, v.1, p. 37.) Este poema pode ser encontrado em CORTESÃO, Jaime. *Poesias-I*. p. 125-128. As poucas diferenças entre esta edição e a existente em *A Águia* são algumas mudanças na pontuação.

192"Lembras-te, meu amor,  
Das tardes outonais,  
Em que íamos os dois,  
Sòzinhos, passear,  
Para fora do povo  
Alegre e dos casais,  
Onde só Deus pudesse  
Ouvir-nos conversar?" (PASCOAES, Teixeira de. "Elegia do amor". *Vida Etérea*. In: *Obras completas Teixeira de Pascoaes*, v.2. p.172.)



Jaime Cortesão afirmamos que neste texto já tínhamos uma certa banalização dos temas do Saudosismo, estes dois poemas de Carlos de Oliveira nos mostram claramente que, neste momento, o Saudosismo começa a *fazer escola*, com os efeitos que isto produz pela adesão de poetas que acabam gerando uma produção menor que explicitamente deseja ser *Saudosista*, e que de fato, no aspecto que aqui nos interessa, nada acrescenta às imagens do país moldadas pelos próceres deste movimento.

Situação próxima a esta ocorre com o soneto "Eu", de Alexandre Ferreira, no qual num discurso em que se associam um tom religioso com referências à Saudade, o eu lírico diz ser "a Lua morrendo de saudosa", "a Névoa erguida n'outra idade", para por fim afirmar: "Sou a triste paisagem portuguesa!"<sup>193</sup>.

Já o poema de António Cobeira, "Romaria das árvores", que foi publicado em *A Águia* graças à intervenção de Pessoa, que o enviou para Álvaro Pinto<sup>194</sup>, possui outro tipo

---

<sup>193</sup>É o seguinte o soneto referido:  
 "Vivo no longe d'alma lacrimosa,  
 Evocando em meus olhos a Saudade...  
 Sou a Lua morrendo de saudosa...  
 Eu sou a Névoa erguida n'outra idade!

Vivo na Sombra. A minha carne alada  
 Tem frémitos de vaga, haustos d'espuma!  
 É minha voz profética resada  
 No longe raso em halitos de bruma...

Sinos da minha terra, o vosso som  
 Tem contas do meu têrço: é minha reza...  
 Moças, eu sou o vosso coração

Terra lusiada a chorar tristeza:  
 Eu vivo em tuas águas que lá vão...  
 Sou a triste paisagem portuguesa! (FERREIRA, Alexandre. "Eu". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.84)

<sup>194</sup>Na oitava das vinte cartas de Fernando Pessoa publicadas na revista *Ocidente*, datada de 4 de dezembro de 12, Pessoa afirma:

"Tenho uma cousa a dizer. Caso não tenha ainda plano feito para o n.º 1 do segundo anno da 2.ª série, queria propor-lhe a inclusão de dois escriptos que, parece-me, teriam interesse. (...)

Dos dois escriptos a que me referi, um tenho a certeza de poder obter, e é muito interessante; outro, que é mais interessante ainda -porque de genero mais raro, e, no genero, perfeito -não posso absolutamente assegurar que obtenha, porque não sei se já recebeu do autor a demão final.

O primeiro é uma poesia um pouco extensa - deve levar de 3 a 4 páginas - chamada Romaria das Arvores; é do Antonio Cobeira e revela-o de modo original e flagrantemente bello. - O segundo é um magnifico conto O Homem dos Sonhos, de Mário de Sá-Carneiro (...)"(PESSOA, Fernando. "Vinte Cartas de Fernando Pessoa". *Ocidente*, v.24, p.304).

Na carta de 28 de janeiro de 1913, avisa que está enviando junto a citada poesia "creio que ainda a tempo de tomar parte no n.º 14" e considera que ela é classificável como uma coisa magnifica. (Ibidem, p.306).

de ligação com o Saudosismo. Nele encontramos a presença de um tópico caro aos membros deste movimento, a junção entre cristianismo e paganismo, realizada através de uma figura compósita em que se associam Cristo e um representante da mitologia greco-latina<sup>195</sup>. Nesta obra o eu lírico, tocado pela Mão de Deus, "Ergueu a Mão de Deus a minha frente!"<sup>196</sup>, entra em comunhão com a natureza, transformando-se em um ser, em certo sentido, duplo, como podemos ver abaixo em que reproduzimos o trecho final do poema:

Meu Sêr é Árvore somnambula que invoca  
As religiosas aguas.  
Lançou sua raiz á ventura pelas fraguas...  
E sangue em sangue, e fogo em fogo, já sufoca  
Na fonte mystica das minhas maguas...

Ergo as trémulas mãos, a Deus, em prece,  
-Terrôr de Encanto!-  
-Visão de Espanto!-  
Meu Coração transborda e Minh'Alma estremece...

Lavra em meu seio, a arder, fogo latente,  
E me ilumina e ergue em vôo de luz ao ceu...  
E o proprio lenho sacro, a arder, pelo Nascente,  
Foi meu divino olhar que o incendeu!

Ó Árvores Irmãs... Irmãs piedosas...  
Segui o vôo da luz do meu olhar!  
Vêde - nas minhas mãos religiosas  
Flórem preces de flôr a murmurar...

Já não sou corpo de materia e treva...  
Já não prendo minh'alma á terra escura...  
Meu corpo é fogo e sangue que fulgura,  
Minh'alma é fumo que se eleva!

---

<sup>195</sup>Como vimos, esta figura ganha a forma do *Cristo-Prometeu* no texto "Uma fala de Espiritos" de Leonardo Coimbra, publicado no primeiro volume, e a do *Cristo-Orpheu* no "Pedreiro-Cantador" de Jaime Cortesão, publicado no segundo.

<sup>196</sup>COBEIRA, António. "Romaria das árvores". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.44. Este texto pode ser encontrado em MESQUITA, Marieta Dá (comp.). *A Águia*. p.114-119. Nesta reedição não foram respeitados os hífens presentes no original (todos, com exceção de um - presente em *Luz-Harmonia-*, foram retirados), e foram feitas também algumas pequenas modificações que não se relacionam com a atualização da ortografia: o termo *Eucaristia* foi assim grafado (cf. *Ibidem*, p.115), quando aparece com minúscula em *A Águia*, enquanto o termo *altura* (*Ibidem*, p.116), que no original estava maiusculado, aparece na antologia com minúscula; o termo *aspeito*, já na época de *A Águia* um termo fora do uso comum e apenas com uso poético (cf. BASTOS, J. T. da Silva. "Aspeito". *Diccionario Etymológico, Prosódico e Ortográfico da Língua Portuguesa*, p.160) foi na antologia modernizado para *aspecto*.

Raiva em mim um ardôr que nada acalma...  
 Embebedei-me - enlouqueci - divinamente...  
 Rompem incendios de almas na Minh'Alma!

Essa taça de luz amanhecete,  
 Que Deus me deu,  
 Ao meu labio a levei sequiosamente.

Desvairado, nostálgico Hierophante  
 Sou Christo-Orpheu!  
 Guio na terra o Arvoredo-Andante...

E Árvore-Humana, esguia, olhando os céus,  
 Regresso a Deus!...<sup>197</sup>

Como podemos ver, neste poema o eu lírico se transforma em um *Christo-Orpheu*, seguindo uma trilha que tem sua origem matricial, na revista, no texto "Uma fala de espíritos" de Leonardo Coimbra. No poema existe uma clara interpenetração seja de símbolos pagãos e cristãos, como a referência ao sol como sendo um *lenho sacro*, seja de características da natureza com outras ligadas ao divino, a que servem de exemplo os versos *nas minhas mãos religiosas / Flórem preces de flôr a murmurar*, em que o eu lírico é uma árvore divina que, graças a isto, pode entrar em contato com as outras árvores que, através dele, também poderão atingir a divindade. Assim, como dissemos, aqui encontramos uma reelaboração do tópico da síntese do Paganismo com o Cristianismo, um dos mais recorrentes nos textos saudosistas, mas esta síntese aparece aqui desvinculada de qualquer referência nacional: trata-se, como podemos notar, de uma experiência pessoal do eu lírico, sem nenhuma referência à comunidade à que pertence. Ou seja, se nos poemas de Carlos de Oliveira e de Alexandre Ferreira havíamos notado uma tentativa explícita de se inserir na *nova poesia religiosa e saudosista*, aqui o que ocorre é a consonância com certas constantes deste movimento, mas em uma obra que, de fato, as modifica, reelaborando-as de uma nova forma, ao retirá-las de um contexto marcadamente nacionalista.

Também no poema "A Luiz de Camões" de Correia de Oliveira podemos encontrar algumas consonâncias com os *topoi* presentes nas reflexões saudosistas. Neste soneto, são comparados, como podemos ver abaixo, o tempo atual com o em que Camões viveu:

Meu nobre Camarada de Além-Morte:  
 Quando passaste n'esta escura vida,  
 Encheste da Nossa Alma, engrandecida,

---

<sup>197</sup>COBEIRA, António. Op. cit. p.47.

Um bronzeo livro universal e forte.

Mas, se vivêras hoje, que outra sorte,  
Amigo, a da tua arte! - Amortecida,  
Vae-se a Nossa Alma heroica, foragida  
Como nevoa da tarde ao vento norte...<sup>198</sup>

Se a imagem do presente como um tempo de decadência em relação ao passado, que podemos notar neste poema, é o grande lugar comum da cultura portuguesa, e já podia ser encontrada em *Os Lusíadas*, as duas estrofes acima possuem certa especificidade que as afinam com o pensamento saudosista. Esta decadência é aqui vista como um quase desaparecimento da *alma heróica*, o que poderia indicar que apenas o retorno desta alma permitiria um renascimento do país, o que se aproxima das propostas dos saudosistas de recuperar o *espírito nacional*, desaparecido desde o período das grandes navegações. Mas, certamente, esta consonância trata-se de um aspecto lateral, e este soneto nada acrescenta às propostas do movimento.

Em outro soneto, o "Rezando oitavas" de Mário Beirão que abaixo reproduzimos, também encontramos ressonâncias e reelaborações de *topoi* presentes nos textos saudosistas.

Rezo a Epopeia de Camões, Medito...  
A voz do Tempo o meu silencio invade;  
Erro na minha ausente humanidade,  
Em noite de memorias resuscito!

Vago no Mar, nas sombras de granito:  
-Genio de aguia a viver na tempestade...  
Meus olhos espectraes de Eternidade  
Rasam visões, deliram Infinito.

A sombra duma Raça se projecta  
A dentro em mim; resurjo d'Alem-Mundo,  
Martyr e Santo, Cavalleiro e Poeta!

Transcendo luz; a sombra em luz commôvo;  
Liberto a Morte ás penas do Profundo;  
Commungo Deus ao resgatar um Pôvo!<sup>199</sup>

---

<sup>198</sup>OLIVEIRA, António Correia de. "A Luiz de Camões". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.183.

<sup>199</sup>BEIRÃO, Mário. "Rezando oitavas". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.188.

Este poema é, certamente, daqueles a que nos referimos nesta parte, o mais intrincado, o que faz necessário que o decodifiquemos antes de relacioná-lo com as propostas do movimento saudosista. Nele temos um eu lírico que passa por sucessivas ressurreições. Inicialmente, quando está a *rezar* a Epopéia de Camões, ele se define através de dois atributos pessoais, a voz e a humanidade, que estão em suspensão e/ou ausência, como podemos ver pelos termos *meu silêncio* e *ausente humanidade*. Porém este estado é revertido pela presença da *voz do Tempo* e pela primeira ressurreição em uma *noite de memórias*. Assim o *eu* da segunda estrofe já é um outro, ressurrecto da ausência que antes o caracterizava. Esta metamorfose pode ser notada por algumas mudanças significativas. Nesta estrofe o eu que na primeira *errava em sua ausente humanidade*, agora *vaga no Mar, nas sombras do granito*, e se define como *génio de águia a viver na tempestade*, atribuindo-se, assim, um caráter nitidamente positivo, por ser uma *águia*, símbolo que mais à frente analisaremos, e por substituir a quietação e ausência que o caracterizavam na primeira estrofe por um *viver na tempestade*, o que certamente exigiria uma postura de força e combate. Neste momento existe uma segunda amplificação do estado do eu, que atinge um novo patamar de consciência: os termos até então maiúsculizados, o *Tempo* e o *Mar*, são substituídos por outros dois, também iniciados por maiúscula, que os transcendem, *Eternidade* e *Infinito*. É quando se associa a dois absolutos, que o eu sente projetada em si *a sombra duma Raça* e, no que poderia ser caracterizado como uma segunda ressurreição, ressurgem de *Alem-Mundo Martyr e Santo, Cavalleiro e Poeta*. Em um primeiro momento o uso destes termos poderia ser associado com a figura de Camões, guardado na cultura portuguesa não apenas como um cavaleiro e um poeta, imagem com que ele mesmo se autodefine em *Os Lusíadas*<sup>200</sup>, mas em certo sentido também como um mártir, na medida em que, como o próprio Pascoaes já lembrara em um de seus artigos<sup>201</sup>, morreu desprotegido pela mesma pátria que engrandeceu com suas obras e feitos. Mas estes quatro termos também podem ter um significado mais amplo, o que poderá ser notado se confrontarmos este poema com dois outros, em que não só termos próximos a estes são utilizados, como também a eles se associam certas características que também aparecerão na última estrofe do soneto de Mário Beirão. Refiro-me aqui a "San Gabriel" de Camilo Pessanha, e ao trecho de *Despedidas* que analisamos em nosso primeiro capítulo. No primeiro destes temos um eu lírico que, em prece a San Gabriel, pede para que o mar seja

<sup>200</sup>Como sabemos, no seu *diálogo* final com D. Sebastião, Camões diz "Para servir-vos, braço às armas feito / Para cantar-vos, mente às musas dada" (CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. p.648.), se autodefinindo assim como cavaleiro e como poeta.

<sup>201</sup>Cf. PASCOAES, Teixeira de. "Gomes Leal". *A Águia*, 2ª série, v. 3, p.118.

de novo abençoado, e espera que a nau que simboliza Portugal possa atingir a nebulosa em que fulgem as almas "De guerreiros, de santos, de poetas"<sup>202</sup>. No segundo, o eu lírico, um poeta, considera que "Lá onde escôa o Tejo, os Escultores / De entre a agoa erguerão altos heroes, / Poetas, Santos e Navegadores"<sup>203</sup>, figuras sobre as quais em outro momento diz "Vossos nomes de bronze são pharoes / Que luz darão, á nossa tempestade."<sup>204</sup>. O caráter luminescente deste *eu* que retorna no poema de Mário Beirão certamente pode ser associado ao *fulgir* presente no de Pessanha e ao *farol* no de Nobre, em que termos muito próximos também são utilizados para definir estas figuras que brilham. Assim, mais que Camões estas palavras -*Martyr e Santo, Cavalleiro e Poeta*- podem caracterizar um certo Portugal, perdido e morto no passado, de que Camões é a entidade máxima, por sintetizar em si estas características. Assim, rezar oitavas é, de fato, orar pela Bíblia deste Portugal Passado, que nela ficou adormecido a espera de alguém que o ressuscitasse, e do qual só restaram as sombras: sejam as sombras do granito, imagem que mais à frente analisaremos, seja a sombra da raça. Podemos agora entender melhor a última estrofe. É este ser iluminado que pode afastar as sombras e, em comunhão com Deus, resgatar um povo. Ele é a reencarnação deste Portugal, imerso em sombras durante séculos, que agora, ressuscitado pelo *rezar as oitavas*, pode expulsar as sombras e se livrar da morte.

Se esta primeira decodificação do poema já nos mostra visíveis semelhanças entre o que nele vem expresso e as propostas saudosistas, julgo que uma releitura do mesmo permitir-nos-á verificar que as homologias são ainda maiores e que estamos diante de uma reelaboração poética do Saudosismo, formalmente bastante distinta do fazer poético de Augusto Casimiro, até este momento o mais importante poeta do movimento na revista<sup>205</sup>. Certamente este eu *mudo* e com uma *ausente humanidade* que inicia o poema pode ser considerado como o próprio Portugal do período. Como vimos é um dos *topoi* mais recorrentes nas reflexões sobre Portugal ver este país como um ser praticamente sem alma, já que sua alma está soterrada por séculos de estrangeirismo e é desconhecida dos próprios portugueses, e em certo sentido também sem voz, já que a voz que usa, a forma como se manifesta, é emprestada de outrem, pela própria cópia dos modelos estrangeiros. Assim a

---

<sup>202</sup>PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. Póvoa do Varzim, Ulisseia, 1987. p.47.

<sup>203</sup>NOBRE, António. *Despedidas*. Porto, Imprensa Moderna, 1945. p.112.

<sup>204</sup>Ibidem. p.113.

<sup>205</sup>Como notamos na introdução deste capítulo, se Pascoaes é um poeta muito mais considerado que Augusto Casimiro neste período, é inegável que o autor de *Maranus* é muito mais um prosador que um poeta no interior de *A Águia*.

primeira ressurreição que se dá em uma *noite de memórias*, traz em si um duplo sinal: o termo *noite* indica a escuridão do momento presente, como podemos verificar a palavra mais recorrente neste poema é *sombra*, semanticamente próxima à *noite*, por outro lado o termo *memórias* marca o reencontro inicial com este passado que permite este primeiro ressurgir. Esta primeira ressurreição permite que este eu-Portugal possa voltar a vagar pelo Mar, grande espaço das glórias do país, e pelas *sombras do granito*. Precisamos nos deter um pouco nesta imagem, já que ela não pode ser vinculada de forma tão direta à *alma portuguesa* como ocorreu com o *Mar*. Existe, de início, uma possível oposição entre a dureza do granito e o movediço do mar. Este granito poderia ser interpretado como a dureza da alma que vai ser recuperada, dureza que foi necessária para que pudesse, no passado, não só sobreviver ao movediço mar mas mesmo chegar a domá-lo, mas que, neste momento, ainda é apenas sombra, possuindo assim esta imagem um duplo sinal próximo ao que encontramos em *noite de memórias*<sup>206</sup>. Além disto, devemos também assinalar que mesmo sendo o granito uma rocha extremamente dura "a alteração do granito dá uma rocha extremamente móvel, que é a areia"<sup>207</sup>, e assim estas *sombras do granito* podem ser as areias, que apenas possuem uma vaga memória da sua passada dureza, mantendo, também nesta acepção, o duplo sentido que acima indicamos. É este ser, em parte já ressurecto, que se qualifica como *génio de aguia a viver na tempestade*. A ausência e a suspensão, que marcavam os atributos do sujeito, são substituídas pela luta, e ele se faz *águia*, figura que possui entre os vários atributos que usualmente a ela são vinculados o de ser a encarnação do fogo celeste e o único animal que consegue enxergar o sol sem queimar seus olhos<sup>208</sup>. São estes olhos, que podem ver a luz máxima sem se queimar, que são capazes de, no poema, olhar para além do provisório e ver a Eternidade e o Infinito. É neste espaço, do que não perece e não tem fim, que a sombra da raça pode ser assimilada e ressurgir, as sombras enfim convertidas em luz, o povo resgatado e a comunhão com Deus, um dos tópicos recorrentes da cultura portuguesa que atravessa os séculos e que está presente também em

---

<sup>206</sup>Outro significado possível para granito é "pequeno grão" (BASTOS, J. T. da Silva. *Dicionário Etimológico, Prosódico e Ortográfico da Língua Portuguesa*, p.724), o que nos permitiria uma interpretação muito próxima à que citamos: esta sombra do granito indicaria um germinar que, no final do poema, se concretizará. Porém, nesta acepção, perder-se-ia a oposição entre o mar e o granito.

Sempre que possível, quando necessitarmos de definições de determinados termos, utilizaremos, como nesta nota, dicionários aproximadamente contemporâneos de *A Águia*. O dicionário citado é de 1928.

<sup>207</sup>GRAVE, João, NETTO, Coelho(org). *Lello Universal*. p.1190. Apesar desta obra não ser datada, o uso de uma dupla ortografia, com a maior importância que dá para a anterior à instauração da República, indica que ela deve ser contemporânea de *A Águia*.

<sup>208</sup> Cf. CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. "Águia". *Dicionário de Símbolos*. p.22-26.

*Os Lusíadas*, ser de novo realizada. Novo Ulisses ou Enéias, este Portugal redivivo fez a mais terrível das travessias, e volta do *Profundo* para a luz da Vida, ungido pelo divino.

Certamente muito mais poderia ser dito sobre este poema, mas julgo que já temos os elementos necessários para ver nele uma reelaboração, em termos poéticos próprios, do núcleo da proposta saudosista que estamos encontrando nestes volumes. Esta imagem de um Portugal que, pelo contato religioso com o passado, consegue resgatar um Povo da sombra e devolvê-lo à luz, é, em outros termos, a própria proposta de Pascoaes e dos saudosistas. Também a comunhão com Deus está presente nas propostas saudosistas, mas, neste poema, ganha características mais tradicionais do que nos textos de Pascoaes, por exemplo, em que de fato se prega a criação de uma nova divindade. Também aqui podemos encontrar, de forma não tão explícita como, por exemplo, nos textos de Augusto Casimiro, ecos do tópico de uma *nova navegação*, não só pelo eu lírico afirmar, na segunda estrofe, que *vaga no mar*, mas pela própria ressurreição que pode ser vista como uma *viagem de volta*, das sombras para a luz, da morte para a vida, aproximando assim este poema da imagem do *navegar a morte* presente no texto de Cortesão. Assim, neste poema de Mário Beirão, estamos bastante distantes seja da adesão explícita e um pouco forçada que notamos em alguns poemas, seja da apropriação de alguns tópicos do saudosismo que são desvinculados dos outros a eles ligados. Trata-se aqui de uma releitura do cerne das propostas do movimento, que são sintetizadas em um soneto que também prega a possibilidade de renascimento, no presente, das características que no passado fizeram de Portugal em um povo escolhido. Renascimento que, por sinal, se torna possível através de um contato místico-literário com esse passado, o *rezar a epopéia de Camões*, o que mais uma vez aproxima este soneto das propostas saudosistas.

O outro texto em que podemos encontrar uma imagem do país, "Renascença" de Teófilo Braga, possui interesse por nele existir, em um pensamento não partidário das idéias do Saudosismo, similitudes com as propostas deste grupo. Interessa-nos especialmente o trecho em que Teófilo analisa a relação entre a Renascença em Portugal e a decadência posterior, que abaixo reproduzimos:

(...) Em todas estas phases fundamentaes [da Renascença] está altamente representado o genio portuguez. E é justamente n'este scenlo (sic) XVI, que duas fortes correntes actuaram na desnacionalisação de Portugal, o *Castelhanismo* (com os casamentos reaes, conduzindo á unificação iberica, e acção catholica pela Inquisição e Jesuitas), e a cultura greco-romana ou o Humanismo, coadjuvando as ambições imperialistas, obliterando a vitalidade popular.

Os grandes descobrimentos, que tinham suscitado as extraordinarias energias de Portugal, actuaram concomitantemente na sua decadencia; o novo equilibrio dos Estados peninsulares depois da Conquista de Granada e do



descobrimto da America assentou sobre a preponderancia do *Castelhanismo*, que se acha alliado com a unidade catholica hostile a todo o sentimento de patria. A corrupção da nobreza, de origem castelhana, pelo ouro da India, e a cretinisação do povo pelo terror religioso das fogueiras dos Autos de Fé, coadjuvavam o apagamento da consciencia nacional. A propria cultura humanista, degenerada pela acção deleteria da pedagogia jesuitica, veiu amesquinhar a capacidade esthetica tão característica da alma portugueza.

Um phenomeno extraordinario: apesar de todas estas correntes depressivas, em que a nação foi envolvida pelos interesses da Casa de Austria e pelas perturbações do equilibrio europeu, nunca o genio portuguez brilhou tão esplendidamente como n'esse periodo dos Quinhentistas; todas as suas manifestações affectivas e especulativas vigorisaram-se pela acção, e máo grado as influencias sobre o meio social por via dos cruzamentos e dos conflictos de instuições (sic) que alteravam a vida do povo portuguez, persistiu a *psychologia collectiva* d'esse elemento ethnico, mantido pela insularidade regional, e assim póde a poesia dramatica, lyrica e épica, a pintura, a musica e a architectura serem a expressão viva do *lusismo*. O que apparecia como um paradoxo, era uma consequencia natural.<sup>209</sup>

Como podemos ver existem importantes pontos de contato entre este trecho de Teófilo e as reflexões saudosistas. Ele considera a existência de características típicas dos portugueses, que designa como *lusismo*, que constituem um *elemento étnico* com uma *psicologia coletiva*. Em vista disto, contrariando a análise feita por Antero sobre a decadência de Portugal, Teófilo, assim como os saudosistas, vê no *apagamento da consciência nacional* o mal maior que fez com que o país entrasse em declínio. Assim são recorrentes, no trecho que citamos, termos que remetem seja para o *espírito nacional*, seja para os efeitos maléficis da *desnacionalização* e do *estrangeirismo*, o que pode nos levar a supor que a visão saudosista possui consonância com a de outros intelectuais que, no período, analisavam o estado do país.

O último texto que cabe-nos aqui analisar é o intitulado "Gomes Leal", que é composto por uma carta deste autor, agradecendo à subscrição que a Renascença fez e contando de seus infortúnios, precedida por um texto não assinado, que abaixo reproduzimos:

O grande poeta da "Historia de Jesus" e das "Claridades do Sul" escreveu-nos uma carta em que, mais uma vez, se revelam as suas excepcionaes qualidades de espirito e coração. Aqui a publicamos, profundamente reconhecidos pelas palavras amigas que Gomes Leal dirige á "Renascença".

---

<sup>209</sup>BRAGA, Teófilo. "Renascença". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.42-43.

E este nosso procedimento revela mais uma vez a nossa tolerancia, o nosso respeito por todas as idéas sinceras, embora contrarias á orientação filosofica e religiosa d'um grande numero dos colaboradores da *Águia*.

A "Renascença" não obedece exclusivamente a nenhum crêdo imutavel e absoluto; todavia predominam n'ela certas idéas orientadoras, pela simples razão de que a maior parte dos seus colaboradores chegou a um certo acôrdo espiritual que dá unidade e individualidade á sua obra comum.<sup>210</sup>

Este texto parece ser uma manifestação da *Renascença Portuguesa* não só pelo fato de não vir assinado, mas também porque a carta de Gomes Leal era dirigida a todos os seus *confrades* desta sociedade<sup>211</sup>. Nele, curiosamente, encontramos uma espécie de contemporização entre a postura expressa por Álvaro Pinto na revista *Ocidente*, que citamos em nossa introdução, e as posturas que recorrentemente encontramos em especial nos textos de Jaime Cortesão e Pascoaes, de considerar as propostas da *Renascença* como as mesmas do Saudosismo. Como podemos ver se é afirmado que a *Renascença* não obedece a nenhum credo- o que certamente corrobora com a postura de Álvaro Pinto-, também é dito que a maior parte dos colaboradores tem a mesma orientação religiosa e filosófica, o que mostra que, concretamente, não existe uma distinção muito grande entre o que seriam por um lado as propostas da sociedade e, por outro, as do Saudosismo, como indicavam constantemente vários membros deste movimento. Além disto não é perdida a oportunidade de afirmar o *respeito a todas as idéias sinceras*, o que é demonstrado pela ajuda que deram a Gomes Leal, um cristão recém converso<sup>212</sup>.

Devemos aqui notar que é curioso que esta manifestação de unidade ocorra justamente no volume em que não só, como pudemos notar, encontramos uma grande dispersão de propostas nos textos vinculados ao Saudosismo como também temos o primeiro ataque feito ao movimento por um membro da própria *Renascença*: António Sérgio. É deste ataque, de um *renascente anti-saudosista* que trataremos na próxima parte deste trabalho, através da qual poderemos ver que esta unidade é, de fato, uma ficção.

---

<sup>210</sup>"Gomes Leal". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.145.

<sup>211</sup>A carta era endereçada aos "Meus presados confrades da 'Renascença Portuguesa' ". (LEAL, Gomes. *Ibidem*. p.145.)

<sup>212</sup>O que pode ser verificado nesta carta que Gomes Leal envia á *Renascença*, em que se refere á sua "recente conversão ao católico cristianismo" (LEAL, Gomes. *Ibidem*. p.146). Como sabemos Pascoaes era frontalmente contrário ao Catolicismo, da mesma forma que Leonardo Coimbra, e portanto a ajuda a um representante, mesmo que recém converso, desta religião certamente demonstra uma transigência com outras idéias *sinceras*.

### 3.2.4.4 Um outro navegar

Como dissemos Sérgio publica neste volume a sua primeira obra contrária ao movimento Saudosista, que abaixo reproduzimos:

#### Apostilha aos "Navegadores"

Ar de nevoas... Nem luz, nem sombras... Nevoeiros...  
 Mar de nevoas também... Reflexos turvos... Lago  
 De chumbo, o mar, e o céu... O Ser-Não-Ser... O vago  
 E o silêncio, a ilusão, o torpor... -Marinheiros!...

Nevoas... Nevoas... Nem luz, nem sombras... -Marinheiros,  
 Marinheiros!... Um ar d'espectros... Triste afago  
 Do sonho, a sombra-luz e o seu silêncio mago...  
 E a incerteza, a ilusão, o torpôr... -Marinheiros!

-Á escota! Ao leme! Andai! Desperta a claridade!  
 Fugi, prestígios vãos, e sombras da Saudade!  
 Tudo que foi, além, p'la pôpa, o mar esconde...

O Passado, esse é morto -e jaz em paz no escuro!  
 Novos Navegadores, naveguem... Para onde?  
 Naveguem NO PRESENTE ao rumo do futuro!<sup>213</sup>

O soneto é bastante explícito. Partindo do tópico da navegação, presente em muitos dos textos saudosistas do primeiro e especialmente do segundo volume de *A Águia*, Sérgio o altera de forma radical, propondo um outro navegar, não voltado para o passado, forma como interpreta este *navegar saudosista*, mas *no presente* e em direção *ao futuro*. Como poderemos ver quando analisarmos a polémica entre ele e Pascoaes, algumas das críticas que fará já estão aqui indicadas, assim como a visão básica que possui da história.

Por seu soneto podemos concluir que para ele este *navegar saudosista* é feito de características totalmente inconsistentes, uma repetição de termos sem sentido. Isto é indicado não só através da insistente repetição de palavras e expressões que remetem para o

---

<sup>213</sup>SÉRGIO, António. "Apostilha aos 'navegadores'". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.133. Este texto pode ser encontrado em MESQUITA, Marieta Dá (comp.). *A Águia*. p.134. Nesta reedição do soneto de Sérgio existem algumas modificações inexplicáveis no último verso: o trecho em caixa alta "NO PRESENTE" foi substituído por "o Presente", e o termo "futuro" aparece iniciado por maiúscula. Também no título não foi respeitada a maiúscula inicial do termo "Navegadores".

campo semântico do que é vago e inconsistente<sup>214</sup>, como *névoas, nem luz, nem sombras, torpor, ilusão*, mas também pela própria estrutura dos quartetos, formados por uma sucessão de pequenas expressões, cercadas de reticências, e onde não está presente nenhum verbo. Este discurso sonambúlico só é interrompido pelo chamamento "Marinheiros!", três vezes repetido, como que a querer acordá-los deste sono ilusório.

Os tercetos opõem a este primeiro discurso um outro afirmativo, repleto de verbos e exclamações. O primeiro verso contrapõe aos versos anteriores não só um *agir* evocado por uma sucessão de imperativos, mas também a claridade, que destrói a *sombra da Saudade e seus prestígios vãos*- e devemos aqui lembrar que um dos significados possíveis para *prestígio* é "ilusão dos sentidos produzida pela magia"<sup>215</sup>, ilusão que, para Sérgio, certamente não pode resistir à claridade. Os quatro versos finais deixam bem explícita qual é a concepção do tempo para Sérgio: o passado é morto, ele de nada serve ao presente. Apenas o presente, em constante evolução para um futuro, é que importa<sup>216</sup>. É esta, para ele, a única navegação possível.

Como podemos ver, existe neste soneto uma total desqualificação das propostas e do próprio discurso saudosista. Este movimento, para Sérgio, está em erro, por não navegar para o futuro, e ficar preso não só ao passado, mas a tudo aquilo que, por ser vago e falso, de nada pode servir ao país. Usando a *claridade* de sua razão Sérgio vê nas propostas do saudosismo uma sucessão de fantasmas e espectros que é preciso exorcizar para que o país possa navegar na correta direção.

Certamente, como este soneto nos mostra, nem os saudosistas poderiam aceitar a postura de Sérgio, nem este a dos membros desse movimento. A polêmica entre o autor dos *Ensaio*s e Pascoaes, que analisaremos na próxima seção de nosso trabalho, só virá a confirmar isto. Por sinal esta polêmica possui, na revista, um papel curioso. Se pela análise que fizemos deste volume pudemos notar que o discurso saudosista está de certa forma esgotado, já que os mesmos tópicos são repetidos, mas já sem o ardor dos primeiros volumes, Sérgio com a sua polêmica acabará por prestar um favor aos saudosistas. A

---

<sup>214</sup>Como poderemos ver quando analisarmos a primeira resposta que, durante a polêmica entre ambos, Sérgio envia a Pascoaes, aquele retirará frases dos textos deste e os qualificará como "humanamente inesplicáveis" (Idem. "Regeneração e tradição, moral e economia". *A Águia*, 2ª série, v.4, p.2.)

<sup>215</sup>BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionario Etymológico, Prosódico e Ortográfico da Lingua Portugueza*, p.1108.

<sup>216</sup>Como veremos ao analisar a polêmica Sérgio-Pascoaes, um dos temas que será discutido em várias das epístolas será o de se o passado pode ou não fornecer energias para o presente. Para Sérgio é o presente que fornece energias ao passado, sendo este portanto, como ele expressa neste poema, morto, e totalmente inútil.

presença de um inimigo fará com que o movimento, ao menos no interior da revista, volte a ter vida. O que, neste volume, parecia um lento ecoar, voltará a ser um relâmpago nas mãos de seu Júpiter, Pascoaes, relâmpago que gerará vários outros em sua defesa.

Antes porém de partirmos para a análise desta polêmica e de suas conseqüências, na próxima parte tentaremos sistematizar a proposta saudosista, que analisamos até aqui, e tratar de alguns outros tópicos relacionados com o que nestes três volumes analisamos.

### 3.2.5 Em torno do Saudosismo

#### 3.2.5.1 Introdução

Nesta seção temos alguns objetivos principais. Inicialmente tentaremos sistematizar o que constituiria o *pensar saudosista* sobre Portugal, coordenando uma série de aspectos que ficaram dispersos ao longo da análise destes três volumes, definindo assim os contornos gerais das propostas deste movimento e suas inter-relações com a tradição que lhe é anterior. Poderemos, então, verificar de que forma o Saudosismo assimilou a tradição que lhe era anterior, redefinindo e reelaborando uma série de temas que nela já estavam presentes. Por fim analisaremos especificamente o problema que decorre do fato de o Saudosismo, um movimento com clara características otimistas sobre o país, ser imediatamente posterior à onda pessimista que caracterizou o período 1890-1910.

### 3.2.5.2 O Saudosismo e Portugal

Como pudemos notar em nossa leitura destes três volumes, o Saudosismo é neles a forma mais recorrente e sistemática de análise do país. No total, nestes três volumes, são 33 os textos relacionados direta ou indiretamente com este movimento. Dado este grande número, os variados gêneros a que pertencem e as várias formas como relacionam com o Saudosismo, julgamos pertinente dividi-los em grupos menores que facilitaríamos a nossa análise. Assim dividimos estes textos inicialmente em dois grandes grupos em função do gênero a que pertencem, os em prosa e os poéticos, e depois subdividimos cada um destes grupos em outros dois, separando aqueles textos mais diretamente ligados com o movimento daqueles que a ele se relacionam de forma apenas lateral. Abaixo estão indicados todos os textos que podem ser colocados em cada um destes quatro grupos, divididos em cada um destes em função do volume em que apareceram.

#### 1. Textos em prosa

##### 1.1. Diretamente relacionados com as propostas saudosistas

###### 1.1.1. Volume I

- 1.1.1.1. "Renascença". Teixeira de Pascoaes .p. 1-3.
- 1.1.1.2. "Renascença (o espírito da nossa raça)". Teixeira de Pascoaes. p.33-34.
- 1.1.1.3. "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada". Fernando Pessoa. p.101-107.
- 1.1.1.4. "Reincidindo". Fernando Pessoa. p.137-144.

###### 1.1.2. Volume II

- 1.1.2.1. "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria". Jaime Cortesão. p. 73-80.
- 1.1.2.2. "O Saudosismo e a *Renascença*". Teixeira de Pascoaes. p. 113-115.
- 1.1.2.3. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". Jaime Cortesão. p. 118-124.
- 1.1.2.4. "Ainda o Saudosismo e a *Renascença*". Teixeira de Pascoaes. p. 185-187.
- 1.1.2.5. "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". Fernando Pessoa. p. 86-94, 153-157, 188-192

### 1.1.3. Volume III

1.1.3.1. "Saudosismo e Simbolismo". Teixeira de Pascoaes. p.113-114

### 1.2. Relacionados indiretamente com as propostas saudosistas

#### 1.2.1. Volume I

1.2.1.1. "Uma fala de espíritos". Leonardo Coimbra. p. 15-18.

1.2.1.2. "Inédito". Oliveira Martins. p.35

1.2.1.3. "Uma carta para Manuel Laranjeira". Teixeira de Pascoaes. p.65-67.

1.2.1.4. "Inédito". Antero de Quental. p.68.

1.2.1.5. "*A Evolução da Vida* por Augusto Casimiro". Vila- Moura. p.131.

1.2.1.6. "*O Regresso ao Paraíso* por Teixeira de Pascoaes". Leonardo Coimbra. p.197-199.

#### 1.2.2. Volume II

1.2.2.1. "Águas religiosas". Leonardo Coimbra. p. 37-39.

1.2.2.2. "O Pedreiro Cantador". Jaime Cortesão. p. 171-173.

#### 1.2.3. Volume III

1.2.3.1. "Lettres Portugaises". Philéas Lebesgue. p.38-40.

1.2.3.2. "Renascença". Teófilo Braga. p.41-43

1.2.3.3. "Gomes Leal". Teixeira de Pascoaes. p.81-82.

1.2.3.4. "Náufragos portugueses...". Jaime Cortesão. p. 118-122.

1.2.3.5. "Sobre a distinção entre o pensamento platônico e o pensamento moderno". Leonardo Coimbra. p.141-144

1.2.3.6. "Gomes Leal". (sem autoria). p.145-148.

1.2.3.7. "Camões e a cantiga popular". Teixeira de Pascoaes. p.177-178

1.2.3.8. "Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus". Alfredo Coelho de Magalhães". p.189-194.

## 2. Textos poéticos



## 2.1. Diretamente relacionados com as propostas saudosistas

### 2.1.1. Volume I

- 2.1.1.1. "O Poeta e a Nau". Augusto Casimiro. p.129.
- 2.1.1.2. "Regendo a Sinfonia da Tarde". Jaime Cortesão. p.175-180.

### 2.1.2. Volume II

- 2.1.2.1. "Versos de Aleluia". Augusto Casimiro. p.10.
- 2.1.2.2. "A Primeira Nau". Augusto Casimiro. p.125-133.

### 2.1.3. Volume III

- 2.1.3.1. "Rezando oitavas". Mário Beirão. p. 188

## 2.2. Relacionados indiretamente com as propostas saudosistas

### 2.2.1 Volume I

- 2.2.1 .1. "Quinta das Lágrimas - Fonte dos Amores". Augusto Casimiro. p.20.

### 2.2.2. Volume III

- 2.2.2.1. "Evocação Profética". Carlos de Oliveira. p.23-24.
- 2.2.2.2. "Romaria das Árvores". António Cobeira. p.44-47.
- 2.2.2.3. "Eu". Alexandre Ferreira. p.84
- 2.2.2.4. "Da Comoção da Árvores". Carlos de Oliveira. p.92
- 2.2.2.5. "A Luiz de Camões". António Correia de Oliveira. p.183.

Esta simples divisão permite-nos ratificar algumas conclusões, que já havíamos apontado em nossa análise. Inicialmente, como podemos notar, existe uma peculiar distribuição dos textos em prosa vinculados diretamente ao Saudosismo nestes três volumes: se ocupam um papel preponderante nos dois primeiros, praticamente inexistem no terceiro, o que nos indica ser este último um volume em que, em certo sentido, a *pregação*

*saudosista* se esvazia. Por outro lado é neste terceiro volume que se encontra o maior número de textos ligados indiretamente ao movimento, sejam em prosa, sejam poéticos, o que nos mostra que o esvaziamento acima citado foi preenchido por outro tipo de textos, que, obviamente, não poderiam ter o mesmo estatuto que os primeiros citados, já que não possuem o mesmo caráter intimamente ligado ao núcleo das concepções do movimento.

Também podemos notar que basicamente são quatro os autores vinculados diretamente às propostas do movimento cuja colaboração se mostra relevante: Pascoaes, Jaime Cortesão e Pessoa, na prosa, e Augusto Casimiro, na poesia. Esta constatação traz uma dupla surpresa, de um lado por incluir um poeta hoje quase totalmente esquecido e de forma alguma considerado como um dos baluartes do Saudosismo, e de outro por excluir Leonardo Coimbra, nome considerado como fundamental por muitos dos críticos que analisaram mais ou menos demoradamente o movimento, mas que como vimos possui, pelo menos no tocante a propostas ou análises do país, uma posição bem mais secundária, já que seus textos nunca tocam diretamente nestes aspectos. Estas breves considerações apontam apenas algumas tendências gerais que a partir de agora tentaremos esmiuçar através de uma análise mais detida de cada um dos quatro grupos acima indicados.

Como podemos notar os textos em prosa mais diretamente ligados ao Saudosismo podem ser considerados como programáticos: cada um deles tende a pregar e/ou defender as propostas do grupo. Todos eles possuem como denominador comum a crença, mais ou menos explícita, de um breve reerguimento do país, do qual, para seus autores, já existem indícios claros na atualidade<sup>217</sup>. Esta postura mostra que estamos diante de textos que consideram que o período de decadência, tema presente em todos eles ainda que apareça de forma apenas lateral nos textos de Pessoa, está por findar em breve. Assim constitui-se a imagem de um país que ao mesmo tempo *está* pequeno e *será* grande, e em que, para Pessoa, a própria pequenez presente é uma segurança da grandeza futura.

Todos os textos também tendem a considerar a decadência vinculada ao estrangeirismo. Cortesão e Pascoaes vêem no estrangeirismo aquilo que fez com que Portugal decaísse e Pessoa tende a ver a pequenez presente como fruto da gente estrangeirada que domina politicamente o país, seja no governo, seja na oposição. Este tom nacionalista se reflete também na concepção de que a grandeza futura será gerada pela criação de uma síntese marcadamente nacional, síntese sempre entre duas categorias opostas, seja o paganismo e o cristianismo nos textos de Cortesão e Pascoaes, seja entre o

---

<sup>217</sup>O texto em que esta crença aparece de forma menos explicitada é o "Saudosismo e Simbolismo" de Pascoaes, que como notamos não se trata propriamente de um texto preparado para a revista, mas de um excerto retirado de uma conferência que havia realizado, "O génio português na sua expressão poética, filosófica e religiosa", em que, como veremos, esta mesma crença de um renascimento é explícita.

panteísmo e o transcendentalismo, no texto de Pessoa. Mas, se vêem que a grandeza futura será gerada por características nitidamente nacionais, também tendem a apontar que esta criação do espírito português será uma resposta a uma necessidade mundial. Pascoaes, como é notório, vê na religião em torno da Saudade a resposta a um mundo já descrente do materialismo. Cortesão utiliza-se de Schuré para provar que a síntese que está se realizando na poesia portuguesa é aquela única possível para a cultura ocidental, entre o princípio cristão e o princípio luciferino, e Pessoa considera que essa mesma poesia, e a filosofia dela decorrente, são o fruto de uma evolução de toda a cultura ocidental. Além disto, como o que acabamos de falar já o indica, é a literatura, ou principalmente a poesia, a garantia deste renascimento que já começa a acontecer. Para Pascoaes ela é uma das garantias do reerguimento da alma nacional, alma que só agora começa a tomar consciência de quem é, enquanto que para Pessoa e Cortesão ela é explicitamente uma *nova navegação*, ganhando no texto de Pessoa o status de *verdadeira navegação*, da qual a primeira foi apenas um prenúncio.

Se destas conclusões centrais passamos para os poemas mais diretamente ligados ao movimento, podemos verificar que pelo menos os do mais importante poeta dentro da revista, Augusto Casimiro, tendem a ser uma transformação destas propostas em uma poesia que explicitamente trabalha com estes temas. Como podemos notar os poemas de Casimiro tendem a se centrar em dois temas: o do *reerguimento através das novas navegações* e o do papel preponderante que os poetas ocupariam nas mesmas. Em "Versos de aleluia" aparece o primeiro destes temas, já que a decadência e a restauração são metaforizadas na imagem das naus que, após estarem muito tempo fundeadas, voltam a navegar, e nos que consideramos seus dois mais importantes poemas na revista, "O poeta e a nau" e "A primeira nau", estes dois temas se articulam, transformando os poetas em profetas ou executores desta metamorfose-retomada do antigo navegar. Também no poema de Cortesão podemos encontrar claramente a presença destes dois tópicos, já que o eu lírico conclama a que os portugueses com ele sigam em busca das *Índias sem fim* e pede para si a gávea mais alta, já que *é poeta*. O único que se afasta um pouco destas posturas, criando uma poesia bastante diversa e menos explícita é, como notamos, Mário Beirão, que vê numa recuperação religiosa do passado a possibilidade do resgate da raça, mas, mesmo assim, se mantém diretamente vinculado às propostas do movimento.

Devemos salientar, porém, que pelo menos nestes poemas mais diretamente ligados ao país pouco existe que possibilite as grandes esperanças neles depositadas. É curioso que em uma revista que aposta no reerguimento nacional através da poesia, esta, quando relacionada diretamente com o país ou com a Saudade, critério que utilizamos para escolhê-las, ocupe um papel tão secundário. A nova poesia portuguesa é constantemente citada e

analisada, mas a sua produção no interior da revista certamente não justifica as grandes esperanças que nela são depositadas. Em relação a este aspecto devemos notar que mesmo Pascoaes, mago poético e chefe do movimento, não chega a publicar nenhuma poesia significativa nestes três volumes, e que, curiosamente, praticamente toda a sua produção poética de carácter nacionalista-religioso é anterior ao início da publicação da segunda série da revista<sup>218</sup>.

Se o que acima apontamos pode ser considerado como o núcleo comum das propostas saudosistas presentes nos textos mais diretamente ligados ao movimento, podemos notar que algumas delas aparecem nos outros textos acima citados, e que, por outro lado, algumas outras, que ainda não abordamos, aparecem mesmo em alguns dos textos que acabamos de analisar. Vamos a seguir verificar estes dois aspectos, tendo agora como horizonte o conjunto dos textos que podem, direta ou indiretamente, serem considerados como vinculados ao Saudosismo.

Certamente é a concepção de que uma nova religiosidade está sendo gerada em Portugal, e de que esta religiosidade pode ser a resposta a uma demanda mundial, o tópico mais recorrente no conjunto dos textos que analisamos. Algumas facetas desta concepção aparecem em todos os textos de Leonardo Coimbra que indicamos, seja apontando o renascimento religioso ou o fim próximo do mundo materialista, como ocorre em "Águas religiosas" e em "Sobre a distinção entre o pensamento platônico e o pensamento moderno", seja mostrando a criação da síntese entre Cristo e Prometeu, em "Uma fala de espíritos", seja finalmente pregando que o livro "Regresso ao Paraíso" de Pascoaes instaura uma nova religião portuguesa. Este mesmo tema aparece, novamente como a criação de um Deus em que o Cristianismo se casa com características pagãs, em "O pedreiro cantador" de Jaime Cortesão e em "Romaria das Árvores" de António Cobeira. Não podemos nos esquecer que este é também um dos grandes motes de Pascoaes, aparecendo mesmo nos textos que acima classificamos como não ligados diretamente ao Saudosismo, seja apenas com estas características, seja reafirmando que a Saudade é esta nova síntese. Assim, em função de sua recorrência, é esta a principal imagem que os Saudosistas possuem sobre o seu tempo. A *aposta* básica que realizam, em função da qual podem acreditar que Portugal pode voltar a ocupar um papel de destaque no mundo, é a de que a cultura ocidental, já saturada do materialismo que a caracterizou nas últimas décadas, está em busca de uma nova forma de religiosidade que possa lhe dar um novo caminho a seguir. É só a partir disto

---

<sup>218</sup>Como sabemos, das suas principais obras ligadas a este tipo de questão, *Jesus e Pã*, *Maranus* e *Regresso ao Paraíso*, apenas a terceira é deste período, já que foi publicada em 1912, enquanto as duas primeiras são, respectivamente, de 1903 e 1911.

que podem supor que a religiosidade latente e/ou em elaboração em Portugal pode dar a este mundo o que lhe falta, como deu, séculos antes, o acesso aos territórios de que precisava. O único autor que se afasta um pouco desta linha geral é, como vimos, Pessoa. Para ele a questão não se coloca exatamente desta forma, já que acredita que o que está sendo gerado em Portugal é não só uma nova religião, mas uma nova forma civilizacional que irá suplantar as existentes, por ser uma síntese superior destas. Mas, de qualquer forma, o raciocínio básico é o mesmo, já que também aqui Portugal irá criar algo de que a cultura ocidental é, neste momento, carente.

Outro tema bastante recorrente é o da continuidade das características de Portugal, características que produzem uma originalidade do país em relação às outras nações européias. Ele percorre praticamente o conjunto dos textos indicados, ganhando vários contornos. Para Pascoaes, como vimos, foi constituída no país uma *raça* que por ser uma perfeita fusão dos árias e dos semitas não possui equivalente nas outras nações, o que gera uma *alma nacional* singular e inconfundível. Também Teófilo, ora diretamente em seu texto "Renascença", ora citado por Alfredo Coelho de Magalhães, que com ele concorda, acredita na existência de uma raça portuguesa com características específicas. Jaime Cortesão, em seus textos "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria" e "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos", aponta para esta continuidade vindo no misticismo característico das descobertas o mesmo presente na atual poesia portuguesa, o que, de outra forma, também fará Pascoaes ao, em "Camões e a cantiga popular", mostrar uma homologia entre a nova poesia e as líricas camonianas e populares, indicando a presença em todas elas de um fundo religioso que caracteriza uma criação específica da *raça lusitana*. Ainda Jaime Cortesão apresenta este tópico em sua poesia "Regendo a Sinfonia da Tarde", na medida que caracteriza a existência de uma raça portuguesa *sempre a busca do além*, e dá, como vimos, em "Náufragos portugueses", uma nova forma a este tópico, quando indica que a experiência que possui da morte é fruto de um lento aprendizado da raça, mostrando uma certa transmissão de características que percorrem as várias gerações de portugueses. Este tema também aparece esmaecido em várias das obras que indicamos, pela apresentação de certas características que seriam típicas da *raça portuguesa*, a que serve de exemplo o poema "Quinta das Lágrimas - Fonte dos Amores" de Augusto Casimiro em que a *raça portuguesa* é considerada como fonte de amor e de saudade. Ainda devemos considerar sobre os influxos deste tema as afirmações de Alfredo Coelho de Magalhães e de Jaime Cortesão sobre a originalidade da literatura portuguesa, o que poderia caracterizar a existência de uma raça lusitana, distinta das demais, que cria esta literatura original. Por fim o próprio tema das *novas navegações* indica-nos claramente que para estes escritores existe uma continuidade, um certo aprendizado da raça, que a possibilita de se

lançar a um novo *mar desconhecido*, como séculos antes se lançou ao Atlântico à procura das Índias.

Devemos, antes de continuarmos nossa análise dos temas recorrentes, notar que a posição de Pessoa em relação a este tópico é específica. Se aponta recorrentemente para o caráter nitidamente nacional da nova poesia portuguesa, considerando que ela retira suas características diretamente do *gênio nacional*, e vê a existência de antecedentes para o estágio então atual da citada poesia, o que mostra que ela é fruto de um processo que no mínimo começa com Antero de Quental, não chega, em nenhum momento, a considerar a existência de permanências específicas da raça que atravessariam os séculos e se manifestariam nesta poesia. O seu raciocínio vincula muito mais esta poesia a uma *evolução* da poesia mundial do que propriamente a uma manutenção de características intrínsecas da *raça lusitana*, e apenas quando, no final de seu artigo publicado no segundo volume, correlaciona esta nova poesia e o que ela anuncia a uma concretização final do que foi um *ante-arremedo* as navegações do passado é que podemos perceber a presença deste tópico. Assim temos nestes textos, neste aspecto, uma postura específica em relação ao conjunto da produção saudosista.

Outro tema recorrente, mas certamente com menor força do que os que acima apontamos, é o da decadência e sua vinculação com o estrangeirismo. Ele aparece desta forma no texto de Teófilo, que atribui a decadência ao apagamento da consciência nacional, e de uma forma mais específica, na vinculação da decadência ao ensino estrangeirado dos jesuítas, tanto nos textos de Pascoaes e Cortesão que indicamos acima como diretamente ligados ao movimento, como também no de Alfredo Coelho de Magalhães. Ainda podemos encontrar ecos desta concepção no texto em que Vila-Moura analisa o livro *A Evolução da Vida* de Augusto Casimiro, na medida em que acredita que apenas o público artista e o bom povo podem entender o livro, e que o mesmo não poderá ser entendido pelos adeptos da pandemia igualitária, o que nos mostra que ele acredita que só aqueles que não foram afetados por esta *miragem estrangeira* é que podem de fato entender uma arte caracteristicamente nacional.

Os três temas que acima indicamos alargam o que havíamos anteriormente dito sobre o núcleo do pensamento saudosista, quando havíamos analisado apenas os textos que consideramos diretamente ligados ao movimento. Podemos perceber que estes três tópicos formam um todo que constitui a imagem básica que os saudosistas possuem sobre Portugal e sobre seu tempo, e que alguns outros temas que aparecem em alguns textos estão a eles vinculados. Esta imagem básica se estrutura a partir de uma dupla leitura: de um lado da história portuguesa e de outro da situação atual da Europa.

Portugal é visto como um país com características específicas que percorrem toda a sua história, características estas que se encontravam ou latentes, como ocorre com Pascoaes que considera que a Saudade ainda não havia se revelado integralmente no passado, ou expressas nos acontecimentos passados, como ocorre com vários dos autores que estudamos. A decadência do país é assim fruto da invasão de idéias estrangeiras, que soterraram estas características por vários séculos, sendo também seu início em parte atribuído, por alguns dos autores, a um certo cansaço gerado pelo esforço das grandes navegações. Estas características típicas do país estão, porém, voltando a aparecer na atualidade, seja através da literatura, como praticamente todos o indicam, seja através de uma certa recuperação do heroísmo, como apontou Pascoaes. Assim o país está se *renacionalizando*, processo que alguns autores consideram que havia se iniciado no século anterior com Antero e/ou Nobre, e agora atinge um perfil inconfundível, ao menos na nova poesia portuguesa. Esta *renacionalização* ocorre através da recuperação de uma certa religiosidade peculiar à raça, religiosidade no passado latente ou expressa, nos referimos aqui respectivamente à Saudade e ao misticismo dos navegantes, duas interpretações distintas deste caráter religioso, religiosidade que se caracteriza pela síntese superior de dois princípios opostos, e que, em vista disto, produz uma nova forma completa e total de analisar o mundo e seus fenômenos. Assim a decadência, gerada pelo afastamento das características nacionais, agora se reverte, e Portugal volta a possuir características próprias, que o diferenciam das demais nações européias. Torna-se novamente *inconfundível*.

É justamente nesta diferença, que de novo se configura, que reside a esperança da volta do papel de destaque que o país anteriormente possuiu no conjunto das nações européias. Para os saudosistas a Europa está passando por um processo de reestruturação, em que os valores assumidos, pelo menos nas últimas décadas, começam a ser negados, como consideram vários dos autores que analisamos, ou estão caminhando para o seu fim, como considera Pessoa. A Europa materialista e democrática à francesa busca uma nova síntese religiosa e/ou civilizacional, e é esta síntese que Portugal, recuperando/revelando suas características, poderá fornecer aos outros povos. Esta elaboração que se realiza no país de uma nova forma de encarar a vida é comparável às navegações realizadas no século XVI. Se no passado os portugueses saíram concretamente do velho continente em busca do caminho das Índias, processo que possibilitou à Europa toda a sua evolução posterior, agora que de novo o continente apresenta uma carência, desta feita de caráter espiritual, são de novo os portugueses que partem do porto seguro das certezas existentes, para o mar tempestuoso da criação desta nova síntese religiosa/civilizacional, como que refazendo e confirmando o papel pioneiro que tiveram no passado. E esta viagem está ocorrendo

principalmente na poesia, e ela é ou a concretização ou o prenúncio desta metamorfose pela qual o país está passando, e cujo efeito remoto será uma Europa nova e reestruturada.

Antes de partirmos para a análise de em que medida o que acima apontamos é ou não uma recuperação de imagens anteriores do país presentes na tradição, devemos considerar outros temas, que aparecem em alguns dos textos que indicamos, que podem ser vinculados a este conjunto de idéias básicas.

O primeiro deles é a importância atribuída, especialmente por Pascoaes, Cortesão e Alfredo Coelho de Magalhães, a uma educação nacionalista. Como podemos notar pelo que acima expusemos, a importância desta educação se deve certamente à concepção de que se o país está recuperando suas características peculiares, isto ainda está em processo, e só poucos portugueses já conseguiram atingir este estágio, e mesmo estes ainda de forma incompleta, pois o processo só será completado quando toda a nação o atingir. Assim cabe a estes trazer a grande massa, ainda imersa no *erro* do estrangeirismo, para esta nova situação. A *cruzada educativa*, encabeçada por aqueles que já sentem as características do novo tempo que se anuncia, é a condição necessária para que o renascimento possa efetivamente ocorrer.

Certamente relacionado com o que acabamos de apontar está a concepção de que cabe aos poetas o comando, mesmo que temporário, da nação. Se são estes que, já em um estágio superior, estão recuperando as características esquecidas do país e realizando a síntese necessária para a cultura européia, são eles certamente que devem comandar a nação, e encabeçar a *cruzada educativa*, até que todo o país tenha atingido este mesmo estágio. Esta concepção aparece um pouco modificada nos textos de Pessoa, em que espera o aparecimento do Supra-camões, o qual irá indicar com maior clareza o caminho a seguir, que apenas se prenuncia na nova poesia. Variantes deste tipo de concepção, como já havíamos notado, também acabam por aparecer tanto em textos que certamente não podem ser considerados como saudosistas, como ocorre com os de Vila-Moura e Joaquim Martins Manso que analisamos no início deste capítulo, seja em textos que não estão se referindo diretamente ao país, como ocorre com o "Sobre a distinção entre o pensamento platônico e o pensamento moderno" de Leonardo Coimbra, em que ele aponta para uma retomada do pensamento platônico que só é percebida por poucos espíritos mais adiantados, enquanto a maioria da população e mesmo da intelectualidade européia ainda está presa ao antigo modelo materialista.

Por fim gostaríamos de nos referir a um último tema, que está presente apenas em um dos textos de Jaime Cortesão, "A *Renascença Portuguesa* e seus intuitos", mas que ganhará maior destaque na polémica Sérgio-Pascoaes. É o de que aquilo que falta aos portugueses é uma vontade firme, e que isto foi gerado pelo estrangeirismo. Como



facilmente pode ser notado, esta concepção está relacionada com o que consideramos o núcleo do movimento, pois apenas um povo não estrangeirado e com idéias próprias é que poderia saber em qual direção pretendia seguir, o que não corre com Portugal, ainda imerso no erro e portanto sem conhecer a sua verdadeira imagem. Nesta perspectiva, como o próprio Cortesão o apontou, as propostas saudosistas certamente sanariam este mal, pois dariam de novo à nação um verdadeiro conhecimento de quem ela é, possibilitando assim uma ação firme e determinada. Certamente, se o que acima esboçamos pode caracterizar o pensamento saudosista nestes três primeiros volumes (pensamento que como veremos será parcialmente modificado com a polêmica Sérgio-Pascoaes, em que este último altera algumas características de certas posturas que antes havia assumido), ele só ganhará sua especificidade se o relacionarmos com a tradição que o precede. Será este o nosso objetivo na próxima parte em que correlacionaremos as conclusões que aqui chegamos com a análise que fizemos da imagem de Portugal nos antecessores deste movimento.

### 3.2.5.3 O Saudosismo e as imagens de Portugal anteriores

Durante nossa análise dos textos que se referiam a Portugal muitas vezes fizemos referências a tradições a que eles poderiam estar filiados. Aqui pretendemos basicamente articular algumas das influências que apontamos, relacionando-as com outras que ainda não foram estudadas, e tecer algumas considerações mais gerais sobre a relação destas fontes com o Saudosismo.

Certamente podemos atribuir parte da influência sofrida por este movimento a certas tendências difusas, presentes no conjunto da cultura portuguesa que lhe é imediatamente anterior. De início devemos notar que, como apontamos em nosso primeiro capítulo, uma certa esperança na recuperação do país é um dos grandes lugares comuns da cultura portuguesa desde Garrett, atravessando mesmo textos tão contrários às características nacionais como o é *As Causas da Decadência dos povos Peninsulares* de Antero, esperança que mais se exacerba com a proclamação da República. Certamente é neste filão que se inserem as propostas do Saudosismo, que se configuram como uma nova formulação desta esperança, em que se mesclam características anteriormente elaboradas com novas concepções.

Também podemos atribuir a características gerais do período o descompasso, por vezes gritante, entre estas esperanças e a realidade do país. Como notamos, já em Garrett existe esta imensa distância que separa o que *espera* daquilo que efetivamente *ocorre* em Portugal, o que o leva a ter uma esperança sempre um pouco desmedida. Esta mesma característica percorre outros textos fundamentais, como o *Causas da decadência* e o *História da Civilização Ibérica*, se nos ativermos a textos não ficcionais, ou o *Despedidas* de Nobre, se pensarmos nos textos literários. Este mesmo descompasso aparece em vários textos da revista e ganha em seu interior a formulação mais delirante, e por isso mesmo mais bem formulada, quando Pessoa considera que a própria pequenez presente é a garantia do futuro esplendor, integrando este próprio descompasso como um dos elementos que garantiriam a efetiva concretização de suas profecias.

Ainda dentro destas características mais gerais podemos verificar que a formulação de que o futuro esplendor será, em certo sentido, uma retomada do esplendor passado, uma volta a um antigo estado de potência que terminará com a impotência presente, é também uma das constantes deste período a partir de *Causas da decadência*, em que pela primeira vez no século XIX é formulada esta visão um pouco mítica de retomada de uma Idade do Ouro perdida no passado, visão que também percorre algumas obras fundamentais do período.

Aqui, porém, o Saudosismo efetua reformulações importantes nesta concepção geral. Inicialmente, como já anteriormente o notamos, para o conjunto do movimento esta retomada já está em processo, sendo não mais uma esperança para um futuro indeterminado, mas um fato do qual já se pode observar os primeiros sintomas. Mesmo Pessoa, que só toca nesta retomada ao julgar o momento presente como uma recuperação em outro nível daquilo que caracterizou as navegações passadas, centra seus artigos na tentativa de mostrar que este grande futuro já está acontecendo. Certamente uma tal confiança não é fruto de visões anteriores. Mesmo em Oliveira Martins, que em *História da Civilização Ibérica* chega a explicitar a sua esperança no papel que a nova Espanha pode vir a ocupar dentro da cultura européia, temos muito mais um desejo do que uma certeza, provada através de fatos como o é para os saudosistas, de que este reerguimento já está efetivamente ocorrendo, e Martins chega mesmo a citar, como vimos, uma série de tarefas necessárias antes que este momento possa vir a ocorrer<sup>219</sup>.

Além disso, ainda nos referindo ao binômio decadência/restauração, devemos também notar que praticamente o conjunto do saudosistas, excetuando aqui em parte Pessoa, vêem o estrangeirismo, que fez com que o país perdesse suas características típicas, como o grande motivo da decadência. Esta postura, devemos notar, é radicalmente diversa da de Antero, que vê nas especificidades da península em relação à Europa culta justamente aquilo que faz com que ela tenha sido e continue sendo decadente, e não aparece de forma tão explícita em nenhum dos textos que analisamos em nosso primeiro capítulo. Como nesse capítulo notamos, também Herculano e Garrett viam na perda das características nacionais e/ou na falta de amor ao país um dos sintomas e/ou motivos da decadência presente, mas sem apontar que o estrangeirismo seria a principal causa desta decadência. António Machado Pires, em seu livro *A ideia da decadência na Geração de 70*, também indica que, ao menos a partir da década de 80, vários membros desta geração chegaram a considerar que o francesismo e a perda das características nacionais eram sintomas e/ou

---

<sup>219</sup>Como vimos no primeiro capítulo, quando Oliveira Martins está a falar da nova Europa que está se formando, assim define o trabalho necessário para que a península possa vir a nela ocupar um papel significativo:

"O que nos cumpre fazer, se queremos entrar no concurso das nações que rapidamente caminham para a definição do sistema de ideias modernas, é reconstituir o nosso corpo social, mais que nenhum outro abalado e doente por uma enfermidade de três séculos. Cumpre-nos aumentar o nosso pecúlio científico e melhorar a nossa ferramenta industrial. Carecemos de ser tão sábios e tão ricos como os melhores da Europa: não porque aí esteja o fim das nossas ambições, mas porque, sem conseguir primeiro isso, jamais poderemos vê-las realizadas."(MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*. p.337.)

Este longo trabalho necessário nos indica claramente que se a Espanha pode vir a ocupar um importante papel, muito ainda precisa ser feito antes que isto possa vir a ocorrer.

causas da decadência que então ocorria no país<sup>220</sup>, tendência cujo melhor exemplo talvez seja "O Francesismo" de Eça de Queirós, em que ele relata como a sua geração foi, desde a tenra infância, educada à francesa<sup>221</sup>. Mas em nenhuma das obras que analisamos, anteriores ao período de *A Águia*, chegamos a encontrar a visão de que o estrangeirismo havia sido a causa primeira da decadência. Apenas no texto de Teófilo Braga, publicado na revista, é que podemos, em um autor não ligado a este movimento, encontrar uma postura próxima a esta. Assim podemos supor com alguma segurança que esta é uma formulação recente, que os saudosistas levam às suas últimas conseqüências lógicas, ao considerar que a recuperação das características nacionais, que pode ser notada no período em especial na literatura portuguesa, estaria gerando um novo período de esplendor para o país. Devemos porém notar que este componente, a relação intrínseca entre a necessidade de recuperar as características nacionais e o reerguimento do país, se analisado de forma isolada, também estava presente de variadas formas em obras anteriores. Já em "O bispo negro" de Alexandre Herculano esta imagem aparece de forma parcial, pois, como notamos no primeiro capítulo, a força passada de um país que pôde acreditar ter um rei capaz de enfrentar Roma é uma espécie de modelo indicado ao presente que não mais possui esta força, o que nos leva a supor que a recuperação desta crença seria um possível caminho para o reerguimento. Mas certamente são em algumas das últimas obras de Eça, em especial em *A Ilustre Casa de Ramires* e *A cidade e as serras*, incluindo aqui também o conto "Civilização" que serviu de origem a este romance, que esta imagem aparece de forma clara<sup>222</sup>. Como vimos no primeiro capítulo, seja o decadente Gonçalo, seja o estrangeirado Jacinto, ambos se recuperam quando entram em contato com as características nacionais, no caso do primeiro através do sonho em que os antepassados lhes entregam suas armas, e no segundo através da descoberta de que a vida no campo do atrasado Portugal lhe restitui a vontade de viver que a civilização lhe havia roubado. Porém, como facilmente notamos pelos exemplos citados, esta tradição anterior ao Saudosismo é principalmente ficcional, ou seja, se este movimento recupera esta tendência detectável em uma série de obras literárias, o faz transformando-a em uma proposta efetiva para o reerguimento do país. Apenas nas "Anotações", apenas à *Pátria* de Guerra Junqueiro, é que podemos encontrar algo semelhante, mas mesmo aí como uma esperança de possível reerguimento, e não como algo

---

<sup>220</sup>Cf. PIRES, António Machado. "A perda do caráter nacional. O Francesismo". *A Ideia da Decadência na Geração de 70*. p.237-246.

<sup>221</sup>Cf. QUEIRÓS, EÇA. "O Francezismo". *Últimas Páginas*. p.397-425.

<sup>222</sup>Como vimos no conto "Civilização" encontramos relações com outros aspectos das propostas saudosistas, aos quais mais à frente nos referiremos.

que efetivamente está a ocorrer<sup>223</sup>. Assim o Saudosismo transforma alguns tópicos presentes em obras de vários gêneros, a visão do estrangeirismo, e em especial do francesismo, como uma causa da decadência presente, articulando-os com outros de origem principalmente literária, a recuperação da grandeza passada através do ressurgimento das características nacionais, e construindo a partir deste conjunto um modelo explicativo para *todo* o processo de decadência do país e para o reerguimento que já considerava estar acontecendo. Esta breve análise nos mostra como são tênues as fronteiras entre o literário e o pragmático no interior deste movimento, uma característica que por sinal podemos supor estar presente no conjunto da produção cultural que vai do vintismo ao estado novo, já que, como notamos, algumas das questões básicas que afligiram os intelectuais deste período aparecem tanto em seus textos ensaísticos e/ou históricos, como em sua produção ficcional ou poética<sup>224</sup>, e, como facilmente pode ser notado, certas propostas saudosistas serão de novo transformadas em literatura, alguns anos depois, no *Mensagem* de Pessoa.

Ainda pensando em características advindas de tendências gerais do período anterior, também podemos considerar que a *cruzada educativa* pregada pelos saudosistas se enquadra nesta categoria. Se, ao propor que esta educação seja nacionalista, temos uma característica específica do movimento, por outro lado a necessidade de educar o povo, como afirma Bernard Martocq em seu artigo "Le pessimisme au Portugal (1890-1910)", é uma das marcas características de certos republicanos, e tem sua origem nas pregações da geração de 70, percorrendo todo este período que vai desta geração até 1910<sup>225</sup>, sendo inclusive esta preocupação educativa, segundo Oliveira Marques, um dos principais objetivos da República, por mais que de fato não tenha conseguido os resultados que esperava<sup>226</sup>. Isto nos mostra claramente que esta proposta dos saudosistas se integra

---

<sup>223</sup>O que pode ser observado no trecho abaixo, que já citamos em nosso primeiro capítulo:

"Ha (...) bem no fundo dêste povo um pecúlio enorme de inteligência e de resistência, de sobriedade e de bondade, tesouro precioso, oculto há séculos em mina entulhada. É ainda a sombra daquele povo que ergueu os Jerónimos, que escreveu os Lusíadas. Desenterremo-la, exumemo-la. Quem sabe, talvez revivesse!"(JUNQUEIRO, Guerra. "Anotações". *Pátria*. p.194.)

<sup>224</sup>A análise que Eduardo Lourenço faz deste período em "Da literatura como interpretação de Portugal" em *O Labirinto da Saudade* mostra bem esta característica, na medida em que este crítico considera da mesma forma sejam os textos de intervenção, como o caso dos textos das *Conferências do Casino*, sejam as obras literárias.

<sup>225</sup>Cf. MARTOCQ, Bernard. "Le pessimisme au Portugal (1890-1910)". *Arquivos do Centro Cultural Português*, v 5, p.453.

<sup>226</sup>Cf. MARQUES, Oliveira. "A primeira república problemas a resolver". *História de Portugal*, v. 3, p.344-352.

perfeitamente ao período, apenas possuindo a *cor nacional* que caracteriza todas as concepções deste movimento.

Por fim, podemos considerar também como uma tendência geral da cultura européia, do período que vai do final do século XIX ao início do vinte, uma certa descrença no materialismo e revalorização do religioso e do irracional, que se manifesta na literatura principalmente a partir do advento do simbolismo<sup>227</sup>, aspectos que aparecem na *leitura* que os saudosistas fazem do estado cultural e moral da Europa de então, e que permitem que vejam na nova síntese religiosa em processo na literatura portuguesa uma resposta a uma demanda européia.

Se até aqui tratamos de algumas influências gerais, que surgem esparsas em várias obras anteriores à publicação da revista e que acabam por serem sintetizadas em algumas propostas do movimento, existem outras características que estão relacionadas a influências mais específicas. Delas trataremos a partir deste momento.

Aquela mais facilmente detectável é a visão das *novas navegações* que, como o dissemos, pode ser considerada como fruto de uma reelaboração de tendências que já estavam presentes principalmente em *História da Civilização Ibérica* de Oliveira Martins e em "San Gabriel" de Camilo Pessanha, e que, além disto, já se achavam latentes em um trecho de *Despedidas* de António Nobre. Antes de partirmos para a análise destas influências devemos considerar que se a primeira é claramente assumida pelo menos por Jaime Cortesão, que chega a citar trechos desta obra de Oliveira Martins, e a terceira é bastante possível pois não só *Despedidas* já havia sido publicado em 1902, como também Nobre tem vários de seus poemas publicados nestes três volumes de *A Águia*<sup>228</sup>, a segunda pode ser aceita apenas como uma hipótese, por mais que bastante provável. Como já o dissemos, este poema de Pessanha só havia sido publicado em Macau, em 1898 no *Jornal*

---

<sup>227</sup>Sobre esta tendência de revalorização do religioso especificamente na literatura portuguesa são bastante sintomáticas as palavras abaixo de Alberto de Oliveira, num artigo de memórias inserto no volume *Pombos Correios* publicado em 13:

"Há vinte anos toda a mocidade literária portuguesa, como sempre sob influência da francesa, se sentia impregnada de misticismo e buscava frequentemente a sua inspiração e os seus epítetos nas fórmulas e símbolos de liturgia católica. (...)

Éramos pois todos neomísticos e hieráticos. Os nossos livros chamavam-se bíblias ou livros de horas, os nossos poemas de amor soavam e exprimiam-se como ladainhas, a hóstia e o incenso tinham o seu lugar marcado nos nossos officios líricos e panteístas". (OLIVEIRA, Alberto de. *Pombos Correios*. Apud: LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio*. p. 67-68.)

<sup>228</sup>Nestes três volumes são publicados os poemas "Sepulcrosito", "A Nossa Senhora", "Colar d'Astros" e "Tentação", além de um excerto de "Ode aos rapazes novos" e uma carta de 1898 dirigida a Antero de Figueiredo.

*Único*<sup>229</sup>, e era em 13 ainda inédito em Portugal. Se vários dos poemas de Pessanha eram conhecidos em diferentes círculos de intelectuais, como afirmou Barbara Spaggiari<sup>230</sup>, o que é confirmado por uma carta, datada de dezembro de 1912, de Sá-Carneiro para Pessoa<sup>231</sup>, e por outra enviada por Pessoa a Camilo Pessanha, provavelmente de 1915, ou seja, pouco posterior a este período<sup>232</sup>, e se podemos afirmar que ao menos Jaime Cortesão conhecia nesta época algumas das obras do autor de *Clepsidra*<sup>233</sup> e que um poema de Pessanha chegou a ser publicado em 1916 em *A Águia*<sup>234</sup>, não temos nenhum documento que comprove o conhecimento efetivo deste poema específico pelos membros da *Renascença Portuguesa*. Porém, se não podemos afirmar por esta via a citada influência, as

<sup>229</sup>Cf. OSÓRIO, João de Castro. "Algumas variantes a considerar". IN: PESSANHA, Camilo. *Clepsidra e outros poemas*. p.149.

<sup>230</sup>Cf. SPAGGIARI, Barbara. *O simbolismo na obra de Camilo Pessanha*. p.19.

<sup>231</sup>Nesta carta temos o seguinte trecho:

"Rogava-lhe encarecidamente que me enviasse, para mostrar ao Santa-Rita, os violoncelos de Pessanha e o soneto sobre a mãe -e mesmo mais algum se para isso estivesse. Era um favor que muito lhe agradeceria. Tem apanhado mais versos dele?"(SÁ-CARNEIRO, Mário. *Cartas a Fernando Pessoa I*. p.37)

<sup>232</sup>Nesta carta de Pessoa temos, entre outros, os seguintes trechos:

"Há anos que os poemas de V. Ex.<sup>a</sup> são muito conhecidos, e invariavelmente admirados, por toda a Lisboa. É para lamentar -e todos lamentam- que ele não estejam, pelo menos em parte, publicados. (...) O que se dá não se explica (...) visto que, sendo de todos mais ou menos conhecidos esses poemas, eles não se encontram acessíveis a um público maior e mais permanente na forma normal da letra redonda.

(...) Logo da primeira vez que nos vimos, fez-me V. Ex.<sup>a</sup> a honra, e deu-me o prazer, de me recitar alguns poemas seus. (...) Obtive, depois, pelo Carlos Amaro, cópias de alguns desses poemas."

"Como correm por aqui várias versões, mesmo escritas, dos seus poemas, pedíamos que -caso quisesse anuir ao nosso pedido [o de publicar alguns de seus poemas em *Orpheu*], no que julgamos não terá dúvida - ou nos enviasse cópia exata deles, ou - caso isso o incomodasse- nos indicasse a quem, aqui, nos devamos dirigir para obter essas cópias" (PESSOA, Fernando. *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. p.337-338, p.340.)

Estes trechos comprovam claramente que, como havia afirmado Barabara Spaggiari, Pessanha declamava seus poemas mesmo para quase desconhecidos, e também que muitos de seus poemas eram bastante conhecidos em Lisboa.

<sup>233</sup>Isto está comprovado pelo trecho abaixo de uma carta de Sá-Carneiro, enviada a Fernando Pessoa em 10 de maio de 1913:

"Muito interessante e significativo o que me narra do Jaime Cortesão.

O caso contado por ele acerca do Dr. Fernando Lopes é simplesmente lamentável.

Não sei como um poeta, em todo o caso um poeta, pode achar estranho que se goste do Camilo Pessanha!... Se não conhecesse versos do Cortesão, e me viessem contar isso, eu ficaria fazendo a pior das ideias de semelhante poeta"(SÁ-CARNEIRO, Mário. Op. Cit. p.131.)

<sup>234</sup>Como pode ser visto no índice geral de *A Águia* no anexo desta tese, o poema "Voz débil que passas" de Camilo Pessanha, foi publicado na página 46 do nono volume, ou seja, no nº 50 de fevereiro de 1916.

profundas semelhanças que encontramos entre esta obra e o "Poeta e a nau" de Augusto Casimiro parecem indicar que ao menos este poeta conhecia estes sonetos de Pessanha, o que nos permite indicar esta influência pelo menos como bastante provável.

Estas três obras se articulam de formas distintas com o tópico das *novas navegações* presente nestes volumes de *A Águia*. Como vimos este tópico está estruturado a partir de alguns conceitos básicos: considera que a nova poesia portuguesa é um equivalente das navegações realizadas nos séculos XV e XVI, e que são os poetas, portando, os capitães destas novas naus em que se realiza a síntese espiritual de que a Europa de então necessitava, como havia necessitado anteriormente dos caminhos abertos no mar pelos portugueses, síntese esta formada pela junção de duas características opostas. Desta forma Portugal estaria ao mesmo tempo se regenerando, ao recuperar e reutilizar as suas características místicas e aventureiras, há muito soterradas pelo estrangeirismo, nesta nova navegação, e criando a sua nova superioridade européia.

No trecho de *Despedidas* que analisamos no primeiro capítulo podemos encontrar algumas matrizes destas idéias. Já lá temos um poeta que profetiza o destino nacional, como encontraremos em "O poeta e a nau", e que aponta para uma breve retomada das navegações e do poderio que as caracterizou. Além disto, os nomes dos "Poetas, Santos e Navegadores"<sup>235</sup>, ou seja o que de mais heróico existe no passado do país, são "pharoes/ Que luz darão, á nossa tempestade"<sup>236</sup>, imagem que não só mostra Portugal enquanto um navio, imerso ainda em grande turbulência, como aponta para o passado como aquilo que pode iluminar o presente<sup>237</sup>.

Podemos perceber claras sintonias entre as propostas saudosistas e estas concepções. Em comum temos principalmente três aspectos: o papel das navegações, passado e futuro motivo do esplendor nacional; o poeta visto enquanto um ser privilegiado que descortina este futuro não notado pelo país; e o papel importante que é atribuído à força do passado enquanto guia do presente. Porém, existem diferenças importantes em relação às propostas

---

<sup>235</sup>NOBRE, António. *Despedidas*. p.112.

<sup>236</sup>Ibidem, p.113.

<sup>237</sup>Além destes aspectos podemos apontar uma influência de Nobre especificamente no texto de Pessoa. Este poema de *Despedidas*, ao que sabemos, foi o primeiro a apontar que a pequenez presente de Portugal é uma garantia da grandeza futura, tópico fundamental no raciocínio pessoano. Como sabemos, neste poema a história é vista como circular, já que "as cidades/ Têm várias mortes e ressurreições" (Ibidem, p.111). Desta forma, quando o eu lírico afirma em outro momento que "Tenho agora a Patria em sepultura!" (Ibidem, p.114) ele indica claramente que o país está em um momento de absoluta carência, mas que, justamente por estar neste estado, a *ressurreição* está próxima, o que fica ainda mais evidente por ser este o momento em que começa a falar do retorno de D. Sebastião.



do Saudosismo, que nos indicam claramente que apenas alguns aspectos destas concepções de Nobre foram utilizadas pelos escritores ligados a este movimento: para o autor de *Só o futuro grandioso* esperado é um retorno do destino imperial de Lisboa através das mesmas navegações do passado, e não através de *novas navegações espirituais*; e neste poema se um poeta profetiza este futuro, ele não está diretamente envolvido com o seu aparecimento - ele é profeta, mas não executor do mesmo, como são os poetas nos textos saudosistas. Assim, se este texto de Nobre fornece alguns elementos básicos que estão na base desta construção saudosista, ela também extrapola em vários aspectos a visão deste autor. Mas algumas destas mudanças podem ser atribuídas não propriamente aos saudosistas, mas às influências das outras duas obras que acima citamos.

Em "San Gabriel", como vimos, as novas navegações já tem claramente um caráter espiritual, e são a continuação da missão portuguesa que ficou interrompida no passado. Se aqui ainda não existe claramente um papel preponderante da ação dos poetas, podemos notar que é a voz poética que pede a nova benção do mar, em uma espécie de prece a San Gabriel, sendo portanto em parte o agente desta possível navegação, que poderá levar a nau-Portugal a entrar em contato com o que de mais puro e divino o país criou, as "Almas tristes, severas, resignadas, / De guerreiros, de santos, de poetas"<sup>238</sup>. Assim neste poema já estamos mais próximos das concepções que depois serão formuladas pelos saudosistas, seja pelo caráter espiritual e mesmo religioso que a navegação possui nestes sonetos, seja pela transformação da voz poética não só num profeta, mas também como um propiciador da nova benção do mar, que ele pede a San Gabriel. Desta forma, diferentemente do poema de Nobre, aqui não encontramos propriamente diferenças em relação às propostas saudosistas, mas uma influência em apenas alguns dos aspectos do que se constitui como o *novo navegar* para este movimento.

As influências de Oliveira Martins sobre os saudosistas, no tópico que aqui estamos analisando, ocorrem em vários níveis. De início, como já notamos, o trecho em que indica o estado atual da península - que é considerado como uma navegação na qual, saindo das *terras conhecidas* das antigas certezas, busca o *novo porto* de uma síntese para a nova Europa que ainda está se formando - pode claramente ser visto como uma importante matriz do pensamento saudosista, em que a navegação também é geradora de uma síntese para a civilização européia. De forma análoga, também de Oliveira Martins pode vir a visão do caráter aventureiro e religioso dos portugueses, tópico apontado em vários momentos neste

---

<sup>238</sup>PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. p.47. Se aqui consideramos que os Santos, Guerreiros e Poetas indicados na poesia são, de fato, frutos de Portugal, o fazemos não só porque eles representam três tipos característicos do século de esplendor, como também pela proximidade que podemos encontrar entre estes três tipos e os *Poetas, Santos e Navegadores*, do poema de Nobre, estes claramente portugueses.

seu livro, na medida em que considera que estas são as duas principais características dos peninsulares<sup>239</sup>. Também a concepção de que o utilitarismo não pode ser o objetivo último de uma civilização, que poderia se relacionar com a necessidade europeia de uma nova síntese religiosa, pode ter se originado nesta obra<sup>240</sup>. Por fim, como o próprio Jaime Cortesão o indicou, a visão de que a síntese que então estava sendo gerada em Portugal era constituída pela junção de duas características opostas, seja o Cristianismo com o Paganismo, seja o panteísmo com o transcendentalismo, também pode advir da forma específica como nesta obra Oliveira Martins analisa o misticismo Ibérico, já que para ele este misticismo conseguiu "Combinar num equilíbrio mais ou menos estável a liberdade e a predestinação, a razão e a graça"<sup>241</sup>, duas características em princípio inconciliáveis.

Ao mesmo tempo, porém, que encontramos estas consonâncias, existe uma diferença fundamental, que nos mostra que se os saudosistas reestruturaram as idéias de Martins, chegaram a rejeitar alguns aspectos delas. Como vimos em nosso primeiro capítulo, para Martins a geração desta síntese, que ainda está em processo, necessita que a península para ela se prepare, atingindo o mesmo "grau de desenvolvimento do saber, da ordem e da indústria"<sup>242</sup> do restante da Europa, já que "A constituição do organismo precede a da ideia, que só se define à medida que o corpo colectivo cresce e medra"<sup>243</sup>. Dificilmente uma concepção poderia estar mais distante das do Saudosismo que de variadas formas aponta para o que, em um volume posterior, Pascoaes sintetizará ao afirmar que "A nossa crise é, sobretudo, de natureza moral. Resolvida ela, o resto nos será dado em excesso"<sup>244</sup>. Para os saudosistas a idéia precede ao organismo, sem ela o organismo naturalmente definha e morre. O que Portugal, e em certo sentido toda a Europa, precisa é

---

<sup>239</sup> Entre os vários trechos possíveis que comprovam serem estas as principais características dos peninsulares para Oliveira Martins citamos aquele em que fala do período de apogeu da península:

"Pois bem: após oito ou dez séculos de elaboração lenta e de assimilação dos novos elementos trazidos pelas sucessivas invasões, a Espanha reconstituída surge de novo aventureira e mística, e a monarquia, permanentemente inspirada nestas tradições antigas, eleva ao trono dois faraós -Filipe II e D. João III" (MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*.p.227.).

<sup>240</sup> Como veremos mais à frente esta obra de Oliveira Martins também será matriz de outras idéias presentes no saudosismo.

<sup>241</sup> MARTINS, Oliveira. Idem. p.233.

<sup>242</sup> Ibidem. p.336

<sup>243</sup> Ibidem. p.337.

<sup>244</sup> PASCOAES, Teixeira de. "Os meus comentários ás duas cartas de António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v.4, p.109.

de uma nova idéia, e só depois virá o *pô-la em prática*, como o próprio Pessoa o apontou de forma lapidar em um de seus artigos<sup>245</sup>. Toda a aposta do saudosismo seria destruída se Portugal precisasse de condições socioeconômicas próximas as da Europa- o que de forma alguma possui- para que esta síntese pudesse chegar a ser realizada. Esta diferença fundamental entre os pontos de vista de Martins e dos saudosistas permite-nos que entendamos uma outra, que dela é decorrente. Se para o autor de *História de Portugal* essa nova navegação está em seu início, é porque muito ainda precisa ser feito para que a Espanha possa de novo ter um papel relevante na cultura européia. Já para os saudosistas, se ela já está em processo é porque condições materiais não são necessárias para que ela ocorra, já que esta síntese será fruto apenas de uma recuperação e/ou reelaboração das características nacionais. Mesmo Pessoa, que não se adequa perfeitamente a este esquema, também mostra em seu raciocínio que nenhum avanço material precederá o espiritual, o que também lhe permite, em uma postura claramente contrária à de Oliveira Martins, ver que o processo, ao menos no seu aspecto cultural, já está próximo de seu cume. Por tudo isto, apesar de Jaime Cortesão chegar a usar um trecho deste livro de Oliveira Martins para justificar seus pontos de vista, podemos notar que os saudosistas, e o próprio Cortesão, não aceitam as idéias contidas neste livro em sua totalidade. Para este movimento o lado material, fundamental em Martins para o futuro da Península, é acessório e não só pode como deve ser postergado para depois que o essencial, a idéia gerada pela nova poesia, se consume em sua plenitude. Neste aspecto os saudosistas acabam por se aproximar bem mais de Guerra Junqueiro, que nas já indicadas "Anotações havia afirmado: "Alma! eis o que nos falta"<sup>246</sup>, considerando assim que são principalmente espirituais os problemas de Portugal.

Assim, se certamente podemos apontar consonâncias entre as três obras que citamos e as propostas do Saudosismo, podemos por outro lado notar que este movimento possui aspectos que não podem ser filiados a elas. Trata-se claramente de uma reelaboração em que se inclui uma releitura e em alguns aspectos mesmo uma negação dos pressupostos nelas presentes.

Antes de podermos considerar terminada a análise de possíveis influências neste tópico precisamos indicar que uma obra, sobre a qual já falamos, pode também tê-lo influenciado: o conto "Civilização" de Eça de Queiroz. Neste texto, bem mais que no romance a que deu origem, encontramos colocada de forma lapidar a imagem de um

---

<sup>245</sup>PESSOA, Fernando. "Reincidindo". *A Águia*, 2ª série, v.1, p. 144.

<sup>246</sup>JUNQUEIRO, Guerra. "Anotações". *Pátria*. p.198.

Portugal que pode, por suas características peculiares, fornecer à Europa algo de que ela precisa. Em nosso primeiro capítulo já mostramos como nele a decadência é deslocada para um português estrangeirado, rodeado por todo o conforto e toda a tecnologia que a Europa pode fornecer, e como a recuperação deste português se dá justamente quando ele resgata os laços com as características mais peculiares do *atraso* português. O final do conto, como também indicamos, aspecto que não pode ser detectado no romance, mostra que este português fez um caminho que será o da Europa quando abandonar a *supercivilização*. Deste núcleo básico certamente podemos retirar alguns dos andaimes das reflexões saudosistas sobre a Europa e sobre o papel que nela poderia caber a Portugal. Para os saudosistas, numa nova aproximação temporal, a Europa já está se cansando de sua *supercivilização*, e em vista disto caberá aos *novos Jacintos*, aqueles portugueses que souberam já realizar o caminho de volta para as suas qualidades básicas, fornecer a esta Europa cansada as idéias básicas para uma vida mais feliz. Certamente não temos neste conto de Eça as características religiosas, nem a imagem da navegação, mas é talvez a obra do período anterior a *A Águia* onde de forma mais clara aparece a hipótese de um Portugal aparentemente atrasado estar, de fato, justamente por este seu atraso, apto a fornecer à Europa algo que ela fatalmente iria necessitar, prefigurando a proposta saudosista de que as qualidades básicas do país, se recuperadas, gerariam a síntese necessária para a nova cultura européia.

Como podemos notar, se encontramos várias influências em múltiplos dos aspectos presentes na visão saudosista sobre a *nova navegação*, um deles parece até agora ter ficado intocado: o do fazer poético como um equivalente das navegações passadas. De fato, até onde pudemos pesquisar, não encontramos em nenhuma obra do período imediatamente anterior à publicação da segunda série de *A Águia* esta imagem. Mas a relação entre o fazer poético e as navegações não é nova na literatura portuguesa, e tem sua matriz paradigmática justamente no que, ainda então, eram o poeta e a obra máximos da nacionalidade: *Os Lusíadas* de Luís de Camões. É do canto sétimo desta obra a estância que abaixo reproduzimos:

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,  
 Eu, que cometo, insano e temerário,  
 Sem vós, ninfas do Tejo e do Mondego,  
 Por caminho tão árduo, longo e vário!  
 Vosso favor invoco, que navego  
 Por alto mar, com vento tão contrário  
 Que, se não me ajudais, hei grande medo  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.<sup>247</sup>

<sup>247</sup>CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. p.461.

Certamente foge aos objetivos desta tese qualquer análise mais sistemática de *Os Lusíadas*, mas temos que nos referir, mesmo que sumariamente, a esta obra para podermos entender o alcance desta estância, e poder assim relacioná-la com as propostas saudosistas. Como podemos notar, nesta estrofe o fazer poético se transforma numa experiência tão arriscada como as próprias navegações que celebra, numa *outra navegação* através da qual um novo porto também poderá ser alcançado. Para entendermos o significado deste *porto* precisamos nos lembrar que o objetivo desta epopéia extrapola a simples celebração das glórias passadas. Ela é, de início, a transformação do que seria consumido pelo tempo em obra imortal, já que, como é dito no final do canto quinto, sem a transformação de seus feitos em poesia, Portugal não teria "Pios Eneas nem Aquiles feros"<sup>248</sup>, idéia que também aparece quando é afirmado que Gama deve agradecer as musas que imortalizam seus feitos<sup>249</sup>, pois sem elas ele também seria consumido pelo esquecimento. Mas não apenas isto. A obra tem também um objetivo pragmático, o de atuar moralmente no Portugal de então, fazendo com que este se redima de seus erros, que geraram a "austera, apagada e vil tristeza"<sup>250</sup> que enrouquece a voz e destempera a lira do poeta, e permita que os grandes feitos do passado sejam repetidos ou mesmo suplantados no presente. Como indica Helder Macedo, "A exortação final a Dom Sebastião deixa o poema em aberto e entregue à História a sua conclusão"<sup>251</sup>. Assim, através deste livro, Camões não apenas imortaliza o passado, cristalizando-o em uma obra imorredoura, mas tenta forjar um futuro em que este passado, e não o presente decaído, seja continuado. Desta forma a navegação que realiza não pretende apenas engendrar um belo canto, mas levar o país para o porto seguro da retomada dos corretos valores, então esquecidos. E, devemos notar, esta correção de rumo implicará num novo poderio português, construído pela destruição dos infiéis, que dará a

---

<sup>248</sup>Ibidem. p.367.

<sup>249</sup>"Às musas agradeça o nosso Gama  
O muito amor da pátria, que as obriga  
A dar aos seus, na lira, nome e fama  
De toda a ilustre e bélica fadiga"(Ibidem. p.368)

<sup>250</sup>Ibidem. p.643.

<sup>251</sup>MACEDO, Helder. "Os Lusíadas: celebração épica como crítica pastoril". *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*. p.122.

Portugal de novo o verdadeiro papel que deve ocupar, o de representante de Deus na terra<sup>252</sup>.

Se o que acima dissemos certamente está muito longe de esgotar os possíveis significados deste *navegar poético* presente em *Os Lusíadas*, já nos permite traçar importantes relações com o *novo navegar* pregado pelos saudosistas. Nos dois casos o fazer poético extrapola a simples função de uma produção estética e se transforma em modificador da realidade social que o circunda. Nos dois casos também é a poesia que tenta uma correção de rumo da nação, retirando-a do erro presente, que para os saudosistas é o estrangeirismo que desfigura o espírito nacional, e restaura passados valores corretos e esquecidos. As duas navegações tentam assim, em um duplo movimento, trazer o passado para o presente, e através disto pretendem gerar um futuro. Mas certamente as pretensões dos saudosistas extrapolam as de Camões. Para este, se seu livro poderia indicar o rumo correto, exortar a revalorização de características que não mais existiam em um presente decaído, ele não é, em si, esta restauração. Para os saudosistas, porém, a obra e o futuro esperado não se distinguem, ela já é este futuro sendo gerado, eles concretamente navegam para um porto que já está sendo criado em sua navegação. Se Camões pretende incitar ações de D. Sebastião para que este dê matéria a um *nunca ouvido canto*, os saudosistas vêem a sua poesia como um canto nunca ouvido que já é, em si, uma ação sobre o mundo, a criação do futuro. Assim, se podemos supor uma influência de Camões em um movimento que pretende justamente recuperar características nacionais que considera que sumiram após a morte deste épico, podemos notar que também aqui os saudosistas tem uma visão mais imediata do que a presente em *Os Lusíadas*: enquanto nesta obra o *navegar poético* espera restaurar um passado e possibilitar um futuro que só mais à frente será de fato consumado, o *navegar saudosista* já é em si anúncio e concretização de um futuro grandioso.

Certamente, se ao analisarmos o novo navegar pregado pelos saudosistas acabamos por tocar nas influências sofridas por este movimento nas principais concepções que tem sobre o país, falta-nos aqui ainda avaliar possíveis influências em outros dois aspectos de menor importância.

Inicialmente tratemos do conceito da existência de uma *raça portuguesa* que perpassa muitos dos textos que analisamos, e que é fundamental para Pascoaes que vê na formação desta raça, pela junção do sangue semita com o ariano, a fonte da Saudade. A questão de se existiria ou não uma *raça portuguesa* percorre todo o século XIX e parece-

---

<sup>252</sup>Sobre este aspecto veja-se, entre outros, o trecho em que é discutida a diferença entre a guerra justa e a guerra injusta, e em que a primeira é considerada como aquela realizada pelos portugueses, que enfrentam os infiéis, e a segunda como aquela que caracteriza as demais nações da Europa, que assim acabam por agir contra a vontade de Deus. (CAMÕES, Luís de. Idem. p.423-429)

nos que é bem sintetizada no trecho abaixo de *A Tertúlia Ocidental* de António José Saraiva, quando este está a analisar o origem de Portugal para Oliveira Martins:

A origem de Portugal [para Oliveira Martins] está nele mesmo, na vontade dos seus homens. Oliveira Martins dá uma resposta terminante a esta questão: "a vontade dos homens pôde sobrepujar as tendencias da natureza". A emergência de Portugal é uma realização da vontade. Esta já tinha sido a resposta de Alexandre Herculano, e Oliveira Martins repetiu-a desde o seu primeiro livro (...). Esta posição anti-racial, e, de maneira geral, antideterminista, que dá a primazia a um factor interno incoercível contra o condicionamento externo, foi aplaudida por Antero, logo em 1872, e serviu-lhe de pretexto para criticar o "moçarabismo" de Teófilo. Segundo este, a história de Portugal consistia na dominação sobre uma raça de oprimidos, os "moçárabes", de uma raça opressora, os invasores visigodos. Como já Herculano mostrara, os moçárabes não eram raça alguma, antes a população cristã dos territórios ocupados pelos árabes, mas essa dialéctica de opressores-oprimidos convinha à campanha republicana, que pretendia falar em nome do Povo, oprimido pela Corte e pelo Rei."<sup>253</sup>

Por esta breve exposição podemos concluir que os saudosistas, que tendem a apoiar implícita ou explicitamente a existência de uma *raça portuguesa* e de um *génio nacional* que dela advém, e em especial Pascoaes e Alfredo Coelho de Magalhães, que chegam a afirmar de forma clara a existência desta raça, se aproximam muito mais de Teófilo que de Herculano e Oliveira Martins neste aspecto. Assim é em Teófilo que temos de buscar possíveis influências nesta concepção.

Se aceitarmos a análise feita por Saraiva no trecho acima, correlacionando-a com o livro *Quarenta Anos De Vida Literária*, publicado por Teófilo Braga em 1902, podemos ver porém que Pascoaes tem um ponto de vista distinto do autor desta obra<sup>254</sup>, já que este tinha por objetivo de, utilizando o conceito de uma raça oprimida, os moçárabes que mantinham as características dos primeiros lusos<sup>255</sup>, traçar um paralelo entre o destino desta raça que gerou a Lusitânia e a luta republicana. Pascoaes, por outros motivos, justifica tanto a existência da saudade apenas entre os portugueses como o fato de ela ser a síntese do paganismo com o cristianismo, vê a *raça* portuguesa como uma junção de semitas e árias, colocando-se assim em oposição ao primeiro, para o qual esta raça era apenas

<sup>253</sup>SARAIVA, António José. *A Tertúlia Ocidental*. p.100.

<sup>254</sup>Alfredo Coelho de Magalhães apenas indica que concorda com o ponto de vista de Teófilo.

<sup>255</sup>"Os *Mosarabes* são o fundo das populações hispanicas (*lusos e iberos*) que as conquistas romanas, germanicas e arabes não destruíram, e que nos momentos de transição reconstituíram as suas instituições consuetudinarias". BRAGA, Teófilo. "Autobiographia mental de um pensador isolado". *Quarenta annos de Vida Literaria*. p.XL.

ária<sup>256</sup>. Podemos pensar que cada um deles vincula esta possível *raça* a seus interesses específicos, e assim a idéia de uma *raça portuguesa* acaba sendo fruto da visão que possuem da atualidade, e não propriamente de um estudo isento da história da península. Este tipo de análise *à rebours* fica particularmente evidente em relação a Pascoaes quando, em volume posterior - ao comentar o fato de António Sérgio em um texto da polêmica entre ambos ter destacado os termos *em partes iguais* ao citar uma frase de *O génio português...* em que o autor de *Maranus* considera que o sangue lusitano é uma mistura em partes iguais dos sangues semita e ariano -, afirma: "(...) eu desejei apenas notar que, na *raça portuguesa*, o sangue semita e o *ária* existem em partes equivalentes, o que se revela pela sua criação da Saudade, onde o principio espiritual e sensual (lembrança e desejo) se casam e combinam"<sup>257</sup>. Este trecho nos mostra claramente que Pascoaes partiu de uma constatação, a existência da saudade, para dela concluir que, em função disto, o sangue português *deve* ser uma junção em partes iguais dos sangues semita e *ária*. Assim, se o conceito de *raça portuguesa* é um conceito de útil, pois permite para Pascoaes, como permitiu a Teófilo, dar um embasamento *biológico* para a crença que possui sobre certas características que só existiriam entre os portugueses, podemos ver que acaba sendo mais um recurso retórico do que propriamente fruto de uma análise histórica ou científica e que a influência de Teófilo se restringe ao fato deste pensador também afirmar a existência desta *raça*.

Outro aspecto que também aparece nos textos de Pascoaes e Alfredo Coelho de Magalhães é o de vincular a decadência, em parte, a um cansaço gerado pelas grandes descobertas. Aqui temos uma influência direta de Oliveira Martins, já que esta mesma imagem aparece em *História da Civilização Ibérica*, como podemos ver no trecho abaixo, em que este autor compara o início do período da decadência com o que lhe é imediatamente anterior:

Já porém agora, no primeiro decair das monarquias peninsulares, se deixam ver todos os traços da fisionomia futura. (...)

A Espanha dos Felipes é, porém, a mesma de Jimenez; o Portugal de João III é o mesmo de João II. Não há sentimentos nem ambições diversas: há apenas a sombra da velhice, o *cansaço depois da grande obra*, e as consequências dela.<sup>258</sup>

---

<sup>256</sup>"A *raça*, que torna ainda hoje inconfundível o portuguez com o hespanhol (...) aparece-nos authenticada pela Anthropologia n'esse typo brachycephalo, ramo da grande *raça* dos Ligures (...)

(...)  
Pelo estudo da *raça*, o Ligure foi essencialmente municipalista (...). Pelos modernos estudos de politica comparativa chegou-se á descoberta, que o Municipio é de origem *ária*, e por isso encontra-se entre todos os povos provenientes d'este tronco anthropologico." Ibidem, p. XXXIX-XLI.

<sup>257</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Resposta a Antonio Sergio". *A Águia*, 2ª série, v.5, p.34.

<sup>258</sup>MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*. p.285. O grifo é nosso.



O que acima é apontado, pelo trecho que colocamos em itálico, fica mais evidente ainda em outro momento deste livro, que abaixo reproduzimos:

Assim como o excessivo trabalho consome o corpo, assim como o demasiado esforço do pensamento esvai o cérebro dos homens, assim acontece aos povos que um dia executaram uma grande obra ou viveram de uma ardente ideia. Que há porém realmente digno, mais eminentemente nobre, do que isto, na vida dos indivíduos e na das nações? Existimos para mais do que produzir, consumir, e obscuramente voltarmos ao seio da natureza animal; não condenemos, pois, as duras consequências do heroísmo.<sup>259</sup>

Estes trechos nos mostram ser as idéias de Oliveira Martins a matriz destas concepções presentes nos textos indicados de *A Águia*, nos quais estas idéias são reproduzidas quase que literalmente, apenas aplicando especificamente para Portugal uma concepção que, para o autor de *História da Civilização Ibérica*, era válida para toda a Espanha.

Pela análise que até aqui fizemos podemos verificar que praticamente todos os principais tópicos abordados pelos saudosistas encontram matrizes ou em tendências mais gerais do período que lhe é imediatamente anterior ou em obras publicadas antes da segunda série de *A Águia*. Assim, se queremos entender a especificidade deste movimento, temos principalmente de verificar que tipo de transformações ele efetua sobre estas obras que lhe são anteriores, correlacionando os vários aspectos presentes na análise parcelar que fizemos das influências possivelmente sofridas.

Como facilmente podemos deduzir de nossa leitura, o movimento mais comum realizado pelo Saudosismo em relação às suas possíveis fontes é o de *aproximação temporal* dos tópicos por elas tratados. Com este termo queremos indicar que aquilo que, em várias das obras que analisamos, era visto como uma possibilidade futura, para o Saudosismo já está ocorrendo no presente, ou no mínimo faz parte de um processo que já se iniciou.

São vários os tópicos que passam por este tipo de *aproximação*. Como vimos desde a esperada recuperação futura da grandeza passada, até o abandono da *supercivilização* pela Europa, passando pela criação em Portugal de uma síntese para a cultura européia, pela recuperação das características nacionais, por um *novo navegar* que restaure o país, para citar apenas alguns dos aspectos que abordamos, a visão saudosista sempre tende a

---

<sup>259</sup>Ibidem, p.301-302.

considerar tudo isto como em processo ou em vias de se consumir. Parece existir, nas propostas deste movimento, uma espécie de *urgência* conjugada com um profundo *otimismo*, já que esta *aproximação* é sempre de características positivas, opondo-se de forma lapidar seja ao pessimismo que caracterizou muito da produção intelectual anterior ou mesmo contemporânea a ele, seja a visão derrotista sobre o futuro do país, assunto ao qual em breve voltaremos.

Outra tendência marcante do movimento é a de *nacionalizar* as questões e soluções apresentadas pela tradição. Neste aspecto estamos pensando não só na nacionalização que ocorre na tendência educativa, que para os saudosistas se transforma na necessidade de uma educação nacional, mas também na visão que possuem de que o problema da decadência, e de uma possível restauração, se restringe ao binômio características nacionais/ estrangeirismo. Em certo sentido a própria leitura que este movimento faz do futuro, de um Portugal restaurado fornecendo a uma Europa decadente, já que descrente do materialismo que caracteriza a sua superioridade, a síntese que ela necessita, pode ser visto como uma exacerbação desta tendência de ver nas características do país algo superior ao que existe fora de Portugal. Se acima havíamos notado que existe um grande *otimismo* sobre o que pode o país utilizar, a partir desta segunda tendência podemos pensar que este otimismo em parte advém de uma crença nas *potencialidades espirituais* que o país possui.

Uma terceira tendência também marcante é o papel primacial que é dado à literatura e em especial à poesia, fazendo com que muito da ação que nas obras anteriores esperava-se que fosse apenas incitada e/ou profetizada pela poesia, transforme-se em algo que a própria poesia está realizando. Assim o *fazer literário* é mais que uma construção estética, é, para este movimento, uma das mais potentes formas de ação sobre a realidade.

Conjugada a estas três tendências, em vários aspectos com elas relacionada, está a quarta, a característica *espiritualista* do movimento. O que aqui assim designamos é não só a tendência de recuperar da tradição principalmente aquilo que tenha um caráter espiritual e de negar o que se prende mais ao lado material, mas também o de situar os problemas e soluções principalmente neste plano, imaginando que os problemas materiais se resolvem automaticamente quando os espirituais estão resolvidos. Este espiritualismo obviamente está relacionado com todas as tendências que apontamos: o problema português é de *alma*, e não de matéria, o problema europeu também é de *alma*, já que possui matéria até em demasia, e em certo sentido é esta alma que está sendo reelaborada e recuperada pela poesia portuguesa que poderá dar uma nova vida ao *corpo* europeu que dela necessita.

Todos os outros aspectos que analisamos nesta parte são, de fato, laterais diante destas quatro tendências, que caracterizam a forma peculiar como o Saudosismo se apropria das tendências que lhe são anteriores. Temos assim um movimento basicamente *otimista*,

que acredita nas *potencialidades do país*, que aposta na *virilidade* de sua literatura -capaz não só de transformar Portugal mas de fornecer a *alma* de que a Europa necessita-, e que encara o presente como um momento de *transformação positiva*. Estas simples características, assim enunciadas, mostram o abismo que separa o Saudosismo do pessimismo que, segundo vários críticos, caracterizou principalmente o período que vai de 1890 a 1910, se não toda a metade final do século XIX. Assim, se pretendemos analisar as especificidades deste movimento em relação a tradição a partir da qual se cria, torna-se um problema primacial o de tentar entender como se realiza esta transformação tão marcante, o que será agora o nosso objetivo.

Se pensarmos em tendências mais gerais da literatura do período anterior à publicação de *A Águia*, João Medina em seu *Eça Político*, como podemos ver abaixo, o considera como marcado pela questão da *miséria portuguesa*, questão que para ele, de fato, percorre praticamente todo o século XIX e o início do XX:

A obsessão da decadência nacional, dum progressivo e inelutável declínio de todo o País, complexo de morbos, reacções, profecias e desesperos que podíamos resumir na expressão de *miséria portuguesa*, atravessa todas as grandes obras literárias da segunda metade do séc. XIX português, embora se fizesse sentir, velada, surda mas às vezes lúcida e consciente, na primeira metade da centúria, por exemplo, num Garrett ou num Herculano, cujos espíritos, aqui e além, se deixam avassalar pelo sentimento dum ocaso da grei sobre a qual pesavam prenúncios de catástrofe. Da melancolia irónica do autor d'*O arco de Sant'Ana* ao solilóquio nevrótico de Manuel Laranjeira, da desistência do solitário de Vale de Lobos à consciência dum verdadeiro suicidismo nacional que não escapou a um observador consternado como Unamuno, do "Isto dá vontade de morrer" de Herculano, ao mesmo tipo de desânimo, mas agora mais fundo, mais desesperado daquele "Dá vontade de morrer - de vergonha" escrito num diário íntimo, em Fevereiro de 1908, dos sarcasmos anti-portugueses desse "riso de peleja" d'*As Farpas* à confissão, pelo mesmo Eça, vinte anos depois, de que continuavam erguidas e triunfantes as cidadelas que ele intentara derrubar por um simples clangor de risonhas trombetas, em todo o nosso séc. XIX e começos do século seguinte se escutam as Cassandras, ora irónicas, ora patéticas, a vergastarem o ar com os brados, as maldições, os trenos e as súplicas dum verbo que, de indignado, se faz rouco e por fim, áfono.<sup>260</sup>

Assim, o pessimismo que, como veremos, caracteriza o período do final do século XIX e o do início do XX de fato, no tocante especificamente à questão portuguesa, se liga a uma tradição que praticamente se inicia com o vintismo. Mas a estas tendências gerais temos de ligar outras específicas.

---

<sup>260</sup>MEDINA, João. *Eça Político*. p. 33-35. O diário íntimo citado neste trecho é o de Manuel Laranjeira.

José Carlos Seabra Pereira, ao analisar o espírito e os temas da poesia decadentista e simbolista em seu *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, estéticas que considera como preponderantes justamente no período a que acima nos referimos, considera que "No campo da temática, o pano de fundo dessas convergências [entre os vários poetas que podem ser vinculados a estes movimentos] (...) é a atitude derrotista do homem"<sup>261</sup>. Além desta constatação geral, os próprios temas que analisa, que sintetiza em títulos como "Pessimismo Fatalista", "Engano e Desengano", "Desânimo e Apatia", "Tædium vitae", para só citar alguns deles, nos mostram que estamos diante de uma poesia claramente pessimista e derrotista, bastante diversa das características que notamos como típicas do Saudosismo. Particularmente, na análise que faz de um dos temas, o "Fim de raça, fim de século"<sup>262</sup>, encontramos um trecho que nos será bastante útil:

Esta pungente decrepitude estreita-se ao desgosto da frustração individual, a qual, por outro lado, se liga à decadência do país natal e tende a integrar-se (quicá julgando tornar-se merecedora de mais digna avaliação) no fracasso de toda uma geração. Àquele estatuto coletivo da degeneração são muito sensíveis ANTÓNIO NOBRE e CAMILO PESSANHA. No *Só*, vibra-se com a visão do "país sem esperança, / Que todo alui, à semelhança / Dos castelos que ergueste no Ar", mas também se expressa o ressentimento individual de quem sofreu a "desgraça [de] nascer em Portugal!"; na *Clepsidra*, estabelece-se uma directa relação entre a Pátria exausta que recebe o nascimento do poeta e a posterior impotência que este revela - "Eu vi a luz em um país perdido. / A minha alma é lânguida e inerme"-, o que nos faz despertar para a plurissignificação simbólica de um "castelo em ruínas" ou um "Inútil! Calmaria. Já colheram/ As velas". Esta leitura reforça-se quando vemos outro poeta, então afligido pelos mesmos males [A. Lopes Vieira], expor à comiserção divina o afastamento do ideal que julga próprio dele e do seu povo.<sup>263</sup>

Também Óscar Lopes, quando analisa "A onda pessimista", em seu *Entre Fialho e Nemésio*, considera Nobre e Pessanha como poetas característicos desta tendência. Sobre o primeiro destes afirma:

O *Só* foi o livro que melhor concentrou e irradiou o pessimismo característico desta época em foco [de 1890 a 1910] . " O livro mais triste que há em Portugal" contém algumas das mais impressionantes fórmulas de tal pessimismo, como o verso "que desgraça nascer em Portugal!"<sup>264</sup>

---

<sup>261</sup> PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*. p.261.

<sup>262</sup> *Ibidem*, p.302.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p.304-305.

<sup>264</sup> LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio*. p.85.

Já o segundo, assim como Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Antero de Quental, são referidos no trecho abaixo:

Entre as vozes que participam do coro pessimista do decénio de 1890, ou pouco depois, já conhecemos as de Oliveira Martins, nas suas biografias finais, Guerra Junqueiro, em *Finis Patriae*, 1890, e *Pátria*, 1896, e Antero de Quental; entre os mais novos lembramos o estreante Júlio Dantas de *nada*; já vimos alguns autores que passaram por simbolistas, e veremos como o pessimismo é uma das principais características de autores mais integrados nessa corrente, como Eugénio de Castro e Camilo Pessanha (...). Escusado será insistir em que o Ultimatum deu ensejo a muitas publicações nas quais o ataque à Inglaterra se liga com uma oscilação entre exortações ao ressurgimento e elegias de decadência irremediável<sup>265</sup>.

Também Bernard Martocq em seu artigo "Le Pessimisme au Portugal (1890-1910)" dá um grande destaque ao papel de Nobre na tendência pessimista. Ele considera que não podemos atribuir apenas à moda literária ou ao desequilíbrio pessoal de alguns autores a presença de vários traços mórbidos na cultura portuguesa no período citado, e afirma:

(...) Il suffit pour s'en convaincre [de que os motivos acima não esgotam a origem deste pessimismo] de considérer l'ouvre qu'a laissée le héraut par excellence du pessimisme à cette époque et l'inspirateur plus au moins direct de tout ce qui suivra: António Nobre.

Cette oeuvre de peu de volume, mais historiquement fort importante et, bien que controversée, aujourd'hui encore indéniablement présente, permet en effet d'accéder à une forme plus intéressante de pessimisme. Ni concession au goût du temps, ni uniquement personnel, celui-ci conduit à une problématique et peut appeler la "miséria portuguesa".<sup>266</sup>

Ou seja, Martocq considera o *Só* de Nobre diretamente vinculado à problemática da *miséria portuguesa* apontada por João Medina, e, após o trecho que reproduzimos, cita uma série de exemplos de características desta obra que apontam para um estado de decadência no país, que espelha/exacerba os presentes no *eu* dos poemas.

Ainda sobre esta visão depreciativa do país, onde talvez a encontremos mais caracterizada no período é em um trecho citado por Óscar Lopes do livro *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*, publicado por Basílio Teles em 1905, trecho que pretendia justamente "reagir aos pessimistas"<sup>267</sup>, e que abaixo reproduzimos:

<sup>265</sup>Ibidem. p.86.

<sup>266</sup>MARTOCQ, Bernard. "Le Pessimisme au Portugal (1890-1910). *Arquivos do Centro Cultural Português*. v. 5., p.434-435.

<sup>267</sup>LOPES, Óscar. Op. cit. p.87.

Todo o mundo, com efeito, reconhece que somos fracos de carácter; que não somos excepcionalmente favorecidos em dotes de inteligência; que não podemos exhibir ao mundo, com orgulho, uma personalidade eminente na ciência, na filosofia, na invenção; que o conjunto da nossa literatura se revela indiscutivelmente inferior, em clareza e vigor de concepção e no poder expressivo da forma, a quase todas as literaturas estrangeiras; que a nossa história política, se ainda consegue dar-nos meia dúzia de nomes brilhantes, não reza todavia de um príncipe que reunisse, como Cromwell, a capacidade de estadista aos talentos militares, ou de um ministro que à firmeza e habilidades de um Richelieu juntasse as aptidões reformadoras e organizadoras de um Colbert (...). Mas, em última análise, que significa tudo isto? Significa apenas que não podemos sonhar no mundo nem uma hegemonia intelectual como a Alemanha vem actualmente exercendo, nem uma hegemonia artística à semelhança da Itália do século XV ou da França de Luís XIV. Não temos meios, nem força para destinos tão altos: o nosso território é breve, a nossa população escassa, a nossa ténpera branda. Jamais seremos, por certo, nem amos de homens, nem educadores de povos. Mas, se está para além dos nossos talentos e recursos materiais, pelo menos no presente, um papel histórico primacial, não os excede o de órgão transmissor de civilização junto de raças atrasadas ou menos bem dotadas que a nossa. Se nos é vedado inventar e criar, é-nos ainda possível comunicar e difundir; e estas funções modestas são quanto basta para viver.<sup>268</sup>

Também em um texto de Oliveira Martins, publicado originalmente no *In Memoriam* de Antero - trecho que foi citado por Martocq, que considera que as palavras do autor da *história de Portugal* "Plus qu'un éloge funèbre, elles constituent, de par leur amertume, un constat d'échec définitif du 'Vencidisme', dernière planche à laquelle crurent pouvoir se rapprocher quelques membres de la génération de 70 (...)." <sup>269</sup>, vencidismo que em outro trecho de seu artigo considera como uma das fontes do pessimismo - encontramos uma visão bastante negativa do presente. Perguntando-se "se a vida tormentosa e a morte trágica d'este homem [Antero], retratam, ou não, o processo da alma humana no nosso tempo" <sup>270</sup>, o autor de *História de Portugal* acaba por traçar um retrato pessimista do que foi, para ele, o século XIX, como podemos ver abaixo:

Tambem nós todos dançámos, em festas, em guerras, em dissipações e orgias, quando o seculo acordava para a existencia, levado pela mão de quantos

---

<sup>268</sup>TELES, Basílio. *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*. p.224-225. Apud. LOPES, Óscar. Op. Cit. p. 87-88.

<sup>269</sup>MARTOCQ, Bernard. Op. cit. p.424.

<sup>270</sup>MARTINS, Oliveira. "O mal do seculo". *In Memoriam de Antero de Quental*. p.64.

Napoleões se erguiam, fascinados e arrebatados pela fortuna do Grande. Também nós todos nos agitámos em revoluções que não foram menos malogradas por terem saído do terreno da phantasia para o do facto. E também chegámos todos á conclusão de que é inutil agitarmo-nos; de que, acima dos planos dos homens, está a obscura fatalidade das cousas levando as sociedades para destinos indeterminaveis. E também por isso chegámos todos á depressão da vontade, ao amesquinamento do character, e ao tedio morno da existencia passiva.

Tambem nós todos dessorámos o cerebro archititando theorias, qual d'ellas mais bem grudada, para explicar a substancia das cousas, em substituição das teorias ortodoxas caídas em descredito. E também, depois de vermos tombar por terra sucessivamente essas construcções do engenho especulativo, nos encontrámos diante do vazio. Fazia gosto ver a pujança e sufficiência com que affirmava-mos ter-se afinal descoberto a Verdade: quanto gosto, quanta tristeza o contemplar a fallencia da intelligencia especulativa; quanta lastima o reconhecimento da inanidade das formulas; quanto dó o espectáculo simultaneo da gente ingenua que ainda crê no regresso da fé sancta, da gente temeraria que pede a salvação as superstições occultistas, e da gente soez que se limita a engordar, refocilando-se no chiqueiro da vida, como porcos.<sup>271</sup>

Se no início de seu texto Martins havia dito que nunca tinha hesitado tanto "ao pôr sobre o papel o que o pensamento me dicta"<sup>272</sup>, o que ocorria pois "tambem, nunca se deu o caso de ter de commemorar a vida e o character de um amigo querido, de recordar o seu tragico fim, e de relacionar tudo com o nevoeiro tremendo de interrogações que se acastellam no horisonte do nosso final de seculo"<sup>273</sup>, termina por mostrar que por trás deste nevoeiro existe como única postura possível a inação, a passividade, já que nada parece poder modificar um mundo não acessível às potencialidades do homem, sejam estas as da ação, sejam as da razão. Esta confissão de impotência nos mostra que não apenas nas suas biografias encontramos o tom pessimista que caracterizou o final de sua carreira.

Por fim devemos considerar que tanto Martocq quanto Óscar Lopes apontam que foi Manuel Laranjeira "quem mais influenciou Unamuno quanto à concepção de um pessimismo intrinsecamente português"<sup>274</sup>, mostrando que a visão do filósofo espanhol também teve como matriz a de um escritor português.

Esta visão pessimista e derrotista, que percorre como vemos o conjunto da produção cultural portuguesa deste período, aparecendo tanto em poesias como em livros de reflexão política e literária, apresenta um contraste gritante com o *otimismo nacionalista* dos

---

<sup>271</sup>Ibidem. p.65-66.

<sup>272</sup>Ibidem. p.59.

<sup>273</sup>Ibidem. p.59

<sup>274</sup>LOPES, Óscar. Op. cit. p. 87-88.

Saudosistas. Este abismo poderia, porém, em parte ser explicado por certas tendências, que Martocq vê surgirem a partir de 1900 na literatura portuguesa. Para este crítico, no primeiro decênio deste século surgem, em algumas obras, duas saídas para este estado de total pessimismo. A primeira delas vem de *Despedidas* de Nobre, sobre o qual ele afirma:

(...) Ce qui compte, c'est qu'à un moment de noir pessimisme, dû à une frustration nationale, elle même étant le fruit amer d'une humiliation -90- d'une défaite -91- et d'une misère généralisée et analysée par Silva Cordeiro, un poète trouve naturellement la voie du sébastianisme par laquelle, comme l'écrit Jean Subirats

des groupes opprimés ou frustrés ont pu rendre plus tolérable la tension ambiante, exprimer des revendications qui ne pouvaient passer par d'autres voies et, parfois, apporter à leur problèmes de solutions provisoires.

Nést-il pas significatif que nous devions de connaître ce texte à l'un des propagandistes républicains les plus directement responsables du soulèvement de 91 et les plus directement touchés par son échec? Les deux choses sont liées et si l'on en croit Alberto de Oliveira, la défaite du 31 janvier 1891 a provoqué l'épanouissement de poésies populaires messianiques et il va jusqu'à faire de Felizardo de Lima un nouveau Bandarra. Dans le texte qui accompagne les fragments du "Desejado", Bruno insiste particulièrement sur la portée non plus individuelle mais bien nationale de ce sébastianisme.<sup>275</sup>

Se um certo sebastianismo é uma das soluções apresentadas por este período, e Martocq assinala que é sintomático o fato de que o mesmo Sampaio Bruno que apresenta *Despedidas* publique *O Encoberto*, este messianismo foi duramente atacado por Manuel Laranjeira, como nos indica este crítico:

(...)Comment espérer en une solution que consiste à se renvoyer elle-même aux calendes grecques? C'est dans la réalité, là où se manifeste le mal, que doit être recherchée la solution à ce mal. Tel est le sens d'une série d'articles que, sous le titre de *Pessimismo nacional*, Manuel Laranjeira publie en 1907-1908 dans le journal républicain *O Norte*. Le titre en est trompeur car il s'agit d'une réfutation en règle de tous les thèmes du pessimisme fin de siècle (...).<sup>276</sup>

Além desta depreciação da pregação messiânica, o que vai caracterizar estes artigos de Manuel Laranjeira, publicados em 1907 e 1908 no jornal *O Norte*, é a proposta educativa

---

<sup>275</sup>MARTOCQ, Bernard. Op. cit. p.448-449. O trecho citado por Martocq é de SUBIRATS, Jean. "Aspects du messianisme luso-brésilien". *Tilas III*. p.475.

<sup>276</sup>MARTOCQ, Bernard. Op. cit. p.450.



que eles encerram. Para o autor de *Comigo* é na educação que reside a possível saída para os problemas de Portugal, como nos mostram os dois trechos abaixo:

É a raça portuguesa uma raça inadaptável? Educar é adaptar. E alguém já tentou educar o povo português? Já alguém demonstrou que o espírito português é refratário à aquisição duma consciência cívica? Já alguém demonstrou que o cérebro português é incapaz de adaptar-se à complexidade da vida moderna.<sup>277</sup>

Não; não é necessário recorrer à hipótese inconsistente da degenerescência colectiva, nem a factores antropológicos mais duvidosos ainda, para explicar o pessimismo nacional. Este nosso doloroso mal-estar ainda não é o paroxismo duma raça decadente, ainda não é o crepúsculo dum Povo. O nosso pessimismo quer dizer apenas isto: que em Portugal existe um povo, em que há, devoradas por uma polilha parasitária e dirigente, uma maioria que sofre porque a não educam e uma minoria que sofre porque a maioria não é educada.<sup>278</sup>

Esta tendência de ver na educação uma saída possível para o pessimismo que existia em Portugal vai ser comum a outros intelectuais, como João de Deus e Trindade Coelho, que vão se engajar nesta luta, e se constitui na segunda via possível de saída neste primeiro decênio do século<sup>279</sup>.

É inegável, como já o notamos, que esta proposta educativa terá seus reflexos nas concepções saudosistas, assim como também nelas podemos detectar um certo messianismo, mas que, até o presente momento, não pode ser considerado exatamente como *sebástico*. Assim, se estas duas tendências são uma resposta, ainda que tímida, ao pessimismo existente no país, e se influenciam de forma lateral o Saudosismo, certamente elas não explicam o conjunto das posturas mais recorrentes neste movimento, o que nos indica que estas se devem a outros motivos.

Se confrontarmos tudo o que aqui vimos sobre esta *onda pessimista* com as influências que apontamos nas propostas saudosistas, poderemos começar a vislumbrar quais seriam estes motivos. Na linha de frente deste pessimismo estão alguns dos nomes fundamentais que antes havíamos assinalado como possíveis precursores de algumas tendências deste movimento: Oliveira Martins, António Nobre, Camilo Pessanha, Antero de Quental e Guerra Junqueiro. Também são citados como relacionados com este ponto de vista, que ganha corpo no final do século, Garrett, Herculano e Eça. Ou seja, praticamente

---

<sup>277</sup>LARANJEIRA, Manuel. *Pessimismo Nacional*. p. 36. Apud: MARTOCQ, Bernard. Op. cit. p.450.

<sup>278</sup>LARANJEIRA, Manuel. Op. cit. p. 40-41. Apud: MARTOCQ, Bernard. Op. cit. p.452.

<sup>279</sup>Cf. MARTOCQ, Bernard. Op. cit. p.453-455.

todos os principais intelectuais e escritores que são, de uma ou outra forma, incorporados pelo pensamento saudosista, também são aqueles que se ligam, direta ou indiretamente, à corrente pessimista.

Em alguns casos, como podemos notar, esta simultaneidade chega a ser especialmente clamorosa. Do mesmo "San Gabriel", que indicamos como uma possível fonte para o *navegar espiritual* presente em vários textos de *A Águia*, Seabra Pereira retira o trecho "Inútil! Calmaria. Já colheram/ As velas" como uma das marcas da visão negativa sobre o país. Em um texto que ainda não citamos, o verbete *decadência* do *Dicionário de História de Portugal*, Joel Serrão considera a visão da decadência existente em *História da Civilização Ibérica* "mais pessimista que [a de] Antero"<sup>280</sup>, vendo assim o pessimismo justamente em outra das obras fundamentais para a visão saudosista. O livro *Pátria*, de Guerra Junqueiro, que indicamos ao analisarmos a influência da tradição na revista portuense, é considerado, por Óscar Lopes, como uma das obras significativas da *onda pessimista*. Assim não são apenas os mesmos homens, mas mesmo em alguns casos as mesmas obras que se caracterizam como pertencentes a uma visão pessimista e como influências em um movimento claramente otimista e confiante em si, como vimos ser o Saudosismo. Este aparente paradoxo pode porém ser explicado, se pensarmos que o pessimismo é apenas uma das facetas, por vezes preponderante, do pensamento português no século passado e no início deste.

Como notamos em nosso primeiro capítulo, e pudemos aqui detectar ao analisarmos as obras que mais diretamente influenciaram o Saudosismo, ao lado de muita desistência e desânimo, uma constante das produções do século XIX e do início deste é uma esperança, por vezes tênue, em outras mais explícita, na possibilidade de reerguimento nacional. Certamente no final do século, após o trauma do *Ultimatum* e da frustrada tentativa de implantação da República, que foi a revolta de 31 de janeiro, o tom dominante seria fatalmente o pessimista, tom que pode inclusive ser agravado pela própria percepção, muito claramente sentida pelos neogarrettistas, de que o Portugal como eles o conheciam estava fadado ao desaparecimento. E a isto ainda devemos somar o fato de que este tom pessimista

---

<sup>280</sup>SERRÃO, Joel. "Decadência". *Dicionário da História de Portugal*. p. 787. Abaixo reproduzimos o trecho de onde esta citação foi retirada:

"Não só ideólogo (como Antero), mas também, e sobretudo, historiador, apreende-se na sua *História da Civilização Ibérica* o intento de compreender, na sua facticidade temporal e no seu todo orgânico, o evoluer do *processus* hispânico. Em última instância, mais pessimista que Antero, pensava que 'a decadência dos povos e a morte dos indivíduos são condições necessárias ambas, da sua grandeza e da sua existência; e os fenómenos ou sintomas da corrupção colectiva ou de decomposição dos organismos animais, são também apenas a perversão do princípio da vida, no qual se contém a necessidade da morte' (*História da Civilização Ibérica*)" (Ibidem, p. 787.)

não era exclusivo de Portugal, mas característico do estágio por que então passava a cultura européia. Mas isto não significa que mesmo durante este período, como por sinal notou Bernard Martocq em relação a alguns aspectos, este pessimismo não ladeasse algumas vezes com esperanças por vezes descabidas, irreais, mas presentes. Apenas para citar alguns exemplos claros disto, podemos notar que quando Nobre afirma que vê sua pátria em sepultura, em seu poema *Despedidas*, ao mesmo tempo vê nesta morte uma possibilidade de ressurreição; Junqueiro, por seu turno, quando aponta para a situação lamentável do presente em *Pátria*, ao mesmo tempo espera, messianicamente, por um improvável retorno de um Nunálvares.

Neste sentido o Saudosismo é, no início do século XX, o herdeiro direto desta esperança, sempre possível e quase sempre frustrada, que percorre a cultura portuguesa desde o vintismo. Os materiais para a criação do edifício saudosista achavam-se nesta cultura, por vezes soterrados por camadas de pessimismo e impotência, e bastava apenas que fossem desenterrados e organizados de forma tal que pudessem gerar uma nova proposta nacional. Assim, a proposta Saudosista é, de fato, uma releitura de todo o passado cultural imediato, que tenta opor um otimismo e uma vontade de potência ao pessimismo e impotência que caracterizam muito da cultura portuguesa de então. Se, no seu texto publicado no *In Memoriam de Antero*, Oliveira Martins, ao falar do passado de sua geração, afirma que "Fazia gosto ver a pujança e suficiencia com que afirmava-mos ter-se afinal descoberto a Verdade", neste período de dois curtos anos em que estão os três volumes que analisamos, os saudosistas também acreditam que possuem esta Verdade, e que detém o que consideram a chave necessária para realizar o que, segundo Joel Serrão, foi o objetivo de todo o liberalismo português: regenerar o país.

Não importa tanto, culturalmente, se estas propostas eram ou não válidas e exequíveis. Importa mais verificar que este movimento acaba por realizar uma síntese de toda a esperança que, mais ou menos explícita, percorre a cultura portuguesa do século XIX, construindo uma auto-imagem nacional radicalmente diversa da proposta pelos pessimistas e mesmo pelos republicanos, em parte também tributários desta visão otimista, já que estes continuavam a ter na *Europa culta* um modelo em vista do qual Portugal só poderia ser um país menor e inferiorizado. O Portugal, construído pelo Saudosismo, depende exclusivamente de suas potencialidades nacionais e pode mesmo, para este movimento, vir a ser, se corretamente encaminhado, o *mestre espiritual* de uma Europa perdida em incertezas. Poderemos notar, na seqüência de nossa análise dos próximos volumes de *A Águia*, que este grande edifício de esperanças, como já havia ocorrido com vários outros, irá rapidamente desmoronar.

### **3.3 Do quarto ao sexto volume: sob o signo da polêmica**

### 3.3.1 Introdução

Se cada um dos três primeiros volumes de *A Águia*, como nossa análise tentou demonstrar, representava um conjunto específico de reflexões sobre o país, em que o Saudosismo apresentava diferentes papéis, o mesmo já não ocorre com os três volumes subseqüentes. Estes possuem uma unidade que lhes é dada pela polêmica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes, que se iniciou no nº 22, de outubro de 1913 (quarto número do volume IV) e se alongou até o nº 31, já no início do volume VI, de junho de 1914. Ao todo foram quatro participações de Sérgio, a primeira composta por duas cartas, e outras quatro de Pascoaes, às quais devemos acrescentar uma série de outros textos, em especial no quinto volume, que, mesmo sem se referir diretamente à polêmica, acabam por referendar algumas das posturas de um dos dois polemistas. De fato Sérgio está praticamente isolado, mas multiplica suas participações, atacando os saudosistas também em textos sobre a educação ("O *self government* e a escola") e em um novo poema. Já o grupo saudosista contará, além de Pascoaes, com outros colaboradores, como Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, e com outros textos, de vários autores, que tenderão a referendar parcialmente as posturas do autor de *Maranus*.

A unidade a que acima nos referimos, e que tentaremos demonstrar mais à frente, faz com que precisemos analisar estes volumes de forma distinta da que utilizamos nos volumes anteriores. Inicialmente trataremos dos textos referentes a Portugal e/ou ao Saudosismo anteriores à citada polêmica. Depois disto analisaremos a polêmica e os textos a ela relacionados, dividindo-os pelos volumes em que apareceram. Por fim cuidaremos dos textos posteriores a esta polêmica, pertencentes ao sexto volume em que ela se encerra, tentando, entre outros aspectos, verificar em que medida ela produziu mudanças nos tons das colaborações existentes na revista.

### 3.3.2 Antes da polêmica Sérgio-Pascoaes

Como dissemos a polêmica Sérgio Pascoaes inicia-se no nº 22 de *A Águia*, existindo portanto no quarto volume três números anteriores a ela. Nestas 96 páginas são os seguintes os textos em que são formuladas propostas para o país e/ou esboçadas características sejam da nação, sejam do povo português:

1. "Carta a um amigo do Brasil". Raul Proença. p.26-32.
2. "A Memória". Teixeira de Pascoaes. p.33-36.
3. "Auto do Regresso (Excerto)", Augusto Casimiro. p.43-46.
4. "A Catalunha". Ribera y Rovira. p.72-75.
5. "Bibliografia: *Portugal, potência da Europa* de Afonso de Melo". Não assinado. p.95.

Destes textos, o único claramente relacionado com a situação atual do país é o de Raul Proença. Neste artigo o autor inicialmente critica um outro texto, publicado por José Veríssimo no *Imparcial* do Rio de Janeiro em que o crítico brasileiro falava sobre supostos crimes contra os prisioneiros políticos em Portugal, mostrando que estes crimes de fato não existiam. A seguir analisa os erros e acertos de quase três anos de República em Portugal, apontando como erros a falta de liberdade de manifestação conjugada com o fato de a República se mostrar pouco severa com os vários tipos de atentados ao regime republicano realizados pelos monárquicos, ao que acrescenta:

Outro defeito que se pode assacar à República é o não ter tido até agora verdadeira preocupação em escolher para os logares de maior responsabilidade os homens de comprovada competência. (...)

Outro defeito ainda é todo o seu falado rigorismo (rigorismo que não existe senão sob o ponto de vista da liberdade de opinião) não ter sido senão epidérmico e superficial, permitindo que continuassem exercendo funções públicas *e do mesmo modo que a exerciam* homens da mais provada incompetência ou do mais incrível desmazelo ou do mais evidente banditismo.<sup>1</sup>

Mas, se considera a existência destes erros, por outro lado pondera que, em função de todas as conquistas já realizadas em um curto espaço de tempo, de fato eles são pequenos:

(...) Outros republicanos virão, mais iluminados, menos estreitos, mais idealistas na fé e mais realistas na ação, que façam o que estes ainda não

---

<sup>1</sup>PROENÇA, Raul. "Carta a um amigo do Brasil". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p. 31.

conseguiram nem conseguirão fazer: uma República larga, progressiva, em que caibam á vontade todas as opiniões, uma República de competências e de autoridades.

Mas êstes, com todos os seus defeitos e pecados, também já teem feito alguma coisa, tendo feito pelo menos mais do que os últimos vinte anos da monarquia. A lei travão -a lei dos adidos- tentativa de equilibrar o orçamento - a efectivação mais ou menos perfeita dessa tentativa, graças á enérgica e patriótica política financeira de Afonso Costa - o resgate das 72:000 obrigações - o pagamento parcial da divida flutuante externa - a lei da separação, afóra umas tantas grosserias e incoerências - a lei do divórcio - a lei da familia - a criação do ministério da instrução, duma Faculdade de Estudos Sociais em Lisboa e do Curso Superior Técnico - o desprezo bem manifesto do caciquismo eleitoreiro pelo aumento das contribuições - e ao lado destas coisas já realizadas, outras que estão em projecto e teem sido defendidas por todos os partidos (...) são obras bastantes, meu amigo, para eu perdoar todos os êrros e dislates cometidos e não me lembrar com muitas saudades, confesso-lhe, da monarquia dos aditamentos.<sup>2</sup>

Como podemos notar este artigo não traz propriamente propostas para o país. Trata-se mais de um balanço do que a República já conseguiu alcançar, e daquilo que ainda precisa ser realizado, e mesmo este segundo aspecto é considerado como *menor* se comparado a tudo que já foi realizado. Se, como veremos, é o artigo em que a realidade de Portugal é mais diretamente interpelada, nesta parte do quarto volume que antecede a polémica, não chega a constituir uma análise abrangente do que precisa ser feito para que o país possa se reerguer. Apenas são apontados alguns aspectos genéricos, como a necessidade da liberdade de opinião e de um maior rigor contra os que conspiram para destruir a República, que precisam ser atingidos em um futuro próximo.

Dos demais artigos apenas o de Ribera y Rovira chega a se referir diretamente a Portugal. Este texto volta a defender a criação de uma confederação ibérica formada por Portugal, Espanha e Catalunha, como já havia feito este autor em seu outro artigo que atrás analisamos. Deste texto interessa-nos particularmente um dos argumentos que utiliza para mostrar a necessidade desta confederação, que abaixo reproduzimos:

A doutrina politica que, respeitando a diversidade nacional peninsular vier conseguir a Confederação ibérica, terá resolvido o magno problema da vida equilibrada e justa, conforme à natureza, dos povos que se movem sob o impulso característico dos tais espíritos: -o galaico-português, que abrange a Espanha atlântica; o castelhano, que submeteu à Espanha central todas as várias gentes da fala castelhana; e o catalão, que unifica as populações da Espanha mediterrânea. Desses três imortais núcleos nacionais, da sua elevação política á categoria de estados autonomos e a subsequente confederação respeitadora da peculiar

---

<sup>2</sup>Ibidem. p.31-32.

liberdade, nascerá a Ibéria futura, *o firme alicerce da dictadura espiritual do genio latino no mundo culto.*<sup>3</sup>

Como podemos ver pelo trecho acima que grifamos, Ribera y Rovira considera que apenas uma confederação ibérica poderia permitir que a cultura peninsular se afirmasse diante das outras culturas europeias. Esta postura claramente não é a mesma dos saudosistas, já que estes consideram que Portugal, por si só, engendrará uma nova religião que se espalhará pelo mundo. Desta forma podemos notar que existem algumas divergências entre as visões que este autor, um dos mais assíduos colaboradores estrangeiros de *A Águia* até o momento, e os saudosistas possuem sobre a forma mais adequada de transformar Portugal em uma grande nação<sup>4</sup>.

Se nos dois textos que acima abordamos existe uma análise seja do estado atual do país, seja de possíveis necessidades para um futuro engrandecimento, o interesse dos demais, que no início desta parte indicamos, é de outra ordem. O de Augusto Casimiro, "Auto do Regresso", é o excerto de uma peça, cujo título não é indicado, na qual temos o retorno de um navegante, Diogo Henriques, à casa de seus pais. O texto praticamente inteiro é montado com um diálogo entre o pai de Gil, Antão Henriques, e Diogo Annes, um cego que prediz o regresso do navegante. Nele podemos encontrar uma série de referências positivas ao período das navegações, já dada pela marcação de cena inicial: "No tempo da Aventura - Numa casa da beira mar..."<sup>5</sup>. Esta indicação parece mostrar que o tempo atual não é mais o *da Aventura*, valorizando claramente as características deste período que está sendo abordado, em oposição a um presente que não mais participa de suas características.

Esta imagem positiva também pode ser encontrada na fala de Diogo Annes que abaixo transcrevemos:

(...) Heroi  
 Volta, ele que partiu moço, cheio de sêde!  
 Foi colher gloria, Antão - volta um heroi! - eh! vêde -,  
 Com a alma, afinal, - que o Mar lhe deu grandeza -  
 Mais erguida e maior, mais alta e português!<sup>6</sup>

<sup>3</sup>RIBERA Y ROVIRA. "Catalunha". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.74. Os itálicos são nossos.

<sup>4</sup>Este texto também possui um outro aspecto lateral interessante. Ribera y Rovira o inicia citando um trecho de Oliveira Martins no qual considera que está admiravelmente definida a alma portuguesa em contraste com a castelhana, e este trecho citado é o mesmo que já o fora, nos números anteriores da revista, por Jaime Cortesão e Alfredo Coelho de Magalhães em situações análogas. É no mínimo curiosa esta grande importância dada a esta definição de Martins, e mais à frente a ela nos referiremos.

<sup>5</sup> Augusto Casimiro. "Auto do Regresso (Excerto)". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.43.

<sup>6</sup>Ibidem. p.43.



Este trecho certamente insere-se em uma tradição, que remonta pelo menos até *Os Lusíadas*, que considera as navegações como uma forma de aperfeiçoamento espiritual, e não como simples fato econômico. Aqui claramente são as navegações que permitem que Diogo retorne com uma alma não apenas *mais alta*, mas também *mais portuguesa*. Curiosamente, porém, neste mesmo texto também aparecem elementos que contradizem esta visão, ou pelo menos a problematizam, como podemos ver no trecho que abaixo reproduzimos.

DIOGO

E as vossas terras, mestre Antão?

ANTÃO

Abandonadas...

DIOGO AVES (sic)

Ouví dizer...

ANTÃO

Tam velho sou!... Bem precisadas  
Andam elas de quem as trate com Amor...  
Assim podia eu lá... Nesta continua dôr,  
Nesta incerteza, assim... Assim aqui sósinho...  
Campo que já deu pão hoje é campo maninho...  
Faltou ele faltei eu...

DIOGO

Tende-lo ahi agora!

E ha de o pão aloirar por esses campos fóra  
Como a gloria a florir nos campos do Oriente!

(numa voz cheia de saudade)

- Navegar, navegar... Hoje, no mar salgado  
Trevas não ha! Melhor que um leme é um arado...  
Fazer crescer o pão, os celeiros replétos,  
Semear, cultivar flôres, seáras... -néto...<sup>7</sup>

Este trecho é bastante ambíguo. De início a visão das terras abandonadas durante o período das navegações, por não ter quem delas cuide, também é uma visão recorrente na

---

<sup>7</sup> Ibidem. pp.44-45.

cultura portuguesa. Já Gil Vicente, em *O Auto da Índia*, apontava para este aspecto de forma indireta ao indicar que os homens bons iam para Índia buscar fortuna, enquanto que no país ficavam apenas aqueles que nada valiam<sup>8</sup>. De forma mais relacionada com o despovoamento do reino podemos nos lembrar da fala do velho do Restelo, em que este afirma aos navegantes que as navegações fazem com que o *reino antigo se despovoe e enfraqueça*<sup>9</sup>. Já no século XIX o empobrecimento da agricultura é apontado por Antero em *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos* como um dos efeitos negativos das navegações<sup>10</sup>. Assim, ao abordar este tópico Augusto Casimiro está trazendo para o seu texto um conjunto de argumentos *contrários às grandes navegações*, que em certo sentido problematizam a imagem positiva que elas possuíam até então em seu interior. A última fala de Diogo que acima reproduzimos só vem a reforçar o estatuto ambíguo que as navegações possuem neste texto. Contrariando a indicação de cena original, que afirmava que este diálogo acontecia *no tempo da aventura*, Diogo considera que *hoje, no mar salgado, trevas não há*, ou seja, que o mar já não fornece *aventura possível* e que é melhor *um arado* que *um leme*, sendo portanto o cultivar o solo uma aventura no mínimo equivalente às do Oriente, equivalência explícita quando compara o alourar dos campos a estas glórias, se não maior. Assim neste texto se interpenetram e se chocam duas imagens distintas, sem que se chegue a uma síntese sobre elas. As navegações são, ao mesmo tempo, positivas e negativas, um acontecimento presente e coisas de um passado que não mais existe, devendo neste caso se instituir uma nova relação entre os portugueses e sua missão. Se lembrarmos toda a mitologia criada em torno do *navegar* nos números anteriores da revista, na qual Augusto Casimiro era uma das figuras centrais, podemos verificar o quanto

---

<sup>8</sup> Nesta peça podemos notar que o marido de Constança é, de fato, o único homem correto que aparece. É ele que vai para as Índias para lá conseguir riquezas. Os que ficam, na peça, são o castelhano, que é definido pela moça como *rebolão e refião*, e Lemos, definido como *rascão* e como *safado* pois "*não suspirava o coitado / senão por algum dinheiro*". Assim os homens bons partem, deixando suas mulheres nas mãos de homens que nada valem. A própria viagem do marido, por três anos, é que propicia as traições de Constança. Existe, assim, uma crítica, nesta peça, às grandes descobertas, pois elas retiram do reino os homens que de fato têm valor, e o deixam entregue aos que nada valem: o preço do poderio econômico é a perdição moral do país, e, em certo sentido, o decaimento de sua produção interna, pois apenas ficam os que de fato não trabalham.

<sup>9</sup> "Deixas criar às portas o inimigo/ Por ires buscar outro de tão longe/ Por quem se despovoe o reino antigo/ Se enfraqueça e se vá deitando ao longe" CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. p.138.

<sup>10</sup> "Dera-se, com efeito, durante o século XVI, uma deplorável revolução nas condições econômicas da sociedade portuguesa, revolução sobretudo devida ao novo estado de coisas criado pelas conquistas. O proprietário, o agricultor, deixam a charrua e fazem-se soldados, aventureiros: atravessam o oceano, à procura de glória, de posição mais brilhante ou mais rendosa. (...) A cultura diminui gradualmente" QUENTAL, Antero de. *Prosas Sócio-políticas*. p.288.

este texto, com seus defeitos, traz de problemas, ao mostrar uma situação ambígua e não resolvida em relação não só ao *navegar passado* mas, por conseqüência, para o *navegar presente*. Veremos mais à frente que esta posição de Augusto Casimiro não aparece apenas neste texto, o que em certo sentido justifica a necessidade que sentimos de analisá-lo com algum vagar.

O texto publicado na seção de bibliografia sobre o livro *Portugal, potência europeia* de Afonso de Melo interessa por mostrar no interior de *A Águia* que as propostas de renascimento nacional não eram exclusivas do grupo saudosista. Segundo o comentário, não assinado, este livro "constitue um generoso brado no intuito de nacionalização de Portugal, que mais e mais vai interessando o país e para o qual a *Renascença Portuguesa* tem contribuído com o melhor de seus esforços". Este procedimento de mostrar frutos e ou consonâncias do pensamento saudosista com outras pessoas não pertencentes ao movimento tem, certamente, o objetivo de tornar *mais válidas* as propostas apresentadas na revista.

Deixamos o texto de Teixeira de Pascoaes que acima indicamos para o fim por se tratar daquele que mais remotamente se relaciona com o país. Ele é, segundo indicação contida em seu final, um trecho de *O Verbo escuro*, então no prelo<sup>11</sup>, e é composto por 28 fragmentos de tamanhos distintos, vários de uma única frase. Nos primeiros fragmentos, até o décimo, o autor fala da memória, considerando que as coisas têm uma vida mais verdadeira e plena nela do que no plano real. Em seguida, nos fragmentos 11 a 13, cita dois versos de Bocage e os comenta, como podemos ver abaixo

XI Tu Abidêno, amante,  
Tu velas n'este horror, com a Saudade.

(Bocage, tom.II, das Rimas)

Eis um verso antigo em que a nossa Deusa adquire já Personalidade. A saudade de alguém ou de alguma coisa quebra a relação que a subordina e torna dependente, para alcançar existencia abstrata, realidade espiritual em si própria.

XII. A Saudade, com letra grande, aparece-nos ao lado de Abidêno: são duas criaturas que se encontraram.

XII. *Ab initio*, vivia confundida e prisioneira; não era senhora sua, mas de alguém ou de alguma coisa.

<sup>11</sup>Não tivemos acesso à primeira edição de *O Verbo Escuro*, publicada em 1914 no Porto (Cf. GARCIA, Mário. *Teixeira de Pascoaes Contribuição para o estudo da sua personalidade e para a leitura crítica de sua obra*, p.329.). A segunda, que faz parte da edição de Pascoaes de suas obras completas, apresenta algumas diferenças em relação ao texto publicado em *A Águia*.

Depois, libertou-se; e, por ultimo, com a plena revelação, conquista o altar que pertence aos Deuses.<sup>12</sup>

Pode-se notar facilmente o quanto de arbitrário existe nestas reflexões de Pascoaes. O simples uso da maiúscula na palavra *saudade*, um procedimento recorrente nas poesias de Bocage com várias outras palavras, faz com que ele a considere como um *ser* independente que se encontra com Abidêno para, logo a seguir, dizer que ela conquista o altar dos deuses com sua plena revelação, o que, pelo que vimos dos textos de Pascoaes até aqui, ocorreria apenas na sua atualidade.

Mas se este raciocínio é arbitrário, outro trecho deste texto em certo sentido justifica esta arbitrariedade. Após a parte que citamos acima Pascoaes fala da sua experiência em Coimbra para, a partir dela, tecer considerações sobre a evolução da vida do Homem, do *anjo* infantil ao cidadão adulto e no final de seu texto, como podemos ver abaixo, fala sobre este último:

XXV. Depois vem o Crepusculo, a Esposa, e a livre Critica... Os 30 anos vão ficando para traz; a nossa terra interior definha; as suas creações espirituas como que se imobilizam, rareando... e o mundo externo, atravez de largas clareiras, fére-nos directamente a vista desencantada.

(...)

XXVI. A sociedade, entretanto, domina a pobre creatura esteril, enclausurando-a nas suas regras celulares.

O Anjo da Infância, o Archanjo juvenil, o Sér vivo, enfim, é já o cidadão, uma espécie de fossil animado que, ao descer à sepultura, enquista na terra que não o digere.

XXVII. Eis o periodo siberiano do senso-comum, bem mais comum, ai de nós, do que se pensa!

O que n'este periodo, atenua a triste condição do homem, é a insensibilidade adquirida, que o torna indiferente ao abandono de alma em que vive...

O organismo fez-se machinismo.

A loucura creadôra sucede a carcassa esteril.

XXVII. São bem raros aqueles que *teimam* em viver, sob a excommunhão do *Maior Numero* que os chrisma de *malucos, poetas, criminosos, magicos!*

Mas que admiravel espetaculo, o do homem que vive até à hora da sua morte!

Eu vos abençoô, malucos, lunaticos, mágicos, criminosos, poetas! e os que saem para a rua sem chapéu por divino esquecimento! e os que vão a falar sós pelos

<sup>12</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Memoria". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.34.

caminhos... e os que olham a lua, latindo intimamente... e os que se não conformam, os que não seguem a lei nem o costume,- todas as criaturas onde o Anjo da Infancia sobrevive...<sup>13</sup>

No trecho acima se casam um certo horror ao *maior número* -que ecoa com as propostas antidemocráticas defendidas no primeiro volume por Vila-Moura e Martins Manso e, em certo sentido, referendadas por Pascoaes- e uma exaltação a todos aqueles que não se curvam ao senso comum e, por isto, podem continuar vivos mesmo depois da idade em que os homens, abandonado o *anjo* infantil, não mais podem viver.

Este trecho tem um particular interesse pois, em um primeiro momento, em certo sentido justifica a arbitrariedade que acima indicamos. Se a crítica, o senso comum, são dados negativos, este raciocínio um pouco delirante que Pascoaes tece a partir de dois versos de Bocage são uma marca de que ele ainda vive, que não se curvou à ditadura do maior número e da razão. Mas além disto este trecho também justifica a própria pregação de Pascoaes a Portugal. Se só a loucura permite que os seres continuem vivos, se só a diferença em relação à maioria, coisificada e transformada em maquinismo, permite que o território espiritual não diminua, a nação que apostar nesta loucura e nesta diferença será aquela que poderá sobreviver. Podemos agora entender de outra forma por que Pascoaes é tão contrário ao simples progresso material. Não se trata apenas de uma aposta naquilo que de fato o país possui ou pode vir a ter, uma síntese espiritual gerada a partir de suas heranças culturais, menosprezando o que ele não pode, neste momento, ter, um efetivo poder material. Se a vida advém do espírito e da loucura, é na possibilidade de Portugal insuflar a sua alma rediviva, delirante e mesmo louca, a uma Europa coisificada e inerte em suas conquistas materiais, uma *carcaça estéril* que precisa ser reanimada, que Pascoaes aposta. Assim existe entre a sua visão da vida e as propostas que elabora para o país o mesmo conjunto de pressupostos, o que demonstra que ao propor certas saídas para o país ele está tentando levar para o campo político características que considera válidas em suas reflexões sobre o sentido da vida.

Como podemos ver esta parte inicial do quarto volume não possui uma unidade. Nela temos cinco textos que se referem, direta ou indiretamente, ao país, sem que possamos verificar nenhum tipo de correlação entre eles. Estamos, assim, em uma situação próxima a que notamos no terceiro volume, em que também encontramos esta mesma característica. A

---

<sup>13</sup>Ibidem. p.36.

polêmica Sérgio-Pascoes irá, aos poucos, modificar esta tendência, e se transformará no eixo em torno do qual se articularão uma série de textos.

### 3.3.3 A polêmica Sérgio-Pascoaes e seus desdobramentos

#### 3.3.3.1 Considerações iniciais

Como dissemos em nossa introdução, esta polêmica se iniciou no nº 22, de outubro de 1913 e se alongou até o nº 31, já no início do volume VI, de junho de 1914, contando com quatro participações de Sérgio, a primeira composta por duas cartas, e outras quatro de Pascoaes<sup>14</sup>, que abaixo indicamos:

1. "Epístolas aos saudosistas", António Sérgio. Vol. IV, p.97-103.
2. "Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio", Teixeira de Pascoaes. Vol IV, p.104-109.
3. "Regeneração e Tradição, Moral e Economia", António Sérgio. Vol V, p.1-9.
4. "Resposta a António Sérgio", Teixeira de Pascoaes. Vol V, p.33-38.
5. "Despedida de Julieta", António Sérgio. Vol V, p.109-112.
6. "Ultima Carta?", Teixeira de Pascoaes. Vol V, p.129-137.
7. "Explicações necessarias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relampago", António Sérgio. Vol V, p.170- 175.
8. "Mais palavras ao homem da espada de pau", Teixeira de Pascoaes. Vol VI, p.1-5.

Uma leitura do conjunto da polêmica indica claramente que se Sérgio foi quem a provocou, também foi o primeiro a tentar terminá-la. A sua terceira participação, como podemos ver acima, é intitulada "Despedida de Julieta", e o último parágrafo demonstra claramente que não pretende continuar, já que nele afirma não só que "saio do lugar honroso que me concedeu"<sup>15</sup>, mas também que já havia cumprido o seu objetivo. Pascoaes, porém, não permite que a *correspondência* aqui acabe, e inicia a sua participação seguinte protestando contra esta decisão de Sérgio. Este retruca e inicia sua resposta mostrando que não era seu objetivo continuar a discussão, já que afirma: "Pois, bondoso (...) amigo: contra

---

<sup>14</sup>Os textos desta polêmica foram reproduzidos integralmente em BOTELHO, Afonso, TEIXEIRA, António Braz. *Filosofia da Saudade*. p.56-123, publicado em 1986 e em PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.97-154., livro organizado por Pinharanda Gomes em que são recolhidos vários textos de Pascoaes sobre a saudade, e que foi publicado em 1988. Alguns trechos de todos estes textos também podem ser encontrados em MESQUITA, Marieta Dá (comp.). *A Águia*. p.43-72. Ao longo da análise dos textos nos referiremos a alguns problemas encontrados nestas edições.

<sup>15</sup>SÉRGIO, António. "Despedida de Julieta". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.112.

todos os meus projetos tenho de voltar as nossas cartas"<sup>16</sup>. É Pascoaes que de fato termina a polêmica finalizando a sua última carta com as palavras: "E, se tiver a estopada de responder a esta carta, não estranhe o eu demorar a minha resposta. Tenho muito que fazer durante os meses mais próximos."<sup>17</sup>

Além destas considerações gerais, devemos também assinalar que na sua terceira participação Sérgio deixa muito claro o seu objetivo com estas cartas. Em seu início ele diz:

A tudo, querido amigo, se pode responder, e são todas as discussões por sua natureza eternizáveis; da minha parte, porém, está dito o indispensável, que era mostrar *a outra estrada* aos jovens leitores da *Águia* e da *Vida Portuguesa*: a estrada não-saudosista, não-isoladôra, ou não-purificadôra. Que cada um deles decida agora (...)<sup>18</sup>

E no trecho deste mesmo artigo em que *se despede* de Pascoaes afirma:

(...) Não pretendi convencer saudosistas-natos, porque os sentimentos se não movem pelas alavancas que eu emprego, mas pela Música e pela Facúndia; e porque o Isolamento, se é incombustível como me diz, é comburento como todos os diabos, o que ficou provado na nossa história de três séculos. Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsistente -por uns classificado de idealista e por outros de retórico, -que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatários da cavalaria.<sup>19</sup>

Assim podemos notar que se Sérgio *dialoga* com Pascoes, não é de fato a este, ou aos outros saudosistas, que pretende convencer, mas sim àqueles que ainda não têm uma opinião formada. Este objetivo ficará claro ao longo de toda a polêmica, como poderemos ver em nossa análise.

Se o próprio Sérgio explicita por que e para quem escreve, é bastante mais difícil perceber os objetivos de Pascoes. Como apontamos atrás, no segundo volume o autor de *Regresso ao Paraíso* dedicara um artigo a Sérgio e tentara lhe demonstrar que o Saudosismo não era uma invenção sua, e de que tampouco a sua interpretação da Saudade

---

<sup>16</sup>SÉRGIO, António. "Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relampago". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.170.

<sup>17</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Mais palavras ao homem da espada de pau". 2ª série, v. 6, p.5.

<sup>18</sup>Sérgio, António. "Despedida de Julieta". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.109.

<sup>19</sup> Ibidem. p.112.



era incorreta, motivos pelos quais achava que o autor dos *Ensaio*s não participava do movimento. Podemos perceber que na primeira resposta a Sérgio, Pascoaes ainda tem um pouco esta opinião, pois nela afirma:

Desça, desça um pouco á alma da sua Raça,- que o meu amigo é capaz de a sentir admiravelmente. Verá então como ela, dentre o do seu caracter original, é capaz de criar uma obra mesmo para além dos tempos de hoje, escuros e dolorosos tempos de transição.<sup>20</sup>

Mas em sua participação seguinte parece que já tem dúvidas se poderá *converter* seu interlocutor:

Você é um poeta! V. é um rouxinol! V. Vive a sonhar, ignora a realidade, o sitio onde se deve por os pés, etc., etc.!

É com idênticas palavras que os indivíduos que fazem profissão de prosa, n'esta vida, pretendem lapidar os outros de mais vastos e fundos desejos, inconformáveis com um mundo asfíxiado entre as quatro paredes sem buracos do Positivismo.

É com tristeza, meu caro amigo, que o vejo tomar essa atitude, hirta e deserta, perante a Vida.<sup>21</sup>

E nesta mesma carta considera que Sérgio abandonou "o seu ataque á originalidade da Saudade, ponto principal da questão"<sup>22</sup>. Se achava que não conseguiria convencer seu interlocutor, e se mesmo considerava que ele estava fugindo do objetivo principal da polêmica, um dos argumentos por sinal que utilizará na sua última carta para interrompê-la, é difícil de precisarmos os motivos pelos quais não a interrompeu quando Sérgio o desejou. Vontade de ter a última palavra? Talvez, já que dá como título à sua terceira participação "Última carta?" e na resposta seguinte a Sérgio já aponta que não mais pretende continuar a respondê-lo, atitude bastante estranha para quem, pouco antes, desejara ardentemente continuar a *correspondência*. Ou seja, parece que se Sérgio possuía objetivos claros, o mesmo já não ocorre com Pascoaes, e poderemos verificar esta nossa hipótese ao longo da análise que faremos.

---

<sup>20</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.108.

<sup>21</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Resposta a António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.33. Veremos que Sérgio em sua resposta a esta carta não aceitará ser qualificado de positivista.

<sup>22</sup>Ibidem. p.33.

Por fim devemos assinalar que se Sérgio não responde à última carta de Pascoaes, isto não significa que abandone a revista. Muito pelo contrário, ele é inclusive um colaborador tão ou mais assíduo que Pascoaes, e continuará a participar de *A Águia* até o final da segunda série.

### 3.3.3.2 A polêmica no quarto volume

As "Epístolas aos saudosistas" com que a polêmica se inicia têm um objetivo claro: mais que mostrar de forma consistente os *erros* do Saudosismo, Sérgio pretende ridicularizá-lo, analisando suas premissas como absurdas. Esta tentativa fica evidente pelo tom irônico que muitas vezes o discurso de Sérgio adquire. O início de sua primeira carta já mostra claramente esta sua postura :

Deixando de lado os *devaneios* secundarios e adjacentes, três pontos de vista na saudade importaria esclarecer, atinentes ao prestimo possível que ela tivesse para vós outros:

- 1º Que é realmente a saudade;
- 2º Que representou ela nas nossas letras;
- 3º Que poderia ela representar hoje.

Como não sejam os longos dizeres adequados a *leves temas*, telegraficamente me explicarei sobre cada um destes três pontos.<sup>23</sup>

Os termos que colocamos em itálico nos mostram como Sérgio monta seu ataque. Se neste trecho levanta três aspectos que considera importante analisar para verificar o papel que a saudade pode ter, ao começar dizendo que vai deixar de lado *devaneios* secundários, mostra que o Saudosismo é composto por vários destes devaneios, o que é reforçado quando afirma que não são adequados *longos dizeres* para *leves temas*, indicando que a saudade é um *leve tema*, e, portanto, sem muita importância real.

Nesta primeira epístola Sérgio indicará os devaneios do saudosismo, atacando-o por várias frentes. Inicialmente, para mostrar o que é a saudade, considera que as definições usadas por Pascoaes, seja a de Duarte Nunes (lembração de alguma coisa com o desejo dela)- a quem ataca pessoalmente ao considerá-lo um "papá que Cristovão Moura comprou para seu amo Filipe II"<sup>24</sup> - seja a do próprio Pascoaes (a velha lembrança gerando um novo desejo) são inadequadas, por não considerarem a saudade principalmente como um sentimento, erro que já não cometeram Garrett e D. Francisco Manuel ao defini-la.

Para mostrar a inadequação das definições de Duarte Nunes e Pascoaes, que para Sérgio definiram "não a saudade, não uma característica humana, quanto mais portuguesa, mas um rude fato geral da animalidade"<sup>25</sup>, considera que elas poderiam explicar as ações de um cachorro, como podemos ver no trecho abaixo:

<sup>23</sup>SÉRGIO, António. "Epístola aos saudosistas". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.97. Os itálicos são nossos.

<sup>24</sup>Ibidem, p.97.

<sup>25</sup>Ibidem. p.97.

Um sujeito vê um cão e bate-lhe. O cão foge, desmoralizado pelo inesperado do ataque. Decorridos dias o nosso homem passa outra vez pelo cão, sem dar por ele. Ao cão vem-lhe um desejo naturalíssimo de sentir a carne do agressor comprimida entre seus caninos e... zás, estão daí vocês a vê a scena. Que se passara na consciencia do animal? Nada de extraordinário: uma velha lembrança gerando um novo desejo: - a saudade (definição de Pascoais)

Suponha-se agora o dono do cão a comêr uma iguaria nova, e ao lado dele o seu cachorro. O dono estende-lhe um pedaço, e o focinho duvidoso aproxima-se, fareja, estende a dentuça, mastiga incerto, engole. Gostou. Passam-se dias. O cão vê o dono a comêr o tal petisco, e logo se aproxima, de venta ávida. Que foi? A lembrança de uma coisa com o desejo dela, - a saudade (definição de Duarte Nunes)<sup>26</sup>

Existe na descrição destas duas cenas certamente o objetivo de desmoralizar o Saudosismo. Como dissemos, mais que simplesmente *demonstrar* a não validade das definições, Sérgio busca ridicularizá-las, através das situações que monta em seu discurso: aquilo que os saudosistas consideram como o sentimento-síntese que irá gerar uma nova religião mundial é apresentado como sendo, de fato, apenas um *sentimento* que mesmo um cachorro pode ter, e, portanto, nenhuma metafísica consistente poderia ser erguida a partir de uma base tão precária.

Se lembrarmos que toda a construção que Pascoaes faz da Saudade como nova deusa, que os outros membros do movimento em vários sentidos corroboram, está baseada no fato de ela ser uma síntese de lembrança e esperança, podemos perceber o quanto este golpe é profundo para o Saudosismo.

Mas Sérgio não para aí. Para mostrar o que foi a saudade nas *letras* portuguesa, segundo tema que havia indicado como importante de ser tratado, mostra que se houve "muita saudade na literatura portuguesa (...) teve ela suas causas nas condições sociais dos idos tempos"<sup>27</sup>, ao que acrescenta:

(...) Assentemos isso: [a saudade] tinha a sua razão de ser em condições que já passaram. Vocês teimam em ressuscitar o que não tem hoje condições de vida, obcecados pela ideia absurda de que certa maneira de certa época é uma maneira absoluta, a que nos teremos de sujeitar *per omnia secula seculorum*.

A saudade não era, como agora, premeditada; não foi um programa literário, uma combinação entre poetas (...).

---

<sup>26</sup>Ibidem. p.97-98.

<sup>27</sup>Ibidem. p.98

Ninguém havia previamente combinado escrever assim. A saudade foi resultante de *verdadeiros* apartamentos.<sup>28</sup>

Fala então destes verdadeiros *apartamentos* que existiram: o geográfico, representado pela Índia, e o amoroso, fruto dos reis absolutos e dos pais tiranos, a partir do que ironiza:

Mas vocês juraram agora fabricar a saudade artificialmente, sem os ingredientes necessários: sem o rei absoluto e o pai tirano, sem o Convento e sem o Gato. É impossível, meus santinhos, é absurdo. A culpa não é minha, nem dos meus colegas estrangeirados: não fomos nós que destruimos essas coisas pavorosas. "A humanidade avança", diz um dos Cardiais do snr. Dantas. É pena, é, -mas que querem vocês que lhes eu faça?<sup>29</sup>

Fala depois do cristão-novo, "um desterrado na propria terra, quando o não era na alheia"<sup>30</sup> e considera que se "Modernamente um Herculano escreveu versos que inspiraram o *Desterrado*, de Soares dos Reis"<sup>31</sup>, ambos realizaram estas suas obras fora de Portugal e foram, "pelas circunstâncias da sua vida, solitarios"<sup>32</sup>.

Após isto volta a ironizar, atacando agora os membros do Saudosismo:

Porém vocês, meus amigos, criaturas alegres e sociáveis; pacatamente instalados na patria amada, donde ninguem vos tira e onde vos amam todos; felicissimamente casados com as eleitas das vossas almas, ou em vias de matrimonio sem estorvos de maior; vocês, proprietarios uns, professores ou filhos-familias outros, vivendo todos uma vida sem grandes lutas nem paixões,- de que raio teem saudades vocês todos, santo Deus?<sup>33</sup>

---

<sup>28</sup>Ibidem. p.98.

<sup>29</sup>Ibidem. p.98. Sobre o *Gato* a que Sérgio se refere neste trecho, o seu sentido pode ser depreendido pelo que diz imediatamente antes, quando está se referindo aos apartamentos amorosos:

"Os reis Dons Manueis casaram as *Aonias* aos *Filenos*, deixando o poeta a ver navios, e com as saudades correlativas; as Marias Brandões eram internadas nos Conventos e obrigadas a casar com quem o papá lhes arbitrava. Estes duros casos bem reais impuseram o assunto aos Bernardins. Havia a autoridade absoluta, politica ou familiar, que vinha lançar entre os amantes os Luises da Silva e Peros Gatos..."(Ibidem. p.98.)

<sup>30</sup>Ibidem. p.98.

<sup>31</sup>Ibidem. p.99.

<sup>32</sup>Ibidem. p.99.

<sup>33</sup>Ibidem. p.99.

Podemos ver que para Sérgio se a saudade já teve um sentido no passado, não mais o tem no presente. E mais que isto, ele considera o *sentir saudade* como um pré-requisito básico para que se possa construir um movimento cultural em torno deste sentimento. Se é impossível, dadas as condições dos escritores de *A Águia*, que eles sintam a saudade, logicamente eles também não teriam como construir um movimento em torno deste sentimento.

Não é difícil de notarmos o quanto de arbitrário existe nestas reflexões de Sérgio. É como se invalidasse qualquer possibilidade de uma saudade pessoal, já que para ele as condições sociais não mais permitem este sentimento, e considera que sem o poderem sentir os escritores também não poderiam teorizar sobre ele. Se, obviamente, sentir e teorizar não são necessidades tão estreitamente vinculadas, devemos aqui também lembrar que, como afirma Oliveira Marques, "só a emigração desfalcara o País [entre 1911 e 1920] em quase meio milhão de indivíduos, o mais alto número de todos os tempos até essa data"<sup>34</sup> o que mostra que, pelo menos para uma certa camada social, por sinal a mais numerosa, a saudade era um sentimento bastante possível de ser gerado pelas condições sociais, o que poderia tornar válida a criação de um movimento a partir desta realidade. Ou seja, Sérgio simplifica bastante os problemas envolvidos ao reduzir a questão da saudade e do Saudosismo a um mero problema de os escritores viverem ou não em condições sociais que poderiam provocar este sentimento.

Após esta parte Sérgio partirá para o terceiro tema apontado no início de sua carta, *o que poderia a saudade representar hoje*:

Dizem que o saudosismo está de acordo com o espírito contemporâneo. Essa pretensão, como todas as do saudosismo, é precisamente o contrário da verdade. Não poderia ser o desacordo mais perfeito, nem o absurdo mais sensível.

A afirmação característica e fundamental do espírito contemporâneo é o mobilismo, o avanço, a tendência para diante, o desejo da acção e da vida como uma marcha para o novo, e mesmo, não raro, como uma carga de cavalaria. Ora a saudade é o contrário de tudo isso: imobilismo, inercia, contemplação do passado, amor de cristalizar ou mumificar o que já foi...<sup>35</sup>

Para justificar o seu ponto de vista apresenta alguns exemplos que comprovam que a saudade é um desejo de imobilizar e um horror ao novo, após o que conclui esta sua primeira carta:

---

<sup>34</sup>MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. v. 3. p. 289.

<sup>35</sup>SÉRGIO, António. Op. cit. p.99.

Por estes exemplos se vê claro como a saudade contém, essencialmente, a repugnância á variação e a negação do mobilismo. A saudade é por isso um gosto amargo, como muito bem afirmou Garrett: o gosto do passado e a amargura da mudança.

Poderia haver maior contradição com todas as tendencias sociais, filosoficas e religiosas do nosso tempo?<sup>36</sup>

Na sua segunda carta Sérgio tentará principalmente demonstrar que nem a palavra saudade é intraduzível, nem tampouco o sentimento que ela representa é exclusivo dos portugueses. Para tanto citará uma série de autores que mostrarão que existem em outras línguas palavras que designam este sentimento, além de acrescentar outros exemplos das línguas que conhece. Se é este o tema geral desta carta, aqui, mais que na primeira, a ironia de Sérgio será a grande arma que usará contra os saudosistas, a todo momento soltando farpas para atacar em especial dois outros aspectos deste movimento. Já no início de sua carta um destes aspectos é ironizado:

O nosso querido Poeta e chefe do Saudosismo, entre as afirmações da sua **enciclica** sobre o *espírito lusitano*, não se esqueceu de dar o **dogma** que serve de base a todos os outros<sup>37</sup>

Ao classificar a conferência de Pascoaes como *enciclica*, e ao considerar que é um *dogma* acreditar que a saudade é uma palavra intraduzível, que encerra todo o sentido da alma portuguesa, e que representa um sentimento que só os lusitanos sentem, Sérgio mostra claramente que não está escrevendo para os saudosistas. Para estes, e em especial para Pascoaes, nenhum destes dois termos do universo do religioso seriam ofensivos, já que acreditavam que a saudade de fato iria criar uma nova religião. Se Sérgio utiliza estrategicamente estes termos que acima colocamos em negrito é justamente para mostrar para aqueles que não aderiram ainda ao movimento que ele só poderia ser considerado como uma *seita*, sem nenhuma relação mais concreta com o mundo real. Se assim ataca de forma rápida o que considera um *irrealismo* nas propostas do Saudosismo, será mais ferrenho ao, através da ironia, apresentar um outro aspecto deste movimento. Após citar um trecho da conferência de Pascoaes, afirma:

---

<sup>36</sup>Ibidem.pp.99-100.

<sup>37</sup>Ibidem.p.100. Os negritos são nossos.

Ora ahi está, meus amigos: só o povo português sente a saudade, e só o povo português tem para ela uma palavra, palavra magica de que brota a sciencia, a filosofia, a religião... Note-se: as definitivas, verdadeiras, absolutas...

O dogma do privilegio exclusivo da palavra é muito velho; o do privilegio exclusivo do sentimento, claro está, é novissimo. Novissimo e naturalissimo. Como poderia um lusitano do seculo XX conceber que se pudesse ser estrangeiro e sentir saudades? Creio mesmo que somos demasiado generosos em conceber que se possa ser estrangeiro. Como é que diabo se pode ser estrangeiro? Como é que diabo se pode sêr, já não digo persa, mas francês, inglês ou italiano?<sup>38</sup>

Agora o objeto do ataque é o xenofobismo que verifica nas propostas saudosistas. A este tópico voltará, da mesma forma irônica, em vários momentos desta carta, sempre mostrando o abismo intelectual que separa Portugal do restante da Europa, tema por sinal recorrente na cultura portuguesa desde as *Conferências do Casino*, e o absurdo de se pretender que Portugal possa criar, no campo das idéias, uma obra superior a desenvolvida nos outros países. Abaixo citamos os dois momentos mais importantes. No primeiro deles, após citar uma série de palavras em várias línguas que seriam traduções do termo *saudade*, afirma:

Eles [os estrangeiros que possuem palavras que traduzem o termo *saudade*], porém, menos iluminados que nós outros, apesar de terem Ibsens, Ardigos, Höffdings, não se lembraram de construir a filosofia definitiva e suprema do *anyoransismo*, do *desiismo*, do *doruismo*, do *saknadismo*, do *savnismo*, do *saknaorismo*... Saknaorismo é catita! Meus queridos amigos, meus confrades, meus irmãos da Renascença: é o que vocês são em islandês: *saknaoristas*!<sup>39</sup>

E no fim de seu artigo, após citar outros povos que possuem palavras equivalentes à *saudade* afirma:

Concluo pois de tudo isto que não ha motivo para desesperar de que os bárbaros estrangeiros atinjam a nossa civilização. Pelo menos os italianos, os suecos, os norueguêses e os dinamarquêses. Eles teem a saudade, teem a palavra correlativa; eles produziram ultimamente Ardigos, Mossos, Ferreros (...) e outros espíritos que, sem grande exagero, podemos considerar civilizados. Não desanimar, caramba! Não desaminar! Com mais algum esforço chegarão ao *saudosismo*.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup>Ibidem.p.100.

<sup>39</sup>Ibidem. p. 101.

<sup>40</sup>Ibidem. p. 103.



Podemos notar que se Sérgio soube detectar, como mostramos, pontos centrais do Saudosismo para os atacar com a sua ironia, por outro lado não chega a criar, neste ataque, uma outra proposta para o país que possa vir a substituir as do movimento. Apesar da inexistência de uma proposta concreta, podemos perceber que a visão que o autor dos *Ensaio*s possui de Portugal se filia diretamente àquela formulada por Antero em *Causas da decadência*, não apresentando em relação a ela grandes inovações: Portugal é, por ele, visto como um país culturalmente atrasado, prejudicado pela educação *idealista* ou *retórica*, com uma tendência para o isolamento que precisa ser atacada, condição fundamental para que o país possa se unir com a *Europa culta*. Se, como pudemos notar, uma das principais tendências do Saudosismo é a de nacionalizar a questão portuguesa, buscando no que o país possui, e não naquilo que lhe falta, a solução para os problemas internos, e vendo na influência estrangeira o malefício maior que gerou a decadência do país, isto nos mostra que existe entre Sérgio e o Saudosismo um total divórcio, pois se ambos acreditam que Portugal precisa ser melhorado, as suas idéias sobre o caminho a seguir para que isto ocorra são totalmente antagônicas, e, mais que isto, cada um deles encontra nas propostas do outro elementos que, pelo seu ponto de vista, só podem levar o país a decair ainda mais, o que poderemos comprovar com a primeira resposta de Pascoaes, que a partir de agora analisaremos.

Pascoaes responde às duas cartas de Sérgio no mesmo número da revista, e entre as epístolas do primeiro e a resposta do segundo existe apenas um soneto de Augusto Casimiro, "A hora da prece", que mais à frente analisaremos.

O início da resposta de Pascoaes já mostra claramente que ele parte de pressupostos totalmente diversos dos de seu antagonista:

Vejamos a primeira carta do ilustre escritor, onde palavras de belicoso gênio galhofeiro, se infileiraram contra a Saudade... *invulneravel como as creaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue.*<sup>41</sup>

O trecho que acima grifamos nos mostra claramente que a Saudade, para Pascoaes, não tem praticamente nenhuma relação com o mesmo termo utilizado por Sérgio. A própria grafia da palavra, usada com minúscula por Sérgio e com maiúscula por Pascoaes, reforça a diferença. O que para o primeiro é apenas uma palavra que representa um sentimento, nenhum dos dois exclusivos dos portugueses, para Pascoaes é uma deusa e, portanto,

---

<sup>41</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.104. Os grifos são nossos.

invulnerável. Um vê o mundo material e concreto, o outro é um crente que cria mitos sobre sua deusa.

Esta diferença acaba por se manifestar no próprio discurso pascoalino. Sua carta é um conjunto de *afirmações*, de *verdades* que ele enuncia. Não se trata tanto de discutir, mas de, usando uma palavra muito apreciada por Pascoaes, *revelar* os mistérios que sustentam suas propostas.

Após este trecho inicial, ele analisa as várias definições de Saudade apresentadas por seu antagonista. Ao contrapor as definições de Duarte Nunes e de Garrett considera que "a verdade é que a d'este não contradiz a d'aquela; somente a de Garrett é menos completa"<sup>42</sup>, menos completa pois, para Pascoaes, nela "A grande síntese para que tende o espírito humano (...) está estabelecida, ainda que de um modo vago"<sup>43</sup> na medida em que se "Gosto amargo implica a fusão do prazer e da dor"<sup>44</sup>; nela não se encontra a amplitude que a Saudade possui na definição de Duarte Nunes:

[Ele] apresenta a lembrança (símbolo do Espírito) e o desejo (símbolo do Animal) como sendo os íntimos elementos da Saudade, a qual verdadeiramente interpretada, se torna, portanto, a nova Virgem christianissima e pagã, a celeste harmonia por que anseia a nossa pobre vida moderna, embrutecida de estreito materialismo mercantil, rastejando na baixeza das cousas e dos sentimentos, longe d'essa pura atmosfera espiritual que purifica as almas e lhes dá alma, alegria, nova Fé, victorioso esforço.<sup>45</sup>

Como vemos toda esta parte da resposta de Pascoaes parte do pressuposto de que a Saudade é esta nova Virgem pela qual o mundo anseia, e que, portanto, é melhor a definição que mais se aproxima da descrição das características desta deusa. Em nenhum momento ele chega a discutir em que medida a Saudade pode ou não vir a ser esta deusa. Este é um *ponto de fé*, e, portanto, inquestionável. Neste mesmo tom ele vai *comprovar* que na sua definição e na de Duarte Nunes não está esquecido que a Saudade é um sentimento, já que

(...)Consideramos a Saudade um sentimento-síntese, um sentimento-símbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois princípios do Universo e da Vida

---

<sup>42</sup>Ibidem. p.104.

<sup>43</sup>Ibidem. p.104.

<sup>44</sup>Ibidem. p.104.

<sup>45</sup>Ibidem. p.104.

que, desde a Origem, se degladiam: Espirito e Materia, Desejo e Lembrança, Dôr e Alegria, Treva e Luz, Vida e Morte.<sup>46</sup>

Seguindo em sua resposta, ao falar da "chalaça canina" que Sérgio usara para negar as duas definições de Saudade de, que Pascoaes se utiliza, afirma:

Sim, meu caro amigo, eu conheço alguns cães bem mais capazes de sentirem a saudade que certos sêres da especie humana.(...)

A Saudade, como todos os sentimentos, é susceptível de graus inferiores e superiores. Ha a saudade rudimentar, acessível talvez ás proprias arvores; e entre esta e a *saudade lusiada*, ha outros graus decerto não só comuns a todos os Povos, mas também a todos os sêres vivos... A saudade d'um belo almoço, em dias de fome, d'uma esposa, d'um filho, etc., evidentemente é um sentimento comum de todos. Pretender o contrario seria infinitamente ridiculo.<sup>47</sup>

Se existe esta saudade comum, Pascoaes considera que existe uma outra Saudade que é exclusiva do povo português. Para explicar qual é esta saudade cita a quadra popular e o trecho de "Sob los rios" que já havia citado em sua conferência *O Génio Português na sua expressão poética, filosófica e religiosa*, a qual nos referimos quando falamos das relações entre esta conferência e o texto "Simbolismo e Saudosismo" publicado no terceiro volume, após o que afirma:

Não ha grande poeta português que não viva dramaticamente esta *Saudade*. É ela a dolorosa essencia metafisica da nossa autentica literatura, incluindo a Poesia popular. É a *Saudade do céu*, divina sêde de perfeição e Redenção, o eterno Sebastianismo da alma portuguesa e a sua transcendente e poetica atitude perante o Misterio infinito!

Eis a Saudade que é só nossa, que é intraduzível, que é da nossa raça, porque é de origem collectiva, e encontra a sua mais alta expressão no Cancioneiro do Povo.<sup>48</sup>

Como vemos Pascoaes faz mais do que *repetir* as suas idéias sobre a saudade. Existe aqui um raciocínio novo, que modifica certas concepções que ele antes apresentara na revista. Se antes julgava que apenas os portugueses eram os possuidores da Saudade, agora reelabora seu pensamento propondo que existam graus de saudade, desde aquela de que todos os seres vivos participariam, e talvez mesmo as árvores, até a que caracteriza como

---

<sup>46</sup>Ibidem. p.104.

<sup>47</sup>Ibidem. p.104-105.

<sup>48</sup>Ibidem. p.105.

sendo exclusiva dos portugueses, esta sim de claro alcance metafísico e de origem coletiva. Se aspectos deste tipo de concepção já haviam aparecido, de forma bem menos articulada, em uma de suas conferências<sup>49</sup>, o que é curioso é que Pascoaes não assume que modificou a visão que possuía sobre a total exclusividade lusitana da *saudade*. Ele fala como se sempre tivesse tido estas idéias, quando de fato um rápido confronto com seus textos anteriores, publicados em *A Águia*, nos mostra que, ao menos no interior da revista, isto não é verdade. Por isso é que dissemos acima que ele de fato não responde, mas enuncia *verdades*, verdades essas que podem transformar antigas verdades em mentiras, sem que isto de fato produza qualquer relativização em seu discurso. Além disto devemos aqui também notar que já ao analisarmos os seus artigos publicados no primeiro volume da revista havíamos notado que neles Pascoaes apresentava duas origens distintas para a Saudade, uma ligada à própria origem da nacionalidade, e a outra ao seu período de decadência. É curioso que aqui, de novo sobre o mesmo tema central para o seu raciocínio, ele volte a modificar seu ponto de vista como se não estivesse fazendo isto.

O restante da resposta de Pascoaes à primeira carta de Sérgio tem este mesmo tom de certeza que acima apontamos. Ele volta ao tema, já presente em textos anteriores, de que a Saudade " nos antigos poetas (...) aparece sob a sua forma ainda infantil e instintiva"<sup>50</sup> e que só agora "vai-se definindo em perfeita Imagem divina"<sup>51</sup>. Reafirma que "o que torna este alto sentimento extraordinário e nosso, é o haver nascido da alma colectiva do Povo e não do temperamento excepcional de certos individuos"<sup>52</sup>, ao que acrescenta:

Em Portugal, o primeiro poeta da Saudade foi, é e será o Povo. Eis a razão porque ela nos pertence exclusivamente. E, por isso, eu não me canço de afirmar

---

<sup>49</sup>Nos referimos aqui ao trecho abaixo reproduzido de *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*:

"Os outros povos europeus sentem naturalmente *uma espécie* de saudade que em francês é *souvenir*, em espanhol *recuerdo*, etc. Mas este sentimento, nesses povos, não toma a alma e o corpo que adquire no sentir português. *Souvenir* ou *recuerdo* são apenas um elemento da Saudade, cujo perfil é inconfundível. E por isso, ela se exteriorizou numa palavra portuguesa que não tem equivalente nas outras linguas. De resto os próprios escritores estrangeiros são so primeiros a reconhecer esta verdade. Mas as palavras *recuerdo*, *souvenir*, traduzam o mesmo sentimento. *Recuerdo*, por exemplo, é uma tradução fiel de *souvenir*."(idem, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*. In: *A Saudade e o Saudosismo*. p.51)

Como podemos notar, apesar de indicar neste trecho que os outros povos europeus sentem *uma espécie de saudade*, Pascoaes mostra claramente que eles não possuem a Saudade, mas apenas um de seus componentes, postura bastante diversa de considerar que, mesmo em um grau inferior, eles já tenham alguns elementos deste sentimento, que só no seu grau máximo é exclusivamente lusitana.

<sup>50</sup>Idem. "Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.105.

<sup>51</sup>Ibidem. p.105.

<sup>52</sup>Ibidem. p.105.

que existe na Saudade a luz orientadora do nosso espirito. Compete á geração actual e ás que vierem, dar-lhe uma alta consciencia, convertê-la n'uma força espiritual que nos redima, que leve os portugueses a abrirem com suas proprias mãos, a porta do Futuro.<sup>53</sup>

Disto conclui que o Saudosismo não é feito de "codigo literario, de formulas artificiaes ou cousa que se pareça", para a seguir discordar da afirmação de Sérgio de que a Saudade é "retrógada e paralítica", já que ela é a junção da lembrança com a esperança:

Sim: a Saudade é a grande creadôra do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada, não consegue um Futuro de geração expontanea ou caido miraculosamente das estrelas.

Ela construe o Futuro com a materia do Passado. O meu querido camarada parece querer eliminar o Passado. É apenas um belo gesto quixotesco... O Passado é indestrutível, n'ele murmura a fonte onde bebemos as novas energias. Ai de nós se não tiveramos passado! Ai, da arvore, sem profunda terra onde mergulhar as raizes! Não pode fructificar.<sup>54</sup>

Neste ponto, em que Pascoaes considera que acabou de responder à primeira carta de Sérgio, podemos notar que ele levanta o que talvez seja uma das principais diferenças entre ele e seu antagonista. Enquanto, como vimos, Pascoaes e os outros saudosistas vêem a inferioridade portuguesa como fruto do estrangeirismo, e consideram que o futuro só poderá ser gerado se ele for criado a partir do passado, ou seja, por uma síntese moldada a partir das características intrínsecas ao país guardadas em sua tradição<sup>55</sup>, para Sérgio o futuro possível vem de outra fonte. Em vista disto, se Pascoaes acusa Sérgio de tentar eliminar o passado, certamente devemos entender que ele o acusa de não pensar na especificidade do passado português, única fonte possível, para os saudosistas, deste futuro. De fato, como atrás apontamos, podemos ver que Sérgio é um tributário direto do ponto de vista expresso na citada conferência de Antero, pelo menos no que ela possui de proposta de quebra das tradições nacionais, vendo assim como única saída possível para o país o uso de estratégias que já haviam dado certo nos outros países europeus, na tentativa de adequar a realidade lusíada à da *Europa culta*.

---

<sup>53</sup>Ibidem.p.106.

<sup>54</sup>Ibidem.p.106.

<sup>55</sup>Mesmo Pessoa, que como vimos não participa exatamente deste tipo de visão, ao ver a poesia portuguesa como *absolutamente nacional*, indica claramente que este grande futuro vai ser gerado graças às características específicas que compõem a *alma* do país.

Não poderiam haver perspectivas mais opostas que as dos dois polemistas, e em função disto, como estamos vendo e poderemos comprovar no desenvolvimento da análise da polêmica, mais do que um diálogo teremos aqui duas vozes que, solitariamente, vão expressar seus pontos de vista, sem que de fato nenhum dos dois chegue a alterar substancialmente suas concepções com as críticas feitas pelo outro. Um autor que se considera um materialista e que vê na Europa a única saída para um país atrasado, e um outro, claramente espiritualista, que considera que uma resposta espiritual é um pré-requisito indispensável para qualquer melhoria material, e que acha que a tradição de seu país, quando bem explorada e interpretada, já pode dar todas as respostas que o país precisa, se confrontarão nas páginas de *A Águia* sem que nenhum deles chegue de fato a entender o ponto de vista do outro.

Na resposta à segunda carta de Sérgio, Pascoaes preocupa-se principalmente em atacar a afirmação de que em muitas línguas existem palavras que traduzem o termo *saudade*. Diz que se Sérgio citou vários nomes ilustres que afirmam isto, ele também poderia citar vários outros que afirmam o contrário, "Duarte Nunes, Garrett, Ribera y Rovira, Miguel de Unamuno, etc."<sup>56</sup>, e que ele, como Sérgio, desconhece o real significado "dessas palavras arrevesadas doru, skanad, savn, saknaor, etc."<sup>57</sup>. Analisa a afirmação de Garrett citada por Sérgio, de que o sentimento da saudade é comum a todos os povos, mas que a palavra é intraduzível, para mostrar que Garrett cai em uma certa contradição, pois "este sentimento, criando, entre nós, uma palavra própria, adquiriu, na alma portuguesa, uma feição original"<sup>58</sup>, tendo assim pelo menos algumas características que são só portuguesas<sup>59</sup>. Também mostra que *Disio* e *regret* pouco tem a ver com a saudade.

---

<sup>56</sup>Ibidem, p.108

<sup>57</sup>Ibidem, p.108.

<sup>58</sup>Ibidem, p.107.

<sup>59</sup>Logo após explicitar este seu ponto de vista sobre a definição de Garrett encontramos outro exemplo da inconstância presente nas concepções pascoalinas. Neste trecho ele afirma que "Todas as línguas tem as suas palavras intraduzíveis. São elas que mostram o que ha de original e característico na alma d'um Povo"(Ibidem, p.107). Na conferência *O espírito Lusitano ou o Saudosismo*, proferida em 23 de maio de 1912, ele apresentara uma concepção bastante diversa desta, como podemos ver abaixo:

"Nós somos, na verdade, o único povo que pode dizer que na sua língua existe uma palavra intraduzível nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma coletiva"(Idem, *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*. In: *A Saudade e o Saudosismo*. p.51).

Como acima indicamos, não importa tanto o fato de Pascoaes mudar suas concepções, o que poderia ser visto como algo normal, mas o de que rarissimamente indica que já pensou diferente antes, falando de suas idéias como se elas *sempre tivessem sido as mesmas*.

Considera que apenas no catalão existe uma tradução do termo, *Anyorança*, o que transforma o povo da Catalunha e o povo português em povos irmãos<sup>60</sup>.

Além desta defesa, aponta de novo para a sua concepção de que o lado espiritual é o mais importante, e de que a matéria dele depende, como vimos, uma das constantes do Saudosismo. Porém o tema mais recorrente nesta parte é o do reerguimento do país a partir de uma criação espiritual da raça. A todo momento encontramos referências a isto, que é a grande proposta do Saudosismo para o país. Abaixo reproduzimos dois dos momentos mais significativos:

Esta nossa divina palavra [a saudade], não me canço de repeti-lo, contém o sonho da nossa Raça, o seu íntimo e transcendente mobil messianico e redemptor; por isso ela é intraduzível, *portuguesa*, e explica os nossos grandes acontecimentos históricos, a alma dos nossos grandes homens, e creará o nosso sonho do Futuro, uma Aspiração nacional que una os portugueses d'aquem e d'alem-mar.

Eu creio n'um destino messianico da minha Raça, e sinto, por isso, a Saudade. Que me seja permitido este orgulho nascido da leitura das cantigas do Povo e da contemplação da montanha e do rio e dos outeiros da minha terra natal. Eu sei o que a Saudade encerra, isso que só nos pertence a nós colectivamente; -Um sentido amoroso das cousas e dos seres, da Vida, emfim, sentido místico e terreno, que, trabalhado pelas almas eleitas, se tornará a Razão superior da nossa Patria, a sua grandeza futura,- grandeza moral, pelo menos.<sup>61</sup>

A nossa crise é, sobretudo, de natureza moral. Resolvida ela, o resto nos será dado em excesso. É preciso que o português se torne um ser animado, que resurja d'esta mortal apatia, por meio d'uma saudavel educação de acôrdo com o genio da sua Raça.

É preciso que o povo, sintetizado n'uma elite, encontre n'ela os seus instintos ráticos convertidos em conscientes ideias definidas orientadoras d'uma nova acção política e social. E é necessário que d'essa *élite* ou d'esse povo, surja o homem que saiba condensar o sonho em realidade, que saiba transformar a sêde em agua que se beba...<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup>Em relação ao termo *anyorança* temos um dos raros momentos em que Pascoaes assume que mudou de opinião, pois afirma que só ficou sabendo da existência desta palavra ao ler o *Portugal Literari* e o *Atlantiques*, ambos de Ribera y Rovira. Esta confissão, porém, revela um dado interessante sobre a forma como Pascoaes constrói as verdades que enuncia. Antes deste conhecimento ele afirmava, categoricamente, que a palavra saudade não tinha tradução em nenhuma língua europeia, conclusão a que chegara, certamente, a partir das línguas que conhecia, e não, de fato, de um estudo comparativo de todas elas. Ou seja, este exemplo nos indica que poderemos encontrar, nos raciocínios de Pascoaes, outras generalizações que se assumem como verdades absolutas.

<sup>61</sup>Ibidem, p.108.

<sup>62</sup>Ibidem, 109.

Basicamente Pascoaes reproduz nos trechos acima idéias que já havia apresentado nos seus textos anteriores de *A Águia*, sendo a sua única idéia nova a de que surgirá um homem que transformará a realidade portuguesa, convertendo *a sede em água que se beba*<sup>63</sup>. Podemos aqui pensar que esta concepção é uma influência direta, nas propostas pascoalinas, das concepções de Pessoa, já que a imagem de um *salvador* que, em consonância com o espírito de seu país, rasurará a pequenez presente, já estava presente nos textos do futuro autor de *Mensagem* publicados no primeiro e no segundo volumes, respectivamente "Reincidindo" e "A nova Poesia Portuguesa no seu aspecto psicológico", nos quais este afirmava que surgiria um novo Cromwell que realizaria a obra política necessária em Portugal.

No final de sua carta Pascoaes faz um resumo de tudo o que disse, que abaixo reproduzimos.

Resumindo: A Saudade, como ela é hoje compreendida, não é mais que a Saudade de Camões, do Povo, de Bernardim, a converter-se em consciencia poetica e filosofica. Representa, portanto, a raça lusitana na sua expressão subjectiva: é o seu intimo perfil eterno e original. O povo português creou um sentimento susceptível de se tornar um alto criterio orientador. A palavra Saudade não encontra em outras linguas (salva a excepção apontada) um vocabulo correspondente.

A Saudade é nossa, como Apolo é da Grecia, e Jeovah da Palestina.

N'ela e por ela resurgiremos da morte.

Se a *lembrança* é a sua alma, o *desejo*, a *esperança* é a carne e o sangue vivo do seu corpo. Tem uma face voltada para o Passado e outra voltada para o Futuro.

A sombra do que passou, amanhece nos seus olhos: é a luz do novo Dia...<sup>64</sup>

Como podemos ver Pascoaes termina a sua resposta simplesmente reafirmando tudo aquilo que já havia dito em seus textos anteriores. Como atrás dissemos nada do pensamento de Sérgio foi incorporado, e esta resposta é muito mais uma reafirmação-excetando-se a parte em que considera que todos os povos sentem em certo grau a saudade e a esperança do surgimento de um homem que consuma o destino português, e em ambos os casos sem relação com o que o seu antagonista havia dito- do que uma reformulação de seu pensamento gerado pelas admoestações do autor de *Ensaio*.

---

<sup>63</sup>Esta mesma idéia do aparecimento de um homem que consumará a obra necessária ao país reaparecerá em uma conferência proferida por Pascoaes na *Associação dos estudantes do Porto* no início de 1914, a que mais à frente nos referiremos.

<sup>64</sup>Ibidem, 109.



### 3.3.3.3 Outros textos do quarto volume

Dos textos publicados entre ou após os artigos de Sérgio e Pascoaes, são os seguintes os que possuem interesse para a nossa análise, na medida em que ou se referem ao país ou às posturas que sobre ele possuem outros colaboradores da revista:

1. "A hora da prece". Augusto Casimiro. p. 103.
2. "O problema do milagre". Leonardo Coimbra. p.121-123.
3. "Bibliografia". sem autoria.p. 124-126.
4. "Lettres Portugaises". Philéas Lebesgue.p.127-128.
5. "Da *Volta do Fauno*". Augusto Casimiro.p.181-183.
6. "A categoria da qualidade". Leonardo Coimbra. p.184-186.

No quarto volume, diferentemente do quinto, ainda não podemos sentir grandes efeitos da polêmica, mas certamente já podemos detectar uma defesa indireta às propostas de Pascoaes, que aparecerá em alguns dos textos que analisaremos. Os dois textos de Leonardo Coimbra e algumas das resenhas feitas na parte de "Bibliografia" que acima citamos vão mostrar claramente que existe um esforço de corroborar com algumas das propostas defendidas na resposta pascoalina que acabamos de analisar.

Antes porém de partirmos para estes textos, precisamos nos referir ao poema que fisicamente mais está próximo da polêmica Sérgio-Pascoaes. O soneto "A Hora da prece" de Augusto Casimiro, como dissemos anteriormente, ocupa uma posição que é no mínimo curiosa: está espremido entre o final da segunda carta de Sérgio e a resposta que sobre elas fará Pascoaes<sup>65</sup>. Esta posição dá a ele um grande interesse, na medida que poderia estar relacionado com o que está sendo discutido pelos dois debatedores, especialmente se lembrarmos que Augusto Casimiro foi, até aqui, aquele que mais publicou poemas sobre o *novo navegar* que estaria ocorrendo na poesia portuguesa, e que, como indicamos ao analisar o conjunto das publicações presentes nos primeiros três volumes, é, até o momento, uma das figuras centrais do Saudosismo. Para uma mais fácil análise deste texto, abaixo o transcrevemos:

---

<sup>65</sup>O artigo de Sérgio termina na metade da página, e o espaço restante é ocupado por este soneto. Não encontramos um procedimento uniforme em *A Águia* sobre a ocupação do espaço da página quando o final de um artigo não chegava a completá-la. Algumas vezes o espaço era deixado em branco, em outras era ali colocado um desenho ou, como no caso citado, era acrescentado um poema pequeno. Se estranhamos a colocação do soneto de Augusto Casimiro é porque existia uma continuidade natural entre as cartas de Sérgio e a resposta de Pascoaes, que é cortada pela presença deste poema.

## A HORA DA PRECE

A Vila Moura

Cale-se a voz do mar, durmam as ondas mansas,  
Tombem as velas no convês da nau veleira...  
Nasça o luar beijando o berço das creanças,  
Venha a noite a embalar, materna, a terra inteira...

-Vento, pára o corcel, apeia-te! (Descanças  
Vendo os astros florir...) Ó alva amendoeira,  
Noiva, - penteia ao luar tuas nevadas tranças...  
(Parece dia, dia claro, á tua beira...)

Astros do ceu -florí,- olhos que o luar desmaia,  
Astros , lirios do ceu!... E a noite perfumai-a  
De misterio e de Alem... (Cala-se ao longe o Mar...)

"Terra de Portugal... ,, E ponho as mãos... É a hora  
Das orações... "Ó ceu na terra, ó meu Sol fóra!  
Patria do Mar, jardim, horto florido, altar! ,, <sup>66</sup>

Alguns elementos deste poema ressoam com os poemas de Pascoaes: a noite e o luar aparecem como agenciadoras do mistério que circunda as coisas. Mas, no todo, é um poema que não possui a mesma envergadura dos demais de Casimiro que aqui analisamos, no tocante a construir uma imagem coesa sobre o país. Podemos notar que no soneto acima existe um ciclo que, começando no primeiro verso em que o eu lírico pede para que a voz do mar se cale, se fecha no último verso do primeiro terceto em que *Cala-se ao longe o Mar*. Após este momento é outra voz, a do eu lírico, que vem substituir a voz do mar, o que é assinalado no poema pelo uso das aspas, que só aparecem nesta última estrofe. Assim esta *hora da prece* não é apenas uma hora crepuscular em que se reza, mas o momento em que, calado o mar, uma voz se ergue em oração para substituí-lo. Se esta estrutura geral poderia indicar que o poema estaria próximo das propostas em que um novo navegar religioso viria a substituir o antigo navegar que não mais existe, de fato esta hipótese não se confirma totalmente. O silêncio do mar, e as velas que tombam no convês, não são um fato acontecido, ou uma realidade dada, mas um desejo do eu lírico que se concretiza. Assim, a voz que vem substituir a do mar não está repondo uma carência, mas dela mesma vem o desejo do silêncio necessário para a prece. Se formos, por outro lado, analisar os termos empregados nesta prece, veremos que eles transformam Portugal em um espaço mágico e

<sup>66</sup>CASIMIRO, Augusto. "A hora da prece". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.103.

religioso, em função de muitas associações que são feitas ao longo de todo o poema. Portugal é não só *altar*, termo que por si já remete ao religioso, mas também *jardim* e *horto florido*, imagens que no interior desta obra também ganham um estatuto religioso na medida em que o poema constitui uma homologia entre a *terra florida* e o *céu que se flore de astros*, e também entre a *amendoeira* e o *lunar*, e, como pode ser notado, o lunar é um agenciador do mistério e aos astros que florem o céu o eu lírico pede que perfumem a noite de *mistério e de Além*. Mas, é importante que notemos, este espaço religioso é um pouco gratuito, sem nenhuma relação com o mar que se calou. Ou seja, se Portugal é *Pátria do Mar* e *altar*, não existe no poema relação entre estas duas qualificações, o que acaba por não gerar uma imagem consistente do país. Assim, se algo nele lembra as propostas saudosistas é apenas o seu aspecto religioso, não sendo a posição de destaque que ocupa neste volume correspondente a um valor intrínseco que de fato possuía.

Se o texto acima possui apenas uma fraca homologia com as propostas pascoalinas, o mesmo não ocorrerá com os outros que acima indicamos como possíveis defesas a estas propostas. Os de Leonardo Coimbra constituem, neste volume, um tipo de reflexão mais filosófica, e portanto em tese mais rigorosa, que acabará por corroborar com alguns pontos importantes da resposta de Pascoaes a Sérgio. Por sinal em ambos, como poderemos notar, parece existir um final um pouco forçado que pode ter sido feito com o propósito específico de defender o autor de *Jesus e Pã*.

No primeiro deles, "O problema do milagre", ele assim define a questão que irá tratar:

A noção vulgar de milagre apresenta-o como um acontecimento em oposição com as leis da natureza.

Essa mesma noção tem, todavia, sob este primeiro aspecto, uma realidade um pouco diferente. É miraculoso o fenómeno conhecido, que excede a nossa expectativa, muito principalmente quando tal acontece em proveito nosso.

É neste excesso que reside a virtude do milagre.

Analisêmos, pois, a qualidade deste excesso.<sup>67</sup>

Para Coimbra a nossa expectativa sobre os acontecimentos é fruto de um longo aprendizado:

A nossa expectativa é a atitude resultante da adaptação ao meio em que vivêmos. Essa atitude representa a conclusão dum longo trabalho das forças profundas da vida e da educação individual e social. É uma atitude subsistente e bem garantida por seculares esforços (sic) victoriosos.

---

<sup>67</sup>COIMBRA, Leonardo. "O problema do milagre". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.121.

Dirige a nossa actividade entre o agir dos fenomenos, que nos cercam. Ora estes fenomenos produzem-se dentro dum determinismo, que permite prevêr o *resultado* das suas combinações.

A capacidade teleologica do seu livre agir tem um limite mais ou menos conhecido.<sup>68</sup>

O milagre surge quando estes limites são de alguma forma rompidos ao ocorrer "um *fenomeno novo* compreensivel como consecuencia de fenomenos familiares"<sup>69</sup>, não sendo necessário que as leis naturais sejam contrariadas, mas apenas que "os fenomenos naturaes se enlacen de molde a *aparecer* uma inesperada harmonia"<sup>70</sup>. Assim:

É o aparecimento deste excesso de capacidade teleológica dos fenomenos que, por não sêr habitual, toma o aspecto estranho de contrário ás leis naturaes.<sup>71</sup>

Coimbra passa então a questionar se o avanço científico poderia significar o fim da noção de milagre, que é "o que pretendem todos os filósofos que transcendem, em nú, os simples resultados do empirismo"<sup>72</sup>, pretensão que mostra ser impossível:

(...) Mas estes não o podem fazer [negar a possibilidade dos milagres] porque não demonstraram a integral supressão do excesso teleologico sobre a capacidade natural. Não demonstraram os seus limites, em biologia sobretudo, e nem sequer analisaram o excesso psiquico, cujo papel, no problema, é primacial.<sup>73</sup>

Em vista disto considera:

Será então possível o milagre?

Conservêmos-lhe o seu comum sentido de excesso teleologico e podêmos dizer que o milagre é não só possível, mas até a propria fonte do Sêr.<sup>74</sup>

---

<sup>68</sup>Ibidem, p.121.

<sup>69</sup>Ibidem, p.121.

<sup>70</sup>Ibidem, p.121.

<sup>71</sup>Ibidem, p.121.

<sup>72</sup>Ibidem, p.122.

<sup>73</sup>Ibidem, p.122.

<sup>74</sup>Ibidem, p.122.

Para Coimbra, se são possíveis milagres no mundo físico, como as levitações, "os casos interessantes começam, quando nos encontramos em pleno mundo psíquico e moral"<sup>75</sup>. Fala então sobre milagres possíveis, como o caso de um histérico paralítico readquirir os movimentos, ou uma criatura adquirir "a posse de uma língua desconhecida"<sup>76</sup>, caso este que seria "a demonstração duma subconsciência, que guarda conhecimentos perdidos para a consciência central, que nunca os possuira"<sup>77</sup> e sobre a qual acrescenta:

(...) Esta subconsciência é dum benéfico providencialismo, pois guarda o que a consciência central perderia. O recurso a esta subconsciência (que, de resto, é ainda de inexgotáveis horizontes) permitirá sempre um excesso de vida moral.<sup>78</sup>

Pelo que vimos até aqui podemos perceber que existem certas consonâncias entre o pensamento de Coimbra e o de Pascoaes. Ambos, em certo sentido, acreditam que o mundo psíquico-moral ou religioso pode determinar acontecimentos do mundo físico. Se Pascoaes afirma que o que Portugal precisa é de um objetivo moral, que o restante, uma vez isto atingido, será dado em excesso, Coimbra também considera que o excesso teleológico da natureza é muitas vezes fruto do pensamento que age sobre o mundo físico, e que milagres ainda maiores ocorrem no mundo moral. No final de seu artigo, porém, estas homologias se tornam ainda mais patentes, como podemos ver abaixo:

E serão mais limitados os horizontes da consciência central? Não haverá, em nós, como uma hiperconsciência, quando colocamos o centro de gravidade da nossa vida moral no esforço duma pura fraternidade?

O coração pessoal, quando se acorda com o espírito da raça, não é capaz de extraordinários excessos? Não haverá lances em que a voz humana atinge notas supremas de certeza? Quando, em Alfarrobeira, aqueles lábios de lealdade perfeita se despedem do corpo, não vemos como a entreaberta de dous mundos, a noite a diluir-se em aurora, a matéria a esfumar-se em espírito?

Ha, sim, um infinito moral para o qual se pode esforçar a consciência e onde, permanentemente e sempre, pode beber a energia que, em continuo excesso a erga, e sublime.<sup>79</sup>

---

<sup>75</sup>Ibidem, p.122.

<sup>76</sup>Ibidem, p.123.

<sup>77</sup>Ibidem, p.123.

<sup>78</sup>Ibidem, p.123.

<sup>79</sup>Ibidem, p.123.

Como vemos Coimbra, neste trecho, considera como uma das fontes dos momentos milagrosos aqueles em que o coração pessoal está em perfeito acordo com o espírito da raça. Não se trataria de um destes momentos o momento atual em que uma série de poetas estão *revelando* a Portugal seu verdadeiro espírito? Não seria Pascoaes o representante máximo nesta revista desta tentativa de criar um milagre no mundo moral português, dando uma *alma* a este *corpo* que dela se esqueceu? Certamente, dado este artigo e o contexto em que foi publicado, podemos responder afirmativamente a estas perguntas. De fato parece-nos lícito supor que esta irrupção de Portugal em um texto que, em princípio, não tratava do país, pode ter o objetivo de defender, por outras vias, as propostas saudosistas, e em particular Pascoaes<sup>80</sup>, hipótese que pode ser ainda mais viável pois, como veremos, um procedimento muito próximo a este também ocorrerá no outro artigo de Coimbra, "A categoria da qualidade", publicado neste volume. Este segundo artigo assim começa:

A qualidade é o reducto indestrutível do idealismo e, por isso mesmo, o obstinado alvo das arremetidas materialistas. Suprimir a qualidade por uma quantificação integral do Sêr é o desejo de todo o trabalho científico e seria o *dever* de toda a escola que se apresente em ofensiva negação do idealismo.<sup>81</sup>

Mas este desejo e este dever são, para Coimbra, impossíveis. Para mostrar esta impossibilidade, já que "as realidades científicas que menos implicam a *qualidade* nada seriam sem elas", analisa como " estudou Galileu as leis das quedas dos graves":

(...) Galileu lançou os corpos em queda livre ao longo de um plano inclinado, diminuindo assim a aceleração da gravidade na razão do seno do ângulo do plano. Em vez de  $g$  (da gravidade) mediu  $g'$ , que é ligado a  $g$  pela equação  $g' - g \sin a = 0$ , sendo  $a$  o ângulo do plano inclinado. Como é possível esta substituição, que implícito postulado a legitima?

Se tratássemos de quantidades, como explicar que uma fração duma quantidade permita conhecer a quantidade incognita? É legítima a substituição porque a *qualidade* da força lhe mantém, no mínimo, a estrutura; porque a unidade interna da qualidade faz repetir da parcela ao todo, do finito ao infinitesimal, a mesma essência, e, como efeito, as mesmas leis.

---

<sup>80</sup> Devemos aqui notar que se este artigo de Coimbra é do mesmo número da revista em que saíram as cartas de Sérgio e Pascoaes isto não impede que Coimbra tivesse conhecido o teor de ambas antes de escrever este seu artigo. Ainda mais porque, como sabemos, o filósofo do *Criacionismo* e o autor de *Maranus* eram amigos íntimos, e Pascoaes era o diretor literário da revista.

<sup>81</sup> COIMBRA, Leonardo. "A categoria da qualidade". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.184.

Assim, é por virtude da qualidade que o determinismo mecânico atinge a realidade; assim, a ciência mais aberta à exaustão quantitativa só existe por virtude da qualidade, que interiormente anima as mínimas realidades quantitativas.<sup>82</sup>

Assim, para Coimbra, a qualidade está contida mesmo dentro das ciências mais quantificadas, o que o leva a afirmar:

(...) Quando no modesto gabinete de física do nosso mais humilde liceu, mostramos, aos olhos admirativos da juventude, as simples leis da queda, rasgamos as janelas das escuras salas e é todo o Sol, toda a natureza, toda a secreta harmonia das cousas que, em colaboração amiga, conosco vem trabalhar. Nunca pude vêr, com descarnados e sêcos olhos, os instrumentos dum gabinete de física. É que neles, eu vejo o olhar transcendente que apreende o idealismo oculto da natureza, é que, neles, vive a secreta harmonia do Sêr.

(...)

Quando com a máquina de Atwood demonstramos as leis da queda é a *alma* da força gravífica (a primordial e universal força organisadôra) que apreendêmos.<sup>83</sup>

Como vemos este artigo é, até aqui, um artigo apenas filosófico-científico. Se nele existe uma defesa das propostas pascoalinas ela ocorre de forma bastante indireta, mostrando que é impossível quantificar o mundo e que, em consequência, uma visão apenas materialista do mesmo - visão que poderia ser atribuída a Sérgio -, que não tenta enxergar a sua *alma*, estaria fadada ao erro. Mas curiosamente, de forma análoga à que ocorreu no artigo anterior, poderemos ver que esta defesa vaga se transformará numa defesa bem mais concreta.

Após discorrer mais sobre a máquina de Atwood e mostrar que também nela utilizamos o mesmo artifício utilizado por Galileu, o de estudarmos "numa aceleração menor a qualidade da aceleração gravífica"<sup>84</sup>, Coimbra inicia a parte final de seu artigo, que abaixo reproduzimos integralmente:

Desde a mecânica, no miolo e nos métodos, no conteúdo e na forma, a eterna harmonia livremente ondula, vibra e é. Este o motivo metafísico (sic) da beleza natural. Aqui, em frente ao Mar, eu vejo o céu concavo de silêncio onde, do astro ao átomo, tudo realisa a sua perfeita trajetória; eu ouço o resfolegar do Oceano, onde cada gota encontra a harmonia do seu movimento e da sua fala. E em parte alguma está a exterioridade absoluta, a quantidade pura, o movimento desentranhado e ôco.

---

<sup>82</sup>Ibidem. p.185.

<sup>83</sup>Ibidem. p.185-186.

<sup>84</sup>Ibidem. p.186.

Por isso eu amo os poetas da minha terra que procuram a alma da solidão, a harmonia das esferas, a alma da quantidade desde a mal liberta e esquecida alma mecanica, até á nossa redimida alma de lembrança.

Por isso eu não compreendo os poetas e prosadores da minha terra, que cantem e louvem um absurdo dinamismo da quantidade, que seja o absurdo esforço desqualificado, a vertigem, o galope do cavalo mecanico, ignorada a belesa implicita do mecanismo.

A *qualidade* é a fonte inexgotavel de energias, que, da actualização mecanica á lembrança humana, sobem da raiz aos ramos, e, dos ramos, transcendem ao misterioso infinito Ceu. E, aí, na lembrança amorosa, florescem nova vida; reacendem, em novos astros, os velinhos sois; erguem, em perfumado corpo de eternidade, o transitorio, o exiguo e o banal.<sup>85</sup>

Como podemos ver, nesta parte final aparecem, de forma um pouco forçada, os *poetas* e os *prosadores* da *minha terra*. A ligação destes dois parágrafos com a polémica que é travada na revista é por demais evidente, para que não pensemos que eles foram feitos em função deste combate. De um lado temos Pascoaes, fundamentalmente poeta, em que a lembrança e a saudade são elementos fundamentais. De outro Sérgio, poeta e prosador, que canta a vertigem e o galope do cavalo mecânico. O segundo, para Coimbra, está no erro, pois não percebe a qualidade, esta fonte inesgotável de energias que une a *actualização mecânica à lembrança humana*, reduzindo seu olhar e sua análise à primeira delas, como se ela fosse a única e absoluta realidade. Além do que é a lembrança que, como nos diz, dá *nova vida aos velinhos sóis*, transforma o *transitório* em *eterno*, de forma muito próxima à transformação que, pela Saudade, Pascoaes espera que ocorra em Portugal.

Assim neste artigo de Coimbra encontramos uma construção muito próxima à do primeiro. Em ambos os textos que, aparentemente, nenhuma relação têm com as propostas nacionais defendidas por Pascoaes, Coimbra introduz nas partes finais, algumas farpas para o inimigo do Saudosismo e uma defesa para seu amigo, partes estas que temos a nítida sensação que foram acrescentadas em função da polémica<sup>86</sup>.

Mas, como dissemos acima, não são apenas nos textos de Coimbra que encontramos defesas das posturas pascoalinas. Algumas das resenhas bibliográficas, publicadas neste número de *A Águia*, mostram que também no mínimo o autor das mesmas concordava com as posturas de Pascoaes. No mínimo pois, como as resenhas não estão assinadas, podemos

---

<sup>85</sup>Ibidem. p.186.

<sup>86</sup>Certamente apenas podemos considerar esta idéia como uma hipótese possível, já que contamos apenas com os textos integrais publicados na revista.



pensar que elas representam o pensamento da *Renascença Portuguesa*, órgão a que a revista pertence.<sup>87</sup>

Nesta *Bibliografia* são resenhadas 7 obras em seis textos, e três destes nos interessam: os que se referem a dois livros de Pascoaes (*Elegias e O génio português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*) e o que se refere a dois livros de Joan Malagarrida, um autor catalão<sup>88</sup>.

De início é no mínimo curioso que no mesmo número da revista em que a polémica se inicia sejam resenhadas duas obras de Pascoaes. Estas obras são respectivamente de 1912 e 1913<sup>89</sup>, ou seja, estão reunidos em uma única seção da *Bibliografia* um livro que havia sido lançado no ano anterior e outro extremamente recente. A primeira destas obras é analisada de forma bastante elogiosa, em que se conjugam referências à grande envergadura de Pascoaes enquanto poeta - com afirmações como "O nome de Teixeira de Pascoaes é, por si, o mais alto elogio das suas obras"<sup>90</sup> e "este Poeta, que forma ao lado dos grandes poetas contemporaneos"<sup>91</sup>- com afirmações sobre o grande valor que este livro possui dentro das obras de Pascoaes.

A análise do segundo livro nos interessa mais de perto, pela obra analisada se tratar de uma das conferências que Pascoaes publicou sobre as suas propostas para o país, e abaixo a reproduzimos

Mais uma expressão, e notavel, do talento de Teixeira de Pascoais é a sua feição de conferente.

Desde muito que a sua filosofia vem sendo notada pela alta revelação que importa á Raça, de que o grande Poeta é uma alta e inconfundível figura.

Neste opusculo está o Poeta e o Filosofo. É uma syntese do seu pensamento dirigente, - **que mau grado todas as guerras que lhe têm movido** - vale como afirmação rara dum notavel espirito.

---

<sup>87</sup>A partir do segundo volume de *A Águia* era um procedimento recorrente as resenhas bibliográficas normalmente não serem assinadas. Estas resenhas estão usualmente na primeira pessoa do plural e, em vários momentos, podemos encontrar índices de que se fala por um conjunto de pessoas, que licitamente podemos supor que são os membros da revista e/ou da *Renascença Portuguesa*. Como poderemos fundamentar melhor quando analisarmos o quinto volume, estas resenhas algumas vezes apresentam pontos de vista contraditórios, o que poderia indicar que ou não eram escritas e/ou revistas por vários membros representativos, ou que eram escritas por várias pessoas com posturas distintas.

<sup>88</sup>As outras obras resenhadas são *Camilo Inédito*, organizado e prefaciado por Vila-Moura, *Missã Profana* de Justino de Montalvão e *Canto Primavera* de Carlos Maul.

<sup>89</sup>Cf. GARCIA, Mário. Op. cit. pp. 328-329.

<sup>90</sup>BIBLIOGRAFIA. *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.124.

<sup>91</sup>Ibidem, p.124.

Pode discordar-se incidentalmente de um ou outro ponto da conferencia. Valerá sempre no mais das suas paginas, de que nos apraz citar, a titulo de exemplo, a analyse de alguns vocabulos portugueses e a distincção entre o *Saudosismo* e o *Simbolismo francês*- passagens bem vincadas, de uma singular observação e brilho.

Tal, em resumo, não a critica, mas a impressão que nos deixou a leitura do ultimo e magnifico trabalho de Teixeira de Pascoaes.<sup>92</sup>

Alguns elementos desta resenha parecem nos indicar que ela foi feita levando em conta a polêmica que se iniciou neste número. A referência às *guerras* que as idéias de Pascoaes têm gerado, que acima colocamos em negrito, pode claramente ser uma referência à polêmica. Mas não apenas isto. Como podemos ver da conferência como um todo o autor da resenha considera em especial dois trechos como sumamente valiosos: a análise de alguns vocábulos do português e a distinção entre o Saudosismo e o Simbolismo francês. Este segundo trecho é o que saiu em artigo no terceiro volume de *A Águia*, e a ele já nos referimos. Importa apenas voltar a salientar que nele Pascoaes reafirma o valor único da nova arte poética portuguesa, que considera superior ao Simbolismo por ter como objeto o mistério. Já o segundo trecho se caracteriza por uma análise de um conjunto de vocábulos que, para Pascoaes, são intraduzíveis, entre eles obviamente se destaca a saudade. Ao elogiar este trecho o autor da resenha está, claramente, não só mostrando o seu valor, mas questionando a validade do ataque que Sérgio fez ao conceito de que o termo saudade é intraduzível<sup>93</sup>, atuando assim indiretamente na polêmica.

Mas não são apenas nestas duas resenhas que as idéias de Pascoaes são apoiadas. Indiretamente este apoio também ocorre quando são analisadas duas obras de Joan Malagarrida, *Passions & Somnis* e *Aurora*. Abaixo reproduzimos esta resenha, já que apenas a sua leitura integral permite que possamos traçar a forma como as idéias de Pascoaes são referendadas:

Falamos atraz d'um Povo irmão [o Brasil] pois Joan Malagarrida pertence a outro Povo que é também do nosso sangue e do nosso espirito.

A Catalunha é um Portugal mediterraneo, e Portugal é uma Catalunha atlantica. Impõe-se tambem a mais estreita união entre estes dois Povos da Iberia.

<sup>92</sup>Ibidem, p. 125. Os negritos são nossos.

<sup>93</sup>Como podemos ver pelo trecho "Seja como fôr, evidentemente um homem que diz *moonlight* por *luar*, jamais poderá sentir saudades"(SÉRGIO, António. "Epístola aos saudosistas". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.100.), em que Sérgio ironiza a idéia de Pascoaes de que também o termo *luar* é intraduzível, e pouco tem a ver com *moonlight*, podemos perceber que não é apenas a exclusividade do termo Saudade que é atacado pelo autor dos *Ensaio*s, o que vem mostrar o valor estratégico que tem a seleção, entre outros, deste trecho da conferência de Pascoaes para ser realçado.

Só as obras do espirito a poderão realizar. Não ha diplomacias que valham uma palavra saida d'alma. Joan Malagarrida é um jovem poeta catalão, mas um poeta de raça e mais ainda da sua raça. **O seu culto pela lingua patria e, portanto, pela genuidade do espirito nacional, que o afasta de preciosismos exóticos e imitações estrangeiras, fazem d'ele um novo poeta digno de todos os louvôres.** A alma da Catalunha, essa alma admiravel que tanto glorificou a civilização mediterranea, encontrará certamente, n'este poeta, um dos seus mais belos representantes.

Agradecemos reconhecidos a offerta das suas obras.<sup>94</sup>

Como podemos ver pouquíssimo é dito dos livros resenhados, além de que são fiéis à língua catalã e ao espírito do país. Mas, se pouco se fala da obra, muito é, indiretamente, dito em relação a outros aspectos. A idéia geral de que a Catalunha é um povo irmão foi, como já vimos, defendida por Pascoaes na sua polêmica com Sérgio, e já havia sido anteriormente afirmada na conferência *O génio português*, e tem como uma de suas principais premissas, como sabemos, o fato de que a língua catalã é a única a ter uma tradução para o termo saudade: anyorança. Se este aspecto já mostra a relação entre esta resenha e os textos de Pascoaes, esta relação fica ainda mais estreita pelo trecho que acima colocamos em negrito. O que o autor da resenha vê como valor na obra do poeta catalão é justamente aquilo que Pascoaes defende como valor para a verdadeira obra literária nacional, a fidelidade ao espírito do país e a não imitação de características estrangeiras. Assim, as lentes que lêem a obra deste poeta possuem as mesmas perspectivas das de Pascoaes, mostrando assim que claramente a postura do autor de *Maranus* é aqui referendada e aceita como modelo.

São estes artigos que acima analisamos os que estão mais diretamente relacionados com a polêmica Sérgio-Pascoaes. Os outros dois que no início desta seção nos referimos tem uma ligação bem mais tênue e mesmo, no caso do poema de Augusto Casimiro, um interesse apenas lateral.

O texto de Philéas Lebesgue é a reprodução de trechos de um artigo originalmente publicado no *Mercure de France* nº 390<sup>95</sup>. Ele inicia a parte de seu artigo reproduzida em *A Águia* tecendo algumas considerações gerais sobre o grupo da Renascença Portuguesa,

<sup>94</sup>Ibidem, p.126. Os negritos são nossos. O agradecimento final mostra o que acima dissemos, que as resenhas são usualmente escritas na primeira pessoa do plural e que parecem, por sua forma, indicar uma opinião coletiva. O agradecimento feito no final parece claramente ser em nome dos membros da Renascença.

<sup>95</sup>O artigo original possuía, além das partes citadas em *A Águia*, uma longa análise sobre o *Jornada Romântica* de João Grave e outra análise sobre o *Jardim das Tormentas* de Aquilino Ribeiro. (Cf. LEBESGUE, Philéas. "Lettres portugaises". *Mercure de France*, Tome CVI, p.431-436.). Assim, na reprodução feita em *A Águia* foram retiradas todas as partes que não se relacionavam com autores pertencentes ao movimento saudosista.

citando um trecho de Cortesão em que este afirma que pode se chamar o momento atual de a *hora do infante*, pois nele o espírito da raça está finalmente se tornando consciente, e afirma que para Teixeira de Pascoaes este momento atual se caracteriza pela criação de uma nova religião que gerará uma nova arte, uma nova filosofia e em um novo estado social. Após estas considerações gerais afirma:

Nous n'avons pas à apprécier ici quelle peut être la portée immédiate d'une telle doctrine; il doit nous suffire d'indiquer la part de nouveauté qu'elle apporte dans les réalisations esthétiques et spécialement littéraire de la génération contemporaine.<sup>96</sup>

Após este trecho, e a afirmação de que este tipo de arte se opõe ao cosmopolitismo "qui permet l'eclosion des fruits rares sans rapport direct avec le millieu"<sup>97</sup>, este poeta francês passa a analisar alguns autores mais ou menos ligados ao movimento Saudosista - Cortesão, Mário Beirão, Pascoaes e Correia de Oliveira, tecendo vários elogios a suas obras. Se este artigo tem interesse, por mostrar que as obras dos poetas da Renascença eram analisadas mesmo fora do país, o interesse basicamente termina aí.

Também o poema de Augusto Casimiro possui, como dissemos, um interesse apenas lateral. Nele é descrito um período maravilhoso, em que os homens e os deuses conviviam, que é contraposto com a atualidade, período apagado em relação a este primeiro. A estrofe abaixo, em que estes dois tempos são contrapostos, é um bom exemplo da forma como esta oposição aparece no poema:

Era no tempo antigo, hoje esquecido,  
Em que os deuses e os homens se entendiam,  
E homens e deuses, plácidos, viviam  
Numa fraterna, rútila amizade...  
Tempos de maravilha e de madrugada!  
Sobre a terra poisava o Olimpo, o ceu...  
(... Que a terra agora, a terra profunda,  
É Catedral sombria, abandonada,  
Em que um sentir divino se perdeu...-)<sup>98</sup>

<sup>96</sup>LEBESGUE, Phileas. "Lettres portugaises". *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.127.

<sup>97</sup>Ibidem. p.127.

<sup>98</sup>CASIMIRO, Augusto. Da volta do fauno. *A Águia*, 2ª série, v. 4, p.181.

No final do poema o eu lírico fala mais especificamente do período atual e de como ele se sente nele vivendo:

Homens de então... Humanidade ausente...  
Que saudades do céu! E em mim projecta  
A saudade o clarão dum sol-poente...

Que saudades do céu! E ergo o meu canto...  
-Foi a saudade que me fez poeta!...  
Fui deus... Sou homem... Ah! -Quebrou-se o encanto!

Orfã do céu, a terra, na orfandade,  
Negou seu pai... E a terra anoiteceu,  
Terra das Almas, chão de escuridade...

Almas de então! Que abatimento o nosso!  
-Quantos entendem hoje a voz do céu  
Ecoando em nós, num célico alvoroço?

O que nós somos hoje!... Almas de então!...

"Foram-se os deuses..."disse alguém... E eu ouço,  
A minha alma a protestar que não!<sup>99</sup>

Como podemos notar o principal interesse que este poema possui é o de mostrar a época atual como um período carente de religiosidade. Os deuses não mais existem, mas o homem, ao menos o eu lírico do poema, sente que este desaparecimento foi uma perda e não um ganho. Desta forma as propostas pascoalinas de criação de uma nova divindade, que viria a ocupar o lugar dos deuses não mais existentes na atualidade, poderia ser indiretamente uma resposta para esta carência que o eu lírico sente. Se Casimiro não fala do país, acaba por descrever uma característica da atualidade que mostra a via de Pascoaes como possível saída para esta carência.

Como podemos ver, mesmo sendo apenas o volume em que a polêmica Sérgio-Pascoaes se inicia, esta polêmica acaba por extravasar, direta ou indiretamente, para muitos dos outros textos nele presentes. Na análise do próximo volume poderemos ver que este combate terá efeitos ainda mais fortes no conjunto da revista. Mas, antes de passarmos a ela, devemos notar que este volume possui uma especificidade no mínimo curiosa. Um dos grandes nomes do Saudosismo, Augusto Casimiro, se como vimos publica três obras em

---

<sup>99</sup>Ibidem. p.183.

parte relacionados com a problemática nacional, de fato em nenhum delas chega a gerar um texto que, de forma consistente, possa ser ligado diretamente às propostas que defendia em sua produção poética, e chega mesmo a publicar o excerto de uma peça que, ao menos em parte, defende pontos de vista contrários às propostas saudosistas. Por outro lado, como pudemos notar, todas as defesas às propostas de Pascoaes ocorrem de forma dissimulada ou forçada, como se os outros membros do movimento não se sentissem à vontade para, abertamente e de forma clara, participar do debate Sérgio-Pascoaes. Certamente, apenas com estes dados, não podemos com precisão aventar uma hipótese do porquê isto ocorre, mas podemos perceber que existe aqui um *desconforto* dos saudosistas que precisaremos rastrear nos demais volumes em que foi publicada esta polêmica.

### 3.3.3.4 A polêmica no quinto volume

A maior parte da polêmica Sérgio-Pascoaes encontra-se neste quinto volume e também nele encontraremos várias outras colaborações por ela influenciadas. Como na parte anterior vamos, inicialmente, analisar os textos da polêmica, para depois nos referirmos aos outros que com ela se relacionem ou que apresentem análises sobre o país.

Como atrás dissemos, são os seguintes os textos da polêmica presentes neste volume:

1. "Regeneração e Tradição, Moral e economia". António Sérgio. pp.1-9.
2. "Resposta a António Sérgio". Teixeira de Pascoaes. pp.33-38.
3. "Despedida de Julieta". António Sérgio. pp.109-12.
4. "Última Carta?". Teixeira de Pascoaes. pp.129-37.
5. "Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago". António Sérgio. p.170-5.

Sérgio abre o quinto volume com sua resposta a Pascoaes, que é dividida em cinco partes. A primeira assim começa:

E á sua frente, gládio em punho, pusemos o Pascoais. - Isto me escrevia ha dois meses e meio, annunciando-me o seu artigo que recebi hontem, o nosso Augusto Casimiro. Fiquei sabendo dessa forma que me enviava o saudosismo o seu Aquiles; contra mim, que não sou Heitor de gente alguma, - o saudosismo arrojava não sómente o seu Aquiles, mas o seu cabeça e o seu chefe: o próprio Agamemnon, o rei dos reis; e não só o rei dos reis, mas o Mago, o Sacerdote, a Pitonisa!<sup>100</sup>

Ao classificar Pascoaes de *Mago, Sacerdote e Pitonisa*, Sérgio inicia um processo que será comum em toda esta carta, o de, muitas vezes através de aparentes gentilezas, desqualificar a validade das propostas pascoalinas. Já após a parte acima citada, entre outros aspectos, diz que os comentários tecidos por Pascoaes em sua resposta foram "transcendentes e incompreensíveis"<sup>101</sup>, que teve a sensação de que ele lhe refutava com

---

<sup>100</sup>SÉRGIO, António. "Regeneração e tradição, moral e economia". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.1.

<sup>101</sup>Ibidem. p.1.

"uma sonata de Beethovem"<sup>102</sup>, e que as palavras do autor de *Elegias* têm "a doçura e a insubstância do vôo espiritual de um silfo"<sup>103</sup>, para, a seguir, apontar as diferenças fundamentais entre a sua pessoa e a do chefe do Saudosismo:

Eu já sabia, meu amigo, que era infinita a distância entre um poeta amabilíssimo (divino salgueiro que se debruça nas águas lentas do puro sonho) e um voluntarista-intelectualista, esculpido á custa de machadada num tronco já seco da antiga Hélénia; entre um romantico e um clássico; entre um elegiaco lusitano da escola de Bernardim, que vai encher um cantaro puro á bica cantante do Amor-Saudade, e um aluno de Albion e Germania, admirador de Antero e Herculano, todo atascado, como bem crê, no carvão de pedra da suja Europa; entre um sedentário, finalmente, que se tornou o bardo dum cantinho da doce terra portuguêsã, e uma alma bronca de cosmopolita, de vida arquejante e por vezes ríspida, operário de uma faina que com dôr se eleva, pioneiro forçado da larga Terra, marujo do oceano que não tem fim.<sup>104</sup>

Por fim considera que as diferenças são, de fato, ainda maiores e que eles não podem ser apenas "dois homens muito diferentes"<sup>105</sup>, mas sim "substancias incomunicáveis"<sup>106</sup> ou "pelo menos, duas especies diversissimas; somos como um Rouxinol e como um Peixe. -V. é o rouxinol e eu o peixe."<sup>107</sup>

Como podemos ver existe no discurso de Sérgio mais do que uma oposição entre a suas características e as de Pascoaes. Todas as qualificações que atribui ao seu oponente têm por objetivo *desqualificar* a validade do discurso deste. Como poderia um sedentário que nunca saiu de sua pátria, um poeta que enche seu *cántaro* na bica do *Amor-Saudade* ter propostas concretas e aplicáveis para a transformação do país? Sérgio tenta convencer os leitores de que certamente alguém com algum conhecimento da Europa, pelo menos da Inglaterra e da Alemanha, e herdeiro, como ele insinua, de outros reformadores, como o foram Herculano e Antero, poderia estar bem mais preparado para esta tarefa. O autor dos *Ensaio*s toca aqui, indiretamente, em um ponto central. Como já vimos, o discurso de Pascoaes, e do conjunto dos saudosistas, é claramente o de pessoas que acham que as

---

<sup>102</sup>Ibidem.p.1.

<sup>103</sup>Ibidem.p.1.

<sup>104</sup>Ibidem.p.1-2.

<sup>105</sup>Ibidem. p.2.

<sup>106</sup>Ibidem. p.2.

<sup>107</sup>Ibidem. p.2.



soluções possíveis estão no interior do país, e de que a sua decadência foi fruto da imitação do que veio de fora. Já Sérgio, na trilha especialmente de certas características das propostas de Antero, acha que apenas importando uma cultura outra, que no país não existe, é que ele poderia crescer. Assim qualquer tentativa de criar uma síntese nacional a partir de uma recuperação/reelaboração do passado é, neste segundo ponto de vista, um retorno aos mesmos erros em que o país está atolado há muitos séculos<sup>108</sup>. É esta a imagem básica que Sérgio pretende passar neste trecho, ao se caracterizar como alguém que possui senso prático e conhece a cultura européia, em oposição a um *bardo sonhador* de um cantinho de Portugal. Falta a este, nesta perspectiva, uma visão mais realista e global que o primeiro possui. É com o objetivo de mostrar o quanto este bardo é sonhador e distante da realidade que Sérgio monta a segunda parte de sua carta. No início desta parte ele afirma:

Peguei na pena para desfiar os seus comentarios e desisti. Os peixes compreenderão imediatamente porque assim foi; os rouxinois dirão mais uma vez que o saudosismo é "invulnerável como as criaturas sobrehumanas, em cujas veias corre divino sangue." Seria atacar a bisturi o proprio hálito duma deusa...<sup>109</sup>

Se desiste de responder diretamente à ultima carta de Pascoaes, e os argumentos antes levantados podem levar o leitor a supor que esta desistência ocorre pois estes comentários são tão inconsistentes que o seu ataque não faria muito sentido, ataca-o de outra forma. Reúne uma série de frases do autor de *Elegias*, retiradas principalmente de duas conferências, *O génio português* e *O espirito lusitano*, às quais inicialmente qualifica como "humanamente inesplicaveis"<sup>110</sup>, para depois, em vários momentos, comentá-las e/ou ironizá-las, tentando mostrar os absurdos que elas possuem. Entre as várias frases citadas e os comentários e/ou ironias feitas, algumas são especialmente importantes pois serão retomadas por Pascoaes em sua resposta, e a elas principalmente nos ateremos.

<sup>108</sup> Ainda nesta carta poderemo ver que Sérgio explicita esta postura que seu discurso, neste momento, pressupõe.

<sup>109</sup>Ibidem. p.2.

<sup>110</sup>Ibidem. p.2. Em carta enviada a Álvaro Pinto, António Sérgio havia solicitado estas duas conferências de Pascoaes, como podemos ver abaixo:

"Peço-lhe q (sic) me mande as duas conferências do Pascoais. Se não erro muito, a primeira se chama *O saudosismo*, e a segunda *O génio português na sua expressão literária e filosófica* ou coisa parecida. Não tencionava ler essas duas conferências, por me desgostar ver o Pascoais a dizer tão idiotas baboseiras; mas seria falta de consciência falar da *Renascença* sem as ler. Esteja sossegado, que não esmiuçarei em público nem farei criticas ao saudosismo. Desejo simplesmente ficar bem com a minha consciência." FERNANDES, Rogério (comp). *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*. p.20. Separata de *Ocidente*, v. 83.

A primeira grande crítica<sup>111</sup> feita por Sérgio é sobre a concepção de que o povo e a arte italianas são exclusivamente pagãos, que abaixo reproduzimos:

(...) [Você afirma] que nós somos a síntese do paganismo e do cristianismo, ao passo que foi "exclusivamente pagão o povo italiano", quer dizer, o que produziu o mais cristão e admirável de todos os grandes movimentos místicos, a cristianíssima comoção *nacional* do século XII, de que S. Francisco de Assis, Arnaldo de Brescia, Joaquim de Flora, etc., são as figuras mais interessantes; que é puramente pagã a arte italiana, quer dizer, a que deu ao mundo a forma cristianíssima do sentimento cristão nas pinturas de Giotto e de Fra Angelico, e no poema cristianíssimo do Dante.<sup>112</sup>

Após isto ironiza o fato de Pascoaes ter afirmado que as guerras se produzem porque os povos mais selvagens atacam os mais civilizados, na medida que considera que se isto fosse verdade ele poderia concluir "que os seus lusiadas eram mais selvagens do que o negro, ou do que o índio do Brasil"<sup>113</sup>. Faz a seguir uma série de críticas às concepções que o autor de *Maranus* possui sobre as inovações da poesia portuguesa, críticas que abaixo reproduzimos:

[Você afirma] que o poeta estrangeiro nunca passou de "interprete deste ou daquele livro de filosofia", sendo que "no panteísmo de Hugo, por exemplo, ha sublimes pensamentos, mas que se não encontra a alma do poeta a criar vida"; que isso de criar vida é só para os lusitanos, o que demonstra com um verso de Antonio Nobre que se diria traduzido de Victor Hugo (...); que o *novo* verso saudosista é escultural, como se isso não fosse uma velharia francesa, como tantos outros recursos poeticos que nos afirma inovações<sup>114</sup>

Crítica, a seguir, indiretamente o fato de Pascoaes dizer que as palavras "*medo, lugrebe, oculto, espectro, abismo, fantasma* (...) são palavras sagradas de nossa Língua, representam a feição original do genio lusitano, e não encontram porisso nos outros idiomas

---

<sup>111</sup>Antes desta crítica Sérgio já havia citado algumas frases de Pascoaes, entre as quais a seguinte: "o sangue lusitano é uma mistura *em partes iguais* de sangue ariano (?) e sangue semita" (SÉRGIO, António. Ibidem. p.2). Pascoaes, em sua resposta, questionará por que a expressão *em partes iguais* foi destacada.

<sup>112</sup>Ibidem. p.2. Em nota Sérgio indica que tirou estas duas frases de 'O espirito lusitano' e também cita algumas frases da "Enciclopedia mais vulgar no nosso país, a do Larousse" (Ibem, Ibidem, p.2) em que as pinturas de Giotto e de Fra Angelico são consideradas como profundamente religiosas.

<sup>113</sup>Ibidem. p.3.

<sup>114</sup>Ibidem. p.3.Em nota Sérgio indica que o citado verso de Nobre é "Cai, folhas, caí, tombai, melancolias!"(Ibidem. p.3)

vocabulos que lhes correspondam"<sup>115</sup> ao afirmar que "quasi todas [são] por sinal eruditas, cheirando a rapé, em oposição ás verdadeiras formas nacionais e populares"<sup>116</sup>; ataca o fato de Pascoaes considerar que um escritor francês chegou a conclusões saudosistas só "porque disse umas frases banais em que entram as palavras *ressouvenir* e *pressentiment*, e pronunciou uma não menor banalidade sobre o principio cristão e o principio luciferiano, como se a saudade tivesse alguma coisa a ver com tudo isso"<sup>117</sup>, e por fim, em nota, critica o fato de Pascoaes querer uma igreja lusitana subordinada ao estado, afirmando:

Essa igreja do Estado, dirigida por autenticos portuguezes inimigos de inovações estrangeiras, existiu já: chamou-se Inquisição. Tambem ela era a *intransigencia no campo religioso* que o meu amigo declarou ser ("Aguia" n° 10, p.114) uma das virtudes do saudosismo.<sup>118</sup>

Podemos ver que a estratégia de Sérgio é a de atacar uma série de aspectos, muitos deles laterais, das concepções de seu antagonista e não o centro do pensamento pascoalino, o que, em certo sentido, já havia feito em sua carta anterior . Este longo rosário de citações, algumas ironizadas e outras diretamente atacadas, certamente não tem o objetivo de fazer com que Pascoaes mude suas opiniões, mas sim o de mostrar a terceiros, possíveis leitores ainda não convertidos aos *dogmas* do Saudosismo, o quanto o pensamento pascoalino é inconsistente e absurdo, o quanto as opiniões de Pascoaes não possuem nenhum fundamento concreto<sup>119</sup>. Este ataque, quando termina a sucessão de citações, recai também sobre a figura de Leonardo Coimbra, que é junto com a de Pascoaes ironizada, como podemos ver no trecho abaixo:

E para comentario de tudo isto, reboam aos meus ouvidos as palavras do "filosofo do saudosismo", seu comentador e seu discipulo:"Essa obra (a sua, Pascoais) seria uma absoluta metafísica, integral e definitiva. E é-o"

---

<sup>115</sup>Ibidem. p.3. Sérgio indica em nota que retirou esta afirmação do *O Génio português...*

<sup>116</sup>Ibidem. p.3.

<sup>117</sup>Ibidem. p.3.

<sup>118</sup>Ibidem. p.4.

<sup>119</sup> De fato tanto Sérgio como Pascoaes, a partir deste momento, vão muitas vezes fugir do que seria o centro do interesse de ambos, as possíveis propostas para o reerguimento do país, e discutir outros assuntos, com apenas uma tênue relação com este aspecto central. Em nossa análise, dado nosso objetivo inicial, o de verificar as imagens do país presentes na revista, preocupar-nos-emos principalmente com este aspecto central e apenas citaremos os demais temas abordados.

Veja, Pascoais: V. deu ao mundo, não só a metafísica absoluta e definitiva, mas ainda no-la deu integral, completa, inteirinha: nada deixou por fazer á humanidade. Pois não é um absurdo que por esse mundo -em gabinetes, universidades, bibliotecas,- se continue a trabalhar, a discutir e a comentar? Que lhe resta a fazer á humanidade senão gastar dois tostões, e comprar um dos seus livros?

V. mesmo declara que "tão grande é este sonho, que se não atreve a acreditá-lo *em voz alta*": só em voz alta V. não acredita que o seu saudosismo é "a precursora luzerna matutina do novo sol espiritual que a Humanidade espera..."

E no meio de frases que me deliram, eu encontro-me a pensar num mundo fantástico e serafico onde as montanhas são de mel, e os rios são de leite, e os passaros dão flor, e das gingeiras brotam homens, como das nossas brotam ginjas...<sup>120</sup>

Não poderia haver maior desqualificação para o pensamento de Pascoaes e dos saudosistas como um todo. Apenas em um mundo *fantástico e seráfico* as suas propostas poderiam fazer algum sentido, e, apesar do *mundo real* não ser assim, eles agem como se fosse. A própria petulância do movimento que considera que está *revelando* uma nova e mais completa religião também é aqui ironizada. Para Sérgio, o Saudosismo é absurdo e prepotente, imagem que pretende passar aos leitores de *A Águia*<sup>121</sup>. Todas estas características negativas são, segundo o autor dos *Ensaio*s, fruto de uma dada condição sociocultural:

Pois que é isto, santo Deus, donde veio? Será sempre essa nossa terra a dos Espectros e Sonâmbulos? Ah, Pascoais, Pascoais, meu querido amigo: V. é um puro, excelso e nobilissimo poeta, mas uma vitima tambem desse ambiente social, como nós todos: desse horrivel Isolamento que V. louva e eu maldigo; do assassino trabalho secular de Purificação. V. adora e bemdiz a Purificação e o Isolamento, como os Moabitas adoravam o Moloch devorador: -esse devorador de crianças que é a figura da nossa escola, como as chamas do seu ventre são a imagem da Inquisição!<sup>122</sup>

Com estas palavras Sérgio termina a segunda parte de sua resposta, transformando assim o Saudosismo em fruto do deplorável estado social e cultural do país. Na terceira parte, que é constituída por um único parágrafo, ele desenvolve a idéia apontada no final da anterior, considerando que esta polêmica entre ele e Pascoaes pode ser inserida no contexto de uma luta que dura há séculos:

---

<sup>120</sup>Ibidem. p.4.

<sup>121</sup>Sobre a prepotência que vê em Pascoaes ele voltará a se referir na sua próxima carta.

<sup>122</sup> Ibidem. p.4-5.

(...) Como a historia se repete na nossa terra desgraçada! Pois que significa esta palestra, senão um minimo episodio (minimo, decerto, porque eu não sou ninguém) na grande luta portuguesa entre o Isolamento e a Cultura, entre a Inquisição e o Humanismo, entre os Jesuitas e Verney, entre Pina Marques e os *pedreiros livres*, entre os *rigoristas* e os *franceses*, entre os Ouriquistas e Herculano, entre o grupo de Castilho e Antero de Quental?<sup>123</sup>

A simples citação dos que ficam do lado de Sérgio, e dos que são considerados como *companheiros* de Pascoas, já nos mostra que, por trás de toda a ironia, existe realmente o objetivo de dinamitar o Saudosismo. Uma *vitória* das idéias saudosistas seria para Sérgio um retorno ao isolamento e, conseqüentemente, um desastre para o país. É importante que notemos que Sérgio faz uma leitura de fato não muito precisa das propostas saudosistas. Ele vê no Saudosismo uma corrente nacionalista e, portanto, perniciosa para o país, mas ao colocar os Jesuítas e a Inquisição como precursores do tipo de visão que este movimento possui está deturpando em parte a leitura que este grupo faz do passado nacional. Já anteriormente havíamos notado que, para os saudosistas, um dos motivos da decadência foi o ensino *estrangeirado* dos jesuítas, concepção que não permitiria que Sérgio visse nestes religiosos o mesmo tipo de postura que agora encontra nos defensores da saudade. De fato, parece que o autor dos *Ensaio*s não consegue ou não quer ver o que o movimento saudosista traz de novidade em relação às leituras que foram feitas sobre o país. Para ele ou se é a favor de uma possível integração à Europa, e portanto progressista, ou contrário a ela, e portanto retrógrado. Ele não consegue ver que o Saudosismo, se é contrário a esta integração, pelo menos em um primeiro momento -enquanto a *síntese portuguesa* não for realizada- e no campo cultural, não deixa de ser herdeiro, por outras vias, dos mesmos Antero e Herculano que ele se diz sucessor, como pudemos ver ao analisarmos a influência da tradição no pensamento saudosista. Para Sérgio parece apenas existir dois campos possíveis, o correto e o errado, e nenhuma possível mediação entre eles. Não é por acaso que Pascoas, como veremos, conta uma anedota sobre a intransigência dos ingleses, que Sérgio dirá mais tarde, também com acerto, que pode ser aplicada ao próprio Pascoas.

Nas outras duas partes de sua carta Sérgio tenderá a tratar de dois temas mais específicos, abandonado um pouco o estilo de *metralhadora giratória* com o qual tentou atacar em todas as direções. Na quarta parte ele defenderá seu ponto de vista de que "O culto do passado (...) é um efeito e não causa das energias atuais"<sup>124</sup>, contestando assim o

<sup>123</sup>Ibidem. p.5.

<sup>124</sup>Ibidem. p.5.

que Pascoaes havia dito em sua última carta. Para comprovar seu ponto de vista cita trechos dos "dois grandes mestres da nossa terra - portugueses e não luzitanos, da espécie a que chama *estrangeiros*"<sup>125</sup>, Herculano e Antero, sendo que o trecho citado deste último é aquele em que Antero, nas *Causas da decadência*, afirma que é necessário quebrar resolutamente com o passado para que Portugal readquirira o seu lugar na civilização<sup>126</sup>. Além destes dois, "na impossibilidade de citar agora muitos estrangeiros"<sup>127</sup>, cita um trecho do *Histoire des Origines du Gouvernement Réprésentatif* de Guizot, em que este afirma que quando, ao invés "de avançar para o futuro, uma nação não invoca senão lembranças e imagens do passado, é então que a decadência é verdadeira"<sup>128</sup>. A seguir cita um sociólogo para o qual não existe um *gênio nacional*, mas apenas gênios individuais, e ironiza a concepção de Pascoaes de que "uma Pátria necessita de se firmar constantemente na sua individualidade esculpida pelos séculos"<sup>129</sup>, perguntando em que passado de séculos o Portugal de Afonso Henriques se firmou para surgir e se "Serão as Patrias como as pescadas que antes de o ser já o eram?"<sup>130</sup>

Sérgio termina esta parte atacando e ironizando a *profecia* de Pessoa:

Não sei se estes assertos, e alguns outros semelhantes, o justificam de me atribuir certos intuits pavorosos, como o de "pretender eliminar Camões".

<sup>125</sup>Ibidem. p.5.

<sup>126</sup>O trecho de Herculano é o seguinte:

"*Que são essas palavras retumbantes de regeneração pelas tradições, senão sons ocios, que não correspondem a nenhuma ideia?* Suponhamos, porém, que todas essas recordações chegavam ao povo. Podem elas servir-lhe de exemplo, e de lição para as suas necessidades atuais? Num país onde a riqueza passageira destruiu os hábitos do trabalho e da economia, entorpeceu pela miséria, resultado infalível da prosperidade fictícia, a energia do coração, que faz lutar o homem com a adversidade e vencê-la, de que serve estar de continuo a prègar ao povo: -Teus avós levaram o terror do seu nome aos confins do mundo, saquearam e queimaram emporios opulentos em plagas remotas, meteram a pique poderosas armadas, derribaram os templos alheios, violaram as mulheres extranhas, passaram á espada os que eram menos valorosos que eles, abriram caminho ao engrandecimento dos outros povos da Europa, e afeitos a gosos faceis, depuseram aos pés do absolutismo as suas velhas franquias, beijaram os grilhões que lhes deitavam aos pulsos porque eram dourados, e ternaram-se(sic) lubribio(sic) do mundo?"HERCULANO, Alexandre. "A batalha de Ourique". *Opúsculos*, tomo 3, 114. Apud. SÉRGIO, António. Op. cit. p.6.

<sup>127</sup>Ibidem. p.7.

<sup>128</sup>Ibidem. p.7.

<sup>129</sup>Ibidem. p.7.

<sup>130</sup>Ibidem. p.7. Como veremos Pascoaes se utilizará de um raciocínio muito próximo a este, na sua próxima colaboração, para atacar Sérgio.

Caramba! Pois eu pretendo realmente eliminar Camões? Dir-se-ia que fui eu quem lhe previu o caimento - para breve (muito breve!) - quando aparecesse o Super-Dito, matematicamente anunciado. Qual de nós todos será ele, bom amigo, qual será? Eu cá não sou: palavra de honra que não sou!<sup>131</sup>

Na última parte de sua resposta Sérgio critica a concepção de Pascoaes de que é necessário primeiro o progresso espiritual e que, dado este, "o resto nos será dado em excesso"<sup>132</sup>. Para Sérgio "Ainda aqui a sua [de Pascoaes] ordem é invertida pelos factos"<sup>133</sup>, pois "Cada estado de economia determina os limites da moral pública; quer dizer: os limites entre os quais poderá ser a pregação verdadeiramente operosa"<sup>134</sup>. Para comprovar o seu ponto de vista cita a diferença entre o operariado inglês, que recebe o salário máximo e por isto se encontra "nobilizado, humano, com o sentimento da dignidade"<sup>135</sup>, e os que recebem o salário mínimo, como os da Itália meridional, onde se vê "um bruto trabalhador, epilético no proceder e sanguinario, sem características racionais, sem dignidade, e sem nobreza"<sup>136</sup>. Fala também das estatísticas que comprovam a existência de uma dependência entre "a moralidade feminina e o preço do trigo"<sup>137</sup>.

Como podemos ver Sérgio tenta, nestas duas últimas partes, atacar duas premissas básicas para a construção das propostas dos saudosistas. Se é o presente que dá energias ao passado, não podendo este fornecer nenhum tipo de ajuda para aquele, e se é o estado econômico de um povo que determina o seu nível espiritual, realmente as propostas saudosistas não fariam nenhum sentido, pois como vimos elas centram toda a sua atenção na tentativa de recuperar tradições que estavam presentes no passado para, com elas, poder moldar uma síntese cultural que permita um futuro melhor e mais grandioso, inicialmente

---

<sup>131</sup>Ibidem. p.7. Já em carta enviada a Álvaro Pinto, considerada por Rogério Fernandes como sendo provavelmente de final de 12 ou do início de 13, Sérgio havia manifestado seu descontentamento com os artigos de Pessoa, como podemos ver abaixo:

"(...) Pedi aqui colaboração a gente competente. O Adolfo Coelho, que tinha o seu artigo já pronto, pediu-me, depois da publicação dos do sr. Fernando Pessoa, para retirar a sua palavra, com as desculpas e as explicações competentes. Dei-lhe razão. Os outros não me tornaram a falar no caso, e eu respondi com um silêncio sensato ao seu compreendido silêncio." (FERNANDES, Rogério (comp). Op. cit. p.17)

<sup>132</sup>SÉRGIO, António. "Regeneração e tradição, moral e economia". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.8.

<sup>133</sup>Ibidem. p.8.

<sup>134</sup>Ibidem. p.8.

<sup>135</sup>Ibidem. p.8.

<sup>136</sup>Ibidem. p.8.

<sup>137</sup>Ibidem. p.8.

no campo espiritual para que, uma vez concretizado neste, possa se propagar pelos demais, gerando assim uma nova supremacia lusitana na Europa. Dentro da visão de Sérgio apenas medidas que tentassem melhorar economicamente o país, e da forma mais rápida possível, poderiam de fato trazer um engrandecimento do mesmo, e qualquer proposta em outro sentido só poderia ser encarada como prejudicial.

Após o final da resposta de Sérgio, está colocada a seguinte nota:

Por falta absoluta de espaço não posso responder, neste número da "Águia" à carta do meu querido e admirado amigo Antonio Sergio. Ficará para o próximo número. - TEIXEIRA DE PASCOAES.<sup>138</sup>

Pascoaes publicará no início do número seguinte o texto "Resposta a Antonio Sergio", que, seguindo o multifacetado ataque deste, também será bastante fragmentado, tentando responder aos mais diferentes aspectos da carta que acabamos de analisar. Mas, apesar desta fragmentação, podemos encontrar algumas constantes recorrentes. Já em seu início temos uma destas constantes, quando Pascoaes revisita o tema das diferenças entre ele e Sérgio, apontado por este, reelaborando-o :

Você é um poeta! V. é um rouxinol! V. vive a sonhar, ignora a realidade, o sitio onde se deve pôr os pés, etc., etc.!

É com idênticas palavras que os indivíduos que fazem profissão de prosa, n'esta vida, pretendem lapidar os outros de mais vastos e fundos desejos, inconformáveis com um mundo asfixiado entre as quatro paredes sem buracos do Positivismo.

É com tristeza, meu caro amigo, que o vejo tomar essa atitude, hirta e deserta, perante a Vida.

Eu sei que a Vida é restricta ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão.<sup>139</sup>

Como vemos Pascoaes inverte os sinais determinados por Sérgio em sua carta. Se este o acusava, através da ironia, de *falta de bom-senso* e de *desconhecimento da realidade*, agora é Pascoaes que vê em seu antagonista a existência de uma falta: ele tem uma visão por demais estreita, imerso *nas quatro paredes sem buracos do Positivismo*, para poder enxergar a vida de uma forma mais abrangente. O *racionalismo*, positivo para Sérgio, é aqui considerado como um erro, pois impede que a Vida seja vista em sua totalidade.

<sup>138</sup>PASCOAES, Teixeira de. (sem título). *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.9.

<sup>139</sup>Idem. "Resposta a Antonio Sergio". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.33.



Mas Pascoaes não se contenta em apontar esta *falta* em seu antagonista. Vai além, e vê na postura de Sérgio também uma presença de um certo fingimento:

(...)Eu conheço muito bem o seu espirito; sei o que ele tem de delicado e susceptível ás altas e belas cousas. O meu amigo é igualmente um rouxinol que se mascarou de peixe para meter mêdo ao Saudosismo...

E em seu louvor direi que a mascara não lhe esconde o rôsto.

A sua ultima carta, publicada n'esta revista, permite-me tal afirmação. Que fez o amigo, n'essa carta? Riu-se! Á minha *sinfonia de Beethoven* responde com um sorriso. E que é um sorriso?

Um sorriso equivale a um sim...<sup>140</sup>

Estas serão duas das constantes a que atrás nos referimos, e Pascoaes, ao longo de sua carta, retomará várias vezes a estes dois temas, o da *estreiteza* e o do *fingimento* das posturas de Sérgio. Mas, já no início de sua resposta, estes dois se desdobram em um terceiro: o da inadequação dos ataques realizados. Após indicar que Sérgio de fato está fazendo *pose* contra o saudosismo, o autor de *Maranus* diz que este ensaísta abandonou o ponto central do debate, que é a "originalidade da Saudade"<sup>141</sup> e afirma:

(...)Eis o que ficou de pé; diria mesmo intangível, se eu pretendesse a intangibilidade para alguma cousa.

Como já disse, o meu amigo limitou-se a rir, o que é muito agradável, pois se a beleza é o esplendor da Verdade, o riso é o esplendor d'uma alma.

V. limitou-se a rir, e a baralhar, n'uma pagina, algumas frases minhas, arrancadas ás suas companheiras naturais... Mas isto é ainda uma chalaça. V. gostou de ver as pobres palavras, longe do seu meio natal, entreolhando-se espantadas e interrogando-se mutuamente: -Quem és tu? D'onde vens? Quem vos trouxe para aqui?

Foi o sr. Antonio Sergio... mas por simples brincadeira, isento de maus intuitos. Soceguem!<sup>142</sup>

Como podemos ver, Pascoaes tenta aqui desqualificar o ataque de seu antagonista de uma nova forma. Não é mais o *indivíduo* Sérgio, e sua possível estreiteza de visão e/ou fingimento, que está em questão, mas o discurso por ele montado<sup>143</sup>. O autor de *Maranus*,

<sup>140</sup> Ibidem. p.33.

<sup>141</sup> Ibidem. p.33.

<sup>142</sup> Ibidem. p.33-34.

<sup>143</sup> O fingimento, se também se relaciona com o discurso montado, aparece, neste texto de Pascoaes, também estar vinculado ao indivíduo que o montou: se existe fingimento é por que o *discurso* expressa opiniões que são distintas daquelas que o *indivíduo*, de fato, possui.

ao apontar para o fato de que as suas frases, retiradas de seu contexto *natural*, não podem ser corretamente interpretadas, e que, em vista disto, o máximo que Sérgio conseguiu fazer na sua última carta foi ser engraçado, e não exatamente levantar comentários consistentes contra suas propostas, questiona a eficácia do discurso de seu antagonista, e do ataque que ele contém. Ataque que é ainda mais desqualificado por ter abandonado o que deveria ser o centro do interesse do debate - a Saudade - e ter se perdido em uma série de aspectos laterais. Em especial este último tópico será algumas vezes citado, ao longo deste texto.

Mas, devemos aqui ressaltar, se Pascoaes ataca esta *fuga*, a sua resposta padece do mesmo mal. Ele não consegue escapar do desejo de responder aos vários ataques e ironias que Sérgio lhe dirigiu, e acaba por transformar grande parte de seu texto em um conjunto de vários pequenos trechos, cada um deles dedicado a um dos tópicos abordados<sup>144</sup>, em que as discussões sobre a originalidade da Saudade surgem, quando ocorrem, muitas vezes apenas de forma lateral. Um bom exemplo desta *forma lateral* é o início da segunda parte de seu texto, logo após as considerações iniciais que acima analisamos. Pascoaes estranha o fato de Sérgio ter sublinhado "as palavras *em partes iguais*"<sup>145</sup> ao citar frase de *O gênio português* em que diz que o sangue lusitano é uma mistura em partes iguais dos sangues semita e ariano, e afirma:

(...) eu desejei apenas notar que, na raça portuguesa, o sangue semita e o aria existem em partes equivalentes, o que se revela pela sua criação da Saudade, onde o princípio espiritual e sensual (lembrança e desejo) se casam e combinam, formando assim uma admirável síntese de Vida que se reduz, na essência, áquelles dois princípios. Porisso, disse que a Saudade é a alma do Cósmos.<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup>Este estilhaçamento do texto pode ser percebido mesmo graficamente. Praticamente três das seis páginas do texto são compostas por pequenos trechos, separados entre si por espaços brancos. É importante assinalarmos que nenhuma das reedições da polêmica que citamos respeitaram esta diagramação do texto original, o que dá ao texto uma aparente unidade que, de fato, ele não possuía originalmente. Tanto o texto presente em *Filosofia da Saudade* como o de *A Saudade e o Saudosismo*, mantiveram um único dos dez espaços em branco utilizados por Pascoaes, o que separa a parte inicial de seu texto, que acabamos de analisar, do restante. A outra reedição da polêmica, a publicada em *A Águia*, apresenta, como dissemos, apenas trechos deste texto de Pascoaes, mas também não os reproduz corretamente pois coloca um espaço onde ele não existe, e não os mantêm onde eles deveriam existir, além de grafar todas as palavras iniciadas por maiúscula por Pascoaes com minúsculas. (Cf. *A Filosofia da Saudade*, p.85-92, *A Saudade e o Saudosismo*, p.121-127, *A Águia*, p.56-58. )

<sup>145</sup>Ibidem. p.34.

<sup>146</sup>Ibidem. p.34.

Como vemos, se nesta sua resposta Pascoaes retoma a questão da Saudade, de fato apenas reafirma aspectos que já havia anteriormente apontado, sem acrescentar nenhum dado novo relevante. Fato similar ocorrerá algumas outras vezes na parte que responde aos ataques feitos às suas frases: quando considera injustificável o fato de Sérgio ter considerado como banal um trecho de *Evolução Religiosa da Esfinge ao Cristo* de Eduardo Schurée<sup>147</sup>; quando defende-se de considerar certas palavras como intraduzíveis, para tanto citando Unamuno que corrobora seu ponto de vista<sup>148</sup>; quando afirma que o Saudosismo não quer uma república apenas rural, pois "o Saudosismo não é inimigo do Futuro. Pelo contrário, ele pretende firmar-se no Passado e no Futuro - o que resulta da sua própria essência de *lembrança e desejo*"<sup>149</sup>; quando afirma que não existe nenhuma relação entre a Igreja que deseja e a Inquisição<sup>150</sup>, e quando diz que o Saudosismo não é criação sua, mas da Raça, e que ele se limitou a revelar aquilo que já existe, por exemplo, na poesia popular e na de Camões. Em todos estes momentos se existe uma referência mesmo que breve à Saudade, de fato nada de novo é acrescentado ao que Pascoaes já anteriormente havia apresentado. A defesa é, de fato, apenas uma reafirmação.

---

<sup>147</sup> Pascoaes considera que seu antagonista chamou de banal o período que havia citado de Eduardo Schurée "só por que isso lhe convem" e diz que este período, em que havia encontrado conclusões saudosistas, "contem o pensamento principal da obra citada [*Evolução religiosa da esfinge ao Cristo*]"(Ibidem. p.34.).

<sup>148</sup> Assim Pascoaes responde a Sérgio:

Estranha também que eu considere intraduzível o sentido íntimo de palavras, como silêncio, lugebre, nevoeiro, medo, oculto... Ora leia este período de Miguel de Unamuno: "Saudades, soturno, luar, nevoeiro, magoa, noivado... cuya alma és intraducible".

(...)

A propósito: leiu (sic) a sua última obra "Del sentimiento trágico de la vida en los hombres e los pueblos"? Se não a leu, peço-lhe que a leia. Encontrará, n'essas páginas imortaes, profundas verdades, prenhes de vida eterna e creadora! É um sublime protesto contra a Morte, ou antes, contra a vida *morta*, satisfeita na sua restricta acção puramente material, que o meu amigo **finje** admirar...

Diz ainda que aquelas palavras são eruditas e cheiram a rapé. Que importa a sua origem e o seu aroma? O que importa, é a alma que o sentir do povo e dos poetas lhe insuflou, acordando-as para uma nova vida. A alma nova galvinisa a antiga carcassa que se veste de mocidade."(Ibidem. p.35. Os negritos são nossos)

Como podemos ver, nesta resposta Pascoaes não só traz um estrangeiro para corroborar o seu ponto de vista, como aproveita para lembrar a Sérgio e aos possíveis leitores, a visão estreita que este *finje ter*, como nos mostra a palavra que colocamos em negrito, retomando assim o que havia dito no início de seu texto.

<sup>149</sup> Ibidem. p.35.

<sup>150</sup> (...) Essa Igreja que eu admiro, morreu às mãos do primeiro rei de Portugal que a subordinou a Roma, tirando-lhe a sua independencia reveladora do espirito original e livre da raça portuguesa. E o meu bom amigo a rodeia-la tragicamente de fogueiras! Tudo isso para que? Para ver se queima o Saudosismo! Ele é invulneravel como já disse; invulneravel e incombustivel, acrescentarei."(Ibidem. p.35.)

Existem mesmo outros momentos em que as suas considerações nenhuma relação têm com este aspecto - a Saudade- que ele considera central. Isto pode ser visto quando ele responde à crítica feita por Sérgio sobre o fato de ter considerado o povo italiano como um povo essencialmente pagão. Pascoaes diz que para mostrar que isto não era verdade o seu antagonista citou três italianos, Giotto, Fra Angelico e Dante, postura que lhe lembra "a historia do lord inglez que tinha um criado francez"<sup>151</sup>, que abaixo reproduzimos:

Este bom creado serviu o inglez irrepreensivelmente, durante cinquenta annos. Mas, um belo dia, encontrou um charuto no quarto do amo. A tentação do fumo empeceu-lhe, e o bom do homem, já velho e cansado do trabalho, para espalhar a melancolia, acendeu o charuto e fumou-o. O inglez, ao dar pela falta do havano, exclama furioso: "Bem se vê que os francezes são um povo de ladrões!"

A sua longa estada em Londres tornou-o como aquele inglez, meu querido amigo!<sup>152</sup>

Após o que critica o fato de, no mesmo trecho, Sérgio ter considerado Dante como cristianíssimo, pois Dante é, para Pascoaes, católico e não cristão:

A Divina Comedia é o grande poema do catholicismo, essa degenerescencia pagã do Christianismo.

Que é o *Inferno*, senão a suprema plastisação da Dôr, a materia do Christianismo roubada a Jesus e entregue a um Deus Pan, nocturno e tragico?<sup>153</sup>

Neste trecho, como podemos notar, nada é dito sobre a Saudade. Pascoaes ataca um certo dogmatismo, que vê no discurso de Sérgio, através da piada sobre o lorde inglês, e reafirma, através do exemplo de Dante, que o povo italiano não é um povo cristão<sup>154</sup>.

Outros momentos em que encontramos respostas assim desvinculadas da questão da Saudade são quando julga absurdo o fato de Sérgio ter considerado um verso de Nobre

---

<sup>151</sup>Ibidem. p.34.

<sup>152</sup>Ibidem. p.34.

<sup>153</sup>Ibidem. p.34. É curioso este argumento de Pascoaes. Por que seria o Catholicismo uma *degenerescência* pagã do Cristianismo e o Saudosismo uma síntese destas duas tendências? Qual a diferença, para ele, entre *degenerescência* e *síntese*? Em nenhum momento de sua obra ele chega a precisar esta diferença e, podemos pensar que este é um dos pontos menos precisos de sua argumentação. Em breve voltaremos a esta questão, quando analisarmos a visão que Pascoaes apresenta sobre a igreja lusitana.

<sup>154</sup>Como poderemos ver a discussão sobre se o povo italiano é ou não cristão será um tema recorrente ao longo de toda a polêmica, sendo um dos únicos temas que acabam por percorrer a maioria das cartas.

como algo que parece ter sido traduzido de Hugo<sup>155</sup> e quando defende a originalidade do verso escultural que Sérgio considerou uma *velharia francesa*<sup>156</sup>.

Como podemos ver, em todo o longo trecho de seu texto em que se refere às suas frases *arrancadas* por Sérgio a suas *companheiras naturais*, temos um discurso que, quando muito, defende as propostas já anteriormente formuladas pela reafirmação de idéias já apontadas, quando não se afasta bastante do que seria o núcleo da discussão entre os dois polemistas.

É somente quando responde à terceira parte da carta de Sérgio que, de forma mais consistente, volta a apontar alguns aspectos fundamentais que diferenciam a sua proposta da de seu antagonista:

O meu amigo coloca-me ainda violentamente a encontrões demagogicos, no meio dos jesuitas, entre Verney e Pina Manique. E vae, depois, muito lepidamente, enfileirar-se ao lado dos *pedreiros livres* e dos *franceses*. Conhece, porventura, a origem d'essa gente? Olhe que ela descende d'aqueles *bons* lusitanos que, por dinheiro romano, assassinaram Viriato (...)!

Sim: Viriato é o Isolamento; quer dizer, a Cultura do Povo firmada nas suas qualidades ráticas. **A outra, a sua, de que serve? Que importa á Civilização que a França, a Inglaterra, a Allemanha estendam em pequenina nódoa até este cantinho ocidental?**

**O que importa é que este cantinho affirme a sua independencia espiritual, razão da sua independencia politica, sem cortar, é claro, as relações com o resto da Europa, aproveitando o que ela produza de util no campo industrial, scientifico, etc.**

Sim: Viriato é o isolamento e os seus assassinos (perdoe a violencia do termo) são esses homens mascarados de romanos, hespanhoes e agora francezes que têm vindo atravez da nossa Historia, em guerra aceza contra a Sombra do homerico montanhez da Beira, que ha-de, apesar de tudo, reencarnar, tomar novamente corpo vivo e alma heroica.

O meu amigo é uma victima simpatica das Cartas Constitucionaes, dos electricos, do *under ground* furando, n'um delírio, o subsolo de Londres, do vapor, do *bico auer*, e oxalá o não seja da viação aérea!<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup>Pascoaes, usando palavras que anteriormente Sérgio havia atribuído a ele, considera que esta afirmação é gratuita, "com menos realidade ainda *que o halito duma ninfa*" (Ibidem. p.34.), pois os dois poetas são absolutamente distantes. Diz que "Hugo é o Hercules do Verbo; Nobre, a encantadora creança emotiva" (Ibidem. p.34.).

<sup>156</sup>Pascoaes responde a isto afirmando:

"(...) Eu sei que o verso classico é mais escultural que musical - o que não quer dizer que o verso da nova poesia portuguesa não encontrasse uma forma sua de expressão. O verso classico é seco e rigido. O verso moderno alia á nitidez do ritmo que n'ele predomina, a flexibilidade, a brandura firme de todos os corpos que vivem. *De resto, é uma cousa secundaria.*" (Ibidem. p.35.)

Como nos mostra o trecho que colocamos em itálico, Pascoaes aqui aponta para o fato de que esta discussão é secundária, um dos temas que acima indicamos como recorrentes neste texto.

Curiosamente Pascoaes não discute aqui o *engano* na leitura que Sérgio faz do Saudosismo, ao considerar que este movimento está no mesmo campo em que estiveram os jesuítas. Parece que o autor de *Maranus* prefere salientar, de forma bastante clara, o que para ele é o erro fundamental da proposta de Sérgio: o de estar vinculada a todas as propostas *estrangeiradas* que já existiram em Portugal, propostas que não conseguiram, neste ponto de vista, enxergar as especificidades do país, e por isto tenderam a tentar anulá-lo, transformando-o em uma pequena França ou Alemanha. O trecho que colocamos em negrito mostra claramente que, para Pascoaes, as propostas de Sérgio significariam a total anulação do país, que perdendo as suas qualidades naturais seria um amontoado de homens, e não mais uma nação. Como afirma em outro momento deste texto, "Assimilar sómente é vegetar. Ora, um Povo deve ser mais que uma floresta de homens"<sup>158</sup>. Ao considerar que Sérgio quer se fazer herdeiro dos que mataram Viriato, Pascoaes mostra claramente que para ele os campos em que estão os dois antagonistas se dividem de uma forma distinta da que o autor dos *Ensaio*s havia considerado. Se para este a divisão fundamental é entre a Cultura e o Isolamento, para Pascoaes é entre o Isolamento, que permite a única forma de cultura pertinente e profícua, a nacional, e o Estrangeirismo, que tenta assassinar as características do país, características simbolizadas aqui na figura de Viriato. Figura que, devemos assinalar, ganha um claro teor messiânico, pois se é aquele que defendeu a nacionalidade antes mesmo de ela concretamente existir, numa concepção que, anos mais tarde, será cristalizada de forma lapidar no segundo dos castelos de *Mensagem*, e será também o que irá reencarnar, tomando *novamente corpo vivo e alma heroica*, para, podemos supor, consumir a missão que no passado ficou interrompida<sup>159</sup>. Existe assim, nesta proposta, muito da espera mítica em um Salvador, que, como já havíamos notado no texto anterior de Pascoaes ao falar do líder que *haveria de surgir*, possui como primeira manifestação nesta revista a *previsão* de Pessoa sobre o aparecimento de um Cromwel futuro, que iria consumir a criação da nova síntese cultural e social que está sendo gestada no país.

---

<sup>157</sup>Ibidem. p.36-37. Os negritos são nossos.

<sup>158</sup>Ibidem. p.38.

<sup>159</sup>Como podemos notar, esta visão de uma força que, ao reencarnar, consumará a missão incompletamente realizada no passado, não só aproxima o que aqui Pascoaes diz do que vem expresso no referido poema de *Mensagem*, como insere esta reflexão naquelas linhas de concepções que, tendo sua origem em "San Gabriel" de Pessanha, transforma-se depois em um dos motes recorrentes do mesmo *Mensagem* de Pessoa.

Ainda devemos assinalar que se Sérgio considerou Pascoaes uma vítima do Isolamento, vendo nas posturas deste um efeito desta *maléfica* condição sociocultural, no final do trecho acima citado é a vez de Pascoaes ver em seu interlocutor uma vítima do *canto de sereia* da modernidade embrutecedora, sem nenhuma relação com a *alma*, que para ele é o fundamental. Nesta perspectiva Sérgio, encantado por estes falsos deuses, que vão desde as cartas constitucionais - que tentaram transformar Portugal em uma pequena França liberal- até talvez a *viação aérea*, não consegue ver o que *realmente importa*.

No restante de seu texto Pascoaes tenderá a voltar aos aspectos acima apontados, e acrescentará novas críticas ao texto de Sérgio. Logo após este trecho diz que já foi à Inglaterra, e afirma que, de fato, não é um provinciano, como Sérgio tentou demonstrar, mas alguém que quer se ligar a Europa de uma forma outra, que não implica na cópia de modelos estrangeiros, voltando a criticar, de nova forma, este aspecto nas propostas de seu antagonista:

(...) Sim: eu admiro a Inglaterra, a França, a Allemanha! Amarante já está ligada por caminhos de ferro a todos os grandes centros. Não sabia?

Mas esta admiração não destrua o amor á minha raça capaz de evoluir pelas proprias forças originaes e originarias. Portugal creará a sua Cultura. Mais restricta que a dos outros países? Naturalmente, pois não pudemos equivalê-los em riqueza.

Sim, senhor! Eu tambem considero a Economia ou vestida ou despida de roseas esperanças... Eu sei o grande papel que o estomago representa. Mas não posso esquecer aquele versiculo da Biblia: "Nem só de pão vive o homem."<sup>160</sup>

Se o trecho acima tenta reafirmar a postura de um nacionalista que, sem deixar de considerar os outros povos, acha que apenas uma cultura nacional pode dar embasamento para o desenvolvimento futuro do país, por outro lado devemos notar que ele indica a existência de uma certa oscilação no pensamento pascoalino, e mesmo uma nova postura em relação a uma das mais importantes crenças do Saudosismo. Nesta mesma carta ele já havia afirmado que *a Saudade é a alma do Cósmos*<sup>161</sup> e que *o génio lusiada contem uma viva e imortal aspiração do Homem, esse novo Sol por que esperamos*<sup>162</sup>, insinuando que as propostas ligadas à Saudade transformariam Portugal, em certo sentido, no centro do mundo. Aqui, porém, ele afirma que a síntese cultural que o Saudosismo irá criar será, forçosamente, mais restrita que a criada pelos outros países, já que Portugal não pode

---

<sup>160</sup>Ibidem. p.37.

<sup>161</sup>Ibidem, p.34

<sup>162</sup>Ibidem. p.36.

equivalê-los em riqueza. Assim, podemos dizer que a força deste movimento assume diferentes papéis em momentos diversos das reflexões deste autor, que ora se permite acreditar no seu papel fundante de uma nova realidade que transformará o mundo, numa visão claramente de acordo com o conjunto do pensamento saudosista, e em outros recua, vendo nele apenas um movimento nacional, que por mais que seja imprescindível para o país, não terá um alcance tão *universal*. Este aspecto dúbio, como poderemos notar, não será em nenhum momento da polêmica observado por Sérgio.

Logo após este trecho existe um outro importante em vários sentidos, que abaixo reproduzimos:

O meu caro amigo não crê no genio dos povos; creio eu. Sim: eu creio que um homem de genio que aparece num Povo é um *enviado* d'esse Povo, uma sua sintese individual. Todo o Povo está n'elle; e, por intermedio d'ele, cria as suas novas aspirações e o processo a realisar. Ha momentos em que um só homem é um Povo: Camões.

O genio colectivo, encarnado, torna-se factor dos genios individuaes que, por sua vez, influem sobre o meio racico, imprimindo-lhe novas feições dependentes das antigas, como um filho depende do pae. E, assim, um Povo vae definindo, fixando a sua personalidade, cada vez mais profunda e concentradora de potentes energias.

D'aqui resulta o grande valor do Passado, da Lembrança...<sup>163</sup>

De inicio, Pascoaes, ao apontar no que ele crê, em oposição às crenças de seu antagonista, deixa claro que vê a polêmica que está travando como um confronto de duas *crenças*. E, neste sentido, são pouco eficientes quaisquer tipos de ataque que um faça ao outro, já que ambos estão encastelados em suas fortalezas de idéias, das quais não podem abdicar sem se transformarem em um *outro*. Certamente Sérgio concordaria com esta visão que Pascoaes tem de suas idéias, mas como viemos apontando em vários momentos, *esta leitura também é correta para Sérgio*. Pascoaes e Sérgio são representantes de duas cruzadas antagônicas, adoram deuses distintos, e vêem no inimigo o *infel* que é preciso destruir com as suas palavras-lanças. Neste confronto podem existir vitórias, mas não conversão ou diálogo.

Mas o trecho acima também é importante por outro aspecto. Indiretamente Pascoaes está lendo o seu papel, e dos saudosistas, na história da cultura portuguesa, e desqualificando novamente de forma radical as posturas de seu antagonista. Se, como afirma, *todo homem de genio que aparece num Povo é um enviado d'esse Povo, uma sua sintese individual*, não é ele, Pascoaes, enquanto líder e paladino do Saudosismo, este

<sup>163</sup>Ibidem. p.37.



homem de gênio necessário neste momento, aquele que, em acordo com seus companheiros de armas, poderá criar *as suas novas aspirações e o processo a realizar* necessários para este povo? Apesar de recorrentemente negar este papel de líder, é inegável que os outros membros do movimento, e mesmo seus inimigos, como é o caso de Sérgio, o aceitavam. Assim ele, e os outros membros coadjuvantes, eram os homens que nascidos do gênio coletivo do país poderiam criar as novas condições em que se casariam as energias passadas com o futuro a ser definido, a lembrança com a esperança. Mas, é importante que assinalemos, se Pascoaes indiretamente se auto-autorga este papel, ao mesmo tempo que o faz está desqualificando totalmente o papel de seu antagonista. Se este já fora, em outro momento desta carta, o herdeiro dos assassinos de Viriato, se transforma agora em um indivíduo desvinculado do seu povo e do seu passado, e portanto incapaz de revigorá-lo, na medida que suas energias não encarnam as especificidades do gênio de seu país, mas uma idéia estrangeira e inadequada.

Se estes dois aspectos do trecho que citamos já demonstram a sua importância capital, devemos assinalar que nele também existe um ataque a uma outra *crença* do autor dos *Ensaíos*. Ao ver no processo evolutivo dos países uma constante inter-relação entre os gênios individuais e o gênio coletivo, que vão pouco a pouco definindo as características das nações, Pascoaes está a explicar para Sérgio como as pátrias dependem de seu passado, como, de uma *figura apenas esboçada* chegam a *se definir em claro e alto relevo*<sup>164</sup>, mostrando novamente não só que o passado é fundamental, mas também que ele é a fonte de onde um verdadeiro futuro pode ser gerado.

Pouco depois deste trecho Pascoaes voltará a reafirmar a sua crença na precedência do progresso espiritual. Abaixo reproduzimos este trecho pois, como veremos, ele será duramente criticado por Sérgio na sua próxima carta:

Continuo a afirmar que o progresso espiritual é a causa e não effeito do progresso economico. A grande Allemanha industrial e comercial de hoje foi creada pelas Universidades que o filosofo Fichte fundou. Quem criou a França actual prospera e forte? O espirito do seculo XVIII.

---

<sup>164</sup>Retiramos as duas expressões em itálico do trecho abaixo de Pascoaes, imediatamente posterior ao último que citamos acima:

"Uma patria de recente formação é uma figura apenas esboçada, hesitante... Veja o meu amigo os Estados-Unidos, por exemplo, que apesar de serem uma nacionalidade riquissima e valoroso (sic), é ainda uma Patria informe. Com o andar dos seculos poderá crear a sua lingua, emfim a sua alma, a sua fisionomia moral.

Portugal primitivo tambem era uma patria apagada que, por fim, se definiu em claro e alto relevo..." (Ibidem. p.37)

Sim: a alma é que molda o corpo e lhe dá actividade. E do trabalho é que resulta a riqueza. Mas antes de tudo, é preciso saber trabalhar. Primeiro o saber, isto é, o progresso espiritual que cria as competencias.<sup>165</sup>

Após isto Pascoaes critica o fato de Sérgio confundir a moral com a moral burguesa, e de adorar de tal forma a questão econômica que a coloca "de gladio em punho, quixotesicamente, como guarda vigilante á honra das Donzelas"<sup>166</sup>, e considera que, infelizmente, "O Ruido e a Velocidade estão na moda"<sup>167</sup>, a que serve de exemplo os *futuristas*, que transformaram "o Pégaso, cavalo de carne e osso, em H.P"<sup>168</sup>. Retoma então, em certo sentido, o início de sua carta:

(...) V. acha que lhe fica bem essa blusa encarvoada de economista. Quando me lembro de si, da alma gentil que murmura nos seus versos, da sua exterior aparência, e o visiono mascarado de ferreiro, tentando forjar, a golpes de martelo, uma patria nova pelo derradeiro modelo de automoveis, eu fico espantado e afflicto; como que vejo a alma patria camoneana, morta de palidez, esvair-se na sombra do tumulto! Ah, meu caro Antonio Sergio, V. é um Romeu *travesti* de Othelo.<sup>169</sup>

Ao mostrar a transformação ocorrida em Sérgio, Pascoaes está considerando que houve uma decadência deste, e ao mesmo tempo insinua que esta decadência é apenas *pose*, como havia dito no início de seu texto, ao considerar que, de fato, Sérgio é um *Romeu*, apenas travestido de *Othelo*. Passa então a atacar a paixão exclusivista que Sérgio tem pela economia, em função da qual este "vê no sol uma peça de ouro, na lua cinco tostões em prata e na terra um pataco de cobre com verdete!"<sup>170</sup>, e termina sua carta retomando o que foi o primeiro tema desta, a visão estreita que seu antagonista, como os outros que fazem *profissão de prosa* possuem:

Acalme, bom amigo, essa furia economica investindo contra tudo o que não reluza como ouro. A creatura humana é mais alguma cousa que um armazem de *comes e bebes...* O estomago digére na visinhança d'uma alma que sonha. E entre a

---

<sup>165</sup>Ibidem. p.38.

<sup>166</sup>Ibidem, p.38.

<sup>167</sup>Ibidem. p.38.

<sup>168</sup>Ibidem. p.38.

<sup>169</sup>Ibidem. p.38.

<sup>170</sup>Ibidem. p.38.

digestão e o sonho não ha graus de realidade. O halito da ninfa *existe verdadeiramente*, como a luz, o carvão e o ferro. O canto do rouxinol é essencial á Vida como as barbatanas do peixe... Nada de limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, e a eternidade d'uma alma ás horas do almoço e do jantar! O mundo não é só restaurante, é Igreja tambem. Se o Diabo existe, Deus não é uma chimera...

Finalmente, eu quero Portugal rico de pão e de espirito, um Portugal consciente e acreditando n'um belo destino a cumprir.<sup>171</sup>

Como podemos ver Pascoaes retoma aqui uma de suas concepções básicas, a de que tudo o que alma cria tem a mesma realidade que esta alma, e que portanto não existe uma diferença fundamental entre o que usualmente chamamos de sonho e de realidade. Neste ponto de vista, uma criação preocupada apenas com o lado *material*, como é a que ele vê em Sérgio, estará fadada ao erro, pois considerará apenas metade do mundo em que o homem vive. A dele, tentando integrar *pão e espírito*, neste ponto de vista seria certamente muito mais completa.

Sérgio responderá a este texto, no número 28 de *A Águia*, publicado em abril, com "Despedida de Julieta"<sup>172</sup>. Como o próprio título já o indica, e dissemos na introdução à análise da polêmica, ele pretende com este texto encerrar a sua *conversa* com Pascoaes, o que também fica explícito na carta que mandou a Álvaro Pinto junto com este seu artigo<sup>173</sup>,

---

<sup>171</sup>Ibidem. p.38.

<sup>172</sup>Devemos aqui assinalar que se até agora os textos da polêmica haviam sempre sido os primeiros dos números da revista em que aparecem, este texto fugirá a esta regra. O primeiro texto deste número é "A era lusiada (excerto da conferencia realisada na Associação dos Estudantes)" de Teixeira de Pascoaes, e existem vários outros textos antes deste. Este procedimento praticamente será repetido na última participação de Sérgio, enquanto que os textos de Pascoaes sempre abrirão os números das revistas em que aparecerão, e quando o analisarmos descreveremos mais demoradamente as especificidades de sua localização. Neste número, particularmente, o texto de Sérgio está *espremido* no meio de outras colaborações, todas elas de elementos vinculados teoricamente ao Saudosismo. Como pode ser visto no "Índice geral de *A Águia*", no anexo deste trabalho, a parte de Literatura é composta pelo citado texto de Pascoaes, seguido de versos de Augusto Casimiro, do texto de Sérgio, de versos de Mário Beirão e de um texto de Cortesão. Esta disposição do texto de Sérgio, se confrontada com a dos textos de Pascoaes, permite que concluamos, com alguma segurança, que por mais que Sérgio continue a colaborar em *A Águia*, a direção da revista está, neste momento, claramente apoiando Pascoaes, dando-lhe um maior destaque que a seu antagonista.

<sup>173</sup>"Meu bom e três vezes admirável amigo:

Aqui lhe remeto as minhas *ultima verba* na palestra do Saudosismo e do Isolamento. Seria um grandíssimo favor mandá-las compor imediatamente e enviar-me as provas de maneira que viessem na mais próxima *Águia*." (FERNANDES, Rogério (comp). Op. cit. p.27.). Esta carta é datada no final:"14 (ou 15)-3-14" e, no final deste texto da polêmica encontramos a indicação "Nice, Saint-Antoine, 14-3-14" (SÉRGIO, António. "Despedida de Julieta". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.112), o que nos mostra ser este o texto referido na carta.

o que o autor de *Maranus* não permitirá. Esse objetivo fica evidente no segundo parágrafo, que parcialmente já citamos, quando diz que já falou o indispensável, "que era mostrar *a outra estrada* aos jovens leitores da 'Águia' e da 'Vida Portuguesa': a estrada não-saudosista, não isoladôra, ou não purificadôra"<sup>174</sup>, ao que acrescenta:

(...) Que cada um deles decida agora: uma leva a Coimbra, á bôa retórica, ao curso juridico, ao comunarismo de Estado, á Secretaria, e talvez a S. Bento; a outra á independencia, ás profissões usuais, ao desejo de uma patria forte, digna, moderna e sábia, ao culto da acção criadôra e das idéas sólidas, ao apreço da educação que fez da Inglaterra,

Patria da lei, senhora da justiça;

nação mais adiantada na evolução económica, na justiça social, na expansão pacífica, e na dignidade inviolavel do cidadão. Só desejo por isto apontar no seu artigo os capitais erros de facto que poderiam desorientar, a meu respeito, esses jovens lusitanos.<sup>175</sup>

Como podemos ver Sérgio considera que uma das estradas leva à retorica e outros males, enquanto a outra só tem resultados positivos, vendo assim no Saudosismo uma espécie de continuísmo das causas do estado deplorável em que se encontra o país, e na sua própria proposta - ou no que dela se esboça nesta polêmica- uma possibilidade de redenção. Além disto, no trecho acima, afirma que apenas pretende com este artigo corrigir alguns *erros capitais* sobre a sua pessoa cometidos por Pascoaes, além de deixar claro, como havíamos assinalado, que o objetivo da polêmica não é o de convencer seu interlocutor, mas o de afastar as *almas ainda puras* do Saudosismo. De fato, em seu texto, ele se atará a atacar esses *erros*, e deixará muitas de suas críticas e ironias para as notas de rodapé. Vamos, em nossa análise, inicialmente tratar basicamente da parte principal do texto, para depois nos referirmos às referidas notas, que, devemos assinalar, ocupam quase o mesmo espaço do texto em si, e várias vezes não possuem uma relação muito clara com este.

Em seu texto, o primeiro erro que encontra em Pascoaes foi "a sua concepção simplista, poeticamente ingénua, de que pretendo limitar a Realidade a quatro palmos de materia bruta, a eternidade duma alma ás horas do almoço, e o mundo, o vasto mundo, finalmente, - a um restaurante"<sup>176</sup>. Afirma que "afinal de contas, sou um pouco mais que

<sup>174</sup>Ibidem, p.109 .

<sup>175</sup> Ibidem. p.109. Como poderemos ver posteriormente estes dois caminhos possíveis já aparecem, em relação ao aspecto educativo, no artigo de Sérgio, "Pela pedagogia do trabalho", publicado no número anterior de *A Águia*.

<sup>176</sup>Ibidem. p.110.

uma besta"<sup>177</sup>, e diz que Pascoaes o definiu melhor quando o caracterizou como um *modernista*, "Quer dizer: um vulgarissimo bicharoco que horroriza o estado fossil"<sup>178</sup>, ao que acrescenta:

(...) ç Sera necessario repetir que o meu desejo não  "ver no sol uma peca de ouro, na lua cinco tostoes em prata, na terra um pataco de cobre com verdete"; que uma síntese cultural nossa  precisamente o ideal, mas não síntese de vácuo, ou de "poeiras do sepulcro", sendo-nos mister elementos *de hoje*, aprendidos com quem sabe; que não são incompatíveis as minhas palavras (e os meus actos; não ando tal mascarado, bom amigo!) com a verdadeira poesia; que o particularista anglo-saxão  o povo da energia produtora mas tambem, ao mesmo tempo, o mais rico de poetas em toda a humanidade; e que, por derradeiro, eu nada tenho a ver com o positivismo, com a demagogia (raios a levem!) e creio que tambem com a "moral burgusa"<sup>179</sup>

Como podemos notar Sérgio ataca aqui, através deste amplo conjunto de aspectos, a visão de Pascoaes de que um adepto da Inglaterra, como ele o , desconheceria as características da alma, tendo por isto uma visão restrita da Vida. Ele comprova isto não são indicando, como podemos ver, que se os ingleses são *o povo da energia produtora* são também o mais rico em poetas da humanidade, mas também afirmando que suas palavras e seus atos não são incompatíveis com a verdadeira poesia, o que corroborar em nota indicando que segue "a orientao geral de Herculano e de Antero, dois dos máximos poetas portugueses"<sup>180</sup>. Assim, não se considera como alguém que não enxergue a vida em sua totalidade, mas apenas como um intelectual que quer que seja criada uma melhor realidade para o país, o que, como indica,  para ele impossível sem se aprender, *com quem sabe*, os elementos de *hoje*. Sérgio toca aqui em outro ponto também fundamental em sua pregao: o de que  impossível para Portugal, em seus limites culturais internos, mudar a sua situao. São assimilando características presentes nas culturas estrangeiras mais avançadas do período  que o país poderia melhorar. Este seu ponto de vista  reafirmado em uma nota, no trecho em que fala sobre esta necessidade de aprender os elementos de hoje, na qual diz:

---

<sup>177</sup>Ibidem. p.110.

<sup>178</sup>Ibidem. p.110.

<sup>179</sup>Ibidem. p.110-111.

<sup>180</sup>Ibidem. p.110.

Depois, quando estiver seguro o resultado e a velocidade adquirida, poderão vir, da esfera artística, as reacções nacionalistas que quiserem. A vida intelectual (e a moda) é feita de ondulação, de reacção ao antecedente. O importante é saber a semi-onda que convêm em cada instante. Não falo para o homem abstracto, mas para o português *de hoje*.<sup>181</sup>

Assim, qualquer reacção nacionalista, como o é o Saudosismo, é para ele no mínimo extemporânea, só tendo algum sentido de ocorrer quando Portugal, de fato, tiver assimilado as características que fazem as culturas estrangeiras serem grandes, em oposição à pequenez em que se encontra seu país.

O segundo aspecto que Sérgio quer contradizer é o fato de Pascoaes considerá-lo mascarado, apresentando características que de fato não são suas. Sobre este segundo aspecto apenas indica que o autor de *Maranus* leia o que Jaime Cortesão sobre ele escreveu na *Vida Portuguesa*. Não tivemos acesso a este artigo, mas devemos aqui assinalar que é curiosa esta postura de Sérgio se realmente está escrevendo para um público *leigo*, não ligado diretamente ao movimento saudosista e a suas publicações, e que portanto não teria acesso fácil a este texto, publicado anteriormente em uma outra revista. Parece que o objetivo de Sérgio é, mais do que realmente reportar seus leitores a este artigo, deixar assinalado que um dos principais mentores do Saudosismo, Jaime Cortesão, já escrevera a seu favor em uma outra revista que também pertencia à *Renascença Portuguesa*.

O terceiro aspecto é a anedota do inglês, sobre a qual afirma que não é "aplicável à minha pessoa, mas à sua, porque da sua parte estão os juízos categoricos, universais e exclusivistas"<sup>182</sup>, ao que imediatamente acrescenta o trecho abaixo, que reproduzimos pois gerará uma discussão que irá até a última carta de Pascoaes:

Não apresentei Giotto e Fra Angelico "para demonstrar que *o povo italiano não é nada um povo pagão*", frase que não chega a ter sentido; mas para mostrar que a *pintura italiana não era exclusivamente pagã*, como o meu amigo dissera; e depois, para demonstrar que o povo italiano (agora é que vem o povo) não era exclusivamente pagão, como também o dissera Pascoais, citei-lhe o exemplo do grande movimento *nacional*, popular, do século XIII. (Não foram três italianos: foram milhares de italianos, durante muito tempo). A figura central desse movimento foi S. Francisco de Assis.<sup>183</sup>

---

<sup>181</sup>Ibidem. p.110.

<sup>182</sup>Ibidem. pp.111.

<sup>183</sup>Ibidem. pp.111.

Não existe uma ligação clara entre o que Sérgio havia antes afirmado -o dogmatismo que atribui a Pascoaes- e o exemplo que cita a seguir, que seria mais um sintoma de uma inadequação de leitura do que, propriamente, uma postura dogmática<sup>184</sup>. A não ser que o autor dos *Ensaio*s esteja tentando levar seus leitores a supor que as idéias fixas de Pascoaes fazem com que ele nem consiga analisar, a fundo e consistentemente, as afirmações de seus antagonistas.

Após apontar estes aspectos, Sérgio finaliza a sua carta afirmando "que soube desta vez conservar o sério", mas que "se os meus sorrisos, como pretende, significam *sim*, (dir-se-ia que sou Julieta, e não Romeu) eu quisera começar e terminar sorrindo"<sup>185</sup>, voltando então a ser irônico, como por sinal também o fora em algumas notas, dizendo:

(...) Saio do logar honroso que me concedeu, e tão desgeitosamente ocupou a minha boçalidade de menino bronco e dessisudo: na ultima pagina, em tipo minúsculo, -como a *charanga* das escolas no ultimo banco,- me exercitarei aplicadamente, até que logre penetrar na Espiritualidade lusitana. Não pretendi convencer saudosistas-natos, porque os sentimentos se não movem pelas alavancas que eu emprego, mas pela Música e pela Facúndia; e porque o Isolamento, se é incombustível como me diz, é comburente como todos os diabos, o que ficou provado na nossa história de três seculos. Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsciente, - por uns classificado de idealista e por outros de retórico, -que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatarios da Cavalaria. Muito e muito grato o abraço (dado que o não enfarrusque) o "assassino"(não só perdô a violencia do têrmo, mas o aplaudo, porque tambem está na tradição) e "simpatica vitima do bico auer"que é este seu dedicado admirador,

Nice, Saint-Antoine, 14-3-14.

Antonio Sergio<sup>186</sup>

Aqui, como vemos, Sérgio volta a afirmar o objetivo que teve com a polêmica, e solta suas farpas contra a *Espiritualidade Lusitana* e o temperamento fantasista, para ele simplesmente retórico, que caracterizam o Saudosismo.

Se esta carta de Sérgio é bem mais concentrada e séria que a anterior, a quantidade de notas é, como dissemos, extremamente grande, e é nelas que muito do ataque ao

---

<sup>184</sup>Esta *má leitura* que Sérgio aqui aponta será ainda mais evidente na próxima resposta de Pascoaes, como poderemos notar.

<sup>185</sup>Ibidem. p.111.

<sup>186</sup>Ibidem. p.112.

Saudosismo aparece. A grande maioria das notas não possui uma ligação clara com o que está sendo discutido no texto principal, e nelas várias vezes encontramos o multifacetado ataque que havíamos notado no texto anterior deste polemista. Como o que afirma em muitas delas será atacado no próximo texto de Pascoaes, é fundamental que aqui também as analisemos.

Na primeira, presente no segundo parágrafo, é criticada a frase de Pascoaes: "quem criou a França atual prospera e forte? O espírito do século XVIII"<sup>187</sup>. Sérgio discorda, mostrando que o que a criou foi a distribuição das terras da nobreza para os camponeses e dizendo que este espírito é de fato o que atrapalha a França, na sua identificação da Sociedade ao Estado. De fato o que está aqui em discussão, como nos mostra o trecho de onde a frase de Pascoaes foi retirada, é se o espírito determina ou não a realidade. Ao mostrar um fato econômico como base Sérgio está negando este pressuposto. Nesta mesma nota afirmará que "Quanto a Fichte, mal calcula, Pascoais, como o espírito da minha doutrinação se coaduna, em ultima análise, com a dele!"<sup>188</sup>, mudando de postura, já que aqui não ataca diretamente o fato de Pascoaes ter afirmado que foi Fichte que criou a Alemanha moderna, mas apenas que esta criação espiritual é próxima da que Sérgio está tentando realizar. Nesta mesma nota, logo a seguir, afirma que "vai mal o seu odio ao catolicismo"<sup>189</sup>, pois não só "o espírito da nova França é, senão catolico (sic), de educação católica"<sup>190</sup>, como também "A disciplina católica não fez degenerar o cristianismo: deu-lhe consistencia, pensamento, faculdade dirigente"<sup>191</sup>.

Na terceira de suas notas (a segunda é a que reproduzimos sobre possíveis reações nacionalistas), após afirmar, como citamos, que segue a orientação geral de Herculano e Antero, pergunta: "¿Tambem teria sido, cada um deles, "um Romeu *travesti* de Othelo?"<sup>192</sup>. Ao que acrescenta:

(...) Aliás a minha prègação é o menos violenta e o mais borrêga que é possível, sem nada que se assemelhe ao temperamento de Othelo: combato exatamente os efeitos da expansão guerreira e desnatural do povo português. (A

---

<sup>187</sup>PASCOAES, Teixeira de. Apud SÉRGIO, António. Ibidem, p.110.

<sup>188</sup> Ibidem. p.110.

<sup>189</sup> Ibidem. p.110.

<sup>190</sup> Ibidem. p.110.

<sup>191</sup> Ibidem. p.110.

<sup>192</sup>Ibidem. p.110.



expansão anglo-saxónica é uma simples consequência da constituição familiar dessa gente).<sup>193</sup>

Após isto, ainda na mesma nota, se refere ao fato de Pascoaes ter dito que viu em Londres canudos fumegantes, e pergunta se ele viu a educação, a família, a justiça e a mentalidade inglesas, ao que acrescenta que "A um amante da alma, descurioso da matéria, mais devesse impressionar isso que as pontes e canudos"<sup>194</sup>, após o que, ironizando a Renascença, afirma:

(...) Leu no *Times* a secção dos tribunais? Assistiu a um comício em Trafalgar Square? Aí está uma ideia a aproveitar para a *Renascença Portuguesa*: todos os domingos, numa praça do Porto, um comício. Como sabe, não é preciso mais do que um homem subir a um degrau e desatar a sua arenga: o povo vai afluindo, e tudo está feito. Mas sem maravilhas de Verbo, por amor de Deus: sem maravilhas de Verbo!<sup>195</sup>

Por fim em sua última nota afirma que leu um relatório francês que afirma que a causa da prostituição é a miséria, e fala da situação de certas trabalhadoras que, para conseguir o mínimo necessário para seu sustento, têm de complementar seus ganhos com a prostituição, ao que acrescenta:

(...) Eis um caso que para os materialões é pungente, é aflitivo. ¿Como resolve o Eterismo um caso destes? ¿Ou será esta uma preocupação de "moral burguesa"?<sup>196</sup>

Como podemos notar este artigo de Sérgio realiza um corte radical no que fora a polémica até agora. Parece que, pretendendo de fato encerrar o *debate*, nesta última carta ele apenas corrige o que seriam erros de Pascoaes sobre a sua pessoa, e pretende denegrir totalmente a figura do chefe do saudosismo, qualificando-o, entre outros epítetos, como *dogmático*, *retórico* e *eterista*. Ou seja, ao fechar a polémica, o seu objetivo é não só o de reafirmar a sua imagem como a de alguém que, apesar de se preocupar bastante com os aspectos materiais, não descuida dos espirituais, mas também o de mostrar que o Saudosismo é um movimento sem nenhuma base -seja material seja mesmo espiritual, já

---

<sup>193</sup>Ibidem. p.110.

<sup>194</sup>Ibidem. p.110-111.

<sup>195</sup>Ibidem. p.111.

<sup>196</sup>Ibidem. p.111.

que a sua pregação é apenas retórica e feita por *maravilhas do verbo*- de realizar uma modificação na debilitada situação nacional.

Se esta foi a mais sintética carta de Sérgio, a de Pascoaes que lhe seguirá será a mais longa de todas. Ela, de título "Última carta?"<sup>197</sup>, abre o número seguinte da revista, publicado em maio de 1914 e, conjuntamente com as duas *cartas* que lhe seguem, tenderá a exacerbar ainda mais certas tendências que já vínhamos notando: se afastará do que deveria ser o principal centro de interesse dos dois polemistas - o confronto das propostas divergentes que possuem sobre o país- e será composta por um misto de reafirmação do que já anteriormente havia sido discutido com o tratamento preponderante dado a temas que não estão diretamente relacionados com o país. Especificamente neste texto de Pascoaes, duas das maiores partes do mesmo se dedicam a tratar de aspectos absolutamente laterais, como abaixo veremos.

No início de seu texto Pascoaes discute largamente sobre a existência de "*cousas cruéis n'esta vida*"<sup>198</sup>, entre as quais considera *a mais cruel* a última carta de Sérgio, em que este havia resolvido terminar a polêmica:

(...) Ah, meu caro Antonio Sergio, então, é no momento em que o seu feio vulto plutônico, vibrando contra mim os raios forjados para exclusivo uso de Jupiter, -despe miraculosamente o tenebroso habito infernal, deixando chegar aos meus olhos encantados a figura de Julieta, onde a beleza feminina atinge aquela altura que já fica além dos astros; -então, é n'um momento assim que me foge e diz adeus?!<sup>199</sup>

Ao longo de quinze parágrafos Pascoaes discorrerá longamente sobre esta situação, *brincando* com as imagens de Romeu, Julieta e Otelo, antes de iniciar propriamente a responder ao artigo de seu antagonista.

Outro momento em que podemos encontrar um procedimento semelhante é quando o autor de *Jesus e Pã*, respondendo a Sérgio, afirma:

---

<sup>197</sup>Também neste texto Pascoaes tentará responder a todos os ataques feitos por seu antagonista, e utilizará de espaços em branco para separar as várias partes de sua resposta. Esta disposição gráfica não foi mantida nas duas reedições integrais destes textos que acima citamos, já que ambas aboliram praticamente todos os sete espaços utilizados pelo autor de *Maranus*, mantendo apenas um deles. Estes espaços também não foram reproduzidos nos trechos presentes na antologia *A Águia*.

<sup>198</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Última carta?". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.129.

<sup>199</sup>Ibidem. p.129.

Refere-se depois o meu admirado e querido confrade á minha concepção *simplista, poeticamente ingenua*, enfim, á celebre *sancta simplicitas*, latina fraze arrancada aos labios magicos do Fausto que que (sic) foi o maior ingenuo d'este e do outro mundo!<sup>200</sup>

A partir deste parágrafo Pascoaes tecerá, ao longo de outros nove, considerações sobre a simplicidade e a inocência, sem que isto de nenhuma forma se relacione com o país e possuindo apenas uma relação muito indireta com a polémica que está travando<sup>201</sup>.

O único tema vinculado diretamente com a visão que tem do país, e com a forma como as suas concepções se opõem às de seu antagonista, que chegará a ter um espaço tão grande como o último que apontamos acima, é o *bacharelismo*.

Pascoaes trata deste tema em dois momentos. Logo após a parte que acima indicamos em que se refere a Romeu, Julieta e Otelo, afirma:

O meu caro Antonio Sergio, na sua carta de despedida, principia por declarar que o *Saudosismo leva a Coimbra, á bôa retorica, ao curso juridico, ao comutarismo do Estado, á Secretaria e talvez a S. Bento!* Como? E porque? Não percebo! Esta sua affirmação é grave, cruelmente injusta, de quem finge desconhecer, por completo, as minhas ideias!

A cultura do character portuguez, a unidade espiritual da Raça, realisando-se n'uma alta aspiração religiosa creadora de todos os bons sentimentos de sacrificio, heroismo, fraternidade; -o retocar com tintas vivas a imagem delida da Patria; o dar ao Povo a consciencia do seu próprio ser moral inconfundível, levando-o a crêr n'um mais alto destino, sem desprezar (o que varias vezes tenho dito) a educação tecnica necessaria ao trabalho que produz riqueza; o desejar, enfim, tornar Portugal um sêr vivo com corpo e alma propria, original Presença entre as outras nações, - tudo isto, segundo o seu criterio, leva o nosso compatriota a bacharel parasitario!!!

Despertar as energias da alma, sem as quaes não ha trabalho fecundo, mesmo do sentido restricto da palavra, é, conforme a sua opinião, provocar o advento da Preguiça, é obra de retorica e de cavaleiros andantes retardatarios...

Essa, meu querido amigo, não lembrava ao Diabo! Mas lembrou-lhe a V. E não queria que lhe chamasse Othelo!<sup>202</sup>

Para Pascoaes o Saudosismo tem por objetivo atacar os mesmos males apontados por Sérgio, entre os quais o bacharelismo, porém enquanto este se propõe a combater estes

---

<sup>200</sup>Ibidem, p.133.

<sup>201</sup>Esta ligação indireta com a polémica ocorre nos momentos em que Pascoaes a ela se refere nesta parte em que trata da *simplicidade*, como, por exemplo, quando afirma:

"Nem se julgue despido de ingenuidade, quando quixotesicamente (o que é sympatico) esgrime com a sua alfangica estatística contra os Tenorios do planeta!"(Ibidem, p.133)

<sup>202</sup>Ibidem. p.130-131.

males com os meios *incorretos*, o Saudosismo pretende dizimá-los com o que, realmente, pode eliminá-los:

Ele [o Saudosismo] nasceu para combater tambem os males de que fala o meu bom amigo. A sua espada, como a do Archanjo, é feita d'um relampago, enquanto que a do meu caro Antonio Sergio parece-me de pau. Eu explico, para evitar equivocos. As forças que, antes de tudo, desejo pôr em actividade, são as forças espirituaes, pois entendo que uma realidade só é verdadeira e fecunda, quando proceda d'um sonho bem amado, como o fructo procede da flôr.

Mas, se a realidade quer antepôr-se ao ideal originario, ela resultará uma cousa anemica e mesquinha, semelhante a um pássaro que nascesse d'um ôvo... artificial.<sup>203</sup>

No final de sua resposta o autor de *Regresso ao Paraíso* voltará a apontar a semelhança de objetivos entre a sua pregação e a de seu antagonista, bem com a diferença fundamental que existem entre as duas propostas de reformulação do país:

(...)E deixe-me dizer-lhe alegremente que nos encontramos, em guerreiro convivio, no odio ao *bacharelismo*. N'esta palavra se resume toda a nossa doença nacional. Mas quem criou semelhante specimen foi a decadencia do caracter portugûês, o *estrangeirismo*, que nos tornou amorfos, indecisa materia inerte. O bacharel é composto de umas teorias juridico-sociaes importadas pelo correio, ignorante completo da tradição espiritual da sua taça (sic), que ele não pode amar, porque a não conhece. Não sabe d'onde vem nem para onde vae. É celula d'um corpo, mas desligada e resêca, longe da sanguinea corrente que vivifica, insensivel ao Todo de que deveria fazer parte... (...) Sentimentos de sacrificio, o patrio amôr - tudo isso é fumo para a sua alma isolada, apenas individual, sem o menor ponto de contacto vivo com a alma de seu Povo. Eis ahi o mal! O mal é o isolamento, não do resto do mundo, mas da propria terra natal na lembrança de seu passado e no desejo, na esperança, do seu futuro.

É necessario opôr ao bacharel inerte o portuguez activo, ancioso, em sobresalto de alma revelada. Quando ele atingir este grau de vida, de vida humana e lusitana, o resto (trabalho, industria, agricultura, etc.) aparecerá espontaneamente.<sup>204</sup>

Como vemos, se Pascoes dedica um bom espaço de sua resposta à questão do *bacharelismo*, não encontramos aqui nenhum aspecto novo em suas propostas. O que afirma é basicamente o que já havia dito em textos anteriores, e que pode ser sintetizado

---

<sup>203</sup>Ibidem.p.131. Como sabemos o título do próximo texto de Sérgio é "Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago", diretamente influenciado pelo trecho acima reproduzido.

<sup>204</sup>Ibidem. p.134.

quando diz "Alma! Alma! Alma! é o que nos falta, meu caro Antonio Sergio"<sup>205</sup>, mostrando claramente que, para ele, o problema central do país não está na defasagem econômica ou cultural que apresenta em relação ao restante da Europa, mas na falta de um espírito nitidamente português. Todas as acusações e/ou admoestações que faz a Sérgio nos trechos que acima citamos partem do princípio de que o erro do autor dos *Ensaio*s é o de acreditar apenas na força material e, por isto, não só quer atacar o *bacharelismo* com armas incorretas como também não consegue entender o *grande sentido* que possui a *cruzada saudosista*. Para Pascoaes qualquer obra duradoura precisa primeiro nascer no espírito e não nos aspectos materiais, tema que também surgirá, desvinculado da questão nacional, quando, nesta resposta, Pascoaes reafirma que António Sérgio erra ao "atribuir a actual prosperidade da França á distribuição pelos camponeses das terras da nobreza, á identificação da sociedade com o estado, etc."<sup>206</sup>, já que tudo isto é apenas consequência da verdadeira fonte, "o sonho que animou os escritores do seculo XVIII"<sup>207</sup>.

Se, como podemos notar, ao tratar do *bacharelismo* Pascoaes praticamente apenas reafirma posturas que já havia anteriormente explicitado, no restante de sua resposta encontramos outras vezes este mesmo tipo de postura.

Ao contestar o trecho em que Sérgio afirma que Pascoaes não deve odiar o catolicismo, pois o espírito da nova França é católico, diz que não odeia o catolicismo, como não odeia nenhuma religião, mas que pela nova França ser católica é que Portugal não o pode ser. Volta a seguir a reafirmar que a Igreja lusitana sempre foi independente, e só por motivos políticos é que foi unida a Roma. Por isto deve voltar a independência que a caracteriza<sup>208</sup>.

Pascoaes também voltará a dizer que não é possível a um povo imitar o que deu certo em outro, "só poderá tornar-se util a um Povo o que ele proprio crear, dentro do seu meio, das suas qualidades racicas, tradições, sentimentos, etc."<sup>209</sup>, o que comprova afirmando que "Se concorreu a destribuição da terra para a prosperidade francesa, na Grã-

---

<sup>205</sup>Ibidem. p.135.

<sup>206</sup>Ibidem. p.131.

<sup>207</sup>Ibidem. p.131. Também no trecho que abaixo reproduzimos podemos encontrar esta mesma postura de considerar os aspectos espirituais como os essenciais:

"Antes de tudo o sol no espaço e a alma na creatura. A realidade é sonho que se condensa e não é sonho a realidade evaporada. O beijo nupcial é anterior ao filho, a flôr anterior ao fructo, a nevoa anterior á chuva" (Ibidem. p.135).

<sup>208</sup>Cf. Ibidem. p.132.

<sup>209</sup>Ibidem, p.132.

Bretanha aconteceu precisamente o contrario"<sup>210</sup>. Ou seja, deve-se ter "Cautela com as imitações! Não nos deixemos fascinar pela grandeza dos outros."<sup>211</sup>

Também volta a afirmar que o *Franciscanismo* foi fruto de um único homem, e com ele morreu:

(...) Morto S. Francisco de Assis, as suas cristãs comunidades logo se deixaram absorver pelo catolicismo romano. *O Franciscanismo* passou pela Italia, como o Christianismo pela Judeia. Aquele regressou ao catolicismo pagão- ao Vaticano, e este á sua velha Lei de Moysés,- á Sinagoga.<sup>212</sup>

E chega mesmo a retomar, de forma indireta, a questão do fingimento de Sérgio, tão explorado em seu texto anterior, ao dizer:

(...) É o meu querido amigo um dos mais lidmos caracteres e lucidas inteligencias do nosso tempo e ainda aliados a uma fina sensibilidade poetica, *propositadamente occulta* sob ferrea couraça de combatente, contra a qual o meu Saúdosisimo esgrime, nas suas horas mahometanas em que Deus tambem comanda exercitos.<sup>213</sup>

Ao lado disto temos outras afirmações que, apesar de novas, nada trazem de importante para a proposta nacional encabeçada por Pascoaes, como quando diz, respondendo ao ataque que Sérgio havia lhe feito de desconhecer a alma inglesa, que admira a alma inglesa, "alma séria, silenciosa, profunda, nascida d'um raio de luar coado pela nevoa, em vagas scintilações de melancolia, sobre a agua d'um lago assombrado de arvores...", pois ela soube unir o Passado e o Futuro, mas que esta admiração e amor é menor do o que tem pela alma nacional. O mesmo ocorre quando afirma que Sérgio possui uma retórica "*sub-verbo*, penetrando a essencia da palavra, a roer-lhe o espirito", sobre a qual afirma:

(...)Ha duas especies de retorica. Se uma, a epidermica, atinge apenas o vestuario do pensamento É o seu caso, meu caro amigo, e o de todos aqueles que insistem, por qualquer motivo, em considerar unicamente a face proxima e restricta das cousas, fingindo esquecer que todas as realidades, até mesmo as que nos ferem,

---

<sup>210</sup>Ibidem. p.132.

<sup>211</sup>Ibidem. p.132.

<sup>212</sup>Ibidem. p.133-134.

<sup>213</sup>Ibidem. p.134.

são longinqua e espiritualmente elaboradas... *É n'esse longe espiritual, n'esse Vago amanhecendo*, que devemos dar inicio a qualquer obra, se o nosso desejo é penetrá-la de efficacia e duração, torná-la harmonica e fraterna, com a existencia viva que é, por natureza, etérea, indefinida, inimiga de rectilíneos preconceitos e frias regras geometricas.<sup>214</sup>

Por tudo o que cima dissemos podemos perceber que este texto de Pascoaes, se tem por objetivo fazer com que Sérgio não abandone a polêmica, praticamente nada de novo a ela acrescenta. Se, como Sérgio havia afirmado em sua última carta, "todas as discussões são por sua natureza eternizáveis"<sup>215</sup>, esta carta de Pascoaes conjuga um claro desejo de continuar o *debate* com sintomas evidentes de que ele nada mais de novo e significativo tem a dizer a seu antagonista.

Após esta longa resposta Pascoaes ainda acrescenta um *Post Scriptum* em que diz que leu a conferência de Sérgio proferida no Rio, "O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares", a partir da qual pode concluir que existia um mal entendido entre ambos, como podemos ver no trecho abaixo:

Tem a sua conferencia um grande valor. N'ela aparece, bem nitido, o seu pensamento anti-saudosista, que eu vejo apoiar-se n'um mal entendido que, entre nós, existia.

Ha na sua conferencia, uma palavra magica, até aqui misteriosa para mim, mas que se revela agora com a maior nitides.

Refiro-me á palavra *purificação*.<sup>216</sup>

Pascoaes afirma que, como pôde deduzir da conferência, *purificação* para Sérgio é "a guerra do catolicismo intransigente ao livre espirito religioso e scientifico"<sup>217</sup>, nada tendo a ver com o sentido que Pascoaes lhe dá, o do "ressurgir da alma patria dentro das suas nativas qualidades"<sup>218</sup>. Ataca, a partir desta diferença, a concepção de Sérgio de que, em certo sentido, o Saudosismo seria herdeiro das posturas existentes na Inquisição:

(...) Na verdade, tal purificação foi realisada pelas fogueiras inquisitoriaes que, tentaram queimar, para sempre, na Iberia, precisamente esse espirito original,

---

<sup>214</sup>Ibidem.p.131.

<sup>215</sup>Sérgio, Antônio. "Despedida de Julieta". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.109.

<sup>216</sup>PASCOAES, Teixeira de. Op. cit. p.135.

<sup>217</sup>Ibidem. p.135.

<sup>218</sup>Ibidem. p.135.

creador e livre, não católico, nem romano, -esse espírito que é a própria essência da Saudade e da Anyorança e que tem como terra natal Portugal e sua irmã Catalunha. Ora, esse espírito melhor ou pior formulado, meu caro Antonio Sérgio, é o Saudosismo que eu defendo! e essa purificação sua inimiga, é o seu catolicismo! Vejam lá!<sup>219</sup>

Assim, neste trecho, Pascoaes inverte os sinais que foram dados por Sérgio. Se este se julgara herdeiro daqueles que foram destruídos pelas fogueiras da Inquisição, Pascoaes mostra que, analisando de outra forma esta questão, o Saudosismo é que é herdeiro destes mártires, enquanto Sérgio, que mais de uma vez em seus textos havia defendido o catolicismo, é o herdeiro justamente das fogueiras que tentaram queimar a religiosidade especial que existia na Ibéria.

Pascoaes também afirma que a partir da conferência pôde descobrir o significado de outra palavra muito utilizada por Sérgio, o *isolamento*, que para este é "o medo dos nossos católicos inquisidores a tudo que viesse das regiões infestadas de heresia"<sup>220</sup>, significado que nenhuma relação tem com o que lhe atribui Pascoaes, para quem "a palavra isolamento quer dizer: evitar o nosso espírito de contágios deletérios, que o adoeçam no seu carácter original"<sup>221</sup>. Ou seja, o *isolamento* e a *purificação* pregados pelo Saudosismo nenhuma relação possuem com os mesmos termos utilizados por Sérgio:

*A purificação e o isolamento de que fala nada têm com as minhas ideias. Sim: nós devemos importar o que nos falta agrícola, industrial e cientificamente, sobre tudo; isto é, o que constitui o corpo d'uma civilização...*

*Alma creadora de novas ideias e sentimentos, temos nós, Revelêmo-la, que ela dará ao mundo, não a matéria d'uma civilização, mas o espírito, a flôr...*

*A ideia individual, racional, artificial, da Renascença italiana, tornou-se, na raça portuguesa, genio popular, força viva, instintiva capaz, portanto, de definir socialmente, um dia, o que tem sido, desde séculos, isolada e perdida aspiração de algumas almas. O genio português está, como o de nenhum povo, na lógica da Renascença italiana - essa promessa imorredoura d'uma nova Civilização.<sup>222</sup>*

Como vemos, se aqui Pascoaes ataca de uma forma nova os pontos de vista de seu antagonista, as conclusões a que chega no final são as mesmas que já havia apresentado em vários outros momentos de sua pregação. Apenas devemos notar que aqui Pascoaes volta a

---

<sup>219</sup>Ibidem. p.135-136.

<sup>220</sup>Ibidem. p.136.

<sup>221</sup>Ibidem. p.136.

<sup>222</sup>Ibidem. p. 136.



considerar que Portugal dará à civilização ocidental o espírito que lhe falta, renegando assim, de certa forma, o que havia dito em sua resposta anterior, de que a criação do espírito lusitano seria fundamental apenas para Portugal, e não resposta a um anseio mundial. Isto só vem a reforçar o que dissemos quando afirmamos que existe uma grande oscilação no pensamento pascoalino, que em vários momentos chega a ter opiniões que acabam por contradizer verdades anteriormente enunciadas, sem que ele chegue a explicitar que está alterando as suas concepções.

Sérgio publicará "Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relampago", sua resposta ao texto que acabamos de analisar e última participação na polémica, no número 30 de *A Águia*, de junho de 1914<sup>223</sup>. Pascoaes, em sua resposta a esta missiva de Sérgio, dirá que o autor dos *Ensaio*s pouco falará propriamente do Saudosismo, discutindo uma série de assuntos como "a revolução franceza, S. Francisco de Assis, a propriedade rural em Inglaterra, etc"<sup>224</sup>. Se isto de fato é verdade para a maior parte do texto, e mais à frente poderemos notar que Sérgio tem um objetivo bastante específico quando passa a discutir tão largamente uma série de temas aparentemente em nada vinculados com a questão da saudade, em seu início ele ataca diretamente as concepções saudosistas, explicitando por que, para ele, as propostas deste movimento necessariamente levam ao *bacharelismo* ou a males semelhantes:

Primeiro ponto: porque levam as tendencias saudosistas (sentimentais, contemplativas, horrorizando a "materia") a mocidade ao bacharelismo, à secretaria, ao comunarismo? Não se faz mister o citar a opinião unânime dos pedagogos: o simples senso vulgar não ignora que a educação sentimental cria o desafecto á iniciativa, aos contratempos e necessidades dos negocios, aos esforços e decisões de todos os instantes que as profissões usuais exigem, principalmente quando exercidas á moderna, anti-rotineiramente. A educação sentimental só permite quatro estradas: a fortuna herdada, o casório rico, as profissões liberais, o funcionalismo. Em tudo um sentimental puro é um contemplativo, um devaneadôr, ou um palrador e remexido, como a mosca de Lafontaine: nunca um disciplinador, concentrador e canalizador de energias uteis; pode revolucionar e abater muita coisa, mas nunca constroi coisa de geito. O bacharelismo é uma má orientação profissional, improdutiva, ligada a uma má educação da vontade: não tem relação alguma com a falta de estudos "lusitanos". Ha bacharelismo na Russia, na Espanha,

---

<sup>223</sup>Este texto, como o anterior de Sérgio, não abrirá este número da revista, estando novamente *emoldurado* por textos, neste caso poemas, de participantes do Saudosismo: vem após o poema "Amor" de Mário Beirão, e antes do "Sinfonia do mar-alto" de Augusto Casimiro.

<sup>224</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Mais palavras ao homem da espada de pau". *A Águia*, 2ª série, v.6, p.1.

no Brasil; ha bacharelismo em toda parte onde falta iniciativa e energia *produtora*: o bacharel é mesmo frequentemente patrioteiro e chauvinista.<sup>225</sup>

Como podemos ver Sérgio responde à *estranheza* que Pascoaes manifestou de ver o Saudosismo relacionado ao bacharelismo por duas vias. Não só considerando que as propostas saudosistas implicam em uma educação sentimental, e mostrando que este tipo de educação é a antípoda do que o mundo moderno necessita, como também indicando que não existe uma vinculação entre o bacharelismo e a falta de uma educação nacional. O que poderíamos objetar em relação a este raciocínio de Sérgio, ponto pelo qual Pascoaes o contestará em sua resposta, é que ele não demonstra que as propostas saudosistas implicam, necessariamente, em uma educação sentimental, termo que, por sinal, ele também não define com precisão. Se, por esta via, podemos ver que existe realmente algo de arbitrário em seu raciocínio, devemos porém lembrar que em nenhum dos textos que até agora analisamos os saudosistas, por mais que considerem fundamental a questão educativa, chegaram a precisar o que exatamente propõem para esta educação, tendo, com raríssimas exceções, se atido a afirmações genéricas como a necessidade de criar uma educação *nacional*, ou de valorizar as *características tipicamente portuguesas*, abrindo com isto a possibilidade de Sérgio, graças a esta vagueza de princípios, poder fazer as afirmações que aqui faz.

Por sinal, será o ataque ao vago e ao impreciso a principal característica desta carta de Sérgio, que tentará, em clara oposição a esta tendência, apresentar argumentos claros e racionais que comprovem que o que Pascoaes afirma são coisas que fazem parte do campo do delírio ou da pura imaginação. Isto pode ser claramente observado pelo próprio vocabulário escolhido por Sérgio para se referir às propostas de seu antagonista. Assim, logo após a parte acima citada sobre o bacharelismo, e referindo-se à má leitura que Pascoaes fez de sua carta, Sérgio afirma:

**Sonhou** o Pascoais que eu atribui "a atual prosperidade da França á distribuição pelos camponêses das terras da nobrêza (até aqui está certo), á *identificação da sociedade com o Estado*, etc., como se tudo isso não fosse (segundo o meu poeta) o produto real dum sonho anterior, o sonho que animou os escritores do seculo XVIII.<sup>226</sup>

<sup>225</sup>SÉRGIO, António. "Explicações necessarias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relampago". *A Águia*, 2ª série, v.5, p.170.

<sup>226</sup>Ibidem.p.170-171. Os negritos são nossos.

Após demonstrar que ele não atribuíra à identificação com o estado a prosperidade de França, e afirmar que "todos sabem que a venda aos camponeses das terras da nobreza emigrada foi um expediente imposto pelas circunstancias, e que não teve nada a vêr com os sonhos dos escritores"<sup>227</sup>, Sérgio volta a se referir ao espírito fantasista de Pascoaes:

(...) A sua fantasia de poeta, quando escreve sobre a historia, é que é uma gentil criancinha que dorme e sonha:-sonhos maravilhosos de criancinha...

Desta forma sonhou que "o que é verdadeiro em França pode ser mentira em Portugal"; que "se concorreu a distribuição da terra para a prosperidade da França, na Grã-Bretanha aconteceu precisamente o contrario". Valha-nos Deus, meu poeta: sempre sonhos, devaneios, caprichos, fantasias... Não, não é nada disso... As leis da economia social teem valor para todos os povos; acreditar o contrario é mesmo que presumir sêr a higiene individual -o ar livre, a luz, a alimentação natural, o exercicio, etc,- muito util para os Joões e os Franciscos, mas muito pernicioso para os Antonios e os Josés... Desçamos a este mundo. Aqui está o que aconteceu (...)<sup>228</sup>

E Sérgio, didaticamente, explicará por quase duas páginas o que *de fato* aconteceu, opondo claramente o seu discurso *racional e meticoloso* aos *devaneios* do poeta de *Maranus*, discurso em que também são recorrentes citações de vários autores que corroboram as posturas do autor dos *Ensaio*s. Se, como vimos, o objetivo deste autor não é o de convencer seu interlocutor, mas o de mostrar para possíveis leitores que as suas propostas são mais viáveis e bem fundamentadas que as de Pascoaes, podemos facilmente deduzir que, apesar de estar tratando de um tema totalmente desvinculado de Portugal, este seu longo discurso sobre a propriedade rural na França e na Inglaterra tem por objetivo demonstrar que no seu combate com o Saudosismo existem dois campos muito claros: o do delírio, das propostas sem fundamento, do sonho, ocupado por seus inimigos, e o da razão e da praticidade, ocupado por ele. Ou seja, estrategicamente, e de uma forma diversa e mais didática, Sérgio retoma ao que já havia afirmado em sua segunda participação na polêmica, quando havia dito que as afirmações saudosistas o faziam se sentir "num mundo fantastico e serafico onde as montanhas são de mel, e os rios são de leite, e os passaros dão flor, e das gingeiras brotam homens, como das nossas brotam ginjas..."<sup>229</sup>. Este procedimento ficará ainda mais explícito quando termina sua *didática explicação* sobre a propriedade rural:

---

<sup>227</sup>Ibidem.p.171.

<sup>228</sup>Ibidem.p.171.

<sup>229</sup>Idem. "Regeneração e tradição, moral e economia". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p.4.

(...)Se consegui falar tão nitidamente como penso, o proprio Capricho em pessoa concluiria que a *mesma* orientação salutar fez bem *aos dois* países [França e Inglaterra], e a *mesma* orientação viciosa fez mal *aos dois* países; que as regras de economia social são igualmente applicaveis a todos os povos e sociedades. É claro que se o meu poeta sonhar agora, por exemplo, que o Lloyd George não existe, que a revolução francêsa foi no seculo III antes de Cristo, que o viajante Young era zarôlho, -lá terei eu de recomeçar a história em todos os numeros da nossa *Aguia*, para lhe demonstrar que o homenzinho existe, que a revolução francêsa foi no século XVIII, e tudo o mais que lhe aprouver.<sup>230</sup>

Também ao falar de S. Francisco, Sérgio adota o mesmo tom, como podemos ver abaixo, em que reproduzimos alguns de seus argumentos, que serão refutados de uma forma totalmente inesperada por Pascoaes no seu próximo texto:

Ao sonho seguinte evapora-o a simples cronologia. Sonhou o meu poeta que o movimento místico italiano foi obra de um só homem, S. Francisco de Assis; mas eu e os seus leitores sabemos muito bem que S. Francisco não foi o iniciador, não foi o ponto de partida, mas o ponto de chegada dêsse grande movimento; S. Francisco (...) é a flôr, de que a raiz, o tronco, a seiva, é o esto de misticismo italiano *que o precedeu*. Que o precedeu, Pascoais, que o precedeu! Que o precedeu e o suscitou! Muitas faculdades milagreiras lhe atribuem, mas não o efeito rêtro-activo; fez milagres mas depois de nascer: antes de nascer, nem o próprio Cristo! (...)

*Antes* de S. Francisco não houve sòmente uma intensa e prolongada vibração anónima: individualidades eminentes se haviam erguido nessa atmosfera saturada de misticismo, entre as quais Joaquim de Flora, do qual nos diz Sabatier: "Jochin de Flore forme le dernier anneau d'une suite de moines prophètes *qui se succédèrent durant près de quatre cents ans (...)*". Veja o que fez S. Francisco, durante quatro séculos, *antes de nascêr!*<sup>231</sup>

Após o trecho sobre S. Francisco, em que citou Renan, Villari, Gebhart e Sabatier, autores que comprovam seu ponto de vista de que o misticismo de S. Francisco foi fruto de um movimento nacional, Sérgio volta a se referir ao pouco fundamento das propostas saudosistas:

Como vê, participam da minha "teima" Renan, Villari, Gebhart, Sabatier. Participa toda a gente, menos a Saudosismo, que sonhou e decretou o contrário. Participa a propria cronologia. O Saudosismo, como o personagem de Molière, *a changé tout cela*:decretou que os tempos de *depois* vieram *antes*, que os

<sup>230</sup>Idem."Explicações necessarias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relampago". *A Águia*, 2ª série, v.5, p.172.

<sup>231</sup>Ibidem.p.172-173.

predecessores e precedentes foram sucessores e consequentes. Todo o Saudosismo é uma série de sonhos decretados pelo amigo: o que o caracteriza, ao Saudosismo, é a audácia de olhos puros, o santo descaramento da invenção. *Hay que comprimirse!* Porquê inventar em coisas tão sabidas como a vida de S. Francisco, a revolução francêsa, ou a propriedade rural em Inglaterra?

Eu reconheço que é por virtude, por bondade, por amor á sua terra que o meu amigo tudo inventa. Respeito e admiro a sua paixão; sómente o quisera convencer de que erra supondo as invenções necessárias e prestimosas. Cumpre aceitar a *realidade, inteira*, e estudá-la carinhosamente sob *todas* as suas formas; de nada serve mutilá-la:

"Willst du ins Unendliche schreiten,  
Geh' nur in Endlichen nach allen Seiten".

Carlyle definiu o herói "a bringer-back of men to reality"- um ser que faz voltar os homens á realidade: são esses os heróis necessários á nossa terra.<sup>232</sup>

Como podemos ver, se Sérgio aponta para uma *boa intenção* do Saudosismo, mostra que esta só pode ser prejudicial para o país, pois o afasta do que é fundamental, a *realidade*, praticamente repetindo o mesmo tipo de construção que Pascoaes utilizara em seu último texto, quando afirmara que o ódio de Sérgio contra o bacharelismo era *positivo*, mas que os meios pelos quais pretendia combatê-lo eram totalmente inadequados.

Mas, para além do que vem claramente expresso, este discurso de Sérgio pretende, de outra forma, desqualificar o ponto de vista do movimento encabeçado por Pascoaes. Podemos notar que neste pequeno trecho não é apenas Sérgio que fala, mas o conjunto da cultura européia, ou que, pelo menos, é esta a imagem que ele pretende passar. Em menos de 20 linhas ele cita em quatro línguas, francês, espanhol, alemão e inglês, mostrando-se, de novo em uma referência agora concreta ao que antes havia afirmado em sua segunda participação, como um cosmopolita, com um mínimo de conhecimento das culturas européias e, portanto, apto a apontar para o país o caminho a ser seguido, em oposição aos saudosistas, reduzidos ao torrão natal, e portanto não aptos a propor saídas condizentes para o país. Esta imagem é ainda amplificada pelo que é dito logo a seguir:

Tambem se sabe que não fomos só nós que chamámos ao Papa o bispo de Roma; que *todas* as igrejas viveram a principio separadas de Roma. **Ainda o Saudosismo descobrirá que uma das sublimes originalidades dos portugueses é ter pernas, tronco, braços e cabeça. Para poder dizer que uma dada qualidade é característica dum povo, faz-se mister estudar os outros povos:** simples observação que deveria varrer a "deusa", com todos os seus apêndices. Mas não

---

<sup>232</sup>Ibidem.p.173-174.

varre, eu bem sei que não varre: cada vez mais vitoriosa, mais deusa, mais tonante!<sup>233</sup>

O trecho que acima colocamos em negrito nos mostra claramente que Sérgio, sem de fato explicitar esta postura, está querendo mostrar que se ele, conhecedor da cultura européia, capaz de citar em pelo menos quatro outras línguas, pode ver *de fato* o que Portugal possui de específico ou não, e em vista disto propor soluções claras e objetivas para o país, o mesmo não ocorre com os Saudosistas, que consideram como portuguesas certas características que de fato são comuns a vários povos. Como poderia um movimento que não sabe o que é a Europa mostrar com clareza o que é só português? Existe assim, por debaixo das críticas expressas, um outro conjunto de ataques aos saudosistas que percorrem as entrelinhas do texto deste ensaísta.

Ainda em sua carta Sérgio tocará em alguns outros aspectos, sempre mostrando o *sem sentido* das propostas do Saudosismo, e citará algumas frases de Pascoaes, para, voltando a uma ironia presente no início de sua carta, em que havia dito que a última carta de Pascoaes havia posto "os pontos nos *ii* duma dúvida velha: não somos um rouxinol e um peixe, como julgara: somos um homem e um Arcanjo, como insinua o meu amigo", assim terminar este texto:

Ah, meu poeta, só agora compreendo o Evangelho de S. João: "No principio era o Verbo, e o Verbo era Deus!" E Deus transmitiu (certamente) aos Arcanjos as suas propriedades de Verbo! Agora sim, meu amigo, que me vejo obrigado a dar homem por mim! Dou o professor de poesia do "Fidalgo aprendiz", o qual, se bem me lembro, se apresenta desta forma:

Ante vossa presença jaz extático  
Um culto professor de estudo crítico  
A que ousam chamar humor frenético!

Esgrija contra ele a sua "espada de Arcanjo, feita dum relâmpago", que eu já meto dentro do saco o meu "pau." Quanto á retórica de que uso, que a seu ver se substitue ao pensamento (só um saudosista me diria isto, rapazes!) tenho-a empregado com algum exito cá fora, onde verdadeiros homens de sciencia me teem dito... Adiante: nada de imodestias! Não são as leis sociais, mas as definições de retórica que variam com as latitudes, ou melhor com as declinações e ascensões rectas, visto que o meu amigo é do céu - e felizmente da terra também, para ventura de todos aqueles que, como eu, o estimam e o veneram, como homem e como poeta.<sup>234</sup>

---

<sup>233</sup>Ibidem.p.174. Os negritos são nossos.

<sup>234</sup>Ibidem.p.175.

Como podemos notar, se na carta anterior de Pascoaes havíamos encontrado uma grande dispersão, em que se conjugavam trechos que não estavam vinculados aos principais temas da polêmica com repetições de propostas já anteriormente enunciadas, o mesmo não ocorre neste texto de Sérgio. Se, aparentemente, ele está a tratar de questões que nenhuma relação têm com o país, como a propriedade rural na França e na Inglaterra e a relação de S. Francisco com o misticismo italiano, estes temas de fato aparecem como uma ilustração da diferença entre o *rigor* e a *consistência* de seus raciocínios e a *vagueza* e mesmo o *delírio* do raciocínio pascoalino. Esta carta, apesar dos múltiplos assuntos tratados, tem uma unidade dada por estes objetivos de seu autor.

Apesar disto, porém, se o ataque é eficaz, devemos levar em consideração que ele pouco acrescenta ao tema que deveria estar sendo discutido entre os polemistas. Curiosamente, se Sérgio havia afirmado que as pessoas expostas a uma educação sentimental *podem revolucionar e abater muita coisa, mas nunca constroem coisa de geito*, o que ele faz nesta carta é algo muito próximo a isto: tenta destruir as propostas saudosistas, mostrar a sua inexequibilidade, mas não as substitui por nenhuma outra proposta clara, além dos lugares comuns da necessidade de uma educação ativa, ou de confrontar a realidade portuguesa com o que ocorre na Europa, temas que já vem repetindo desde a sua primeira carta. Assim, se aqui temos unidade, esta apenas demonstra um uso mais eficaz do discurso por parte de Sérgio, e continuamos sem ter nenhuma proposta clara de sua parte sobre o que fazer no país para que ele possa se engrandecer. Se pelo menos no aspecto educativo ele, neste volume de *A Águia*, chegará a levantar uma proposta em outro texto, isto claramente é muito pouco para quem tão sistematicamente vem atacando os saudosistas como se tivesse uma outra proposta totalmente diversa da apresentada pelo movimento. Se consegue ver os *erros* de seus oponentes, não chega a precisar os *acertos* necessários para que um novo caminho pudesse vir a ser trilhado.

### 3.3.3.5 Outros textos do quinto volume

São os seguintes os textos que podem ser relacionados com a polémica ou que apresentam imagens de Portugal:

1. "A Canção do Novo Restelo". Augusto Casimiro. p.17 .
2. "Lettres Portugaises". Philéas Lebesgue. p.29-32.
3. "Studies in Portuguese Literature". Aubrey Bell. p.58-64.
4. "Pela Pedagogia do Trabalho". António Sérgio. p.95-96.
5. "A Era Lusíada". Teixeira de Pascoaes. p.97-101.
6. "Versos do Mar Atlântico". Augusto Casimiro. p.104-106.
7. "Versos da Alma Ausente". Augusto Casimiro. p.106-108.
8. "A Idealização legendaria do povo português". Jaime Cortesão. p.116-120, p.141-146.
9. "A Exposição de Correia Dias". Virgílio Correia.p.121-124.
10. "Pela Grey Os que sonham". António Sérgio. p.147.
11. "Faianças portuguesas". Joaquim de Vasconcelos.p.148-151.
12. "Os Conflitos da Historia". Teófilo Braga. p.152-154.
13. "O Imperialismo hoje e o imperialismo peninsular". António Sérgio. p.159-160.
14. "O Paroxismo". Teixeira de Pascoaes. p.166-168.
15. "Sinfonia do Mar-Alto ". Augusto Casimiro. p.176-179.
16. "O *self-government* e a escola". António Sérgio. p.187-189.
17. "Bibliografia". p.190-192.

A simples indicação destes textos já nos mostra um importante efeito da polémica: a grande colaboração, neste volume, de António Sérgio com textos referentes a Portugal, já que publica, além dos três que já analisamos, outros quatro, transformando-se assim no autor de praticamente a terça parte dos textos sobre o país publicados neste volume. Não encontramos o mesmo ímpeto em Pascoaes, já que além de sua participação na polémica publicará, relacionados com o país e/ou com a nova poesia, apenas dois outros textos<sup>235</sup>, sendo inclusive um deles não inédito, o trecho inicial da conferência *A era Lusíada* que havia proferido na *Associação dos Estudantes do Porto*. Mas, por outro lado, será ele o escritor mais analisado neste volume: boa parte das "Lettres Portugaises" de Philéas

---

<sup>235</sup>Além destes textos Pascoaes publica "A minha aldeia", em p.10-16 e "Da minha Janela" em p. 74-77, este segundo um trecho de *Verbo Escuro*, ambos sem estarem relacionados com a questão nacional.



Lebesgue e todo o "Studies in Portuguese Literature" de Aubrey Bell se referem à sua obra ou a seus pontos de vista, além de ter o seu livro *Verbo Escuro* citado na bibliografia. Ainda favorável ao Saudosismo é o artigo "A Exposição de Correia Dias" de Virgílio Correia, que tratará explicitamente da importância deste movimento na obra de Dias, mostrando assim influências saudosistas também nas artes plásticas. Porém, se podemos perceber que a polêmica serve de eixo orientador de várias das participações neste volume, devemos também notar que os textos dos outros dois grandes colaboradores nele presentes, Augusto Casimiro e Jaime Cortesão, não chegam a possuir a mesma envergadura dos que haviam publicado nos três primeiros volumes, e suas colaborações apenas tocam de forma indireta nos temas discutidos na polêmica, constituindo-se assim, junto com os textos "Faianças portuguesas" e "Os Conflitos da História", respectivamente de Joaquim de Vasconcelos e de Teófilo Braga, num conjunto de colaborações menos relacionadas com o confronto entre Sérgio e Pascoaes. Em função do acima exposto, em nossa análise a seguir, trataremos inicialmente dos textos de Sérgio, depois disto dos que foram escritos por Pascoaes ou que tratam de sua obra e, finalmente, dos demais, que estão bem menos relacionados com a polêmica que vem sendo travada na revista.

O primeiro texto de Sérgio acima citado, "Pela Pedagogia do Trabalho", foi publicado no número 27 de *A Águia*, de março de 1914, situando-se, portanto, em relação à polêmica, entre o "Resposta a António Sérgio" de Pascoaes, publicado no nº 26 e o "Despedida de Julieta", do próprio autor dos *Ensaio*s, publicado no nº 28. Este artigo é, como poderemos ver, não só uma crítica clara às outras duas propostas pedagógicas já publicadas na revista, a de Jaime Cortesão em relação ao ensino de história e a de Alfredo Coelho de Magalhães, "Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus", como também, no contexto em que aparece, é um reforço às posições que o autor dos *Ensaio*s adota na polêmica com Pascoaes<sup>236</sup>.

Sérgio o inicia considerando que "As variações do ambiente obrigam o indivíduo a modificar os seus hábitos, afim de se ajustar às novas condições desse ambiente"<sup>237</sup>. Aponta que nos indivíduos e nas sociedades a adaptação é tão mais fácil quanto mais flexíveis estes sejam, o que faz com que a necessidade de adotar por muito tempo invariáveis formas de atividade seja prejudicial, por impedir uma fácil adaptação.

Após estas considerações de caráter geral, acrescenta:

---

<sup>236</sup>Estas características também aparecerão, como veremos, no último artigo publicado por Sérgio neste volume, "O *self-government* e a escola".

<sup>237</sup>SÉRGIO, António. "Pela pedagogia do trabalho". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.95.

Nós, portugueses, fixados num tipo social obsoleto por longuíssimos anos de educação depredadora e de isolamento sistemático, apresentamos o acabado exemplo de uma sociedade cuja estrutura guerreira não conseguiu ainda adaptar-se ao ambiente industrial da moderna civilização. O tratamento cumpre por isso que seja intenso, e que actuem concordemente o esforço do economista e o esforço do educador.

A antiga estrutura parasitaria da sociedade tem procurado manter-se de mil formas diversíssimas, que todas elas se revelam na insistência *purificadora*, ou *isoladora*, na má vontade instintiva á cultura do estrangeiro. A educação, a literatura, a retórica patrioteira das glórias depredadoras concordam perfeitamente com este carácter social; e, o que mais é, os próprios homens de iniciativa e de trabalho não lograram eximir-se á ancestral xenofobia.<sup>238</sup>

Como podemos ver estas breves reflexões de Sérgio mostram que a sua leitura da história de Portugal é totalmente oposta da realizada pelos saudosistas. Se estes vêem no *estrangeirismo* a causa da decadência, para esse ensaísta é a *xenofobia*, ou no mínimo a má vontade em relação á cultura estrangeira, que não permite o desenvolvimento do país. Fruto deste tipo de concepção, para Sérgio a saída para Portugal encontra-se, como se encontrava para Antero, numa quebra destas tradições, enquanto que para os saudosistas o país só poderá se reerguer se retomar as suas características próprias, soterradas por séculos de estrangeirismo. Assim, neste artigo, sem em nenhum momento tocar directamente na polémica que está travando com Pascoaes, Sérgio delimita mais uma vez os campos a partir dos quais considera que tanto ele como seus antagonistas falam: enquanto a sua proposta, partidária da quebra destas tradições guerreiras e xenóforas, poderá gerar no país um avanço em direcção ao mundo moderno, as propostas saudosistas só, em seu ponto de vista, perpetuarão o estado de atraso e de estagnação em que Portugal se encontra.

Mas a postura opositiva de Sérgio em relação às propostas do Saudosismo não pára aqui, e, ainda neste artigo, ele chega já a preannunciar o que dirá sobre a educação sentimental e a ligada às profissões usuais na sua última participação na polémica:

A causa e a consequencia de tudo isto é a nossa ignorancia do trabalho, possibilitada por condições historicas especialissimas; -e o que se deduz desta verdade histórica é que *a nossa futura pedagogia deverá ser, essencialmente, uma pedagogia do trabalho e da organização social do trabalho.*<sup>239</sup>

---

<sup>238</sup>Ibidem. p. 95-96.

<sup>239</sup>Ibidem, p.96.

Passa então a citar um opúsculo de Herculano, que já 70 anos antes havia apontado estas necessidades. Deste artigo, intitulado "Da escola Politécnica e do Colégio dos Nobres", Sérgio cita justamente trechos em que o autor da *Harpa do Crente*, além de defender uma educação direcionada para o trabalho, opõe a educação existente durante o período colonial português à educação necessária para o Portugal moderno, como podemos ver abaixo:

"Necessário é ao pobre o ser activo e industrioso, e não será decerto com o antigo sistema de instrução que o povo português progredirá na industria. Quando os diamantes e o ouro do Brasil vinham inundar Portugal de riquezas... então era preciso entulhar de frades, de capelães, de cônegos, de monsenhores, de principais, *de escribas, de desembargadores, de caturras, de rimadores de epitalamios e elegias, de oradores academicos impertinentes*, o insondavel sorvedouro das inutilidades publicas. Como doutro modo devorar as entranhas d'America? (...) De quanto possuíam nossos avós só nos resta uma tradição saudosa, o arrasamento industrial, e a triste realidade da miseria publica. Cumpre aceitar esta com hombridade, isto é, resignados e resolvidos *a recuperar com o trabalho o que perdemos com o ócio...* Vemo-nos afogados em um mar de doutores, e não temos talvez dez individuos capazes de construir as mais simples maquinas modernas de agricultura ou de industria..."<sup>240</sup>

Sérgio conclui seu artigo defendendo a postura assumida neste texto por Herculano, e dizendo que se as idéias do autor de *Lendas e Narrativas* ainda não fecundaram o espírito português é porque este "as não quiz ainda meditar; mas do seu ensinamento poderíamos responder que foi imenso: um traçado de regeneração, que Antero de Quental continuou"<sup>241</sup>.

Como podemos ver este artigo parece ter múltiplos objetivos. De início, ao propor, seguindo os passos de Herculano, e implicitamente os de Antero já que a ele se refere no final de seu artigo como um continuador das idéias do solitário do Val dos Lobos, uma educação voltada para o trabalho como algo de fundamental, Sérgio está se opondo às propostas educativas de Cortesão e de Alfredo de Magalhães que basicamente tinham por objetivo uma educação de fundo nacionalista, sem nenhuma relação com uma pedagogia voltada especificamente para a produção e para a indústria. Além disto, ao citar Herculano e Antero ele também está previamente referendando o que dirá em sua resposta seguinte na

---

<sup>240</sup>HERCULANO, Alexandre. "Da Escola Politécnica e do Colégio dos Nobres". *Opúsculos*, Tomo VIII, p. 70-72. Apud.SÉRGIO, António. "Pela pedagogia do trabalho". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.96. Os itálicos são de Sérgio, e não estão no original de Herculano. Além disto Sérgio usa os três pontos para indicar supressão de um trecho do original.

<sup>241</sup>SÉRGIO, António. "Pela pedagogia do trabalho". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.96.

polêmica, "Despedida de Julieta", que segue a postura geral destes dois escritores, estando assim inserido dentro de uma tradição portuguesa que, em seu ponto de vista, o Saudosismo nega, como por sinal já havia indicado ao dizer que Pascoaes se filia a um outro tipo de tradições, xenófobas e atrasadas<sup>242</sup>.

No número seguinte da revista, o 28, além do "Despedida a Julieta", Sérgio publicará dois outros textos contrários às propostas saudosistas, o poema "Pela Grey Os que sonham", que dedicará "a Augusto Casimiro, em resposta á sua carta"<sup>243</sup> e o artigo "O imperialismo hoje e o imperialismo peninsular". Este segundo é, inicialmente, uma análise comparativa entre os dois imperialismos citados, que por serem radicalmente diversos não deveriam ser tratados pelo mesmo nome. O então atual, para ele, é um fenômeno capitalista, fruto dos juros baixos e do objetivo do capital de conseguir maior lucro, enquanto o ibérico foi uma empresa militar, conseqüência da psicologia guerreira das nações da península. Esta diferença faz com que o primeiro seja colonizador, enquanto que o segundo apenas espoliou os povos conquistados.

Após esta breve análise dos dois imperialismos, aponta que o mesmo fenômeno que ocorreu na Europa se repetiu na América quando os juros baixaram nos Estados Unidos, e que a primeira vítima do imperialismo americano foi D. Quixote, "o imperialismo depredador, Cavaleiro, dos povos peninsulares"<sup>244</sup>, representado pelo imperialismo espanhol em Cuba, após o que considera:

Os proprietarios dos *trusts* do assucar e do tabaco impuseram aos Estados- Unidos a guerra com a Espanha. E a Espanha foi vencida, e tomou juizo: Pois não é o que sucede ao personagem de Cervantes?<sup>245</sup>

Após se referir longamente à cena final da morte de D. Quixote, em que este finalmente entra em contato com a realidade e bendiz esta dádiva final de Deus, só lamentando que ela tivesse vindo tão tarde, acrescenta:

---

<sup>242</sup> Como poderemos ver mais à frente Pascoaes responde de forma indireta a este artigo de Sérgio, que fecha o número 27 da revista, com os trechos de sua conferência *A Era Lusitana* que publicará no início do número 28.

<sup>243</sup>SÉRGIO, António. "Pela Grey Os que sonham". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.147.

<sup>244</sup>SÉRGIO, António."O imperialismo de hoje e o imperialismo peninsular". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.159.

<sup>245</sup>Ibidem.p.159.

As sociedades porêm não morrem como os individuos: a emenda significa nelas renascimento; a Espanha parece mudar de rumo. Nós, caídos, esfarrapados, continuamos a declamar o romance da Cavalaria, sem já crêr em cavalarias nem romances, mas como quem julga isso necessário, e talvez suficiente, para electrizar com frêmitos de vida o nosso pancismo acomodaticio de bachareis do Terreiro do Paço. A drogaria da tradição pretende ainda mascarar a pança; e uma mesquinha realidade, repintalgada de poesia fácil, foge pudibunda do realismo inteiro que afunda raizes no subsolo, para elevar a flôr do ideal na luz claríssima do sol meridio...

Quando diremos nós, como D. Quixote: temos juizo já, livre e claro, sem a sombra caliginosa que nele pôs o detestavel genio da Cavalaria?<sup>246</sup>

Se lembrarmos que neste mesmo número da revista, em sua participação na polêmica, Sérgio havia atacado duramente as propostas saudosistas, considerando que elas levam ao bacharelismo, por gerarem uma educação sentimental e não prática, podemos verificar que existe uma grande consonância entre o artigo que agora analisamos e esta participação no *debate* com Pascoaes. Aqui, como lá, Sérgio ataca não só esta tendência idealista, que não se firma no subsolo da realidade, mas também a tentativa de revalorizar características típicas do país que, para ele, são totalmente anacrônicas. Nesta perspectiva, enquanto Portugal não se livrar das tendências cavaleirescas será um eterno demente em busca de castelos e gigantes que não mais existem, ou ainda pior que isto, um Sancho acomodado em suas características bacharelescas que se maquia de um Quixote que não tem mais espaço na civilização moderna. Assim, da mesma forma como no artigo anterior, o que aqui prega é uma ruptura com o passado, e a criação de características mais próximas daquelas que existem no mundo *moderno*, mundo comandado por razões econômicas -o juro baixo e a necessidade de lucro- e não por idealistas propostas fora de lugar.

Também no poema que publica neste número, que abaixo reproduzimos, podemos encontrar preocupações semelhantes.

PELA GREY  
Os que sonham

a Augusto Casimiro,  
em resposta á sua carta.

Uma nação que não está a par do seu tempo é forçosamente uma nação miseravel... O genero humano, que sempre caminha ávante, deixará acaso após si esta porção de seus membros, chamada nação portuguesa?

---

<sup>246</sup>Ibidem.p.160.

ALEXANDRE  
HERCULANO

Sonhais, amigos meus: sonhais, vagando  
No saudoso jardim das ilusões;  
Entre um povo de Espectros e Visões  
Teceis um sonho etéreo, ingénuo e brando...

A Sombra dos avós-nevoento bando-  
Num nimbo vos cercou de cerrações:  
A chama, o ardor da vida, os seus clarões,  
Ela os muda em sol-pôr, crepusculando...

Ah! meus amigos, como é bela a vida  
E a mente clara se arroja á lida,  
E á acção, e á idéa, vai chamando os povos,

Revolve a terra, cruza o mar profundo,  
-Olhos na busca de horizontes novos,  
-Pulso na faina directriz do mundo!<sup>247</sup>

A dedicatória do poema a Augusto Casimiro<sup>248</sup>, como vimos o poeta saudosista com produção mais sistemática nos três primeiros volumes, já deixa claro quais são os interlocutores que pretende atingir com o soneto. A epígrafe de Herculano também tem objetivos para além do que vem nela escrito: referenda a postura recorrente de Sérgio de se considerar um discípulo e continuador das idéias do solitário de Val dos Lobos. Emoldurado pela dedicatória e pela epígrafe, encontramos no soneto uma postura muito próxima à que existia no "Apostilha aos navegadores", que atrás analisamos. Nele se opõem duas posturas distintas, a dos que sonham -que por todo o contexto dado são os saudosistas com suas infundadas esperanças de um reerguimento gerado por um passado que não mais existe- e a dos que agindo com *mente clara* modificam o mundo. Esta oposição entre os dois campos mostra bem, mais uma vez, que a conciliação entre as duas posturas, para Sérgio, é impossível. Ou se sonha fixado em um passado que não mais existe, e fica-se fora do fluxo sempre para adiante que caracteriza a humanidade, como afirma Herculano na

<sup>247</sup>SÉRGIO, António. "Pela Grey Os que sonham". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.147.

<sup>248</sup>Esta dedicatória e o início da segunda participação de Sérgio na polémica - em que, como vimos, é dito "E á sua frente, gládio em punho, pusemos o Pascoais. - Isto me escrevia ha dois meses e meio, anunciando-me o seu artigo que recebi hontem, o nosso Augusto Casimiro"(SÉRGIO, António. "Regeneração e tradição, moral e economia". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.1.) - parecem indicar que era relativamente freqüente a troca de correspondência entre o autor dos *Ensaio*s e o poeta de "A primeira Nau". A este assunto mais à frente voltaremos.

epígrafe, ou se entra em compasso com o tempo presente, e se abre ao sol da vida, marchando resolutamente para a frente como os demais povos europeus. Assim, neste soneto, temos a reelaboração, em forma poética, do que Sérgio vinha recorrentemente afirmando em todas as suas participações na revista desde o referido poema publicado no terceiro volume, ou seja, a necessidade de romper com o passado e entrar em contato com o mundo moderno, única maneira de reerguer um país atolado em recordações de um passado que não tem mais existência concreta.

Ainda neste quinto volume, após a sua última participação na polêmica, Sérgio publicará no final do nº29 o texto "O self-government e a escola". Este texto, que seria teoricamente uma introdução a uma proposta educativa para o país acaba, como veremos, por se transformar também em um libelo anti-saudosista.

Ele começa seu artigo afirmando que a importação do modelo liberal inglês por Portugal equivale à de "um cavalheiro que mandou vir um carro automóvel sem motor, ou uma aperfeiçoada ventoinha eléctrica sem ter instalado a energia eléctrica"<sup>249</sup>, e que as críticas à importação de instituições e modelos estrangeiros, geradas, entre outros motivos, pela falência do liberalismo em Portugal, equivaleria a este mesmo cavaleiro concluir que "o automóvel é incompatível com o meu Genio; a ventoinha é inadaptável à minha Raça"<sup>250</sup>. De fato o problema, para Sérgio, é o de não se haver importado o suficiente, é o de não se ter importado o *motor* que, "neste caso, é a educação dos ingleses"<sup>251</sup>:

Sabeis que a mola do sistema britânico consiste numa coisa que por ser deles lhe chamaremos como eles lhe chamam: o *self-government*. Sem dúvida a sociedade, a família, o ambiente, educam o inglês no *self-government*; mas lá está também a escola a infundi-los neste molde. ¿ E a nossa escola, sabe ela ao menos o que isso é? Não, não faz a mínima idéia: - e eis aí uma das razões por que a maquineta não marcha.<sup>252</sup>

Definido assim o problema, Sérgio parte para um ataque mais claro às propostas educacionais dos saudosistas, que contrapõe às suas:

Torrencialmente se proclama -por discursos, canções e ditirambos- a necessidade de uma "educação lusitana". É claro que ninguém sabe o que é uma

---

<sup>249</sup>SÉRGIO, António. "O self-government e a escola". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.187.

<sup>250</sup>Ibidem. p. 187.

<sup>251</sup>Ibidem. p. 187.

<sup>252</sup>Ibidem. p. 187.

educação lusitana, e porisso mesmo ela aparece tão fecunda e milagrosa: -efeitos transcendentales das palavras mágicas! Pois se tivermos de definir pelo nome de algum povo a educação que nos falece, hemos de nos resignar ao "estranjeirismo", e a sustentar prosaica, mas conscientemente, a urgencia de uma educação anglo-saxonica, adaptada a uma escola do trabalho e da organização social do trabalho. Os motivos desta ultima deduzem-se da análise da nossa historia, como a deixei esboçada em artigos anteriores. Seria esta a verdadeira educação portuguesa, porque pedida pelas necessidades portuguesas, pela historia portuguesa, e pelas condições portuguesas; seria ela a verdadeira educação nacional.<sup>253</sup>

Como vemos, o que Sérgio critica na proposta de uma *educação lusitana* é justamente, como antes já havíamos apontado, a inexistência de projetos que concretizassem o que caracterizaria este tipo de educação, que em vista disto se transforma, como ironicamente afirma o autor dos *Ensaios*, em *palavras mágicas* cantadas em *discursos, canções e ditirambos*. A esta vagueza Sérgio opõe, como é o seu costume, uma proposta clara e bem definida: um tipo de educação já existente, já praticado na Inglaterra, que é, para ele, não só o motivo da grandeza deste país, mas também o necessário para um país desabitado ao trabalho prático, como é Portugal.

Sérgio refere-se a seguir a um artigo de Cortesão, que mais à frente analisaremos, "em que se dava como peculiaridade nossa característica e virtude nacional por excelencia - a fidelidade de vassalo"<sup>254</sup>, a partir do que pergunta: "Que significa socialmente essa fidelidade de vassalo? Foi ela socialmente uma virtude ou foi um vicio? Foi ela um bem ou foi um mal?"<sup>255</sup>. Considera que este tipo de fidelidade "denuncia socialmente um mal gravissimo: a estrutura cavaleiresca da sociedade portuguêsã, visceral imperfeição da nossa estirpe"<sup>256</sup>, mal que se manteve, mesmo após o fim da monarquia absoluta: "A assiduidade dos pretendentes no Terreiro do Paço é hoje a forma degenerativa dessa antiga fidelidade"<sup>257</sup>. Mostra a seguir que os nobres ingleses, desde o fim do século XIII, tentavam se eximir da *glória* de ser armados cavaleiros, após o que acrescenta:

De certo fidalgo da familia dos Hortas li eu algures que para festejar o trânsito da rainha por suas terras lhe deu um fogo de artifício; e como desejasse um remate digno de tão grande honorificencia, condenou ao fogo o seu solar (...).

---

<sup>253</sup>Ibidem. p. 187.

<sup>254</sup>Ibidem. p.188. Este artigo referido por Sérgio é o "A Idealização legendaria do povo português".

<sup>255</sup>Ibidem. p.188.

<sup>256</sup>Ibidem. p.188.

<sup>257</sup>Ibidem. p.188.



Tempos passados... e tempos presentes! Não faltariam hoje republicanos, monarcópagos de primeira, que lhes desse oiras de fazer o mesmo por um chefe-político-providencia: tempos passados, -tempos presentes!...

Por aqui translúo o que eu tenho em mente pedindo uma educação anglo-saxonica: uma disciplina do caracter que ao invés das tendencias fantasistas, sentimentais e sonhadoras que aí lóam, fosse um desenvolvimento da iniciativa, da vontade criadôra, da responsabilidade, do auto-dominio, - do *self-government*!<sup>258</sup>

A seguir, no que vem sendo uma constante nos artigos publicados neste volume, cita um trecho de um artigo de Herculano, desta feita do "belo tratado de educação civica que é a sua 'Carta aos eleitores de Cintra' "<sup>259</sup>, em que o autor de *Lendas e Narrativas* afirma que a estrutura do país não mudou, e que se durante o absolutismo "os frutos que dá o predomínio da centralização supunha-se colhê-los um homem chamado rei"<sup>260</sup>, em seu período "os ministros reservam-nos para si ou distribuem-nos pelos que lhes servem de voz"<sup>261</sup>, após o que Sérgio conclui:

Creio, leitor amigo, que temos materia de um proémio; percebes já porque vou falar-te, no proximo numero, do *self-government* escolar entre gente anglo-saxonica, - se a tua provada benevolencia consentir em me aturar.<sup>262</sup>

Como podemos ver os textos de Sérgio publicados neste volume possuem algumas constantes, que podem ser facilmente relacionadas com a polémica. Todos eles criticam a tendência fantasista e/ou sonhadora, associada muitas vezes com a vã tentativa de recuperar características passadas que, para o autor dos *Ensaio*s, são totalmente anacrônicas, e a esta tentativa opõe a clareza de idéias, os objetivos práticos e relacionados com o que ocorre nos países mais avançados. Também podemos notar que é uma constante o uso de trechos ou epígrafes retiradas da obra de Herculano, filiando assim o pensamento e as propostas sergianas ao que havia proposto o autor de *Lendas e Narrativas* em vários de seus textos.

---

<sup>258</sup>Ibidem. p.189.

<sup>259</sup>Ibidem. p.189. Este texto de Herculano possui, no tomo II dos *Opúsculos* o título "Carta aos eleitores do circulo de Cintra", e foi escrito para justificar a sua recusa de ser o representante deste circulo, que o elegeu, no parlamento.

<sup>260</sup>HERCULANO, Alexandre."Carta aos eleitores do circulo de Cintra". *Opúsculos*, Tomo II. p. 233. Apud SÉRGIO, António."O self-government e a escola". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.189.

<sup>261</sup>HERCULANO, Alexandre."Carta aos eleitores do circulo de Cintra". *Opúsculos*, Tomo II. p. 233. Apud SÉRGIO, António."O self-government e a escola". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.189.

<sup>262</sup>SÉRGIO, António."O self-government e a escola". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.189.

Por fim, devemos também observar que dois dos textos acima têm como principal centro de interesse o problema educativo, que era, como anteriormente notamos, um dos pilares das propostas saudosistas presentes nos três primeiros volumes, caracterizando-se assim estes artigos de Sérgio por serem claramente um ataque à vagueza e à inocuidade das propostas de uma *educação lusitana*, que os saudosistas nunca chegaram a definir claramente que características teria. Estas constantes nos mostram claramente que nestas colaborações Sérgio ainda tem como horizonte claro a polêmica que está travando com Pascoaes, e que elas são, de fato, um espaço de que este autor se utiliza para poder atacar os saudosistas, contrapondo propostas outras para o país.

Se a participação de Sérgio pode assim ser vinculada diretamente à polêmica que trava com Pascoaes, o mesmo já não ocorre de forma tão clara, como acima afirmamos, no campo oposto. Se, inegavelmente, devemos atribuir a um esforço editorial do grupo a presença de três textos que se referem de forma elogiosa a Pascoaes e à sua obra e mesmo a posição que ocupam determinados textos deste escritor no interior dos números em que aparecem, não notamos na participação dos membros deste movimento a mesma ação determinada que encontramos no autor dos *Ensaio*s: Pascoaes chega a publicar dois textos sem nenhuma relação explícita com as propostas que apresenta na polêmica, e os demais membros, como mais à frente poderemos verificar de forma mais detida, pouco contribuem para reforçar as posições do autor de *Maranus*. Isto só vem a comprovar o esvaziamento das pregação saudosista, aspecto que já anteriormente havíamos notado, e que se tornará ainda mais evidente quando analisarmos o próximo volume.

O primeiro artigo de Pascoaes indicado no início desta parte, o excerto da conferência "A Era Lusíada"<sup>263</sup> abre o nº 28 da revista, alterando a disposição tipográfica que até então fora habitual, a de sempre iniciar os números em que textos da polêmica estavam presentes com os mesmos, o que faz com que o "Despedida de Julieta" de Sérgio, também publicado neste número, acabe sendo relegado para uma posição absolutamente secundária, já que este texto só aparece depois do citado de Pascoaes, de uma carta inédita de Camilo e de dois poemas de Augusto Casimiro.

Este excerto pode ser visto como uma resposta clara ao "Pela pedagogia do trabalho" publicado pelo autor dos *Ensaio*s no final do número anterior. Se neste artigo de Sérgio ele pregava uma quebra das tradições típicas portuguesas e a importação do que existia de mais moderno na Europa, para a criação de uma efetiva pedagogia do trabalho

---

<sup>263</sup>Uma versão um pouco modificada deste texto pode ser encontrada no opúsculo *A Era Lusíada (duas conferências)* em que esta e mais uma conferência, realizada no Liceu de Póvoa do Varzim, foram publicadas. Este opúsculo foi recentemente republicado em PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. p.155-173, sendo que especificamente o excerto a que aqui nos referimos está em p.157-160.

que pudesse gerar o progresso em Portugal, Pascoaes explicitamente oporá, em seu texto, a noção de progresso à de renascimento, e criticará, nos moldes já presentes em outros de seus artigos que aqui analisamos, a importação de modelos estrangeiros.

Ele inicia seu texto agradecendo a honra que lhe deram os estudantes do Porto de convidá-lo para abrir as conferências que eles se propunham a fazer. Este preâmbulo, desnecessário para as propostas que Pascoaes vai defender, certamente tem por objetivo mostrar para os leitores de *A Águia* o quão prestigiado era o pensamento saudosista, efetuando uma espécie de propaganda do movimento que é recorrente neste volume<sup>264</sup>.

Após este agradecimento Pascoaes afirma que "É um belo exemplo que a Academia Portuense dá, nesta hora ainda de incertezas, de sobresaltos e esperanças, em que todos devemos trabalhar para que a Patria prospere e se eleve, *pelas suas forças*, á altura dos outros povos civilizados"<sup>265</sup>. Os termos que colocamos em itálico já nos remetem imediatamente para a concepção saudosista de que apenas através de uma recuperação de *características próprias* é que Portugal poderá se reerguer, em franca oposição às idéias de Sérgio, que, como vimos, acha que este reerguimento só poderá se dar pela importação de modelos estrangeiros. Será justamente esta necessidade do país trabalhar com as suas características próprias que Pascoaes irá desenvolver logo a seguir, ao opor a noção de *progresso à de renascimento*:

Em todas as nações latinas, se nota, nos tempos de hoje, um vivo desejo de progresso e mais do que de progresso -de renascimento. Aquele pode realizar-se á custa alheia, mas o renascimento depende, sobre tudo, da acção das proprias qualidades.<sup>266</sup>

Para exemplificar seu ponto de vista, fala do *quixotismo* existente na Espanha, "animado pelo genio d'um homem que se chama Miguel de Unamuno"<sup>267</sup>, da palavra *Anyorança* na Catalunha, através da qual o escritor Ribera y Rovira encontra "o sentido mais elevado e poetico da alma do seu povo, fortalecendo assim os laços que prendem a Portugal aquela admiravel raça mediterranea"<sup>268</sup>, na Bélgica em que "o espírito de Emilio

---

<sup>264</sup>Podemos considerar como outros elementos desta *propaganda* os textos de Philéas Lebesgue e Aubrey Bell que aparecem neste volume.

<sup>265</sup>PASCOAES, Teixeira de. "A Era Lusíada (Excerto da conferência realizada na Associação dos Estudantes)". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.97. Os itálicos são nossos.

<sup>266</sup>Ibidem. p.97.

<sup>267</sup>Ibidem. p.97.

<sup>268</sup>Ibidem. p.97.

Verhaeren aplica duches electricos no indiferentismo burguez"<sup>269</sup>, e por fim na Índia, onde "Tagore é a alma d'uma nova crença redentora, a qual, segundo a opinião do admiravel poeta francez Philéas Lebesgue, tem pontos de contacto com a doutrina saudosista"<sup>270</sup>.

Passa então a falar da Itália, que encontra-se em dissonância com estas nações:

Na Itália, nota-se tambem um movimento literario, embora orientado por um restricto ideal de progresso, no frio e metalico sentido da palavra. Refiro-me ao *futurismo*.

"Cantos do Motôr", "Aeroplanos", "Versos electricos", são titulos de Poemas! Vêde até onde leva a obsessão scientifico-industrial! (...)

Oh, que ilusão, que estúpida ilusão a do homem que tenta matar a divina fome do espirito, dando-lhe a roer carvão e ferro! Ele confunde o movimento simples com a vida complexa, o que se desloca no espaço com o que sonha no Infinito. Mas isto é ainda retorica, -a retorica descendo da epiderme verbal e querendo atingir a essencia viva, a alma!<sup>271</sup>

Se lembrarmos que no número seguinte de *A Águia*, no seu "Última Carta?", Pascoaes atribuirá a Sérgio uma retórica *sub-verbo* que tenta roer o espírito das palavras,

<sup>269</sup>Ibidem. p.98. Verhaeren foi um escritor belga nascido em 1855 e que se suicidou em 1916. ( Cf. CLARAC, Pierre (dir.). "Verhaeren". *Dictionnaire Universel des Lettres*, p.899). Esta rápida referência de Pascoaes não nos permite definir a que obras deste escritor ele está se referindo.

<sup>270</sup>Ibidem. p.98. Este exemplo de Pascoaes apresenta um problema, já que havia afirmado que esta tendência à renascença existia nas nações latinas, e a Índia não pode ser considerada enquanto tal. Cremos que, percebendo este contra-senso, no opúsculo em que esta conferência foi publicada, o trecho "Em todas as nações latinas", que acima citamos, foi substituído por "Em quase todas as nações" (PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*.p. 157.).

Para analisarmos o impacto do que Pascoaes aqui afirma, devemos lembrar que Rabindranath Tagore era então uma personalidade em evidência, já que havia ganho o *Prêmio Nobel de Literatura* em 1913, graças ao sucesso de sua obra *Oferenda Lírica*, traduzida em todo o Ocidente (Cf. CLARAC, Pierre (dir.). "Tagore". *Dictionnaire Universel des Lettres*. p.842.). Esta evidência pode ser notada, por exemplo, no nº 396 do *Mercure de France*, de 16 de dezembro de 1913, em que este autor é citado em um texto escrito por Henry-D. Davray que antecede ao "Lettres Portugaises" de Lebesgue que foi parcialmente republicado neste volume de *A Águia*, e no próprio texto deste lusitanista, trechos que abaixo reproduzimos pois parecem ser pelo menos uma das fontes utilizadas por Pascoaes para as afirmações que faz sobre este escritor:

"Il y a quelques jours, Mr Tagore a publié, sous le titre de **Sadhana. the Realisation of Life**, un recueil de huit dissertations mystico-philosophiques, où les lecteurs occidentaux retrouveront l'antique esprit de L'Inde tel qu'il se révèle dans le textes sacrés des Upanishad et se manifeste dans les activités de la vie actuelle." (DAVRAY, Henry-D. *Mercure de France*, Tome CVI, p.840)

"Teixeira de Pascoaes a l'accent de ces *rishis* que rédigèrent les Upanishads de l'Inde et qui s'évertuèrent à concilier le Védanta et le Sankya, préparant ainsi l'admirable ascension mystique, qui devait permettre la réalisation de la Baghavat-Gita, et dont on retrouve l'élan merveilleux dans les poèmes actuels d'un Rabindranati Tagore." (LEBESGUE, Philéas. *Mercure de France*, Tome CVI, p.845)

<sup>271</sup>PASCOAES, Teixeira de. "A Era Lusitana (Excerto da conferência realizada na Associação dos Estudantes)". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.98.

poderemos notar claramente que esta crítica ao futurismo, no interior da revista, é indiretamente uma crítica às próprias propostas de seu antagonista, também defensor, no ponto de vista pascoalino, do *restricto ideal do progresso* que, em seu ponto de vista, não pode responder ao verdadeiro anseio atual do homem, nem aos grandes objetivos dos portugueses:

Cançado da palavra espêssa, erudita, racional, o homem espera, com sobressalto, a palavra viva, expontanea, que crie uma nova Fé...

Mas o destino das Musas, na Italia, é sacrificado ao delirio industrial, á restricta ideia fixa de progresso e de bruto dominio pelas armas.

(...)

Nós, portugueses, queremos renascer e não apenas progredir. Queremos vida e não movimento inanimado, espirito e não retorica.

Na verdade, a palavra progresso tem um sentido hirto e sêco. Ela evoca imediatamente metalicos ruidos de machinas, sob um ceu tórvo de fumo, no meio d'uma paisagem sem arvores. E peor ainda: transformou-se n'uma especie de divindade egoista e feroz, rodeada de intolerantes e rubros sectarios, -corações encarvoados que perderam o divino sentido das Cousas, almas cegas de fumo tentando reduzir o Universo ás trevas em que vivem ou, melhor, em que se deslocam...<sup>272</sup>

Certamente Sérgio encontra-se entre os *intolerantes e rubros sectários* do progresso, e o termo *encarvoado*, recorrentemente utilizado em relação ao autor dos *Ensaio*s, só vem a confirmar esta hipótese. Em oposição a estas propostas de progresso Pascoaes apresentará de novo suas idéias sobre a criação de uma nova religião lusíada a partir da Saudade, em termos muito próximos aos que já usara nos textos que anteriormente analisamos. Assim, entre outros tópicos, afirma que Portugal precisa renascer, que a pátria portuguesa precisa estar "de acordo com o Passado e o Futuro"<sup>273</sup>, que na alma lusíada existe "uma nova luz de Verdade e Beleza, um novo sonho evangelico"<sup>274</sup>, que a obra a ser realizada já se encontra esboçada "em Camões e no Cancioneiro Popular"<sup>275</sup>, que esta nova religião criada em Portugal será a resposta a uma necessidade mundial, já que a alma humana "sofre e é triste no meio d'uma civilização indiferente"<sup>276</sup>, o que pode ser notado pelo sucesso das

---

<sup>272</sup>Ibidem. p.98-99.

<sup>273</sup>Ibidem. p.99.

<sup>274</sup>Ibidem. p.99.

<sup>275</sup>Ibidem. p.99.

<sup>276</sup>Ibidem. p.100.

"Filosofias que, nos tempos de hoje, tentam satisfazer esse fundo e secular anseio da alma humana"<sup>277</sup>. As poucas idéias novas que aparecem neste texto, em que, como vemos, muito do já dito é repetido, encontram-se no trecho que abaixo reproduzimos:

Assim como a alma judaica, atravez de guerras, desastres, captiveiros, foi creando uma aspiração moral que se integrou na natureza humana, dilatando-a, assim o genio do nosso Povo, atravez de todos os obstaculos, irá vivendo e definindo o seu pensamento ideal...

Ah, o sonho da Era Lusíada! Deve ser a nossa Crença, a Crença nacional, a Finalidade superior da raça!

Que toda a educação e propaganda tenham, como alta estrela orientadora, este *pensamento messianico, redemptor, sobrenatural*, que já vem do longinquo alvorecer da Patria e lhe deu independencia e grandeza atravez dos seculos.

Ele tem vindo, desde a nossa origem, misterioso, indefinido e oculto, traíndo-se, de vez em quando, n'esta e n'aquela estrofe de Poeta, n'este e n'aquela gesto de heroe, em certas frases de certos visionarios, em algumas legendas populares, ou chamando-se Aventura, Sebastianismo, Sonho do Quinto Imperio...

Principalmente a nossa criação da Saudade (como já demonstrei n'uma das conferencias da Renascença) revela, em virtude do seu etéreo significado, a existencia d'um ideal messianico, religioso, latente no genio portuguez.

Dêmos, portanto, vida e relêvo, atingível definição, a este ideal religioso. Eis o que eu tenho tentado, embora obscura e imperfeitamente, na minha obra poetica, desde "Sempre", livro inicial, intuitivo, amanhecendo de claras revelações que se definiram no "Jesus e Pan", escrito em 1902 e publicado em 1903.<sup>278</sup>

Como podemos ver, neste trecho, temos, de início, uma equiparação do que foi o destino do povo judaico no passado, com o que é o destino de Portugal no presente, a de criação, *através de todos os obstáculos* de uma nova *aspiração moral*. Além disto encontramos também uma releitura da história de Portugal, em que esta é vista, numa perspectiva que anos mais tarde seria desenvolvida de forma lapidar em *Mensagem*, como uma sucessão de sinais que indicam este destino divino que lhe cabe. Por fim Pascoaes vê a sua própria obra como uma espécie de *revelação*, ainda que *obscura e imperfeita*, deste grande destino religioso que cabe ao país, outorgando-se assim, a sério, o estatuto de

---

<sup>277</sup>Ibidem. p.100.

<sup>278</sup>Ibidem. p.100-101. Como sabemos o primeiro livro de Pascoaes não foi *Sempre*, mas *Embriões*, que publicou em 1895 e que sempre repudiou, tendo inclusive queimado todos os exemplares que possuía em sua casa (Cf. VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de. *Olhando para trás, vejo Pascoaes*. p.35. e COELHO, Jacinto do Prado. "Introdução". In: PASCOAES, Teixeira de. *Obras Completas* vol. I. p.62.).

*profeta* do movimento, que, em tom irônico, Sérgio lhe atribuíra em sua segunda participação na polêmica.

Pascoaes termina este excerto com uma declaração esperançosa no futuro do país, que se situa logo após o último trecho que acima citamos:

É certo que o antigo sonho da Raça caminhará de perfeição em perfeição, até conquistar, um dia, a sua forma de Actividade, cristalina, contagiosa, que deslumbra e revoluciona as almas, casando-as para uma nova existencia espiritual, religiosa, florescida de eternas esperanças...<sup>279</sup>

Como vemos este texto traz poucas novidades em relação aos demais do autor de *Maranus* que aqui analisamos, e apenas reafirma, na sua maior parte, posturas já anteriormente assumidas. Se podemos, sem grande dificuldade, relacioná-lo com a polêmica que vem sendo travada, e mesmo encontrar algumas críticas indiretas às propostas de Sérgio, o fato de ser o excerto de uma conferência lhe dá uma certa autonomia em relação ao *debate* travado na revista.

Também o outro texto de Pascoaes que acima indicamos, o "O Paroxismo", publicado no nº 30 da revista, possui uma autonomia próxima a esta, em função das condições em que foi publicado. Este número, em que aparece a última participação de Sérgio na polêmica, se inicia com o texto "La psychologie des poètes nouveaux et la vie moderne" de Nicolas Beauduin, poeta francês da *escola paroxista*, de que Philéas Lebesgue faz parte, que defende uma poética baseada na ação e na força, valorizando as novas conquistas da humanidade. O texto de Pascoaes é uma espécie de resposta a este artigo de Beauduin, que lhe é anterior, e assim começa:

Em França, Nicolas Beauduin, acompanhado de outros poetas, cria a *escola paroxista*. Esta palavra deixa já perceber qual é a alma da nova poesia francesa: - a Acção, no significado actual e europeu d'esta palavra.

(...)

Há um verso de Philéas Lebesgue (...) que sintetisa admiravelmente este novo estado de alma poetico francês: "Où la Force sourit devant la Mort."

A Força, mas a Força conquistadora, eis a sua Muza vigorosa que quer sentir sob os pés o mundo conquistado. A Força que sorri deante da Morte é, sem duvida, a que leva os exercitos á victoria (...).<sup>280</sup>

<sup>279</sup>PASCOAES, Teixeira de. "A Era Lusitana (Excerto da conferência realizada na Associação dos Estudantes)". *A Águia*, 2ª série, v.5. p. 101.

<sup>280</sup>PASCOAES, Teixeira de. "O Paroxismo". *A Águia*, 2ª série, v.5. p. 166.

Logo a seguir, porém, Pascoaes considera que também existe "uma *Fraqueza* no homem digna de ser cantada, - a *Fraqueza* que nos dá o *sentido etéreo* das cousas e da Vida"<sup>281</sup>, ao que complementa: "Sim: ha duas Realidades. Na imediata, a civilização elabora o seu corpo; na outra o seu espirito"<sup>282</sup>. Pondera então que todos os povos fortes, como os franceses, adoram a primeira, mas que aos portugueses, membros de um pequeno e atrasado país<sup>283</sup>, não é isto o que lhes cabe:

A *nossa Realidade* não pode ser imediata. Ao impeto conquistador dos grandes povos oponhamos sentimentos que o suavisem. Tentemos dar uma alma ao grande corpo...<sup>284</sup>

Como podemos ver, em consonância com a visão saudosista presente nos três primeiros volumes e na trilha do Eça de "Civilização", o atraso português passa a ser uma vantagem: é este atraso que permite aos portugueses não pactuarem com o apego à vida material presente nos outros povos europeus e criarem, assim, uma *nova vida*, que irá dar *espírito* ao *corpo* sem alma das demais nações. Este tipo de concepção fica ainda mais evidente quando, pouco depois, considera:

Eu compreendo que o Inglês, o Francês, o Alemão regresse, á noite, a casa, orgulhoso do seu paiz, com os olhos cheios do magnifico espetaculo do seu ruidoso poder dominador. Mas esse Inglês, Francês ou Alemão, ao vêr-se a sós na sua alcova, não terá nada que responder a misteriosas perguntas da sua alma? Não a sentirá inquieta e interrogadora no fundo do seu sêr?

Tudo isto são perguntas que eu faço, e às quaes responde o meu temperamento, talvez a minha propria raça inculta e a minha terra exigua, incapaz de dominar o mundo pela Força.

Para mim, a Vida é a actividade, mas, antes de tudo, actividade de alma, contemplação inquieta, anciosa de penetrar, com uma prece nos labios, no Templo escuro do Misterio, onde as estrelas ardem como cirios e as montanhas são altares.

A vida é actividade religiosa, sonho de immortalidade (...).<sup>285</sup>

---

<sup>281</sup>Ibidem. p. 166.

<sup>282</sup>Ibidem. p. 166.

<sup>283</sup>Esta imagem de Portugal aparece claramente quando Pascoaes afirma: "Nós somos um povo ainda barbaro, rural, dominado por vagos sentimentos..." (Ibidem, p.167).

<sup>284</sup>Ibidem. p. 166.

<sup>285</sup>Ibidem. p. 167.



Se a vida é atividade de alma, os portugueses, incapazes de exercer a outra, a que exalta a força e gera o progresso, estão mais próximos das verdadeiras fontes, e poderão, em certo sentido, fornecer a alma de que a civilização européia necessitará, responder às perguntas que os franceses, ingleses e alemães se fazem quando, em sua alcova, se despem do alarido de seu domínio. Existe aqui, claramente, um novo tipo de refutação às propostas de Sérgio. Se em outros de seus textos Pascoaes criticava a importação de modelos estrangeiros pois isto afastaria Portugal de suas características típicas, aqui a idéia de progresso é criticada em sua raiz: o progresso material desviará o país da missão que, por ser atrasado, lhe cabe, o de entrar em contato com a *verdadeira realidade* que é religiosa. Assim, as tentativas de trazer para Portugal as conquistas do progresso europeu só afastarão o país do caminho correto que ele está seguindo, sendo, em si, perniciosas.

Após estas reflexões Pascoaes considera que, na origem, a vida era verdadeira, e que os primeiros poetas, como Homero, são religiosos. Depois a vida se artificializou a tal ponto "que os poetas de hoje, tendo de ser, como sempre, os seus sacerdotes, precisam de ir beber às fontes religiosas, que murmuram no início remoto dos Povos e das Patrias"<sup>286</sup>, ao que acrescenta o trecho a seguir em que explicita o que é, para ele, a sua missão:

A tendencia para a dissolução de certas Nacionalidades, é de tal maneira assustadora, que se lhes torna urgente o culto da sua infancia. Impõe-se a criação d'um novo ciclo mitologico, dando-se ás qualidades essenciaes d'uma raça, personalidade propria e divina que a inspire e desperte e lhe insuffle um novo alento creador... É o que tentei fazer em Portugal, sintetizando o genio do Povo na *Saudade* divinizada...

Precisamos de rejuvenescer, de crear aquele estado de alma em que se desenhou a aparição do Christo de Ourique...<sup>287</sup>

Se no trecho acima Pascoaes já se auto-outorga uma missão fundamental, a de criador de um novo ciclo lendário que poderá rejuvenescer o país, logo depois indicará que esta missão não é apenas fruto de sua vontade, mas também de outro tipo de forças:

Sem poder mythico não ha poeta, no sentido primitivo e eterno desta palavra. Por isso, o poeta missionario aparece, em certos momentos da vida d'um paiz; nos seus momentos de fraqueza, em que suas reservas de *sonho e ilusão* (a força ascencional, creadora e progressiva) se extinguem, roubando-lhe a carne, o sangue, o colorido vivo ao esqueleto.

---

<sup>286</sup>Ibidem. p. 167.

<sup>287</sup>Ibidem. p. 167.

Mas o instinto de viver, mais poderoso nos Povos que nos individuos, géra, então, novas almas que tenham a faculdade de lhes crear um novo estado de encanto e de ilusão que as dinamise e rejuvenesça.

A Ilusão é a Fôrça das forças (sic), o Sol dos soes de que falam os hymnos védicos.<sup>288</sup>

Assim Pascoaes se considera como o enviado pelas forças vivas da pátria para que ela possa continuar a existir, ou, em seus termos, *renascer*<sup>289</sup>. Ele é o Messias que pode gerar vida no corpo morto do país, criando uma nova realidade mítico religiosa que deve ser o destino de Portugal:

(...) Se aos outros Povos compete progredir, porque vivem, nós precisamos de reviver primeiramente. Respondamos ao Verbo profano do Progresso com o Verbo divino da Ressurreição.<sup>290</sup>

Fala depois da forma poética, em que concorda com Beauvain, pois considera que "É inegável que a evolução do verso se faz no sentido de aproximar a *expressão do expresso*, a mascara da alma"<sup>291</sup>, para terminar o artigo em um parágrafo revelador, em que se assume como sebastianista, o que, nos textos que até agora analisamos, ainda não havia ocorrido:

Que Nicolas Beauvain, o grande poeta paroxista, me perdoe este obscuro comentário ao seu esplendido artigo, feito por um obscuro poeta lusitano e sebastianista.<sup>292</sup>

Como podemos ver, este artigo de Pascoaes traz algumas novidades em relação ao que até este momento havia expresso. Dentre elas uma das mais importantes é a forma como analisa o seu papel e o correlaciona, de forma estreita, com o destino do país. Se Eduardo Lourenço, no seu já citado texto "Da literatura como interpretação de Portugal",

---

<sup>288</sup>Ibidem. p. 167-168.

<sup>289</sup>Alguns anos depois este mesmo tipo de construção será utilizada por Pascoaes em seu *São Paulo*, cuja primeira edição é de 1934. Nesta obra o apóstolo é visto como um enviado das forças poéticas, que se ligam à origem, que veio para convulsionar um mundo já morto, nele reinstalando o sentido mítico-religioso perdido. Em relação a este aspecto, e a possíveis relações entre os textos saudosistas pascoalinos e o seu *São Paulo*, ver a minha dissertação de mestrado *Pascoaes, biografias: entre o eu e a Saudade*.

<sup>290</sup>Ibidem. p. 168.

<sup>291</sup>Ibidem. p. 168.

<sup>292</sup>Ibidem. p. 168.

havia considerado que Garrett inaugura uma nova perspectiva na qual existe a "osmose profunda entre a sua particular aventura anímica e humana e aquela de que Portugal - no passado e no presente- lhe parece centro"<sup>293</sup>, e que caracterizará uma tendência dominante nas obras literárias que vão desde este escritor até *Mensagem*, podemos ver que neste texto Pascoaes se coloca em uma situação semelhante, que também ele "não pode saber *quem é*, nem o que verdadeiramente *quer*, sem interrogar a sério e de frente o que *é* essa realidade viva e mortal de uma Pátria entrevista como 'frágil', 'vulnerável', e da qual sente o seu interior e o seu destino pessoal inseparáveis"<sup>294</sup>. Ao se proclamar representante das forças *ánimicas* do país, ao analisar sua obra como a tentativa de engendrar um *novo ciclo mitológico* sem o qual Portugal não poderá renascer, ele irmana de forma simbiótica o seu destino pessoal e o destino da nação de que faz parte. Se atrás notamos, em "O Bispo Negro" de Alexandre Herculano, uma tentativa de engendrar de novo no país uma auto-confiança que um dia, em sua origem, ele já havia possuído, Pascoaes amplifica esta tendência, transformando-se naquele que não só mostra um espelho passado em que o país pode se mirar, mas que oferece o seu corpo-escrita enquanto reelaboração desta força, enquanto renascimento da crença que permitiu que Cristo aparecesse em Ourique, sem a qual não só o país sucumbirá, mas o próprio Pascoaes-escritor deixará de ter sentido. Desta forma podemos pensar que o que está em jogo na sua polémica com Sérgio não é apenas a *sua concepção* do caminho que o país devia seguir, mas principalmente o que enforma e dá sentido a toda a sua obra. Certamente Sérgio não entendia assim, pois como deixou expresso em uma carta dirigida a Álvaro Pinto em 1913, gostava da poesia de Pascoaes, mas achava *uma piada* as suas pregações saudosistas<sup>295</sup>. Para Pascoaes, pelo que vimos

---

<sup>293</sup>LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. p.90.

<sup>294</sup>Ibidem. p. 90.

<sup>295</sup>O trecho a que nos referimos é o seguinte, que faz parte de uma "Humilde súplica aos saudosistas" que, segundo Rogério Fernandes, teve em seu livro a sua primeira publicação:

"Eu aceito o saudosismo como escola de poetas; em arte aceito todos os temas e os artistas têm o direito de se inspirar no que quiserem. Admiro além disso com simpatia o nacionalismo da nova escola, à qual unicamente exprobaria a uniformidade que de longe em longe dilui o característico dos poetas.

Fujo mesmo de discutir em público os contos de fadas de Pascoais. Em Pascoais encanta-me o poeta, e o prosador cura-me de flatos. Que querem vocês, acho-lhe piada, -e a todos os teóricos do saudosismo." FERNANDES, Rogério (org.). *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*. p.21-22.

Em texto não datado, mas provavelmente do final de 1952 ou do início de 1953, já que se trata de uma homenagem póstuma a Pascoaes que faleceu em dezembro de 1952, o "Sobre o carácter da poesia de Teixeira de Pascoaes", presente no sétimo volume dos *Ensaio*s, cuja primeira edição é de 1954, Sérgio volta a afirmar que "lá porque um dia levantei reparos a que se apresentasse como doutrina de todos nós (os membros da *Renascença*, colaboradores da *Águia*) um nacionalismo estético-psicológico-político que era apenas dele e de poucos mais, criou-se essa lenda de ser eu adverso a um eloquentíssimo poeta que sempre admirei e amei" (SÉRGIO, António. *Ensaio*s Tomo VII. p.91) e, em outro momento, diz em nota:

acima, o ataque às suas concepções era também o ataque ao cerne de sua poesia, ao que lhe dava consistência e sentido. De forma análoga à que ele analisa alguns dos momentos da Saudade no texto "Renascença (o espírito de nossa raça)", publicado no primeiro volume de *A Águia*, podemos considerar que a sua produção poética foi um período *consciente e contemplativo*, momento em que se formularam as suas intuições básicas, e que a sua produção em prosa, a *pregação saudosista*, é o desdobramento natural da primeira fase numa nova, agora *consciente e activa*, em que estas intuições se transformam em propostas aparentemente concretas para o país. O sonho pessoal é agora uma ação que tenta transformá-lo em sonho nacional<sup>296</sup>.

Além deste aspecto fundamental, também é nova, como acima apontamos, a forma como Pascoaes critica a tentativa de trazer para Portugal as conquistas materiais existentes nos países europeus mais avançados. Como notamos aqui, pela primeira vez em seus textos publicados em *A Águia*, ele critica a *ilusão* que caracteriza este tipo de postura, pois ela implica em esquecer o desvelamento do mundo religioso, não só mais importante que o material, mas também o único que pode caber a um povo pequeno e atrasado como é Portugal. Em certo sentido podemos pensar que ao fazer este tipo de crítica Pascoaes mostra claramente que não se esqueceu das características negativas que seu país apresenta, apenas ele vê nelas uma *vantagem*, na medida que impedem a ilusão materialista, e não algo que precisa ser superado, como ocorre com seu antagonista na polêmica.

Se comparados a estes dois artigos de Pascoaes, os demais que acabam por defender de forma indireta o Saudosismo possuem um interesse bem mais lateral.

O artigo de Philéas Lebesgue, "Lettres Portugaises", trata-se de uma reprodução parcial do texto com o mesmo título publicado no nº 396 do *Mercure de France*. O fato de se tratar de uma reprodução *apenas* parcial não é avisado de nenhuma forma aos leitores de

"Esse grande e amado poeta, infelizmente, quis também fabricar retórica pseudofilosófica, em prosa cheia de frases sem sentido: e a admiração que tais frases suscitam em vários intelectuais do nosso país (alguns extremamente simpáticos) é uma das manifestações (suponho eu) da falta de cultura com que se sai da escola." (Ibidem, p.108)

Como podemos notar, mesmo muitos anos após a polêmica que travou com Pascoaes, Sérgio continuava considerando a poesia e a prosa pascoalinas como coisas bastante distintas, valorizando a primeira e vendo na segunda uma pseudofilosofia.

<sup>296</sup>Como bem notou Jacinto do Prado Coelho, em "Pascoaes: do verso à prosa":

"Só muito à superfície e com extrema liberdade Pascoaes molda as suas obras em prosa nos gêneros tradicionais. São muito indecisas as fronteiras genéricas entre os livros que escreveu. A prosa, para ele, é ainda poesia -talvez uma poesia mais quente ou inspirada que a do verso (...)." (COELHO, Jacinto do Prado. *Ao Contrário de Penélope*. p.235.)

Como podemos ver, nesta fase de sua carreira, a prosa se constitui apenas em um veículo mais eficiente para tentar transformar em sonho nacional aquilo que fora gerado em sua produção poética. São as mesmas intuições básicas que perpassam os dois gêneros utilizados.

*A Águia*, e os trechos não reproduzidos seja do texto, seja do resumo que o antecede, não são substituídos por nenhuma marca tipográfica que possa indicar esta supressão, o que faz com que o artigo existente na revista portuense se transforme numa obra apenas sobre a *Renascença Portuguesa* e seus membros ou colaboradores<sup>297</sup>. Isto já bastaria para indicar que estamos diante de um esforço editorial para referendar as posturas pascoalinas. No artigo reproduzido pouco temos de novo. Lebesgue, após citar uma série de lusitanistas importantes, faz uma longa análise da obra de Ribera y Rovira, que então residia em Portugal, falando da sua pregação por uma federação ibérica, e indicando também que este escritor catalão "cherche à établir un rapprochement, mieux une communion d'idées et d'aspirations entre la patrie de Camoens et celle de Verderguer"<sup>298</sup>, através da semelhança que encontra entre a *Saudade* lusitana e a *Anyorança* catalã. A seguir considera que "Les idées de M. Ribera y Rovira sont exactement conformes à celles dont Teixeira de Pascoaes s'est fait le propagateur en Portugal, et qu'il exposa si éloquemment au cours de ses conférences sur *l'Esprit lusitanien ou le Saudosisme*, sur le **Génie portugais dans son expression philosophique, poétique et religieuse**"<sup>299</sup>, passando então, de forma bastante elogiosa, a analisar estas duas conferências, e chegando mesmo a afirmar que existia na obra de Pascoaes um acento religioso próximo ao que se encontrava na obra de Tagore, nome então em evidência, pois havia ganho o *Prêmio Nobel de Literatura* em 1913<sup>300</sup>. A seguir se refere ao livro *A Morte* de Leonardo Coimbra, considerando que neste autor encontramos o mesmo tipo de concepções presentes em Pascoaes, apenas com um carácter filosófico e não propriamente profético, como ocorre nas conferências do autor de

<sup>297</sup>Abaixo reproduzimos o resumo que antecede o artigo publicado no *Mercure de France*:

"Les Etudes portugaises. - Ribera y Rovira, *Atlantiques*; "L'Avenç", Barcelone. - Ribera y Rovira: *Contistas portugueses*; Societé catalane d'édition, Barcelone. - Teixeira de Pascoaes: *O Genio português*; "Renascença Portuguêsa", Porto. - Leonardo Coimbra: *A Morte*, "Renascença Portuguêsa", Porto. - Vaz Passos: *O Culto da Humanidade numa religião nova*; "Luz do Occidente", Porto. - A. Corrêa d'Oliveira: *A Criação (Vida e Historia da Arvore)*; Espozende.- Marius-Ary Leblond: *La France devant l'Europe*, Esquelle, Paris.- Memento." (LEBESGUE, Philéas. *Mercure de France*, Tome CVI, p.841).

Na parte republicada em *A Águia* foram retiradas as análises sobre os textos de Vaz Passos e de Marius-Ary Leblond. Além de representarem autores que não pertencem ao movimento saudosista, em especial o texto do segundo, muito elogiado por Lebesgue, possui uma postura bastante distinta da existente no Saudosismo, já que considera "Portugal comme le vrai prolongement de la France méridionale" (Ibidem, p.846) e que a renascença deste país só pode acontecer através da ação.

<sup>298</sup>LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v.5. p. 29.

<sup>299</sup>Ibidem. p.31.

<sup>300</sup>Este trecho é o que atrás citamos, quando nos referimos ao momento em "A Era Lusíada" em que Pascoaes se refere a Tagore.

*Maranus*<sup>301</sup>. Após isto se refere a Correia de Oliveira, no qual encontra uma "art essentiellement saudosiste"<sup>302</sup>. No final de seu artigo Lebesgue, após citar rapidamente que Teófilo Braga lançou uma nova obra de que tratará oportunamente, afirma que Jaime Cortesão propôs, em *A Águia*, que os restos de Camilo Castelo Branco fossem transportados para os Jerônimos, e que isto seria bastante justo, já que Camilo é "pure incarnation du genie de la Race"<sup>303</sup>.

Como podemos ver, se este artigo não traz propriamente nada de novo, acaba por ser, *na forma como foi reproduzido*, um extenso e exclusivo elogio às propostas saudosistas. É, desta forma, um reconhecimento estrangeiro do valor das propostas deste movimento, que parece se contrapor ao pouco valor que a ele atribui Sérgio.

Também na publicação do "Studies in Portuguese Literature" de Aubrey Bell, podemos perceber objetivos semelhantes aos que encontramos na edição do texto acima citado. Este artigo compõe a última seção do nº 26 de *A Águia*, denominada "Portugal no Estrangeiro", o que por si só já poderia indicar o valor que, indiretamente, é dado a Pascoaes, único autor analisado neste texto de Bell. Além disto, no claro objetivo de permitir que todos os leitores da revista tivessem acesso ao que nele vinha dito, este artigo foi diagramado em duas colunas, a primeira à esquerda com o texto original em inglês, e a segunda com a tradução do mesmo, em um procedimento único em todos os volumes de *A Águia* que consultamos<sup>304</sup>.

Trata-se de um artigo bastante elogioso sobre a obra de Pascoaes, que o mostra como um grande poeta, e que chega mesmo a valorizar o seu *regionalismo*, como podemos ver no trecho abaixo, que reproduzimos mantendo uma diagramação próxima à que é encontrada em *A Águia*:

---

<sup>301</sup>"Leonardo Coimbra est de la même lignée [de Pascoaes]; mais c'est de philosophie, qu'il a souci, non de prophétisme"(LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v.5. p. 32.)

<sup>302</sup>Ibidem. p.32.

<sup>303</sup>Ibidem, p.32.

<sup>304</sup>Os artigos em língua estrangeira ou vinham na versão original, procedimento recorrentemente utilizado até este volume com os textos franceses, ou vinham traduzidos, o que ocorrerá principalmente a partir do início da publicação da seção "Os novos tempos e a sua literatura", que se inicia no volume XI, em que são publicados textos estrangeiros traduzidos por António Arroio.

Portugal has many other singer now living, and indeed the lovely provinces of Portugal should unfailingly beget many true poets. A University education and the influence of the capital too often, however, direct poetic talent into the muddy channel of foreign imitations. Here too, Teixeira de Pascoais sets an excellent example, for he is thoroughly Portuguese and regional, wrapped in the life of Traz-os-Montes.

Portugal tem ainda muitos outros cantores vivos, e na verdade as belas provincias de Portugal não poderiam deixar de produzir muitos poetas. A educação universitária e a influência da capital enveredam, porém, a médo o talento poético para o canal lodoso das imitações estrangeiras. Aqui, também, Teixeira de Pascoais nos fornece um excelente exemplo, pois todo êle é português e regional, impregnado da vida de Trás-os-Montes.<sup>305</sup>

Este trecho, em que Bell critica o *estrangeirismo* de certos poetas portugueses, dadas as condições em que o texto foi publicado, certamente ecoam com as críticas que Pascoaes faz ao *estrangeirismo* de Sérgio, por mais que teoricamente exista uma distância entre produção poética e propostas para o país, distância porém que, como vimos, é diluída no último texto de Pascoaes que atrás analisamos.

Se a simples publicação deste artigo do lusitanista inglês já poderia indicar uma postura editorial favorável a Pascoaes, um trecho em que Bell afirma que o único defeito da poesia pascoalina é ela possuir uma certa dispersão, sem a qual o autor de *Maranus* poderia ser um dos principais poetas vivos do Ocidente, que abaixo reproduzimos, nos mostra que o *esforço de edição* é ainda maior, e em certo sentido explica um dos motivos pelos quais neste artigo temos a reprodução do texto original acompanhado pela tradução do mesmo.

The beauties of the poem [*Maranus*] are many and undeniable, but it is a pity that the author has allowed it to trail inordinately. Not only does this prolixity frighten away yreaders (sic), to their own loss, but the effect is often inartistic, causing his Muse to crawl with broken wing. *Were he to correct this failing, Teixeira de Pascoais might easily claim the first place among the living poets of*

As belezas do poema [*Maranus*] são muitas e inegáveis, mas é pena que o autor lhe desse uma demasiada amplidão.

Não só essa prolixidade intimida os leitores, levando-os a desistir da leitura, com o que evidentemente perdem, mas também o efeito é muitas vezes inartístico, obrigando a Musa a arrastar-se com as asas partidas. *Se Teixeira de Pascoaes viesse a*

<sup>305</sup>BELL, Aubrey. "Studies in Portuguese Literature". *A Águia*, 2ª série, v.5. p. 63-64.

*Portugal, and a high place among the living poets of the world, for he has in him the true spirit of poetry, wick disdains little ingenuites and rhymed clevernesses. (...)*

*corrigir este defeito, poderia facilmente ocupar o primeiro lugar entre os poetas vivos de todo o mundo, pois possui o verdadeiro espírito da poesia, que desdenha pequenas habilidades e artificios rimados.(...)*<sup>306</sup>

Os dois trechos que colocamos em itálico nos mostram claramente que o tradutor, não satisfeito com os elogios feitos por Bell ao poeta de *Maranus*, transforma o que é dito pelo crítico inglês, de tal forma que Pascoaes poderia vir a ser, pela tradução, *o primeiro entre os poetas vivos*, e não apenas *ter uma alta posição* entre eles, como de fato afirmara Bell. Assim estamos aqui diante de um procedimento próximo ao que foi adotado em relação ao texto de Philéas Lebesgue, só que ainda mais engenhoso, pois a presença do texto em inglês não apenas parece indicar que a tradução o está seguindo de forma rigorosa, como permite que qualquer crítica feita à *infidelidade* desta possa ser respondida afirmando que a diferença entre o original e a tradução é fruto de um erro tipográfico e não a um desejo consciente. Porém, como notamos, isto não é um caso isolado, mas um procedimento recorrente, que atinge este e o texto do lusófilo francês, além de também se manifestar na posição não privilegiada que ocupam as participações de Sérgio na polêmica, em confronto com as de Pascoaes, que sempre abrem os números em que aparecem. Mas, como breve poderemos notar ao analisarmos os textos de Augusto Casimiro e Jaime Cortesão, todas estas pequenas artimanhas editoriais não chegam a esconder o fato de que Pascoaes está praticamente isolado na defesa que faz do Saudosismo. Antes porém de partirmos para a análise das colaborações destes dois escritores precisamos nos referir ao artigo "A Exposição de Correia Dias", de Virgílio Correia, já que nele também encontramos, em certo sentido, uma defesa das propostas saudosistas, e ao texto presente na "Bibliografia" que analisa o livro *Verbo Escuro*.

Virgílio Correia inicia seu texto afirmando que é grande, em Correia Dias, a influência de Coimbra, após o que diz:

De facto, até hoje, Coimbra não gerou senão artistas equilibrados e sãos. Acaso já viram sahir dessa terra algum poeta ou prosador, cujas obras apareçam vincadas de violencias ditirambicas ou acratas? Descontando pouquissimos trabalhos pseudo revolucionarios cujos autores artificialmente avançados vêem para

<sup>306</sup>Ibidem. p. 63. Os itálicos são nossos.



a vida pratica enfileirar entre as castas mais conservadoras, nada ha na arte ou literatura coimbrã, que incomode ou cause estranheza<sup>307</sup>.

A indicação é por demais evidente para que não reconhecamos nestes *pseudo-revolucionários* que depois se enfileiraram nas *castas mais conservadoras* os membros da geração de 70. Este trecho, desnecessário dentro de um artigo que analisa a exposição de um artista plástico, pode ser visto como uma defesa indireta das propostas de Pascoaes, já que Sérgio insistentemente se dizia herdeiro do líder da citada geração, Antero de Quental, o que faria do autor dos *Ensaio*s também um *pseudo-revolucionário* com suas propostas de quebra das tradições, em consonância com as levantadas por esta geração durante a *Questão Coimbrã* e de forma mais sistemática nas *Conferências do Casino*. Mas não é só aqui que podemos encontrar este tipo de defesa indireta. Durante todo o artigo, em que as obras de Correia Dias são bastante elogiadas, são muitas as referências a caricaturas de membros do movimento, ou figuras a ele ligadas, como Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão, Afonso Duarte, Guerra Junqueiro e Veiga Simões, além de neste texto também estar presente uma longa descrição da *Ânfora do Saudosismo* feita por este artista<sup>308</sup>, ânfora que também é reproduzida em fotografias presentes neste volume<sup>309</sup>. Tudo isto só vem a indicar que o Saudosismo não é apenas um movimento de poetas e filósofos, mas que também já está,

<sup>307</sup>CORREIA, Virgílio. "A Exposição Correia Dias". *A Águia*, 2ª série, v.5. p. 121.

<sup>308</sup>É esta a descrição da citada Ânfora:

"Sobre uma tabula de calcareo, esborcinada nas arestas, esculpiu e pintou o artista entre colunas de hieroglifos um busto de faraó -Pascoaes- ascetico, hieratico, a cabeça coberta por uma tiara enorme formada por uma aguia, cujas azas se encurvam sobre a lira do poeta. É a representação do sacerdote supremo de uma religião, que na *Amfora* encontra todo o desenvolvimento de uma cerimonia cultural.

Sobre o ventre pando de uma amfora, modelada por ele mesmo, pintou Correia Dias algumas das figuras que á Renascença teem dado o melhor das suas horas e dos seus cuidados.

Ao centro, entre as azas e o bôjo, sob uma aguia colorida com a viveza das pinturas das mumias, espalma-se o *Desterrado* de T. Lopes, a Esfinge da Raça como disse algures Pascoaes numa conferencia, estilizado á egipcia sobre um fundo de sol nascente e agua, que uma caravela enfunada corta ao longe. Em frente começa a desenrolar-se o extranho cortejo dos sacerdotes que veem depôr ante a Esfinge, os seus preitos de adoração. É Teixeira de Pascoaes que levanta os braços longos, seguido de Mario Beirão pequeno e berbére, Augusto Casimiro, alto, adunco, tangendo a lira e tropeçando na espada, Jaime Cortesão, de perfil ruiivo, F. Pessoa, aguçado e pernalta, Vila Moura, faces cavadas de *doente da beleza*, Antonio Carneiro barba escura de filosofo grego, Leonardo Coimbra, transpondo apenas os umbraes da floresta encantada, o Choupal, onde a Renascença, parece, se ideou. Faltou apenas nesta serie Alvaro Pinto o infatigavel trabalhador a que a Renascença tanto deve." (Ibidem, p.124).

Em uma "Errata", publicada no próximo número da revista encontramos o trecho abaixo:

"No numero anterior, a pag. 124, onde se diz o *Desterrado* de T. Lopes deve ler-se o *Desterrado* de Soares dos Reis, o mestre de T. Lopes." (ERRATA. *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.160.)

<sup>309</sup>Dois aspectos da *Ânfora do Saudosismo* são apresentados em duas fotos existentes na página 104-A e a imagem do *Faraó Pascoaes* em outra foto na página 112-A.

através de seus membros, influenciando as artes plásticas em Portugal, sendo portanto um movimento cultural que de forma nenhuma pode ser desprezado, como querem certos *pseudo-revolucionários* como António Sérgio.

Por fim, ainda neste conjunto de textos que *defendem* Pascoaes, devemos citar a breve análise feita sobre *Verbo Escuro* em que, além de serem tecidos vários elogios a esta obra, é dito que este livro é o "necessário complemento á tão notavel obra do A., a quem só os Estrangeiros sabem considerar como o maior poeta português da sua geração"<sup>310</sup>, em clara referência ao artigo de Aubrey Bell que atrás analisamos, e numa crítica indireta aos ataques que vinha sofrendo de António Sérgio. Apesar disto, porém, é interessante notarmos que nesta mesma seção também o livro *O problema da cultura*, de Sérgio, é analisado, e sobre esta obra é dito:

(...) aqui temos, numa lúcida exposição de factos e opiniões, o desenvolvimento das doutrinas brilhantemente expostas pelo A. na *Águia*, sobre a orientação a seguir no resurgimento da nacionalidade.<sup>311</sup>

Como podemos ver, de certa forma os elogios feitos a Pascoaes e a António Sérgio são incompatíveis, já que o segundo é o principal opositor das idéias do primeiro, e este último texto deste volume favorável ao autor de *Maranus* acaba por perder a sua eficácia por causa disto<sup>312</sup>.

Por tudo que aqui dissemos podemos notar que existe uma grande diferença entre as posições de Sérgio e de Pascoaes nos textos presentes neste volume. Se Sérgio não chega a ter defensores (se aqui excetuarmos a rápida referência presente na "Bibliografia" que acima citamos e, indiretamente, o artigo de Teófilo Braga que mais à frente analisaremos), consegue publicar um conjunto de textos significativos em que ora defende seus pontos de vista presentes na polêmica, ora ataca as posturas saudosistas. Por outro lado Pascoaes, claramente o autor privilegiado pela linha editorial deste volume, não só não chega a ter uma publicação tão extensa como a de seu adversário, como também acaba por ser defendido de uma forma que poderíamos no mínimo caracterizar como desastrosa, já que a

---

<sup>310</sup>BIBLIOGRAFIA. *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.190.

<sup>311</sup>BIBLIOGRAFIA. *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.190.

<sup>312</sup>Devemos aqui salientar que o tom das críticas feitas na "Bibliografia" é, em geral, elogioso, o que poderia explicar este aparente contra-senso que acima apontamos. Na seção presente neste volume a única exceção a este tom elogioso é a análise que é feita sobre o *A Confissão de Lúcio* de Mário Sá-Carneiro (Cf. BIBLIOGRAFIA. *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.191.), que por sinal publica neste volume a sua última colaboração em *A Águia*, o conto "Mistério".

mutilação não explicitada do texto de Lebesgue ou a má tradução do de Bell só podem vir a denegrir a imagem do autor protegido por estas artimanhas.

De fato o que mais pesa contra as propostas de Pascoaes é que ele se constitui neste volume numa voz praticamente isolada que defende o Saudosismo, enquanto que os outros membros do movimento apresentam colaborações que em quase nada contribuem com a polémica que vem sendo travada. Em relação a este aspecto são sintomáticos os textos de Augusto Casimiro que acima indicamos, em especial o primeiro que está numa situação ambígua bem semelhante à que encontramos em "O auto do regresso", que analisamos quando tratamos dos textos do quarto volume anteriores à polémica. Quando falamos desta obra pudemos ver que nela se chocam, sem que cheguem a uma síntese, duas visões distintas: a que considera as navegações como um fato positivo, que gerou um aprimoramento espiritual nos portugueses, e a que vê estas mesmas navegações como um fator de despovoamento do país, e considera que é necessário que Portugal se volte para seu interior, trabalhando suas terras que foram esquecidas pela busca de riquezas externas que só serviram para empobrecer o país. Este mesmo tipo de tensão também percorre este poema de Casimiro, que para facilitar nossa análise abaixo transcrevemos:

#### A CANÇÃO DO NOVO RESTELO

Portugal! Portugal! - pequeno berço  
De herois que as ondas andam a embalar,  
Porto donde partiu, para o Universo,  
A eterna raça um dia abrindo o Mar!

Portugal Terra mãe, campo lavrado,  
Subindo a serra anciosa pelo ceu,  
Onde nasceu Nun'Alvares soldado,  
Onde Luiz de Camões, - poeta, - nasceu!...

Terra de herois e de poetas  
Á Beira-Mar! - Jardim em flôr  
De almas anciosas e inquietas,  
Fortes na lucta mais no Amor!

Portugal é o campo enorme  
(Tu és a nossa gloria, ó Mar!)  
Em cujo seio, oculta, dorme  
Uma outra India a conquistar!...

Portugal navegou outrora,  
Marujos fôram os avós...  
-A India está na terra agora,  
Quem a procura somos nós!

Deus dá á terra a primavera  
 E a nós deu braço p'ra lavrar!...  
 Irmãos, a patria anciosa espera!

-Vá, marinheiros, - navegar!<sup>313</sup>

Este poema pode ser dividido em duas partes iguais, cada uma delas com doze versos, que se complementam e se opõem. As estrofes iniciais destas duas partes - a primeira e a quarta- se relacionam de forma estrita. Na primeira Portugal é definido como um *pequeno berço*, enquanto na quarta o é como *campo enorme*. De forma análoga na primeira é mostrado o movimento passado (que só aparece definido claramente como passado no verso *Portugal navegou outrora*), que partindo deste ponto vai para o que lhe é exterior, o *Mar*, enquanto que na quarta este espaço a ser conquistado não se encontra fora, mas *oculto* no interior do país. Assim cada uma destas duas estrofes indicam movimentos, um que parte do pequeno em busca do ilimitado, o outro que penetra no interior do que é definido como enorme. Se não podemos encontrar nas demais estrofes uma complementaridade tão perfeita como a que encontramos nestas duas, existem outras oposições pontuais que perpassam as duas partes do poema. Assim, se o território de onde partem os navegantes é definido como *campo lavrado* e como *jardim em flôr*, na segunda parte é afirmado que *Deus (...) a nós deu braço p'ra lavrar*, transformando assim este espaço de partida de um *locus* já cultivado, seja pelo homem ou por outras forças, que podem ser associadas com a *primavera* dada à *terra* por *Deus*, em um espaço em que o cultivo ainda precisa ser realizado. Desta forma, ao mesmo tempo que existe um movimento distinto nas duas partes dos poema, existe também uma degradação deste espaço de partida. Não é difícil associarmos, assim, esta mudança de movimento, à mudança da situação do espaço. Numa primeira etapa o *locus amoenus* não necessitava o trabalho, empurrando assim as almas ansiosas e inquietas para fora do espaço, já que em seu interior nada poderiam buscar, pois já estava *dado*. No segundo o desafio é justamente o de cultivar o espaço que não mais possui o antigo estatuto, sendo por isto um campo enorme que precisa dos braços prontos para lavrar, uma *outra Índia* que ainda precisa ser conquistada.

Se até aqui tentamos decodificar o poema, apontando as oposições e os aspectos complementares que ele apresenta, podemos agora tentar ver os significados possíveis nele

---

<sup>313</sup>CASIMIRO, Augusto. "A canção do novo Restelo". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.17. Este texto pode ser encontrado em MESQUITA, Marieta Dá (comp.). *A Águia*. p.114. Nesta reedição foram retiradas as vírgulas existentes no oitavo verso, e a palavra *pátria*, presente no penúltimo, foi iniciada por maiúscula.

existentes. Uma primeira leitura que se impõe, pela recorrência deste tema na cultura portuguesa, cuja trajetória já esboçamos ao analisar o "Auto do Regresso" na seção 3.3.2, é a que associaria esta degradação do espaço às próprias navegações: foram elas que, retirando as pessoas de Portugal, transformaram o país agrário em país guerreiro, e acabaram por destruir a sua agricultura. Assim também poderíamos entender a oposição entre o *pequeno berço*, que aparece no primeiro verso, e o *campo enorme* que aparece no quarto como provocada pelo despovoamento do país gerado pelo fluxo migratório em direção ao Mar. Esta leitura poderia ainda ser reforçada pelo próprio título do poema, já que se o Restelo é o espaço de onde partiram as naus em busca da Índia, também é um espaço que culturalmente está intimamente associado com o velho que, no interior de *Os Lusíadas*, maldiz esta partida e a ela opõe a perspectiva inversa, de cultivo e povoamento do reino de Portugal, que é justamente o que o poema prega. Assim o *novo Restelo* poderia ser não só o novo ponto de partida destas novas navegações, que são pregadas no último verso, mas o próprio eu lírico poderia ser considerado enquanto um *novo velho do Restelo*, que mais uma vez aponta para a necessidade de se voltar para o interior do país, despovoado que foi pelas descobertas como o primeiro havia previsto, e agora inculto e capaz de, enquanto nova Índia, permitir a conquista de novas riquezas, desta feita mais duradouras. Se esta parece ser uma leitura possível, ela esbarra, porém, no fato de que neste poema as navegações passadas não são criticadas, mas exaltadas, o que pode ser comprovado, entre outros momentos, pelo verso *Tu és a nossa glória, ó Mar* presente na segunda parte do poema, e estas novas navegações futuras são consideradas como um equivalente, no presente, do que foi no passado realizado pelos navegantes, existindo assim uma complementaridade entre o ato *positivo* que foi realizado no passado e o ato *positivo* que pode ser realizado no presente.

Estamos, como facilmente pode ser notado, diante do mesmo tipo de contradição que encontramos no "Auto do Regresso", que anteriormente analisamos. As navegações são ao mesmo tempo uma glória e um fator negativo, sem que possamos encontrar uma síntese que supere este impasse, já que as duas imagens podem ser retiradas do poema. Mas nesta obra esta ambigüidade se amplifica, pois se no citado "Auto" fica claro que o equivalente das glórias conseguidas no Mar é o cultivo da terra, neste poema o termo *lavar* poderia ser entendido não no seu sentido literal, o de cultivo da terra, ou no que dele imediatamente decorre, o de trabalho (já que a palavra vem do *laborare* latino), mas como uma metáfora mais complexa. São múltiplas no poema as referências que o ligam à linha do *novo navegar*, como ele foi pregado nos três primeiros volumes: Portugal é visto como terra de *heróis* e de *poetas*, numa visão que claramente ecoa, por exemplo, com os poemas de

Antônio Nobre, Camilo Pessanha e Mário Beirão que atrás nos referimos<sup>314</sup>. O incitamento feito no último verso também ecoa com outros poemas de Casimiro em que ele defendia esta *nova navegação*, entre eles principalmente com o "A primeira nau", presente no segundo volume, que, como vimos, termina também com um incitamento, desta feita ao povo para que veja as novas naus que navegam pilotadas pelos poetas, poema em que também temos uma referência explícita ao Restelo<sup>315</sup>. Todos estes aspectos poderiam nos levar a supor que o termo *lavr*ar poderia estar sendo usado em sentido metafórico, de um trabalho não apenas físico e material, mas também espiritual, de gestação de uma nova *primavera*, para usarmos um termo presente no poema, espiritual. Porém, se esta leitura também seria possível graças aos elementos apontados, ela, da mesma forma que a anterior, acaba por ser ambígua e não poder se sustentar totalmente, pois é inegável que existe uma degradação do espaço português que, por esta análise, ficaria sem ser explicada, além do fato de que as referências a esta degradação e ao trabalho que precisa ser feito são bastante concretas (*campo lavrado, campo enorme, braços p'ra lavrar*, citando as mais importantes), para que possamos sustentar a exclusividade desta visão espiritual. Assim, também por esta via, o poema não se resolve, ficando sempre uma tensão entre duas perspectivas opostas que parecem nunca poderem ser superadas.

Parece-nos que esta, como a obra de Casimiro presente no volume anterior que aqui citamos, se situam numa zona de ambigüidade em que as posturas que assumiu nos dois primeiros volumes são apenas parcialmente aceitas, e ele chega a assumir também certas características presentes na concepção de Sérgio, como a necessidade do trabalho concreto, mas sem, de fato, chegar a optar por nenhuma das duas vias de forma clara. Talvez possamos pensar que os problemas que estas duas obras apresentam sejam justamente fruto da tentativa de conciliar as duas visões que na polêmica se degladiam<sup>316</sup>, conciliação que porém, como notamos, é impossível, já que elas partem de leituras absolutamente antagônicas sobre o passado e o presente de Portugal.

<sup>314</sup>Respectivamente o trecho de *Despedidas* que analisamos, e os poemas "San Gabriel" e "Rezando oitavas".

<sup>315</sup>"Vinde vêr, gentes inquietas! // "Naus ao mar... Povo ao Restelo! / "Os pilotos são Poetas... / "Eh! embarcar, navegar!..." (CASIMIRO, Augusto. "A primeira nau". *A Águia*, 2ª série, v. 2, p.132.)

<sup>316</sup>A análise do conjunto da produção literária de Augusto Casimiro ainda está por ser feita, e certamente apenas ela poderia permitir validar de forma mais consistente a hipótese que acima levantamos. Queríamos aqui apenas apontar que esta hipótese se torna viável não só pelo prosseguimento da carreira intelectual deste escritor, como é sabido ele será, junto com Sérgio, um dos fundadores da *Seara Nova*, como também porque, como já o indicamos em nota, a troca de correspondência entre ambos parecia ser intensa, tendo em vista que em dois de seus textos o autor dos *Ensaio*s se refere a cartas recebidas de Casimiro, o que poderia indicar que já estaria havendo uma maior aproximação entre ambos neste momento.

As outras obras de Casimiro que atrás indicamos, os "Versos do Mar Atlântico", a "Sinfonia do mar-alto" e os "Versos da alma ausente", possuem um interesse bem menor. Nelas o eu lírico concretamente navega, e durante este navegar, nos dois primeiros, existem algumas referências ao passado em que os seus *avós* cruzavam os mares, mas sem que nos poemas encontremos seja uma proposta de um *novo navegar*, seja a dimensão épica e mística presente em outras obras que abordaram este tema<sup>317</sup>. No primeiro destes poemas o passado aparece apenas como uma herança que lhe leva a buscar a aventura, e que ele espera que seja perpetuada em seus filhos, como podemos ver no trecho abaixo:

Não chores, minha mãe, -não ha perigo,  
 Nas ondas altas não se oculta o mal.  
 -Quatro séc'los que sam? O mar é amigo.  
 -Sou Poeta e nasci em Portugal!

Não chores, minha mãe... Eu sinto a alma  
 Á flor da Vida - e vou na confiança  
 Que domina a tormenta e faz a calma,  
 E luta e canta e vence e não descança.

Di-lo aos teus netos, conta-o de maneira  
 Que eles a ouçam, a minh'alma... E assim  
 Ha-de acordar a ancia aventureira  
 Que eu quero neles como a sinto em mim...

(...)

Minha mãe, minha mãe! Que sofrimento  
 Sentir um vôo prisioneiro em nós!  
 Mãe: -parti para o meu descobrimento  
 Vou ter, ó minha mãe, - com meus Avós!<sup>318</sup>

No segundo o passado aparece como uma lembrança ou evocação, apenas justaposto ao presente, sem que seja para este uma forma de aprendizagem ou de caminho a seguir, por mais que o tempo atual seja visto, em alguns aspectos, como inferior ao passado. Estas características podem ser notadas, entre outros, nos trechos abaixo citados:

---

<sup>317</sup>O "Versos da alma ausente" é um poema em que o eu lírico também navega, mas cuja principal questão é a do amor que permite a liberdade, em oposição àquele que prende. Dedicado por Casimiro a sua mulher, forma um díptico com o "Versos do Mar Atlântico", que o poeta dedica a sua mãe, mas possui um interesse bem menor que este segundo, pois em nenhum momento este *navegar* é associado ao passado ou ao presente de Portugal.

<sup>318</sup>CASIMIRO, Augusto. "Versos do Mar Atlântico". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.105-106.

-Ó comandante, mande içar as vélas!

E no fundo do mar, nos seus palacios de agua,  
Nereidas e tritões numa saudosa mágua,  
Lembram o tempo da Aventura, as caravélas!...

E o navio lá vai, no embalado alvoroço,  
A prôa erguida, numa audácia, abrindo o Mar,  
Que é presença de Deus, que é divino, e é nosso  
Porque o amamos e o soubémos violar...<sup>319</sup>

Nos mastros altos falam as antenas  
Suas vozes electricas, chamando...  
Do além respondem... Ao redor apenas  
Ha ceu e mar e solidão, vogando...

As naus antigas, ó Marconi, -aquelas  
Em que os avós se fôram ao Mar fundo,  
Tinham tambem antenas sobre as vélas,  
Cuja voz era ouvida em todo o mundo...

Ó Voz do Heroismo, ó vozes dominando  
A distancia e o Tempo e as solidões;  
Voz de gloria imortal, eterna, soando  
Na voz do mar, nos versos de Camões!<sup>320</sup>

Como podemos ver, em ambos os poemas, por mais que um passado glorioso seja evocado, ele não se transforma em fonte de uma saída para o presente nacional. Nos dois temos apenas uma experiência pessoal, de um eu lírico que navega, e nada mais.

Se pelo que notamos a colaboração de Augusto Casimiro neste volume não pode ser considerada como diretamente vinculada às propostas do Saudosismo, e portanto não seria de muita valia na defesa deste movimento contra as posturas defendidas por Sérgio, também o texto de Jaime Cortesão, "A idealização legendária do povo português", publicado em duas partes nos números 28 e 29, de abril e maio de 1914, se está mais diretamente ligado a algumas posturas deste movimento, não pode ser considerado exatamente como uma defesa das mesmas.

---

<sup>319</sup>CASIMIRO, Augusto. "Sinfonia do mar-alto". *A Águia*, 2ª série, v. 5, p. 176.

<sup>320</sup>Ibidem. p.178.



Cortesão, em seu artigo, considera que o povo cria as lendas históricas concluindo ou dilatando o que historicamente aconteceu, e que cada povo cria as suas lendas em função das qualidades de seu gênio coletivo. A partir disto afirma:

A lealdade, a fidelidade, a constancia nos sentimentos, fundamento de todos os firmes caracteres, eis a intima virtualidade lusitana, expressa nas nossas lendas.

E como ha no genio nacional um fundo sombrio, que se compraz em imaginar as situações dolorosas, quasi todas elas se precipitam num enredo trágico e engrandecem os seus heróis, visionando à sua volta a Morte, a Desgraça e o inviolavel Destino, num circulo de noite e maldição.<sup>321</sup>

Para comprovar seu ponto de vista analisa "algumas das mais belas e representativas lendas"<sup>322</sup>, referindo-se principalmente à de Egas Moniz (o qual, nos versos de Camões "Oh! grão fidelidade Portuguesa / De vassalo que a tanto se obrigava!"<sup>323</sup>, foi, para Cortesão, transformado em símbolo nacional), e à de Martim Freitas, que se recusou a entregar o castelo que lhe havia sido confiado por Sancho II enquanto não teve certeza que este rei havia morrido. Considera que estas lendas exemplificam "o mesmo genero de lealdade -a fidelidade do vassalo"<sup>324</sup>, ou seja, "a lealdade do homem para homem"<sup>325</sup>, mas que existe também um outro tipo, mais alto:

(...) quando essa lealdade atinge em determinada figura o amor fiel à Patria traída e ameaçada e realisa a salvação nacional, então o herói passa a ser adorado numa legenda religiosa, feito semi-deus, capaz de inspirar todos os actos futuros de libertação da grei e realizar todos os milagres do agiológio. É o caso de Nuno Alvares Pereira - O Santo Condestabre.<sup>326</sup>

---

<sup>321</sup>CORTESÃO, Jaime. "A idealização legendária do povo português". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p. 117.

<sup>322</sup>Ibidem. p.117.

<sup>323</sup>CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Apud CORTESÃO, Jaime. "A idealização legendária do povo português". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p. 118.

<sup>324</sup>CORTESÃO, Jaime. "A idealização legendária do povo português". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p. 120.

<sup>325</sup>Ibidem. p.120.

<sup>326</sup>Ibidem. p.120.

Considera então que se "A França orgulha-se de ter a sua legenda continuada desde o rei S. Luiz até Joana D'arc"<sup>327</sup>, fato similar ocorre em Portugal:

(...) Nós temos a nossa legenda desde a Rainha Santa, Senhora dos milagres piedosos e perfumados, até Nuno Alvares - heroi e santo, exaltando todo o Portugal com a sua bravura, criando o resentimento de patriotismo lusitano e completando o ciclo legendario que o une á Rainha Izabel pela generosa e fraternal renuncia em vida de todos os seus imensos bens temporais.<sup>328</sup>

Termina a primeira parte de seu artigo afirmando que as diferenças entre a França e Portugal, em relação a suas legendas, ocorrem por outros motivos:

Em maravilhosa belesa e profundo significado humano não cede a nossa legenda à da França. Simplesmente em Portugal, pelo torpôr secular da consciencia colectiva, nós esquecemos o culto do nosso Santo libertador, enquanto a França, com o coração aceso na chama dum eterno entusiasmo, de ano para ano renova as festas do seu sagrado culto nacional.<sup>329</sup>

Como podemos ver, nesta primeira parte não encontramos, se excetuarmos o seu trecho final, nenhuma relação direta com as propostas do movimento saudosista. E mesmo nela o que temos é apenas a constatação do *torpor secular da consciência coletiva* em que Portugal se encontrava, torpor que em certo sentido o Saudosismo tentava reverter, revalorizando as características nacionais adormecidas. Se, como atrás indicamos, Sérgio atacou este artigo, foi mais por ver nele a valorização de uma característica que condena, a da *fidelidade* que o autor dos *Ensaio*s quer ver substituída pela *independência pessoal*, do que propriamente por nele encontrar uma defesa mais geral das características pregadas anteriormente pelos saudosistas. Será apenas na segunda parte do artigo que poderemos encontrar pontos de contato mais fortes entre o que nele vem expresso e as propostas do movimento.

Cortesão começa esta parte se referindo a vários cultos que já existiram para Nunálvares, então já esquecidos. Depois disto considera que "o ciclo das legendas épicas não terminava aqui"<sup>330</sup>, e vê no Sebastianismo também uma legenda popular que tem por raiz a lealdade:

---

<sup>327</sup>Ibidem. p.120.

<sup>328</sup>Ibidem. p.120.

<sup>329</sup>Ibidem. p.120.

<sup>330</sup>Ibidem. p.142.

(...) Quando o último Rei-herói morria em Alcacerquibir e com ele todo um passado magnífico, então é todo um Povo, que ergue a própria lealdade a uma religião nacional - O Sebastianismo. Podem-lhe dar o Cardeal-rei, os Felipes ou os Braganças que o povo lealíssimo, fiel á sua tradição épica, continúa apenas a ter um Rei -D. Sebastião, refugia-se na misteriosa saúdade, que durante séculos resume para ele o clarão vacilante, mas nunca extinto, da consciéncia nacional, o alento embalador a meio do seu angustiôso naufrágio e a esperança resistente e maravilhosa dum Quinto Império, fundado pelo Encoberto, duma nova Era de heroísmo e beleza lusitana.<sup>331</sup>

Considera a seguir que não importa que a lenda sebastianista tenha origem céltica "como pretende Teófilo Braga e Oliveira Martins"<sup>332</sup>, ao que acrescenta:

(...) que assim seja, não é menos profundo o valôr intrínseco da lenda, em que firmemente se radica o espirito, a vitalidade e a unidade moral do Povo português. Um povo que durante tres séculos (...) se mantém fiel á sua esperança criadora e dela faz uma religião, não obstante quantos esforços se tentaram para o desnacionalizar, mau grado o abandono a que o votaram e os angustiosos sofrimentos que curtiu, revela uma tenacidade de caracter, uma lealdade nos sentimentos e um tal desejo de vida e gloriosa continuidade histórica, que esse facto é para nós a maior certeza e o mais certo e sólido argumento contra todos (sic) as elegias dos pessimistas e scépticos nacionais.<sup>333</sup>

Curiosamente, se chega a criticar Oliveira Martins, é dele a influência mais forte que pode ser encontrada neste trecho, por mais que Cortesão reinterprete de forma profunda a visão do autor das *Cartas Peninsulares*. Como sabemos é no segundo livro da *História de Portugal*, quando se refere aos efeitos do desastre de Alcácer Quibir, que Martins fala da influência céltica no mito de D. Sebastião. É desta mesma parte o trecho que abaixo reproduzimos, que pode ser considerado como uma das matrizes do que Cortesão acima afirma:

A alma lusitana, ingénua na sua candidez - tombado agora por terra o edificio imperial, desconjuntado e condenado o sistema de ideias patrióticas que desde o XVI século tinham dado a vida à Nação - rebentava em soluços, buscando no seio da natureza, onde se acolhia, uma salvação que não podia esperar mais das

---

<sup>331</sup>Ibidem. p.142-143.

<sup>332</sup>Ibidem. p.143.

<sup>333</sup>Ibidem. p.143.

ideias, dos sistemas, dos heróis, nem dos reis em quem tinha confiado por dois séculos. A obra temerária dos homens caía por terra; o povo, abandonado e perdido, abraçava-se à natureza, fazendo do lendário D. Sebastião um génio, um espírito - e da sua história um mito.

O sebastianismo era pois uma explosão simples da desesperança, uma manifestação do génio natural íntimo da raça, e uma abdicação da história. Portugal renegava, por um mito, a realidade; morria para a história, desfeito num sonho; envolvia-se, para entrar no sepúlcro, na mortalha de uma esperança messiânica.<sup>334</sup>

Em outro momento posterior, quando está a se referir sobre D. Miguel, Oliveira Martins afirma:

O povo, em 1640 não chegara a convencer-se de que D. João IV fosse o verdadeiro D. Sebastião, o encoberto desejado, conforme lho pregava o padre António Vieira, continuava a esperar a vinda de um Messias. (...)

A persistência deste sonho durante dois séculos e meio, através de tão diversas condições, apesar da sequência de meia dúzia de reis de uma dinastia nova e indígena, demonstra-nos a profundidade da impressão recebida pela imaginação nacional na catástrofe do fim do XV século. (...) O sentimento de fidelidade e do amor fixara-se por fim, nos novos reis; mas como lugar-tenentes apenas do verdadeiro soberano, que voltaria, decerto, com a fortuna perdida, e a coroa roubada nos areais adustos da África...<sup>335</sup>

Como podemos notar Cortesão assume a visão, matricialmente expressa por Martins, de uma persistência do Sebastianismo ao longo dos séculos e mesmo de uma fidelidade ao rei desaparecido nas areias de Alcácer. Mas, se parte desta perspectiva, reinterpreta as conclusões que Martins chega a partir desta constatação. Se para o autor de *História de Portugal* o sebastianismo é, de fato, uma prova póstuma da existência de Portugal, nação que desaparece junto com D. Sebastião<sup>336</sup>, para Cortesão ele é, como vimos em um dos trechos acima, *desejo de vida e gloriosa continuidade histórica*, ou seja, uma *reserva de nacionalidade* que resistiu, por lhes ser indiferente, a todos os reis que passaram por Portugal. Ou seja, de certa forma o *projeto saudosista* pode ser por esta via

<sup>334</sup>MARTINS, Oliveira. *História de Portugal Vol. II*. p. 67.

<sup>335</sup>Ibidem. p.197-198.

<sup>336</sup>Como afirma Paulo Franchetti ao analisar a obra de Martins:

"(...) com a catástrofe de África acaba Portugal- isto é, acaba aquela primeira nação (...). A Restauração de 1640 produzirá um outro ser político, sobre o mesmo território e com o mesmo nome e língua. É o que lemos na Introdução à *História*, quando o Portugal restaurado é comparado à Bélgica, fruto artificial das necessidades do equilíbrio europeu, e reduzido às proporções de um protetorado inglês enclavado na Europa, cujos feitores serão os reis da dinastia de Bragança." (FRANCHETTI, Paulo. "No Centenário da Morte de Oliveira Martins". In: MARTINS, J. P. O., QUEIROZ, J. M. *Correspondência*. p.23.)

justificado: se os membros deste movimento desejam resgatar as características tipicamente portuguesas, de fato o que pretendem é de novo fazer que esta *reserva nacional*, soterrada e esquecida por uma sucessão de governantes estrangeirados, possa de novo ver-se espelhada no futuro caminho que o país deverá seguir. De fato nesta perspectiva fica claro por que os homens do povo foram, em vários dos textos que atrás analisamos, citados como verdadeiros portugueses. Eles são aqueles que souberam guardar o sonho que um dia existiu no país, e poderão de novo ver este sonho redivivo se os saudosistas conseguirem implantar suas propostas para a nação.

Porém, se aqui certamente temos uma defesa das propostas saudosistas por um viés novo, esta acaba perdida em um texto que não a toma como o seu principal objetivo, e sim o de analisar as lendas portuguesas. Devemos notar que o texto de Cortesão não acaba nesta análise que faz do Sebastianismo. Ele ainda se referirá ao Conde de Avranches, como um exemplo de fidelidade não gerado pelas lendas, mas fruto da própria história, e, considerando que "O amôr desgraçado, mas fiel, tinha de ser também tema predilecto para a idealização legendária do Povo"<sup>337</sup>, falará seja do amor entre Pedro I e Inês de Castro, seja do de Camões e Catarina de Ataíde, ambos engrandecidos nas lendas populares, para terminar seu artigo considerando, entre outros aspectos, que "a nossa, a Alma lusitana, revela-se nas suas lendas leal e cavalheiresca, arrostando bravamente a Morte e a Desgraça, capaz de todo o esforço na Vida e ansiosa de continuar as suas virtudes na Eternidade"<sup>338</sup>.

Como podemos ver, se neste texto não podemos dizer que Cortesão foge das propostas saudosistas, inclusive por que podemos pensá-lo como uma tentativa de revalorizar estas lendas portuguesas, ele não pode ser considerado como uma obra que se relacione diretamente com a polémica que está sendo travada, nem tampouco ser comparado com os textos de Cortesão, de carácter mais programático, publicados no segundo volume. Antes de podermos refletir sobre o significado disto relacionado com tudo o que até aqui dissemos, precisamos nos referir, mesmo que rapidamente, aos dois textos que indicamos no início desta parte e com os quais ainda não trabalhamos: o "Faianças portuguesas" e o "Os conflitos da história", que, como veremos, possuem um interesse apenas lateral para as questões que aqui estamos tratando.

---

<sup>337</sup>CORTESÃO, Jaime. "A idealização legendária do povo português". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.145.

<sup>338</sup>Ibidem. p.146.

O primeiro destes, em que Joaquim de Vasconcelos analisa uma exposição de Gustavo Bordallo Pinheiro, interessa por um certo tom de patriotismo que o percorre e que encontra sua melhor formulação quando este crítico afirma:

Seu filho [de Bordalo Pinheiro, pai], creando as modestas porporções (sic) dos seus grupos decorativos (...) de feição popular, reconduz a arte á sua verdadeira fonte de inspiração; entra novamente em contacto com a tradição. É sincero, é expressivo, é portuguez.<sup>339</sup>

Certamente os saudosistas concordariam com esta concepção de que a verdadeira fonte de inspiração da arte é a tradição, e que só pode ser verdadeira e sincera a obra que beber desta fonte.

Já o segundo texto, de Teófilo Braga, é um artigo em que o autor analisa a evolução histórica como o conflito entre o espírito europeu e o asiático. Este segundo, considerado como inferior, diante do mistério da vida cria religiões, enquanto o outro trabalha e produz nações. Neste sentido, a noite de mil anos da idade média seria uma vitória provisória do segundo sobre o primeiro, efetuada pelo Cristianismo. Se o tema do artigo não está diretamente relacionado com a questão nacional, ele acaba por ser um reforço indireto às posturas de Sérgio, já que implicitamente considera a criação religiosa, uma dos objetivos centrais do Saudosismo, como algo inferior ao trabalho, concepção com a qual o autor dos *Ensaio*s certamente concordaria.

Quando terminamos a análise do volume anterior notamos que se nele eram claros os efeitos da polêmica Sérgio-Pascoaes, ele possuía algumas características no mínimo curiosas: nas obras de Augusto Casimiro relacionadas com a problemática nacional não encontrávamos as mesmas propostas que havia defendido, em sua produção poética, nos primeiros volumes, e no "Auto do Regresso" encontrávamos mesmo a defesa de certos pontos de vista contrários às posturas saudosistas; por outro lado todas as defesas às propostas de Pascoaes ocorriam de forma dissimulada ou forçada, lembremos aqui dos finais dos textos de Leonardo Coimbra, ou das artimanhas utilizadas na "Bibliografia", como se os outros membros do movimento não se sentissem à vontade para, abertamente e de forma clara, participar da polêmica. Como pudemos notar, o quinto volume possui estas mesmas características, ainda agravadas pela grande participação de Sérgio. Enquanto toda a produção deste autor pode ser relacionada de forma mais ou menos direta com a polêmica que está travando com Pascoaes, os saudosistas, neles incluindo o próprio

---

<sup>339</sup>VASCONCELOS, Joaquim de. "Faianças portuguesas". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p. 148-149.

Pascoaes, que só chega a publicar dois outros textos sobre o país, agem em certo sentido como se a polêmica não existisse, já que não assumem uma postura claramente combativa nas colaborações que apresentam neste volume. Augusto Casimiro, repetindo em linhas gerais as características de sua colaboração no volume anterior, volta a publicar um texto em que podemos encontrar certas consonâncias com as propostas de Sérgio. Cortesão, o único dos saudosistas a publicar um texto que, ao menos em parte, apóia Pascoaes, realiza este apoio, como vimos, de uma forma bastante tímida. De fato apenas a *mão invisível* do(s) editor(es) da revista<sup>340</sup>, nas supressões que faz no texto de Lebesgue, na *má tradução* do texto de Bell e na escolha da posição que os artigos de cada um dos dois antagonistas possui nos números em que aparecem, mostra claramente estar lutando em prol dos saudosistas. Trata-se de uma defesa ainda mais *dissimulada* que a do volume anterior, já que não podemos atribuí-la concretamente a ninguém e que chega a lançar mão de expedientes que certamente pouco têm a ver com uma discussão de idéias.

No próximo volume, em que a polêmica se encerra com a última participação de Pascoaes, poderemos notar que todas estas características nada mais são que um sintoma do esvaziamento do Saudosismo, que já viemos apontando desde o terceiro volume, e que o seu desaparecimento significará também o fim da questão nacional como uma das mais importantes de *A Águia*.

---

<sup>340</sup>É difícil de precisar quem seria esta *mão invisível*. No topo da primeira página deste volume temos as seguintes indicações: "A ÁGUIA Revista mensal, órgão da "Renascença Portuguesa"- Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redação e administrador, Álvaro Pinto", que, certamente, não são suficientes para podermos saber de que forma a revista era diagramada ou quem era responsável pela edição ou tradução das colaborações estrangeiras. O histórico de como eram elaborados as edições de *A Águia*, que sabemos, é assunto que ainda não foi analisado.

### 3.3.3.6 A polêmica no sexto volume

A polêmica Sérgio-Pascoaes termina no início do sexto volume, com o "Mais palavras ao homem da espada de pau", de Teixeira de Pascoaes, que o inicia. Se, como notamos, na sua última participação, o autor de *Jesus e Pã* havia insistido com o seu antagonista para que este continuasse o *debate* que ambos estavam travando, parece que agora considera inútil prolongá-lo, já que não vê sentido no rumo que ele tomou:

O meu caro Antonio Sergio abandonou os pontos essenciaes da questão (originalidade da Saudade, e o seu significado transcendente) e entretém-se a discutir comigo a revolução franceza, S. Francisco de Assis, a propriedade rural em Inglaterra, etc. Tenho pena de o não poder acompanhar nesse campo, pois outros assuntos, de mais valor para mim, me solicitam. Não tenho tempo de folhear livros, nem o meu espirito se contenta com essa *bisbilhotice* intelectual que trata de saber o que os outros dizem.<sup>341</sup>

Se Pascoaes não se contenta com o que *os outros dizem* é porque tem um outro tipo de interesse:

(...) A mim, o que me interessa, é o meu pensamento, embora humilde e obscuro. Creio que está nas minhas obras (em cuja 2.<sup>a</sup> edição corrigida trabalho actualmente) melhor ou peor expresso.

Mais que para discutir, eu nasci para affirmar. Nem as grandes verdades se discutem: affirmam-se!<sup>342</sup>

Apesar de dizer que não nasceu para discutir, não resistirá ao desejo de responder a todas as observações de seu antagonista produzindo, mais uma vez, um texto em que são muitos os assuntos abordados e acaba por ser absolutamente periférica a discussão sobre aquilo que considera central: a questão da saudade e do destino nacional. Além de voltar a discutir os mesmos *assuntos laterais* que já havia abordado em textos anteriores, o fará

<sup>341</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Mais palavras ao homem da espada de pau". *A Águia*, 2<sup>a</sup> série, v. 6, p. 1. As duas reedições integrais deste texto, as de *A Filosofia da Saudade* e *A Saudade e o Saudosismo* não respeitaram a diagramação adotada por Pascoaes no original que, como nos casos anteriores, deixava uma linha em branco sempre que passava a discutir um novo assunto. Estes espaços em branco foram totalmente suprimidos na primeira obra indicada, e na segunda existe um único, mas que não corresponde a nenhum dos existentes no original (quando Pascoaes está a discutir a questão da Igreja lusitana, termina esta parte de seu texto com um pequeno parágrafo que, no original, é seguido de uma linha em branco. Na reprodução em *A Saudade e o Saudosismo* este espaço em branco, como dissemos o único nela existente, é deslocado para antes deste pequeno parágrafo). Na edição parcial presente na antologia *A Águia* estes espaços também não foram reproduzidos e as maiúsculas presentes no texto de Pascoaes também não foram mantidas.

<sup>342</sup>Ibidem. p.1.



praticamente nada acrescentando ao que já anteriormente havia dito, se excetuarmos as reflexões sobre São Francisco de Assis de que já falaremos. Assim, por exemplo, ao se referir à questão de se as leis econômicas são ou não válidas para todos os povos, acabará concluindo, citando os mesmos exemplos que já havia citado anteriormente, que elas não são universais. Também em relação à independência da Igreja lusitana volta a afirmar o que já antes havia dito, que a independência religiosa é uma característica peculiar aos portugueses, o que pode ser notado, por exemplo, nas obras de Gil Vicente e Camões e no cancionero popular. Mesmo quando se refere à questão educacional e sua relação com o Saudosismo, que abordará no final de seu texto, o único tema mais diretamente relacionado com a problemática nacional não dirá nada de novo, como por sinal ele próprio o indica<sup>343</sup>, voltando a repetir que Portugal necessita de uma educação que seja ao mesmo tempo prática e sentimental, que pode ser fornecida pelo Saudosismo, já que a Saudade é lembrança e desejo e, portanto, material e espiritual. Estes exemplos nos mostram claramente que estamos diante apenas de repetições de idéias e concepções que já haviam sido anteriormente enunciadas.

Como dissemos, apenas em um momento encontramos uma construção nova, quando analisa se o misticismo italiano foi ou não um movimento nacional. Como o indicamos, esta questão se arrasta desde a segunda participação de Sérgio na polêmica, e, em sua última carta, o autor dos *Ensaio*s havia, para mostrar que este misticismo não fora fruto da ação de um único homem, entre outros aspectos, afirmado:

(...) S. Francisco (...) é a flôr, de que a raiz, o tronco, a seiva, é o esto de misticismo italiano *que o precedeu*. (...) Muitas faculdades milagreiras lhe atribuem, mas não o efeito rêtro-activo; fez milagres mas depois de nascer: antes de nascer, nem o próprio Cristo! (...)

*Antes* de S. Francisco não houve sòmente uma intensa e prolongada vibração anónima: individualidades eminentes se haviam erguido nessa atmosfera saturada de misticismo, entre as quais Joaquim de Flora, do qual nos diz Sabatier: "Jochin de Flore forme le dernier anneau d'une suite de moines prophètes *qui se succédèrent durant près de quatre cents ans* (...)". Veja o que fez S. Francisco, durante quatro séculos, *antes de nascêr*!<sup>344</sup>

<sup>343</sup>"Guardo para o fim o principio da sua carta [em que Sérgio explicara por que o Saudosismo leva ao bacharelismo], porque é o mais importante. N'ele afirma, *pela decima vez* o que eu, *pela decima vez*, tenho contestado. Mas vá lá. Tornarei a repetir que o Saudosismo tem por alma a Saudade... a lembrança e o desejo, ouça bem! (...)" (Ibidem, p.5. Itálicos nossos).

<sup>344</sup>SÉRGIO, António. "Explicações necessarias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relampago". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.172-173.

Pascoaes responderá a isto da seguinte forma:

Já fui rouxinol e archanjo; quero morrer cotovia. Apelemos, portanto, para o Sol, a proposito de S. Francisco de Assis. Com mãos de luz, caro amigo, é que se deve tocar em tão divina figura. Para longe a descarnada mão científica, essa mão que definha, mumificante! Apelemos para o Sol. Quem melhor o cantou do que S. Francisco de Assis? Se ele foi a sua propria luz espiritualizada, um seu divino e efemero reflexo que passou pelo mundo, entre a sua pessoa e o astro rei não ha distancias. O que fôr verdadeiro quanto ao Sol, será verdadeiro quanto a S. Francisco de Assis. Leia a seguinte frase, meu caro amigo: *a aurora é causada pelo sol que está para nascer...* e o alvoroço mistico anterior a S. Francisco de Assis... era já S. Francisco de Assis! (Estou vendo o assombro dilatar-lhe os olhos negros...) Mas continuemos: as grandes almas, antes de surgirem individualizadas, dentro dum corpo humano, vivem esparsas e difusas... madrugantes.

A luz percursora duma nova ideia é... essa mesma ideia a caminho da sua condensação, isto é, do nascimento. Se a ideia morre sem haver atingido a forma definida e viva, tambem a sua luz anunciadora se extingue, sem deixar vestigios. (...) que seria do movimento mistico italiano sem a alma de S. Francisco de Assis e o seu canto ás creaturas? N'este canto, *obra individual*, é que ele se define, é que ele tomou corpo e vida, é que ele foi *verdadeiramente*.

O *franciscanismo* (...) é obra do individuo Francisco de Assis, não destruindo esta afirmação o facto de haver existido, antes d'ele, os taes frades de que fala, pois é certo que a palavra *originalidade* nunca pode ter, n'este mundo, um valor absoluto. Tambem os apóstolos de Christo eram judeus, e, todavia, o christianismo não foi um movimento judaico. **De resto, só é proprio d'um povo, o que n'ele vive e perdura**, e o *franciscanismo* não perdurou na Italia. O Vaticano, sim.<sup>345</sup>

O tom provocativo é evidente. Desprezando a *mão mumificante* da ciência, ou seja, todas as citações que haviam fundamentado as afirmações de Sérgio na sua última carta, Pascoaes parte para uma analogia, em princípio totalmente arbitrária, entre o sol e São Francisco, o que o leva a concluir justamente o que seu antagonista apontara como absurdo: a possibilidade deste santo ter feito milagres e modificado a realidade *antes mesmo de ter existido*. Mas, para além desta provocação e do tom irônico que Pascoaes assume, que é uma das recorrências deste texto, devemos notar que todo este seu tortuoso raciocínio serve apenas para que ele conclua *o que antes já havia afirmado*, como deixa claro o trecho que colocamos em negrito: para Pascoaes apenas o que perdura em um povo é o que é coletivo, o que nasce e desaparece é fruto de uma obra individual. Como o franciscanismo não perdurou, logo ele *não pode ser* italiano, e sim fruto da obra de um único indivíduo. Ou seja, ele parte de uma *verdade*, que antes já havia afirmado, e a partir dela constrói um

<sup>345</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Mais palavras ao homem da espada de pau". *A Águia*, 2ª série, v. 6, p. 2-3. Os negritos são nossos.

raciocínio que pode validá-la. Assim, se a forma é nova, as conclusões são as mesmas, e estamos aqui apenas diante de um novo caminho a partir do qual repete suas conclusões.

Se neste texto, por tudo o que aqui dissemos, encontramos basicamente uma repetição do já dito, o que ele apresentará de novidade será a forma como Pascoaes se dirige a seu antagonista: a todo momento encontramos referências irônicas ou provocativas em relação a Sérgio, como quando, por exemplo, diz que Sérgio "é, com certeza, o môcho, o môcho da sciencia"<sup>346</sup> que emite "pios eruditos"<sup>347</sup>, ou seja, "esse temporal de nomes, datas e citações"<sup>348</sup> que haviam aparecido em sua última carta; ou quando afirma que desconfia que "a Cotovia sabe alguma coisa do Sol... talvez mais do que os astrônomos"<sup>349</sup>, e pergunta: "Que dirá a este argumento alado, cantante, matutino, o bisonho *môcho* nocturno que sabe, que estuda, que profunda as cousas? Pia... pia..."<sup>350</sup>; ou, em outro momento, quando considera que "Uma cantiga de Coimbra (...) afirma que ha mais sciencia n'um beijo de amor que nos livros dos doutores"<sup>351</sup>, com o que concorda pois "o beijo cria vida dilata a criação", enquanto que a ciência "não faz mais do que machucar as pobres almas, para ver como ellas foram feitas"<sup>352</sup>, assumindo assim uma postura provocativamente anti-científica, trechos escolhidos entre várias outras afirmações no mesmo tom.

No final de sua carta, num tom em se que se mistura a provocação com o enfado gerado por uma discussão que, para ele, parece não ter mais sentido, Pascoaes afirma:

E agora, meu caro Antonio Sergio, creia sempre na minha amizade e admiração. E, se tiver a estopada de responder a esta carta, não estranhe o eu demorar a minha resposta. Tenho muito que fazer durante os mezes mais proximos.<sup>353</sup>

---

<sup>346</sup>Ibidem. p.1.

<sup>347</sup>Ibidem. p.1.

<sup>348</sup>Ibidem. p.1.

<sup>349</sup>Ibidem. p.2.

<sup>350</sup>Ibidem. p.2.

<sup>351</sup>Ibidem. p.2.

<sup>352</sup>Ibidem. p.2.

<sup>353</sup>Ibidem. p.5.

Como já o havíamos notado, há algum tempo que os dois antagonistas não apresentavam nenhuma proposta nova, e este último texto de Pascoaes só vem a confirmar que, de fato, a polêmica já havia se esgotado. Ao longo destes três volumes tivemos o confronto de duas propostas absolutamente distintas para o país, em que nunca puderam chegar a nenhum tipo de consenso. Assim, definidos inicialmente os dois campos, o que encontramos depois foi sempre uma tentativa de cada um deles de desautorizar os pressupostos que fundamentavam as posturas de seu antagonista, e no fim do *debate* acabamos por nos encontrar numa situação próxima a que nos encontrávamos em seu início. Nem Pascoaes chegou a apresentar aspectos novos relevantes que complementassem o que já havia sido formulado pelos saudosistas nos três primeiros volumes, nem Sérgio chegou a gerar uma proposta consistente que pudesse vir a substituir a de seus antagonistas.

Talvez o mais importante efeito da polêmica tenha sido, ironicamente, o de dar uma sobrevida ao Saudosismo que, como notamos, já no terceiro volume havia perdido muito de seu ímpeto original. Assim Sérgio acabou, com seus ataques, por perpetuar o inimigo que queria combater.

### 3.3.4 Após a polêmica

São os seguintes os textos posteriores à polêmica que apresentam imagens de Portugal ou propostas para o país:

1. "Sociedade Nacional de Belas Artes A obra de Julio Vaz Junior". Eurico de Seabra. p.17-18.
2. "O Self-Government na Escola".António Sérgio.p.25-29, p.58-64, p.91-96, p.119-124, p.157-160.
3. "Lettres Portugaises".Philéas Lebesgue.p.31-32.
4. "Pela Grei".António Sérgio.p.112-114.
5. "Portugal e a Guerra e a Orientação das Novas Gerações".Teixeira de Pascoaes. p.161-168.
6. "Bibliografia: *A Era Lusíada* por Teixeira de Pascoaes". p.183-184.

Como podemos ver, se comparado com os volumes anteriores, neste são muito poucos textos sobre o país. Assim, já neste volume em que a polêmica se encerra, podemos notar que o tema nacional está bastante esvaziado, o mesmo ocorrendo, e de forma ainda mais patente, com a *pregação saudosista*. Além de colaborarem com alguns poucos textos neste volume, nenhum dos saudosistas, excetuando-se Pascoaes, chega a publicar artigos sobre o país<sup>354</sup>. A defesa deste movimento, como veremos, restringe-se apenas ao texto de Lebesgue e à análise feita de *A Era Lusíada* no texto não assinado da bibliografia. Se Sérgio, em certo sentido, ainda continuará *em polêmica* com o movimento, o que pode ser visto em especial nos dois poemas que compõem o "Pela Grei", tudo indica que o seu antagonista está, pelo menos enquanto grupo, prestes a se extinguir.

Em nossa análise trataremos inicialmente do único texto totalmente desvinculado da polêmica que se encerra neste volume -o "Sociedade Nacional de Belas Artes A obra de Julio Vaz Junior"-, para depois analisarmos seja os que se referem ao Saudosismo, seja os de Sérgio, que se aproximam na medida em que neles ainda encontramos reflexos da polêmica, para por fim nos referirmos ao de Pascoaes, em que pela primeira vez na revista o tema nacional aparecerá relacionado com a questão da guerra.

---

<sup>354</sup>Dos mais combativos membros do movimento, Jaime Cortesão publicará "A Paisagem na Obra de Camilo" (p.129-132 e p.169-172), Augusto Casimiro "Para minha mãe e para meu filho" (p. 107-111), e Leonardo Coimbra "A critica do sublime de Kant" (p. 19-24). Como podemos ver, mesmo quantitativamente, a presença de textos de membros do movimento é bastante pequena.

O texto de Eurico Seabra é uma breve análise sobre as obras de Julio Vaz apresentadas na última exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, e sobre os motivos injustos deste artista não ter ganho o primeiro prêmio, que não foi atribuído a nenhuma obra pelo júri que "deveria escolher alguma para jardins ou praças publicas"<sup>355</sup>. Nele encontramos um único parágrafo, o primeiro, em que a questão nacional aparece, que abaixo reproduzimos:

Julio Vaz, a quem, evidentemente, a maneira escultural de Rodin surpreendeu e empolgou, é um dos nossos artistas que melhor e mais nobremente se têm imposto neste apertado meio, onde tudo falha, a principiar pela cultura geral, o ambiente de educação esthetica indispensavel á eclosão de todo o sentimento da belleza, e a rematar pelo espirito *snob* de muitos daquelles que, dando-se a impressão de criticos, só louvam e admiram o que o estrangeiro louvou e consagrou. É certo que se ha, em Portugal, avançado um pouco no que respeita ao cultivo da pintura e da esculptura, mas certo é tambem que esse avanço é tardo, e embaraços sem numero o estorvam ainda na sua marcha.<sup>356</sup>

Como vemos trata-se apenas de uma referência muito rápida, que se por um lado aponta para a exigüidade do meio artístico português, por outro indica que este meio exíguo acaba por referendar apenas aquilo que já foi aclamado no restante da Europa. É uma mera constatação, sem nenhuma proposta de como superar esta situação.

Se deste texto passamos para os que direta ou indiretamente defendem as posturas saudosistas, poderemos verificar que a questão nacional ganha um maior relevo. O de Lebesgue, retirado de um ou mais números do *Mercure de France* não indicados<sup>357</sup>, se refere rapidamente aos *Doentes da Beleza* de Vila Moura, às edições da Renascença Portuguesa, e se detém demoradamente numa análise do *Verbo Escuro* de Pascoaes. Nesta

---

<sup>355</sup>SEABRA, Eurico de. "Sociedade Nacional de Bellas Artes A obra de Julio Vaz Junior". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.18

<sup>356</sup> Ibidem. p.17.

<sup>357</sup>Não tive acesso aos textos originais de Lebesgue, mas suponho que o trecho publicado em *A Águia* foi retirado de mais de um número do *Mercure de France* pois os seus artigos publicados no periódico francês sempre terminavam por um "Memento". Neste número da revista portuense temos o trecho sobre Vila Moura, seguido do "Memento" em que fala sobre as edições da Renascença e, após um espaço em branco e um asterístico que separam esta parte da seguinte, o texto sobre o *Verbo Escuro*. Por todas as alterações não avisadas que notamos entre os artigos originais publicados na França e as suas reproduções nos números anteriores de *A Águia*, e pela estrutura geral do texto reproduzido, parece-me bastante provável que se tenham retirado estes trechos que se referem a membros da Renascença de pelo menos dois artigos do *Mercure de France*.

última parte encontramos alguns elementos que nos interessam, em especial nos trechos que abaixo reproduzimos:

C'est au sein de l'âme populaire que Teixeira de Pascoaes est allé puiser sa conception du *saudosisme* panthéistique.

Prophète inspiré de la Renaissance portugaise, il s'efforce de restituer au génie lusitanien ses caractéristiques essentielles, éparses jusqu'alors dans l'œuvre des grands poètes nationaux et surtout, dit-il, dans le folklore lyrique.

(...) il parle au nom de toute une race, qui veut éperdûment renaître et poursuivre son œuvre spirituelle et religieuse, œuvre d'amour et de sacrifice ébauchée par Camoens.

"L'âme lusitanienne, dit le poète, cache en son tréfonds une nouvelle lumière de Vérité et de Beauté, un nouveau songe évangélique."

Or, l'âme du monde contemporain esta (sic) accablée de tristesse au sein d'une civilisation indifférent. Pourquoi, à l'instar de l'âme judaïque de jadis, l'âme lusitanienne, illuminée d'une religion nouvelle, n'irait-elle pas un jour entr'ouvrir la prison où l'esprit humain aspire après une pensée messianique et rédemptrice?<sup>358</sup>

Difícilmente poderíamos encontrar uma defesa mais cabal das posturas de Pascoaes, e partindo da pena de um francês, ou seja, de alguém que não poderia, em princípio ser acusado da *estreiteza de visão* que Sérgio atribuía aos nacionalistas portugueses. Lebesgue não só filia o Saudosismo à alma popular e chama o autor de *Maranus de profeta inspirado*, mas chega a fazer suas as palavras deste autor ao perguntar se a religião gerada pela Saudade não poderá vir a ocupar o lugar que já coube, no passado, à gerada pela cultura judaica, libertando a alma contemporânea da tristeza que advém de uma civilização indiferente. Temos aqui, *vinda do estrangeiro*, uma defesa de vários dos aspectos do que, para Sérgio, era apenas delírio, incluindo a visão de Pascoaes de que uma necessidade religiosa era uma das características do mundo moderno<sup>359</sup>.

Também no texto sobre *A Era Lusíada*, presente na "Bibliografia", encontramos uma análise elogiosa e, em vários aspectos, acurada não só desta obra, mas também de algumas constantes das reflexões de Pascoaes. Alguns aspectos apontados no artigo de Lebesgue também são aqui abordados, como o fato de o Saudosismo ser, ao mesmo tempo,

---

<sup>358</sup>LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.31-32.

<sup>359</sup>Se, inegavelmente, Lebesgue era um lusófilo e, mais que isto, um amigo de Pascoaes, o que em certo sentido poderia explicar este tom apaixonado com que fala da obra do autor de *Maranus*, devemos aqui lembrar que este texto foi publicado originalmente no *Mercure de France* e que, provavelmente, existia um público que se interessava pelo tipo de postura aqui expresso, o que pode nos levar a supor que, ao menos em parte, de fato existia esta *necessidade religiosa* que fora apontada por Pascoaes.

fruto de características tipicamente portuguesas e uma integração de Portugal na moderna corrente religiosa que então existia no mundo:

(...) o Pensamento Saudosista, longe de ser uma abstração poetica, ou, como outros querem, um motivo filologico - por um lado desenvolve uma corrente a integrar a Nacionalidade Portuguesa (uma das mais tradicionalistas) no movimento religioso geral da presente hora; por outro lado tende a acentuar as razões intimas que dão vida propria á Nacionalidade, salientando o que ha de misterioso no seu sonho e o recurso a tirar da sua feição espiritualista, ao mesmo tempo tão estranha e grandiosa.<sup>360</sup>

Provavelmente em defesa da idéia de que a saudade é intraduzível, tema tão duramente atacado por Sérgio e uma das bases das reflexões pascoalinas, em outro momento de seu texto o autor cita um trecho do livro *Souvenirs et Saudades de Lisbonne*, do autor francês E. Roberts, em que este afirma que a palavra saudade não tem tradução em sua língua<sup>361</sup>, após o que o resenhista acrescenta:

Aí está a Saudade portuguesa surpreendida por um simples viajante inteligente; sentida pelo povo, o grande inconsciente; parafraseada por Francisco Manuel de Melo, por Garrett, ainda ultimamente bem definida por D. Carolina Micaëlis; e sobretudo cantada nos poemas de Teixeira de Pascoaes, donde se corporisa e revela n'uma acção admiravel de resurgimento.<sup>362</sup>

Volta-se então para um aspecto específico presente nestas conferências de Pascoaes, e ainda não citado nesta revista: a oposição que este autor faz ao constitucionalismo, por ele considerado como estranho a alma nacional<sup>363</sup>, e a proposta de recuperação das antigas

<sup>360</sup>"Bibliografia: *A Era Lusitana* por Teixeira de Pascoaes". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.183.

<sup>361</sup>"Áqueles dos meus compatriotas que me leem sem conhecimento do português vou eu tentar explicar a palavra SAUDADES, sem tradução na lingua francesa". ROBERT, E. *Souvenirs et Saudades de Lisbonne*. Apud. "Bibliografia: *A Era Lusitana* por Teixeira de Pascoaes". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.184.

<sup>362</sup>Ibidem. p.184.

<sup>363</sup>"Ainda extremamente interessante é a parte do opusculo em que o Poeta vae até á utilização dos antigos agregados politicos, presumindo aquele resurgimento [da nação] da acção directa do Povo- só possivel e valorosa n'uma descentralização perfeita.

Cita a proposito do descalabro politico dos ultimos tempos a seguinte extranha afirmação de seu pae, João Pereira Teixeira de Vasconcelos, - *morremos de envenenamento constitucional*.

Teixeira de Vasconcelos havia observado e bem que entre nós o constitucionalismo era um regimen *pintado*, sem accordo na alma popular, repassando a nacionalidade, da sua vida casual e toxica.

Ora que ha a opor a um tal regimen senão o interesse da alma popular pela sua intervenção directa, e, mais que responsavel, instintiva - tal como a determinou Teixeira de Pascoaes (...)." (Ibidem, p.184.)



características municipalistas e descentralizadas, estas sim arraigadas nas tradições típicas do país. Esta análise termina com o trecho:

Tal em resumo o pensamento das duas conferencias de Teixeira de Pascoaes, mais do que nunca hoje interessantes como oportunas.<sup>364</sup>

Assim, seja o texto de Lebesgue, seja o presente na "Bibliografia", validam de forma consistente a pregação de Pascoaes. Ambos mostram que as suas idéias *de fato* surgem de uma reflexão a partir de características tradicionais do país, e que podem vir a ter um alcance mundial, pois *estão em consonância* com certas constantes presentes então na Europa, como aponta o segundo texto, e podem se transformar na nova resposta religiosa que o mundo está necessitando, este último aspecto patente no texto do lusitanista francês. Por fim, no texto presente na "Bibliografia" as propostas políticas existentes nas conferências de Pascoaes ainda são consideradas como uma saída possível para o constitucionalismo que está envenenando Portugal<sup>365</sup>.

Se nestes dois textos encontramos defesas do Saudosismo, por outro lado Sérgio continuará, como dissemos, a atacar o movimento, em especial nos dois poemas que compõem o "Pela Grei": "No mar das Índias" e "Phoibos Apollon".

O segundo poema, que analisaremos inicialmente, é formado por três sonetos e trata-se, como o próprio título já o indica, de um obra sobre o Sol, que em alguns momentos

---

<sup>364</sup>Ibidem, p.184.

<sup>365</sup>É curioso que isto ocorra, pois de fato as propostas políticas presentes nestas conferências são bastante vagas e nelas mesmas vêm expresso que só poderiam se concretizar com o aparecimento de um *homem superior* que encarnasse o espírito da raça, como podemos ver no trecho abaixo:

"Impõe-se uma República que frutifique em pleno século XX e mergulhe as raízes até o fundo heróico do Passado, de forma que ela seja o íntimo sentir da Raça organizado em leis modernas. (...)

O chefe de Estado seria eleito por bastantes anos e por todos os representantes dos municipios, cujos presidentes reunidos anualmente deveriam constituir as cortes, as quais elegeriam o Ministério. As três entidades, Chefe de Estado, Ministério e Cortes, competiria o governo da Nação.

Portugal seria assim uma espécie de Confederação de Municipios, autônomos quanto à sua própria vida, mas intimamente ligados na vida comum nacional.

Alguém virá que realise a grande obra necessaria ao nosso ressurgimento. Ha de aparecer o homem superior, cujo espirito seja a própria condensação, em definidas formas novas de actividade, das tradições políticas e religiosas do País.

(...)

Ele virá, e será violento como todo o creador de realidades imediatas, e será também religioso; a sua vida dilatar-se-á até o Deus da sua Raça... A egreja lusitana, a independente igreja primitiva, ressurgirá sob o seu mais nobre impulso, para que todas as almas religiosas encontrem, na sua terra, o ambiente recatado da Oração." (PASCOAES. Teixeira de. "A Era Lusitana". *A Saudade e o Saudosismo*. p.159-160.)

se aproxima bastante de uma oração proferida para este astro<sup>366</sup>, que aqui possui claramente um significado metafórico, o da luz que tudo clareia. Possui como epígrafe um trecho de *A Ilustre Casa de Ramires*: "E tal acção tão suprema requeria o Genio, o dom que, como a antiga chama, desce de Deus sobre um eleito? Não; apenas o *claro entendimento* das realidades humanas- e depois, *O forte querer*."<sup>367</sup>. Basicamente nele encontramos uma reelaboração do que, em outros termos, Sérgio já havia expresso nos seus poemas que atrás analisamos: o desejo de que a claridade atinja Portugal e os portugueses, e os faça ter, como é dito na epígrafe, um *claro entendimento* e um *forte querer*, o que pode ser visto abaixo, em que reproduzimos o segundo soneto e as últimas estrofes do terceiro:

"II

Ó Sol, que estás no céu, santificado  
Seja o teu nome; desça das alturas  
Teu clarão sobre nós; tu, que purpúras  
Como uma aurora o pensamento alado!

E vós, mentes de bruma e céu velado,  
Embebei nestas nítidas figuras  
O vosso olhar umbroso, ó criaturas:  
Vêde o espirito e a luz em seu noivado:

Vêde a turquêza nítida dos montes,  
A limpidez vernal dos horizontes,  
Onde a fôrma se grava e a côr reluz:

E orai que a Idéa seja em vossas almas  
Tão transparente como as aguas calmas,  
Tão deslumbrante como a propria luz!

III

(...)

Ó Sol! desce benigno á extrema do Ocidente:  
Ablue, fecunda a GREI na cachoeira ardente  
Com que aclaras o mundo e o cérebro incendeias:

<sup>366</sup>O melhor exemplo disto são os dois primeiros versos que adiante citamos "Ó Sol, que estás no céu, santificado / Seja o teu nome", claramente decalcados no oração a *Pai Nosso*.

<sup>367</sup>QUEIRÓS, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. p. 434. Apud. SÉRGIO, António. "Pela Grei Phoibos Apollon". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.113. Os itálicos são de Sérgio. Na edição de *A Ilustre Casa de Ramires* que consultamos após o "Não" temos um ponto de exclamação, e não um ponto e vírgula, como aparece na epígrafe.

E infunde-lhe a ambição de unir, em almas puras,  
Sob as benções lustrais jorradadas das alturas  
O esto da Vontade ao clarão das Idéias"<sup>368</sup>

Certamente as "mentes de bruma e céu velado", a quem o eu lírico se dirige na segunda estrofe que acima citamos, ecoa com as referências aos que navegam nas névoas no "Apostilha aos 'Navegadores' " e aos que vivem em um *nimbo* por causa do *nevoento bando dos avós*, presente no "Pela Grey Os que sonham": é uma clara referência aos saudosistas, aos quais novamente Sérgio propõe que substituam a névoa em que vivem pela claridade da Vontade e das Idéias. Assim aqui temos não só o mesmo tipo de proposta mas também muitas imagens próximas às que encontramos nos dois poemas que anteriormente analisamos.

O primeiro dos poemas de "Pela Grei" levanta outras questões, como podemos ver abaixo:

"Os índios veem bater-se pela Inglaterra" - Dos jornais.

"O verdadeiro conquistador não é o soldado, mas o colono ou o capitalista." Paulo Descamps, *A formação social do Inglês moderno*, 377.

Ao Dr. Reis Santos

Em brandas noites, pelo mar das Indias  
Longe, bem longe, muito longe, arfando  
Ao vaivem melancólico das águas  
Chorei a avoenga sina dos naufragios...

E o velame a bater me deu seu ritmo...

Velava o quarto de alva. Ao oriente  
Já um palôr tenuíssimo palpita  
No nocturno frêscor do mar, que sonha  
Em negro-azul repouso; e nuvens calmas  
Eram a imagem de um montante imenso  
De uma lugubre espada temerosa  
Assustadora e má...

Emfim, desponta  
Na linha do horizonte um traço rubro

---

<sup>368</sup>Ibidem. p.114.

Que avermelhou as nuvens; sobre as águas  
Tremem gotas de sangue...

Ó mar das Índias,  
Longos, bem longos, muito longos choros  
A espada rubra te levou nas auras,  
A avoenga sina te arrancou das ondas...

E o gemido das mães te deu seu ritmo...

Nisto um vento passou; e a nuvem róxa  
Assume a forma de charrua enorme  
Que o sol, já pleno, iluminava de ouro...

No mar das Índias, mar de pedrarias,  
Eu vi, Anglo-Saxão, as tuas glórias  
De império livre, de labor fecundo,  
E ao lamentoso ritmo do velame  
Chorei a avoenga sina das batalhas...

Ao mar das Índias, mar de contrição,  
Às amargosas ondas do remorso  
Supliquei o perdão da Grei nefanda,

-E ao som melancólico das águas  
O velame a bater me deu seu ritmo...<sup>369</sup>

Neste poema não temos diretamente uma crítica às posturas saudosistas, mas uma visão bastante depreciativa das conquistas e descobertas o que, de forma indireta, é um ataque ao movimento, já que, como vimos, estas são interpretadas de forma extremamente positiva por aqueles que pregavam um *novo navegar*. Ele é bastante claro: nesta obra um eu lírico, no mar das Índias, vê o caminho do sol desde o momento em que está prestes a nascer até quando já ilumina plenamente e faz uma analogia entre esta trajetória do sol e o destino que coube à Índia, em um primeiro momento dominada por um *montante imenso*, definido também como uma *espada temerosa assustadora e má*, que, assim como o sol avermelha as nuvens, arrancou *muitos longos choros* do mar da Índia e o tingiu de *gotas de sangue*. A seguir, porém, quando o sol já estava pleno, um vento passou e a nuvem róxa assume *a forma de uma charrua enorme iluminada de ouro*. E, neste momento, o eu lírico tece elogios ao Anglo-Saxão, senhor de um *império livre, de labor fecundo*. Ao lado disto temos, percorrendo todo o poema, referências à *avoenga sina* que se cristalizam em um pedido de perdão na penúltima estrofe em que a grei é definida como nefanda. Assim todo

<sup>369</sup>SÉRGIO, Antônio. "Pela Grei No mar das Índias". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.112-113.

o poema, desde as epígrafes, se estrutura a partir da oposição entre um *bom imperialismo*, o inglês, que não só desenvolve suas colônias, como chega a ser tão querido que os habitantes de suas possessões acabam por ir lutar pela metrópole; de outro um *imperialismo cruel* que só produz derramamento de sangue e lágrimas, o português.

Esta breve decodificação do poema nos indica claramente que ele é a transposição para a poesia de muito do que Sérgio já expressara no volume anterior em seu artigo "O Imperialismo hoje e o imperialismo peninsular", e que, como sabemos, matricialmente já aparecia no *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos* de Antero, em que este creditava o atraso das colônias e ex-colônias de Portugal ao espírito guerreiro, que despreza o trabalho manual e a indústria pacífica, elementos fundantes do mundo moderno<sup>370</sup>, o que nos mostra, mais uma vez, a influência do pensamento do autor dos *Sonetos* em António Sérgio.

Porém devemos notar que esta *transposição poética* acaba por gerar uma relação que não estava presente no texto publicado no volume anterior, e que cria uma tensão que não é resolvida no poema. Se o imperialismo português é visto claramente como negativo, e o inglês como positivo, ao criar uma homologia entre a trajetória do sol pelo firmamento e a seqüência destes dois imperialismos, o poema produz uma imagem que vincula necessariamente a existência do segundo ao primeiro: para que o sol chegue a iluminar plenamente ele precisa primeiro nascer e, a partir disto, podemos concluir que para que o livre imperialismo inglês existisse foi necessário que antes ocorresse a expansão portuguesa. Desta forma, se esta produziu maus frutos, possui claramente um lado positivo que o poema em nenhum momento expressa claramente. Se, para utilizarmos a epígrafe citada por Sérgio, *o verdadeiro conquistador é o colono e o capitalista*, a existência destes exige que primeiro venha o *soldado*, e este papel do *soldado necessário*, por mais que *cruel*, coube, pela própria estrutura do poema, aos portugueses. Assim esta obra acaba por negar, em sua estrutura, o que expressa, e torna válida, em certo sentido, uma afirmação de Pascoaes na polêmica que foi criticada por Sérgio, a de que "Isso a que Antonio Sergio chama *energia caçadora e aventureira* foi uma forma natural, d'acordo com o tempo, com o instante historico, da actividade europeia. Emquanto nós conquistavamos a Índia para a vida mundial, os seus inglezes, francezes, holandezes, etc., conquistavam navios mercantes

<sup>370</sup>"Fomos nós, foram os resultados do nosso espírito guerreiro, quem condenou o Brasil ao estacionamento, quem condenou à nulidade toda essa costa de África, em que outras mãos podiam ter talhado à larga uns poucos de impérios! Esse espírito guerreiro, com olhos fitos na luz de uma falsa glória, desdenha, desacredita, envilece o trabalho manual - o trabalho manual, a força das sociedades modernas, a salvação e a glória das futuras... Mas um fantástico idealismo perturba a alma do guerreiro: Não distingue entre interesse honroso e interesse vil: só as grandes acções de esforço heroico são belas a seus olhos; para ele a indústria pacífica é só própria de mãos servis."(QUENTAL, Antero de. *Prosas Sócio-Políticas*. p.290.)

para exclusiva riqueza das suas pessoas..."<sup>371</sup>. Se o sol, na sua trajetória, precisa primeiro nascer, o imperialismo português foi um estágio necessário para que, mais tarde, o império Anglo-Saxão pudesse ser um *império livre de labor fecundo*.

Assim, aparentemente sem ter este objetivo já que esta conclusão a que chegamos é o inverso de certas concepções de Sérgio apresentadas em seus artigos, este texto acaba por enaltecer o que ele mesmo critica, criando, em seu interior, uma dicotomia insolúvel, e enfraquecendo o objetivo crítico que possuía.

O outro texto de Sérgio, "O self-government na escola", iniciado como vimos no volume anterior e apresentado em várias partes ao longo de praticamente todo este volume<sup>372</sup>, possui outro tipo de objetivo. Se em seu início ainda podemos encontrar alguns reflexos da polêmica, de que já trataremos, em seu conjunto se caracteriza por ser a primeira proposta educativa claramente expressa na revista, proposta centrada não propriamente em matérias que devam ou não ser ensinadas, mas na forma como se deve constituir a escola para que os alunos aprendam a ser cidadãos.

Sérgio inicia a primeira parte deste artigo<sup>373</sup> com uma clara referência aos saudosistas e a suas propostas educativas:

Afóra a mitológica "educação lusitana" vascojeja-se a necessidade de "acordar as atividades da raça" (as "energias" dizem eles; mas ponhamos

---

<sup>371</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Ultima Carta?". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.137.

<sup>372</sup>Como pode ser visto no Índice Geral da segunda série de *A Águia* no "Anexo", este artigo, neste volume, foi publicado do número 31 ao 35 da revista, ou seja, de julho a novembro de 1914.

<sup>373</sup>Cada uma das partes deste artigo possui um subtítulo e todas elas possuem pequenas epígrafes retiradas na obra de Herculano. Os subtítulos podem ser encontrados no Índice Geral da segunda série de *A Águia*, no "Anexo". As epígrafes são as seguintes:

"Vi com dor e tristeza definhados e moribundos os restos das instituições municipaes que o absolutismo nos legara" (HERCULANO, Alexandre. Apud. SÉRGIO, António. "O self-government na escola". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.25.)

"A Europa ha-de chegar a reconhecer que o unico meio de destruir as dificuldades de situação que a afligem... é restaurar, *em harmonia com a ilustração do seculo*, as instituições municipais" (HERCULANO, Alexandre. Apud. SÉRGIO, António. Op. cit. *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.58.)

"Toda a importancia de qualquer sciencia de applicação deriva-se não tanto dela como de seus resultados praticos, e é por eles que devemos avaliá-la" (HERCULANO, Alexandre. Apud. SÉRGIO, António. Op. cit. *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.91.)

"Cremos que se devem estudar os sistemas de educação estrangeira, e adoptar aquilo que neles for verdadeiramente util e applicavel a Portugal" (HERCULANO, Alexandre. Apud. SÉRGIO, António. Op. cit. *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.119.)

Como podemos ver estas epígrafes incidem sobre dois aspectos básicos, a organização municipalista e a questão educativa, que são os dois grandes temas tratados por Sérgio nestes seus artigos, já que pretende implantar um sistema educativo que já deu certo no estrangeiro, e que transformará as escolas em centro de aprendizagem para futuros municípios.

"atividades"), e desta feita (salvante aquele termo de "raça", que mudarei em "estirpe", "nação", ou "povo") temos alguma coisa que se percebe, e mesmo uma orientação de primeira ordem; só resta palpabilizar aos que assim dizem, que se não educam atividades pelo sistema pirotécnico dos discursos sentimentais, pois quem se não contente com fogos de vista ha-de pegar do educando e obrigá-lo a agir, (...) já que a atividade unicamente pela atividade se estimula e se conduz. (...)

(...) De todos os discursos que lhes fazeis [às crianças] para desmodorrar as energias, haurem os ouvintes simplesmente o desejo de discursar também.<sup>374</sup>

Como vemos Sérgio parte de uma afirmação recorrente nos textos saudosistas e a transmuta de tal forma que, o que dela advém, é uma outra proposta bastante diversa. Entre o "acordar as energias da raça" e o "acordar as atividades do povo", na forma como o autor dos *Ensaio*s entende este segundo, pouco existe de comum. A primeira afirmação parte do pressuposto de que a raça portuguesa possui energias que estão adormecidas, e que precisam ser acordadas para que ela recupere o seu perfil inconfundível. A segunda considera que o povo, apenas pela ação, poderá aprender a agir. Mas este ensaísta não se contenta em apenas transmutar um dos dogmas de seus antagonistas, ainda chega a considerar que nesta afirmação, assim modificada, *temos alguma coisa que se percebe*, indicando claramente que em muitas outras *nada se percebe*, numa referência à falta de sentido que havia, em alguns momentos da polémica, atribuído às frases de Pascoaes. Como vemos ainda encontramos aqui o mesmo tom provocativo que caracterizou várias das colaborações de Sérgio desde o terceiro volume.

Após este trecho, considera que se esta idéia básica - a de que só através da atividade é que se ensina a agir - for aplicada à educação, dela advém uma segunda, a de que bons municípios só poderão ser criados se aprenderem a ação municipal, disto decorrendo que este objetivo só poderia ser alcançado se as escolas fossem transformadas em escolas municípios, sob a assistência e o conselho dos professores. Considera então, reafirmando o que disse no artigo anterior, que para importar as instituições anglo-saxônicas é necessário fazer o mesmo com a educação, sendo especialmente propício o método de município escola usado nos Estados Unidos. O trecho que se segue a estas reflexões nos mostra que Sérgio ainda se considera *em combate*, já que sente a necessidade de *provar* que este tipo de importação pode dar certo em Portugal, criando para tanto dentro de seu texto uma voz que fala, a partir de uma paródia, do ponto de vista dos saudosistas, a qual responde, como podemos ver abaixo:

---

<sup>374</sup>SÉRGIO, António. "O self-government na escola". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.25.

(...) mas agora perguntará o leitor, se é dos que andam ao lambisco de abstrusidades raciais: -e quem lhe diz a você, seu "estrangeirado" duma figa, que a tal autonomia escolar dos Yankees se possa instituir com estudantes meridionais, almas de sonhos e de quimeras, lucilantes corações de pura ardencia juvenil, etc., etc., , etc. (aquí a hinologia patrioteira sobre os sentimentos raciais): sim, quem lhe diz?

Ora, quem me diz é o grande argumento decisivo da experiencia: mais meridionais do que nós outros, de sangue mais esquentado ou mais ardente, e outras ardenças correlativas, são os habitantes da ilha de Cuba, - onde, a despeito de tudo isso, deu o sistema americano "magníficos resultados", como aprenderéis pela leitura dum volume oficial: o *First Annual Report of the Commissioner of Public Schools* (...).<sup>375</sup>

Como podemos ver Sérgio não resistiu a ironizar as posturas saudosistas e, a mais uma vez, contrapor algo bastante definido - neste caso os efeitos práticos já alcançados por este sistema educacional em um outro povo meridional- ao discurso *patrioteiro* de seus antagonistas. Após este trecho, porém, ele tomará a sério a sua tarefa e, depois de citar uma série de trechos do livro por ele acima indicado, que confirmam o efeito benéfico deste tipo de educação, explicitará, nesta e nas outras partes subseqüentes, quais são os fundamentos do *self-government escolar*. De forma bastante sintética, já que uma explicação detalhada escapa a nossos objetivos, este sistema tenta transformar a escola em um pequeno município, em que os alunos elegem seus representantes, fazem suas leis, criam seus tribunais e sua polícia. Sérgio considera este sistema muito interessante pois permite que as crianças aprendam a ter deveres e direitos, e que percebam que as necessidades da comunidade precisam ser postas em primeiro plano, pois só assim cada um dos participantes da mesma poderá ter certeza de que os seus direitos estarão garantidos. Ao longo da detalhada explicação que é feita, em alguns momentos podemos encontrar referências que se relacionam mais estreitamente com a peculiar situação política de Portugal, referências estas que nos interessam mais de perto.

Ao falar das vantagens deste sistema educacional, e contrapô-la ao método tradicional de governação escolar, encontramos a primeira referência mais concreta ao país:

(...) o habito escolar de obedecer a uma governação de que o estudante não participa, amolda um futuro cidadão que aguentará apáticamente todas as bandalheiras, todos os abusos, todas as traficâncias dos politicos de profissão (Suas Excelencias os profissionais que me perdõem: mas é isto mesmo); ficam assim desde o tempo dos estudos determinados os nossos habitos e conduta para com o governo da comunidade: e os jornalistas da opposição, ou os tribunos palradôres (esses mesmos uns grandes gajos) poderão levantar em nossas almas *opinões* de

---

<sup>375</sup>Ibidem. p.25-26.



protesto, e mesmo arranques passageiros, mas não desviam o nosso proceder de todos os dias, o nosso cívico character, o qual constitue, repeti-lo-ei, a unica força reformatriz de verdadeira eficiência. Trazemo-la todos das escolas - a albarda da resignação.<sup>376</sup>

Se aqui nos lembrarmos que já Antero havia apontado a *apatia* e a tendência a *esperar passivamente que todas as soluções viessem do governo* como duas das características típicas dos povos peninsulares que os impediam de progredir<sup>377</sup>, e se pensarmos que em uma perspectiva bastante diversa desta, também é esta apatia que os saudosistas pretendiam combater<sup>378</sup>, poderemos perceber que, realmente, Sérgio não está apenas propondo que se importe um sistema educacional que deu certo em outros países, mas que de fato acredita que esta é a forma através da qual Portugal poderá se reformar, já que uma das capacidades que faltam aos portugueses é a de aprenderem a atuar, de forma mais sistemática e consistente, na política nacional.

No início da última parte deste artigo, antes de se referir a um tipo específico de *self-government* em que os estudantes vivem em uma comunidade que não é só uma escola, mas também uma pequena república com leis e dinheiro próprios, a *Junior Republic*, Sérgio faz um longo arrazoado sobre as possíveis dificuldades de implantação deste sistema educativo, e como elas podem ser superadas:

Já certamente me opusesstes a seguinte objecção: uma reforma escolar como proponho (educação civica pelo Municipio; desparasitação do português com basearmos o ensino no trabalho profissional) só terá longes de possivel quando a empuxe uma necessidade sentida no espirito ambiente, - neste nosso ambiente de preguiça velha, bafio de uma historia façanhosa, de onde saiu a criança, o seu papá e o seu mestre: e está ela portanto dependente de uma prévia revolução do espirito nacional. Eis aí a dificuldade.

(...) [esta] objecção é justissima, e significaria realmente uma barreira insuperavel para o puro pedagogo, se as necessarias condições as não lograssemos estabelecer nos fundamentos da propria escola, e se esta devesse continuar no que tem sido até agora: uma especie de *guichet* adentro do qual o professor impinge, sob a forma de conhecimentos, as senhas exigidas por um Programa de habilitação do seu aluno a qualquer talher orçamental nas Cozinhas Burocraticas. Os concursos

---

<sup>376</sup>Ibidem. p. 27.

<sup>377</sup>Cf. QUENTAL, Antero de. *Prosas Sócio-Políticas*. p.293-294.

<sup>378</sup>Como pudemos ver em vários dos textos saudosistas que analisamos é afirmado que o que falta aos portugueses é *vontade* ou *alma*, ou seja, algo que os arranque da apatia em que vivem. Bons exemplos disto são tanto o texto CORTESÃO, Jaime. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 118-124. como praticamente todas as participações de Pascoaes na polémica, em que esta afirmação é insistentemente repetida das mais variadas formas.

do Estado impõem as habilitações, que impõem os Programas; e a ânsia geral de ser do Estado traz a universal aceitação e tirania do Programa. Se porém fixarmos o pensamento de que o Programa não obriga quem não pretenda mamar no estado (...) convencer-nos-emos de que é absurdo o ataque directo do Programa, simples efeito necessario da verdadeira pústula pedagogica: o alimentarismo de Estado, o parasitismo secular.

Assim pois, aquele impulso vitalizante que a sociedade não dá á escola porque ela propria o não contém (em Portugal) somos levados a fazê-lo sair da constituição da propria escola. E como? Sujeitando as crianças ás exigencias espontaneas, a um tempo naturais e ideais, de uma verdadeira sociedade, - com o pró de que na sociedade infantil podemos nós suprimir as tendencias patogénicas que intoxicaram a nossa adulta.<sup>379</sup>

Este mesmo tipo de concepção, que ataca o que para Sérgio é o maior mal do país, o parasitismo de estado, reaparece de forma clara no final deste artigo, em que explicita qual é, para ele, a verdadeira *luta social*:

(...) a verdadeira luta social (...) não é a de operarios e patrões que os marxistas apregôam, mas a dos produtores e não-produtores, - a dos operarios, patrões, cientistas e mesmo capitalistas de um lado, e do outro lado os parasitas de toda a especie, entre os quais o da politica é o mais nocivo, o mais infeccioso, - e o mais gargantuesco.<sup>380</sup>

Como podemos ver este longo texto de Sérgio está intimamente vinculado com o conjunto de suas reflexões na revista. Trata-se de uma proposta *concreta*, em uma revista em que estas são extremamente raras, de através da educação revolucionar de forma radical a própria estrutura que, segundo este autor, mantém o país em um atraso secular. De fato, se as referências e ataques ao Saudosismo só aparecem no início deste artigo, em seu conjunto ele é profundamente anti-saudosista, pois ignora completamente tudo o que este movimento considerava como fundamental, e neste ignorar transforma todas as questões que embasam as reflexões deste movimento em *não-questões*. A trajetória passada do país, as suas mitologias, a importação ou não de modelos estrangeiros e tudo o mais que constitui a base da pregação de Pascoaes e de seus companheiros não importa. Neste artigo importa tão somente o estado precário em que o país se encontra, os motivos pelos quais esta precariedade se perpetua e a forma mais eficiente de os rasurar. Ao propor uma forma de combater o *parasitismo* e a *passividade* como a solução definitiva para os problemas portugueses, Sérgio implicitamente reduz todas as demais questões a pura retórica, como

---

<sup>379</sup>SÉRGIO, António. "O self-government na escola". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.119-120.

<sup>380</sup>Ibidem. p.124.

muitas vezes havia afirmado na polémica, retórica inútil e perniciosa pois só tende a perpetuar o atraso em que Portugal se encontra.

Estas questões voltam a aparecer no texto de Pascoaes que acima citamos, mas agora vinculadas à guerra européia. Em seu artigo o autor de *Maranus* pela primeira vez na revista interpretará esta guerra como um conflito de duas *almas* que se degladiam há séculos: "a celto-romana e a germanica"<sup>381</sup>. Enquanto a primeira, para ele "é a actual representante da civilização greco-judaica, firmada no culto enternecido da Beleza, da Justiça amável, da lei por todos consentida; a benéfica e fraterna civilização christã"<sup>382</sup>, a segunda "repele os sentimentos de simpatia e fraternidade, elegendo a Força material e insensível que quer construir a sua obra sobre a ruína dos outros povos. É uma civilização hostil ás outras civilizações (...)"<sup>383</sup>.

Como podemos ver, existe um interessante deslocamento nas reflexões de Pascoaes. Se até aqui ele tinha, sistematicamente, colocado em um único bloco as nações desenvolvidas, principalmente a França, a Inglaterra e a Alemanha, e a elas oposto Portugal, considerando que enquanto aquelas possuíam apenas corpo, caberia a este fornecer a alma que lhes faltava<sup>384</sup>, agora muda sua perspectiva, considerando que a única nação que se baseia apenas na *força material* é a Alemanha, enquanto que as demais são representantes da civilização greco-judaica, que possuem, entre outras características, o *culto enternecido da Beleza*. Este deslocamento produz, obviamente, efeitos na própria visão que tem de seu país. Neste texto não mais encontramos a esperança de que Portugal venha a fornecer uma *alma* para uma Europa materialista, e sim de que os portugueses aprendam, a partir do *esforço de alma* característico principalmente dos belgas, a também se sacrificar, como podemos ver nos trechos abaixo:

O belga sacrifica a vida, a mulher, os filhos, os haveres por este ideal, por este sonho, - a patria belga! Supremo sacrificio! Mas, ai, n'este mundo, todas as grandes obras se firmam sobre alicerces de cadavres! A morte está ao serviço da Vida. Morrer materialmente é viver espiritualmente. Morrer como cidadão é viver como Nacionalidade. (...)

---

<sup>381</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Portugal e a guerra e a orientação das novas gerações". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.161.

<sup>382</sup>Ibidem. p. 161.

<sup>383</sup>Ibidem. p. 161.

<sup>384</sup>Esta concepção aparece de forma lapidar, por exemplo, no artigo "O paroxismo", que atrás analisamos.

(...) a Belgica, atravez do seu martirio, eleva-se; já divina e immortal, sobre todas as patrias; é a patria-simbolo, a patria-ideia viva, - a fonte d'uma nova Illiada.

Quem transformou o pequeno Paiz burguez comercial e industrial n'um povo sublime que vae dar á Historia as suas paginas mais belas? O perfeito espirito de sacrificio, o patriotismo elevado a Deus!<sup>385</sup>

A hora é magnífica para a educação moral dum Povo. A Europa converteu-se n'um grande foco de heroismo, de sacrificio, de dôr, onde as virtudes essenciaies do homem se retemperam. A atmosfera europeia é tragica, magnifica, sublime, contrario a esse deprimente cosmopolitismo em que as nações se diluam, e reveladora e creadora do seu character, da sua presença viva sobre a terra.

Ha febres que purificam o corpo de velhas doenças. Assim a tremenda febre europeia elevada ao delírio das batalhas, limpará o antigo continente dos seus antigos achaques; dar-lhe-ha vigor e mocidade.

Portugal não pode ficar insensivel a este terramoto; estremecerá tambem nos seus abalos. Chegou a hora do Sacrificio, e a hora do sacrificio é a hora da Redempção.

Se fôrmos para a guerra, mostraremos ao mundo que estamos prontos a morrer pela patria, que sômos Alguem que vive porque quer viver, e Portugal creará então novas raizes na Historia. Por elas absorverá nova seiva, nova energia.<sup>386</sup>

Assim a guerra transforma-se, agora, numa via possível para o reerguimento nacional. Ela poderá *consumir a velha doença* que aflige o país, a falta de amor por

---

<sup>385</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Portugal e a guerra e a orientação das novas gerações". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.165.

<sup>386</sup>Ibidem. p.166. É bastante curiosa a proximidade que podemos encontrar entre estas idéias expressas por Pascoaes, em especial as que estão no segundo parágrafo acima reproduzido, e o trecho abaixo do manifesto futurista, movimento por sinal duramente atacado pelo autor de *Jesus e Pã*, como vimos ao tratar dos textos presentes no quinto volume, em sua conferência *A Era Lusitana*:

"Nós queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo- o militarismo, o patriotismo, o gesto destrutor dos anarquistas, as belas idéias que matam, e o menosprezo à mulher" (MARINETTI, F. T. "O Futurismo". Apud. TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. p. 92.)

Além da visão comum da guerra como algo que higieniza ou purifica, e portanto benéfica, obviamente Pascoaes também glorifica o patriotismo e, em outro trecho, como podemos ver abaixo, exalta as *idéias que matam*:

"O homem só dá a vida pelo ideal, ou esse ideal seja patria, a alma dum povo, uma crença religiosa, a liberdade, a justiça, o direito.

(...)

O homem, na verdade, não é o fim da vida: é um meio, um meio animal e humano visando um fim espiritual: patria, humanidade, religião, familia, justiça, liberdade..." (PASCOAES, Teixeira de. "Portugal e a guerra e a orientação das novas gerações". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.165.)

Se são evidentes as grandes diferenças entre Saudosismo e Futurismo, podemos perceber que, apesar delas, existem alguns pontos de contato que caberiam ser estudados.

Portugal<sup>387</sup>, e transformar a relação dos homens com a sua terra. Como afirma Pascoaes em outro trecho, "Chegou a hora de se não viver de Portugal, mas para Portugal. E viver para Portugal, que está em perigo como todos os povos latinos, é morrer por ele."<sup>388</sup>

Como vemos existe aqui uma mudança radical de perspectiva para Pascoaes. Se, em síntese, ele continua apontando a falta de um *sentimento nacionalista*, a falta de *alma*, como a maior doença do país, vê agora na guerra, algo de fato *exterior* ao país, a grande possibilidade de reerguimento nacional. Não nos parece casual, assim, o grande destaque que foi dado à Bélgica em seu texto. Se a guerra conseguiu transformar um *pequeno País burguês comercial e industrial* em uma *pátria-símbolo*, parece-nos que Pascoaes espera que ela também possa transformar a "vil caricatura da França"<sup>389</sup>, a que as gerações passadas haviam reduzido Portugal, de novo em uma Pátria.

Se no final de seu artigo Pascoaes voltará a se referir a alguns dos pressupostos básicos que haviam percorrido muitos de seus textos, como de que nas *letras pátrias* "se advinha o alvorear d'uma nova ideia que deverá ser a estrela orientadora das novas gerações", ou que um "povo sem caracter, sem alma, sem uma actividade superior, pode ser tudo, menos uma patria", é inegável que mesmo quantitativamente estas idéias ocupam um pequeno espaço se comparado ao longo tempo que fala sobre a guerra. Além disto duas outras características de seu texto também nos indicam que esta esperança na guerra pode estar relacionada com uma certa descrença na pregação que até então havia executado: não só Pascoaes deposita todas as suas esperanças de reerguimento nas *gerações novas*, como, por sinal, o próprio título do artigo já o indica, como também em nenhum momento ele chega a falar explicitamente da Saudade. Todas as referências a ela são indiretas, meio veladas, como o trecho que acima citamos sobre o *alvorear d'uma nova ideia* que, em nenhum momento, é nomeada. Parece, hipótese que mais à frente poderemos confirmar, que ele nem mais acredita em seus companheiros de geração, nem que a Saudade possa se transformar na nova deusa que dará um espírito à materialista Europa. Assim este texto, apesar da esperança que ainda carrega, soa um pouco como um epitáfio ao movimento que, nos últimos volumes, ele quase sozinho defendeu.

---

<sup>387</sup>Certamente Pascoaes vê o estrangeirismo como uma *doença*, e neste texto expressa isto de forma clara:

"Desnacionalisar um Povo é roubar-lhe o caracter, a fonte de todas as energias. Por isso, nós padecemos *d'esse mal*: a falta de caracter! Terrível *doença* que transforma em nodoa o desenho da nossa intima fisionomia!" (Ibidem, p. 167. Os itálicos são nossos.)

<sup>388</sup>Ibidem. p.166.

<sup>389</sup>Ibidem. p.167.

Como antes indicamos, e agora pudemos confirmar, este volume marca uma profunda mudança no papel que o Saudosismo, e junto com ele a questão nacional, possuíam dentro de *A Águia*. Não apenas são poucos os textos que tocam nesta questão e/ou defendem o movimento, mas no próprio texto daquele que, sistematicamente, apostou no reerguimento do país através da Saudade e da recuperação das características nacionais, pudemos notar significativas mudanças. De fato parece que apenas Sérgio, que durante mais de um ano brandiu sua *espada de pau* contra os *relâmpagos* de seu adversário, sai incólume desta longa batalha. Mas mesmo ele, como poderemos notar, não chegará a ocupar o vácuo deixado por seus antagonistas, e Portugal, enquanto realidade a ser reelaborada ou reformada, ocupará um espaço absolutamente marginal nos próximos volumes.

### 3.4 Após o sexto volume: a diluição da questão nacional

### 3.4.1 Introdução

Como já pudemos notar na análise do último volume, com o fim da polêmica Sérgio-Pascoaes a questão nacional perderá muito da importância que tinha, e passarão a ser bem mais esporádicos os textos que vão referir-se ao país enquanto realidade a ser interpelada, e ainda mais raros os que se referem ao movimento saudosista que, como vimos, foi a principal forma de análise da realidade nacional durante os primeiros três volumes e uma das duas fundamentais ao longo dos três seguintes. Tendo em vista que o nosso objetivo é o de rastrear as imagens de Portugal presentes nesta segunda série, a maior parte do nosso trabalho já foi realizada ao analisarmos estes volumes iniciais, únicos em que elas, de fato, foram primordiais.

Em relação à problemática nacional podemos dividir os volumes que agora iremos abordar em dois grandes segmentos cujo marco divisor é o assumido desligamento de Pascoaes da direção da revista, através de uma carta que foi publicada no décimo primeiro volume, desligamento que, de fato, significou o seu total afastamento da mesma, já que após este momento não mais publicará nesta segunda série de *A Águia*<sup>1</sup>.

No primeiro segmento, anterior à saída do autor de *Maranus*, ainda encontramos vários textos em que a questão nacional será abordada, mas, na sua grande maioria, esta estará vinculada à Primeira Grande Guerra, como ocorreu com o último artigo que atrás analisamos. Nele tentaremos não só identificar as várias formas como em *A Águia* se entrecruzam a guerra com o tema nacional, mas também verificar como, através de sua colaboração na revista, Pascoaes, que foi nos últimos volumes com os quais trabalhamos o único colaborador que ainda estava viceralmente ligado ao Saudosismo, vai se afastando das premissas que caracterizavam este movimento.

A partir do décimo primeiro volume, como veremos, o desaparecimento do tema da guerra nos textos de autores portugueses<sup>2</sup> gerará também o fim da questão nacional. Existirão apenas artigos esparsos em que a realidade portuguesa será interpelada, e, mesmos nestes, encontraremos ou uma preocupação com a realidade imediata, ou uma repetição de antigas propostas já antes apresentadas. Esta característica - que como poderemos notar já

---

<sup>1</sup>Ver a tabela I no "Anexo". Pascoaes voltará a publicar em *A Águia*, quando do surgimento, em 1922, da terceira série dirigida por Leonardo Coimbra. No primeiro número desta, único a que tivemos acesso, publicará a "Oração Sebastianista", de que mais a frente falaremos.

<sup>2</sup>Se nos referimos aos *textos de autores portugueses* é porque o tema da guerra ainda aparecerá, mas estará confinado à uma seção, "Os novos tempos e sua literatura", em que serão publicados textos de autores estrangeiros, na sua quase totalidade franceses, traduzidos por António Arroio.



estará presente naqueles textos do primeiro grupo de volumes não relacionados com o tema do confronto mundial - fará com que nossa análise, neste momento, se detenha muito mais nas grandes linhas orientadoras da revista que podem ser vinculadas com este desaparecimento de Portugal enquanto questão, do que propriamente no estudo dos artigos que se referem ao país, já que eles, pelo que apontamos, pouco interesse terão.

### 3.4.2 *A Águia* até a saída de Pascoaes: do sétimo ao décimo volume

#### 3.4.2.1 Pascoaes e o fim do sonho saudosista

No final do número triplo 61-63, de janeiro a março de 1917, constante do décimo primeiro volume de *A Águia*, é publicada a seguinte carta:

Amarante, 5 de janeiro, 917

*Ao ilustre presidente da Comissão  
Executiva ou á pessoa que mais idonea fôr:*

Venho declarar a V. que deixo, a partir d'esta data, de ser o director literario da *Águia*, órgão da *Renascença Portuguesa*, não prescindindo, todavia, da honra de continuar a ser socio da referida sociedade.

De V., com a maior consideração, confrade muito agradecido.

TEIXEIRA DE PASCOAES<sup>3</sup>

Pascoaes de fato já vinha *desistindo* de *A Águia* há algum tempo, o que pode ser comprovado pelo significativo decréscimo que a sua colaboração sofreu a partir do sexto volume, já que do sétimo ao décimo volume publicou no total apenas dez textos, que abaixo indicamos:

1. "O Tempo". v.7. p. 1-3.
2. "A Bélgica". v.7. p. 227- 228.
3. "Uma carta a dois filósofos". v.8. p. 11-19.
4. "Da Guerra". v.8. p.57-61.
5. "Carta". v.8. p.198.
6. "Miss Cavell".v.8. p. 210-212.
7. "A Beira num relâmpago".v. 9, p. 1-7, 47-57, 78-85.
8. "A Guerra".v.9. p.109-111.
9. "Á França".v.10. 1-3.
10. "Aos Lusíadas".v.10. 57- 61.

---

<sup>3</sup>PASCOAES, Teixeira de. "A direcção da *Águia*". *A Águia*, 2ª série, v. 11, p.162.

Além de uma colaboração significativamente menor, estes textos mostram claramente que o papel de Pascoaes no interior da revista se altera de forma radical. Se ao longo dos últimos três volumes havia assumido a postura de líder do movimento saudosista, e por ele degladiado com António Sérgio, agora ocupará uma posição bem mais modesta. Ainda estará vinculado a algumas das tendências presentes em *A Águia* -das obras acima citadas sete estão relacionadas com a guerra<sup>4</sup>, o principal tema destes volumes-, mas não mais nela ocupará uma posição central. Um bom exemplo deste *afastamento* é o número parcialmente dedicado a Sampaio Bruno, que recentemente havia falecido. Não só, apesar de teoricamente ainda ser o diretor literário da revista, não é o organizador do mesmo, como nele apenas participa com uma breve carta em que afirma que para escrever sobre o autor de *O Encoberto* precisaria de "trabalho, tempo e competencia"<sup>5</sup>, e que não dispõe de nenhum deles<sup>6</sup>.

Além disto a própria guerra fará com que Pascoaes altere algumas das posturas que antes possuía. Os *deslocamentos* que havíamos notado no último texto que analisamos do autor de *Maranus*, a transformação da França e dos demais países latinos em representantes da *espiritualidade*, em oposição à Alemanha, país puramente material, será um mote insistentemente glosado em seus textos publicados nestes volumes, incluindo também, entre os países *espiritualistas* a Inglaterra, que em um de seus artigos chegará a considerar como "idealista e descuidada, quasi latina"<sup>7</sup>, e, por isto fazendo parte daqueles "Povos vítimas do seu desequilíbrio superior, imprevidentes no seu sonho de Beleza e Redenção"<sup>8</sup>. Posturas

<sup>4</sup>Dos textos citados apenas o terceiro, o quinto e o sétimo não estão relacionados com a guerra. O "Uma carta a dois Filósofos" trata-se de uma análise comparativa das perspectivas filosóficas de Coimbra e Teixeira Rego, em que Pascoaes opta pela do primeiro. O quinto é uma breve carta escrita para o número em homenagem a Sampaio Bruno, recentemente falecido, enquanto que o "A Beira num relâmpago" é parte de um livro que então Pascoaes estava escrevendo e que não chegou a publicar integralmente como parece que pretendia, já que no final do último fragmento encontramos um "(Continua)".

<sup>5</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Carta". *A Águia*, 2ª série, v. 8. p.198. Esta carta de Pascoaes é endereçada ao "Meu caro Alvaro Pinto" (Ibidem, p.198) o que parece indicar ter sido o então *secretario da redacção e administrador*, funções que vêm indicadas na primeira página do volume, quem organizou a "Homenagem a Bruno" presente neste número da revista, o 48, de dezembro de 1915.

<sup>6</sup>Outro bom exemplo é a seção "Portugal e a guerra", publicada no número triplo 52-54, que também foi organizada por Álvaro Pinto, como podemos deduzir da carta enviada por Raul Proença, em que ele se dirige diretamente a este editor -em um dado momento de seu texto, que mais à frente analisaremos, Raul Proença nomeia seu interlocutor como sendo "meu caro Alvaro Pinto" (PROENÇA, Raul. "Unidos pela pátria!". *A Águia*, 2ª série, v. 9. p.123.)- sendo que no início da carta havia dito que "(...) não posso deixar de escrever algumas linhas para o número especial que o meu amigo houve por bem e tinha o dever patriótico de consagrar à nossa intervenção na guerra europeia" (Ibidem, p.119).

<sup>7</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Da guerra". *A Águia*, 2ª série, v. 8. p.59.

<sup>8</sup>Ibidem. p.59.

próximas a estas podem ser encontradas nos trechos abaixo, retirados de dois dos artigos de Pascoaes:

Quem não hade amar os Povos quixotescos, nossos irmãos na loucura? E quem não hade odiar esse tremendo Sancho musculoso, todo amassado em fria argila racional, cujo constante pensamento é alargar a sua Baratária?<sup>9</sup>

Sim: Portugal não podia deixar de ser beligerante. Exigia-o a situação da Inglaterra n'este conflicto; da Inglaterra, secular garantia da nossa independencia. Exige-o tambem a França, cuja existencia é essencial á nossa existencia, á existencia de toda a raça latina e da propria Humanidade.

Como portugueses devemos amar a França até ao sacrificio, porque a França é a nossa maior Irmã; como latinos devemos amar a França até o sacrificio, porque a França é a grande depositaria do espirito latino; como homens devemos amar a França até ao sacrificio, porque foi ela a emancipadora dos homens, foi ela que lhes deu liberdade, amor proprio, a justiça, o direito, a consciencia da sua pessoa autonoma. Foi ela que lhes deu vida, que os elevou de cousa escrava a um ser livre.<sup>10</sup>

Se nos lembrarmos da forma como criticava a visão *materialista* presente na França e na Inglaterra, cujo complemento natural, necessário e superior seria a *alma* que estaria sendo gerada por Portugal, podemos perceber a imensa distância que separa as posturas acima do que antes pregava. Em especial devemos notar que o mesmo constitucionalismo que antes considerava como um *veneno* para o país, é na última citação transmutado em dados benéficos para a raça humana: a liberdade, o direito, a consciência de autonomia, a transformação do escravo em ser livre.

Esta visão positiva da França, que de modelo a ser evitado se transforma em exemplo a ser seguido, ganha contornos grandiosos no "À França", que abre o décimo volume, do qual retiramos as estrofes abaixo:

França, Patria de Deus, altar sagrado!  
Donzela do Heroismo, Virgem pura  
Calcando aos pés um monstro subjugado!

Na tua frente a luz do sol fulgura,  
E ergues na mão direita o gladio eterno  
Que rasga de alto a baixo a noite escura!

---

<sup>9</sup>Ibidem. p. 59.

<sup>10</sup>PASCOAES, Teixeira de. "A guerra". *A Águia*, 2ª série, v. 9, p.110-111.

(...)

Ó França, ó alma humana, toda erguida  
n'um impeto divino, (eterna gloria!)  
Contra a bruta Materia já vencida!<sup>11</sup>

Em relação especificamente a Portugal, Pascoaes transforma a guerra, nestes volumes, no caminho natural para o renascimento do país. Já no texto que abre o sétimo volume temos o trecho abaixo:

O anno que passou, ficará tinto de sangue na Memoria.(...) Porisso, é negra em nossa alma a sombra das Horas que passaram, já tingidas de sangue português! Que ela (sic) caia, gota a gota, em nossa alma, incendiando-a de patrio amor! Que ele fecunde a nossa alma envilecida e a nossa terra desprezada! Que ele seja como que o tragico baptismo de uma Patria a resurgir! E as Horas de heroismo, alegres de beleza sublime, voltarão a dançar em volta do sol, que é o simbolo da victoria.<sup>12</sup>

Esta esperança de reerguimento através do heroísmo há muito inexistente no país, convive ao lado de textos em que se acumulam referências pessimistas sobre Portugal. Para só citarmos dois exemplos, no "Uma carta a dois filósofos", texto em que contrapõe as filosofias de Leonardo Coimbra e Teixeira Rego, e em que a questão nacional não está presente excetuando-se o momento que abaixo citaremos, em um dado momento, quando fala do pessimismo que atribui ao segundo pensador, temos o seguinte trecho:

É tão facil, n'este mundo, ser pessimista! É mais facil ainda em Portugal, a terra do desanimo aggressivo, onde todos desejam converter a sombra da sua nulidade n'uma noite impenetravel que tudo esconda e sepulte,- diluvio que tudo afogue!<sup>13</sup>

No texto "Da guerra" encontramos outro trecho em que está presente esta visão pessimista sobre o país:

Não ha portugueses. Ha politicos. Vale mais para nós o predomínio do nosso partido do que a honra e a independencia da Patria. Se a victoria da Allemanha assegurasse as instituições republicanas, não haveria um republicano que fôsse francofilo. Se a victoria da França restaurasse a Monarchia, entre os

---

<sup>11</sup>PASCOAES, Teixeira de. "À França". *A Águia*, 2ª série, v.10. p.2-3.

<sup>12</sup>PASCOAES, Teixeira de. "O tempo (1914 e 1915)". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 3.

<sup>13</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Uma carta a dois filósofos". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 14.

monarchicos não haveria um germanofilo. Não ha portugueses. Ha politicos. A nossa terra é um cenário de acaso, onde se representam egoismos, falcatruas, miserias...

Portugal deixou de viver, porque deixou de ser amado e compreendido. Não é mais que um pobre creado que só tratamos bem quando nos serve... Portugal não existe; existem partidos. Uma corôa real e um barrete frigio, vêde a pobre constelação de farrapos, em volta da qual gravitam as nossas almas (?)...

Toda a miseria moral em que vivemos, explica a nossa atitude perante a guerra,- atitude de phantasma trapaceiro.<sup>14</sup>

Podemos assim verificar que existem mudanças significativas nas concepções pascoalinas. A visão entranhadamente otimista que caracterizava o Saudosismo, movimento que acreditava, apesar de todas as mazelas e, muitas vezes, por causa delas<sup>15</sup>, no futuro grandioso que cabia ao país, se transmuta, nestes textos de Pascoaes, em uma perspectiva pessimista, em que o país não existe, que é usado da forma que for mais conveniente para cada partido que neste território existe, em que todos querem que Portugal seja um reflexo da sua nulidade. Nesta perspectiva sem esperanças, a guerra e o exemplo dos outros países em que o povo se sacrifica por sua pátria, morrendo para que a pátria viva, se transforma na última esperança de incendiar os últimos resquícios de portuguesismo que ainda possam existir neste país em que *não há portugueses*. É nesta perspectiva que devemos ler o mais significativo e último texto de Pascoaes nestes volumes, o "Aos Lusíadas", em que o incitamento à guerra se transforma em uma oração de um eu lírico que espera o advento de um milagre:

Ó Portugal, ó terra do meu berço,  
Do meu corpo e da minha sepultura,  
Quizera-te cantar em alto verso!

Cantar novas proezas da Aventura.  
Grandes feitos de nova Tentação,  
Que te elevem, ó Patria, a imensa altura!

Trémulo de divina comoção  
E de divino orgulho, eu bem quizera  
Ver a espada fulgir na tua mão!

Eu ouço a voz da França que te espera,  
A do Belga e a do Sérvio destemido

<sup>14</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Da guerra". *A Águia*, 2ª série, v.8, p. 60-61.

<sup>15</sup>Pensamos aqui, entre outros aspectos, na visão de que era o atraso português que não permitia que ele fizesse parte da *Ilusão* materialista.

Que por lutar, de novo, desespera!

(...)

Ah, quão profundamente me comovo,  
Sentindo a bruta ameaça dirigida  
À nossa patria terra e ao nosso povo!

Oferecei á Patria a vossa vida!  
Sede hoje como fostes no Passado:  
Alma de sacrificio não vencida!

Aquele forte braço ás armas dado;  
Cavaleiro amoroso e sem temor,  
A grande estatua em bronze do soldado!

Nova acção ide dar a um novo amor!  
Que a nossa Patria escura de tristeza,  
Em nós se exalte e cubra de esplendor!

(...)

Chegue o instante da grande criação!  
Volte a ser Viriato e Castro, o forte,  
O phantastico rei Sebastião!

Ide, encarae, sem mêdo, a propria Sorte!  
Subi áquela altura transcendente,  
Em que a nossa alma, a rir, contempla a morte.

(...)

Acorda, Portugal, do teu desmaio!  
Que o nevoeiro da Lenda matutina,  
Escureça, ribombe e gére o raio!

Christo de Ourique, Apparição divina!  
De novo, aos nossos olhos te revela  
E uma nova coragem nos ensina!

Ó Deus da minha Patria, olhae por ela!  
Dae á sua bandeira nova gloria,  
Pregae, nas suas dobras, uma estrela!

Dae sobrehumana vida á nossa Historia!  
Nos longes do Passado eternisada,  
Mas fria, a face extatica e marmorea!

Ah, que ela resuscite, aureolada,

Sacudindo a poeira dos vestidos,  
A penumbra das eras, consagrada.

Que ela reviva os seculos perdidos,  
Mas grandes, novos feitos cometendo,  
Dignos de ser em marmore esculpidos!

Ó Templo dos Jeronimos, erguendo  
Flexas de alma, no Azul, em ti, murmura  
Negro sermão de exequias, descrevendo

A derrota de Alcacer! Noite escura  
Que sobre nós desceu e em nós ficou,  
E é a nossa propria sombra de amargura.

Desânimo que assim nos transformou  
Em falecidos vultos espectraes  
Queimados dum incendio que passou...

Que pelas tuas naves, aureoraes,  
Novos himnos de gloria, n'um espanto,  
Varram as velhas sombras sepulcraes!

Ó Deus de Ourique, ouvi meu pobre canto,  
Embora numa voz que já perdeu  
A unção divina, a graça, o etéreo encanto!

Portugal, esse grande mausoleu,  
Deslumbrae-o, fazei-o estremecer,  
Quebrae-lhe a fria tampa, á luz do ceu!

Que á nossa pobre sombra a padecer,  
Phantasma secular, emfim, regresse  
O Dom Sebastião do nosso sêr!

Abraza-te, Esperança! Em nós, floresce!  
Dá-nos o sonho em fogo, a febre de alma  
Em que, hoje, toda a França resplandece!

Irmãos, senti o Amor que tudo inflama!  
Subi á imensa Cruz! Sacrificae-vos!  
Lança-vos, sem temer, á grande chama!

Que o vosso sangue brilhe em rubros laivos!  
Correi á Guerra Santa, heroica gente!  
Sêde novos heroes! Santificae-vos!



Vivei na pura gloria eternamente!<sup>16</sup>

Se reproduzimos quase integralmente este longo poema de Pascoaes, é porque o julgamos paradigmático das posturas que assume nestes volumes, em que, como vimos, são reelaboradas algumas de suas tendências anteriores. Ele o inicia manifestando o desejo de *cantar em alto verso* a sua pátria, desejo que porém só poderá se concretizar se o país deixar de ser o que é -como podemos notar ao longo do poema Portugal é definido sempre por epítetos negativos e recorrentemente como morto- e se lançar em *novas proezas de Aventura*, em *grandes feitos de Nova Tentação*. Estes versos ecoam com um trecho de *A Era Lusíada* em que estes mesmos termos, *tentação* e *aventura* aparecem como caracterizando a missão passada de Portugal, trecho que nos mostra claramente a distância que separa estes dois momentos da reflexão pascoalina sobre seu país<sup>17</sup>:

Sim: a alma lusiada tem de completar a sua obra iniciada com as Descobertas. O espírito da aventura, que é a Tentação do Mistério, levou-a por entre o negrume lampejante dos temporais, através dos mares desconhecidos, *por mares nunca de outrem navegados*; e, no seu regresso à pátria terra, trazia nas mãos o globo descoberto. Eis a nossa dádiva ao género humano. Mas, só por si, o mundo físico é um esboço apenas, é corpo sem espírito.<sup>18</sup>

Se no trecho acima podemos notar que Pascoaes ainda tem esperanças que Portugal dê uma nova *dádiva* ao espírito humano, que complemente a missão iniciada no passado, no poema o desejo é bem mais restrito: ele espera apenas que o país siga o exemplo da França, antes considerada como o modelo de tudo aquilo que o país precisava negar, e que agora possui o *sonho em fogo*, a *febre de alma* que ele espera que também passe a existir em Portugal. Neste poema, bem mais que no conjunto dos textos que até agora analisamos, Pascoaes espera um *retorno do passado*, o retorno das virtudes heróicas que um dia caracterizaram este país, e agora não mais existem. Mas mesmo esta esperança de retorno, esta vontade de imitar a antes tão negada França, excede as forças e características do Portugal de seu tempo como ele é descrito no poema. E este texto, que se inicia como uma exortação aos portugueses, aos quais oferece o espelho do passado para que nele se mire e

<sup>16</sup>PASCOAES, Teixeira de. "Aos lusiadas". *A Águia*, 2ª série, v.10. p. 57-61.

<sup>17</sup>Devemos notar que esta distância, temporalmente, é muito pequena. Esta conferência de "A era lusiada" possui em seu final a data em que foi escrita, "24 de Abril de 1914" (PASCOAES, Teixeira de. "A era lusiada". *A Saudade e o Saudosismo*. p.173.), e este poema de Pascoaes foi publicado no número duplo 56-57, de agosto-setembro de 1916. Portanto estes dois momentos estão separados por menos de 30 meses.

<sup>18</sup>Ibidem. p.173.

o ressuscitem, se transforma depois em uma oração, na esperança de um milagre. Como se apenas com a interferência do divino é que fosse possível esta ressurreição, ele pede que o *nevoeiro da lenda matutina gere o raio*, e passa a dirigir o poema ao *Cristo de Ourique*, ao *Deus da minha Pátria*. Assim não temos mais aqui a crença nas próprias forças, um dos traços fundamentais do Saudosismo que acreditava que Portugal *possuía em si as características necessárias não só para a sua renascença, mas para a renascença do mundo*. Apenas com a intervenção do divino é que este país informe, em que a derrota de Alcácer foi uma *noite escura que sobre nós desceu e em nós ficou* poderá ressuscitar, apenas o Deus de Ourique poderá fazer que o ser de Portugal, desaparecido com D. Sebastião, de novo regresse. Parece que apenas esta ressurreição, efetuada por forças divinas, é que permitirá que o país participe da nova *Guerra Santa*, como havia participado da outra, em que o Cristo de Ourique inicialmente apareceu. Assim se no poema existem vários incitamentos ao sacrifício que poderá redimir o país, na própria forma como ele é montado fica evidente que só *após um milagre prévio* é que estes sacrifícios poderão ocorrer. O país imerso *na noite* só poderá ressurgir se o *Deus de Ourique quebrar a tampa do grande mausoléu* em que ele jaz<sup>19</sup>.

Este texto, último publicado por Pascoaes nesta série de *A Águia*, mostra-nos claramente que para ele, neste momento, o Saudosismo, com todas as esperanças que este movimento depositava no país, não mais existe.

Se o autor de *Maranus* aqui encerra a sua colaboração nesta série da revista<sup>20</sup>, achamos importante analisar de forma bastante rápida alguns trechos de três obras suas que possuem íntimas relações com o que aqui estamos tratando: o *Arte de Ser Português*, cuja primeira edição, de 1915, ocorre durante o período dos volumes que aqui estamos analisando, e duas outras obras que podem ser relacionadas com a visão que,

---

<sup>19</sup>Como podemos notar Pascoaes, neste poema, assume a postura matricialmente expressa por Oliveira Martins em *A História de Portugal*: a de que Portugal morre em Alcácer. Mas possu porém, diferentemente deste historiador, ainda a esperança de que forças divinas possam ressuscitá-lo. Como veremos em breve ele perderá mesmo este último reduto de otimismo em relação ao país.

<sup>20</sup>Como indicamos em nota, Pascoaes publicará um poema, o "Oração sebastianista", dedicado a Gago Coutinho, no primeiro número da terceira série de *A Águia*, texto que abaixo reproduzimos:

"Ó meu rei de fantástica memória, / Passo a vida a rezar a tua história, / Tão verdadeira / E sobrenatural... / Eu rezo a tua infância aventureira / Tua morte num trágico areal. / Rezo a tua existência transcendente, / Numa ilha de névoa, ao sol nascente, / Encantada nos longes da Natura... / E rezo a tua vinda anunciada, / Dentre as brumas daquela madrugada / Que virá dissipar a noite escura." (PASCOAES, Teixeira de. "Oração sebastianista". *A Águia*, 3ª série, v.1. p. 9.)

Como podemos ver, aqui, como no poema que acabamos de analisar, apenas pela intervenção de uma figura sobre-humana é que a *noite* em que Portugal se encontra poderá acabar.

posteriormente, teve do Saudosismo: *Os Poetas Lusíadas*, lançado em 1919, e *A nossa fome*, de 1923.

O primeiro dos livros acima citados é uma tentativa de, finalmente, elaborar o que seria uma *cartilha* para a tão propalada *educação lusitana* defendida pelo Saudosismo, como pode ser visto no prefácio da citada obra, que abaixo reproduzimos.

Este livro, não pelo seu valor literário, mas pelas verdades que encerra, deveria ser lido, estudado e comentado nos cursos de Literatura e História Pátria, sendo certo que poderia mesmo constituir um curso independente e o último dos Liceus, pois a sua matéria abrange, numa síntese superior, as matérias tratadas em quase todos os cursos liceais: Língua Portuguesa, História Portuguesa, Literatura e Arte portuguesas, noções de Higiene, e, pelo estudo da Paisagem, noções de Geologia, Zoologia e Botânica; noções jurídicas, políticas, religiosas, de carácter filosófico, etc.

Tocamos em todos esses assuntos, que o professor desenvolveria até às proporções necessárias para constituírem um curso, no qual, recapitulando-se as ciências já estudadas, se organizariam muitos dos seus princípios em doutrina confirmativa da verdade portuguesa, demonstrada neste pequeno trabalho que obedece a uma lógica perfeita, - garantia de que não mente, a um patriótico intuito, - garantia da sua utilidade.

E assim, a nossa instrução secundária, além das verdades que ensina aos alunos, ensinar-lhes-ia igualmente a verdade portuguesa, cujo conhecimento se impõe como força reconstrutiva da Pátria, dentro do seu carácter, da sua alma tradicional evoluída até ao grau de perfeição atingido pelo espírito humano, no século presente.

Instruir, educar e criar portugueses seria visar um duplo ideal humano e patriótico, a bela conclusão do curso geral dos Liceus.

Não foi a vaidade que ditou as palavras deste ligeiro Prefácio, mas um desejo sincero de me tornar útil à minha terra.

A ideia aí fica, ficando-me também a tristeza de a não ver frutificar<sup>21</sup>

Como podemos ver, ainda aqui Pascoaes apresenta uma visão próxima a que encontramos em seus textos presentes nos seis primeiros volumes, a da necessidade de que os portugueses sejam educados dentro de moldes nacionais, que saibam também a *verdade portuguesa*, sem a qual o país não poderá progredir. Mas já aqui encontramos o mesmo pessimismo que havíamos notado nos textos que acabamos de analisar: uma certa descrença de que esta idéia possa frutificar, ou seja, de que a pregação, que o levou a elaborar este livro, possa produzir os efeitos que esperava. Já aqui, em embrião, temos uma imagem que será, como veremos, bastante clara no *A nossa fome*.

---

<sup>21</sup>PASCOAES, Teixeira de. *Arte de Ser Português*. p.11-13

*Os Poetas Lusíadas* foi escrito a partir de algumas conferências que Pascoaes proferiu em Barcelona, a convite de Eugênio D'ors<sup>22</sup>. Deste livro interessa-nos particularmente o final, em que faz um resumo do que com ele pretendeu, e em que mais uma vez encontramos uma visão depreciativa sobre a realidade nacional:

(...) esboçamos a historia do nosso Sonho, a historia transcendente de Portugal, ou, antes, a biografia da Saudade...

Agora, pousamos a penna com desgosto. Quebrado o encanto em que vivemos alguns mezes, necessitamos de regressar á realidade tão triste e desoladora! É forçoso soffrer a terrivel queda. É forçoso cair d'uma estrela habitada por espiritos divinos, sobre um charco d'este mundo, com rãs a coaxar odios, raivas e vinganças! Lá em cima, o sonho dos poetas, as altitudes sublimes d'uma Raça, a luz astral; - cá em baixo, a acção criminosa dos politicos, lama e sangue...

Que este livro seja, ao menos, um intermediario entre as grandes Almas de outrora e algumas Almas de hoje, que ainda existam, por ventura, refugiadas na sua propria soledade...<sup>23</sup>

Como podemos ver por este trecho final, existe uma mudança de perspectiva fundamental na visão de Pascoaes. Se durante os seis primeiros volumes de *A Águia* acreditara que poderia haver uma harmonia entre *o sonho dos poetas* e a realidade do país, se acreditara que o primeiro poderia vir a modificar a segunda, fazendo com que, graças a ele, ela pudesse se regenerar, agora não mais crê que isto seja possível. Existe um abismo intransponível entre este altíssimo sonho e *o cá embaixo* onde o país vive. Assim este livro não tem mais como destinatário a nação, como tiveram várias das obras ligadas ao Saudosismo, mas tão somente as almas que porventura ainda existam *refugiadas na sua própria soledade*. Desta forma este final é, claramente, uma confissão de impotência em relação à realidade nacional, impermeável aos grandes ideais expressos pelos poetas.

Por fim, cinco anos depois do último texto publicado em *A Águia*, Pascoaes publicará o que é, dos que conhecemos, o mais depressivo dos seus textos sobre o país, e

<sup>22</sup>Abaixo do titulo, na folha de rosto da primeira edição deste livro, temos a seguinte indicação:

"Conferencias realizadas no Institut de Estudis Catalans da cidade de Barcelona, em junho de 1918"(PASCOAES, Teixeira de. *Os Poetas Lusíadas*. [folha de rosto])

No prefácio Pascoaes explica que fez estas conferências em função do "convite que me fez Eugenio d'Ors (...) para eu realizar, em Barcelona, algumas conferencias sobre um assunto qualquer da nossa Literatura", tendo ele escolhido falar sobre "os poetas mais representativos do genio lusitano: *os poetas lusíadas*." (Ibidem, p. I-II.)

A segunda edição de *Os Poetas Lusíadas*, lançada em 1987, não manteve nem a indicação que acima citamos, presente na folha de rosto, nem a dedicatória "À memoria de Rosalia de Castro e Joan Maragall" (Ibidem, p. sem numeração) presentes na primeira edição.

<sup>23</sup>Ibidem. p.311-312.

aquele em que poderemos de forma mais clara perceber os motivos pelos quais acredita que a pregação saudosista falhou, o *A nossa fome*. É dele os trechos que abaixo reproduzimos:

Amo a poesia, os poetas e os labroistas, - os que têm fome, porque Poesia quer dizer Fome. Assim deixa perceber um dos bíblicos autores:

-Nem só de pão vive o homem.-

(...)

Fome! Fome! Eis uma palavra que enegrece as conversas de Café e os artigos dos jornais. E, todavia, entre nós, a fome não existe. (...) Não existe infelizmente. Fome de pão, fome de Deus, frases débeis, entre nós. Sentimos, quando muito, o *apetite*, uma fome educada e atenuada. Fome de pão significa apetite de pão. Fome de Deus quer dizer a mesma cousa, a mesma imagem céptica da fome.

Na língua castelhana, é que esta palavra encontra a sua expressão potente e verdadeira: *Hambre! Hambre* é como a nossa *fome negra* de outros tempos, esse fantasma de Camões a desenhar o Adamastor.

(...)

Ai, de nós! Não temos fome! A maldita saciedade mostrando os dentes inofensivos! Que tragédia! Sim. O dente lusitano é uma figura de retórica, um imaginário marfim para enfeitar sorrisos de donzelas... Não sabemos morder nem mastigar. Debicamos... Fastio, fastio e só fastio e uma cor parda e, muitas vezes, de pardal, na colecção de fisionomias exposta por essas ruas.

(...)

Ai de nós, que não temos fome! Nem de pão, nem de Deus, nem mesmo do demónio!

Somos um corpo morto e uma alma fingida, o reflexo frio duma alma que ainda voa nas estrofes d' *Os Lusíadas* e sobre o túmulo ignoto do Encoberto.

(...)

Não temos fome, nem sede! Perdemos as entranhas, a íntima caverna onde se cria o leão que devora os bichos, o leão que brame e faz tremer a noite.<sup>24</sup>

Este texto, como podemos ver, é o antípoda da visão otimista que expressou quando da pregação saudosista. Portugal é um país *sem fome*, e nesta ausência de fome, nesta satisfação mesquinha que não gera o desejo, está o centro de sua carência, aquilo que impede qualquer tipo de desenvolvimento. Se em vários de seus textos Pascoaes considerara que o que faltava ao país era *alma*, mas achava que esta alma poderia ser recuperada, pois ela existia, apesar de soterrada, agora parece perceber que o país não só não tem alma, mas também nem possui o desejo de a ter.

Assim a relação entre Pascoaes e Portugal parece terminar de forma melancólica. Se muitas das intuições básicas que agora apresentou serão reelaboradas em obras posteriores, em especial no seu *São Paulo*, nelas não mais contará com este país que considera aqui

<sup>24</sup>PASCOAES, Teixeira de. "A nossa fome". *O Homem Universal e outros escritos*. p. 158-161.

como uma nação que vive reduzida a um estado mesquinho e satisfeito com esta mesquinhez<sup>25</sup>. Seguindo a trajetória de Herculano e de Antero, retira-se para a sua propriedade no Marão e não mais tenta intervir nas questões nacionais.

---

<sup>25</sup>Ver a esse respeito OLIVEIRA, Paulo Fernando da Motta de. "As vozes do profeta". *Pascoaes, biografias: entre o eu e a Saudade*.p.121- 141.

### 3.4.2.2 Portugal e a guerra

Como dissemos, ao analisarmos o final da participação de Pascoaes em *A Águia*, será a guerra o tema mais recorrente nestes volumes que agora estamos estudando. Não só são muitos os textos que dele tratam, mas também existe uma seção específica sobre este assunto, a "Portugal e a Guerra", que foi publicada no número triplo 52-54, o primeiro posterior à declaração de guerra alemã à Portugal<sup>26</sup>. Desta forma, será principalmente pelo crivo desta perspectiva que a questão nacional aparecerá, perspectiva de que agora trataremos, deixando para a próxima parte deste trabalho os outros textos, em bem menor número, em que a citada questão está presente<sup>27</sup>.

A análise da guerra em sua relação com Portugal será recorrentemente feita a partir de duas das perspectivas presentes nos textos de Pascoaes que acima analisamos: em muitas das colaborações presentes nestes volumes, com importantes exceções constituídas pelos textos de António Sérgio e Raul Proença que mais à frente analisaremos, encontraremos o conflito visto como um confronto entre os espíritos latino e germânico, de que Portugal precisa tomar parte pois é integrante do primeiro; e, em outras, a guerra presente será ou posta em confronto com o passado glorioso do país, ou será vista como uma forma de acesso a uma nova grandeza. Assim, enquanto na primeira postura analisa-se a guerra pelo significado que ela teria no continente europeu, e fala-se do papel *necessário* de Portugal enquanto nação europeia e latina, na segunda a perspectiva se desloca principalmente para o sentido que a guerra poderia ter para a realidade e/ou para a história portuguesa.

São muitos os textos que apresentam principalmente a primeira das perspectivas acima. O número 50 da revista, de fevereiro de 1916, se inicia com dois artigos, "Portugal et Brésil" e "Le Portugal et la Latinité", respectivamente de Maxime Formont e Xavier de Carvalho, e um poema, "Aux volontaires de Portugal et du Brésil" de J. Ghil, que apontam para a necessidade de uma união latina contra o *monstro alemão*. E, ao apontarem esta necessidade, indicam recorrentemente as semelhanças que existem entre Portugal -e, algumas vezes, o seu desdobramento para além do Atlântico, o Brasil- e a França<sup>28</sup>. Apenas

---

<sup>26</sup>Este número triplo, que faz parte do nono volume, é o de abril a junho de 1916, e, como sabemos, esta declaração de guerra foi feita em 9 de março de 1916.

<sup>27</sup>Não abordaremos aqui todos os textos que se referem à primeira guerra mundial presentes nestes volumes, mas tão somente aqueles em que esta guerra aparece relacionada de forma mais ou menos explícita com o destino de Portugal.

<sup>28</sup>O primeiro destes textos apresenta estas semelhanças a partir de uma perspectiva em que, claramente, aparece a superioridade francesa em relação a Portugal. Assim, se fala da origem próxima, "La poésie naissante de la Lusitanie ressemble comme une soeur à celle de nos troubadours provençaux ou catalans" (FORMONT, Maxime. "Portugal et Brésil". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 34.), considera, entre outros

a título de exemplo, na poesia referida acima, a França é definida como "France, celte et latine"<sup>29</sup>, de forma análoga à Portugal: "celte et latin, ô Portugal"<sup>30</sup>. Em outro texto, o "Le Portugal devant l'Europe", de M. Leblond, é afirmado que os portugueses "son de vrais Latins"<sup>31</sup> e que é a Inglaterra a verdadeira culpada por Portugal, contra o seu desejo, ainda não estar participando da guerra ao lado dos aliados<sup>32</sup>, ou seja, será atribuída a um país *não latino* a culpa de Portugal ainda ser neutro. Antecede a este artigo uma apresentação não assinada em que, como podemos ver no trecho abaixo, esta perspectiva que aqui estamos analisando também é assumida:

Neste unico momento da Historia, os maiores Povos da Europa discutem a tiro que principios, ideais, sentimentos e interesses deverão prevalecer no mundo.

D'um lado afirma-se que deve prevalecer a violencia, a crueldade e o desprezo dos tratados, a morte dos Povos pequenos, emfim o imperialismo alemão esmagando a terra.

Do outro lado, defende-se o direito que têm á vida todas as Patrias, o respeito pela lei escripta, o culto da justiça, do Amôr, o predominio do Cristianismo, emfim, a humana e amovel Civilização latina que é tambem, por virtude do nosso Passado, uma obra dos portuguezes.

A *Águia* defendeu e defenderá sempre a causa dos aliados. A sua admiração pela França não tem limites. Nunca nenhum Povo subiu tão alto como ela, n'este terrivel e grandioso momento em que a Humanidade se agita n'um terramoto transfigurador. Por isso, a França, será invencivel. Uma Nação que se converte num só homem, não ha meio de a dominar. E quando um Povo se une, como a França, não para esmagar os outros, mas para os salvar, além de ser invencivel, é eterno e eternamente glorificado.<sup>33</sup>

---

aspectos, que "Au moyen âge, déjà, ses erudits, ses docters viennent á Paris prendre le contact de la pensée française, dans notre vieille Université" (Ibidem, p.34), que Teófilo Braga é um "disciple d'Auguste Comte et le collaborateur de Littré"(Ibidem, p.34) e que Antero "révèle des habitudes de pensée et des formes d'expression toutes françaises"(Ibidem, p.34), apenas para citarmos alguns exemplos.

<sup>29</sup>GHIL, J. "Aux volontaires de Portugal et du Brésil". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 38.

<sup>30</sup>Ibidem, p.38.

<sup>31</sup>LEBLOND, M. "Le Portugal devant l'Europe". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 89.

<sup>32</sup>"A ses aspirations [portuguesas, de participar da guerra] l'Angleterre oppose des raisons qui sont de celles que la raison pourrait ne pas connaître.

Toutes les fois que des offres (...) lui sont adressées, sir Grey répond que le Portugal rend à sa grande alliée de plus sûrs services en restant dans l'état de paix. La situation diplomatique où on le maintient ainsi permet de perpétrer par son intermédiaire un certain nombre d'opérations commerciales... (...)

Par de tels prétextes le Portugal est mis dans une situation équivoque très agaçante - et qui deviendra presque blessante - pour lui." (Ibidem, p.89.)

<sup>33</sup>"Portugal e a guerra". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 88.



Após o artigo de Leblond existe uma "Nota da redação" em que é dito que ao rever as provas deste artigo "tivemos a noticia da declaração de guerra feita pela Alemanha a Portugal"<sup>34</sup>, nota que termina com a clara esperança de que Portugal imite a França, já que os termos que usa para indicar o que espera de seu país são praticamente os mesmos que foram utilizados, acima, para descrever o povo francês: "Que os portugueses sejam um só homem na defesa da Patria e da Humanidade"<sup>35</sup>.

Como podemos ver, todos estes textos analisam a guerra como um conflito entre o espírito latino e o germânico (esquecendo-se, como bem notará Sérgio, que a Inglaterra não pode ser considerada exatamente como latina), em função do que esperam que Portugal *cumprindo o seu verdadeiro destino* participe desta luta ao lado dos aliados, imitando a heroicidade do povo francês. Esta mesma postura também estará presente, com pequenas variações e uma maior ou menor elaboração, em vários dos textos posteriores à declaração de guerra: "Os impulsos da Consciencia Nacional e a Guerra" de Jaime Magalhães Lima, "O Direito e a Força" de Mayer Garção, "A Peçonha Germanica" de Henrique Lopes de Mendonça, "O sentido da Guerra" de Leonardo Coimbra, e o "Gentile sangue latino" de Henrique Vasconcelos, para apenas citarmos aqueles em que mais claramente a guerra aparece como o confronto entre o espírito latino -herdeiro das *benéficas* tradições gregas, romanas e cristãs- e o germanismo, que se baseia apenas na força, no militarismo e na matéria, ou seja, em que a guerra é vista, de forma maniqueísta, quase como um confronto entre o Bem e o Mal. Assim, em todos estes textos, se o tema nacional aparece, ele praticamente se reduz à necessidade de que Portugal se enfileire ao lado dos *bons irmãos latinos*, cumprindo assim a missão que naturalmente lhe cabe neste momento.

Nos textos em que a guerra aparece analisada pelo papel que pode possuir para a realidade do país, encontramos homogeneidade menor do que a presente nos textos que acima analisamos. No "A voz dos séculos" de Jaime Cortesão, existe apenas uma relação entre o presente e o passado. Este poema é composto por dois sonetos, em que o primeiro tem por subtítulo "1415-1515" e o segundo "1915". No primeiro é referida a posse dos mares por Portugal, desde o momento em que "Ceuta rendeu-se ao braço dos Infantes"<sup>36</sup> até

---

<sup>34</sup>"Nota da Redação". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 91.

<sup>35</sup>Idem. p.91.

<sup>36</sup>CORTESÃO, Jaime. "A voz dos séculos". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 92.

o que "Morre Albuquerque numa nau, ao largo..."<sup>37</sup>, fechando-se o soneto com o seguinte terceto:

Mas a Fama rendeu-se á gente lusa  
E desde então, cantôra d'Argonautas,  
Calou-se envergonhada a antiga Musa...<sup>38</sup>

O segundo se inicia com um verso que liga o passado grandioso ao presente: "Eis que a batalha antiga se renova..."<sup>39</sup>, e a luta em África é definida, em outro momento, como uma "epopeia nova"<sup>40</sup>. O poema termina com um pedido às *Donas de Portugal*:

Mas amparai-os, Vós, contra a desgraça,  
Com vossas mãos ungidias pelo Amôr,  
Dônas de Portugal, cheias de Graça!<sup>41</sup>

Se aqui é traçada apenas uma homologia entre o passado glorioso e as batalhas que então ocorrem, em outros estas *novas batalhas* são consideradas explicitamente como uma possível forma de reerguimento do país, como ocorreu em alguns textos de Pascoaes que analisamos. Esta associação aparece de forma clara em "Depoimento" de Augusto Castro, que abaixo reproduzimos:

A crise portugueza é sobretudo uma grande crise de fé e ideal. Ha mais de um seculo que a nacionalidade sofre o exilio da sua alma. O nosso mal é um mal de consciencia.

Integrados na guerra, integramo-nos novamente no nosso velho e abandonado destino, que foi um destino de Ideal e de Espirito. Vamos padecer e lutar as dores e os grandes combates do direito -que são tambem as dores e os combates da Belleza. Encontramos outra vez uma Aspiração - e essa Aspiração nos restituirá as energias da vontade e do triunfo.

---

<sup>37</sup>Ibidem. p.92.

<sup>38</sup>Ibidem. p.92.

<sup>39</sup>Ibidem. p.92.

<sup>40</sup>Ibidem. p.92. Este trecho foi retirado do quarteto "Lá onde dormem na esquecida cova / Os bons Avós, varados pelas setas, / Ha mãos de herois, numa epopéia nova, / Brandindo espadas tremulas e inquietas." (Ibidem. p.92.). Cortesão com certeza está se referindo às escaramuças entre portugueses e alemães nas fronteiras de Angola e Moçambique, já que este poema é datado de "12 de Março de 1915" (Ibidem. p.92.) e haviam partido em setembro de 1914 as primeiras expedições militares para resolver os conflitos nas colônias africanas (Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal v. III*. p. 534-538.).

<sup>41</sup>CORTESÃO, Jaime. "A voz dos séculos". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 92.

A guerra não é, pois, para aqueles que em si sentem latejar a vida misteriosa e sagrada da Pátria, apenas uma conveniência e satisfação dum compromisso da nossa vida diplomática. É uma afirmação e uma necessidade da nossa existência histórica.<sup>42</sup>

Também em um outro poema de Cortesão, o "Cantico Lusíada", podemos encontrar uma homologia semelhante, em que a guerra assume em parte o papel grandioso que, em volumes anteriores, coube às *novas navegações*, como podemos ver nas estrofes abaixo:

**Esta é a ditosa Pátria minha amada.**

Tende lá, dai ouvido, hostes guerreiras,  
Poetas, marinheiros na abalada:  
Ide e levai esta legenda alçada  
À prôa, sobre as liras, nas bandeiras.

(...)

Pátria por quem já tanto herói sofreu  
Naufrágios, cativos, morte escura;  
Por quem o Infante Santo padeceu,  
Sorrindo com angélica brandura,  
Miserando martirio nunca visto;  
Pátria, por quem seria a mór ventura  
Morrer para a salvar na cruz de Cristo!

Surge de novo, espírito liberto,  
E que te exalte a fé, a dôr te sagre!  
Toco-te a face, beijo-a, estás mais perto:  
Nasça a Manhã de Névoa, oh! Encoberto!  
Repete, Infante Santo, o teu milagre!

Pátria (sic) junta os cabelos desgrehados,  
Enxuga o pranto, abafa as aflições;  
Pulsem, batam de novo, desfraldados,  
Num vento d'arrancada, os teus guiões!  
Torna a soltar as azas sobre o Atlantico,  
Ressuscita no génio de Camões,  
Pátria sobre o Mundo, sê um cantico!<sup>43</sup>

No "Hora de Nun'Alvares" de Augusto Casimiro, como próprio título já o indica ao relacionar o momento presente com o *guerreiro santo* do passado, podemos encontrar

<sup>42</sup>CASTRO, Augusto. "Depoimento". *A Águia*, 2ª série, v.9. p.153.

<sup>43</sup>CORTESÃO, Jaime. "Cantico Lusíada". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 127-130.

associações semelhantes. Em outros dois poemas de Casimiro, porém, já existe uma associação diferente. Neles, se a guerra é vista como uma *hora desejada*, existe um certo temor de que o país talvez não esteja preparado para esta hora. O primeiro deles, "Almas de Portugal!", possui, como o de Cortesão acima, momentos em que o canto deste poeta se aproxima bastante do tom que possuía quando cantou as *novas navegações*, como o trecho abaixo em que reaparece a imagem de uma nova partida no Restelo, como havia ocorrido em seu poema "A primeira nau", que atrás analisamos:

Ó minha terra de desvaios, nesta Hora  
 Sopram de novo sobre ti ventos sagrados,  
 -Olha a nova partida, outro Restelo!  
 A Hora eterna á tua porta bate!  
 -Entreolham-se, á espera, os teus soldados!  
 -Patria, é a hora do combate belo,  
 -Do preciso combate!<sup>44</sup>

Mas, se aqui a imagem é claramente positiva, pouco depois surge o temor que acima nos referimos, de que o país talvez não esteja pronto para esta hora:

Patria, faze o milagre! Ó dôr, começa  
 A tarefa divina, o bom heroísmo,  
 Antes que o ceu todo se escureça  
 Antes que sobre nós se feche o abismo!

Ouví: a noite é negra de preságios!  
 Gente esquecida, ó gente desavinda,  
 Pelas galés do Mar, pelos naufrágios,  
 Dái as mãos e calai, que é tempo ainda!<sup>45</sup>

Porém, no final do poema, este temor desaparece:

Vejo chegar o rútilo momento!  
 Hora de aleluía e de renovo,  
 Vejo-a surgir, alvorecer, radiante!

E vai nas almas um deslumbramento,  
 Um canto belo arrebatando o povo,  
 -Lazaro redivívo e triunfante!

---

<sup>44</sup>CASIMIRO, Augusto. "Almas de Portugal!" *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 15.

<sup>45</sup>Ibidem. p.16.

Sobre a fronte da Pátria outro destino  
 Rompeu, surgiu, subiu, numa alvorada!  
 E em cada labio palpitou um íno,  
 E em cada mão levanta-se uma espada!

(...)

-Baluarte de Amor fundido em aço  
 -Rude falange, indómita, aguerrida!...  
 -O Sonho belo! Eu ví no teu regaço,  
 -Pátria, - toda nação, fremente e unida!<sup>46</sup>

Assim, se houve a *noite* e o eu lírico chegou a expressar seu medo de que o país deixasse a *hora* passar, a Pátria, como Lázaro, acabou ressuscitando. Em outro poema "E um milagre de dor possa salvar-te", em que a guerra novamente é analisada como a *hora esperada*, porém, o pessimismo é maior, como nos mostra o seu trecho final que abaixo reproduzimos:

Pátria de á beira Mar, de á beira abismo,  
 Escuta, escuta! - Ao longe, em chamas passa  
 A torrente de mortes e heroísmo!

Escuta! - Ei-la que avança, ignea torrente,  
 Chama de divindade e de desgraça,  
 De redenção e sacrificio ardente!

Ó minha Pátria, espectro endoidecido,  
 Alma de Portugal, sombra errabunda,  
 Ó sonho heroico, ó morto escarnecido!

Eis a hora divina e desejada  
 Na tristeza da noite erma e profunda,  
 P'ra te exaltar a alma abandonada!...

Pátria, - vai pelo mundo um doido incendio!  
 E o teu coração onde o puzéste?  
 E o teu Destino? Pátria, vem, defende-o!

A hora eterna, num desvairo passa...  
 E não a escutas, Pátria? E não ergueste  
 A voz de assombro que desperta a Raça,

O gesto de Alma que levante os Mortos  
 E extinga a insânia que anda a envenenar-te,

---

<sup>46</sup>Ibidem. p.16-17.

E traga á luta os corações absortos?

A vitória de Deus passa ao alcance  
 Das tuas mãos. Ó minha Pátria, parte!  
 E que o teu sonho para ela avance,  
 E um milagre de Dôr venha salvar-te!<sup>47</sup>

Como vemos o eu lírico fala com a Pátria, mas ela parece não escutar, não estar preparada para esta hora que foi por tanto tempo desejada, e o poema termina apenas com o pedido de que ela parta para que possa ser salva pelo *milagre da dor*, mas sem que se saiba se esta partida poderá ou não ocorrer. Este final em aberto, dadas todas as imprecações anteriores, produz uma séria dúvida sobre a capacidade que o país tem de ainda poder ser, de fato, salvo.

Assim, neste segundo conjunto de textos a guerra deixa de ser uma simples necessidade de lutar contra o Mal, e se transforma também em um possível caminho para a redenção nacional. Se, como podemos notar, esta perspectiva é assumida principalmente pelos três principais membros do Saudosismo ao longo dos três primeiros volumes, Pascoaes, Casimiro e Cortesão, existe certamente uma imensa distância entre esta nova possibilidade de reerguimento e a que foi expressa anteriormente. Não só aqui o heroísmo redescoberto se transforma na única via pela qual o país poderá ressurgir, reduzindo de forma drástica as múltiplas e intrincadas facetas da pregação saudosista que atrás analisamos, como em alguns momentos, em especial em Casimiro e Pascoaes, podemos notar que esta possibilidade de redenção é posta em dúvida, pelo primeiro ao apontar que talvez o país não esteja preparado para ela e a deixe passar, e pelo segundo quando aponta que só uma intervenção divina é que poderia permitir que o país, ressurgido, participasse desta nova epopéia e produzisse novos heróis, mostrando claramente que Portugal não possui condições de gerar, por si, este novo momento glorioso.

Ao lado dos textos que até agora analisamos existem três outros que se referem à guerra analisando-a a partir de critérios bastante distintos, dois de António Sérgio e um de Raul Proença. Os dois primeiros, "A Opinião americana perante a Guerra" e "Carta a um amigo sobre a guerra", possuem interesse para nós mais por outros motivos que trataremos na próxima parte - neles existem certas achegas aos temas tratados na polémica entre Sérgio e Pascoaes -, do que propriamente pela guerra em si, já que não a relacionam com o destino

<sup>47</sup>CASIMIRO, Augusto. "E um milagre de dor possa salvar-te!". *A Águia*, 2ª série, v.10, p. 145-146.

do país. Porém, dada a visível diferença na forma como analisam o conflito, achamos importante nos referirmos a eles mesmo que rapidamente.

No primeiro destes artigos Sérgio defende o ponto de vista de que os motivos que levaram à guerra pouca relação possuem com as nações latinas, já que considera que a sua nota fundamental "é a rivalidade dos dois germanicos imperios, a Alemanha e a Inglaterra"<sup>48</sup>, acrescentando que aparece "em segundo lugar o embate dos povos eslavos com os austro-alemães"<sup>49</sup> e que neste conflito "a chamada nação latina entra como Pilatos entrou no *credo*"<sup>50</sup>. Além disto, também considera que "foram os fatos economicos que propeliram á carnificina"<sup>51</sup>. Como podemos ver, nestes trechos Sérgio acaba por negar, de forma radical, muito da postura expressa no primeiro grupo de textos que aqui analisamos, pois não considera que esta guerra seja um combate entre o *espírito latino* e o *espírito germânico*, e sim fruto de um conflito econômico entre a Alemanha e a Inglaterra.

No seu artigo seguinte, respondendo a um amigo que não nomeia<sup>52</sup>, que o critica por não ter apontado todo o sentimento que a guerra envolve, dirá que se é inegável que as "batalhas suscitam o sentimento dos combatentes"<sup>53</sup>, "não foi o sentimentalismo dos soldados que desencadeou a grande guerra"<sup>54</sup>, mas sim "o sentimento impulsionado por interesses económicos"<sup>55</sup>. Considera também que se a guerra é gerada por motivos econômicos, ela, de fato, não traz a prosperidade para os vencedores, como muitos pensam, e que seria inclusive uma boa estratégia pacifista a de "reconhecer as *causas* economicas e negar as economicas *vantagens*"<sup>56</sup> da guerra. Assim aqui, além de reafirmar as posturas presentes no artigo anterior, Sérgio também indicará, implicitamente, a inutilidade das

---

<sup>48</sup>SÉRGIO, António. "A opinião americana perante a guerra". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 46.

<sup>49</sup>Ibidem. p.46.

<sup>50</sup>Ibidem. p.46.

<sup>51</sup>Ibidem. p.46.

<sup>52</sup>Sérgio inicia este artigo da seguinte forma:

"Meu caro amigo: Muitissimo prazer me causou a sua carta (...)"(SÉRGIO, António. "Carta a um amigo sobre a guerra". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 76.)

<sup>53</sup>Ibidem, p.76.

<sup>54</sup>Ibidem, p.76.

<sup>55</sup>Ibidem, p.76.

<sup>56</sup>Ibidem. p.77.

guerras, colocando-se assim numa posição contrária ao conjunto dos colaboradores da revista, que são claramente favoráveis à participação de Portugal no conflito europeu<sup>57</sup>.

O artigo de Proença, "Unidos pela Pátria!", possui muitos pontos de contato com estes de Sérgio, apesar da perspectiva bastante diversa que acabará por adotar. Também ele aponta que esta guerra "é, essencialmente, uma guerra económica"<sup>58</sup> e que não acredita "que nenhuma nação da Europa se esteja a bater a esta hora pela Liberdade e pela Justiça (...), cada uma das nações se bate por si mesma"<sup>59</sup>. Mas, se as nações não se batem pela *Liberdade*, de fato é esta que está em jogo, como afirma citando um artigo que escreveu em 1914:

Se há nesta guerra (...) *quanto aos intuitos e causas iniciais*, uma luta entre dois grandes sistemas de interesses, e há mais nada, há, *quanto aos resultados*, uma verdadeira luta entre duas civilizações antagónicas -uma democrática, progressiva, antimilitarista, outra imperialista, medieval, caserneira... Para a liberdade das pequenas nações, para a justiça das formas e instituições sociais, para a paz do mundo, não é indiferente que um destes dois grupos de interesses aniquile o outro. (...) Tudo se passa, pois, como se a generosa França, a bem amada França, e a democrática Inglaterra se batessem pelos credos supremos, pelos valores máximos da civilização humana.<sup>60</sup>

Se, nestes termos, Proença acaba por referendar muito da postura presente nos textos que vimos que apontavam os alemães como *o Mal*, pois mostra que uma vitória da Alemanha seria extremamente prejudicial ao destino da Europa, indica também que é fundamental que Portugal participe desta guerra ao lado dos aliados, pois "nenhum de nós desconhece os intuitos da Alemanha quanto às nossas colónias africanas"<sup>61</sup>, ao que, em outro momento, acrescenta:

---

<sup>57</sup> Como afirma Rogério Fernandes na introdução a *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)* a guerra fez com que Sérgio se separasse mesmo de Raul Proença, um de seus maiores amigos dentro da *Renascença Portuguesa* e partidário de concepções muito próximas às do autor dos *Ensaio*s, pois contrariando a postura hegemónica na sociedade ele "era adverso à participação de Portugal na guerra" (FERNANDES, Rogério (org.). *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*. p.7.). Um sintoma claro desta postura é o fato de Sérgio ser um dos únicos colaboradores importantes de *A Águia* a não publicar nenhum texto na já referida seção "Portugal e a Guerra".

<sup>58</sup>PROENÇA, Raul. "Unidos pela Pátria!". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 122.

<sup>59</sup>Ibidem.p.122.

<sup>60</sup>Ibidem.p.123.

<sup>61</sup>Ibidem. p.120.



Se a Inglaterra vencer (...) representará isso para nós a posse repousada e tranquila como nunca dum vastíssimo território colonial (...); a independência, firme e sólida como nunca, do nosso torrão continental. (...) Se a Alemanha, pelo contrário vencer, virá para nós o golpe de misericórdia. Devemos, pois, fazer os máximos sacrifícios para que ela seja vencida; porque seremos também nós os vencedores, e não é nobre vencedor aquê que vence sem derramar o seu próprio sangue! (...)

Havia, pois, na nossa intervenção, mesmo independentemente de qualquer pedido da Inglaterra, uma questão de resultados, de utilidade, e uma questão de dignidade nacional. (...) Não podíamos ser neutrais porque nos não podíamos desinteressar dos nossos destinos, da nossa existência, da nossa própria dignidade.<sup>62</sup>

Dados todos os argumentos levantados, não é de estranhar que o artigo de Proença termine conclamando os portugueses a que participem da guerra:

(...) Que, quando partirmos para a batalha, possamos dizer: Vamos pela Pátria, pela Liberdade, pela Beleza, pelo Direito, pela própria Vida; vamos lutar pela mais bela, pela mais lial, pela mais justa, pela mais unida das Pátrias. E com o nosso sangue teremos sagrado, santificado, justificado a Pátria de nossos filhos.<sup>63</sup>

Apesar de ter partido de uma análise bem mais concreta das origens do conflito, apesar de não se iludir, nem achar que o povo deva ser iludido, com genéricas afirmações de que a Inglaterra ou a França estão em luta pela liberdade ou pela justiça, termina por demonstrar que se isto não é *a verdade do que ocorreu é a verdade do que vai ocorrer* se os aliados ganharem, vitória também que é essencial para os objetivos portugueses de manutenção de seu território colonial. Em vista disto termina seu artigo de forma tão patriótica quanto os outros que aqui analisamos, esperando da guerra, se não a solução dos problemas nacionais, ao menos a manutenção do que o país já possui, condição básica, em seu ponto de vista, para que possa tentar fazer algo no futuro.

Como podemos notar a guerra, durante um curto espaço de tempo, conseguiu cooptar a maioria dos colaboradores de *A Águia* em torno de um tema comum. Mas, devemos notar, se aqui, como nos três primeiros volumes, temos um aparente consenso, existem sensíveis diferenças entre este momento e aquele em que o Saudosismo chegou a ocupar uma posição praticamente hegemônica nesta revista. Enquanto este movimento, surgido a partir de intelectuais ligados a *A Águia*, tentava usar a revista para influenciar de

---

<sup>62</sup>Ibidem. p.121.

<sup>63</sup>Ibidem. p.126.

alguma forma a opinião pública em prol de suas propostas, a guerra é um fator externo, e o espaço que ocupa em *A Águia* pode ser visto como um reflexo do que esta questão já possuía, neste período, em Portugal<sup>64</sup>. Além disto, devemos também notar que em relação ao tema que particularmente aqui nos interessa - as imagens de Portugal - a guerra produz uma reflexão muito menos rica e elaborada que a gerada pelo Saudosismo. Se neste momento, novamente, surge uma esperança de reerguimento do país, ela se fundamenta basicamente em um aspecto - a recuperação do nacionalismo - que deveria, dentro do ponto de vista expresso em vários textos, gerar *a hora* que findaria com a *noite* em que o país se encontrava. Se o Saudosismo também considera o nacionalismo como fundamental, este era, como atrás notamos, apenas um dos elementos necessários para que o país pudesse se reerguer e, reerguendo-se, vir a ocupar uma posição de destaque, pelo menos no campo espiritual, dentro da Europa. Assim o que antes era uma proposta com múltiplas facetas, aqui se reduz a uma única esperança. Esperança que, devemos lembrar, no interior de alguns poemas, em especial os últimos de Pascoaes e de Casimiro que analisamos, já chega a ser questionada. Antes mesmo de terminar a guerra este tema, e a esperança que nele existia, desaparecerão totalmente da revista.

---

<sup>64</sup>Como indicam vários dos textos que aqui analisamos existia um desejo, em vários setores do país, de uma intervenção na Primeira Grande Guerra. Para Oliveira Marques, já em 1914 dois dos principais partidos portugueses, os Democrático e o Evolucionista, queriam esta intervenção (Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal* v. III. p. 232-233.). David Ferreira, no verbete "Grande Guerra" do *Dicionário de História de Portugal* afirma: "Alguns dos melhores elementos do escol republicano lançaram-se, tanto pela palavra escrita como pela falada, numa activíssima propaganda, que, atravessando todo o País, levou ao conhecimento do povo as razões que nos obrigavam a a participar na luta armada (...)" (FERREIRA, David. "Grande Guerra". In: SERRÃO, Joel (dir.). *Dicionário de História de Portugal*. p.372.). Estes dois exemplos, de vários outros possíveis, nos mostram claramente que o papel que a guerra ocupa nestes volumes de *A Águia* é reflexo da significativa influência que este tema teve, neste período, dentro da intelectualidade portuguesa.

### 3.4.2.3 Outros aspectos da questão nacional

Os outros textos em que a questão nacional aparece e os dois de Sérgio, a que nos referimos de forma rápida na parte anterior, apresentam duas tendências básicas: ou são, em certo sentido, uma continuação dos temas e procedimentos utilizados na polémica entre Sérgio e Pascoaes -categoria em que podem ser incluídos todos os artigos do autor de *Ensaio*, e a análise feita por Jaime Cortesão sobre o livro *Educação Cívica* -, ou fazem uma análise sobre aspectos atuais da situação portuguesa, o que ocorre com o "Da Ditadura à suspensão dos direitos políticos" de Raul Proença e com a resenha do livro *O Povo português* de Bento Carqueja, feita por Aarão de Lacerda. Só não participa destas duas tendências gerais a reprodução de uma resenha do *Arte de ser português* de Pascoaes, publicada originalmente na revista *Estudio* de Barcelona, que, em linhas gerais, é um texto elogioso que apenas reprova um certo idealismo não muito construtivo, que considera porém justificável em um livro para a juventude<sup>65</sup>.

Aqueles em que encontramos mais claramente um prosseguimento da polémica, pois possuem, na sua relação, um procedimento que nela já havia sido utilizado, são o acima citado de Jaime Cortesão e uma longa nota que Sérgio publica após o seu artigo "Prefácio de um livro (*O método Montessori* por Luisa Sérgio)". No primeiro deles a obra que está sendo analisada é a reunião em volume dos artigos "O self-government e a escola", publicados ao longo do quinto e do sexto volumes de *A Águia*. Cortesão aponta que a proposta educativa contida neste livro pode ser extremamente propícia para Portugal, "corrigindo em alguns defeitos fundamentais, a nossa democracia"<sup>66</sup>, mas, ao mesmo tempo afirma que de fato este método de transformar as escolas em *municípios escolares* não pode ser considerado totalmente estrangeiro, já que está assentado em "instituições bem nacionais, posto que de origem romana"<sup>67</sup>: os municípios. Neste artigo ele não deixa também de criticar Sérgio por sua tendência de "pregar à bordoadada"<sup>68</sup>, já que "quando acaso

---

<sup>65</sup>É o seguinte o trecho a que nos referimos, que se encontra no final do artigo:

"Concluye la obra con una nota vibrante de idealismo, un canto a los futuros destinos de Portugal. Y con ello llégase a la última página y cierra el libro una impresión confortante, un revoloteo de ideales generosos que quizá pudieron parecer poco constructivos si el libro no se dirigiera a la juventud. Y la juventud tal fuerza de construcción lleva en sí que construye, a veces, sólo con ilusiones" (R., F. de A. "Arte de ser português por Teixeira de Pascoaes". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 206.)

<sup>66</sup>CORTESÃO, Jaime. "Educação Cívica por António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 211.

<sup>67</sup>Ibidem. p. 211.

<sup>68</sup>Ibidem. p. 211.

vislumbra ideia que contrarie as suas, ergue do cacete e zás, tráz, é um varrer de feira"<sup>69</sup>. E será justamente isto o que o autor de *Educação Cívica* irá fazer na nota que atrás nos referimos. Não só criticará a idéia de que o *municipalismo* é português, apontando que, de fato, é universal, mas principalmente discorrerá durante mais de duas páginas sobre uma afirmação absolutamente secundária de Cortesão. Este, entre as críticas que fez, afirmou:

E a proposito de neologismos, achamos que António Sérgio é também pelo neologismo na linguagem. Está no seu direito; menos, afigura-se-nos, quando diz *devir e devenha*, aportuguesando do *devenir* francez, a nosso parecer detestavel.<sup>70</sup>

Sérgio provará que o termo *devir* de fato não é um neologismo, mas que ele o retirou do "quarto mais antigo documento da lingua portuguesa"<sup>71</sup>, o testamento de D. Afonso II, e que o usou, no seu "livrinho sobre Antero"<sup>72</sup>, ainda em itálico e com notas que explicavam a sua origem. Diz a seguir que em função desta publicação havia recebido uma carta de Carolina Michaëlis de Vasconcelos o parabenizando pelo uso, e que, após isto, a explicação da origem deste vocábulo apareceu tanto na *Revista Lusitana*, em um artigo da citada romanista, como no *Lições de Filologia Portuguesa* de Leite de Vasconcelos, além desta palavra ter sido discutida por João Ribeiro na *Revista da Academia Brasileira*. Fora por tudo isto que a utilizara, "sem explicações e sem cautelas"<sup>73</sup> em *Educação Cívica*, já que pensou não ter necessidade de voltar a se referir a isto. A seguir acrescenta:

(...) Fiz bem? Fiz mal? O que não posso é ser julgado com a sumariiedade ligeira de que usou o nosso poeta. Esta historia demonstra, no entanto, o erro dos que inferem do odio ás velharias o desamor ás coisas antigas, e do anti-tradicionalismo a ignorancia da tradição, ou o sistematico desprezo de tudo quanto é nosso.<sup>74</sup>

---

<sup>69</sup>Ibidem. p. 211.

<sup>70</sup>Ibidem. p. 211.

<sup>71</sup>SÉRGIO, António. "Nota". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 257.

<sup>72</sup>Ibidem. p. 257. Pelas datas indicadas em seu texto, Sérgio está se referindo ao *Notas sobre os Sonetos e Tendências Geraes da Filosofia de Antero de Quental*, publicado em 1909. (Cf. CAMPOS, A. Matos. "Bibliografia de António Sérgio". *Revista da História das Ideias* 5, p.1029.)

<sup>73</sup>SÉRGIO, António. "Nota". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 258.

<sup>74</sup>Ibidem. p.258.

Como vemos existe uma visível desproporção entre a rápida crítica de Cortesão e a longa forma como Sérgio comprova que ele estava errado. Parece-nos que, mais do que criticar este *deslize* de seu antagonista<sup>75</sup>, o autor dos *Ensaio*s está querendo demonstrar, através de um elucidativo exemplo, a incapacidade dos saudosistas de separarem o que é nacional do que é fruto de uma adaptação de características estrangeiras, usando mais uma vez da estratégia que já havia utilizado em sua última participação na polêmica. Assim esta crítica à *sumariedade* do julgamento de Cortesão o é, de fato, à falta de fundamento da maioria das pregações saudosistas.

Se aqui pouco de novo encontramos, o mesmo ocorrerá com os outros artigos de Sérgio. Os "A Opinião americana perante a Guerra" e "Carta a um amigo sobre a guerra", a que acima já nos referimos, possuem alguns trechos que são claras referências às posturas assumidas pelos saudosistas e, em especial, por Pascoaes. No primeiro, no meio da discussão que está fazendo sobre a guerra, Sérgio faz uma longa digressão que começa ao considerar que "o pseudo-idealismo lusitano não intende (...) que o conceito de raça não é uma noção *idealista, espiritualista*, etc. mas um vínculo material (hoje aliás não correspondente a nenhuma realidade) o qual nos cumpre obliterar para o substituir definitivamente pelos vínculos ideais da moral, do direito"<sup>76</sup> e que continua com o trecho abaixo:

(...) E já agora digamos entre parentesis que outro absurdo é declamar, contra o aspecto industrial do presente conflito, inoportunas frases bergsonianas sobre o "espírito criador", como se o desenvolvimento industrial, e a correspondente invenção mecânica, não constituísse precisamente uma grande manifestação da faculdade criadora (...).

Alheio como Portugal esteve á grandissima revolução que a máquina de vapor suscitou (...) não admira que aos legítimos representantes do português histórico, aos filhos espirituais dos desembargadores e repentistas, dos *outeiros* e da marmelada, custe a compreender que o trabalho industrial não significa simplesmente um acréscimo de riqueza, mas a única base sólida, o único meio de eficácia, para a libertação, moralização e espiritualização do nosso povo. Transformar um agregado de devaneadores e parasitas numa comunidade de

---

<sup>75</sup>Usamos aqui propositalmente o termo *antagonista* para indicar que, como está se tornando evidente por sua participação em *A Águia*, Sérgio tem a tendência a, recorrentemente, escrever *contra* as posturas assumidas por outros, sendo assim com frequência não alguém que explana suas idéias, mas que, possuidor de uma *verdade* que jamais questiona, critica as concepções de seus antagonistas. Em relação a este aspecto ver o elucidativo artigo "Sérgio como mito cultural" em LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. p.175-191.

<sup>76</sup>SÉRGIO, António. "A opinião americana perante a guerra". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 46.

trabalhadores, não é unicamente aumentar a produção: é outrossim moralizar a sociedade.<sup>77</sup>

Como vemos, se excetuarmos a negação de que a raça possa ser um vínculo, já que não é uma forma de união *ideal* e já não tem realidade *material*, este trecho tende a repetir a já tão repassada idéia de que apenas uma revolução econômica que transformasse Portugal em um país industrializado é que poderia, de fato, moralizar o país.

No segundo texto que acima indicamos temos uma postura muito próxima a esta, em que, entre outros aspectos semelhantes, Sérgio afirma que só um "esforço disciplinado do trabalho"<sup>78</sup> é que pode ser "fonte da grandeza das nações"<sup>79</sup>, sendo este esforço o "que necessitamos todos nós"<sup>80</sup>.

Como podemos ver, mesmo nestes dois textos cujo principal tema é a guerra, o autor dos *Ensaio*s não deixa de trazer as suas achegas aos temas que recorrentemente apareceram em sua polêmica com Pascoaes, mas sem que chegue, de fato, a fazer mais do que repetir algumas das *verdades* que já anteriormente havia enunciado, procedimento que também adotará nos outros dois artigos publicados nestes volumes, em que analisa os livros *A Grei* de Ezequiel de Campos e *Ensaio sobre os Factores Essenciais do Império Britânico* de Francisco dos Reis Santos<sup>81</sup>. Assim, o esgotamento do *debate* que antes havíamos apontado, não ocorreu apenas do lado do Saudosismo. Sérgio também parece não ter muito mais a dizer, a não ser quando, como nos seus artigos sobre a *educação cívica*, parte para uma concretização mais efetiva de suas propostas, ao invés de ficar apenas repetindo as suas idéias gerais.

Os artigos em que encontramos a segunda tendência acima indicada, diferentemente dos de Sérgio, se referem a aspectos específicos da nação. O artigo em que Aarão de Lacerda analisa o livro *O Povo português* de Bento Carqueja trata-se de uma longa resenha,

---

<sup>77</sup>Ibidem, p.46-47.

<sup>78</sup>SÉRGIO, António. "Carta a um amigo sobre a guerra". *A Águia*, 2ª série, v.7, p. 80.

<sup>79</sup>Ibidem. p.80.

<sup>80</sup>Ibidem. p.80.

<sup>81</sup> Estes artigos são "Divagações a propósito de um livro (*A Grei*, por Ezequiel de Campos)" e "Divagações a propósito de um livro (*Ensaio sobre os Factores Essenciais do Império Britânico*, por Francisco dos Reis Santos)", publicados respectivamente no volume 7, p. 124-128, e no volume 8, p. 73-79. Como neles, em relação à problemática nacional, basicamente temos uma repetição de idéias já anteriormente apresentadas, não julgamos necessário aqui analisá-los.

ocupando mais de dez páginas, em que o autor fala de vários aspectos presentes no livro deste economista português, desde a *estrutura populacional* aos *predicados da raça*, passando pelos problemas da educação, pela emigração, pela mortalidade infantil, entre outros. Se é um artigo totalmente voltado para a questão nacional, de fato, pouco faz além de traçar uma radiografia dos problemas existentes e chegar a conclusões genéricas, como a de que o país precisa "intensificar as suas actividades para se egualar às restantes [nações latinas] na expansão criadora da Arte e da riqueza"<sup>82</sup>.

Já o de Raul Proença, na linha dos que analisamos em volumes anteriores, é uma análise imparcial do período que vai da ditadura de Pimenta de Castro à revolução de 14 de maio de 1915, falando também das conseqüências desta. Se critica duramente a ditadura e considera que a revolução foi justificada, já que "o que estava se passando tinha que acabar e não havia outra fórmula de o fazer"<sup>83</sup>, não deixa de notar que o governo instalado após a mesma não só não tomou as medidas necessárias que, dada a sua popularidade inicial, poderia ter tomado, entre elas a "redução do numeroso funcionalismo que suga nas tetas da nação"<sup>84</sup> - medida que julga das mais importantes, pois "O número extraordinário de vadios sustentado pelo orçamento impede que se pague razoavelmente aos que trabalham e tem amor pela sua profissão, e por isso não há meio termo: ou o empregado é parasita do estado, ou o Estado é parasita do empregado"<sup>85</sup> - como também acabou por tomar medidas inadmissíveis: desligar do serviço público os funcionários que tinham concepções monárquicas e ainda suspender os seus direitos políticos por dez anos, confundindo, no ponto de vista de Proença, de forma lamentável "os direitos políticos pertença inalienável do *cidadão*, que subsiste ainda quando o funcionário público desaparece"<sup>86</sup>. Após isto termina seu artigo com as seguintes considerações:

Isto é uma violência que deshonra a Revolução, que deshonra a República, que nos deshonra a todos nós. É preciso que ela seja derogada pelo futuro parlamento, sob pena de ele perder o direito a ser considerado como democrático, e de a Democracia neste país não passar, afinal, na boca de gregos e de troianos, de um simples *flatus vocis*. E dizendo isto, tenho a infinita alegria de me reconhecer

---

<sup>82</sup>LACERDA, Aarão de. "O Povo Português por Bento Carqueja. *A Águia*, 2ª série, v.10. p. 155.

<sup>83</sup>PROENÇA, Raul. "Da ditadura à suspensão dos direitos políticos". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 40.

<sup>84</sup>Ibidem. p. 41.

<sup>85</sup>Ibidem. p. 41.

<sup>86</sup>Ibidem. p. 42.

autoridade para condenar o facto. Sempre é bom ter combatido *todas* as tiranias, todas...<sup>87</sup>

Podemos notar, pelo acima exposto, que este texto, como os demais artigos de Proença que analisamos, tem claramente o objetivo de atuar na realidade nacional, desta feita mostrando a necessidade de revogar atos arbitrários e antidemocráticos e de realizar medidas urgentes para a melhoria do país.

Assim, se os dois últimos artigos que analisamos se relacionam com a questão nacional acabam por não possuir grandes propostas mais gerais para o futuro do país, adstringido seu campo de ação a uma análise do presente do país e a propostas, quando existem, de execução imediata.

Da breve análise que fizemos destes textos, em que a questão nacional aparece sem estar diretamente vinculada à problemática da guerra européia, podemos perceber que a revista perdeu totalmente as características que possuía até aqui. Neles ou encontramos uma repetição de certos *lugares comuns* já anteriormente formulados, ou uma análise de problemas então atuais, sem que isto leve a propostas mais gerais sobre o destino do país. Como veremos, a partir do décimo primeiro volume, será esta a tônica recorrente, já que a guerra, apesar de ainda estar sendo travada nos campos da Europa - lembremos aqui que o citado volume foi publicado ao longo do primeiro semestre de 1917 e que, como sabemos, a guerra só terminou em novembro de 1918 - praticamente desaparecerá enquanto tema das páginas de *A Águia*.

---

<sup>87</sup>Ibidem. p. 42.



### 3.4.3 O desaparecimento da questão nacional: do décimo primeiro ao vigésimo volume

O décimo primeiro volume de *A Águia* pode ser considerado como um momento de ruptura, em que serão definidas novas tendências que a caracterizarão até quando, mudando-se Álvaro Pinto para o Brasil e transferindo para cá a sua tipografia, esta revista passará a ser aqui editada. A partir desse volume, como acima indicamos, Pascoaes deixa não só de ser o diretor literário da revista, mas também de nela colaborar. Já neste volume a direção da revista, que assim aparecia no décimo volume "Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redacção e administrador, Álvaro Pinto"<sup>88</sup>, passa a ser definida da seguinte forma: "Director artístico, António Carneiro; gerente, Álvaro Pinto"<sup>89</sup>. Essa mudança de direção é apenas um dos sintomas das modificações que ocorrem em *A Águia*. Além dela é também significativo que neste volume, pela primeira vez, apareça um artigo, em nome da *Renascença Portuguesa*, que desvincula totalmente a sociedade das propostas saudosistas. Este texto intitula-se "Uma entrevista sobre a *Renascença*" e foi publicado no número duplo 65-66, de maio e junho de 1917. É uma resposta, em nome da sociedade portuense, a um texto publicado no jornal *A Manhã* por Norberto de Araujo, redator do citado jornal que fora enviado ao Porto, e assim se inicia:

Em abril último, o jornal *A Manhã*, de Lisboa, mandou ao Pôrto um seu redactor, que aqui esteve apenas três dias, (...) e que, prodigiosamente, fixou num instante toda a vida comercial, industrial e intelectual desta cidade. Por mais nos interessar esta última, a ela nos referiremos em especial, tanto mais que à nossa volta foi dado o combate.<sup>90</sup>

---

<sup>88</sup>*A Águia*, 2ª série, v. 10. p.1. Até o décimo volume da segunda série os cargos de direção e as pessoas que os ocupavam sofreram poucas modificações, como pode ser verificado nas indicações que apareciam no topo da primeira página de cada volume. No primeiro volume tínhamos o seguinte: "Director literário, dr. Teixeira de Pascoais; director artístico, António Carneiro; director científico, dr. José de Magalhães; secretário da redacção, Álvaro Pinto." (*A Águia*, 2ª série, v. 1. p.1.). A partir do segundo volume a indicação se transforma, desaparecendo a atribuição específica de cada diretor, e também o nome de José de Magalhães, ficando da seguinte forma até o quarto volume: "Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redacção, Álvaro Pinto." (*A Águia*, 2ª série, v. 2. p.1.). A partir do quinto volume, até o décimo, Álvaro Pinto passa a ser, além de *secretário da redacção* também *administrador*, como aparece na indicação que acima reproduzimos.

<sup>89</sup>*A Águia*, 2ª série, v. 11. p.1. A indicação dos diretores da revista se manterá inalterada até o volume 16. A partir do décimo sétimo passa a ser a seguinte: "Directores- Alvaro Pinto e Antonio Carneiro" (*A Águia*, 2ª série, v. 17. p.5.), mantendo-se assim até o final da segunda série.

<sup>90</sup>"Uma entrevista sobre a *Renascença*". *A Águia*, 2ª série, v. 11. p.226.

Este *combate* trata-se, segundo o ponto de vista do artigo, de um conjunto de falsas informações que foram publicadas no jornal lisboeta. É criticado, logo após o trecho acima, o fato de o jornalista ter anunciado "a certa altura das suas entrevistas, o seguinte aperitivo: = Gerações literarias - Faliu a "Renascença" do Pôrto?="91, pois "tal pergunta (sic) assim exposta era de certa gravidade para o crédito duma sociedade literária que tem já as suas bases comerciais e que, portanto, é mais sensível à palavra *faliu* do que o jornalista supôs"92. O autor passa então a falar das citadas *bases comerciais* da sociedade, indicando que a *Renascença* "entendeu que não devia abalançar-se a um programa de cultura geral sem uma base sólida (...) e porisso foi que criou as suas oficinas graficas, que se lançou ela própria a editar todas as suas obras, que organizou comercialmente a expansão dos seus livros"93. Se aqui, devemos notar, já temos um dado novo - é a primeira vez que este lado *comercial* é citado no interior da revista como um dos objetivos da sociedade, como uma base *material* imprescindível para a execução de seus projetos - o prosseguimento do artigo é ainda mais significativo, como podemos ver abaixo:

Mas vamos à entrevista, em cujo subtítulo foi substituída aquela pergunta (sic) por estoutra: = Falhou o *saudosismo* da "Renascença" do Pôrto? = A falta de segurança revelada no anúncio da palestra mostra-se nela a toda a luz, percebendo-se aqui e além que o jornalista pretende ser agradável à "Renascença", mas, **desvirtuando-lhe, por completo, a sua essência íntima.**

Começa por dizer:

"Nos poucos momentos de descanso demo-nos a reler as ultimas obras publicadas pela "Renascença", grupo que se nos afigurou sempre representar uma nova tendencia literaria, quasi ou mesmo uma escola, que abriu esperanças e converteu inclinações. Com o sr. Teixeira de Pascoais á frente, seguido de perto por Mario Beirão, Augusto Casimiro, Jaime Cortesão e outros poetas novos e escritores firmes - entre os quais o sr. Julio Brandão - a "Renascença" tem editado excelentes livros, muitos de notavel merecimento e erudição, e outros caracterizados essencialmente pelo novo aspecto literario, que tem sido cognominado de *saudosismo* e que traduz de facto uma tendencia espiritual, a que se submeteram varias penas. Que a "Renascença", só por esta pretensão escolastica, reunindo adeptos, provocou tambem um certo movimento de expectativa - que já se desfez - e refloriu duvidas justificadas quanto ao purismo e a oportunidade do movimento, é facto incontroverso, a que não desejamos dar extensiva critica ou apreciação, que estaria fóra do nosso plano, se não estivesse já antes fóra dos nossos habitos!"

Ora, nem é verdade que o sr. Júlio Brandão esteja no grupo, nem o sr. Teixeira de Pascoais é seguido de perto por Mario Beirão, Augusto Casimiro e

---

<sup>91</sup>Idem. p. 226.

<sup>92</sup>Idem. p. 226.

<sup>93</sup>Idem. p. 226.

Jaime Cortesão, nem ao *Saudosismo* se submeteram várias penas. O jornalista equivocou-se, única e simplesmente por não ter acompanhado a acção da "Renascença" desde o seu início. O sr. Júlio Brandão, pela sua atitude de hostilidade ao *Saudosismo*, provocou até um incidente desagradabilíssimo. Mario Beirão, Augusto Casimiro e Jaime Cortesão teem as suas obras bem nítidas, bem pessoais, seguindo-se a si próprios e tendo hoje a independência que tinham antes de Teixeira de Pascoais lançar brilhantemente o seu *Saudosismo*. E a submissão de várias penas é também uma fantasia jornalística. Houve crítica à volta da conferência e artigos de Teixeira de Pascoais. Mas, foi mesmo na *Águia* que, a par da defesa de Fernando Pessoa, mais se combateram as ideias do ilustre Poeta, como é fácil de vêr lendo a polémica com António Sérgio.

Era tão interessante que se fizesse jornalismo estudando os assuntos!<sup>94</sup>

Em outro momento deste mesmo artigo, após citar todas as realizações da *Renascença Portuguesa* o autor afirma:

(...) É pouco [o que a *Renascença* realizou], ou não sabia o jornalista disto tudo? Pois tinha-lhe sido facilimo sabê-lo. Bastava dirigir-se à sede da "Renascença" e estudá-la por dentro. Cá veria o que ela já representa de esforço ininterrupto e de magníficas reservas para o cumprimento do que é indispensável cumprir. Cá lhe seriam fornecidas as provas de tudo quanto aí fica dito. Em frente dos factos, se lhe mostraria que a "Renascença" é mais alguma coisa que o *Saudosismo* e que não se limita a publicar livros.<sup>95</sup>

Como indica o trecho da primeira citação que colocamos em negrito, o autor deste texto considera que o repórter de *A Manhã* desvirtuou totalmente a *essência íntima* da *Renascença*. Mas, como podemos notar, o trecho do artigo que é reproduzido, se excetuarmos a parte que fala sobre Júlio Brandão, é bastante correto. Como vimos, pelo menos nos primeiros volumes de *A Águia*, de fato Teixeira de Pascoais foi seguido pelos nomes citados, e os propósitos da *Renascença Portuguesa* se confundiam com as propostas saudosistas, como o indicam claramente, por exemplo, os títulos dos dois artigos de Jaime Cortesão que analisamos ao nos referirmos ao segundo volume, "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria" e "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". Assim este artigo, mais do que corrigir erros publicados sobre a história desta sociedade no jornal *A Manhã*, está tentando *reescrever* a citada história, minimizando ao máximo o papel que nela possuiu o Saudosismo, e reduzindo este movimento a uma pregação exclusivamente de Pascoais, que foi acompanhado, segundo esta versão dos acontecimentos, apenas e tão

<sup>94</sup>Idem. p. 227. Os negritos são nossos.

<sup>95</sup>Idem. p.228.

somente por Fernando Pessoa que, como sabemos, nesta época há muito já não participava da revista e havia inclusive aparecido, dois anos antes, como diretor do *Orpheu 2* -fato amplamente conhecido do público<sup>96</sup> -, revista com posturas bastante distintas daquelas defendidas por Pascoaes e pelo Saudosismo, o que, em certo sentido, poderia desqualificar esta adesão<sup>97</sup>.

Existe assim um objetivo deliberado de mostrar a *Renascença* como uma sociedade que, em nenhum momento, pactuou com o Saudosismo, ou fez suas as propostas deste movimento, fato que, se comparado com as *artimanhas editoriais* utilizadas nos últimos volumes para defender o autor de *Maranus*, parece indicar que a saída de Pascoaes acarretou, também, uma mudança da linha editorial da revista.<sup>98</sup>

Outro motivo que nos leva a ver neste volume uma ruptura em relação aos anteriores é que nele inicia-se uma seção, "Os novos tempos e a sua literatura", que, prolongando-se até o décimo sétimo volume, se caracterizará por ser uma *invasão* da literatura estrangeira em um território que fora marcadamente nacionalista. Até este volume todas as contribuições estrangeiras - das quais várias foram por nós analisadas - , excetuando-se aqui as brasileiras, tinham por denominador comum o fato de tratarem de Portugal ou, em sua

---

<sup>96</sup>Cf. COELHO, Jacinto do Prado. "Orpheu". *Dicionário de Literatura*. p.773-774.

<sup>97</sup>Além disto, no ano anterior, Pessoa havia também publicado no primeiro número da revista *Exílio* um texto sobre o movimento sensacionista em que criticava a *Renascença Portuguesa*, como podemos ver abaixo:

"O Sensacionismo surgiu, pois, como primeira manifestação de um Portugal-Europa, como a unica "grande arte"literaria que em Portugal (sic) se tem revelado, livre da estreiteza chronica que tem prendido no seu leito de Procrustes todos os nossos impulsos estheticos, desde a tísica espiritualidade que subjaz o pseudo-petrarchismo dos tristes poetas da nossa Renascença, até á secca commotividade em torno á qual nucleou o neo-huguisimo (grande embora) do actual chefe honorario da intellectualidade Portuguesa". (PESSOA, Fernando. "Movimento Sensacionista". *Exílio* 1. p.46.)

Se este ataque à *Renascença* poderia desacreditar ainda mais a anterior postura de Pessoa, devemos aqui lembrar que, como indica Teresa Almeida a revista *Exílio* passou "quase despercebida na imprensa da época"(ALMEIDA, Teresa. "Nacionalismo e Modernismo O projecto *Exílio*". In: *Exílio (edição facsimilada)*. p.VII), e assim não podemos saber se o autor do artigo tinha conhecimento da existência deste texto de Pessoa.

<sup>98</sup>Não sabemos de que forma estes dois fatos estão relacionados, ou seja, se a desistência de Pascoaes acarretou ou foi gerada, ao menos em parte, por certas mudanças no interior da sociedade. Podemos pelo menos supor, com alguma segurança, que o artigo que aqui estamos analisando foi escrito ou no mínimo inspirado por Álvaro Pinto, já que não só existem visíveis semelhanças entre a versão da história da *Renascença* que aqui aparece e a que ele apresentará nos seus artigos na revista *Ocidente*, da qual serve de exemplo o trecho que citamos na parte 2.2.1, mas também porque ele passa a ser, a partir deste momento, oficialmente o editor da revista, já que António Carneiro é o diretor apenas da parte artística. De fato, se nos lembrarmos aqui que seja a homenagem a Sampaio Bruno, presente no oitavo volume, seja a seção "Portugal e a guerra", presente no nono, foram por ele organizadas, podemos perceber que já há algum tempo deveria ser ele, na prática, o principal editor de *A Águia*.

grande maioria, da literatura portuguesa. Este critério editorial, com a referida seção, se modifica, e serão publicados vários textos traduzidos, por António Arroio, de periódicos franceses, sem nenhuma relação com o país. Na primeira vez que esta seção é publicada, no número 64, existe uma introdução do próprio Arroio em que, após citar uma série de trechos de artigos basicamente de revistas estrangeiras<sup>99</sup>, ele indica os objetivos desta seção:

(...) Tais paginas [produzidas durante a guerra] constituem por isso mesmo uma serie de valiosos documentos que, no futuro, serão vantajosamente aproveitados para se definirem os *estados de alma* sucessivos das populações que directamente entraram na luta. Fazer dêles um agrupamento judiciosamente joeirado constituirá pois, quanto a mim, obra meritoria e devéras sugestiva que se deverá a esta revista. Mas a sua realisação não pode de maneira alguma ser levada a cabo por um só; reclama a colaboração de muitos e, porisso, ***A Águia apela para todos os seus colaboradores***, pedindo-lhes que lhe mandem traduções dos documentos desta natureza que eles possam seleccionnar nas suas leituras diarias. Publicando-as á medida que lhe forem sendo enviadas, *A Águia* terá, ao cabo de alguns mezes, reunido um conjunto de trabalhos cujo alto valor psicologico é inegavel.

Tudo leva a crêr que a arte gerada num longo periodo, em que as almas passam por estados de singular e vibrante acuidade, apresentará caracteres diferenciais muito acentuados com relação á que procede dos tempos de paz. A excepcional tensão dos espiritos, nestes dolorosos momentos em que urge decidir e actuar, deve imprimir-lhe um cunho que a tornará inconfundivel.<sup>100</sup>

Se o seu pedido aparentemente não foi atendido, já que ele será o único tradutor dos 66 textos publicados ao longo de três anos<sup>101</sup>, esta introdução nos indica claramente que não estamos diante de um projeto *pessoal*, já que, pelo menos o apelo feito aos colaboradores o é em nome da revista, como podemos ver pelo trecho que acima colocamos em negrito. Assim esta seção, que tem por objetivo por o público português em contato com o que de mais novo estava sendo produzido ao menos na literatura francesa, mostra-nos, como acima indicamos, uma outra mudança na linha da revista, um certo objetivo *internacionalista* que de forma alguma existia antes<sup>102</sup>.

<sup>99</sup>Todos os artigos estrangeiros citados foram publicados originalmente em francês. O único artigo português citado é o "Espectros" de António Sérgio, publicado em *Atlantida*, nº 11, p.1052-1067.

<sup>100</sup>ARROIO, António. "Os novos tempos e a sua literatura". *A Águia*, 2ª série, v. 11. p. 125-126. Os negritos são nossos.

<sup>101</sup>Esta seção, como dissemos, iniciou-se no número 64, de abril de 1917, e seus últimos textos saíram no número duplo 99-100, de março e abril de 1920.

<sup>102</sup>Devemos aqui nos lembrar que ao estudarmos o primeiro volume de *A Águia* analisamos um artigo de António Arroio, "As nossas indústrias de arte", em que ele considerava que para que mudanças pudessem ocorrer na indústria de arte portuguesa era necessário que elas ocorressem por evolução dos dados

Assim, os poucos artigos que tratarão do tema nacional estarão em um contexto bem diverso daquele em que foram publicados, em especial, os presentes nos seis primeiros volumes. O Saudosismo não mais existe; seu maior defensor não mais dirige a revista; a *Renascença Portuguesa* renega suas relações com este movimento e uma série de textos estrangeiros aparecem traduzidos na revista. Assim não é de estranhar que o mote recorrente destes artigos seja o de apontar o que fazer para que Portugal minimamente possa se equiparar aos demais países europeus, como pode ser visto na rápida referência que faremos aos textos mais significativos presentes em cada um dos volumes<sup>103</sup>.

Ainda neste décimo primeiro volume Alfredo Bensaúde publicará "O Instituto Superior Técnico e o desenvolvimento da indústria nacional" em que indicará a necessidade de mudar a política industrial do país e de melhorar o ensino técnico para que o país possa se desenvolver industrialmente.

No volume 12, António Sérgio, no seu "Prefácio para uma tradução dos *Ensaio Políticos* de Spencer", voltará ao tema da necessidade de descentralizar o Estado em Portugal, que precisa abandonar o liberalismo de molde francês e aproximar-se mais do inglês, em sua origem já descentralizado; José Vianna da Motta no "O ensino musical em Portugal" indica o que precisa ser feito para que a reforma do Conservatório de Lisboa e a criação do Conservatório do Porto possam gerar bons frutos, indicando como funcionam alguns conservatórios europeus; ainda neste volume, Ezequiel Campos em "O *Zollverein* e a harmonia Ibérica" falará do que precisa ser feito para que, futuramente, Portugal e Espanha possam criar uma união aduaneira que permitiria que a Ibéria tivesse um maior valor no continente europeu.

Nos volumes 13 e 14 não existem artigos que tratem de forma significativa da questão nacional. No décimo quinto, além de um artigo de Sérgio sobre a educação, "Discurso imaginário pronunciado imaginariamente à uma imaginária assembleia dos que são chamados pelo Diário de Governo (em virtude de um conceito imaginário) 'beneméritos da instrução pública' ", encontramos o "O valor social do português", de Mendes Correia, no qual não só é contraposta uma análise positiva das características da raça portuguesa a uma visão absolutamente negra da realidade nacional, mas também a Espanha que se moderniza é tomada como um modelo a ser seguido pelo país. Ainda neste volume inicia-se

---

tradicionais, sem saltos bruscos, sendo também necessário observar o que ocorria em termos de ensino artístico nas nações cultas. Podemos pensar que, em outro domínio, é um pouco este o seu objetivo com esta seção: fazer com que os portugueses, certamente interessados pelo tema da guerra, entrassem em contato com o que, em termos literários, de mais moderno estava sendo produzido na Europa.

<sup>103</sup>As páginas em que se encontram cada um destes artigos podem ser encontradas no Índice geral de *A Águia* no Anexo desta tese.

uma nova seção, "Problemas da Grei", na qual, até o décimo sétimo volume, serão apresentados textos de alguns autores sobre formas de resolver o *atraso* português<sup>104</sup>.

Pela rápida referência que aqui fizemos destes artigos, podemos confirmar o que antes dissemos: a imagem de Portugal que os embasa é a de um país bastante atrasado em relação à Europa, atravessando uma série de problemas, e que precisa urgentemente modernizar-se. Passados mais de quarenta anos das *Conferências do Casino*, desaparecido o entusiasmo e o otimismo dos saudosistas, acabamos por voltar, com poucas variações, à visão básica que já estava presente em *Causas da Decadência*.

Mas esta *nova Águia* que surge a partir do décimo primeiro volume da revista não foi a última metamorfose que ela sofreu durante a segunda série.

Em um texto não assinado do décimo sétimo volume de *A Águia*, intitulado "Álvaro Pinto", encontramos a seguinte referência:

No dia 4 de março seguiu para o Rio de Janeiro este nosso distinto camarada, que ali vai instalar juntamente com o ilustre escritor Antonio Sérgio a *Sociedade Luso-Brasileira*, que, nos moldes da *Renascença Portuguesa*, e sistematizado com esta sua acção, aí pugnará pelo renome e interesses espirituais de Portugal.

Do valor da notável iniciativa é caução mais do que bastante a obra já realizada da *Renascença Portuguesa*, em grande parte devida a competência e superior esforço daquele seu infatigável organizador. Também nenhum momento mais próprio que o da hora presente para a obra de expansão e intercâmbio intelectual entre as duas nações.<sup>105</sup>

Mais de vinte anos depois, Álvaro Pinto explicitaria que não foi com objetivos de *expansão* ou de *intercâmbio* que se transferiu para o Rio de Janeiro:

---

<sup>104</sup>O título destes artigos podem ser encontrados no Índice geral de *A Águia* no Anexo desta tese. Esta seção, como é indicado em nota na primeira vez em que aparece, foi criada por um acordo entre as diretorias da revista *Pela Grei* e de *A Águia* para que "os colaboradores daquela revista possam continuar tratando os problemas que nela versavam, sob a mesma orientação". (SÉRGIO, António. "Da necessidade de criar focos independentes da cultura por meio do recurso ao estrangeiro". *A Águia*, 2ª série, v. 15. p. 140.), já que a *Pela Grei* havia sido interrompida, entre outros motivos, por ter "um deficit de cerca de 500 escudos" (Ibidem. p.140.). Esta revista, dirigida por António Sérgio, havia sido criada em 1917 e foi encerrada em 1918, tendo sido dela publicados sete números. (Cf. MATOS, A. Campos. "Bibliografia de António Sérgio". *Revista da História das Ideias* 5, p.1044.)

<sup>105</sup>"Álvaro Pinto". *A Águia*, 2ª série, v. 17. p.134. Na folha de rosto deste volume, como que a confirmar o que aqui vem dito, a indicação que aparecia após o nome da revista até o volume anterior, "ÓRGÃO da RENASCENÇA PORTUGUESA", é transformada para "ÓRGÃO da RENASCENÇA PORTUGUESA e da LUSO-BRASILEIRA". Já no volume 18 volta a ser utilizada, até o fim desta série, a primeira das indicações citadas.

Cheguei ao Rio de Janeiro, no pacote inglês "Orcoma", a 21 de Março de 1920, domingo chuvoso e inconstante. Algumas semanas depois, chegaram no "Curvelo" sete operários portugueses e a tipografia que havia instalado no Pôrto em 1914 com cinco amigos, que me cederam as suas cotas para a poder transferir para o Brasil. Instalei o que foi, adquiri mais material, mais máquinas e comecei a trabalhar. *A Águia* foi comigo e comigo foi a solidariedade de todos os Autores da "Renascença Portuguesa". Como Portugal estava nessa época em regime de desordem permanente, nada aqui se podia realizar com sossego e ânimo confiado.<sup>106</sup>

Esta transferência de *A Águia* para o Brasil trouxe reflexos imediatos na revista. A partir do número duplo 101-102, de maio e junho de 1920, o primeiro a ser aqui publicado pela tipografia "Anuario do Brasil", que fora adquirida por Álvaro Pinto, não mais aparecem artigos que tratem da situação então contemporânea de Portugal<sup>107</sup>, que, como vimos, tinha sido a tônica da revista no tocante a questão nacional desde o décimo primeiro volume. Além disto desaparecem as seções "Os novos tempos e a sua literatura" e "Problemas da Grei". Em contrapartida surge, já no décimo sétimo volume, a seção "Carta do Brasil", inicialmente assinada por António Sérgio e Álvaro Pinto e, a partir do número triplo 112-114, apenas por Álvaro Pinto, em que basicamente são tratados problemas brasileiros ou da colônia portuguesa residente no país. Também a maior parte das análises feitas na "Bibliografia" passam a ser reimpressões de artigos saídos na imprensa brasileira, e serão vários os artigos que vão referir-se ao Brasil.

Assim, no final desta série, já não estamos diante de uma revista propriamente portuguesa, mas de um periódico luso-brasileiro que, em função de ser aqui editado, praticamente não está em contato com o que ocorre em seu país de origem. *A Águia* que iniciara esta série sendo a revista de um movimento que esperava criar um *novo Portugal*, em que as antigas glórias seriam suplantadas pelas *novas navegações espirituais* que

---

<sup>106</sup>PINTO, Álvaro. "Páginas de memórias Quadros das minhas aventuras editoriais no Brasil". *Ocidente*, v. 21, dez. 1943. p.363.

Como sabemos o ano de 1919 foi, dentro do quadro conturbado que sempre caracterizou a primeira república, especialmente problemático. Para apenas citarmos dois acontecimentos fundamentais, devemos lembrar que em dezembro de 18 Sidónio Pais havia sido assassinado e que com o fim do sidonismo houve uma verdadeira epidemia de greves visando a reposição dos salários que haviam ficados congelados; por outro lado, de 19 de janeiro a 13 de fevereiro o Porto - cidade em que Álvaro Pinto residia e trabalhava - foi a sede da Monarquia do Norte. (Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal* v. III. p. 241-249. e TELO, António José. *Decadência e Queda da I República Portuguesa*. p. 143-154.)

<sup>107</sup>Aqui estamos nos referindo apenas até o número triplo 115-117, de julho a setembro de 1921, já que não tivemos acesso, por não os acharmos nas bibliotecas em que pesquisamos, aos três últimos números da segunda série que são, muito provavelmente, um único volume, já que desde o número triplo 103-105 este vinha sendo o procedimento editorial da revista.



estavam sendo realizadas, termina seus dias exilada no Brasil, expulsa que foi de Portugal pela *desordem permanente* em que o país vivia. *Misera sorte! Estranha condição!*

#### 4. À guisa de conclusão: *A Águia* - da esperança à decadência

Se Deus o havia de levar  
Para que foi que no-lo trouxe-  
Cavaleiro leal, do olhar  
Altivo e doce?

(FERNANDO PESSOA)

Se quisermos definir em poucas palavras a trajetória de Portugal nas páginas desta segunda série de *A Águia* temos de, parodiando o título desta tese, concluir que ela vai da esperança à decadência. Se nos primeiros volumes Portugal é um país à beira de se transformar em centro espiritual do mundo graças à suas características próprias, graças, em parte, a seu próprio atraso, no final desta série a decadência deste tema chega a tal ponto que Portugal nem é mais questão nesta revista que não mais pode ser considerada como portuguesa.

Nenhum destino intelectual se aproxima mais desta trajetória que o de Pascoaes. Paladino do movimento, no primeiro momento se desdobra em defesa da Saudade. Publica uma quantidade assombrosa de artigos na revista, faz uma série de conferências, publica vários livros. Quando o movimento está esmorecendo é ele, antes de todos os demais, que lança a nova palavra de ordem, a guerra, através da qual esta esperança consegue ainda por alguns volumes sobreviver. Na sua última participação na revista publica um poema em que o desespero de ver Portugal transformado em um *grande mausoléu* faz com que peça ao *Deus de Ourique* que reverta este quadro, que restitua o Ser a este país que o perdeu nas areias de Alcácer. Pascoaes certamente foi daqueles que quis *grandeza qual a Sorte a não dá*, que achou que através de sua *alma atlântica* poderia *fecundar a realidade* e dar ao povo a alma que lhe faltava. Quando a esperança se desfez abandonou a revista. Ele não saberia conviver com a decadência, e por isto, anos depois, atribuiria ao país, a este Portugal sem fome, o fracasso de sua pregação. E partiria para novos sonhos.

Mas a própria *A Águia* também partiria para novos sonhos. Seja com o mesmo nome, novamente portuguesa sob a direção de Leonardo Coimbra, seja transmutada na *Seara Nova* em que se irmanariam o anti-saudosista António Sérgio com os ex-saudosistas Jaime Cortesão e Augusto Casimiro. O próprio sonho de *A Águia*, por todos abandonado, retornaria mais de duas décadas depois, transformado neste livro-profecia que é *Mensagem*, em que o país sepulcro de Pascoaes seria o país nevoeiro de Pessoa, e em que, mais uma vez, a pequenez presente seria a garantia da grandeza que estava prestes a acontecer.

Ponto de encontro de intelectuais que, nas décadas seguintes partiriam para outras viagens, *A Águia* é com certeza uma das mais importantes revistas portuguesas do início do século. Esperamos que outros críticos possam vir, continuando ou não este trabalho, tirá-la desta incômoda situação de, mais de oitenta anos depois do nascimento desta revista, ser ainda um território praticamente inexplorado.

## 5. ANEXO

## 5.1 Índice geral dos textos da segunda série de *A Águia*<sup>1</sup>

Volume e página	nº	Seção e/ou Título do texto	Autor
01: 001	001	<b>LITERATURA</b>	
01: 001	001	RENASCENÇA	Teixeira de Pascoaes
01: 004	001	O VAGO	Mário Beirão
01: 004	001	O CREPUSCULO	Mário Beirão
01: 005	001	PALAVRAS ANTIPATICAS / [IV.º ESTADO-O ESTADO ARTISTA]	Vila-Moura
01: 008	001	Chanson	François Villon <sup>2</sup>
01: 008	001	Canção da Despedida	António Correia de Oliveira
01: 009	001	Esta história é para os Anjos	Jaime Cortesão

<sup>1</sup>Mantivemos a ortografia adotada nos títulos dos artigos. Mantivemos também o uso de maiúsculas e minúsculas bem como o de tipos especiais, como o itálico, o negrito e a caixa alta. Para indicarmos o uso de tipos de tamanhos diferentes e a divisão de linhas usamos as seguintes notações:

/: indica divisão de linhas.

[ ]: indica que o texto contido no interior dos colchetes possui um tipo menor.

[[ ]]: quando o título possui três tamanhos de tipos diferentes, indica o menor deles. Para o tipo de tamanho intermediário, neste caso, usamos os colchetes simples.

Este índice possui o título de todos os artigos publicados na segunda série de *A Águia*, com exceção dos últimos três números, 117-120, a que não tivemos acesso. Em relação às resenhas de obras presentes na "Revista Bibliográfica" ou na "Bibliografia", utilizamos dois critérios diversos. Até o número duplo 99-100, último publicado em Portugal, estão neste índice todas as resenhas assinadas, mesmo que o sejam apenas por iniciais. A partir do número seguinte, já publicado no Brasil, constam deste índice apenas os textos assinados que ou não foram retirados de outros periódicos, ou foram escritos por colaboradores que já anteriormente haviam publicado na revista. Utilizamos este critério pois a partir do momento em que esta revista passou a ser impressa no Brasil a "Bibliografia" cresceu bastante, e, na grande maioria das vezes, as resenhas nela presentes foram retiradas de outros periódicos, principalmente brasileiros.

Ainda em relação às resenhas, algumas vezes seus títulos aparecem com outras informações além do título e do autor da obra analisada, como cidade, casa publicadora e preço. Como estas outras informações acabariam por aumentar muito o tamanho deste índice, optamos por suprimi-las. Sempre que o fizemos, indicamos este fato pelo uso do sinal [...].

O título das várias seções aparecem, na revista, em caixa-alta e grifados. Para uma mais fácil visualização optamos por, no índice, colocá-los em negrito, mantendo a caixa-alta. Na coluna "Volume e página" o número antes dos dois pontos indica o volume, e o posterior as páginas em que o texto e/ou seção se inicia.

<sup>2</sup>Apenas Correia de Oliveira assina esta página, em que aparece seu poema e o de Villon. No índice dos autores presentes neste número Villon não aparece.

01: 015	001	Uma fala de Espiritos	Leonardo Coimbra
01: 019	001	O PUCARINHO	Afonso Lopes Vieira
01: 020	001	Quinta das Lágrimas - Fonte dos Amores	Augusto Casimiro
01: 021	001	Misticismo da carne <sup>3</sup>	Afonso Duarte
01: 022	001	SONETOS	João de Deus Ramos
01: 023	001	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
01: 023	001	PEDRO NUNES E A ÁLGEBRA	Augusto Martins
01: 027	001	Da liberdade e seus detentores	Joaquim Martins Manso
01: 029	001	<b>NOTAS E COMENTARIOS</b>	
01: 029	001	A IDEACÃO DE OLIVEIRA MARTINS	António Sérgio
01: 031	001	<b>REVISTA BIBLIOGRÁFICA</b>	
01: 031	001	<b>Rosário de sonetos líricos</b> por Miguel de Unamuno	Teixeira de Pascoaes
01: 032	002	<b>Dizeres do Povo</b> por Antonio Correia d'Oliveira	Teixeira de Pascoaes
01: 033	002	<b>LITERATURA</b> <sup>4</sup>	
01: 033	002	RENASCENÇA / [(O ESPIRITO DA NOSSA RAÇA)]	Teixeira de Pascoaes
01: 035	002	INÉDITO	Oliveira Martins
01: 036	002	Choupos na luz do Luar	Jaime Cortesão
01: 038	002	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INEDITAS] / V	Camilo Castelo Branco
01: 038	002	NOTAÇÕES	Vila-Moura
01: 039	002	Padre Nosso / [(Oração ao Sol)]	António Correia de Oliveira
01: 040	002	SILVA PINTO	Vila-Moura
01: 044	002	Résa outomnal	Mário Beirão
01: 046	002	Sinphonia do Outomno	Veiga Simões
01: 047	002	O ORGULHO DA AGUIA	Vicente de Carvalho
01: 048	002	MEDIEVAL	Vicente de Carvalho
01: 049	002	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b> <sup>5</sup>	
01: 049	002	ESCERTO	Leonardo Coimbra
01: 056	002	<b>ARTE</b>	
01: 056	002	O ensino official das Bellas-Artes	João Augusto Ribeiro
01: 058	002	<b>NOTAS E COMENTARIOS</b>	
01: 058	002	A SITUAÇÃO POLÍTICA	Raul Proença
01: 063	002	<b>REVISTA BIBLIOGRÁFICA</b>	
01: 063	002	<b>O meu retiro</b> pelo Padre Alvares de Almeida	Augusto Casimiro
01: 065	003	<b>LITERATURA</b>	
01: 065	003	Uma carta de Manuel Larangeira	Teixeira de Pascoaes
01: 068	003	INÉDITO	Antero de Quental
01: 069	003	VERSOS DA MINHA VENTURA	Augusto Casimiro

<sup>3</sup>Este texto está dividido em dois sonetos assim intitulados: "I-Avé-origem" e "II-Amen-Amor".

<sup>4</sup>Apesar de, neste número da revista, esta seção não estar designada, designamo-la como sendo de LITERATURA pois não só todos os textos nela contidos apresentam as características daqueles que usualmente aparecem neste tipo de seção de *A Águia*, como também porque os números da revista sempre iniciam por ela.

<sup>5</sup>Esta seção não está designada neste número, como ocorreu com a seção de Literatura.

01: 072	003	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INÉDITAS] / VI	Camilo Castelo Branco
01: 072	003	NOTAÇÕES	Vila-Moura
01: 074	003	O Lavrador	Afonso Lopes Vieira
01: 075	003	A Lareira	Afonso Lopes Vieira
01: 076	003	MATER DOLOROSA	Leonardo Coimbra
01: 079	003	ESCERTO <sup>6</sup>	Basílio Teles
01: 087	003	LUAR DE OUTONO	Afonso Duarte
01: 088	003	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
01: 088	003	PEDRO NUNES	Augusto Martins
01: 091	003	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
01: 091	003	DIFERENCIAÇÃO E PROGRESSO / [(Reflexões d'um ignorante)]	Raul Proença
01: 099	003	<b>REVISTA BIBLIOGRÁFICA</b>	
01: 101	004	<b>LITERATURA</b>	
01: 101	004	A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada	Fernando Pessoa
01: 108	004	Autógrafo <sup>7</sup>	Alexandre Herculano
01: 110	004	CANTICO DOS MONTES	António Cobeira
01: 111	004	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INÉDITAS] /VII	Camilo Castelo Branco
01: 112	004	O silencio do meio-dia / [(excerpto)]	Artur Ribeiro Lopes
01: 114	004	SAÚDE / [(BREVES CONSIDERAÇÕES FILOLÓGICAS)]	António Augusto Cortesão
01: 118	004	ATTRACÇÃO DA TERRA	Coelho Neto
01: 121	004	Oração de Amôr e de Humildade	Jaime Cortesão
01: 122	004	BASILIO TELES	Leonardo Coimbra
01: 124	004	A TRICANA	Veiga Simões
01: 128	004	MANUEL LARANJEIRA	João de Barros
01: 129	004	O POETA E A NAU	Augusto Casimiro
01: 130	004	MISTICISMO DO POENTE	Augusto Santa Rita
01: 131	004	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
01: 131	004	<b>REVISTA BIBLIOGRÁFICA</b> <sup>8</sup>	
01: 131	004	<i>A Evocação da Vida, por Augusto Casimiro</i>	Vila-Moura
01: 133	005	<b>LITERATURA</b>	
01: 133	005	NA CELLA DE SAN YUSTE	Teófilo Braga
01: 134	005	PÃO NOSSO	António Correia de Oliveira
01: 135	005	LE VERBE	Philéas Lebesgue
01: 136	005	Autógrafo <sup>9</sup>	Almeida Garrett
01: 136	005	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INÉDITAS] /VIII	Camilo Castelo Branco

<sup>6</sup>Em tipo bem menor é acrescentado ao título "Do "Livro de Job" a sair breve da Livraria Chardron. Tradução em verso com um estudo sobre o poema por Bazilio Teles."

<sup>7</sup>Este titulo foi dado no indice geral do volume. Trata-se de uma carta fac-similada.

<sup>8</sup>Neste número a "Revista Bibliográfica" é uma subsecção do "Notas e Comentários".

<sup>9</sup>Este titulo foi dado no indice geral do volume. Trata-se de um pequeno trecho fac-similado.

01: 137	005	REINCIDINDO...	Fernando Pessoa
01: 145	005	ADIVINHOS D'AGUA	Nuno de Oliveira
01: 146	005	A EPOPEIA DOS MALTEZES	Mário Beirão
01: 148	005	CÔRES ESPIRITUAES	Augusto Santa Rita
01: 150	005	SIC ITUR AD ASTRA	Henrique Rosa
01: 152	005	<b>ARTE</b>	
01: 152	005	JULIO VAZ	Veiga Simões
01: 154	005	AS NOSSAS INDUSTRIAS DE ARTE / I	António Arroio
01: 161	005	MULHERES ARTISTAS	Carlos Parreira
01: 164	005	Autógrafo <sup>10</sup>	Rossini
01: 165	005	<b>SCIÊNCIA</b>	
01: 165	005	A MATEMATICA E A REALIDADE	Leonardo Coimbra
01: 169	005	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
01: 169	005	<b>REVISTA BIBLIOGRÁFICA</b>	
01: 169	005	<b>O Livro de Job</b> Tradução em verso com estudo sobre o poema por <i>Bazílio Teles</i>	Teixeira de Pascoaes
01: 173	006	<b>LITERATURA</b>	
01: 173	006	CAMÕES	Teixeira de Pascoaes
01: 174	006	SEPULCHROSITO	António Nobre
01: 175	006	Regendo a Sinfonia da Tarde	Jaime Cortesão
01: 181	006	A concepção do amor nos poetas provençais	Gustavo Ferreira Borges
01: 184	006	LE CONDOR CAPTIF	Philéas Lebesgue
01: 185	006	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INÉDITAS] /IX	Camilo Castelo Branco
01: 186	006	A Canção da noiva moribunda / [(Das "Serres chaudes" de M. Mæterlinck)]	Augusto Casimiro
	006	<b>ARTE</b>	
01: 187	006	AS NOSSAS INDUSTRIAS DE ARTE / II	António Arroio
01: 192	006	Autógrafo <sup>11</sup>	Miguel Angelo
01: 194	006	<b>SCIÊNCIA</b>	
01: 194	006	Ensino secundário da Matemática	Augusto Martins
01: 197	006	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b> <sup>12</sup>	
01: 197	006	<b>REVISTA BIBLIOGRÁFICA</b>	
01: 197	006	<b>O Regresso ao Paraíso</b> por <i>Teixeira de Pascoaes</i>	Leonardo Coimbra
01: 199	006	<b>A plein Vol</b> por <i>Philéas Lebesgue</i>	Teixeira de Pascoaes
01: 200	006	<b>SECÇÃO BRASILEIRA</b>	
01: 200	006	ATTRACÇÃO DA TERRA	Coelho Neto
01: 204	006	Carolina Augusta	Costa Macedo
02: 001	007	<b>LITERATURA</b>	
02: 001	007	MEUS OLHOS DOLOROSOS	Teixeira de Pascoaes
02: 002	007	A NOSSA SENHORA	António Nobre
02: 002	007	COLLAR D'ASTROS	António Nobre

<sup>10</sup>Este título foi dado no índice geral do volume. Trata-se de um pequeno trecho fac-similado.

<sup>11</sup>Este título foi dado no índice geral do volume. Trata-se de uma partitura fac-similada.

<sup>12</sup>Neste número a "Revista Bibliográfica" é uma subsecção do "Notas e Comentários".



02: 004	007	Carta <sup>13</sup>	António Nobre
02: 006	007	A VILLA-FEIA	Vila-Moura
02: 009	007	TERNURA DE CHACAL	Teófilo Braga
02: 010	007	VERSOS DA ALÉLUIA	Augusto Casimiro
02: 011	007	AMOR DE MULHER / [(Excerpto de um romance)]	Carlos Malheiro Dias
02: 017	007	<b>ARTE</b>	
02: 017	007	UM PINTOR D'AGUARELAS / [ALVES DE SÁ]	Carlos Parreira
02: 019	007	O SALÃO DOS HUMORISTAS	Veiga Simões
02: 027	007	<b>SCIÊNCIA</b>	
02: 027	007	O PALEOLITICO EM PORTUGAL / [ESTADO ACTUAL DO SEU ESTUDO]	Virgílio Correia
02: 032	007	<b>SECÇÃO BRASILEIRA</b>	
02: 032	007	EÇA DE QUEIROZ	Matheus de Albuquerque
02: 036	007	<b>REVISTA BIBLIOGRÁFICA</b>	
02: 037	008	<b>LITERATURA</b>	
02: 037	008	ÁGUAS RELIGIOSAS	Leonardo Coimbra
02: 039	008	Canção das andorinhas	Carlos de Oliveira
02: 040	008	TENTAÇÃO	António Nobre
02: 042	008	MULHERES DE CAMILO	Antero de Figueiredo
02: 045	008	MARIA PEREGRINA	Mário Beirão
02: 046	008	O VALOR DA VIDA	Augusto Casimiro
02: 049	008	MAGUA RELIGIOSA	Augusto Santa Rita
02: 050	008	LUA-NOVA	Afonso Duarte
02: 051	008	SEMPRE MÔÇA	A. Rocha Peixoto
02: 051	008	MINHA VONTADE	A. Rocha Peixoto
02: 052	008	A educação dos povos peninsulares	Ribera y Rovira
02: 058	008	SONETO	Afonso Mota Guedes
02: 059	008	ELEGIA D'ALMA	António Cobeira
02: 060	008	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
02: 060	008	PHYTOGRAPHIA SELECTIOR	Gonçalo Sampaio
02: 063	008	O Ensino Secundário da Matemática	Augusto Martins
02: 065	008	<b>SECÇÃO BRASILEIRA</b>	
02: 065	008	OS COVAS	Costa Macedo
02: 070	008	ARCO-IRIS	Pinto da Rocha
02: 072	008	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
02: 073	009	<b>LITERATURA</b>	
02: 073	009	A RENASCENÇA PORTUGUESA / e o ensino da História Pátria	Jaime Cortesão
02: 080	009	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INÉDITAS] / X	Camilo Castelo Branco
02: 081	009	ROMARIAS	António Correia de Oliveira
02: 085	009	MOCIDADE	Candida Aires de Magalhães
02: 086	009	A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto Psychologico	Fernando Pessoa

<sup>13</sup>Este título foi dado no índice geral do volume. A citada carta começa, sem título, já pelo cabeçalho.

02: 095	009	Canto primaveril	Carlos Maul
02: 097	009	“Carta a A....,	Manuel Laranjeira
02: 098	009	Duas páginas do Livro das Saudades. <sup>14</sup>	Veiga Simões
02: 104	009	Nota sôbre os vocábulos <i>treinar, deporte e despôrto</i>	A. A. Cortesão
02: 106	009	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
02: 106	009	O MAL E O ÊRRO	Leonardo Coimbra
02: 108	009	A Capella do Castro da Senhora da Alegria (Almalaguez)	Virgílio Correia
02: 112	009	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
02: 112	009	<b>Nova Safo</b> por <i>Vila-Moura</i>	Teixeira de Pascoaes
02: 113	010	<b>LITERATURA</b>	
02: 113	010	O Saudosismo e a Renascença	Teixeira de Pascoaes
02: 115	010	AUSENTE	Mário Beirão
02: 116	010	MEDALHAS	Vila-Moura
02: 117	010	O CALVÁRIO DA TARDE	Carlos de Oliveira
02: 118	010	Da “Renascença Portuguesa,, e seus intuitos	Jaime Cortesão
02: 124	010	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INÉDITAS] / XI	Camilo Castelo Branco
02: 125	010	A PRIMEIRA NAU	Augusto Casimiro
02: 134	010	Cartas de Pinheiro Chagas / I	Pinheiro Chagas
02: 135	010	AMORES	Cruz Andrade
02: 139	010	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
02: 139	010	SANTELMO / [(INVESTIGAÇÃO HISTÓRICO-ETIMOLÓGICA)]	Antonio A. Cortesão
02: 143	010	O AEROPLANO PERANTE A SCIENCIA / RESISTENCIA DO AR <sup>15</sup>	Carlos Correia Paraiso
02: 153	011	<b>LITERATURA</b>	
02: 153	011	A Nova Poesia Portugueza no seu aspecto Psychologico	Fernando Pessoa
02: 157	011	BÊNÇÃO DE DEUS	Carlos de Oliveira
02: 158	011	UMA CARTA DE FIALHO	Fialho de Almeida
02: 159	011	CINTRA	Mário Beirão
02: 164	011	Cartas De Pinheiro Chagas / II	Pinheiro Chagas
02: 165	011	VERSOS PARA MEU FILHO	Augusto Casimiro
02: 166	011	O DUELO DO LOUCO	Leonardo Coimbra
02: 170	011	SOBRE O TUMULO DE UMA MÃE <sup>16</sup>	Emilio de Menezes
02: 171	011	O PEDREIRO CANTADÔR	Jaime Cortesão
02: 174	011	DIANTE DO MAR	Carlos Maul
02: 176	011	DESTINO / [(CONTO)]	Vila-Moura
02: 182	011	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
02: 182	011	[NOTA SOBRE / o] / <i>Juncus echinuloides</i> Brot	Gonçalo Sampaio

<sup>14</sup>Este texto está dividido em duas partes, "O ULTIMO POETA", que se inicia na página 98, e "O BAILE DOS CÂBULAS", que se inicia na 100.

<sup>15</sup>O subtítulo da segunda linha aparece em tipo menor.

<sup>16</sup>Trata-se de um soneto manuscrito inserto em um desenho.

02: 184	011	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
02: 185	012	<b>LITERATURA</b>	
02: 185	012	Ainda o Saudosismo e a «Renascença»	Teixeira de Pascoaes
02: 187	012	CAMILLO CASTELLO BRANCO / [CARTAS INÉDITAS] / XII	Camilo Castelo Branco
02: 188	012	A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto Psychologico	Fernando Pessoa
02: 193	012	A PROSA DE CAMILO	Antero de Figueiredo
02: 194	012	DIALOGO	Veiga Simões
02: 198	012	A CASA ANTIGA	Candida Aires de Magalhães
02: 201	012	DESTINO	Vila-Moura
02: 207	012	À ESPERANÇA	Carlos Maul
02: 210	012	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
02: 210	012	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
02: 216	012	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
02: 216	012	<b>A Escarpa</b> (Tragedia moderna em 4 episodios) por <i>Almachio Dinis - Esboços literarios</i> por <i>Adherbal de Carvalho</i> .	Teixeira de Pascoaes
03: 001	013	<b>LITERATURA</b>	
03: 001	013	CAMILO INÉDITO / [PREFACIO]	Vila-Moura
03: 004	013	TARDES ASCÉTICAS	Jaime Cortesão
03: 005	013	O INVALIDO	Tomás Lopes
03: 012	013	Cartas de João de Lemos / III <sup>17</sup>	João Lemos
03: 013	013	À LAREIRA	António Sérgio
03: 016	013	O tragico fim dum caçador de symbolos	Carlos Maul
03: 019	013	A MORTE E O DOIDO / [(TRECHO)]	Teixeira de Pascoaes
03: 022	013	Cartas de Pinheiro Chagas / III	Pinheiro Chagas
03: 023	013	EVOCAÇÃO PROFÉTICA	Carlos de Oliveira
03: 024	013	PORTUGAL	Augusto Santa Rita
03: 026	013	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
03: 026	013	LISBOA PREISTORICA / [A ESTAÇÃO NEOLITICA DA CÊRCA DOS JERONIMOS]	Virgílio Correia
03: 030	013	Nova teoria do sacrificio / III	José Teixeira Rego
03: 037	013	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
03: 038	013	<b>A RENASCENÇA PORTUGUESA NO ESTRANGEIRO</b>	
03: 038	013	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
03: 041	014	<b>LITERATURA</b>	
03: 041	014	RENASCENÇA / [[[SECULO XVI]]] / [1.º PERIODO: OS QUINHENTISTAS]	Teófilo Braga
03: 044	014	Romaria das Árvores	António Cobeira
03: 048	014	CASA DAS SOMBRAS	Vila-Moura
03: 056	014	IMORTALIDADE	Durval de Moraes
03: 057	014	ALEXANDRE HERCULANO	Durval de Moraes
03: 058	014	ERMOS	Mário Beirão

<sup>17</sup>O "III" deve ter sido uma gralha, já que no número seguinte foi publicada a segunda carta de João de Lemos.

03: 059	014	Cartas de João de Lemos / II	João Lemos
03: 061	014	Ao adormecer a minha filha	Maria da Gloria Teixeira de Vasconcelos
03: 062	014	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
03: 062	014	A LUCTA PELA IMORTALIDADE <sup>18</sup>	Leonardo Coimbra
03: 072	014	LISBOA PREISTORICA / [A ESTAÇÃO NEOLITICA DA CÊRCA DOS JERONIMOS]	Virgílio Correia
03: 077	014	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
03: 080	014	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
03: 081	015	<b>LITERATURA</b>	
03: 081	015	GOMES LEAL	Teixeira de Pascoaes
03: 083	015	TRANSFIGURAÇÃO	António Sérgio
03: 084	015	EU	Alexandre Ferreira
03: 085	015	ISMAEL	Vila-Moura
03: 092	015	LAGRYMAS	Carlos de Oliveira
03: 092	015	Da Comoção das Arvores...	Carlos de Oliveira
03: 093	015	CANTIGAS	Candida Aires de Magalhães
03: 094	015	O SORRISO DA ESPHINGE	Carlos Maul
03: 097	015	Sinfonia do Amor	Cortes Rodrigues
03: 098	015	<b>ARTE</b>	
03: 098	015	XAVIER PINHEIRO	Vasco Ortigão Sampaio
03: 102	015	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
03: 102	015	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
03: 107	015	LISBOA PREISTORICA / [A ESTAÇÃO NEOLITICA DA CÊRCA DOS JERONIMOS]	Virgílio Correia
03: 111	015	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
03: 113	016	<b>LITERATURA</b>	
03: 113	016	SAUDOSISMO E SIMBOLISMO	Teixeira de Pascoaes
03: 115	016	ODE / [AOS RAPAZES NOVOS] / [[(EXCERPTO)]]	António Nobre
03: 118	016	NAUFRAGOS PORTUGUESES...	Jaime Cortesão
03: 122	016	COÏMBRA	Philéas Lebesgue
03: 124	016	O Manuscrito da Condessa Solitaria	Carlos Maul
03: 126	016	A canção da noitinha	Augusto Casimiro
03: 127	016	ESPHYNGE	Narcisio de Azevedo
03: 127	016	REVELAÇÃO DAS COUSAS	Narcisio de Azevedo
03: 128	016	O CYSNE BRANCO	Tomás Lopes
03: 133	016	Apostilha aos "Navegadores"	António Sérgio
03: 134	016	<b>ARTE</b>	
03: 134	016	As caricaturas de Almada Negreiros	Fernando Pessoa
03: 136	016	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
03: 136	016	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
03: 141	016	Sobre a distinção entre o pensamento platonico e o pensamento moderno	Leonardo Coimbra
03: 144	016	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	

<sup>18</sup>Este texto está dividido em duas partes: "O TEMPO E O ESPAÇO", que se inicia na página 62 e "A DUPLA PROVA DO CRIACIONISMO", que se inicia na 67.

03: 145	017	<b>LITERATURA</b>	
03: 145	017	GOMES LEAL	Não assinado Gomes Leal <sup>19</sup>
03: 148	017	MATERNIDADE	Carlos de Oliveira
03: 149	017	LAR	Augusto Casimiro
03: 150	017	O HOMEM DOS SONHOS	Mário de Sá Carneiro
03: 156	017	TERRA MARTIR	Nuno de Oliveira
03: 157	017	Por um crepusculo sentimental	Carlos Parreira
03: 166	017	TRAGEDIA DO CAVADOR	Narcisio de Azevedo
03: 169	017	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
03: 169	017	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
03: 172	017	TEORIA DA SÊDE	Correia de Sousa
03: 174	017	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
03: 177	018	<b>LITERATURA</b>	
03: 177	018	CAMÕES E A CANTIGA POPULAR	Teixeira de Pascoaes
03: 179	018	"NOTAS SOBRE O POVEIRO,, (ª) / [O CASAMENTO]	A. Santos Graça
03: 183	018	A LUIZ DE CAMÕES	António Correia de Oliveira
03: 184	018	ESPHINGE	Abner Mourão
03: 188	018	REZANDO OITAVAS	Mário Beirão
03: 189	018	Elementos para o estudo da litteratura nacional nos lyceus <sup>20</sup>	Alfredo Coelho de Magalhães
03: 195	018	A minha Mãe e à minha Terra	Jaime Cortesão
03: 197	018	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
03: 197	018	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
03: 201	018	A trigonometria no ensino secundário	Augusto Martins
03: 204	018	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
03: 204	018	<b>O Ultimo Lusíada</b> por <i>Mario Beirão</i> . [...]	Vila-Moura
04: 001	019	<b>LITERATURA</b>	
04: 001	019	HUMOR E PHILOSOPHIA	Vila-Moura
04: 004	019	MEDITANDO	Teixeira de Pascoaes
04: 006	019	A DÔR E O CÉU	Teixeira de Pascoaes
04: 008	019	L'ÂNE ET LE CHIEN	Philéas Lebesgue
04: 009	019	O carroceiro, o burro e o cão / [(Adaptação da fabula de Ph. Lebesgue-L'âne et le chien)]	João de Deus Ramos
04: 011	019	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
04: 011	019	O TABACO EM ... HERODOTO / [(Extracto do livro inedito "Theoria Nova da Antiguidade")]	José Pereira de Sampaio (Bruno)
04: 019	019	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
04: 023	019	EXCURSO FILOLÓGICO / [(ETIMOLOGIA DOS VOCÁBULOS VASCONCELOS E CHIADO)]	Antonio A. Cortesão

<sup>19</sup>Este texto é formado por uma introdução não assinada e por uma carta de Gomes Leal.

<sup>20</sup>Este artigo está dividido em duas partes: "PROGRAMMA PARA O CURSO DA 5.ª CLASSE, 1.ª e 2.ª TURMAS", que se inicia na página 189, e "FACTORES QUE EXPLICAM A FORMAÇÃO E ORIGINALIDADE DA LITTERATURA PORTUGUEZA", que se inicia na 192.

04: 026	019	CARTA A UM AMIGO DO BRASIL / [Á CERCA DUM ARTIGO DO SR. JOSÉ VERÍSSIMO]	Raul Proença
04: 033	020	<b>LITERATURA</b>	
04: 033	020	A MEMORIA	Teixeira de Pascoaes
04: 037	020	A MULHER	Candida Aires de Magalhães
04: 038	020	NA FLORESTA DO ALHEAMENTO	Fernando Pessoa
04: 043	020	AUTO DO REGRESSO / [(EXCERTO)]	Augusto Casimiro
04: 047	020	O FIXADOR DE INSTANTES	Mário de Sá Carneiro
04: 055	020	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
04: 055	020	Em Herodoto... "o scalpamento,,	José Pereira de Sampaio (Bruno)
04: 060	020	O imperialismo e o criacionismo	Leonardo Coimbra
04: 062	020	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
04: 065	021	<b>LITERATURA</b>	
04: 065	021	HUMOR E PHILOSOPHIA	Vila-Moura
04: 066	021	VELANDO...	Augusto Casimiro
04: 067	021	UMA SOMBRA	Teixeira de Pascoaes
04: 068	021	RECORDAÇÃO DA FLORESTA	Luis Câmara Reis
04: 070	021	O EXEMPLO DA CEGONHA	João de Deus Ramos
04: 071	021	AVÊ!...	Jaime Cortesão
04: 072	021	A CATALUNHA	Ribera y Rovira
04: 076	021	VIVER. MORRER.	Mário Beirão
04: 077	021	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
04: 077	021	A TRANSNATUREZA	Leonardo Coimbra
04: 085	021	Nova teoria do sacrificio	José Teixeira Rego
04: 088	021	A TOMADA DE ÇAFIM	Virgílio Correia
04: 092	021	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
04: 092	021	"CAMILLO INÉDITO"	Vila-Moura
04: 097	022	<b>LITERATURA</b>	
04: 097	022	EPISTOLAS AOS SAUDOSISTAS	António Sérgio
04: 103	022	A HORA DA PRECE	Augusto Casimiro
04: 104	022	Os meus comentários ás duas cartas de Antonio Sergio	Teixeira de Pascoaes
04: 110	022	BEIJO ETERNO	Jaime Cortesão
04: 110	022	EM LOUVÔR DO CHAILE	Jaime Cortesão
04: 111	022	UM E OUTRO	Lima Barreto
04: 118	022	PRIMAVERA SELVAGEM	Lindolfo Xavier
04: 121	022	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
04: 121	022	O PROBLEMA DO MILAGRE	Leonardo Coimbra
04: 124	022	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
04: 127	022	<b>LETTRES PORTUGAISES</b>	Philéas Lebesgue
04: 129	023	<b>LITERATURA</b>	
04: 129	023	CAMILO NO PANTEON DOS JERÓNIMOS	Jaime Cortesão
04: 130	023	ALMA	Teixeira de Pascoaes
04: 133	023	DELICTO DE AMOR	Vila-Moura
04: 138	023	GRAÇA	Mário Beirão
04: 139	023	O PROFETA DA VIDA / [(EPISODIO TRAGICO)]	C. da Veiga Lima
04: 142	023	SOL-POENTE	Carlos Parreira

04: 143	023	O POEMA DA MINHA TERRA	Carlos Maul
04: 146	023	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
04: 146	023	AS ALMINHAS	Virgílio Correia
04: 155	023	Nova teoria do Sacrifício	José Teixeira Rego
04: 160	023	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
04: 160	023	A LIBERDADE TRANSCENDENTE de <i>Raul de Oliveira Leal</i>	Leonardo Coimbra
04: 160	023	“Camillo Inédito,,	A REDACÇÃO <sup>21</sup>
04: 161	024	<b>LITERATURA</b>	
04: 161	024	AS MÁSCARAS	Teixeira de Pascoaes
04: 164	024	O CAVADÔR	Jaime Cortesão
04: 167	024	O MAR	Luis Câmara Reis
04: 170	024	A MONTANHA QUE AMOU O CÉO	Carlos Maul
04: 172	024	A UMA MULHER AMADA / [(DA SAFO)]	José Teixeira Rego
04: 173	024	A ESTIAGEM	Artur Ribeiro Lopes
04: 181	024	DA “VOLTA DO FAUNO,,	Augusto Casimiro
04: 184	024	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
04: 184	024	A CATEGORIA DA QUALIDADE	Leonardo Coimbra
04: 187	024	Nova teoria do Sacrifício	José Teixeira Rego
04: 190	024	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
05: 001	025	<b>LITERATURA</b>	
05: 001	025	REGENERAÇÃO E TRADIÇÃO, MORAL E ECONOMIA	António Sérgio
05: 009	025	[Sem Título] <sup>22</sup>	Teixeira de Pascoaes
05: 009	025	ILIBISCUS MIRABILIS / [(Malva ou Rosa Louca)]	Emílio de Menezes
05: 010	025	A MINHA ALDEIA	Teixeira de Pascoaes
05: 017	025	A Canção do Novo Restelo	Augusto Casimiro
05: 018	025	A canção do luar	Augusto Casimiro
05: 019	025	<b>ARTE</b>	
05: 019	025	MONUMENTOS DA ARTE / [considerados como subsidio para a Historia / da Civilização portuguesa]	Joaquim de Vasconcelos
05: 026	025	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
05: 026	025	Nova teoria do Sacrifício	José Teixeira Rego
05: 029	025	<b>LETTRES PORTUGAISES</b>	Philéas Lebesgue
05: 033	026	<b>LITERATURA</b>	
05: 033	026	RESPOSTA A ANTONIO SERGIO:	Teixeira de Pascoaes
05: 039	026	DOIS ESTUDOS PARA OS VERSOS DAS <i>SCENAS INFANTIS</i> DE SCHUMANN <sup>23</sup>	Afonso Lopes Vieira
05: 041	026	MISTERIO	Mário de Sá Carneiro
05: 050	026	O velho e a arvore antiga	Candida Aires de Magalhães

<sup>21</sup>Está assim assinado.

<sup>22</sup>Trata-se de um brevíssimo aviso de Pascoes informando que responderá ao texto de Sérgio no número seguinte.

<sup>23</sup>Este texto está dividido em dois poemas: "ORAÇÕES" na página 39 e "ADORMECENDO" na 40.

05: 051	026	<b>ARTE</b>	
05: 051	026	MONUMENTOS DA ARTE / [considerados como subsidio para a Historia / da Civilização portuguesa]	Joaquim de Vasconcelos
05: 055	026	O aguarelista Alberto Sousa	Virgílio Correia
05: 058	026	<b>PORTUGAL NO ESTRANGEIRO</b>	
05: 058	026	Studies in Portuguese Literature	Aubrey Bell
05: 065	027	<b>LITERATURA</b>	
05: 065	027	O DERRADEIRO BUCOLISTA / [(EXCERTO)]	Ricardo Jorge
05: 069	027	CANTARES	Leonardo Coimbra
05: 073	027	VISÃO	Mário Beirão
05: 074	027	DA MINHA JANELLA	Teixeira de Pascoaes
05: 078	027	O LOBO HUMANO	João Saraiva
05: 079	027	ESTUDO PARA O ROMANCE DE DOIS CARATÈRES / [(EXCERTO)]	Carlos Parreira
05: 087	027	<b>ARTE</b>	
05: 087	027	MONUMENTOS DA ARTE / [considerados como subsidio para a Historia / da Civilização portuguesa]	Joaquim de Vasconcelos
05: 092	027	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
05: 092	027	Nova teoria do Sacrificio	José Teixeira Rego
05: 095	027	Pela pedagogia do trabalho	António Sérgio
05: 097	028	<b>LITERATURA</b>	
05: 097	028	A ERA LUSIADA / [(EXCERTO DA CONFERENCIA REALISADA NA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES)]	Teixeira de Pascoaes
05: 102	028	[CARTAS INÉDITAS / DE] / Camilo Castelo Branco / [XIII]	Camilo Castelo Branco
05: 104	028	Versos do Mar Atlantico	Augusto Casimiro
05: 106	028	Versos da Alma ausente	Augusto Casimiro
05: 109	028	DESPEDIDA DE JULIETA	António Sérgio
05: 113	028	CHARNECA DAS NAVES	Mário Beirão
05: 116	028	A Idealização legendária no Povo português	Jaime Cortesão
05: 121	028	<b>ARTE</b>	
05: 121	028	A Exposição Correia Dias	Virgílio Correia
05: 125	028	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
05: 125	028	Nova teoria do Sacrificio	José Teixeira Rego
05: 129	029	<b>LITERATURA</b>	
05: 129	029	ULTIMA CARTA?	Teixeira de Pascoaes
05: 138	029	ANKISES	Carlos Maul
05: 140	029	[CARTAS INÉDITAS / DE] / Camilo Castelo Branco / [XIV]	Camilo Castelo Branco
05: 141	029	A Idealização legendária no Povo português	Jaime Cortesão
05: 147	029	[PELA GREY] / Os que sonham	António Sérgio
05: 148	029	<b>ARTE</b>	
05: 148	029	FAIANÇAS PORTUGUESAS	Joaquim de Vasconcelos
05: 152	029	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
05: 152	029	Os conflictos da Historia	Teófilo Braga



05: 154	029	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CALÃO ESCOLAR / [(O CALÃO DA CASA PIA)]	Aurelio da Costa Ferreira Urbano Canuto Soares
05: 159	029	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
05: 159	029	O IMPERIALISMO HOJE E O IMPERIALISMO PENINSULAR	António Sérgio
05: 161	030	<b>LITERATURA</b>	
05: 161	030	La Psychologie des Poètes Nouveaux et La Vie Moderne	Nicolas Beauvain
05: 166	030	O PAROXISMO	Teixeira de Pascoaes
05: 169	030	AMOR	Mário Beirão
05: 170	030	EXPLICAÇÕES NECESSARIAS DO HOMEM DA ESPADA DE PAU AO ARCANJO DA ESPADA DUM RELAMPAGO	António Sérgio
05: 176	030	SINFONIA DO MAR-ALTO	Augusto Casimiro
05: 180	030	MULHERES E TOILETES	Carlos Parreira
05: 182	030	<b>ARTE</b>	
05: 182	030	O Pintôr António Carneiro	Jaime Cortesão
05: 184	030	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
05: 184	030	Nova teoria do Sacrifício	José Teixeira Rego
05: 187	030	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
05: 187	030	O SELF-GOVERNMENT E A ESCOLA	António Sérgio
05: 190	030	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
06: 001	031	<b>LITERATURA</b>	
06: 001	031	MAIS PALAVRAS AO HOMEM DA ESPADA DE PAU	Teixeira de Pascoaes
06: 006	031	LORELEI	José Teixeira Rego
06: 007	031	UM VERSO DE TENNYSON	Luis da Camara Reis
06: 010	031	A FONTE ABANDONADA	Carlos Maul
06: 013	031	O S. JOÃO EM ROMA	Virgílio Correia
06: 016	031	O SONETO DA ANPHORA / OU A MORTE DE BYBLIS	Ronald de Carvalho
06: 016	031	OPHELIA	Ronald de Carvalho
06: 017	031	<b>ARTE</b>	
06: 017	031	Sociedade Nacional de Bellas Artes / A Obra de Julio Vaz Junior	Eurico de Seabra
06: 019	031	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
06: 019	031	A CRITICA DO SUBLIME DE KANT / [EXCERTO DO LIVRO INEDITO - O PENSAMENTO CRIACIONISTA / DO CAPITULO: O FORMALISMO]	Leonardo Coimbra
06: 025	031	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
06: 025	031	O SELF-GOVERNMENT NA ESCOLA / I. [OBJECTO E PRINCIPIOS DO MUNICIPIO ESCOLAR. / PAPEL DO PROFESSOR]	António Sérgio
06: 030	031	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
06: 030	031	EL-REI JUNOT por Raul Brandão	Teixeira de Pascoaes

06: 031	031	LETRES PORTUGAISES <sup>24</sup>	Philéas Lebesgue
06: 033	032	<b>LITERATURA</b>	
06: 033	032	BOHEMIOS / [(ESCERTO)]	Vila-Moura
06: 037	032	DISTICO DE HIERONIM	Gomes Leal
06: 038	032	BALADA HUMORISTICA DOS JARDINS	Carlos Parreira
06: 041	032	TARDE DE OUTUBRO	Teixeira de Pascoaes
06: 042	032	A CANÇÃO DE AFRICA	Augusto Casimiro
06: 045	032	NOSSAS ALMAS	Mário Beirão
06: 046	032	<b>ARTE</b>	
06: 046	032	JULIO RAMOS	João Augusto Ribeiro
06: 047	032	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b> <sup>25</sup>	
06: 047	032	UM VILLANCICO DE D. JOÃO IV / NA CERCA DA CASA PIA	Aurélio da Costa Ferreira Oliveira Brandão <sup>26</sup>
06: 051	032	Nova Teoria do Sacrifício	José Teixeira Rego
06: 055	032	O CÁLCULO INFINITESIMAL NO ENSINO SECUNDÁRIO	Augusto Martins
06: 058	032	<b>NOTAS E COMENTARIOS</b>	
06: 058	032	O SELF-GOVERNMENT NA ESCOLA	António Sérgio
06: 065	033	<b>LITERATURA</b>	
06: 065	033	AS GRANDES ÉPOCAS SOCIAES TEEM POR SYNTHESE UMA EPOPÊA	Teofilo Braga
06: 069	033	Á VISTA DA TORRE DE LAPELA / [(NO ALTO-MINHO)]	Leite de Vasconcelos
06: 070	033	LITHANIAS DUM ISOLADO	Carlos Parreira
06: 074	033	A MULHER QUE TINHA UM SEGREDO	João Lúcio
	033	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
06: 079	033	CONTINUIDADE GEOMÉTRICA / E CONTINUIDADE ALGÉBRICA	Augusto Martins
06: 083	033	A ARTE NO SAL	Virgílio Correia
06: 091	033	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
06: 091	033	O SELF-GOVERNMENT NA ESCOLA	António Sérgio
06: 097	034	<b>LITERATURA</b>	
06: 097	034	OBRAS FRANCEZAS / DE EPILOGO PORTUGUEZ	José Pereira de Sampaio (Bruno)
06: 107	034	PARA MINHA MÃE E PARA MEU FILHO	Augusto Casimiro
06: 112	034	PELA GREI / [NO MAR DAS INDIAS]	António Sérgio
06: 113	034	PHOIBOS APOLLON	António Sérgio
06: 115	034	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
06: 115	034	Nova Teoria do Sacrifício	José Teixeira Rego

<sup>24</sup>Neste número o "Lettres Portugaises" não é uma seção, mas uma parte da bibliografia, como vem indicado no índice deste volume, que atribui a Philéas Lebesgue uma parte desta seção.

<sup>25</sup>Certamente por erro tipográfico o título desta seção foi grafado "CIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL".

<sup>26</sup>Este artigo, da página 47 à 49 é escrito pelo primeiro dos autores citados, e a partir da página 49 pelo segundo.

06: 119	034	<b>NOTAS E COMENTARIOS</b>	
06: 119	034	O SELF-GOVERNMENT NA ESCOLA	António Sérgio
06: 125	034	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
06: 125	034	"D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO- ESBOÇO BIOGRAPHICO" por <i>Edgar Prestage</i> . [...]	Alfredo Coelho de Magalhães
06: 125	034	"A CAMPANHA VICENTINA" por <i>Affonso Lopes Vieira</i>	Alfredo Coelho de Magalhães
06: 129	035	<b>LITERATURA</b>	
06: 129	035	A PAISAGEM / NA OBRA DE CAMILO	Jaime Cortesão
06: 133	035	RETRATOS FEMININOS	Gomes Leal
06: 137	035	A GUERRA EUROPEIA	Não assinado / Philéas Lebesgue <sup>27</sup>
06: 139	035	D. JOÃO / [POEMA EM 3 EPISODIOS]	Carlos Maul
06: 143	035	<b>ARTE</b>	
06: 143	035	A Exposição da Sociedade de Bellas -Artes / do Porto em 1914	Aarão de Lacerda
06: 147	035	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
06: 147	035	Nova Teoria do Sacrificio	José Teixeira Rego
06: 151	035	O POVOAMENTO E O CLIMA	Ezequiel de Campos
06: 157	035	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
06: 157	035	O SELF-GOVERNMENT NA ESCOLA	António Sérgio
06: 161	036	<b>LITERATURA</b>	
06: 161	036	Portugal e a Guerra / e a Orientação das Novas Gerações	Teixeira de Pascoaes
06: 169	036	A Paisagem na Obra de Camilo	Jaime Cortesão
06: 172	036	SONETO DO NATAL	Afonso Duarte
06: 173	036	O CICLONE VERMELHO	Carlos Parreira
06: 176	036	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
06: 176	036	OS PESOS DE TEAR	Virgílio Correia
06: 182	036	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
07: 001	037	<b>LITERATURA</b>	
07: 001	037	O TEMPO / [(1914 e 1915)]	Teixeira de Pascoaes
07: 003	037	ÁFRICA ARDENTE	Augusto Casimiro
07: 004	037	A GUERRA EUROPEIA <sup>28</sup>	Philéas Lebesgue
07: 006	037	RETRATOS FEMININOS <sup>29</sup>	Gomes Leal

<sup>27</sup>Trata-se de uma introdução não assinada, seguida de uma carta de Philéas Lebesgue.

<sup>28</sup>Trata-se de uma carta de Philéas Lebesgue em que o destinatário não é definido.

<sup>29</sup>Esta colaboração é composta por um conjunto de cinco poemas poemas, com os títulos que são abaixo indicados, logo após a página em que aparecem. O subtítulo presente na última linha de todos os títulos sempre aparece em tipo menor.

p.6 I / SANTA ISABEL (RAINHA DE PORTUGAL) / (MINIATURA DE SANTA)  
p.7 II / PALAVRAS DE UM ESTOICO / A UMA COCOTE / (MINIATURA DE  
MUNDANA)  
p.9 III / MARQUESA DE POMPADOUR / (MINIATURA HISTORICA)  
p.9 IV / D. IGNEZ DE CASTRO / (MINIATURA TRAGICA)  
p.10 V / ALMA ERRANTE / (MINIATURA DE MISTERIO)

07: 011	037	DO AMOR - NÃO-AMOR	José Pereira de Sampaio (Bruno)
07: 017	037	INFANCIA	Mário Beirão
07: 024	037	RECORDAÇÃO DA BATALHA	Luiz da Camara Reis
07: 027	037	O VISCONDE DE VILA-MOURA / [SUA PROSA E SUA SENSIBILIDADE]	Carlos Parreira
07: 030	037	<b>ARTE</b>	
07: 030	037	O IRREAL NA ARTE	Ronald de Carvalho
07: 034	037	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
07: 034	037	Nova Teoria do Sacrifício	José Teixeira Rego
07: 038	037	AS CABANAS DE ASSAFARJA	Virgílio Correia
07: 046	037	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
07: 046	037	A OPINIÃO AMERICANA PERANTE A GUERRA	António Sérgio
07: 049	038	<b>LITERATURA</b>	
07: 049	038	O EMPREGO DA NOITE	José Pereira de Sampaio (Bruno)
07: 056	038	A C. H. LAGOA	Guilherme Braga
07: 058	038	NUEVA LA VI	Teofilo Braga
07: 062	038	PRIMEIROS CUIDADOS	Maria da Gloria Teixeira de Vasconcelos
07: 063	038	ANTONIO NOBRE / I / [OS "MALES DE ANTO"]	Vila-Moura
07: 072	038	<b>ARTE</b>	
07: 072	038	[ARTISTAS D'HOJE] / JOÃO AUGUSTO RIBEIRO	Aarão de Lacerda
07: 076	038	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
07: 076	038	Carta a um amigo sobre a guerra	António Sérgio
07: 081	039	<b>LITERATURA</b>	
07: 081	039	ANTONIO NOBRE / II / [A TRAGEDIA NOS GRANDES ARTISTAS] <sup>30</sup>	Vila-Moura
07: 093	039	RETRATOS FEMININOS <sup>31</sup>	Gomes Leal
07: 097	039	O "PRESTES JOÃO"	José Pereira de Sampaio (Bruno)

---

Após estas cinco poesias existe uma nota.

<sup>30</sup>Na página 87 se inicia a terceira parte deste texto: "III / OS ARTISTAS NOS SEUS CONFLICTOS".

<sup>31</sup>Esta colaboração é composta por um conjunto de cinco poemas, com os títulos que são abaixo indicados, logo após a página em que aparecem. O subtítulo presente na última linha de todos os títulos sempre aparece em tipo menor.

- p.93 I / A BELLA DONA / (MINIATURA DE MUNDANA)
- p.94 II / LADY, CREOULA E SONHADORA / (MINIATURA DE IDEALISTA)
- p.94 III / A CAPRICHOSA / (MINIATURA DE DONZELA)
- p.95 IV / A MARQUEZA DE PAGANINI / (MINIATURA TRAGICA)
- p.95 V / A DAMA BRANCA / (MINIATURA DE MISTÉRIO)

Após estas cinco poesias existe uma nota.

07: 102	039	CANÇÃO DO SOL	Sant'Iago Prezada
07: 107	039	A ZAGALA	Costa Macedo
07: 114	039	A HORA EM PENUMBRA E OURO	Ronald de Carvalho
07: 117	039	<b>ARTE</b>	
07: 117	039	ARTE POPULAR PORTUGUESA	Virgílio Correia
07: 124	039	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
07: 124	039	DIVAGAÇÕES A PROPOSITO DE UM LIVRO (A GREI, POR Ezequiel de Campos)	António Sérgio
07: 129	040	<b>LITERATURA</b>	
07: 129	040	D. Diniz e os Templários	José Pereira de Sampaio (Bruno)
07: 136	040	CE SOIR-LÁ	Philéas Lebesgue
07: 138	040	ANTONIO NOBRE / IV / [O POETA] / [[ASPECTOS DA SUA POESIA]]	Vila-Moura
07: 149	040	MILAGRE PASTORIL	Jaime Cortesão
07: 151	040	A DESOLAÇÃO	Leonardo Coimbra
07: 156	040	ANA	Leite de Vasconcelos
07: 157	040	Como o "homem" chegou / I	Lima Barreto
07: 161	040	SONETOS	Augusto Casimiro
07: 162	040	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
07: 162	040	O DOMINIO PRAGMATISTA	José Teixeira Rego
07: 167	040	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
07: 167	040	"LODO E NEVE" - Romance de <i>Alvares de Almeida</i> [...]	Augusto Casimiro
07: 169	041	<b>LITERATURA</b>	
07: 169	041	A REVOLUÇÃO DE 1640	Teófilo Braga
07: 172	041	O ANEL DE CORINNA	Eugenio de Castro
07: 173	041	S. FREI GIL	José Pereira de Sampaio (Bruno)
07: 179	041	[PELA GREI] / NAS ESTREBARIAS DE AUGIAS	António Sérgio
07: 180	041	RETRATOS FEMININOS <sup>32</sup>	Gomes Leal
07: 182	041	Onde nasceu Eça De Queiroz?	Antonio Cabral
07: 189	041	VILANCETE	Rodrigo Solano
07: 190	041	CONSELHO	Rodrigo Solano
07: 191	041	Como o "homem" chegou / II	Lima Barreto
07: 197	041	A ALEGRIA E O BEM	Alvares d'Almeida
07: 199	041	NOTAS ETIMOLOGICAS / [A PALAVRA GONZO]	José Teixeira Rego
07: 201	041	Á BEIRA D'UMA SEPULTURA	João de Castro
07: 202	041	A MORTE DE SYLVANO	Carlos Maul
07: 205	041	<b>ARTE</b>	

<sup>32</sup>Esta colaboração é composta por um conjunto de três poemas, com os títulos que são abaixo indicados, logo após a página em que aparecem. O subtítulo presente na última linha de todos os títulos sempre aparece em tipo menor.

p.181 I / SANTA IZABEL RAINHA DE HUNGRIA / (MINIATURA DE SANTA)  
p.181 II / NINON DE LEUCLOS / (MINIATURA DE MUNDANISMO E PAIXÃO)  
p.182 III / AQUELLE OLHAR!... / (MINIATURA DE DESEPERO)

07: 205	041	A PROPOSITO DE DUAS OBRAS DE ARTE	Aarão de Lacerda
07: 208	041	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
07: 208	041	OS GRANDES PROBLEMAS	Leonardo Coimbra
07: 211	041	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
07: 211	041	"EDUCAÇÃO CIVICA" - por <i>António Sérgio</i> . [...]	Jaime Cortesão
07: 217	042	<b>LITERATURA</b>	
07: 217	042	FREI LUIZ DE SOUSA / [(ESTUDO SOBRE A SUA VIDA E ESTILO)]	Jaime Cortesão
07: 227	042	A BELGICA	Teixeira de Pascoaes
07: 229	042	RODRIGO SOLANO	João Grave
07: 235	042	CIUME	Rodrigo Solano
07: 236	042	NAUFRÁGIO	Afonso Duarte
07: 237	042	Tradução de cinco liricas inglesas	Luiz Cardim
07: 242	042	PRIMEIRA EBRIEZ	Ronald de Carvalho
07: 242	042	SPLEEN	Ronald de Carvalho
07: 243	042	FUMO	Ronald de Carvalho
07: 244	042	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
07: 244	042	Idolos preistóricos tatuados, de Portugal	Virgílio Correia
07: 253	042	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
07: 253	042	Prefacio de um livro (O Metodo Montessori) <sup>33</sup>	António Sérgio
07: 259	042	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
07: 259	042	O PENSAMENTO CRIACIONISTA por <i>Leonardo Coimbra</i> [...]	José Teixeira Rego
08: 001	043	<b>LITERATURA</b>	
08: 001	043	O SEGREDO	Vila-Moura
08: 010	043	RETRATOS FEMININOS <sup>34</sup>	Gomes Leal
08: 011	043	UMA CARTA A DOIS FILOSOFOS	Teixeira de Pascoaes
08: 020	043	"Maria"	Maria da Gloria Teixeira de Vasconcelos
08: 022	043	Do amôr, da beleza e da vida...	Ronald de Carvalho
08: 025	043	Sonetos da Ausencia	Augusto Casimiro
08: 027	043	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
08: 027	043	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / I	Afonso Cordeiro
08: 032	043	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
08: 032	043	DA DITADURA Á SUSPENSÃO DOS DIREITOS POLÍTICOS	Raul Proença
08: 043	043	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
08: 043	043	ASTRONOMIA DOS LUSIADAS - por <i>Luciano Pereira Silva</i> [...]	Vila Moura
08: 044	043	"ESTVDIO"	António Sérgio
08: 049	044	<b>LITERATURA</b>	

<sup>33</sup>A partir da página 255 existe uma "NOTA", também de António Sérgio.

<sup>34</sup>Este texto é composto pelo poema "A AMANTE DO SENHOR DE COUCY / (MINIATURA DO SECULO XIII)". O subtítulo da segunda linha está em tipo menor.

08: 049	044	O amor de Anthero de Quental	Teófilo Braga
08: 055	044	FRIBURGO	Afonso Lopes de Almeida
08: 056	044	NUVEM QUE PASSA	Afonso Lopes de Almeida
08: 057	044	DA GUERRA	Teixeira de Pascoaes
08: 062	044	Os ratos reunidos em conselho	João de Deus Ramos
08: 064	044	NA SERRA DE CINTRA	Sousa Costa
08: 068	044	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
08: 068	044	COLONISAÇÃO , CLIMAS E LINGUAS / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / II	Afonso Cordeiro
08: 073	044	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
08: 073	044	DIVAGAÇÕES A PROPOSITO DE UM LIVRO (Ensaio sobre os factores essenciaes do imperio britanico)	António Sérgio
08: 080	044	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
08: 081	045	<b>LITERATURA</b>	
08: 081	045	EM VOLTA DA PALAVRA GONZO	Carolina Michaelis de Vasconcelos
08: 092	045	A VOZ DOS SÉCULOS	Jaime Cortesão
08: 093	045	AQUELLA QUE PASSA	Justino de Montalvão
08: 097	045	<b>ARTE</b>	
08: 097	045	ARTE POPULAR PORTUGUESA	Virgílio Correia
08: 107	045	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
08: 107	045	POLITICA ANGELICA	José Pereira de Sampaio (Bruno)
08: 113	046	<b>LITERATURA</b>	
08: 113	046	"CARTA DE GUIA DE CASADOS" / [ESTUDO CRITICO]	Edgar Prestage
08: 122	046	Para embalar os meus Filhos	Jaime Cortesão
08: 124	046	GIL VICENTE	Aubrey Bell
08: 131	046	FOLHAS DO MEU DIARIO / [(N'UMA ESTANCIA D'AGUAS)]	Aurelio da Costa Ferreira
08: 135	046	CARTA INÉDITA	Garrett
08: 136	046	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
08: 136	046	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / III	Afonso Cordeiro
08: 141	046	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
08: 141	046	DEMITIR, SEPARAR... / [(Relendo alguns livros que vão citados)]	António Sérgio
08: 145	047	JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO / [(BRUNO)]	Não assinado
08: 146	047	<b>LITERATURA</b>	
08: 146	047	O "JUDEU"	José Pereira de Sampaio (Bruno)
08: 154	047	EM VOLTA DA PALAVRA GONZO	José Teixeira Rego
08: 160	047	SAUDADES DO CÓRGO	Afonso Duarte
08: 161	047	GIL VICENTE	Aubrey Bell
08: 168	047	VELHOS BAIRROS / AVENIDAS NOVAS	João Barreira
08: 171	047	SANGRA-VIDA	Gonzaga Duque

08: 175	047	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
08: 177	048	<b>HOMENAGEM A BRUNO</b>	
08: 177	048	O QUE DIREI DE BRUNO?	Teófilo Braga
08: 179	048	BRUNO, FILOSOFO	Leonardo Coimbra
08: 184	048	A Unidade do pensamento em Sampaio (Bruno)	José Teixeira Rego
08: 193	048	A "Théorie exacte et Notation finale / de la Musique" de Bruno	B. V. Moreira de Sá
08: 198	048	CARTAS	Teixeira de Pascoaes
08: 199	048	CARTAS	Ribera y Rovira
08: 200	048	CARTAS	Cirilo Carneiro
08: 201	048	<b>LITERATURA</b>	
08: 201	048	Um Pequeno Problema litterario	José Pereira de Sampaio (Bruno)
08: 210	048	MISS CAVELL	Teixeira de Pascoaes
08: 213	048	O CHINÓ DE GARRETT / [e o snr. Julio Dantas]	António Arroio
08: 223	048	O CORONEL HUGH OWEN	Raul Brandão
08: 229	048	GIL VICENTE	Aubrey Bell
08: 239	048	<b>ARTE</b>	
08: 239	048	ARTE POPULAR PORTUGUESA	Virgílio Correia
08: 250	048	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
08: 253	048	"ESTVDIO" [...]	António Sérgio
09: 001	049	<b>LITERATURA</b>	
09: 001	049	A BEIRA N'UM RELÂMPAGO	Teixeira de Pascoaes
09: 008	049	ALVORADA!	Sant'Iago Prezada
09: 010	049	EM VOLTA DA PALAVRA GONZO	José Teixeira Rego
09: 015	049	"ALMAS DE PORTUGAL!"	Augusto Casimiro
09: 018	049	A PALAVRA "SAUDADE" / [Em Gallego]	Aubrey Bell
09: 021	049	CANÇÃO DE AMOR	Afonso Duarte
09: 023	049	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
09: 023	049	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS	Afonso Cordeiro
09: 029	049	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
09: 029	049	CASA PIA E JERONIMOS	Fernando Paliart Ferreira
09: 033	050	<b>LITERATURA</b>	
09: 033	050	PORTUGAL ET BRÉSIL	Maxime Formont
09: 038	050	Aux Volontaires du Portugal et du Brésil	J. Ghil
09: 040	050	LE PORTUGAL ET LA LATINITÉ / [(DISCOURS PRONONCÉ A LA SORBONNE DE PARIS)]	Xavier de Carvalho
09: 042	050	Cruzamento e desmembramento de palavras. / Retro-derivação	Antonio A. Cortesão
09: 046	050	Voz debil que passas	Camilo Pessanha
09: 047	050	A BEIRA NUM RELAMPAGO	Teixeira de Pascoaes
09: 058	050	PELA GREI / [(ANUNCIAÇÃO)]	António Sérgio
09: 059	050	EM VOLTA DA PALAVRA GONZO / [CARTAS A TEIXEIRA REGO] <sup>35</sup>	Gonçalves Guimarães Leite de Vasconcelos Candido de Figueiredo

<sup>35</sup>Este texto é composto por quatro cartas, as duas primeiras de Gonçalves Guimarães, a terceira de Leite de Vasconcelos e a quarta de Cândido de Figueiredo.



09: 063	050	PHANTASIA Á MANEIRA DE WHISTLER	Carlos Parreira
09: 064	050	A EXALTAÇÃO DO COROPLASTA	Alberto Osorio de Castro
09: 065	050	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
09: 065	050	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUA / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / V	Afonso Cordeiro
09: 072	050	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
09: 073	051	<b>LITERATURA</b>	
09: 073	051	S. FREI GIL / [A HISTÓRIA E A LENDA]	Jaime Cortesão
09: 077	051	IL ME SEMBLE PARFOIS...	Philéas Lebesgue
09: 078	051	A BEIRA N'UM RELÂMPAGO	Teixeira de Pascoaes
09: 086	051	BALADA	Ronald de Carvalho
09: 087	051	RONDA DE MORTOS	João Saraiva
09: 088	051	PORTUGAL E A GUERRA	M. Leblond
09: 092	051	NULLI...	Luís Cardim
09: 093	051	EM VOLTA DA PALAVRA GONZO	José Teixeira Rego
09: 098	051	<b>ARTE</b>	
09: 098	051	A EXPOSIÇÃO SOUSA PINTO	Augusto Casimiro
09: 102	051	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
09: 102	051	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / VI	Afonso Cordeiro
09: 108	051	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
09: 108	051	"CRYSTAES PARTIDOS" - versos de <i>Gilka da Costa Machado</i> [...]	Lia de Santa Clara
09: 109	052*	<b>PORTUGAL E A GUERRA</b>	
09: 109	052	A GUERRA	Teixeira de Pascoaes
09: 112	052	QUAL SERÁ O NOVO EQUILIBRIO EUROPEU?	Teófilo Braga
09: 116	052	O MONSTRO QUER SANGUE	Gomes Leal
09: 117	052	PORTUGAL NO BRAZIL	Alberto de Oliveira
09: 119	052	UNIDOS PELA PÁTRIA!	Raul Proença
09: 127	052	CANTICO LUSÍADA	Jaime Cortesão
09: 131	052	BEMDITA GUERRA	Marcelino Mesquita
09: 133	052	OS IMPULSOS DA CONSCIENCIA NACIONAL E A GUERRA	Jaime Magalhães Lima
09: 138	052	OS ARTISTAS E A GUERRA	João de Barros
09: 139	052	O DIREITO E A FORÇA	Mayer Garção
09: 141	052	A PEÇONHA GERMANICA	Henrique Lopes de Mendonça
09: 143	052	O SENTIDO DA GUERRA	Leonardo Coimbra
09: 153	052	DEPOIMENTO	Augusto de Castro
09: 154	052	Não vai o tempo	Augusto Gil
09: 155	052	Hora de Nun'Alvares	Augusto Casimiro
09: 163	052	EM GUERRA	Aurelio da Costa Ferreira
09: 164	052	"GENTILE SANGUE LATINO"	Henrique Vasconcelos
09: 166	052	PORTUGAL ET FRANCE	Philéas Lebesgue

---

\* É um número triplo: 52-54.

09: 170	052	Le Génie de la France et son rôle	Leonardo Coimbra
09: 175	052	<b>LITERATURA</b>	
09: 175	052	TERRAS DO SUL	Vila-Moura
09: 182	052	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / VII	Afonso Cordeiro
09: 190	052	A CRISE DA ANTROPOSOCIOLOGIA	Mendes Correia
09: 198	052	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
09: 198	052	"LIRICAS E SATIRICAS" - Por <i>João Saraiva</i> . [...]	Vila-Moura
09: 199	052	"A PRIMAVERA DE DEUS" - por <i>Augusto Casimiro</i> [...]	Leonardo Coimbra
09: 200	052	"O ESPELHO DO CEU" - por <i>Luiz Coelho</i> . [...]	Vila-Moura
09: 202	052	"A SAUDADE PORTUGUESA" - por <i>Carolina Micaelis</i> . [...]	Aubrey Bell
09: 204	052	"L'ARTE DI ESSERE PORTUGHESI" - por <i>Teixeira de Pascoaes</i> [...]	Aldo Sorani
09: 206	052	"ARTE DE SER PORTUGUÊS", por <i>Teixeira de Pascoaes</i> [...]	F. de A. R.
09: 212	052	<b>NOTAS</b>	
09: 212	052	Uma Exposição de Fotografias	Não assinado
10: 001	055	<b>LITERATURA</b>	
10: 001	055	À FRANÇA	Teixeira de Pascoaes
10: 004	055	HUMORISMO MELANCOLICO	Gomes Leal
10: 006	055	TERRAS DO SUL	Vila-Moura
10: 012	055	CANTO DO OUTOMNO	Matheus de Albuquerque
10: 015	055	UM PROBLEMA LITERÁRIO / [O EXILIO DE OVIDIO]	José Teixeira Rego
10: 025	055	O GIGANTE DESPERTA	Carlos Maul
10: 027	055	AMBICIOSA	João Luso
10: 032	055	PORTUGAL E A GUERRA	Luís da Camara Reis
10: 033	056*	<b>LITERATURA</b>	
10: 033	056	A VIAGEM DE ANTERO DE QUENTAL / Á AMERICA DO NORTE	António Arroio
10: 057	056	AOS LUSIADAS	Teixeira de Pascoaes
10: 062	056	TERRAS DO SUL	Vila-Moura
10: 068	056	[PELA GREI] / VELANDO NA NOITE	António Sérgio
10: 071	056	PROVINCIANISMOS / USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
	056	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
10: 089	056	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / VIII	Afonso Cordeiro
10: 094	056	OS BERBERES E OS POVOS PENINSULARES	Mendes Correia
10: 105	058*	<b>LITERATURA</b>	
10: 105	058	A ELEIÇÃO DO PAPA NEGRO	Teófilo Braga

\* É um número duplo: 56-57..

\* É um número triplo: 58-60.

10: 109	058	ESPAÑA	Mário Beirão
10: 114	058	A ESTÁTUA MUTILADA / [(FOLHAS SOLTAS DUM DIÁRIO)]	Jaime Cortesão
10: 117	058	CANTAR DE AMIGO	Afonso Lopes de Almeida
10: 120	058	UM PROGRAMA	António Sérgio
10: 125	058	PROVINCIANISMOS USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
10: 135	058	CONSCIENCIA	Catão Simões
10: 136	058	TRISTE	Catão Simões
10: 137	058	FIALHO DE ALMEIDA	Vila-Moura
10: 144	058	E um milagre de Dôr possa salvar-te!...	Augusto Casimiro
10: 147	058	Esboço duma interpretação do sentido da tragédia	José Teixeira Rego
10: 153	058	A ESFINGE	Alberto Osorio de Castro
10: 154	058	"O POVO PORTUGUÊS" / [por BENTO CARQUEJA]	Aarão de Lacerda
10: 169	058	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
10: 169	058	OS BERBERES E OS POVOS PENINSULARES	Mendes Correia
10: 178	058	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS / [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / VIII	Afonso Cordeiro
10: 185	058	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
10: 185	058	"A ALEGRIA, A DÔR E A GRAÇA", por <i>Leonardo Coimbra</i> . [...]	J. M. P.
10: 186	058	"A BEIRA NUM RELAMPAGO", por <i>Teixeira de Pascoaes</i> [...]	José Teixeira Rego
11: 005	061*	<b>LITERATURA</b>	
11: 005	061	FANNY OWEN E CAMILLO	Vila-Moura
11: 024	061	CHANSONS ARABES	Ofélia Correia da Costa (Vicomtesse de Rougé)
11: 027	061	TENTATIVAS PEDAGOGICAS	Alfredo Coelho de Magalhães
11:035	061	ENCANTO	Mário Beirão
11: 036	061	PROVINCIANISMOS USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
11: 044	061	SONETOS BUCOLICOS	Sant'Iago Prezada
11: 046	061	IDILIO	Luís Cardim
11: 047	061	<b>ARTE</b>	
11: 047	061	MUSICOS PORTUGUEZES <sup>36</sup>	Vila-Moura D. Miguel Soto-Maior
11: 060	061	Etnografia artística / [A roseta sexifolia e o suástica]	Virgílio Correia
	061	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
11: 065	061	O Instituto Superior Técnico e o desenvolvimento da indústria nacional	Alfredo Bensaúde
11: 074	061	A EDUCAÇÃO RELIGIOSA	Leonardo Coimbra
11: 078	061	Sciência e Educação	António Sérgio

\* É um número triplo: 61-63.

<sup>36</sup>Trata-se de um breve texto de Vila-Moura que precede à uma "INTRODUÇÃO", iniciada na p.48, de D. Miguel Soto-Maior.

11: 097	061	Ritos, costumes e tradições / I / [O Mistério do Totem]	José Teixeira Rego
11: 102	061	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS/ [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / X	Afonso Cordeiro
11: 109	061	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
11: 109	061	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
11: 111	061	<i>Carta de Guia de Casados</i> . Por D. Francisco Manuel de Mello. Com um estudo critico, notas e glossario por Edgar Prestage. [...]	Aubrey Bell
11: 112	061	José de Macedo: <i>O Conflito Internacional sob o ponto de vista português</i> . [...]	F. de A. R.
11: 116	061	A DIRECÇÃO DA "ÁGUIA"	Teixeira de Pascoaes
11: 117	064	<b>LITERATURA</b>	
11: 117	064	OS NOSSOS TEMPOS E A SUA / LITERATURA <sup>37</sup>	António Arroio (Tradução de António Arroio)
11: 126	064	I-O CADINHO	Michel Provins
11: 132	064	EXTASE	Jaime Cortesão
11: 134	064	L'ESPOIR	Ofélia Correia da Costa (Vicomtesse de Rougé)
11: 135	064	[FLORES ANTIGAS] / IMITAÇÃO DE DIVERSOS	Luís Cardim
11: 137	064	A CASSANDRA	Luís Cardim
11: 138	064	<b>ARTE</b>	
11: 138	064	AS TALHAS DE BORBA	Virgílio Correia
11: 141	064	INTRODUÇÃO / II <sup>38</sup>	D. Miguel Soto-Maior
11: 144	064	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
11: 144	064	O Astrolábio náutico dos portugueses	Luciano Pereira da Silva
11: 151	064	A Infinitude dos Mundos e o Eterno Retorno em Demócrito	Raul Proença
11: 160	064	Ritos, costumes e tradições / [II] / Totemismo e Sacrifício	José Teixeira Rego
11: 165	065*	<b>LITERATURA</b>	
11: 165	065	OS NOSSOS TEMPOS E SUA / LITERATURA	(Tradução de António Arroio)
11: 165	065	II. PARECIA OUTRO	Frédéric Boutet
11: 168	065	III. UM PREFEITO DE COLÉGIO	Frédéric Boutet
11: 172	065	EM FRENTE À MORTE	Augusto Casimiro
11: 173	065	A VOZ DO AMÔR	Sousa Costa
11: 178	065	LE NOMADE	Ofélia Correia da Costa (Vicomtesse de Rougé)
11: 179	065	INTERPRETAÇÃO DO SEBASTIANISMO	António Sérgio

<sup>37</sup>É uma introdução de António Arroio, que antecede ao texto de Michel Provins por ele traduzido.

<sup>38</sup>Trata-se da continuação da introdução de "Músicos Portugueses".

\* É de um número duplo: 65-66.

11: 185	065	AO PORTO	Jaime Cortesão
11: 187	065	O LIBERTÁRIO	Costa Macedo
11: 199	065	As treze cantigas / DO AMÔR E DA GUERRA	Luís Cardim
11: 201	065	JOÃO DA SILVA / E OS SEUS ÚLTIMOS TRABALHOS	Não assinado
11: 203	065	Musicos Portugueses / [(INTRODUÇÃO)] / III	D. Miguel Soto-Maior
	065	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
11: 207	065	O eterno Retôrno nos antigos / e nos modernos	Raul Proença
11: 215	065	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LÍNGUAS/ [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / XI	Afonso Cordeiro
11: 220	065	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
11: 220	065	BOCAGE	Não assinado
11: 224	065	Os cartazes da Junta Patriótica	Não assinado
11: 226	065	Uma entrevista sôbre a "Renascença"	Não assinado
11: 229	065	AUGUSTO CASIMIRO	Não assinado
11: 229	065	"O INFANTE DE SAGRES"	Não assinado
11: 230	065	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
11: 230	065	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
12: 005	067*	<b>LITERATURA</b>	
12: 005	067	TENTATIVAS PEDAGÓGICAS / [II] / [[A OBRA VICENTINA NO ENSINO SECUNDÁRIO]]	Alfredo Coelho de Magalhães
12: 017	067	PARA DEUS	Joaquim d'Almeira
12: 018	067	FONTES DE MEL	Joaquim d'Almeira
12: 019	067	OS NOVOS TEMPOS E SUA / LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio)
12: 019	067	IV.- CONFISSÃO DUM CONFESSOR	Edouard Helsey
12: 022	067	V.- UMA GRANDE LIÇÃO DE COUSAS	Edouard Helsey
12: 025	067	VI.- MADAME VALÉRIE	Michel Provins
12: 02	067	VII.- A IRMÃ DE CARIDADE	René X
12: 033	067	TREVA	Mário Beirão
12: 034	067	PROVINCIANISMOS USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
12: 044	067	CANÇÃO DA BEIRA DO RIO	Jaime Cortesão
12: 046	067	<b>ARTE</b>	
12: 046	067	MUSICOS PORTUGUESES / [(INTRODUÇÃO) / IV]	D. Miguel Soto-Maior
12: 050	067	O "IMPERIO" DO PENEDO	Luis Keil
12: 053	067	[Arte Popular do Alemtejo] / Os ganchos de meia de barro de Extremoz / [[(SECULO XX)]]	Luís Chaves
12: 059	067	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
12: 059	067	Prefacio para uma tradução dos "Ensaio / Politicos" de Spencer	António Sérgio
12: 071	067	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
12: 071	067	GRANDE CERTAMEN DE ARTE	Não assinado
12: 072	067	CONSEVATÓRIO DO PÔRTO	Não assinado
12: 073	067	BIBLIOTECA TÉCNICA	Não assinado
12: 075	067	BIBLIOTECA JURÍDICA	Não assinado

\* É de um número duplo: 67-68.

12: 076	067	"O INFANTE DE SAGRES"	Não assinado <sup>39</sup>
12: 081	069*	<b>LITERATURA</b>	
12: 081	069	A VILLA	Raul Brandão
12: 091	069	MEDALHÕES GREGOS	Manuel da Silva Gaio
12: 094	069	PROVINCIANISMOS USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
12: 102	069	O DUQUE D'ALBA / [(VELHO ROMANCE POPULAR)]	Pedro Fernandes Tomás
12: 105	069	MEMÓRIA	Joaquim d'Almeira
12: 106	069	OS NOVOS TEMPOS E SUA / LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio)
12: 106	069	VIII. - HIPPOLYTE LAVERBOIS MORREU	Pierre Valdagne
12: 109	069	IX. - O TRIUNFO DA PRIMAVERA	Lucile Delarue-Mardrus
12: 112	069	EM FRENTE À MORTE	Augusto Casimiro
12: 114	069	<b>ARTE</b>	
12: 114	069	O ENSINO MUSICAL EM PORTUGAL	José Viana Mota
12: 121	069	MUSICOS PORTUGUESES / [(INTRODUÇÃO) / V]	D. Miguel Soto-Maior
12: 131	069	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
12: 131	069	RITOS, COSTUMES E TRADIÇÕES / [II] / [[A GÊNESE DOS TABÚS RELIGIOSOS]]	José Teixeira Rego
12: 135	069	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS/ [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / XII	Afonso Cordeiro
	069	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
12: 141	069	O CONSERVATÓRIO DO PÔRTO	Não assinado
12: 142	069	JOÃO DA SILVA	Não assinado
12: 143	069	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
12: 143	069	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
12: 143	069	<i>Ezequiel de Campos: PELA ESPANHA [...]</i>	F. de A. R.
12: 153	071*	<b>LITERATURA</b>	
12: 153	071	ADITAMENTO AOS "ESPECTROS"	António Sérgio
12: 158	071	NOVEMBRE	Ofélia Correia da Costa (Vicomtesse de Rougé)
12: 159	071	HISTORIA SENTIMENTAL DE UM CALO	Alberto Pimentel
12: 168	071	A Fala do Marinho	Jaime Cortesão
12: 170	071	OS NOVOS TEMPOS E SUA / LITERATURA	(Tradução de António Arroio)
12: 170	071	X.- TIPPERARY	Charles Henry Hirsch
12: 174	071	XI.-EM VIAGEM	Pierre Mile
12: 178	071	XII.-A MORTE DO GENTLEMAN	Pierre Mile
12: 185	071	ANTE O CEU AUSTRAL	Alberto Osorio de Castro
12: 188	071	PROVINCIANISMOS / USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
12: 192	071	FLORES DO LETHES	Joaquim d'Almeira
12: 193	071	<b>ARTE</b>	

<sup>39</sup>É a reprodução de um trecho publicado no *Mercure de France*.

\* É de um número duplo: 69-70.

\* É de um número duplo: 71-72.

12: 193	071	MUSICOS PORTUGUESES / [(INTRODUÇÃO) / VI]	D. Miguel Soto-Maior
12: 198	071	A FAMILIA OLIVEIRA BERNARDES / [UMA GRANDE ESCOLA DE AZULEJOS / (1. <sup>a</sup> METADE DO SECULO XVIII)]	Virgílio Correia
12: 209	071	ARTE PORTUGUESA / [O MUSEU DE GRÃO VASCO]	Aarão de Lacerda
12: 211	071	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
12: 211	071	<i>O ZOLLVEREIN</i> / E A HARMONIA IBÉRICA	Ezequiel de Campos
12: 223	071	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	Não assinado
12: 223	071	A EMBAIXADA AO BRASIL	Não assinado
12: 223	071	NAVARRO DA COSTA	Não assinado
12: 224	071	CONSEVATÓRIO DO PÔRTO	Não assinado
12: 224	071	BIBLIOTECA DO PÔRTO	Não assinado
12: 228	071	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
13: 005	073*	<b>LITERATURA</b>	
13: 005	073	DE ROCA AO NORTE / [[(CAMINHA E BRASIL)]] / [I / Caminha]	Luciano Pereira da Silva
13: 013	073	EM FRENTE À MORTE	Augusto Casimiro
13: 015	073	PROVINCIANISMOS USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
13: 026	073	SOMBRA	Mário Beirão
13: 027	073	OS NOVOS TEMPOS E A SUA LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio)
13: 027	073	XIV.- A MOBILISAÇÃO ALEMÃ EM BAYREUTH	Pierre Lalo
13: 030	073	XV.- O BEMFEITOR	Charles Derennes
13: 033	073	XVI.- OS CANTOS DE GUERRA ALEMÃES	Lucien Delabrousse
13: 037	073	XVII.- O TREM VERMELHO	Georges Prade
13: 040	073	XVIII.- O FIDALGOTE	Edmond Haracourt
13: 043	073	SONETOS	Luis Cardim
13: 044	073	NOTAS ETIMOLOGICAS	José Teixeira Rego
13: 047	073	<b>ARTE</b>	
13: 047	073	MUSICOS PORTUGUESES	D. Miguel Soto-Maior
13: 049	073	ARTE PORTUGUESA / [[O MUSEU DE GRÃO VASCO]] / [II]	Aarão de Lacerda
13: 057	073	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
13: 057	073	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS/ [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / XIII	Afonso Cordeiro
13: 063	073	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
13: 063	073	RENASCENÇA PORTUGUESA	Não assinado
13: 065	073	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
13: 065	073	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
13: 066	073	<i>Theofilo Braga</i> : OS AMORES DE CAMÕES [...]	M. F.
13: 067	073	A NOSSA CASA - por <i>Raul Lino</i> [...]	António Sérgio
13: 069	073	O PRINCIPIO DE NACIONALIDADE - por <i>João Perestrello</i> [...]	António Sérgio

---

\*É de um número duplo: 73-74.

13: 073	075*	<b>LITERATURA</b>	
13: 073	075	OS ULTIMOS	Vila-Moura
13: 080	075	BURGO	Mário Beirão
13: 081	075	OS NOVOS TEMPOS E A SUA LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio)
13: 081	075	XIX.- A EDUCAÇÃO DO IUNKÂR	Adolphe Aderer
13: 084	075	XX.- NAS VESPERAS DA GUERRA	Joseph Reinach
13: 088	075	A ANTONIO NOBRE	Adalberto Marroquim
13: 089	075	[THEATRO EM ESCORÇO] / A NÓDOA DE TINTA / [[(DOIS ACTOS)]]	Julião Machado
13: 097	075	BUCÓLICA	Joaquim d'Almeira
13: 098	075	<b>ARTE</b>	
13: 098	075	ARTE PORTUGUESA / [[O MUSEU DE GRÃO VASCO]] / [III]	Aarão de Lacerda
13: 107	075	MUSICOS PORTUGUESES	D. Miguel Soto-Maior
13: 109	075	EXPOSIÇÃO DE ARTE / DA RENASCENÇA PORTUGUESA	Não assinado
13: 115	075	ESBOÇO DUM PROGRAMA / DE FILOSOFIA PARA OS LICEUS	Leonardo Coimbra
13: 119	075	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
13: 119	075	VIRGÍLIO MAURICIO <sup>40</sup>	Não assinado Alfredo Sousa
13: 121	075	RENASCENÇA PORTUGUESA	Não assinado
13: 122	075	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
13: 122	075	<i>Visconde de Villa-Moura: AS CINZAS DE CAMILLO [...]</i>	M. F.
13: 129	077*	<b>LITERATURA</b>	
13: 129	077	TENTATIVAS PEDAGOGICAS / III / [A OBRA VICENTINA NO ENSINO SECUNDARIO]	Alfredo Coelho de Magalhães
13: 141	077	VERBO ANTIGO / A Flecha Imovel, A Suprema Afronta	Angelo Ribeiro
13: 143	077	DÉA PALMARIS	Celso Vieira
13: 151	077	CANTIGAS AO MEU AMOR	Jaime Cortesão
13: 153	077	CHARUTOS DE HAVANA	Alberto Amado
13: 157	077	OS NOVOS TEMPOS E A SUA / LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio)
13: 157	077	XXI.- O TENENTE WARD NÃO ESTAVA COM SORTE	Pierre Mille
13: 160	077	XXII.- UMA APARIÇÃO	Camille Mauclair
13: 163	077	XXIII.- A TRINCHEIRA DA IDEA	P. S.
13: 166	077	<b>ARTE</b>	
13: 166	077	Azulejadores e Pintores de Azulejos de Lisboa	Virgílio Correia
13: 179	077	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	

---

\*É de um número duplo: 75-76.

<sup>40</sup>Trata-se de uma carta de Alfredo Sousa, precedida de um breve comentário não assinado.

\* É de um número duplo: 77-78.



13: 179	077	COLONISAÇÃO, CLIMAS E LINGUAS/ [(EXCERPTOS DE UM LIVRO EM PREPARAÇÃO)] / XIV	Afonso Cordeiro
13: 184	077	<b>NOTAS</b>	
13: 184	077	Carlos de Sousa	
13: 185	077	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
13: 185	077	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
14: 005	079*	<b>LITERATURA</b>	
14: 005	079	FIALHO D'ALMEIDA	Raul Brandão
14: 015	079	PERFIS <sup>41</sup>	Joaquim d'Almeira
14: 025	079	OS NOVOS TEMPOS E A SUA / LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio )
14: 025	079	XXIV - O TERRIVEL SEGREDO	Michel Provins
14: 030	079	XXV - O POBRE INOCENTINHO	Charles-Henry Hirsch
14: 034	079	XXVI - MADAME BERGE E A SUA CREADA	Frédéric Boutet
14: 040	079	XXVII - A APOLOGIA DE KADIR BAKCH	Pierre Mille
14: 043	079	"OS ULTIMOS" / [DO VISCONDE DE VILA- MOURA]	Correa da Costa
14: 049	079	AS ESTRELAS NAS POESIAS DE CAMÕES	Luciano Pereira da Silva
14: 059	079	<b>ARTE</b>	
14: 059	079	ENTALHADORES DE LISBOA / [(SÉCULOS XVII-XVIII) / PARA A HISTORIA DA <i>OBRA DE TALHA EM PORTUGAL</i> ]	Virgílio Correia
14: 064	079	MUSICOS PORTUGUEZES	D. Miguel Soto-Maior
14: 065	079	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
14: 065	079	EXPERIÊNCIA E O SIMBOLISMO DO PENSAMENTO	Leonardo Coimbra
14: 075	079	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
14: 075	079	O "SÓ" DE ANTONIO NOBRE	Não assinado
14: 077	079	NAVARRO DA COSTA	Não assinado
14: 077	079	EXPOSIÇÃO DE ARTE DA RENASCENÇA PORTUGUESA	Não assinado
14: 078	079	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
14: 078	079	O ENFORCADO - Novelas de <i>Costa Macedo</i> [...]	Vieira da Cunha
14: 079	079	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
14: 081	079	Alberto Amado: <i>Vida Americana</i> [...]	M. F.
14: 085	082*	<b>LITERATURA</b>	

\* É um número triplo: 79-81.

<sup>41</sup>Esta colaboração é composta por um conjunto de três sete poemas, com os títulos que são abaixo indicados, logo após a página em que aparecem.

- p.15 I / A FIANDEIRA
- p.16 II / TECEDEIRA
- p.18 III / LUA
- p.19 IV / MOLEIRINHA
- p.20 V / PASTORA
- p.21 VI / MENDIGA
- p.22 VII / MARUJINHO

\* É um número triplo: 82-84.

14: 085	082	AS ESTRÊLAS NAS POESIAS DE CAMÕES / [(CONTINUAÇÃO)]	Luciano Pereira da Silva
14: 097	082	REGRESSO	Mário Beirão
14: 098	082	FRANCISCO DE HOLLANDA / [(MAIS NOTAS - DEZEMBRO DE 1918)]	Joaquim de Vasconcelos
14: 102	082	EGAS MONIZ / [(ACTO III)]	Jaime Cortesão
14: 107	082	OS NOVOS TEMPOS E A SUA / LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio)
14: 107	082	XXVIII - Um Heroi Americano	Emile Boutroux
14: 110	082	XXIX - Com a Comissão Industrial Americana	H.-P. Roche
14: 113	082	XXX - O Regimento dos bilionarios	G. Lenotre
14: 117	082	XXXI - Numa Vila de Provincia	René Benjamin
14: 120	082	XXXII - Com os Sommies	René Benjamin
14: 123	082	XXXIII - As Tres Mesuras	Pierre Mille
14: 126	082	AS SANDÁLIAS DO POETA	Angelo Ribeiro
14: 129	082	JOÃO LÚCIO	Leonardo Coimbra
14: 135	082	ANTHERO DE QUENTAL	João Penha
14: 136	082	FOLK-LORE PORTUGUÊS / [BRUXAS]	Alfredo Faria
14: 148	082	SÉRGIO DA SILVA	Ribeiro Cristino
14: 151	082	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
14: 151	082	OLAVO BILAC	Não assinado
14: 151	082	ANTONIO SERGIO E JAIME CORTESÃO	Não assinado
14: 152	082	O SÓ DE ANTONIO NOBRE	Não assinado
14: 152	082	NAVARRO DA COSTA	Não assinado
14: 153	082	GALERIA NACIONAL DE BELAS ARTES	Não assinado
14: 153	082	RAUL MARÇAL BRANDÃO	Não assinado
14: 154	082	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
14: 154	082	HUMUS - de <i>Raul Brandão</i> [...]	Justino de Montalvão
14: 156	082	J. A. Pereira da Silva - A Astronomia dos Lusíadas [...]	A. Mieli
14: 157	082	<i>Nas Trincheiras da Flandres</i> [...]	Joaquim Martins Manso
14: 158	082	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebasgue
14: 160	082	ANTÓNIO SÉRGIO: <b>O Ensino como factor do Ressurgimento nacional</b> [...]	M. F.
14: 162	082	JOSÉ TEIXEIRA REGO: <b>Nova Teoria do Sacrificio</b> [...]	M. F.
15: 005	085*	<b>LITERATURA</b>	
15: 005	085	AS ESTÊLAS NAS POESIAS DE CAMÕES / [(CONTINUAÇÃO)]	Luciano Pereira da Silva
15: 021	085	A MORTE	Joaquim d'Almeira
15: 022	085	CORAÇÃO	Joaquim d'Almeira
15: 023	085	DISCURSO IMAGINÁRIO / [pronunciado imaginariamente à uma imaginária / assemblea dos que são chamados pelo Diário de Governo / (em virtude de um conceito imaginário) / "beneméritos da instrução pública"]	António Sérgio

---

\*É um número triplo: 85-87.

15: 028	085	O Amanhecer do Primeiro Dia / no Paraizo Biblico / [(EXCERTO)]	Sant'Iago Prezada
15: 030	085	OS NOVOS TEMPOS E A SUA / LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio )
15: 030	085	XXXIV- O KAISER MAGALOMANO	Jean de Bonnefon
15: 033	085	XXXV- BEETHOVEN EM CAMPANHA	F. Bleu
15: 038	085	XXXVI- DE UMA TRINCHEIRA PARA A OUTRA	Henri de Regnier
15: 040	085	XXXVII- NA CIDADE BOMBARDEADA	Binet-Valmer
15: 045	085	"A LUTA PELA IMORTALIDADE" / [de LEONARDO COIMBRA]	F. Newton de Macedo
15: 049	085	PROVINCIANISMOS / USADOS EM MONÇÃO	Antonio de Pinho
15: 056	085	FOLK-LORE PORTUGUÊS / [BRUXAS]	Alfredo Faria
15: 062	085	<b>ARTE</b>	
15: 062	085	MUSICOS PORTUGUEZES	D. Miguel Soto-Maior
15: 063	085	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
15: 063	085	O VALOR SOCIAL DO PORTUGUÊS	Mendes Correia
15: 073	085	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
15: 073	085	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
15: 075	085	VISCONDE DE CARNACHILDE: TRATADO DA PROPRIEDADE LITERÁRIA ARTÍSTICA [...]	M. F.
15: 076	085	COELHO DE CARVALHO: D. PEDRO, 8º REI DE PORTUGAL [...]	M. F.
15: 076	085	EZEQUIEL DE CAMPOS: A EVOLUÇÃO E A REVOLUÇÃO AGRÁRIA [...]	M. F.
15: 077	085	BAZILIO TELLES: O FLAGELO DOS MARES [...]	M. F.
15: 078	085	FRANCISCO DE HOLANDA: DA PINTURA ANTIGA [...]	M. F.
15: 081	088*	<b>LITERATURA</b>	
15: 081	088	DA CARICATURA / [(SEU MODERNO SIGNIFICADO)]	Vila-Moura
15: 089	088	SUPPLICA	Mário Beirão
15: 090	088	APPUNTI DI LITTERATURE / PORTOGHESE	Emanuel Portal
15: 093	088	PINTURA / PARA O TEU LEQUE	Jaime Cortesão
15: 095	088	OS NOVOS TEMPOS E A SUA / LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio )
15: 095	088	XXXVIII- A EDADE DAS CAVERNAS	Binet-Vilmer
15: 098	088	XXXIX- Á ESPERA	Camille-Mauclair
15: 100	088	XL- AS TRAGÉDIAS DA GUERRA	Eugène M.
15: 103	088	XLI- O INUTIL	Michel Provins
15: 108	088	XLII- O CONSOLADOR	Camille-Mauclair
15: 113	088	FOLK-LORE PORTUGUÊS / BRUXAS	Alfredo Faria
15: 127	088	<b>ARTE</b>	
15: 127	088	MUSICOS PORTUGUEZES	D. Miguel Soto-Maior
15: 128	088	OLEIROS QUINHENTISTAS / DE LISBOA	Virgílio Correia
15: 140	088	<b>PROBLEMAS DA GREI</b>	

---

\*É um número triplo: 88-90.

15: 140	088	Da necessidade de criar focos independentes / para reforma da cultura / por meio do recurso estrangeiro	António Sérgio
15: 148	088	Alguns capitulos da legislação agraria / do Reino Unido que convêm / conhecer em Portugal / [I]	João Farmhouse
15: 156	088	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
15: 156	088	NO LACTARIO / PALAVRAS PROFERIDAS NA FESTA ANUAL DA ASSOCIAÇÃO PROTECTORA / DA PRIMEIRA INFANCIA	Aurélio da Costa Ferreira
	088	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
15: 161	088	TREVAS LUMINOSAS - Poema por CANDIDA AYRES DE MAGALHÃES [...]	Vila-Moura
15: 162	088	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
15: 163	088	Jaime Cortezão: <i>Egas Moniz</i> [...]	M. F.
15: 163	088	Ezequiel de Campos: <i>Leivas da Minha Terra</i> [...]	M. F.
16: 005	091*	<b>LITERATURA</b>	
16: 005	091	A MORTE DE ARISTOBULO / [(TRAGEDIA HEBRÊA)]	Vila-Moura
16: 015	091	PASTOR	Joaquim d'Almeira
16: 016	091	APPUNTI DE LETTERATURE PORTOGHESE / [II / "IE DUE EPOPEE"]	Emanuel Portal
16: 020	091	OS NOVOS TEMPOS E A SUA LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio )
16: 020	091	XLIII - VISITA A UM ACAMPAMENTO INGLEZ	Arnould Galopin
16: 024	091	XLIV - ENTRE OS SAMMIES	René Benjamin
16: 026	091	XLV - OS AMERICANOS EM FRANÇA	René Benjamin
16: 029	091	XLVI - OS ARGUMENTOS DO PROFESSOR SCHILDKNECHT	J.-H. Rosny Ainé
16: 032	091	XLVII - O FILHO DO ENIGMA	Lucie Delarne-Mardrus
16: 035	091	XLVIII - AS MULHERES DURANTE A GUERRA	René X...
16: 040	091	DUALISMO PSICOLÓGICO	Corrêa de Araujo
16: 041	091	O SABIO CANONISTA / DOUTOR ANTONIO HOMEM	Antonio Baião
16: 051	091	FOLK-LORE PORTUGUÊS / [AMORES]	Alfredo Faria
16: 060	091	<b>ARTE</b>	
16: 060	091	AGUAS FORTES / DE D. FERNANDO	Pedro Vitorino
16: 065	091	O MONUMENTO	Aarão de Lacerda
16: 077	091	MUSICOS PORTUGUESES	D. Miguel Soto-Maior
16: 078	091	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
16: 078	091	ANTROPOLOGIA D'ESPANHA / [(EXCERTO DUM LIVRO NO PRELO)]	Mendes Correia
16: 084	091	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
16: 084	091	"RENASCENÇA PORTUGUESA"E "LUSO-BRASILIANA"	Não assinado
16: 084	091	PHILÉAS LEBESGUE	Não assinado

---

\*É um número triplo: 91-93.

16: 085	091	MARÇAL BRANDÃO	Não assinado
16: 086	091	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
16: 086	091	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
16: 087	091	AARÃO DE LACERDA: <i>Crônicas de Arte</i> [...]	M. F.
16: 089	091	ANTONIO DE PORTUGALE: <i>O Encantado</i> [...]	M. F.
16: 099	094*	<b>LITERATURA</b>	
16: 099	094	"EU" E GENOVEVA	Aquilino Ribeiro
16: 103	094	LEGENDA	Mário Beirão
16: 105	094	O MELLO DA GUITARRA	Maria Magdalena
16: 107	094	HORAS	Manuel Eugenio Massa
16: 108	094	EM LOUVOR DA MUSICA	Vila-Moura
16: 111	094	LÁPIDE	Joaquim d'Almeira
16: 115	094	FOLK-LORE PORTUGUÊS / [AMORES]	Alfredo Faria
16: 132	094	Não és da Terra, és do Céu...	Augusto Casimiro
16: 134	094	OS NOVOS TEMPOS E A SUA LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio)
16: 134	094	XLIX - A RIVAL	Michel Provins
16: 138	094	L - A VIDENTE	Frédéric Boutet
16: 142	094	LI - A CARMELITA	Maurice Level
16: 144	094	LII - O SOLDADO AMERICANO	Gaston Deschamps
16: 148	094	LIII - EM GOZO DE LICENÇA	Frédéric Boutet
16: 151	094	LIV - TIPOS DE GUERRA	J. B.
16: 154	094	<b>ARTE</b>	
16: 154	094	CAMINHO DE MIRANDA / [(APONTAMENTOS DE VIAGEM)]	Virgílio Correia
16: 163	094	MUSICOS PORTUGUESES	D. Miguel Soto-Maior
16: 165	094	<b>PROBLEMAS DA GREI</b>	
16: 165	094	O MAIOR PROBLEMA:	Ezequiel de Campos
16: 173	094	Alguns capitulos da legislação agraria / do Reino Unido que convêm / conhecer em Portugal / [II]	João Farmhouse
16: 182	094	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
16: 182	094	UMA ALDEIA PORTUGUESA EM PORTUGAL	Não assinado
16: 182	094	"RENASCENÇA PORTUGUESA" E "LUSO- BRASILIANA"	Não assinado
16: 184	094	O ANO LITERÁRIO DA "RENASCENÇA PORTUGUESA"	Não assinado
16: 186	094	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
16: 186	094	TROPA D'ÁFRICA- Por CARLOS SELVAGEM [...]	Brito Camacho
16: 187	094	JAYME CORTESÃO: <i>Memórias da Grande Guerra</i> (1916-1919) [...]	M. F.
16: 188	094	EDUARDO PIMENTA: <i>A ferro e fogo</i> [...]	M. F.
16: 188	094	MÁRIO SERRANO: <i>Verbo do meu riso</i> [...]	M. F.
17: 005	097*	<b>LITERATURA</b>	
17: 005	097	ALMAS	Vila-Moura

---

\*É um número triplo: 94-96.

\*É um número duplo: 97-98.

17: 028	097	EM CERTAS HORAS	Mário Beirão
17: 030	097	OS NOVOS TEMPOS E A SUA LITERATURA	(Tradução de Antonio Arroio )
17: 030	097	LV - RENOUVIER E A GUERRA DE 1870	M. Paul Souday
17: 033	097	LVI - A DOCE PRUSSIA	Joseph Galtier
17: 037	097	LVII - AMAZONAS	V.
17: 041	097	LVIII - UMA VISITA	Frédéric Boutet
17: 044	097	LIX - UMA VICTIMA	Charles Derennes
17: 047	097	LX - O NOSSO CAMARADA TOEUFER	Edmond Haraucourt
17: 050	097	AO ALTO, JUNTO DOS CÉOS!	Jaime Cortesão
17: 052	097	<b>ARTE</b>	
17: 052	097	MUSICOS PORTUGUESES	D. Miguel Soto-Maior
17: 054	097	<b>PROBLEMAS DA GREI</b>	
17: 054	097	A QUESTÃO AGRARIA	Ezequiel de Campos
17: 062	097	Alguns capítulos da legislação agrária / do Reino Unido que convêm / conhecer em Portugal / [III]	João Farmhouse
17: 070	097	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
17: 070	097	PHILEAS LEBESGUE	Não assinado
17: 072	097	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
17: 072	097	DOIS LIVROS DE VILA MOURA	Carlos Cochofel
17: 077	099*	<b>LITERATURA</b> <sup>42</sup>	
17: 077	099	O BONECO / [(CONTO)]	Vila-Moura
17: 089	099	DOENTE	Joaquim d'Almeira
17: 097	099	AS NOVAS IDEAS SOBRE / A EVOLUÇÃO	Mendes Correia
17: 104	099	Os novos tempos e a sua literatura:	(Tradução de Antonio Arroio )
17: 104	099	LXI - DOIS ASPECTOS DA QUESTÃO - A AMÉRICA E A ALEMANHA	C.
17: 108	099	LXII - A DEMENCIA GERMANICA	Doutor Toulouse
17: 111	099	LXIII - O INSULTO POSTUMO	Francis de Mimandre
17: 116	099	LXIV - OS SOMMIES NAS LINHAS AVANÇADAS	Fred Cause
17: 118	099	LXV - O PRISIONEIRO	Pierre Mile
17: 122	099	LXVI - VISITANDO OS EXERCITOS ALIADOS	René Benjamin
17: 126	099	A HIERÓDULA MENINA	Alberto Ozorio de Castro
17: 127	099	POR BEM PROCURAR E POR / MAL DIZÊR / [TEMPOS POMBALINOS]	Antonio Ferreira de Serpa
17: 134	099	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
17: 134	099	ALVARO PINTO	Não assinado
17: 134	099	CONCERTOS SINFÓNICOS	Não assinado
17: 135	099	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
17: 135	099	O NINHO DE AGUIAS de CARLOS SELVAGEM	Braz Burity
		[...]	
17: 141	101*	<b>LITERATURA</b>	

\* Trata-se de um número duplo, 99-100. Por motivos de espaço indicamos apenas o primeiro dos dois números.

<sup>42</sup>Esta seção não vem nomeada neste número.

\*É um número duplo: 101-102.

17: 141	101	CARTAS DE CASTILHO	Alberto Pimentel
17: 153	101	LAUDES DO JARDIM REAL	Carlos Magalhães de Azevedo
17: 166	101	DIALOGOS DE CURIOSOS	Mario de Alencar
17: 168	101	LITERATURA RUSSA	Miguel Rodrigues
17: 174	101	<b>ARTE</b>	
17: 174	101	MUSICOS PORTUGUESES	D. Miguel Soto-Maior
17: 175	101	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
17: 175	101	A CONQUISTA DE CEUTA / [(ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO NÃO ROMANTICA DO TEXTO DE AZURARA)]	António Sérgio
17: 188	101	Carta do Brasil	António Sérgio e Álvaro Pinto
17: 197	101	<b>BIBLIOGRAPHIA</b>	
17: 198	101	COMEDIA URBANA, por João Luso	João Ribeiro
18: 005	103*	<b>LITERATURA</b>	
18: 005	103	PARÁBOLAS <sup>43</sup>	Afranio Peixoto
18: 009	103	MORTA	Luiz Guimarães Filho
18: 010	103	O MÊDO	Pina de Moraes
18: 015	103	Temporal	Joaquim d'Almeira
18: 016	103	A ANTONIO NOBRE / [(ATRAVÉS DE UM DELÍRIO)]	Uriel Tavares
18: 021	103	<b>ARTE</b>	
18: 021	103	VENEZA D'OIRO E PURPURA	Jaime Cortesão
18: 025	103	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
18: 025	103	Monoel Bento de Sousa e a oligarquia / pedagógica em Portugal / [(A PROPOSITO DO LIVRO "O DR. MINERVA")]	António Sérgio
18: 034	103	O problema da colonização portuguesa / no Brasil; a opinião do sr. Malheiro Dias / [(A PROPOSITO DA CONFERENCIA "RUMO Á TERRA")]	Não assinado
18: 038	103	CARTA DO BRASIL	António Sérgio e Álvaro Pinto
18: 048	103	<b>ACADEMIA BRASILEIRA</b>	
18: 048	103	DO DISCURSO DE D. SILVERIO GOMES PIMENTA, ARCEBISPO DE MARIANA	D. Silverio Gomes Pimenta
18: 054	103	DO DISCURSO DE HUMBERTO DE CAMPOS	Humberto de Campos
18: 070	103	A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA	Não assinado
18: 076	103	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
18: 076	103	HISTORIA DA MUSICA por B. V. Moreira de Sá [...]	Vila Moura
18: 081	103	ANAIS DAS BIBLIOTECAS E ARQUIVOS [...]	António Sérgio
18: 085	106*	<b>LITERATURA<sup>44</sup></b>	

\*É um número triplo: 103-105.

<sup>43</sup>Este texto se divide em duas partes, "FEMINISMO", que se inicia na página 5, e "UMA LINDA HISTORIA DE AMOR", que se inicia na 6.

\*É um número triplo: 106-108.

<sup>44</sup>Esta seção não vem nomeada neste número.

18: 085	106	GIL VICENTE	Anselmo Braancamp Freire
18: 100	106	Carta a Carlos Magalhães de Azeredo	Mario de Alencar
18: 125	106	DECLINIO	Alberto de Oliveira
18: 126	106	ESTRELAS INQUIETAS - DE MUNDO A MUNDO	Manuel Eugenio Massa
18: 127	106	A LITERATURA NOVOLUSISTA	Manuel da Silva Gaio
18: 145	106	PARODIAS AOS "LUSIADAS"	Alberto Pimentel
18: 150	106	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
18: 150	106	EPISODIOS DA INQUISIÇÃO PORTUGUESA	Antonio Baião
18: 157	106	CARTA DO BRASIL	António Sérgio e Álvaro Pinto
18: 168	106	<b>ACADEMIA BRASILEIRA</b>	
18: 168	106	As Modas e os modos no romance / de Macedo	Humberto de Campos
18: 181	106	Concursos para os premios "Francisco Alves"	Afranio Peixoto
18: 183	106	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
18: 183	106	"Luisa e Antonio Sergio": ESCALA DE PONTOS DOS NIVEIS MENTAIS DAS CRIANÇAS PORTUGUESAS [...]	M. F.
19: 005	109*	<b>LITERATURA</b>	
19: 005	109	GOMES LEAL	Ricardo Jorge
19: 010	109	UM SONETO DE ANTERO / PALAVRAS D'UM CERTO MORTO	Antero de Quental
19:011	109	Os descobrimentos dos Portugueses / e a viagem de Magalhães	Alberto de Oliveira
19: 027	109	ALMA	Mário Beirão
19: 029	109	O VELHO DO RESTELO / [CARTA ABERTA AO ILUSTRE SNR. / PROFESSOR FIDELINO DE FIGUEIREDO]	Afranio Peixoto
19: 035	109	A Aleluia das Horas Mortas	Augusto Casimiro
19: 037	109	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA, HISTORIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
19: 037	109	A Reacção Contra os Intrusos	Rocha Pombo
19: 052	109	<b>NOTAS E COMENTÁRIOS</b>	
19: 052	109	Aos estudantes promotores da trasladação dos restos mortaes de Antero de Quental	António Sérgio
19: 056	109	A Celebração do Centenario de Magalhães pelo Chile	não assinado
19: 057	109	Exposição de Historia e Arte retrospectiva no Rio de Janeiro	não assinado
19: 066	109	CARTA DO BRASIL	António Sérgio e Álvaro Pinto
19: 082	109	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
19:110	109	<b>ACADEMIA BRASILEIRA</b>	
19:110	109	Homenagem a dois poetas	Não assinado <sup>45</sup>
	112	<b>LITERATURA</b>	

---

\*É um número triplo:109-111.

<sup>45</sup>É informado que este artigo foi retirado do *Imparcial* de 29-1-21.



19:113	112	PORTUGAL-BRASIL	Álvaro Pinto
19: 122	112	De "SOB A VINHA FLORIDA"	Ronald de Carvalho
19: 124	112	O MILITARISMO DE RUSKIN	Sebastião da Costa
19: 133	112	SINFONIA DA TERRA / [(EXCERTO)]	Tomás da Fonseca
19: 134	112	SAGRES	Pinto da Rocha
	112	<b>SCIÊNCIA, FILOSOFIA, HISTORIA E CRÍTICA SOCIAL</b>	
19: 145	112	HIPOLITO TAINÉ	Diego Carbonel
19: 155	112	HISTORIA DO RIO GRANDE DO NORTE	Rocha Pombo
19: 161	112	TIRPITZ, O ETERNO	A. Chateaubriand
19: 195	112	CARTA DO BRASIL	Álvaro Pinto
19: 206	112	BIBLIOGRAPHIA	
19: 212	112	LETTRES PORTUGAISES	Philéas Lebesgue
20: 005	115	A CRISE SOCIAL / [O BOLCHEVISMO, AS CATEGORIAS/ COLECTIVAS OU OS VALORES. / A SCIÊNCIA, A ARTE, A RELIGIÃO / NAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS]	Leonardo Coimbra
20: 012	115	Hora dae Redenção	Antonio de Sousa
20: 013	115	A morte de Harpão Júnior / [INÉDITO]	Alberto Pimentel
20: 017	115	Nocturno	Álvaro de Morais
20: 018	115	Idílio	Alfredo Brochado
20: 019	115	No Caramulo / DIVAGAÇÕES DO CAMINHEIRO	Jaime de Magalhães Lima
20: 030	115	Saudade	Antonio Noriega Varela
20: 031	115	IDEOLOGIA REPUBLICANA / [(ENSAIO CRIACIONISTA)]	Angelo de Morais
20: 037	115	Á fonte que secou	Hernâni Cidade
20: 037	115	Na Penha	Hernâni Cidade
20: 038	115	A figura dramatica de Maria de Noronha / no Frei Luís de Sousa de Garrett	Antonio Arroio
20: 051	115	Desalento	Luis Cardim
20: 053	115	A mancha do sol	Pina de Morais
20: 055	115	José Maria Soares Lopes	Octávio
20: 057	115	<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
20: 057		LEONARDO COIMBRA- <i>Adoração: Cânticos de Amor [...]</i>	Angelo Ribeiro
20: 059		O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ANTERO DE QUENTAL- <i>Leonardo Coimbra [...]</i>	Alvaro de Morais

**5.2 Tabela I: Relação dos colaboradores de *A Águia* em ordem decrescente de número de volumes em que participaram, com o número de textos publicados em cada volume<sup>46</sup>**

Volume	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	V	C
Número de artigos publicados por volume																						
Colaborador																						
Jaime Cortesão	4	3	3	5	3	2	3	2	2	1	2	2	1	1	1		1	1			17	37
Antônio Sergio	1		3	1	7	7	5	4	1	2	2	2	2		1		2	4	1		16	45
Mário Beirão	4	3	2	2	3	1	1			1	1	1	2	1	1	1	1		1		16	26
Vila-Moura	5	4	4	4		1	3	2	3	3	2		1		2	2	2	1			15	39
Augusto Casimiro	5	4	2	4	5	2	3	1	3	1	1	1	1			1			1		15	35
Leonardo Coimbra	6	3	2	5	1	1	2	1	3		1		1	2						1	13	29
Virgílio Correia		2	3	2	2	3	3	2			2	1	1	1	1	1					13	24
José Teixeira Rego		1	6	6	4	4	4	2	2	3	2	1	1								12	36
Philéas Lebesgue	2		2	2	1	2	2		2		2		2	3	2	2					12	24
Teixeira de Pascoaes	8	5	4	7	7	4	2	4	4	2	1										11	48
Teófilo Braga	1	1	1		1	1	2	2	1	1											09	11
Carlos Parreira	1	1	1	1	2	3	1		1												08	11
Antônio Arroio (Trad. de)											3	9	1	1	9	1	1				07	65
D. Miguel Soto-Maior											2	3	2	1	2	2	2				07	14
Carlos Maul		3	3	2	1	2	1			1											07	13
Joaquim d'Almeira												4	1	1	2	2	1	1			07	12
Antônio Arroio	2							1		1	1					1		1		1	07	08
Afonso Cordeiro								3	4	2	2	1	2								06	14

<sup>46</sup>Na coluna "V" aparece o número total de volumes em que o autor colaborou. Na coluna "C" aparece o número total de colaborações do autor.

Vários textos que, em um único número da revista, apareceram sob um título comum foram considerados como uma única colaboração. No caso de textos que foram publicados em partes, ao longo de vários números da revista, consideramos cada parte como uma colaboração. Os artigos escritos em parceria, por mais de um autor, foram computados como colaborações de todos os escritores que participaram de sua autoria.

Os colaboradores que têm o seu nome seguido de um asterisco (\*) são os que apareceram na revista por terem os seus textos traduzidos por Antônio Arroio na seção "Os novos tempo e a sua literatura".

Dividimos as colaborações de Antônio Arroio em duas categorias: textos de sua autoria e traduções. Os primeiros aparecem após o seu nome e os segundos em uma outra linha, em que seu nome vem seguido da especificação "(trad.)".

Gomes Leal			1			2	3	1	1	1									06	09		
Aarão de Lacerda						1	2			1		1	2			1			06	08		
Luís Cardim							1		1			3	1	1				1	06	08		
Afonso Duarte	2	1				1	1	1	1										06	07		
M. F.													2	3	5	5		1		05	16	
Ronald de Carvalho						2	5	1	1									1		05	10	
António de Pinho										2	1	3	1		1					05	08	
Raul Proença	2			1				1	1		2									05	07	
Luís Câmara Reys				2		1	1			1		1								05	06	
Mendes Correia									1	2					1	1	1			05	06	
Alfredo Coelho de Magalhães			1			1					1	1	1							05	05	
Aurélio da Costa Ferreira					1	1		1	1						1					05	05	
Michel Provins*											1	1		1	1	1				05	05	
José Pereira de Sampaio (Bruno)				2		1	5	3												04	11	
Aubrey Bell					1			3		2		1								04	07	
Augusto Martins	3	1	1			2														04	07	
Fernando Pessoa	2	3	1	1																04	07	
Frédéric Boutet*											2			1		2	1			04	06	
Pierre Mille*												2	1	2		1				04	06	
António Augusto Cortesão	1	2		1					1											04	05	
Candida Aires de Magalhães		2	1	1	1															04	05	
Luciano Pereira da Silva											1		1	2	1					04	05	
Alberto Osorio de Castro									1	1		1					1			04	04	
Alberto Pimentel												1					1	1		1	04	04
Costa Macedo	1	1					1				1									04	04	
Ezequiel de Campos						1						1				1	1			04	04	
Sant'Iago Prezada							1		1		1				1					04	04	
Camilo Castelo Branco	5	3			2															03	10	
Álvaro Pinto															1	2	3			03	06	
António Nobre	1	4	1																	03	06	
René Benjamin*													2		3	1				03	06	
Alfredo Faria													1	2	2					03	05	
António Correia de Oliveira	3	1	1																	03	05	
Augusto Santa Rita	2	1	1																	03	04	
João de Deus Ramos	1			2				1												03	04	
Alberto de Oliveira									1									1	1	03	03	
Angelo Ribeiro												1	1						1	03	03	













## SUMMARY

This work intends to analyse the conception of Portugal in the second series of *A Águia* review, published between 1912 and 1922 in Porto, related to a tradition that begins with the birth of liberalism in Portugal.

The first chapter refers to different conceptions of the nation that appeared during the period from Almeida Garrett to the proclamation of the Republic.

The second chapter contains an analysis of the review itself in three main moments:

- the first three volumes, published between January 1912 and June 1913, in which the principal conceptions are elaborated by the saudosistas.

- the three following volumes, from July 1913 to December 1914, in which there is a fight between two absolutely distinct propositions about the nation: the saudosistas' one, defended by Teixeira de Pascoaes, and the one idealized by António Sérgio.

- The other volumes of the review, in which the conceptions of the nation disappear, coming again only in a lateral way, in the numbers in which the writers of *A Águia* defended the entrance of Portugal in the First War.

It is also presented a general list of writers in this series, including the volume in which they wrote as well as the amount of articles that they published in each volume followed by a general index of the second series of *A Águia*.

## 6. BIBLIOGRAFIA

## 6.1 Artigos da segunda série de *A Águia* citados e/ou analisados

- "Álvaro Pinto". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v. 17. p.134.
- "Bibliografia". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v.4. p. 124-126.
- "Bibliografia".[Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v.5. p.190-192.
- "Bibliografia: *A Era Lusíada* por Teixeira de Pascoaes".[Não assinado] *A Águia*, 2ª série, v. 6.p.183-184.
- "Bibliografia: *Portugal, potência da Europa* de Afonso de Melo". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v.4. p.95.
- "Errata". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v.5. p.160.
- "GOMES Leal". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v.3. p.145.
- "Nota da Redação". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 91.
- "Portugal e a guerra". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 88.
- "Uma entrevista sobre a *Renascença*". [Não assinado]. *A Águia*, 2ª série, v. 11. p.226-228.
- ARROIO, António. "As Nossas Indústrias de Arte". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.154-160 e p.187-191.
- ARROIO, António. "Os novos tempos e a sua literatura". *A Águia*, 2ª série, v. 11. p. 117-126.
- BARROS, João de. "Manuel Laranjeira". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.128.
- BEAUDUIN, Nicolas. "La psychologie des poètes nouveaux et la vie moderne". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.161-165.
- BEIRÃO, Mário . "Rezando oitavas". *A Águia*, 2ª série, v.3. p. 188.
- BELL, Aubrey . "Studies in Portuguese Literature". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.58-64 .
- BONSAÚDE, Alfredo. "O Instituto Superior Técnico e o desenvolvimento da indústria nacional". *A Águia*, 2ª série, v.11. p. 65-73.
- BRAGA, Teófilo. "Os Conflitos da Historia". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.152-154.
- BRAGA, Teófilo. "Renascença". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.41-43.
- CAMPOS, Ezequiel. "O *Zollverein* e a harmonia Ibérica". *A Águia*, 2ª série, v.12. p.211-222.
- CASIMIRO, Augusto. "A Canção da noitinha". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.126.
- CASIMIRO, Augusto. "A Canção do Novo Restelo". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.17.
- CASIMIRO, Augusto. "A hora da prece". *A Águia*, 2ª série, v.4. p. 103.
- CASIMIRO, Augusto. "A Primeira Nau". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.125-133.

- CASIMIRO, Augusto. "Almas de Portugal!". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 15-17.
- CASIMIRO, Augusto. "Auto do Regresso (Excerto)". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.43-46.
- CASIMIRO, Augusto. "Da *Volta do Fauno*". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.181-183.
- CASIMIRO, Augusto. "E um milagre de dor possa salvar-te!". *A Águia*, 2ª série, v.10. p. 144-146.
- CASIMIRO, Augusto. "Lar". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.149.
- CASIMIRO, Augusto. "O Poeta e a Nau". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.129.
- CASIMIRO, Augusto. "Para minha mãe e para meu filho". *A Águia*, 2ª série, v. 6 .p. 107-111.
- CASIMIRO, Augusto. "Quinta das Lágrimas - Fonte dos Amores". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.20.
- CASIMIRO, Augusto. "Sinfonia do Mar-Alto ". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.176-179.
- CASIMIRO, Augusto. "Versos da Alma Ausente". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.106-108.
- CASIMIRO, Augusto. "Versos de Aleluia". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.10.
- CASIMIRO, Augusto. "Versos do Mar Atlântico". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.104-106.
- CASTRO, Augusto. "Depoimento". *A Águia*, 2ª série, v.9. p.153.
- COBEIRA, António. "Romaria das Árvores". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.44-47.
- COIMBRA, Leonardo "O *Regresso ao Paraíso* por Teixeira de Pascoaes". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.197-199.
- COIMBRA, Leonardo. "A categoria da qualidade". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.184-186.
- COIMBRA, Leonardo. "A critica do sublime de Kant". *A Águia*, 2ª série, v. 6.p. 19-24.
- COIMBRA, Leonardo. "Águas religiosas". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 37-39.
- COIMBRA, Leonardo. "Basílio Teles". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.122-123.
- COIMBRA, Leonardo. "O problema do milagre". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.121-123.
- COIMBRA, Leonardo. "O sentido da Guerra". *A Águia*, 2ª série, v.9, p.143-152.
- COIMBRA, Leonardo. "Sobre a distinção entre o pensamento platônico e o pensamento moderno". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.141-144.
- COIMBRA, Leonardo. "Uma fala de espíritos". *A Águia*, 2ª série, v.1. p. 15-18.
- CORREIA, Mendes. "O valor social do português". *A Águia*, 2ª série, v.15. p.63-72.
- CORREIA, Virgílio. "A Exposição de Correia Dias". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.121-124.
- CORREIA, Virgílio. "O Paleolítico em Portugal". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.27-31.
- CORTESÃO, Jaime. "A Idealização legendaria do povo português". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.116-120, p.141-146.
- CORTESÃO, Jaime. "A minha Mãe e á minha Terra". *A Águia*, 2ª série, v.3. p. 195-196.
- CORTESÃO, Jaime. "A Paisagem na Obra de Camilo". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.129-132, p.169-172.

- CORTESÃO, Jaime. "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 73-80.
- CORTESÃO, Jaime. "A voz dos séculos". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 92.
- CORTESÃO, Jaime. "Cântico Lusíada". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 127-130.
- CORTESÃO, Jaime. "Choupos na luz do luar". *A Águia*, 2ª série, v.1, p. 37.
- CORTESÃO, Jaime. "Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 118-124.
- CORTESÃO, Jaime. "*Educação Cívica* por António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 211.
- CORTESÃO, Jaime. "Náufragos portugueses...". *A Águia*, 2ª série, v.3. p. 118-122.
- CORTESÃO, Jaime. "O Pedreiro Cantador". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 171-173.
- CORTESÃO, Jaime. "Regendo a Sinfonia da Tarde". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.175-180.
- CORTESÃO, Jaime. "Tardes ascéticas". *A Águia*, 2ª série, v.3. p. 4.
- FERREIRA, Alexandre. "Eu". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.84
- FIGUEIREDO, Antero de. "Mulheres de Camilo". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 42-44.
- FORMONT, Maxime. "Portugal et Brésil". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 33-37.
- GARÇÃO, Mayer. "O Direito e a Força". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 139-140.
- GHIL, J. "Aux volontaires de Portugal et du Brésil". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 38-39.
- LACERDA, Aarão de. "*O Povo Português* por Bento Carqueja. *A Águia*, 2ª série, v.10. p. 154-168.
- LEAL, Gomes. "Gomes Leal". *A Águia*, 2ª série, v.3, p.145-148.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v. 6. p.31-32.
- LEBESGUE, Philéas. "Le condor captif". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.184.
- LEBESGUE, Philéas. "Le Verbe". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.135.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.38-40.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.127-128.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.29-32.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *A Águia*, 2ª série, v.6. p.31-32.
- LEBLOND, M. "Le Portugal devant l'Europe". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 88-91.
- LIMA, Jaime Magalhães. "Os impulsos da Consciência Nacional e a Guerra". *A Águia*, 2ª série, v.9. p.133-137.
- MAGALHÃES, Alfredo Coelho de. "Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.189-194.
- MANSO, Joaquim Martins. "Da liberdade e seus detentores". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.27-28.
- MARTINS, Augusto. "Pedro Nunes e a Álgebra". *A Águia*, 2ª série, v.1. p. 23-26.
- MARTINS, Augusto. "Pedro Nunes". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.88-90.

- MARTINS, Oliveira. "Inédito". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.35
- MENDONÇA, Henrique Lopes de. "A Peçonha Germânica". *A Águia*, 2ª série, v.9, p.141-142.
- MOTTA, José Vianna da. no "O ensino musical em Portugal". *A Águia*, 2ª série, v.12. p.114-120.
- NOBRE, António. "A Nossa Senhora". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.2.
- NOBRE, António. "Carta". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.4-5.
- NOBRE, António. "Colar de Astros". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.2-3.
- NOBRE, António. "Ode aos rapazes novos". *A Águia*, 2ª série, v.3. p. 115-117.
- NOBRE, António. "Sepulcrosito". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.174.
- NOBRE, António. "Tentação". *A Águia*, 2ª série, v.2. p.40-41.
- OLIVEIRA, António Correia de. "A Luiz de Camões". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.183.
- OLIVEIRA, Carlos de. "Da Comoção da Árvores". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.92
- OLIVEIRA, Carlos de. "Evocação Profética". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.23-24.
- PASCOAES, Teixeira de. "À Direção da 'Águia' ". *A Águia*, 2ª série, v.11, p.116.
- PASCOAES, Teixeira de. "A Beira num relâmpago". *A Águia*, 2ª série, v. 9, p. 1-7, 47-57, 78-85.
- PASCOAES, Teixeira de. "A Bélgica". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 227- 228.
- PASCOAES, Teixeira de. "A Era Lusíada". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.97 -101.
- PASCOAES, Teixeira de. "À França". *A Águia*, 2ª série, v.10. 1-3.
- PASCOAES, Teixeira de. "A Guerra". *A Águia*, 2ª série, v.9. p.109-111.
- PASCOAES, Teixeira de. "A Memória". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.33-36.
- PASCOAES, Teixeira de. "Ainda o Saudosismo e a *Renascença*". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 185-187.
- PASCOAES, Teixeira de. "Aos Lusíadas". *A Águia*, 2ª série, v.10. 57- 61.
- PASCOAES, Teixeira de. "Camões e a cantiga popular". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.177-178.
- PASCOAES, Teixeira de. "Camões". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.173.
- PASCOAES, Teixeira de. "Carta". *A Águia*, 2ª série, v.8. p.198.
- PASCOAES, Teixeira de. "Da Guerra". *A Águia*, 2ª série, v.8. p.57-61.
- PASCOAES, Teixeira de. "Gomes Leal". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.81-82.
- PASCOAES, Teixeira de. "Mais palavras ao homem da espada de pau". *A Águia*, 2ª série, v.6. p.1-5.
- PASCOAES, Teixeira de. "Miss Cavell". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 210-212.
- PASCOAES, Teixeira de. "O Paroxismo". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.166-168.
- PASCOAES, Teixeira de. "O Saudosismo e a *Renascença*". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 113-115.

- PASCOAES, Teixeira de. "O Tempo". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 1-3.
- PASCOAES, Teixeira de. "Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.104-109.
- PASCOAES, Teixeira de. "Portugal e a Guerra e a Orientação das Novas Gerações". *A Águia*, 2ª série, v.6. p.161-168.
- PASCOAES, Teixeira de. "Renascença (o espírito da nossa raça)". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.33-34.
- PASCOAES, Teixeira de. "Renascença". *A Águia*, 2ª série, v.1. p. 1-3.
- PASCOAES, Teixeira de. "Resposta a António Sérgio". *A Águia*, 2ª série, v.5, p.33-38.
- PASCOAES, Teixeira de. "Revista bibliográfica: *Dizeres do Povo* por António Correia d'Oliveira". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.32.
- PASCOAES, Teixeira de. "Revista bibliográfica: *Rosário de sonetos líricos* por Miguel de Unamuno". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.31-32.
- PASCOAES, Teixeira de. "Revista bibliográfica: *A plein vol* de Philéas Lebesgue". *A Águia*, 2ª série, v.1. p. 199-200.
- PASCOAES, Teixeira de. "Revista bibliográfica: *O livro de Job* de Basílio Teles". *A Águia*, 2ª série, v.1. p. 169-172.
- PASCOAES, Teixeira de. "Saudosismo e Simbolismo". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.113-114
- PASCOAES, Teixeira de. "Ultima Carta?". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.129-137.
- PASCOAES, Teixeira de. "Uma carta a dois filósofos". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 11-19.
- PASCOAES, Teixeira de. "Uma carta para Manuel Laranjeira". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.65-67.
- PESSANHA, Camilo. "Voz debil que passas". *A Águia*, 2ª série, v.9. p.46.
- PESSOA, Fernando. "A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 86-94, 153-157, 188-192.
- PESSOA, Fernando. "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.101-107.
- PESSOA, Fernando. "As caricaturas de Almada Negreiro". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.134-135.
- PESSOA, Fernando. "Reincidindo". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.137-144.
- PROENÇA, Raul. "A situação política". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.58-62.
- PROENÇA, Raul. "Carta a um amigo do Brasil". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.26-32.
- PROENÇA, Raul. "Da ditadura à suspensão dos direitos políticos". *A Águia*, 2ª série, v.8. p. 32-42.
- PROENÇA, Raul. "Unidos pela Pátria!". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 119-126.
- QUENTAL, Antero de. "Inédito". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.68.

- R., F. de A. "Arte de ser português por Teixeira de Pascoaes". *A Águia*, 2ª série, v.9. p. 206.
- RIBEIRO, João Augusto. "O Ensino Oficial de Belas-Artes". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.56-57.
- RIBERA Y ROVIRA. "A Catalunha". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.72-75.
- RIBERA Y ROVIRA. "A educação dos povos peninsulares". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 52-58.
- SÁ-CARNEIRO, Mário. "Mistério". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.41-49.
- SANTA RITA, Augusto. "Portugal". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.24-25.
- SEABRA, Eurico de. "Sociedade Nacional de Belas Artes A obra de Julio Vaz Junior". *A Águia*, 2ª série, v.6. p.17-18.
- SÉRGIO, António. "A opinião americana perante a guerra". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 46-48.
- SÉRGIO, António. "Apostilha aos navegadores". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.133.
- SÉRGIO, António. "Carta a um amigo sobre a guerra". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 76-80.
- SÉRGIO, António. "Da necessidade de criar focos independentes da cultura por meio do recurso ao estrangeiro". *A Águia*, 2ª série, v. 15. p. 140-147.
- SÉRGIO, António. "Despedida de Julieta", António SÉRGIO. *A Águia*, 2ª série, v.5. p.109-112.
- SÉRGIO, António. "Discurso imaginário pronunciado imaginariamente à uma imaginária assembleia dos que são chamados pelo Diário de Governo (em virtude de um conceito imaginário) 'beneméritos da instrução pública' ". *A Águia*, 2ª série, v.15. p.23-27.
- SÉRGIO, António. "Divagações a propósito de um livro (*A Grei*, por Ezequiel de Campos)". *A Águia*, 2ª série, v. 7. p. 124-128.
- SÉRGIO, António. "Divagações a propósito de um livro (*Ensaio sobre os Factores Essenciais do Império Britânico*, por Francisco dos Reis Santos)". *A Águia*, 2ª série, v. 8. p. 73-79.
- SÉRGIO, António. "Epístolas aos saudosistas". *A Águia*, 2ª série, v.4. p.97-103.
- SÉRGIO, António. "Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.170- 175.
- SÉRGIO, António. "Nota". *A Águia*, 2ª série, v.7. p. 255-258.
- SÉRGIO, António. "O Imperialismo hoje e o imperialismo peninsular". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.159-160.
- SÉRGIO, António. "O Self-Government na Escola". *A Águia*, 2ª série, v. 6.p.25-29, p.58-64, p.91-96, p.119-124, p.157-160.
- SÉRGIO, António. "Pela Grei Nos mar das Índias". *A Águia*, 2ª série, v. 6.p.112-113.



- SÉRGIO, António. "Pela Grei Phoibos Apollon". *A Águia*, 2ª série, v. 6.p.113-114.
- SÉRGIO, António. "Pela Grey Os que sonham". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.147.
- SÉRGIO, António. "Pela Pedagogia do Trabalho". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.95-96.
- SÉRGIO, António. "Prefácio de um livro (*O método Montessori* por Luisa Sérgio)" *A Águia*, 2ª série, v.7. p.253-255.
- SÉRGIO, António. "Prefácio para uma tradução dos *Ensaio Políticos* de Spencer" *A Águia*, 2ª série, v.12. p.59-70.
- SÉRGIO, António. "Regeneração e Tradição, Moral e Economia". *A Águia*, 2ª série, v. 5. p.1-9.
- SIMÕES, Veiga. "Júlio Vaz". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.152-153.
- VASCONCELOS, Henrique. "Gentile sangue latino". *A Águia*, 2ª série, v.9. p.164-165.
- VASCONCELOS, Joaquim de. "Faianças portuguesas". *A Águia*, 2ª série, v.5. p.148-151.
- VILA- MOURA. "*A Evocação da Vida* por Augusto Casimiro". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.131.
- VILA-MOURA,"Bibliografia: *O Último Lusíada* de Mário Beirão". *A Águia*, 2ª série, v.3. p.204-208.
- VILA-MOURA. "Medalhas". *A Águia*, 2ª série, v.2. p. 116-117.
- VILA-MOURA. "Palavras Antipáticas - IVº estado - O estado artista". *A Águia*, 2ª série, v.1. p.5-7.
- VILA-MOURA. "Silva Pinto". *A Águia*, 2ª série, v.1. p. 40-43.

## 6.2 Outras obras compulsadas

- ALMEIDA, Teresa. "Nacionalismo e Modernismo O projecto *Exílio*". In: *Exílio (edição facsimilada)*. Lisboa, Contexto Editora, 1982. p.VII-XVII.
- AMORA, H. de Figueiredo e. "Bibliografia de Alexandre Herculano". In: HERCULANO, Alexandre. *Obras I*. São Paulo, Edição Saraiva, 1959.p.XIX-LV.
- BAPTISTA, Jacinto. *O Cinco de Outubro*. Lisboa, Arcádia, 1965.
- BARREIRA, Isidoro de. *Tratado das significações das plantas, flores e frutos que se referem na Sagrada Escritura*. Apud COSTA, Dalila Pereira da, GOMES, Pinharanda (org.). *Introdução à saudade*. Porto, Lello & Irmão, 1976.p.7-8.
- BASTOS, J. T. da Silva. *Diccionário Etymológico, Prosódico e Ortográfico da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1928.
- BEIRÃO, Mário. "Álvaro Pinto". *Ocidente*, v. 52, n. 226, fev. 1957. p.49-50.
- BOTELHO, Afonso, TEIXEIRA, António Braz (comp.). *A Filosofia da Saudade*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- BRAGA, Teófilo. "Autobiographia mental de um pensador isolado". *Quarenta annos de Vida Literaria*. Lisboa, Editora Arthur Brandão, 1902.
- CAMÕES, Luís de. "Sôbolos rios que vão". *Rimas*. Coimbra, Atlântida Editora, 1973.p.105-114.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980.
- CAMPOS, A. Matos. "Bibliografia de António Sérgio". *Revista da História das Ideias*, v.5. Coimbra, Intituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983. p.1025-1107.
- CANDIDO, Antonio. "Eça de Queirós entre o campo e a cidade". *Tese e Antítese*.3.ed. São Paulo, Editora Nacional, 1978. p.31-56.
- CARVALHO, Joaquim Barradas de. *As Ideias políticas e Sociais de Alexandre Herculano*. Lisboa, Seara Nova, 1971.
- CATROGA, Fernando. "O problema político em Antero de Quental . Um confronto com Oliveira Martins". *Revista de História das Ideias*, v. 3. Coimbra, Intituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1981. p.341-520.
- CATROGA, Fernando. "Política, História e Revolução em Antero de Quental". *Revista de História das Ideias*, v. 13. Coimbra, Intituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1991. p.7-55.

- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.
- CIDADE, Hernâni. "Herculano". IN: COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de Literatura*. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 1969. pp. 387-8.
- CLARAC, Pierre (dir.). *Dictionnaire Universel des Lettres*. Paris, Société d'Édition de Dictionnaires et Encyclopédies, 1961.
- COELHO, Jacinto do Prado. "Garrett perante o Romantismo". *Estrada Larga 1*. Porto, Porto Editora, s.d. p. 299-308.
- COELHO, Jacinto do Prado. "Introdução". In: PASCOAES, Teixeira de. *Obras Completas* vol. I. 2.ed. Amadora, Bertrand, s.d. p.9-68.
- COELHO, Jacinto do Prado. "Orpheu". IN: *Dicionário de Literatura*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969. p.773-774..
- COELHO, Jacinto do Prado. "Pascoaes: do verso à prosa". *Ao Contrário de Penélope*. Amadora, Bertrand, 1976. p. 235-248.
- COELHO, Jacinto do Prado. "Viagens na minha terra" IN: *Dicionário de Literatura*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Publicações, 1969. p.1162-1163.
- COIMBRA, Leonardo. *Dispersos I - Poesia Portuguesa*. Lisboa, Editorial Verbo, 1984.
- CORTESÃO, Jaime. "Álvaro Pinto e a 'Renascença Portuguesa' ". *Ocidente*, v. 52, n. 226, fev. 1957. p.37-38.
- CORTESÃO, Jaime. *Poesia I*. Lisboa, Portugália Editora, 1967.
- CORTESÃO, Jaime. *Poesia II*. Lisboa, Portugália Editora, 1968.
- COSTA, Dalila Pereira da, GOMES, Pinharanda. *Introdução à saudade*. Porto, Lello & Irmão, 1976.
- CRESPO, Ángel. *A Vida Plural de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.
- DAVRAY, Henry-D. [Cópia xerográfica sem título]. *Mercure de France*, Tome CVI, 16 dec. 1913. p.840
- Dias, Augusto da Costa. *A crise da consciência pequeno burguesa O nacionalismo literário da geração de 90*. Lisboa, Portugália, 1964. 2.ed.
- DIOS, Ángel Marcos. *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- DUARTE, D. *Leal Conselheiro*. Apud FILIPPI, Sergio. *A saudade*. Lisboa, Lello & Irmão, 1981. p.82.
- FERNANDES, Rogério (comp). *Cartas de António Sérgio a Álvaro Pinto (1911-1919)*. Separata de *Ocidente*, Lisboa, v. 83., jul.-dez. 1972.
- FILIPPI, Sergio. *A saudade*. p.82. Lisboa, Lello & Irmão, 1981.

- FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte, 1975-1977. (3 vols.)
- FRANCHETTI, Paulo. "No Centenário da Morte de Oliveira Martins". In: MARTINS, J. P. O., QUEIROZ, J. M. E. *Correspondência*. Campinas, Editora da Unicamp, (no prelo). p.9-51.
- GARCEZ, Maria Helena Nery, FRANCHETTI, Paulo. "A viagem de Vasco da Gama na virada do século". *Estudos Portugueses e Africanos*, 22. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 2º semestre 1993. p.51-64.
- GARCIA, Mário. *Teixeira de Pascoaes Contribuição para o estudo da sua personalidade e para a leitura crítica de sua obra*. Braga, Faculdade de Filosofia, 1976.
- GARRETT, Almeida. *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*. IN: SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*. Lisboa, Editorial Presença, 1964.
- GARRETT, Almeida. *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1904. (Obras completas de Almeida Garrett, XXI)
- GARRETT, Almeida. *Frei Luís de Sousa - Viagens na minha terra*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965.
- GARRETT, Almeida. *Portugal na balança da Europa*. Porto, Viuva Moré Editora, 1867.
- GOMES, Pinharanda. [Nota sem título]. In: PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1988. p. 31.
- GRAVE, João, NETTO, Coelho(org). *Lello Universal*. Porto, Lello & Irmão, s.d.
- GUIMARÃES, Fernando. *Poética do Saudosismo*. Lisboa, Editorial Presença, 1988.
- GUIMARÃES, Fernando. *Simbolismo, modernismo e vanguardas*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.
- HERCULANO, Alexandre. "A batalha de Ourique". *Opúsculos Tomo III*. 7. ed. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.p.3-231.
- HERCULANO, Alexandre. "Carta aos eleitores do circulo de Cintra". *Opúsculos Tomo II*. 6. ed. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d. p. 219-237.
- HERCULANO, Alexandre. "Da Escola Politécnica e do Colégio dos Nobres". *Opúsculos Tomo VIII*. 3. ed. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d. p. 193-288.
- HERCULANO, Alexandre. *Cartas*. 3. ed. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.
- HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Narrativas*. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.
- HERCULANO, Alexandre. *O Bobo*. In: *Obras I*. São Paulo, Edição Saraiva, 1959.p.217-329.
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos Tomo I*. 7. ed. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos Tomo V*. 5. ed. Lisboa, Livraria Bertrand, s.d.
- JUNQUEIRO, Guerra. "Anotações". *Pátria*.4.ed. Porto, Livraria Chardron,s.d. p.185-224.

- LARANJEIRA, Manuel. *Pessimismo Nacional*. Apud: MARTOCQ, Bernard. "Le pessimisme au Portugal (1890-1910)". *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. 5, 1973. p.450.
- LEÃO, Duarte Nunes de. *Origem da língua portuguesa*. Apud COSTA, Dalila Pereira da, GOMES, Pinharanda. *Introdução à saudade*. Porto, Lello & Irmão, 1976. p.7.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *Mercure de France*, Tome CI, 1 jan. 1913. p. 209-214.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *Mercure de France*, Tome CVI, 16 sept. 1913. p. 431-436.
- LEBESGUE, Philéas. "Lettres Portugaises". *Mercure de France*, Tome CVI, 16 sept. 1913. p. 841-846.
- LIND, Georg Rudolf. *Estudos sobre Fernando Pessoa*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.
- LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 2.ed. Lisboa, Dom Quixote, 1982.
- MACEDO, António de Souza de. *Flores de Espanha e excelências de Portugal*. Apud COSTA, Dalila Pereira da, GOMES, Pinharanda. *Introdução à saudade*. Porto, Lello & Irmão, 1976. p.8.
- MACEDO, Helder. "As viagens na minha terra e a menina dos rouxinóis". *Colóquio Letras*, 51, set. 1979. p. 15-24.
- MACEDO, Helder. "Os Lusíadas: celebração épica como crítica pastoril". *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas*. São Paulo, Universidade de São Paulo-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1987. p.117-122.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *A geração de 70 - uma revolução cultural e literária*. 2.ed. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981.
- MARINETTI, F. T. "O Futurismo". *Le Figaro*, n.20, fev. 1919. Apud. TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro*.7.ed. Vozes, Petrópolis, 1983. p. 89-94.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Afonso Costa*. Lisboa, Arcádia, 1975.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. *Ensaio de História da I República Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte, 1988.
- MARQUES, Oliveira. *História de Portugal*.3. ed. Lisboa, Palas Editores, 1986.
- MARTINS, Oliveira. "O mal do século". In *Memorian de Antero de Quental*. Porto, Mathieu Lugan editor, 1896.
- MARTINS, Oliveira. *História da Civilização Ibérica*.10.ed. Lisboa, Guimarães, 1973.
- MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa, Europa-América, s.d. (2 vols.).

- MARTOCQ, Bernard. "Le pessimisme au Portugal (1890-1910)". *Arquivos do Centro Cultural Português*, v. 5, 1973.
- MATOS, A. Campos. *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Editorial Caminho, 1988.
- MEDINA, João. *Eça de Queiroz e a geração de setenta*. Lisboa, Moraes Editores, 1980.
- MEDINA, João. *Eça Político*. Lisboa, Seara Nova, 1974.
- MELLO, Francisco Manuel de. "Epanáfora amorosa". *Epanáforas de vária história portuguesa*. Apud COSTA, Dalila Pereira da e GOMES, Pinharanda. *Introdução à saudade*. Porto, Lello & Irmão, 1976. p. 19-21.
- MESQUITA, Marieta Dá (comp.) . *A Águia*. Lisboa, Publicações Alfa, 1989.
- NOBRE, António. *Despedidas*. 4.ed. Porto, Imprensa Moderna, 1945 .
- NOBRE, António. *Só*. 18.ed. Porto, Livraria Tavares Martins, 1979.
- OLIVEIRA, Alberto de. *Pombos Correios*. Apud: LOPES, Óscar. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987. p. 67-68.
- OLIVEIRA, Paulo Fernando da Motta de. *Pascoaes, biografias: entre o eu e a Saudade*. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1991. (Dissertação, Mestrado em Teoria da Literatura).
- OSÓRIO, João de Castro. "Sonetos X e XI"."Algumas variantes a considerar". IN: PESSANHA, Camilo. *Clepsidra e outros poemas*. 6. ed, Lisboa, Ática, 1973. p. 148-151.
- PABÓN, Jesus. *A Revolução Portuguesa*. Lisboa, Editorial Aster, 1961.
- PASCOAES, Teixeira de. "A nossa fome". *O Homem Universal e outros escritos*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1993. p.155-161.
- PASCOAES, Teixeira de. "Elegia do amor". *Vida Etérea*. In: *Obras completas Teixeira de Pascoaes*, v.2. Amadora, Bertrand, s.d. p.172-182.
- PASCOAES, Teixeira de. "Oração Sebastianista". *A Águia*, 3ª série, v. 1. p.9.
- PASCOAES, Teixeira de. "Renascença". *Portucale*, 3ª série, v.1, n.1-2, jun. 1951. p.9-11.
- PASCOAES, Teixeira de. *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.
- PASCOAES, Teixeira de. *A Era Lusíada*. In: *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1988. p.155-173.
- PASCOAES, Teixeira de. *Arte de Ser Português*. Lisboa, Edições Roger Delraux, 1978.
- PASCOAES, Teixeira de. *O Verbo Escuro*. In: *Obras Completas Teixeira de Pascoaes (Edição do Autor)* v.7. Paris-Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand, s.d. p. 1-146.
- PASCOAES, Teixeira de. *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.
- PASCOAES, Teixeira de. *São Paulo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1984.
- PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1975.

- PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. Póvoa do Varzim, Ulisseia, 1987. p.47.
- PESSOA, Fernando. "Movimento Sensacionista". *Exílio (edição facsimilada)*. Lisboa, Contexto Editora, 1982. p.46-48.
- PESSOA, Fernando. "Vinte Cartas de Fernando Pessoa". *Ocidente*, v.24, n.80, dez. 1944. p.301-317.
- PESSOA, Fernando. *A Nova Poesia Portuguesa*. Lisboa, Editorial Inquérito, s.d.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1983.
- PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. 2.ed. Lisboa, Ática, 1973.
- PESSOA, Fernando. *Textos de Intervenção social e cultural A ficção dos heterónimos*. Lisboa, Europa-América, 1986.
- PINTO, Álvaro. "Páginas de memórias Quadros das minhas aventuras editoriais no Brasil". *Ocidente*, v. 21, n.68., dez. 1943. p.363.
- PINTO, Álvaro. "Anotações [sobre as 'Vinte Cartas de Fernando Pessoa']". *Ocidente*, v.24, n.80, dez. 1944. p.317-318.
- PINTO, Álvaro. "No 40º aniversário da fundação da *Renascença Portuguesa*: cartas abertas a Jaime Cortesão". *Revista Ocidente*, v.42, n.170, jun. 1952. p.229-231.
- PINTO, Álvaro. "Páginas de memórias: Apontamentos sôbre a revista *A Águia*". *Revista Ocidente*, v.15, n.44, dez. 1941. p.424-426.
- PINTO, Álvaro. "Páginas de memórias: quadros das minhas aventuras editoriais no Brasil". *Revista Ocidente*, v.21, n.68, dez. 1943. p.363-368.
- PINTO, Álvaro. "Páginas de memórias: quadros das minhas aventuras editoriais no Brasil". *Revista Ocidente*, v.22, n.69, jan. 1944. p.65-68.
- PINTO, Álvaro. "Páginas de memórias: sôbre um soneto e um auto-retrato de D. Miguel de Unamuno". *Revista Ocidente*, v.24, n.79, nov. 1944. p.363-368.
- PINTO, Álvaro. "Para a História da *Águia* e da *Renascença Portuguesa*". *Revista Ocidente*, v.1, n.2, jun. 1938. p.137-151.
- PINTO, Álvaro. "Para a História da *Águia* e da *Renascença Portuguesa*". *Revista Ocidente*, v.2, n.4, ago. 1938. p.90-106.
- PINTO, Álvaro. "Para a História da *Águia* e da *Renascença Portuguesa*". *Revista Ocidente*, v.2, n.6, out. 1938. p.443-448.
- PINTO, Álvaro. "Para a história da *Renascença Portuguesa*". *Revista Ocidente*, v.44, n.178, fev. 1953. p.48-52.
- PIRES, António Machado. *A Ideia de decadência na Geração de 70*. 2. ed. Lisboa, Vega, 1982.

- PORTUGAL, Boavida (comp). *Inquérito Literário*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1915.
- QUADROS, António. *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos cem anos*. Lisboa, Fundação Lusíada, 1989.
- QUEIRÓS, Eça de. "Um genio que era um santo". In *Memorian de Antero de Quental*. Porto, Mathieu Lugan editor, 1896. p.481-522.
- QUEIRÓS, Eça de. *A Ilustre Casa de Ramires*. Porto, Lello & Irmão, 1946.
- QUEIRÓS, EÇA. "O Francezismo". *Últimas Páginas*. Porto, Lello & Irmão, 1946. p.397-425.
- QUENTAL, Antero. *Prosas sócio-políticas*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.
- REMEDIOS, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa*. 5.ed. Lisboa, Lumen, 1921.
- ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- SÁ-CARNEIRO, Mário. *Cartas a Fernando Pessoa I*. Lisboa, Edições Ática, 1978.
- SANTOS, Fernando Piteira. "Antero de Quental: as suas ideias políticas, a acção revolucionária, a intervenção cívica". *Colóquio Letras 123/124*. Lisboa, Janeiro-Junho, 1992. pp.63-82.
- SARAIVA, António José. *A Tertúlia Ocidental*. Lisboa, Gradiva, 1990.
- SARAIVA, António José. "Almeida Garrett". *Para a História da Cultura em Portugal Volume II*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961. p.13-59.
- SARAIVA, António José. "O conflito dramático na obra de Garrett". *Para a História da Cultura em Portugal Volume I*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961. p.61-79.
- SCHURÉE, Édouard. *L'Évolution Divine du Sphinx au Christ*. 21.ed. Paris, Librairie Académique Perrin, 1925.
- SÉRGIO, António. "A acção de Álvaro Pinto na 'Renascença Portuguesa' ". *Ocidente*, v. 52, n. 226, fev. 1957. p.39-41.
- SÉRGIO, António. "Sobre a minha colaboração na obra da *Renascença Portuguesa*". *Portucale*, 3ª série, v.1, n.3. p.115-123.
- SÉRGIO, António. "Sobre o carácter da Poesia de Teixeira de Pascoaes". *Ensaio Tomo VII*. Lisboa, Sá da Costa, 1974. p.91-93, 108.
- SERRÃO, Joel de (org.). *Liberalismo, Socialismo, Republicanismo*. Lisboa, Livros Horizonte, 1979.
- SERRÃO, Joel. "Decadência". *Dicionário da História de Portugal*. p. 787.
- SERRÃO, Joel. "Gênese e estrutura do pensamento sócio-político de Antero de Quental". IN: QUENTAL, Antero. *Prosas sócio-políticas*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982. pp.9-95.



- SERRÃO, Joel. *Do sebastianismo ao socialismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*. Lisboa, Editorial Presença, 1964.
- SIMÕES, João Gaspar. *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. 4. ed. Amadora, Livraria Bertrand, s.d.
- SPAGGIARI, Barbara. *O simbolismo na obra de Camilo Pessanha*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.
- TELLES, Bazilio. *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*. Porto, Lello & Irmão, s.d.
- TELO, António José. *Decadência e Queda da I República Portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.
- UNAMUNO, Miguel de. "Eugénio de Castro". In: DIOS, Ángel Marcos de (comp.). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*.p.115-119.
- UNAMUNO, Miguel de. "La Tragedia de Inés de Castro". In: DIOS, Ángel Marcos de (comp.). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*.p.215-219.
- UNAMUNO, Miguel de. "Las animas del purgatorio en Portugal".In: DIOS, Ángel Marcos de (comp.). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*.p.144-149.
- UNAMUNO, Miguel de. *Portugal Povo de Suicidas*. Lisboa, & etc, 1986.
- VALENTE, Vasco Pulido. *O poder e o Povo: a Revolução de 1910*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1976.
- VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de. *Olhando para trás, vejo Pascoaes*. Lisboa, Livraria Portugal, 1971.
- VICENTE, Gil. *Farsa chamada Auto da Índia*. In: *Obras Completas v. 5*. 5.ed. Lisboa, Sá da Costa, 1974. p. 89-116.
- VIEIRA, António. *História do futuro*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.